



**Universidade do Minho**  
Escola de Economia e Gestão

Sandra Liliana Oliveira da Costa

## **O Pensamento Islamista Contemporâneo: A *Jihad* Global na Europa**

Bolsa de Investigação com a referência SFRH / BD / 28103 / 2006, financiada pelo POPH - QREN - Tipologia 4.1 - Formação Avançada, participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MCTES

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

**POPH**  
PROGRAMA OPERACIONAL POTENCIAL HUMANO

**QREN**  
QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL  
PORTUGAL 2007.2013

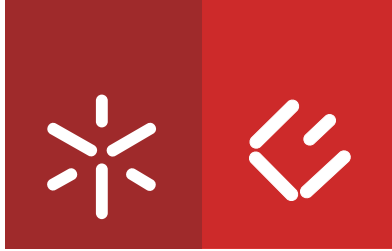
  
Governo da República Portuguesa

  
UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Sandra Liliana Oliveira da Costa **O Pensamento Islamista Contemporâneo: A *Jihad* Global na Europa**

UMinho | 2016

outubro de 2016



**Universidade do Minho**  
Escola de Economia e Gestão

Sandra Liliana Oliveira da Costa

**O Pensamento Islamista Contemporâneo:  
*A Jihad Global na Europa***

Tese de Doutoramento em Ciência Política e Relações Internacionais

Trabalho realizado sob a orientação da  
**Professora Doutora Maria do Céu Pinto Arena**

outubro de 2016

## Declaração de integridade

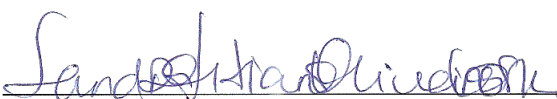
Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 10 de outubro de 2016

Nome completo: Sandra Liliana Oliveira da Costa

Assinatura:

\_\_\_\_\_



## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, à minha orientadora, Professora Doutora Maria do Céu Pinto Arena, por me ter acompanhado ao longo deste percurso.

Aos autores que dispuseram do seu tempo para partilharem conhecimentos, nomeadamente ao Dr. Peter R. Neumann e ao Dr. Petter Nesser.

A R. Ali e G. Hussain pela partilha das suas experiências pessoais e por me darem uma perspetiva do contexto britânico.

A Pieter Van Ostaeyen e a Guy Van Vlierden, os quais apesar de muito solicitados por investigadores e meios de comunicação social de todo o mundo, não deixaram de responder ao meu pedido, fornecendo informações fundamentais sobre a Bélgica.

À Professora Doutora Teresa Almeida e Silva pela generosidade demonstrada quando aceitou rever uma parte desta tese.

A todos aqueles que, ao longo destes anos, contribuíram para enriquecer e alargar os meus horizontes, nomeadamente em conferências e seminários em que participei.

Àquela amiga cuja inteligência e disponibilidade para me escutar deu-me forças para continuar este trabalho, quando estas começavam a faltar.

Por último, à minha família, em especial ao meu marido, pelo apoio e paciência que demonstraram ao longo deste tempo em que eu, mesmo estando fisicamente presente, me sentia ausente. Ao meu filho devo, ainda, um pedido de desculpas pelo meu afastamento nos seus primeiros anos de vida. Esta tese é-lhe dedicada.

Esta tese beneficiou do apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia através de uma Bolsa de Investigação financiada pelo POPH - QREN - Tipologia 4.1 - Formação Avançada, participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MCTES.



## Resumo

Esta tese analisa o Jihadismo global, enquanto ideologia e movimento, e a sua evolução na Europa ocidental, entre 1998, ano da declaração de *Jihad* contra a aliança entre Judeus e Cruzados, e julho de 2015. Investigamos se os desenvolvimentos no Jihadismo na Europa durante esta fase são o resultado de fatores ideológicos e estratégicos promovidos por organizações transnacionais em palcos de instabilidade ou de questões e dinâmicas internas. Desafiando a propensão para explicar este fenómeno através de uma única lente teórica, defendemos a necessidade de adotar uma abordagem que combine a análise da ideologia da *jihad* global, dos objetivos estratégicos das organizações jihadistas transnacionais e do contexto e dinâmicas sociais na Europa.

Esta tese argumenta que a ideologia da *jihad* global influencia a atividade e a ameaça jihadista em território europeu, em especial quando articulada por personalidades carismáticas; os conflitos no mundo muçulmano constituem oportunidades para a radicalização individual e para a mobilização coletiva, com impacto na variação do ativismo neste continente; o interesse estratégico de organizações jihadistas transnacionais afeta o rumo do movimento na Europa em termos táticos e modus de ação; as crises internas interpretadas como atentados à identidade e religião islâmica contribuem para despoletar processos de radicalização e para a flutuação do ativismo em solo europeu; as dinâmicas sociais, as relações encetadas no seio de certos grupos, a adoção de novas formas de atuação e a diversificação dos grupos sociais tornaram o meio jihadista europeu mais descentralizado. Concluimos que o cenário jihadista europeu evoluiu em resultado de motivações ideológicas e questões sociais, fatores externos e dinâmicas internas, da estratégia de atores transnacionais e do ativismo de certos grupos e indivíduos na Europa. A consideração deste conjunto de fatores e a compreensão de como estes interagem entre si permite explicar porque o Jihadismo europeu é hoje um fenómeno mais complexo, heterogéneo, descentralizado e imprevisível do que em fases anteriores. Demonstrando a vantagem da adoção de uma abordagem combinada para explicar os desenvolvimentos do Jihadismo global na Europa, contribuimos de modo original para a literatura sobre o tema e para uma melhor compreensão do fenómeno, tendo em vista os desafios presentes e futuros que se colocam à Europa.

**Palavras-Chave:** Islamismo, Jihadismo global, *jihad*, ideologia, Europa, al-Qaeda, organização Estado Islâmico, combatentes estrangeiros, ativismo interno





## **Abstract**

This thesis analyzes the global jihadist movement and ideology as well as their evolution in Western Europe, between 1998 – year of the declaration of *jihad* against Jews and Crusaders – and July 2015. We try to determine whether these developments are the result of ideological and strategic factors promoted by transnational jihadist organizations in spaces of instability or the consequence of internal dynamics and problems.

We challenge the propensity to explain Global Jihadism through a single theoretical lens and advocate the need to adopt a combined approach that considers the ideology of global *jihad*, the strategic aims of transnational jihadist organizations and the context and social dynamics within Europe. This thesis argues that this ideology influences the activity and the jihadist threat in Europe, especially when articulated by charismatic leaders; conflicts in the Muslim world are opportunities for individual radicalization and collective mobilization and have an impact on the variation of activism on this continent; transnational organizations' strategic interests have an effect on the tactics and modus operandi of militants in Europe; some crises inside Europe, being interpreted as attacks on Islamic religion and identity, contribute to trigger radicalization processes and may increase the threat level; social and group dynamics, the adoption of new forms of action and the diversification of social groups contribute to the decentralization of the jihadist milieu in Europe.

We conclude that European Jihadism evolved as a result of ideological motivations and social issues, external factors and internal dynamics, transnational actors' strategies and internal activism by some groups and individuals. The interaction of this set of factors explain why European Jihadism is now more complex, heterogeneous, decentralized and unpredictable than ever before. Proving the value of adopting a combined approach to explain the developments of global Jihadism in Europe, we contributed both to the literature on this topic and to a better understanding of the challenges that lie ahead in Europe.

**Keywords:** Islamism, Global Jihadism, *jihad*, Europe, ideology, al-Qaeda, Islamic State organization, foreign fighters, domestic activism



## ÍNDICE

<b>DECLARAÇÃO</b> .....	<b>II</b>
<b>DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE</b> .....	<b>III</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>V</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>VII</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>IX</b>
<b>ACRÓNIMOS</b> .....	<b>XV</b>
<b>I – INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
1. INTRODUÇÃO .....	17
1.1. Introdução ao objeto de estudo: a globalização da <i>jihad</i> e o nascimento de um movimento global.....	17
1.2. Objetivos da tese.....	24
1.3. Revisão da literatura .....	26
1.4. Notas metodológicas e fontes .....	41
1.4.1. Delineamento da investigação e apresentação dos dados empíricos..	45
1.5. Principais conceitos .....	49
1.6. Organização e delimitação dos capítulos .....	60
<b>II – ENQUADRAMENTO HISTÓRICO, TEÓRICO E CONCEPTUAL DO ISLAMISMO E DO JIHADISMO</b> .....	<b>63</b>
2. GÉNESE E BASES IDEOLÓGICAS DO PENSAMENTO ISLAMISTA .....	63
2.1. Objetivos do capítulo.....	63
2.2. O movimento islamista.....	64
2.3. Diversidade e evolução teórica do pensamento islamista: tipologia dos movimentos islamistas.....	67
2.3.1. O Islamismo político .....	68
2.3.2. Islamismo missionário ou apolítico.....	71
2.3.2.1. <i>Tabligh Jamaat</i> .....	73
2.3.2.2. O Salafismo .....	75
2.3.3. Islamismo radical e jihadista .....	79
2.3.3.1. O Jihadismo e a opção pela violência.....	86
2.4. A linguagem como veículo de pensamento e das agendas islamistas .....	89
2.5. Os pilares centrais do Islamismo: a <i>Sharia</i> e o Estado Islâmico.....	91
2.6. Considerações finais .....	95
3. DO ISLAMISMO AO JIHADISMO GLOBAL: A <i>JIHAD</i> DE NOÇÃO TEOLÓGICA A IDEOLOGIA.....	99
3.1. O conceito da <i>jihad</i> e os desafios à sua compreensão .....	99
3.2. Breve reflexão sobre a origem, significado e evolução da <i>Jihad</i> .....	101
3.3. <i>Jihad</i> defensiva e <i>jihad</i> ofensiva: implicação para o discurso islamista contemporâneo.....	104
3.4. A distinção entre o <i>dar al-Islam</i> e o <i>dar-al-harb</i> e os mecanismos de gestão das relações comunitárias .....	108
3.4.1. Regras de conduta durante a guerra: o <i>jus in bello</i> no Islão .....	113
3.5. A evolução da <i>jihad</i> e os diferentes contextos históricos e geopolíticos a partir do século XVIII.....	116
3.5.1. A <i>jihad</i> e o Modernismo Islâmico .....	118

3.6.	As modernas teorias de <i>jihad</i> .....	121
3.6.1.	A <i>jihad</i> no pensamento islamista: Al-Banna, Mawdudi e Qutb .....	122
3.6.2.	A operacionalização da <i>jihad</i> sob influência de Faraj e a consolidação do conceito no discurso islamista .....	126
3.7.	Os fundamentos teóricos do Jihadismo clássico: o legado de Abdullah Azzam	130
3.8.	A conceção da <i>Jihad</i> no Jihadismo global .....	136
3.9.	A doutrina do martírio no Islão .....	141
3.9.1.	O recurso dos jihadistas a atentados suicidas .....	145
3.10.	Considerações finais .....	149
<b>III – NOVAS DINÂMICAS DO JIHADISMO GLOBAL: EVOLUÇÃO IDEOLÓGICA, ESTRATÉGICA E ORGANIZACIONAL.....</b>		<b>153</b>
4.	IMPACTO DOS ACONTECIMENTOS INTERNACIONAIS NO JIHADISMO GLOBAL .....	153
4.1.	Objetivo do capítulo .....	153
4.2.	Evolução da narrativa jihadista global.....	154
4.3.	As primeiras batalhas e o reforço da narrativa .....	156
4.4.	A guerra no Afeganistão, a invasão do Iraque e a introdução de incongruências ideológicas e estratégicas .....	160
4.5.	As Revoltas árabes: desafios e oportunidades para o Jihadismo global... ..	166
4.6.	O conflito na Síria e a transformação do Jihadismo global .....	172
4.7.	A proclamação do Califado: fundamentação ideológica, simbolismo religioso e significado político .....	176
4.8.	Considerações finais .....	180
5.	O MOVIMENTO JIHADISTA GLOBAL: ALTERAÇÕES ORGANIZACIONAIS, COMPORTAMENTO ESTRATÉGICO E CAPACIDADES TÁTICAS .....	183
5.1.	Introdução .....	183
5.2.	Cooperação e competição entre grupos terroristas: chegada teórica.....	184
5.3.	Alianças, dissidências e atores solitários: impacto nas capacidades estratégicas e operacionais.....	187
5.4.	A al-Qaeda e movimentos afiliados.....	189
5.4.1.	Da al-Qaeda na Península Arábica à <i>Ansar al-Sharia</i> .....	191
5.4.2.	Do GIA à al-Qaeda no Magrebe Islâmico .....	193
5.4.3.	Da <i>Al-Ittihad Al-Islami</i> à al-Shabaab.....	196
5.5.	Da al-Qaeda no Iraque à organização Estado Islâmico .....	199
5.5.1.	Princípios ideológicos e objetivos estratégicos da organização Estado Islâmico	203
5.5.2.	Contributos para a criação de uma cultura jihadista.....	208
5.6.	A competição entre a organização Estado Islâmico e a al-Qaeda: consequências locais e globais .....	211
5.7.	Evolução estratégica e tática: da globalização da guerra às tentativas de <i>state building</i> .....	216
5.8.	Dilemas e debates no Jihadismo contemporâneo: em busca de uma abordagem mais racional à violência vs a verdadeira banalização do Mal? .....	222
5.9.	Considerações finais .....	229
<b>IV - O JIHADISMO GLOBAL NA EUROPA .....</b>		<b>233</b>
6.	CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO ISLAMISMO NA EUROPA .....	233
6.1.	Desafios epistemológicos .....	233
6.2.	O Islão na Europa: enquadramento demográfico e sociológico das comunidades muçulmanas e questões identitárias.....	235

6.2.1.	Institucionalização do Islão, exclusão socioeconómica e mobilização política dos Muçulmanos europeus .....	241
6.3.	O Islamismo na Europa: origem, estruturas e estratégias.....	245
6.3.1.	Perceções da Europa: conceptualização jurídica e persecução das agendas islamistas .....	251
6.4.	As diferentes faces do Islamismo radical na Europa.....	254
6.4.1.	A postura radical não violenta do <i>Hizb ut-Tahrir</i> .....	255
6.4.2.	Génese das redes islamistas jihadistas na Europa .....	259
6.5.	Considerações finais .....	264
7.	AS FASES DO JIHADISMO GLOBAL NA EUROPA.....	267
7.1.	Questões introdutórias .....	267
7.2.	Delimitação e explicação do objeto de estudo: o <i>milieu</i> jihadista europeu 268	
7.3.	As fases do Jihadismo global na Europa .....	270
7.3.1.	1998 – 2003: difusão ideológica e contenção comportamental.....	271
7.3.2.	2003 – 2011: radicalização ideológica e ativismo de alto-risco.....	274
7.3.3.	Após 2011: complexificação ideológica e diversificação do ativismo 281	
7.4.	Considerações finais .....	288
8.	EVOLUÇÃO DO JIHADISMO GLOBAL NA EUROPA: OPORTUNIDADES INTERNAS E EXTERNAS PARA A MILITÂNCIA JIHADISTA.....	291
8.1.	Nota introdutória: a importância das oportunidades.....	291
8.2.	A permanência em território de descrentes e a legitimidade em atacar alvos europeus.....	293
8.3.	As crises internas como motivação e oportunidade para a militância jihadista.....	298
8.4.	Os líderes e as personalidades carismáticas: contributos para a transformação do ativismo jihadista na Europa.....	303
8.4.1.	A promoção da <i>jihad</i> individual no Ocidente.....	307
8.5.	A militância internacional e os combatentes europeus da <i>jihad</i> .....	311
8.6.	Os combatentes europeus nos palcos da <i>jihad</i> entre 2001 e 2011.....	317
8.6.1.	A escolha dos palcos externos: alguns fatores explicativos .....	322
8.6.2.	Como regressam? O que nos dizem os padrões históricos.....	325
8.7.	O papel das organizações jihadistas na militância na Europa .....	328
8.8.	As transformações das redes da <i>jihad</i> global na Europa .....	331
8.9.	Considerações finais .....	335
9.	A TERCEIRA FASE DO JIHADISMO GLOBAL NA EUROPA E A CARAVANA DA <i>JIHAD</i> PARA A SÍRIA .....	337
9.1.	Objetivo do capítulo .....	337
9.2.	Os combatentes europeus na Síria .....	338
9.2.1.	As etapas de mobilização e a evolução da narrativa sobre o conflito 340	
9.3.	A importância das redes sociais e das dinâmicas de grupo para a mobilização.....	343
9.3.1.	Uma aliança entre novas e velhas redes?.....	346
9.4.	As estruturas pró-jihadistas: na convergência do Salafismo e do ambiente social 350	
9.4.1.	Do <i>al-Muhajiroun</i> à constelação <i>Sharia4</i> .....	356
9.4.2.	<i>Hijra</i> , <i>jihad</i> e a promessa de Allah aos Muçulmanos.....	360
9.5.	A competição entre organizações jihadistas na Europa .....	362

9.6.	Consequências do conflito sírio na ameaça à Europa.....	364
9.7.	Considerações finais .....	369
10.	CONCLUSÃO .....	371
10.1.	Implicações teóricas e observações políticas .....	387
10.2.	Investigação futura .....	391
	<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>395</b>
	<b>ANEXO: INCIDENTES JIHADISTAS NA EUROPA 1994-2015 .....</b>	<b>467</b>

## ACRÓNIMOS

AQI – Al-Qaeda no Iraque

AQMI – Al-Qaeda no Magrebe Islâmico

AQPA – Al-Qaeda na Península Arábica

ECFR - *European Council for Fatwa and Research* (Conselho Europeu para a *Fatwa* e Investigação)

EI – Estado Islâmico

EUA – Estados Unidos da América

FIS – Frente Islâmica de Salvação

FOIE - Federação das Organizações Islâmicas da Europa

GIA – Grupo Islâmico Armado

GSPC – Grupo Salafista para a Prédica e Combate

GICM - Grupo Islâmico Combatente Marroquino

HAMAS - *Harakat al-Muqawana al-Islamiyya*

HuT - *Hizb ut-Tahrir* (Partido da Liberdade)

IJU – *Islamic Jihad Union* (União da Jihad Islâmica)

IMU – *Islamic Movement of Uzbekistan* (Movimento Islâmico do Usbequistão)

ISI – Islamic State of Iraq (Estado Islâmico do Iraque)

ISIS – Islamic State of Iraq and Syria (Estado Islâmico do Iraque e Síria)

JaN – *Jabhat al-Nusra* (Frente *al-Nusra* ou Frente para a Defesa do Povo Sírio)

LeT – *Lashkar-e-Taiba* (Exército dos Justos)

LIFG – Libyan Islamic Fighting Group (Grupo Islâmico Armado líbio)

MUJAO - *Movement for Tawhid and Jihad in West Africa* (Movimento para a Tawhid e Jihad na África Ocidental)

ONU – Organização das Nações Unidas

TTP – *Tehreek-e-Taliban Pakistan* (Movimento Talibã do Paquistão)

UE – União Europeia

UOIF – União das Organizações Islâmicas de França





## I – Introdução

### 1. Introdução

#### 1.1. Introdução ao objeto de estudo: a globalização da *jihad* e o nascimento de um movimento global

Esta dissertação tem como objeto de estudo o Jihadismo global. Embora a vertente global não possa ser considerada em isolamento das restantes orientações do fenómeno, a globalização do Jihadismo aconteceu num momento histórico específico, quando se verificou a conjugação de importantes desenvolvimentos globais, transformações regionais, alterações no seio do próprio movimento islamista e a existência de importantes recursos humanos e logísticos, nomeadamente os meios colocados à disposição dos movimentos pela globalização e desenvolvimento tecnológico. Este processo de globalização da *jihad* ao longo da década de 1990 foi descrito pelo académico Fawaz Gerges como resultando de uma alteração estratégica que se fica a dever à incapacidade dos movimentos *nacionalistas religiosos* de derrubarem os regimes autoritários dos seus países de origem e criarem Estados islâmicos governados pela *Sharia* ou lei islâmica.<sup>1</sup> De acordo com esta perspetiva, a decisão de globalizar a luta foi considerada o modo mais apropriado para atingir determinados propósitos políticos, apesar dos custos associados a tal decisão.

Contudo, o Jihadismo global não resulta apenas de considerações estratégicas, já que enquanto forma de ativismo distinta da luta contra os regimes dos países muçulmanos e da luta pela recuperação dos territórios perdidos do Islão, apresenta dinâmicas de mobilização próprias, pelo que devemos considerar o fenómeno também sob o ponto de vista ideológico. Ao longo dos últimos anos muito se tem escrito sobre o comportamento e pensamento dos jihadistas, mas esta ideologia e as suas doutrinas ainda permanecem envoltas em polémica que, na maioria das vezes, pouco contribuem para a sua compreensão. De igual modo, esta traduz-se num movimento profundamente dividido em termos organizacionais e sociais, refletindo dilemas ideológicos e estratégicos, questões táticas, choques entre indivíduos e interesses dissonantes.

---

<sup>1</sup> Fawaz Gerges, *The Far Enemy: Why Jihad Went Global*, New York, Cambridge University Press, 2005.

Entre as razões que contribuíram para a internacionalização do Jihadismo, destacam-se as condições estruturais no mundo muçulmano, os conflitos envolvendo populações ou países muçulmanos, o papel desempenhado pelos veteranos do conflito afegão em várias redes transnacionais, as dinâmicas políticas regionais e internacionais, as alianças entre islamistas radicais de tendência sociorevolucionária e indivíduos conservadores em questões socioculturais (Salafismo) e as forças da globalização. Os conflitos sempre assumiram um lugar proeminente no pensamento dos principais ideólogos jihadistas e são fundamentais para a evolução desta ideologia.

As condições estruturais do mundo muçulmano contribuíram para a mutação do movimento jihadista do palco interno para o global, embora não tenham sido uma condição essencial para esta transformação: a profunda crise socioeconómica e política traduziu-se no atraso de desenvolvimento e na falta de legitimidade das elites que ocupam o poder, o que conduziu a uma revolta contra a ordem política e social por parte de alguns movimentos islamistas.<sup>2</sup>

Porém, os Estados muçulmanos foram bem-sucedidos na perseguição e repressão dos islamistas, o que teve duas consequências divergentes. Por um lado, muitos líderes de movimentos radicais renunciaram à metodologia violenta, como se verificou no Egito. Por outro lado, o sucesso daqueles Estados na luta contra os jihadistas internos contribuiu para a emergência da ideia de *jihad* global, ora porque obrigou muitos daqueles militantes a renunciarem ao regresso aos seus países após a participação na luta afegã; ora porque parece ter levado ao reposicionamento da luta contra o inimigo longínquo como meio para a revitalização da ideologia e dos movimentos jihadistas. Para estes, as potências ocidentais impediam o derrube dos governos autocráticos dos países muçulmanos, devido ao seu interesse na manutenção do *status quo* – o qual era sinónimo de estabilidade regional<sup>3</sup> –, o que era vital para assegurar a usurpação dos recursos naturais da região e a proteção de Israel. Assim, sem o enfraquecimento do inimigo longínquo seria impossível a destruição do inimigo próximo e a subida ao poder de forças islâmicas, pois os países ocidentais nunca permitiriam que tal acontecesse, como confirmavam os acontecimentos na Argélia, em 1992.<sup>4</sup> Adicionalmente, os jihadistas que levavam a cabo uma luta interna não tinham uma base de apoio social sólida, devido às

---

<sup>2</sup> *Id.*, pp 273-274.

<sup>3</sup> Após o final da Guerra Fria, a política externa dos EUA foi influenciada por valores liberais internacionalistas: a combinação de considerações idealistas e pragmáticas trouxe maior atenção à questão da promoção da democracia. Contudo, não se verificaram alterações significativas no Médio Oriente, onde o principal impulsionador da política norte-americana, durante a década de 1990, permaneceu o desejo de estabilidade através do apoio a regimes pró-ocidentais, mesmo que autoritários. Katerina Dalacoura, *Islamist Terrorism and Democracy in the Middle East*, Cambridge, Cambridge University Press, 2011, p. 3.

<sup>4</sup> Ayman al-Zawahiri, “Knights under the Prophet’s Banner”, *al-Sharq al-Awsat*, 2-12 Dezembro de 2001, parte onze.

suas táticas de extrema violência que contribuíam para mergulhar aqueles países numa profunda crise política e económica. Tal obrigou-os a repensar o seu futuro e a definir um novo inimigo de modo a inverterm a sua impopularidade. Estes acreditavam que ao atingirem os países ocidentais, estes ripostariam, o que iria abalar as consciências muçulmanas e gerar apoio para a luta jihadista.

Ayman al-Zawahiri, que sempre havia defendido a prioridade da luta contra o inimigo interno, adotou a retórica da *jihad* global – por influência de Bin Laden, por razões pragmáticas ou por necessidade financeira<sup>5</sup> –, e explicaria este raciocínio em dezembro de 2001, declarando que os *mujahideen* se preparavam para lutar contra a única super potência existente, os EUA, a qual se tornaria o principal alvo daquele movimento.<sup>6</sup> Nas palavras deste autor, o ódio profundo que o movimento islamista tinha aos EUA estava relacionado com o facto de aquele país ser um opositor direto dos Muçulmanos, pelo menos desde o conflito do Golfo de 1991, imiscuindo-se nos assuntos internos egípcios, apoiando a presença israelita na região e interferindo no Afeganistão, na Chechénia e na Somália.<sup>7</sup>

Outro importante fator para este processo de globalização do Jihadismo foram as dinâmicas políticas regionais e internacionais. O fim da Guerra Fria e o surgimento de uma ordem mundial unipolar tiveram várias consequências, nomeadamente uma presença americana mais visível no mundo muçulmano. A Guerra do Golfo de 1991 e consequente estacionamento de forças militares norte-americanas em solo saudita feriram as sensibilidades religiosas de muitos súbditos daquele reino, contribuindo para desencadear uma evolução de pensamento no seio do Jihadismo. Apesar do regime ter obtido uma justificação religiosa para a entrada de forças americanas no país,<sup>8</sup> muitos foram os que criticaram o regime por ter concedido esta autorização, nomeadamente os clérigos islamistas Safar al-Hawali e Salman al-Auda, membros do movimento *Sahwa*, o primeiro dos quais é referido no documento de 1996, pelo qual Bin Laden declara guerra aos EUA.<sup>9</sup> Para além da questão religiosa decorrente do facto da Arábia Saudita ser o berço do Islão e albergar os dois lugares mais sagrados daquela religião, muitos viram neste ato um

---

<sup>5</sup> As alterações ideológicas e a reorientação estratégica de al-Zawahiri são analisadas por Montasser al-Zayyat na sua obra sobre aquele. Montasser al-Zayyat, *The Road to Al-Qaeda: The Story of Bin Lāden's Right-Hand Man*, London, Pluto Press, pp. 60-72.

<sup>6</sup> al-Zawahiri, “Knights under the Prophet’s Banner”, parte onze.

<sup>7</sup> *Id.*, parte sete.

<sup>8</sup> A questão da aceitação de auxílio por parte de descrentes (especialmente se esta se destinar a combater outros Muçulmanos) é controversa entre os eruditos religiosos, sendo uma questão relevante entre os islamistas radicais jihadistas. Terá sido no exemplo do Profeta que os académicos sauditas se basearam para defenderem a permissibilidade em procurar apoio entre forças não muçulmanas aquando a invasão iraquiana do Kuwait, em 1991, legitimando a entrada de tropas americanas em solo saudita. Ahmed Mohsen Al-Dawoody, *War in Islamic Law: Justifications and Regulations*, PhD Thesis, University of Birmingham, 2009, pp. 71-72.

<sup>9</sup> Para mais sobre Safar al-Hawali e Salman al-Auda ver, por exemplo, Anthony H. Cordesman, *Saudi Arabia Enters the Twenty-First Century: The Political, Foreign Policy, Economic, and Energy Dimension*, Westport, Praeger Publishers, 2003, pp. 183-185.

esquema para os infieis ocuparem militarmente aquele território – que nunca antes tinha sido colonizado –, subjuguem eventuais poderes regionais que se opusessem ao Ocidente, apropriarem-se das vastas reservas energéticas e formarem bases a partir das quais pudessem atacar os países vizinhos e defender Israel.<sup>10</sup>

A reorientação da *jihad* para o palco global também beneficiou do sucesso obtido pelos *mujahideen* na luta para a expulsão dos Soviéticos do Afeganistão. Apesar do seu contributo mínimo para os acontecimentos, os Árabes afegãos consideravam-se atores principais no processo que conduziu ao colapso da União Soviética.<sup>11</sup> Tal alimentou o mito de uma geração vitoriosa, assim como um otimismo e confiança desmedida nas suas capacidades para saírem vencedores de qualquer conflito em que se envolvessem, pois acreditavam gozar de apoio divino.<sup>12</sup> Durante e após este conflito, viveram-se transformações ideológicas relevantes no Afeganistão e no Paquistão, sobretudo na importante cidade de Peshawar, onde se misturaram indivíduos de diferentes nacionalidades e orientações ideológicas. Entre estas, mereceram especial destaque o Wahhabismo saudita canalizado pelo dinheiro e pelos voluntários daquele país,<sup>13</sup> e as correntes islamistas egípcias divulgadas pelos elementos da *al-Jihad* e da *Jamaat Islamiyya*, os quais participaram no conflito com o duplo objetivo de escaparem à perseguição das autoridades dos seus países e ganharem experiência militar.<sup>14</sup> O Islão rigoroso e intolerante defendido pela corrente wahhabita cria um contexto e um enquadramento mental propício à difusão das ideias sociopolíticas revolucionárias dos

---

<sup>10</sup> Thomas Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia. Violence and Pan-Islamism since 1979*, Cambridge, Cambridge University Press, 2010, pp. 31-32. Abd al-Bari 'Atwan, "My weekend with Osama Bin Laden" (November 1996), *The Guardian*, 12 November 2001, <http://www.theguardian.com/world/2001/nov/12/afghanistan.terrorism2> (data de último acesso: 2 de dezembro de 2012).

<sup>11</sup> A ideia que prevalece é que o processo de mobilização dos combatentes árabes, paquistaneses e da Ásia Central teve o apoio tácito da CIA, da Arábia Saudita e dos *Inter-Services Intelligence* do Paquistão e que na fronteira entre os dois países foram construídos, com dinheiro saudita e auxílio da CIA, diversas mesquitas, escolas religiosas e centros de acolhimento para os voluntários árabes com o objetivo de apoiar a resistência afegã. (Muhammed Ayoob, "The Future of Political Islam: the importance of external variables", *International Affairs*, vol. 81, n.º 5, 2005, pp. 954-955.) Alguns autores, nomeadamente Hegghammer, começaram recentemente a contestar esta teoria, defendendo que a ideia que os combatentes árabes beneficiaram dos fundos americanos e sauditas não tem sustentação histórica: os beneficiários daqueles foram os próprios *mujahideen* afegãos e não o grupo de combatentes estrangeiros, os quais, aliás, constituíam uma minoria no interior da resistência afegã. Com efeito, a partir de 1982, através de um programa gerido pela CIA, os EUA e a Arábia Saudita começaram a canalizar fundos e armamento para os *mujahideen* afegãos, tendo estas contribuições aumentado exponencialmente em 1984-85, respondendo a desenvolvimentos políticos internos nos EUA. Ver, por exemplo, Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia*.

<sup>12</sup> National Commission on Terrorist Attacks upon the United States, *The 9/11 Commission Report*, New York, W.W. Norton & Co., 2004, p. 48; Nelly Lahoud, *The Jihadis' Path to Self-Destruction*, New York, Columbia University Press, 2010, p. xvi.

<sup>13</sup> Após o boom petrolífero da década de 1970, o qual resultou na entrada massiva de dinheiro naquele reino, a Arábia Saudita começou a promover a sua interpretação de Islão ultraconservadora, através do financiamento de obras de caridade, mesquitas e centros islâmico por todo o mundo. Durante as décadas seguintes, aquele país tornou-se um fornecedor importante de homens e fundos para os conflitos, não só no Afeganistão, mas também na Bósnia, Chechénia e outros. Existe, curiosamente, uma discrepância notável entre o número de Sauditas envolvidos em atos de violência fora daquele país e uma quase ausência de violência islamista dentro de fronteiras até ao ano de 2003. Madawi Al-Rasheed, *Contesting the Saudi State. Islamic Voices from a New Generation*, Cambridge, Cambridge University Press, 2007, p. 6; Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia*, pp. 1-2.

<sup>14</sup> Sherifa Zuhur, *Egypt: Security, Political, and Islamist Challenges*, Strategic Studies Institute, September 2007, pp. 38-39; Gerges, *The Far Enemy*, p. 288.

islamistas egípcios. A esta conjuntura, devemos adicionar a influência exercida por elementos radicais oriundos do sistema de madrassas deobandi no Paquistão.<sup>15</sup>

Esta aliança entre elementos de organizações radicais a nível sociopolítico e indivíduos conservadores em questões socioculturais facilitou o desenvolvimento de um paradigma para a exportação da luta para outros palcos e a formação de uma rede jihadista internacional.<sup>16</sup> Assim, no final do conflito, alguns daqueles que tinham engrossado a fileira de combatentes estrangeiros, endurecidos pela experiência de batalha ou radicalizados pelo contacto com militantes jihadistas mais maduros, tinham três opções: (1) regressarem aos seus países de origem, para conduzirem uma vida normal ou prosseguirem a luta contra os respetivos regimes; (2) na impossibilidade ou falta de vontade de o fazerem, deslocarem-se para outros palcos onde se desenrolam conflitos entre comunidades muçulmanas e não muçulmanas e onde poderiam continuar a sua luta em defesa da *ummah*, ou seja, a comunidade islâmica global; (3) procurar refúgio em países como o Iémen e o Sudão, cujos regimes demonstraram interesse em recebê-los, ou em territórios com tradição de oferecer asilo a indivíduos perseguidos por questões políticas, como alguns países da Europa.<sup>17</sup>

A violência que afetou o Egipto e a Argélia durante a década de 1990 foi alimentada pelo regresso de muitos destes veteranos aos seus países. Estes contribuíram para radicalizar uma nova geração que não se revê nem nas forças mais institucionalizadas do Islamismo, nem no projeto de islamização gradual da sociedade defendido pelo Salafismo.<sup>18</sup> Outro conjunto de combatentes estrangeiros procurou participar em conflitos definidos como novas frentes de *jihad*, nomeadamente na Bósnia, Kosovo, Chechénia, Caxemira, Filipinas ou nas novas repúblicas da Ásia Central.<sup>19</sup>

Também é importante referir a perceção existente de que os grupos que afirmavam a sua oposição a entidades externas e se proclamavam como movimentos de resistência e libertação nacional gozavam de maior popularidade entre as populações muçulmanas do que aqueles que tentavam provocar a queda dos regimes domésticos. Tal pode ser explicado pelo facto da violência das organizações que se opõem ao próprio governo causar vítimas civis consideráveis entre os próprios Muçulmanos, o que conduz à sua

---

<sup>15</sup> Quintan Wiktorowicz, "A Genealogy of Radical Islam", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 28, n.º 2, 2005, p. 83.

<sup>16</sup> Gerjes, *The Far Enemy*, p. 13.

<sup>17</sup> Os exemplos abundam: Abd al-Rahman foi para os EUA, onde continuou os seus ataques verbais contra o Estado egípcio em mesquitas situadas em Jersey City e em Brooklyn; Abu Mus'ab al-Suri, Abu Hamza al-Masri, Omar Bakri Muhammed e tantos outros encontraram refúgio em países europeus, onde pediram asilo político.

<sup>18</sup> Amel Boubekeur, *Salafism and Radical Politics in Postconflict Algeria*, Carnegie Endowment for International Peace, Washington D.C., September 2008, p. 9.

<sup>19</sup> Barry Rubin (ed.), *Guide to Islamist Movements*, New York, M.E. Sharpe, 2010, p. xxix; Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia*, pp. 52-58.

condenação e repúdio pelas populações. Unir a população contra um ator externo percebido, ou apresentado, como ameaçador para a existência da comunidade é uma tarefa significativamente mais fácil do que tentar unir um povo em torno da ideia de eliminar o regime que os governa apoiado em aparelhos securitários implacáveis, sabendo que as possíveis consequências negativas de tal ato podem ser sentidas pela totalidade da população.<sup>20</sup> Antes da sua morte, Bin Laden reafirmaria este mesmo posicionamento numa das cartas encontradas na sua habitação: as pessoas tendem a lutar contra um inimigo cuja animosidade eles compreendem e contra quem é permissível (ou mais facilmente justificável) lutar, como é o caso do inimigo americano.<sup>21</sup>

Um grupo de veteranos destes conflitos que dão consistência à retórica da *jihad* global acabou por se estabelecer em vários países da Europa ocidental. Ao apresentar-se fora da tradicional dimensão nacional do Jihadismo, esta nova tendência teve ainda a vantagem de beneficiar da globalização do Islão e das redes (religiosas e sociais) islâmicas existentes em todo o mundo. Uma luta de carácter global apela à *ummah* e à unidade desta, ultrapassando divisões nacionais, étnicas ou culturais. Qualquer Muçulmano, em qualquer parte do mundo, independentemente da sua origem nacional ou étnica poderia fazer parte desta luta.

Outra circunstância que acabou por facilitar a reorientação e dispersão do Jihadismo por vários palcos foi a mudança de atitudes, identidades e dinâmicas provocadas pela crescente interconectividade e interação decorrentes do processo de globalização na década de 1990. A expansão e democratização no acesso aos meios de comunicação e informação e a crescente mobilidade de pessoas e bens proporcionada por meios de transporte mais rápidos e acessíveis, permitiu o movimento internacional de ativistas e ideias. Estes constituíram recursos importantes para movimentos como a al-Qaeda, na medida em que tornaram irrelevantes as distâncias e as restrições territoriais, facilitando o estabelecimento de contactos entre pessoas em locais afastados.

De igual modo, ao facilitar a comunicação no interior do mundo muçulmano e a divulgação de imagens que alimentam a narrativa do sofrimento imposto aos

---

<sup>20</sup> Compreendendo a importância de mobilizar e estar próximo das massas populares, al-Zawahiri mostrou ter plena consciência deste facto, quando afirmou que “a nação muçulmana não irá participar [na luta] a não ser que os *slogans* dos *mujahideen* sejam compreendidos pelas massas da nação muçulmana... Um olhar sobre a história dos *mujahideen* no Afeganistão, Palestina e Chechénia mostram que o movimento jihadista deslocou-se para o centro da liderança da nação quando adotou como lema a libertação da nação dos seus inimigos externos e quando a representou como uma batalha do Islão contra a infidelidade e os infiéis.” Al-Zawahiri, “Knights under the Prophet’s Banner”, parte onze.

<sup>21</sup> Combating Terrorism Center, *Letter from UBL to ‘Atiyatullah Al-Libi (English Translation)*, SOCOM-2012-000019, West Point, New York, May 2010, p. 26, <https://www.ctc.usma.edu/wp-content/uploads/2013/10/Letter-from-UBL-to-Atiyatullah-Al-Libi-4-Translation.pdf> (data de último acesso: 14 de maio de 2014). Ver também Nelly Lahoud et al., *Letters from Abbottabad: Bin Laden Sidelined?*, The Combating Terrorism Center, West Point, New York, May 2012.

Muçulmanos, aqueles meios facilitaram a recriação da *ummah*, uma comunidade e território abstrato, e a emergência de uma elite desterritorializada. A *ummah* é definida pela existência de uma religião comum, pelo estatuto especial gozado pela língua árabe e pela perda de relevância das identidades nacionais.<sup>22</sup> O aprofundamento do sentido de comunidade e a revitalização da ideia de *ummah* ocorre pela primeira vez desde o período em que as potências coloniais do Ocidente desmembraram o que restava do Império Otomano, sendo concomitante à emergência da ideia jihadista global.

Na década de 1990, estas condições proporcionaram uma oportunidade histórica e política que Osama Bin Laden, um antigo dinamizador e combatente da *jihad* afegã, soube explorar ao apresentar-se como um símbolo da resistência contra a opressão perante sociedades estagnadas e marcadas pelo despotismo. Esta oportunidade traduziu-se na criação da al-Qaeda, uma extensa organização cujas origens remontam ao início daquela década.

Na atualidade, o Jihadismo global passa por um momento crítico. À semelhança das transformações ocorridas ao longo das décadas de 1980 e 1990, após 2011 tornou-se possível identificar um conjunto de processos e alterações a nível geopolítico (assim como desenvolvimentos tecnológicos), os quais irão determinar o rumo futuro do movimento. Estes desenvolvimentos afetam as discussões e dilemas no seio do movimento, as suas formas de atuação e as estratégias colocadas em prática. A nível europeu estes fatores também se traduziram na evolução do movimento a nível estrutural, social e tático, resultando em novos padrões de radicalização e novos mecanismos de mobilização.

Na nossa perspetiva, existe, de certo modo, um paralelo histórico entre a década de 1990 e o período atual, na medida em que o Jihadismo está a passar por importantes transformações como meio de adaptação aos novos ambientes e como modo de sobrevivência. Uma década e meia após os eventos em Nova Iorque e Washington, os grupos jihadistas prosperam, embora mais descentralizados, estrategicamente mais diversificados e sujeitos a avanços e recuos territoriais; e o fluxo de militantes nunca cessou, apesar dos esforços globais empreendidos a nível de contraterrorismo. Sustentamos, ainda, que ao criar novas condições e alinhamentos, a “caravana” jihadista para a Síria assume-se como uma nova oportunidade para o Jihadismo global e o ponto

---

<sup>22</sup> Olivier Roy, *L'Islam Mondialisé*. Paris, Éditions du Seuil, 2002.

de partida que alimentará futuras insurgências, mobilizações e ameaças, com consequências profundas para a Europa.<sup>23</sup>

## 1.2. Objetivos da tese

Esta tese tem como objetivo analisar o Jihadismo global enquanto ideologia e movimento, assim como a sua evolução na Europa ocidental, entre 1998, ano da declaração de *Jihad* contra a aliança entre Judeus e Cruzados, e julho de 2015. Analisamos os desenvolvimentos ideológicos e estratégicos desta tendência islamista radical e o modo como essas transformações se refletem na Europa. De igual modo, tentamos determinar que fatores europeus são suscetíveis de influenciar o cenário europeu.

Tentaremos responder à pergunta de investigação: os desenvolvimentos observados no Jihadismo global na Europa, entre 1998 e 2015, resultam de fatores ideológicos e estratégicos promovidos por organizações transnacionais em palcos de instabilidade ou de questões e dinâmicas internas? Esta pergunta encerra em si outras questões, cuja análise é fundamental para conseguirmos responder à primeira: Quais os componentes ideológicos do Jihadismo global e qual o processo de construção histórica e conceptual desta tendência islamista? Como é que o Jihadismo global interpreta e incorpora na sua narrativa novos temas e acontecimentos internacionais que afetam o mundo muçulmano, e como é que tal se traduz em termos ideológicos, organizacionais e estratégicos? Qual o impacto destas transformações na Europa? Quais e de que modo fatores e dinâmicas locais têm impacto no cenário jihadista europeu? Como se pode explicar o recente fluxo de combatentes europeus para a Síria e quais as possíveis consequências deste conflito na Europa e, em especial, na evolução do Jihadismo europeu?

Contrariando a tendência recente para considerar o Jihadismo global na Europa principalmente – e, em alguns casos, unicamente – como resultado de fatores e processos sociais e psicológicos, nesta tese tentamos demonstrar que o atual ativismo jihadista resulta da conjugação de motivações ideológicas e de questões e dinâmicas sociais com raízes na Europa, sendo fortemente condicionado por atores transnacionais e

---

<sup>23</sup> O termo caravana jihadista – ou caravana da *jihad* – foi utilizada por Abdullah Azzam, o teórico do Jihadismo clássico, na sua obra *Join the Caravan* (“Juntem-se à Caravana”), de 1987, para designar o elevado número de voluntários que afluíram ao Afeganistão para lutar contra os Soviéticos.



acontecimentos externos, mais concretamente aqueles com origem no mundo muçulmano. Argumentamos que a ideologia jihadista e o recurso a determinados conceitos podem influenciar a atividade e a ameaça em território europeu, quer capacitando os atores para a ação, quer restringindo o seu ativismo; os acontecimentos que afetam o mundo muçulmano, sejam conflitos civis ou intervenções militares externas, e conseqüente instabilidade desses resultante, constituem oportunidades não só para a radicalização individual, mas também para a mobilização coletiva, tendo um impacto decisivo na variação do ativismo neste continente; a orientação estratégica de organizações jihadistas em palcos de instabilidade tem capacidade para influenciar o nível e o tipo de ameaça colocado à Europa; determinadas personalidades no interior de grupos jihadistas influenciam o rumo do movimento em termos táticos e modus de ação, assim como a radicalização e recrutamento de novos elementos. Alegamos, ainda, que o meio jihadista europeu é hoje mais descentralizado e diversificado, devido a um conjunto de processos e dinâmicas sociais, nomeadamente a adoção de novas formas de atuação, a inclusão de diversos grupos sociais e as relações encetadas entre determinados indivíduos no seio de certos grupos; e destacamos o papel das “crises” internas, as quais ao serem interpretadas e apresentadas como atentados à identidade e à religião islâmica, contribuem para despoletar processos de radicalização e para compreender a flutuação do ativismo e das conspirações terroristas em solo europeu.

Sendo um movimento internamente dividido, constituído por organizações concorrentes, englobando elementos ideológicos e estratégicos contraditórios, beneficiando de processos de adesão variados e composto por indivíduos com perfis muito diversificados, não é possível explicar a radicalização e o terrorismo jihadista na Europa através de uma única causa ou com recurso a um único fator. Assim, ao romper com a propensão para explicar o Jihadismo global através de uma única lente teórica, este trabalho defende a necessidade de adotar uma abordagem que combine a análise de três fatores na base da *jihad* contra a Europa: a ideologia da *jihad* global; o comportamento e objetivos estratégicos das organizações jihadistas transnacionais; o contexto e dinâmicas sociais na Europa. Estas são as variáveis que governam o comportamento dos jihadistas europeus, sendo que a convergência destes elementos permite obter uma visão mais completa da atual complexidade do fenómeno, contribuindo para esclarecer porquê, como, quando e onde ocorrem as conspirações jihadistas neste território, assim como a adesão ao movimento de indivíduos com perfis diversos e através de diferentes processos.

Ao versar sobre Islamismo e movimentos jihadistas, violência política e terrorismo, o tema desta tese é transversal a várias áreas disciplinares. Porém, o Jihadismo global é um fenómeno intrinsecamente político e de natureza transnacional, e os movimentos jihadistas na sua condição de atores não estatais apresentam-se hoje como um dos maiores desafios ao sistema internacional, na medida em que beneficiam, e em simultâneo, são uma das forças motrizes da instabilidade e do caos que afetam algumas áreas do globo. O conjunto de ações que os jihadistas globais empreendem – o esforço para atrair os países ocidentais para conflitos militares, as recentes tentativas de expansão territorial e *state building*, a instigação de tensões e a captação de simpatizantes no seio das sociedades europeias, entre outras – evidencia o objetivo último de impor uma nova ordem mundial de natureza islâmica, em substituição do sistema baseado nos Estados-nações. Assim, ao adotar a abordagem descrita, esta tese pretende preencher uma lacuna na Ciência Política e Relações Internacionais e contribuir para a literatura sobre Jihadismo global e suas manifestações em território europeu. Este é e continuará a ser um dos temas centrais desta disciplina, na medida em que é um desafio a longo-prazo. Apesar da recente atenção que tem merecido por parte de investigadores de diferentes áreas, a literatura sobre Jihadismo global na Europa ainda é escassa e alguns aspetos ainda permanecem deficientemente explicados devido à contínua evolução do fenómeno e ao surgimento de novos atores no universo jihadista, os quais complexificaram a realidade europeia.

Por fim, gostaríamos de realçar que esta tese, embora abordando conceitos teológicos e aspetos da vivência dos Muçulmanos na Europa, não é um estudo sobre o Islão, nem sobre as comunidades muçulmanas europeias.<sup>24</sup>

### 1.3. Revisão da literatura

O terrorismo de cariz jihadista é, na atualidade, a ameaça terrorista com maior destaque no Ocidente, apesar da maioria dos ataques e das suas vítimas se encontrarem nos próprios países muçulmanos.<sup>25</sup> Antes dos acontecimentos de 2001, poucos académicos se dedicavam a analisar o Islamismo radical jihadista ou a organização com o nome de al-Qaeda, pelo que a literatura sobre aquela ou a *Jihad* global era escassa.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> Ver, por exemplo, as obras Maria do Céu Pinto (coord.), *O Islão na Europa*, Lisboa, Prefácio, 2006; Maria do Céu Pinto (coord.), *A Islão na Europa face ao Islão Global: Desafios e Tensões*, Lisboa, Ed. Diário de Bordo, 2012.

<sup>25</sup> Paul R. Pillar, “Jihadi Terrorism: A Global Assessment of the Threat”, in Rik Coolsaet, (ed.), *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*, 2.ª ed., Surrey, Ashgate, 2011, p. 9.

<sup>26</sup> Destaca-se Peter Bergen, *Holy War, Inc. – Inside the Secret World of Osama Bin Laden*, New York, The Free Press, 2001. Ahmed Rashid também faz referências às relações entre os Talibãs e a organização de Osama Bin Laden, no Afeganistão, em *Taliban: Militant Islam, Oil and Fundamentalism in Central Asia*, New York, I.B. Tauris & Co. Ltd, 2000.

Por motivos óbvios, estas temáticas eram abordadas essencialmente pela *intelligence*, e como tal, os materiais e as fontes existentes não estavam acessíveis a potenciais interessados. Apesar dos ataques às embaixadas dos EUA em África, em 1998, e ao *USS Cole* no Iémen, em 2000, a ascensão do fenómeno al-Qaeda passou despercebido à maioria dos académicos, apesar de ocasionais referências à organização e ao seu fundador na comunicação social, especialmente após a Declaração de Guerra à América, em 1996.<sup>27</sup>

Nos anos que antecederam os ataques aos EUA, Olivier Roy e Gilles Kepel tinham vaticinado o declínio da ideologia islamista, a qual perdia ímpeto e vivia um período de aparente letargia, no seguimento da estabilização do Irão pós-revolucionário e da retirada soviética do Afeganistão.<sup>28</sup> Para Kepel, os Muçulmanos deixaram de olhar “o Islamismo como fonte de utopia” e esta visão mais pragmática era “um bom augúrio para o futuro,”<sup>29</sup> acrescentando que a única alternativa seria a abertura ao mundo e a democracia.<sup>30</sup> Kepel concluiu, ainda, que os ataques de setembro de 2001 ao World Trade Center e ao Pentágono constituíram um “símbolo desesperado do isolamento, fragmentação e declínio do movimento islamista”, comprovado pelo facto de ter sido incapaz de produzir a reação emocional a que se propunha nas massas muçulmanas.<sup>31</sup>

Após os acontecimentos de 2001 verificou-se um aumento colossal de trabalhos dedicados ao Islamismo radical e ao Jihadismo global. A pressão e a exigência para obter informação relativa aos ataques, aos seus perpetradores e às ideias que tinham conduzido àqueles revigoraram a *indústria* do terrorismo, com a multiplicação dos académicos e de centros de investigação dedicados em exclusivo ao estudo do tema, e renovou o interesse pela ideologia e projeto do Islamismo radical. Assim, aumentaram as publicações sobre a al-Qaeda escritas por jornalistas, académicos e analistas norte-americanos, muitos dos quais tentavam aproveitar a janela de oportunidade aberta por aqueles acontecimentos. Vários modelos foram construídos para caracterizar esta organização.<sup>32</sup> Algumas das

---

<sup>27</sup> O facto de grande parte das informações existentes sobre este tema serem do domínio exclusivo dos serviços secretos ocidentais pode ser o principal fator explicativo do, segundo Monica Czwarno, “aparente fracasso analítico da parte dos académicos de Relações Internacionais e outras disciplinas especializadas em prever o 11 de setembro.” Monica Czwarno, “Misjudging Islamic Terrorism: The Academic Community’s Failure to Predict 9/11”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 29, n.º 7, 2006, pp. 657-678.

<sup>28</sup> Olivier Roy, *The Failure of Political Islam*, Cambridge, Harvard University Press, 1994; Gilles Kepel, *Jihad: The Trail of Political Islam*, 3ª ed., Massachusets, Harvard University Press, 2003.

<sup>29</sup> Kepel, *Jihad: The Trail of Political Islam*, p. 366.

<sup>30</sup> *Id.*, pp. 373-374.

<sup>31</sup> *Id.*, pp. 375-376. Esta obra foi originalmente publicada no ano 2000, em França. Porém, a versão consultada foi a versão em língua inglesa de 2003, onde o autor já refere os acontecimentos de 2001.

<sup>32</sup> Rohan Gunaratna, *No Interior da al-Qaeda, Rede Global de Terror*, Lisboa, Relógio D’Água, 2004 (originalmente publicada em inglês, em 2002); Jane Corbin, *Al Qaeda: The Terror Network that Threatens the World*, New York, Thunder’s Mouth Press, 2002; Michael Scheuer, *Through Our Enemies’ Eyes: Osama Bin Laden, Radical Islam, and the Future of America*, Virginia, Potomac Books, 2006; Jason Burke, *Al-Qaeda: A História do Islamismo Radical*, Lisboa, Quetzal Editores, 2004; Lawrence Wright, *A Torre do Desassossego*, Cruz Quebrada, Casa das Letras, 2007 (publicada em inglês, em 2006); Bruce Riedel, *The Search for A Qaeda: its*

publicações têm um carácter descritivo e, neste sentido, fornecem relatos fiáveis sobre a organização, mas pouco contribuem para explicar as ideias e as razões mais profundas na base do ataque aos Estados Unidos. Estas obras são úteis para compreender sobretudo *como* aconteceu, mas não *porque* aconteceu.

Na década que se seguiu surgiu um corpo literário considerável não centrado apenas na organização, mas constituído por análises das condições e dos processos sociais e políticos que conduziram à globalização do Jihadismo, atores jihadistas, motivações individuais e organizacionais, considerações estratégicas, influência do grupo nas decisões individuais e as consequências da decisão de levar a luta para o Ocidente.<sup>33</sup> Para tal, os autores concentram-se em três níveis: 1) no nível macro, com recurso a teorias que destacam os contextos políticos e socioeconómicos e as condições estruturais passíveis de explicar os mecanismos e as causas da adoção de comportamentos violentos; 2) no nível meso ou intermédio, onde as teorias se propõem analisar o próprio grupo, as suas dinâmicas e evolução, nomeadamente as adaptações estratégicas que visam promover os objetivos da coletividade; 3) no nível micro, tentando explicar os processos que influenciam a pessoa a agir, nomeadamente questões psicológicas e sociais, fatores cognitivos e emocionais, elementos identitários e motivações ideológicas.

Os trabalhos mais relevantes sobre as dinâmicas do Jihadismo global surgem após 2004, ano dos atentados em Madrid. A partir daquela data, o panorama jihadista passa por importantes transformações, com a emergência de células e grupos com uma estrutura mais flexível. Neste contexto surgem duas teses opostas para interpretar a evolução do fenómeno e da ameaça jihadista ao Ocidente. Uma destas teses foi formulada por Marc Sageman, o qual, desvalorizando o papel das organizações, considera o Jihadismo um movimento social constituído, essencialmente, por imigrantes de segunda geração e convertidos. O autor recorre à teoria das redes sociais, destacando as relações entre os indivíduos que compõem a rede, assim como as dinâmicas e o papel do grupo na mobilização para o terrorismo, as quais, para Sageman, são mais importantes para a emergência da “*jihad* salafista global” do que a ideologia ou a organização.<sup>34</sup> Assim, a radicalização acontece por influência de indivíduos já radicalizados pertencentes à mesma

---

*Leadership, Ideology, and Future*, Washington, D.C., Brookings Institution Press, 2010 (publicada em inglês, em 2008); Christina Hellmich, *Al-Qaeda: From Global Network to Local Franchise*, London, Zed Books, 2011.

<sup>33</sup> Ver, por exemplo, François Burgat, *L'Islamisme a L'Heure D'Al-Qaida*, Paris, Éditions La Decouverte, 2005; Thomas Hegghammer et al., *Path to Global Jihad: Radicalisation and Recruitment to Terror Networks. Proceedings from a FFI Seminar, Oslo, 15 March 2006*, Kjeller, FFI/Rapport, 2006; Brynjar Lia and Thomas Hegghammer, “Jihadi Strategic Studies: The Alleged al Qaeda Policy Study Preceding the Madrid Bombings,” *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 27, n.º 4, 2004, pp. 355–375; Lahoud, *The Jihadis' Path to Self-Destruction*.

<sup>34</sup> Marc Sageman, *Understanding Terror Networks*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2004, p. 178.

rede social, o que se traduz num investimento em termos de criação de uma identidade militante comum e na construção social da realidade. Sageman acrescenta que “a privação relativa, a predisposição religiosa e o apelo ideológico são necessários, mas não suficientes para a decisão de se transformar num *mujahid*”, pois “os vínculos sociais são o elemento crítico neste processo e precede o compromisso ideológico.”<sup>35</sup> Afinal, na amostra que utilizou para realizar o seu estudo, os indivíduos eram sobretudo provenientes da classe média e fruto de uma educação moderna, a maioria eram casados, as crenças religiosas tinham sido adquiridas através da auto-instrução e não indicavam predisposição para a violência.<sup>36</sup>

No que se refere à Europa, Sageman diz não ter encontrado qualquer evidência da existência de um aparelho de recrutamento para as atividades da al-Qaeda e que esta, enquanto processo organizacional ativo, não tem relevância para a *jihad* global, pelo que o normal é a pressão para aderir ao movimento surgir da parte dos candidatos a *mujahideen*.<sup>37</sup> A adesão ao movimento resulta unicamente de um processo ascendente, com a iniciativa a partir dos próprios indivíduos.

Alguns anos mais tarde, Sageman recorre à noção da *jihad* sem líder (*leaderless jihad*) para designar o processo que dá origem a pequenos grupos locais auto organizados e auto radicalizados, ligados através da Internet a uma rede global dispersa.<sup>38</sup> De acordo com esta teoria, a principal ameaça na Europa provém não de uma organização que controla e dá indicações sobre o momento e o modo de agir, mas de um conjunto de grupos locais informais ligados através de relações de parentesco e de amizade, que concebem e executam operações por iniciativa própria, sem qualquer interferência externa e em nome de uma ideologia, arranjando meios para cumprir os seus objetivos.

A tese oposta foi defendida por Bruce Hoffman, o qual salienta a capacidade de adaptação, flexibilidade, agilidade e resiliência organizacional, assim como o contínuo apelo ideológico da al-Qaeda, características essenciais para a sua sobrevivência após 2001. Para este autor, a organização nunca deixou de ter capacidade para reter o controlo operacional, planear, coordenar e ordenar ataques terroristas a países ocidentais.<sup>39</sup>

---

<sup>35</sup> *Id.*, p. 135. Scott Atran também defende que “aqueles que conduzem a *jihad* violenta emergem em pequenos grupos de amigos orientados para a ação... são as redes sociais e as dinâmicas de grupo destas redes que são críticas para a compreensão de como as redes terroristas se formam e operam.” Scott Atran, “Who Becomes a Terrorist Today?”, *Perspectives on Terrorism*, vol. 2, n.º 5, March 2008, pp. 3-10.

<sup>36</sup> *Id.*, pp. 69-83.

<sup>37</sup> *Id.*, pp. 121-124.

<sup>38</sup> Marc Sageman, *Leaderless Jihad*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2008, pp. 125-146.

<sup>39</sup> Bruce Hoffman, “The Global Terrorist Threat: Is Al-Qaeda in the Run or on the March?”, *Middle East Policy*, vol. xiv, n.º 2, Summer 2007, p. 50; Bruce Hoffman, “The myth of Grass-Roots Terrorism”, *Foreign Affairs*, May/June 2008, <http://www.foreignaffairs.com/articles/63408/bruce-hoffman/the-myth-of-grass-roots-terrorism>.

Hoffman reconhece que a organização sempre tentou inspirar Muçulmanos em todo o mundo a juntar-se à sua luta, pelo que a adesão àquela também se faz através de uma abordagem *bottom-up*. Porém, para Hoffman, a ameaça à Europa por parte de redes menos perceptíveis e mais imprevisíveis é o resultado de decisões estratégicas feitas pela al-Qaeda pelo menos desde o final da década de 1990, e de atividades subversivas por parte de organizações extremistas em locais como o Reino Unido, de onde muitos indivíduos foram atraídos para campos da al-Qaeda no Afeganistão para receberem treino paramilitar.<sup>40</sup> Recusando a tese de Sageman, Hoffman defende que a ameaça principal ao Ocidente ainda é colocada pela al-Qaeda e afiliadas e não pelas redes locais dispostas a conduzir ataques inspirados por aquela organização.<sup>41</sup>

Após as revoltas árabes, Hoffman e Reinares insistem que as organizações jihadistas ligadas ou inspiradas pela al-Qaeda continuam a representar uma ameaça para os países ocidentais, inspirando e dirigindo conspirações e radicalizando indivíduos no Ocidente com recurso a fatores ideológicos.<sup>42</sup> Estes autores destacam a resiliência da ideologia e do rótulo al-Qaeda e a contínua atratividade da organização para militantes e salafistas extremistas em todo o mundo.<sup>43</sup>

Considerando o contexto europeu, vários autores analisaram diferentes aspetos do Jihadismo global. Muitos dos trabalhos publicados tentam explicar o complexo processo da radicalização individual para o terrorismo e explorar as razões subjacentes a essa alteração de comportamento, existindo especial interesse pela questão da radicalização doméstica, a qual dominou muitos dos discursos da década passada.<sup>44</sup> Utilizando diferentes abordagens teóricas, aqueles demonstram a ausência de um entendimento único e consensual sobre os motivos e o modo através do qual os indivíduos enveredam por comportamentos violentos, assim como a inexistência de um perfil típico do radical ou do terrorista.<sup>45</sup>

---

<sup>40</sup> Hoffman, "The Global Terrorist Threat".

<sup>41</sup> *Id.*, p. 48.

<sup>42</sup> Bruce Hoffman, Fernando Reinares, *Al-Qaeda's continued core strategy and disquieting leader-led trajectory*, ARI 37, Real Instituto Elcano, Madrid, 10 September 2013.

<sup>43</sup> Bruce Hoffman and Fernando Reinares, "Conclusions" in Bruce Hoffman and Fernando Reinares (eds.), *The Evolution of the Global Terrorist Threat: From 9/11 to Osama Bin Laden's Death*, New York, Columbia University Press, 2014, p. 635.

<sup>44</sup> Thomas Precht, *Homegrown terrorism and Islamist radicalisation in Europe. From conversion to terrorism*, Research report funded by the Danish Ministry of Justice, December 2007; Daveed Gartenstein-Ross and Laura Grossman, *Homegrown Terrorists in the U.S. and U.K.: An Empirical Examination of the Radicalization Process*, Washington D.C., Foundation for Defense of Democracies, April 2009; Jerome P. Bjelopera and Mark A. Randol, *American Jihadist Terrorism: Combating a Complex Threat*, Washington D.C., Congressional Research Service, 2010; Mitchell Silber and Arvin Bhatt, *Radicalization in the West: The Homegrown Threat*, New York, New York City Police Department, 2007; Tinka Veldhuis and Jørgen Staun, *Islamist Radicalisation: a Root Cause Model*, The Hague, Netherlands Institute of International Relations Clingendael, 2009; Alex S. Wilner and Claire-Jehanne Dubouloz, "Homegrown terrorism and transformative learning: an interdisciplinary approach to understanding radicalization", *Global Change, Peace & Security*, vol. 22, n.º 1, February 2010, pp. 33-51.

<sup>45</sup> Ver, por exemplo, Magnus Ranstorp (ed.), *Understanding Violent Radicalisation. Terrorist and Jihadist Movements in Europe*, Londres e New York, Routledge, 2010; Coolsaet (ed.), *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*.

Kepel procura explicações para a radicalização jihadista em fatores estruturais, como as condições políticas, económicas e sociais na Europa e destaca os problemas identitários que afetam as segundas e terceiras gerações de Muçulmanos europeus, o fracasso da integração daquelas comunidades a conseqüente proliferação de visões radicais do Islão entre aquelas.<sup>46</sup>

Enfatizando o nível individual, Roy destaca a segunda geração de muçulmanos na Europa, os quais têm fracos conhecimentos religiosos, têm formação, estão aculturados aos países europeus, mas não têm perspectivas profissionais ou de promoção social.<sup>47</sup> Para estes, o Islão representa um meio de reconstrução identitária e uma identidade de protesto, o que explica também a adesão de convertidos ao movimento. Embora muitos destes jovens encontrem no discurso anti-ocidental de “dirigentes néo-fundamentalistas” na Europa um meio de racionalizar a sua exclusão e oposição, Roy defende que islamização não é sinónimo de radicalização.<sup>48</sup> Roy desconsidera o papel do Islão no Jihadismo, já que aquele apenas é utilizado como justificação para um radicalismo pré-existente e para a condução de atos de violência por parte de alguns indivíduos com um passado de criminalidade.

John Horgan e Andrew Silke abordam o processo de radicalização jihadista na perspectiva da sociopsicologia, realçando a necessidade de compreender a psicologia individual como um processo que ocorre num contexto específico.<sup>49</sup> Ao analisar as dinâmicas de grupo e ao enfatizar a identidade coletiva no estudo do ativismo violento, a sociopsicologia faz um contributo importante para explicar os processos de radicalização e mobilização para atividades terroristas. Ainda assim, estes estudos podem ser contrariados pela diversidade de origens socioeconómicas dos jihadistas e pelas suas trajetórias pessoais, fatores que podem dificultar a distinção entre traços psicológicos fixos e atributos psicológicos induzidos pelas experiências da vida dos indivíduos.

---

<sup>46</sup> Ver, por exemplo, Gilles Kepel, *Fitna: Guerre au cœur de l'islam*, Paris, Gallimard, 2004.

<sup>47</sup> Roy, *L'Islam Mondialisé*, p. 201.

<sup>48</sup> *Id.*, p. 202.

<sup>49</sup> John Horgan, *The Psychology of Terrorism*, London, Routledge, 2005; Andrew Silke (ed.), *Terrorists, Victims and Society: Psychological Perspectives on Terrorism and its Consequences*, West Sussex, Wiley, 2003. Para mais sobre a abordagem da sociopsicologia ao terrorismo ver, por exemplo, Jerrold M. Post, *The Mind of the Terrorist: The Psychology of Terrorism from the IRA to Al Qaeda*. New York, Palgrave Macmillan, 2007; Andrew Silke (ed.), *The Psychology of Counter-Terrorism*, London, Routledge, 2011; Andrew Silke (ed.), *Prisons, Terrorism and Extremism: Critical issues in Management, Radicalisation and Reform*, London, Routledge, 2013; Max Taylor and John Horgan, “A Conceptual Framework or Addressing Psychological Process in the Development of the Terrorist?”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 18, n.º 4, 2006, pp. 585-601; John Horgan, “Deradicalization or Disengagement?”, *Perspectives on Terrorism*, vol. II, n.º 4, February 2008, pp. 3-8; Anne Speckhard, *Talking to Terrorists: Understanding the Psycho-social Motivations of Militant Jihadi Terrorists, Mass Hostage Takers, Suicide Bombers & “Martyrs”*, McLean, VA, Advances Press, 2012; Randy Borum, “Rethinking Radicalization”, *Journal of Strategic Security*, vol. 4, n.º 4, 2011, pp. 1-5.

Ao traçar a história intelectual de um dos mais importantes teóricos e estratégias jihadistas, Lia destaca a competição de ideias no interior do projeto *da jihad* global, contribuindo decisivamente para o aumento do conhecimento no que se refere a questões ideológicas e estratégicas na base do terrorismo jihadista.<sup>50</sup>

Alison Pargeter sublinha que a radicalização de Muçulmanos na Europa não pode ser isolada dos acontecimentos no mundo muçulmano e que “os desenvolvimentos que ocorreram no interior das comunidades islamistas na Europa são primeiramente um reflexo do que está a ocorrer no mundo muçulmano.”<sup>51</sup> De acordo com a autora, a política e queixas oriundas do mundo islâmico continuam a dominar o discurso dos islamistas na Europa, em parte devido aos esforços de propaganda de várias organizações daquela natureza.<sup>52</sup> Porém, Pargeter não ignora as condições locais que conduzem à alienação dos Muçulmanos europeus, nem as relações dos governos ocidentais com as elites governativas autoritárias e corruptas dos países muçulmanos, as quais alimentam as percepções negativas do Ocidente naquela região.<sup>53</sup>

Thomas Hegghammer defendeu que a guerra no Iraque colocou a Europa na mira dos jihadistas,<sup>54</sup> ao que Petter Nesser acrescentou que o terrorismo jihadista constitui uma tendência preocupante no contexto das relações entre o Ocidente e o mundo muçulmano, sobretudo, após as invasões do Afeganistão e do Iraque. Estas conclusões baseiam-se na análise dos padrões de mobilização jihadista na Europa entre 1994 até 2013, e das motivações na base da *jihad* na Europa após o ano 2000.<sup>55</sup> O autor salienta que apesar das divisões ideológicas entre os jihadistas europeus, os conflitos no Afeganistão e no Iraque e a polémica em torno das caricaturas de Maomé promoveram a sua identificação com a *jihad* global promovida pela al-Qaeda. Contudo, esta unificação ideológica e estratégica não encontrou correspondência nas capacidades operacionais das células europeias.<sup>56</sup> Procurando as motivações para o terrorismo islamista nas condições da diáspora muçulmana na Europa, nas condições do Médio Oriente e no contexto global, o autor conclui que aquelas são o resultado da combinação dos três níveis analíticos, mas que a

---

<sup>50</sup> Brynjar Lia, *Architect of Global Jihad: The Life of Al-Qaida Strategist Abu Mus'ab al-Suri*, Londres, Hurst & Company 2007.

<sup>51</sup> Alison Pargeter, *The New Frontiers of Jihad. Radical Islam in Europe*, London, I.B. Tauris, 2008, p. 205.

<sup>52</sup> *Id.*, p. 206.

<sup>53</sup> *Id.*, p. 207.

<sup>54</sup> Thomas Hegghammer, “Global Jihadism after the Iraq War”, *Middle East Journal*, vol.60, n.º 1, Winter 2006.

<sup>55</sup> Petter Nesser, “Towards an Increasingly Heterogeneous Threat: A Chronology of Jihadist Terrorism in Europe 2008-2013”, *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 37, n.º 5, 2014, pp. 440-456; Petter Nesser, “Ideologies of Jihad in Europe”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 23, n.º 2, 2011, pp. 173-200; Petter Nesser, *Chronology of Jihadism in Western Europe Update 2008-2010*, FFI Terrorism Research Group, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2010; Petter Nesser, “Chronology of Jihadism in Western Europe 1994-2007: Planned, Prepared, and Executed Terrorist Attacks”, *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 31, n.º 10, 2008, pp. 924-946; Petter Nesser, *Jihad in Europe – A Survey of the Motivations for Sunni Islamist Terrorism in Post-millennium Europe*, FFI/Rapport, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2004.

<sup>56</sup> Nesser, “Ideologies of Jihad in Europe”, p. 192.



combinação de motivações globais e diaspóricas explicam melhor as causas para as conspirações na Europa.<sup>57</sup>

Utilizando a mesma metodologia de Sageman com o objetivo de estudar as características das redes jihadistas na Europa, Edwin Bakker analisou os perfis de 241 indivíduos envolvidos em conspirações na Europa, entre setembro de 2001 e setembro de 2006, e as circunstâncias em que esses indivíduos se envolveram naquelas atividades.<sup>58</sup> A maioria tinha nascido (40%) ou crescido (55%) neste território e eram solteiros; não eram particularmente jovens e, com frequência, eram oriundos das camadas mais baixas da sociedade; muitos tinham registro criminal. Tal leva Bakker a concluir não ser possível traçar um perfil padrão do jihadista europeu.<sup>59</sup> No que se refere às redes analisadas, estas são homogêneas internamente, mas diferem entre si em questões como o tamanho, seleção dos alvos, distribuição geográfica das suas operações, média de idades e proveniência geográfica.<sup>60</sup> Quanto às circunstâncias que conduzem estes indivíduos para atividades jihadistas, Bakker concorda com Sageman: as relações sociais desempenham um papel importante.<sup>61</sup> A radicalização acontece no país onde vivem, muitas vezes, com familiares e amigos, e com pouca interferência externa.<sup>62</sup>

Ao analisar o processo de radicalização e recrutamento na Europa, Peter Neumann defende que cada vez mais aquele acontece na clandestinidade, embora aquilo que chama de locais de vulnerabilidade (prisões, universidades e centro de refugiados) continuem a suscitar preocupação.<sup>63</sup> Apesar das poucas evidências de que o recrutamento é dirigido por recrutadores, Neumann defende que existem indivíduos e entidades que facilitam aquele processo. Para além daquilo que designa de *gateway organizations* (como o *Hizb ut-Tahrir* e o *al-Muhajiroun*), as quais fornecem potenciais candidatos aos grupos jihadistas, os próprios ativistas que lideram as células terroristas são o motor do recrutamento jihadista.<sup>64</sup> A mensagem disseminada por estes tenta explorar as crises de identidade que afetam muitos jovens muçulmanos europeus, especialmente pertencentes

---

<sup>57</sup> Nesser, *Jihad in Europe*, pp. 68-69. A propósito da utilização do termo diáspora muçulmana, note-se que diáspora normalmente se refere a uma entidade nacional ou étnica, enquanto o Islão, sendo uma religião, não está restrito a uma pátria específica. Isto dificulta a avaliação do papel que as diásporas desempenham no que se refere às ações dos movimentos islamistas na Europa. Åshild Kjøk et al., *Restoring Peace or Provoking Terrorism? Exploring the Links Between Multilateral Military Interventions and International Terrorism*, FFI Report, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2003, p. 21.

<sup>58</sup> Edwin Bakker, *Jihadi Terrorists in Europe – their characteristics and the circumstances in which they joined the jihad: an exploratory study*, The Hague, Netherlands Institute of International Relations Clingendael, December 2006.

<sup>59</sup> *Id.*, pp. 52-53. Note-se que Bakker, analisando as características dos jihadistas europeus, chega a conclusões diferentes de Sageman, cujo estudo tinha uma abrangência global.

<sup>60</sup> *Id.*, p. 52.

<sup>61</sup> Jerrold Post defende que a pressão social para a participação num movimento pode ser esmagadora, criando um sentimento de que a não participação pode conduzir à ostracização. Jerrold Post citado em Jessica Stern, *Terror in the Name of God. Why Religious Militants Kill*, New York, Harper Collins, 2003, p. 47.

<sup>62</sup> Bakker, *Jihadi Terrorists in Europe*, p. 53.

<sup>63</sup> Peter Neumann, *Joining Al-Qaeda: Jihadist Recruitment in Europe*, London, The International Institute for Strategic Studies, 2008.

<sup>64</sup> *Id.*, pp. 37-38.

às segundas gerações de imigrantes. Estas crises produzem “aberturas cognitivas”, tornando os indivíduos mais recetivos a novas ideias e crenças não partilhadas anteriormente.<sup>65</sup> Neumann destaca também como a Internet tem desempenhado um papel importante no apoio ao recrutamento e ao fomentar novas formas de militância, descritas como auto-recrutamento.<sup>66</sup>

Michael Taarnby também examina os contornos do recrutamento jihadista na Europa, concluindo que, existindo exemplos de recrutamento por parte de *entrepreneurs* com contactos com organizações terroristas, a tendência mais observável é o processo inverso: indivíduos que já desenvolveram crenças radicais e estão desejosos de passar da retórica à prática mobilizam-se, muitas vezes em grupo, e procuram uma associação formal a estruturas e organizações terroristas.<sup>67</sup> O autor salienta que após a invasão do Afeganistão, o recrutamento para a *jihad* adquiriu uma natureza mais independente, através de uma rede de células mais ou menos autónomas.<sup>68</sup> Tal como Neumann, Taarnby refere a importância das organizações islamistas que, defendendo ideias radicais sem um apelo direto à violência, procuram criar uma atmosfera islâmica ideal, conduzindo ao isolamento dos indivíduos. Taarnby salienta que o facto de muitos jihadistas terem mantido contactos com grupos como o *Tabligh Jamaat* ou o *al-Muhajiroun* pode ter facilitado a transição para grupos militantes violentos.<sup>69</sup>

Wiktorowicz explorou questões como a violência, as alianças e o enquadramento da ação coletiva, tentando compreender as estratégias de radicalização e recrutamento das redes islamistas.<sup>70</sup> No seu trabalho etnográfico sobre o *al-Muhajiroun*, utilizando como enquadramento a teoria dos movimentos sociais e a teoria da mobilização de recursos, este autor demonstra que a racionalidade do radicalismo não se encontra apenas a nível do grupo, mas que a decisão individual de aderir a um movimento ativista de alto-risco também resulta de uma escolha racional.<sup>71</sup> A aplicação da teoria dos movimentos sociais ao estudo do Jihadismo, dos padrões de mobilização e do processo de recrutamento nasceu da necessidade de estabelecer uma ligação entre várias teorias e metodologias, de modo a traduzir mais eficazmente as dinâmicas fluídas e complexas que afetam o fenómeno. Os teóricos dos movimentos sociais defendem que os mecanismos principais

---

<sup>65</sup> *Id.*, pp. 43-44.

<sup>66</sup> *Id.*, pp. 54-57.

<sup>67</sup> Michael Taarnby, *Recruitment of Islamist Terrorists in Europe: Trends and Perspectives*, Research Report funded by the Danish Ministry of Justice, Aarhus, January 2005, pp. 21-23.

<sup>68</sup> *Id.*, pp. 50-51.

<sup>69</sup> *Id.*, pp. 47-48.

<sup>70</sup> Quintan Wiktorowicz (ed.), *Islamic Activism: A Social Movement Theory Approach*, Bloomington, Indiana University Press, 2004.

<sup>71</sup> Quintan Wiktorowicz, *Radical Islam Rising: Muslim Extremism in the West*, Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, 2005.

para compreender as circunstâncias que podem conduzir à mobilização e ao protesto violento são as estruturas de mobilização, as oportunidades políticas e o processo de enquadramento/quadros de ação coletiva, bem como os ciclos de protesto e repertórios de contenção. Porém, a questão ideológica não é considerada fundamental na análise do ativismo islamista. Ao ignorar o possível papel do Islão como fonte de identidade e do Islamismo como fundamento para a ação coletiva, esta teoria dá ênfase ao processo em si, nomeadamente à organização do conflito, à coletivização dos agravos individuais, ao modo como as ideias são enquadradas e às estratégias que respondem a mudanças das estruturas de oportunidade.<sup>72</sup>

Guido Steinberg tenta situar a formação e radicalização de redes jihadistas na Alemanha no âmbito dos desenvolvimentos do Jihadismo internacional.<sup>73</sup> Analisando as células e redes locais e as ligações destas a grupos no Afeganistão e Paquistão, Steinberg conclui que: os jihadistas independentes coexistem com estruturas jihadistas com uma liderança definida; após 2001, pequenos criminosos, antigos toxicodependentes e membros da comunidade turca substituíram os estudantes árabes que formavam o movimento jihadista alemão inicial; os jihadistas tomaram a decisão estratégica de atacar a Alemanha; o panorama jihadista alemão apresenta-se mais maduro e consistente como denota o estabelecimento do grupo *German Taliban Mujahideen* e o crescimento do Salafismo.<sup>74</sup> A nível europeu, Steinberg constata o alargamento da base social do Jihadismo, reconhecendo a divisão entre uma primeira e uma segunda geração de jihadistas e o desenvolvimento de formas de organização híbridas a partir de 2005.<sup>75</sup> O autor defende, que a partir de 2011, a al-Qaeda começou a promover ataques individuais ou em pequena escala, reconhecendo o fracasso em realizar grandes ataques e esperando ganhar novo vigor.<sup>76</sup> Para Steinberg, as guerras no Afeganistão e Iraque foram um poderoso instrumento de propaganda para aquela organização, na medida em que alimenta a ideia de guerra ao Islão e reforçam a atratividade do “pensamento internacionalista clássico”, o qual estabelece como legítima a luta pela recuperação de territórios muçulmanos ocupados por países não muçulmanos.<sup>77</sup> Contudo, publicada em 2013, a obra de Steinberg não consegue ainda identificar algumas transformações em

---

<sup>72</sup> *Id.*, p. 14.

<sup>73</sup> Guido W. Steinberg, *German Jihad: On the Internationalization of Islamist Terrorism*, New York, Columbia University Press, 2013.

<sup>74</sup> *Id.*, pp. 232-240.

<sup>75</sup> *Id.*, pp. 247-248.

<sup>76</sup> *Id.*, p. 249.

<sup>77</sup> *Id.*, p. 248

curso tanto no panorama europeu, como no seio do Jihadismo global em resultado do conflito sírio.

Podemos, ainda, destacar alguns dos estudos ou relatórios sobre Jihadismo na Europa elaborados por agências governamentais. Destacam-se os vários estudos elaborados pelo *Dutch General Intelligence and Security Service* (Serviços de Informação e Segurança da Holanda) sobre o Jihadismo na Holanda, as consequências desta ideologia para a sociedade e a transformação do fenómeno ao longo dos anos; e o relatório sobre os atentados de Londres, em 2005.<sup>78</sup> Estes relatórios demonstram como esta questão entrou definitivamente na agenda política europeia, revelando, sobretudo, uma preocupação em identificar os elementos relacionados com os processos de socialização e radicalização de jovens muçulmanos europeus e as dinâmicas de recrutamento para as redes jihadistas. Ao tentarem responder a questões tais como, 1) quem é suscetível de ser radicalizado, 2) como e porquê alguns indivíduos aderem a redes jihadistas e 3) como se formam estas redes, estes trabalhos refletem as inquietações centrais das autoridades europeias, especialmente o desafio colocado pela radicalização e terrorismo doméstico.

Devemos salientar que a questão da radicalização é recente e, de acordo com Neumann, no início da década de 2000 dificilmente se encontravam referências a este tema na literatura académica sobre terrorismo e violência política. Nessa altura, o conceito ainda não estava suficientemente desenvolvido enquanto instrumento conceptual, de modo a contribuir para a compreensão do processo que levava os indivíduos a apoiarem o extremismo violento.<sup>79</sup>

No final da primeira década do século XXI, alguns autores defendem que a ameaça do Jihadismo global era menos severa. Porém, esta apresentava-se mais diversa, atendendo ao perfil social, étnico, económico e educacional variado dos jihadistas, e ao facto da al-Qaeda ter estendido a sua influência a outros grupos no Sul da Ásia, no Iémen, no Norte de África e na Somália.<sup>80</sup> Nos países ocidentais, os jihadistas revelavam-se incapazes de causar danos e vítimas elevadas através de atentados em larga escala, sendo que alguns apontam esta fraqueza operacional como indício de uma ideologia moribunda.

---

<sup>78</sup> General Intelligence and Security Services (AIDV), *The Radical Dawā in Transition. The Rise of Islamic Neoradicalism in the Netherlands*, Ministry of the Interior and Kingdom Relations, The Hague, 2007; General Intelligence and Security Services (AIDV), *Violent Jihad in the Netherlands. Current Trends in the Islamist Terrorist Threat*, Ministry of the Interior and Kingdom Relations, The Hague, 2006; General Intelligence and Security Services (AIDV), *From Dawā to Jihad*, Ministry of the Interior and Kingdom Relations, The Hague, 2004; Government of the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland, *Report into the London Terrorist Attacks on 7 July 2005*, Intelligence and Security Committee, London, May 2006.

<sup>79</sup> Peter R. Neumann, "Introduction", in *Perspectives on Radicalisation and Political Violence: Papers from the First International Conference on Radicalisation and Political Violence*, London, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, 17-18 January 2008, p.3.

<sup>80</sup> Peter Bergen, Bruce Hoffman and Katherine Tiedemann, "Assessing the Jihadist Terrorist Threat to America and American Interests", *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 34, n.º 2, 2011, pp. 65-101.

Esta incapacidade também era atribuída ao sucesso das políticas de contraterrorismo, à pressão das autoridades e ao diminuir da intensidade de fatores tidos como potencialmente radicalizadores, como o conflito iraquiano.<sup>81</sup>

Nesta altura começam a surgir vários trabalhos sobre terrorismo individual, o qual não sendo um fenómeno novo, revela-se uma estratégia cada vez mais utilizada pelos jihadistas na Europa como forma de adaptação tática ao novo ambiente securitário. Tentando responder ao aumento do recurso a esta forma de terrorismo, vários autores debatem as características pessoais dos perpetradores, nomeadamente experiência militar, vida social ou eventuais problemas psicológicos, não obstante a existência de obstáculos empíricos à obtenção de dados sobre este fenómeno.<sup>82</sup> De um modo geral, estes trabalhos são consensuais no que se refere à não existência de um perfil padrão do terrorista solitário, embora muitos revelem sinais de isolamento e doenças do foro mental. Autores como Spaaij realçam que as patologias psicológicas e a inadaptação social são relativamente comuns entre este tipo de atores,<sup>83</sup> enquanto Nesser defende que frustrações pessoais são importantes para a radicalização ideológica.<sup>84</sup> Outros destacam o papel das novas tecnologias de comunicação e informação, em especial da Internet e plataformas de comunicação em rede, na divulgação quer de material ideológico que apele e justifique ataques terroristas, quer de linhas orientadores sobre como conduzir tais ataques.<sup>85</sup> No que se refere a este último ponto, ao analisarem o papel desempenhado pela Internet como eventual campo de treino e fornecedor de instruções para o fabrico de meios de ataque, alguns autores destacam que o material tático sobre estas questões é sobretudo da autoria de simpatizantes auto radicalizados,<sup>86</sup> o que pode contribuir para a fraca qualidade das informações difundidas e para os limites da Internet como fonte de conhecimentos operacionais.<sup>87</sup> Porém, não é óbvio como a utilização que os jihadistas solitários fazem dos novos meios de comunicação e informação difere do modo como as células e redes terroristas recorrem àqueles.

---

<sup>81</sup> Sebastian Gorka, "The Surge that Could Defeat al Qaeda", *Foreign Policy*, 10 August 2009, [http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/08/10/the\\_one\\_surge\\_that\\_could\\_defeat\\_al\\_qaeda](http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/08/10/the_one_surge_that_could_defeat_al_qaeda) (data de último acesso: 13 de maio de 2013).

<sup>82</sup> Petter Nesser, "Single Actor Terrorism: Scope, Characteristics and Explanations", *Perspectives on Terrorism*, vol. 6, n.º 6, December 2012, pp. 61-73.

<sup>83</sup> Ramón Spaaij, "The Enigma of Lone Wolf Terrorism: An Assessment", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 33, n.º 9, September de 2010, pp. 854-870.

<sup>84</sup> Nesser, "Single Actor Terrorism: Scope, Characteristics and Explanations", p. 67.

<sup>85</sup> Gabriel Weimann, 'Lone Wolves in Cyberspace', *Journal of Terrorism Research*, vol. 3, n.º 2, 2012.

<sup>86</sup> Anne Stenersen, "The Internet: A Virtual Training Camp?", *Terrorism and Political Violence*, vol. 20, n.º 2, 2008.

<sup>87</sup> Michael Kenney, "Beyond the Internet: Médis, Techne, and the Limitations of Online Artifacts for Islamists Terrorists", *Terrorism and Political Violence*, vol. 22, n.º 2, 2010.

Num importante estudo da autoria de Gill, Horgan e Deckert sobre as motivações ideológicas e o comportamento de terroristas solitários, tendo por base numa amostra de 119 atores, aqueles constataram não existir um perfil uniforme dos terroristas solitários no que se refere à vida familiar, estado civil, educação ou emprego.<sup>88</sup> Estes autores concluíram que, no período conducente à maioria dos eventos de terrorismo solitário, outras pessoas tinham conhecimento das queixas, ideologia extremista, visões e intenções do perpetrador de conduzir atos violentos e que, por norma, um conjunto variado de atividades precedia as conspirações dos atores solitários.<sup>89</sup> Assim, aqueles concluíram que apesar de muitos destes terroristas se isolarem socialmente (52,9%), outros envolviam-se regularmente num conjunto de atividades junto de um movimento social, organização ou grupo de pressão (33,6%), enquanto outros estiveram expostos a um novo movimento social ou meios de comunicação ligados a organizações terroristas (31,9%); e, muito raramente, os atentados que perpetravam eram resultado de impulsos repentinos.<sup>90</sup> Uma conclusão deste estudo que parece contrariar as observações de Spaaij é que apenas 31,9% dos indivíduos que compunham a amostra analisada tinham um historial de distúrbios mentais ou transtornos de personalidade.<sup>91</sup> Ao compararem os atores solitários distinguindo entre o grupo ideológico a que pertencem, os autores revelam que os jihadistas tendem a ser dez anos mais jovens do que os atores solitários de outras tendências, tendem a ser estudantes ou licenciados, têm menor probabilidade de ter registo criminal (41,2% da amostra total contra 26,9% dos jihadistas solitários) ou passagens pela prisão (19,2% dos jihadistas), e apresentam uma maior predisposição para procurar legitimação para os seus atos junto de líderes religiosos ou políticos.<sup>92</sup> Outras conclusões relevantes é a maior probabilidade destes indivíduos adquirirem conhecimentos através de fontes virtuais, de se encontrarem afastados do lar aquando da adoção de ideias extremistas e de exibirem algum tipo de ligação a estruturas de comando e controlo, por exemplo, através da procura de auxílio para adquirir meios logísticos.<sup>93</sup> Para os autores deste estudo, as conclusões alcançadas sugerem a importância de se analisar o comportamento dos conspiradores e terroristas solitários antes destes enveredarem por atos violentos em detrimento da identificação e interpretação das suas características sociodemográficas.

---

<sup>88</sup> Paul Gill, John Horgan, Paige Deckert, "Bombing Alone: Tracing the Motivations and Antecedents Behaviors of Lone-Actor Terrorists", *Journal of Forensics Sciences*, vol. 59, n.º 2, March 2014, pp. 425-435.

<sup>89</sup> *Id.*, p. 430.

<sup>90</sup> *Ibid.*

<sup>91</sup> *Id.*, p. 428.

<sup>92</sup> *Id.*, p. 431.

<sup>93</sup> *Ibid.*

Alguns trabalhos mais recentes tendem a destacar as possíveis consequências para a Europa da volátil situação na Síria. A partir de 2013 começam a surgir estudos sobre os combatentes estrangeiros em conflitos externos. Embora esta tendência também se tenha verificado durante o conflito iraquiano, observou-se o aumento do interesse em torno desta questão, devido ao elevado número de indivíduos oriundos da Europa que se deslocaram a fim de participar na guerra civil naquele país.<sup>94</sup> Estes trabalhos não se centram tanto nas motivações que levam estes indivíduos a participarem em conflitos fora do seu país de origem ou de residência, mas sobretudo na ameaça potencial que o regresso destes poderá representar para os seus países e no modo mais adequado para lidar com o fenómeno.<sup>95</sup>

Antes do fenómeno dos combatentes estrangeiros na Síria ter assumido proporções alarmantes, Hegghammer defendeu, num artigo de 2013 que se tornou uma referência para a discussão desta questão, que os jihadistas ocidentais preferem desenvolver o seu ativismo em palcos externos do que atacar diretamente no interior dos seus países de origem.<sup>96</sup> O autor oferece três explicações para esta preferência: a oportunidade, ou seja, os militantes deslocam-se para onde existem menos restrições ao ativismo; o desejo de treinar a fim de aumentar a sua eficácia operacional antes de enveredar pela violência a nível doméstico; e questões normativas que tornam ilegítimo o recurso à violência no Ocidente, mas justificam a luta contra os inimigos do Islão no seio do mundo muçulmano.<sup>97</sup> Apesar da atividade de combatente estrangeiro ser mais popular do que a *jihad* no Ocidente, aquela tornou-se menos popular ao longo da década de 2000 comparativamente às duas décadas anteriores, salienta o autor.<sup>98</sup> Adicionalmente,

---

<sup>94</sup> Richard Barrett, *Foreign Fighters in Syria*, The Soufan Group, New York, June 2014; Rachel Briggs and Ross Frenett, *Foreign Fighters, The Challenge of Counter-Narratives*, London, Institute for Strategic Dialogue, 2014; Aaron Y. Zelin, *European Foreign Fighters in Syria*, ICSR Insight, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, April 2013, <http://icsr.info/2013/04/icsr-insight-european-foreign-fighters-in-syria-2/> (data de último acesso: 23 abril de 2013).

<sup>95</sup> Peter Neumann, Joseph A. Carter, Shiraz Maher, *#Greenbirds: Measuring Importance and Influence in Syrian Foreign Fighter Networks*, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, 2014; Thomas Hegghammer, "Syria's Foreign Fighters", *Foreign Policy*, 10 December 2013, [http://mideastafrica.foreignpolicy.com/posts/2013/12/09/syrias\\_foreign\\_fighters#sthash.3AIKaZjZ.dpbs](http://mideastafrica.foreignpolicy.com/posts/2013/12/09/syrias_foreign_fighters#sthash.3AIKaZjZ.dpbs) (data de último acesso: 12 de dezembro de 2013); Edwin Bakker, Christophe Paulussen and Eva Entenmann, *Dealing with European Foreign Fighters in Syria: Governance Challenges & Legal Implications*, ICCT Research Paper, The Hague, The International Centre for Counter-Terrorism, December 2013; Aaron Y. Zelin, *Foreign Fighters in Syria: Tracking Recruitment Networks*, Policy Analysis, Washington D.C., The Washington Institute, 19 December 2013 (data de último acesso: 12 de agosto de 2014).

<sup>96</sup> O autor reconhece, contudo, que a falta de dados biográficos pode impedir o conhecimento das motivações concretas dos indivíduos que viajam. (Thomas Hegghammer, "Should I Stay or Should I go? Explaining Variation in Western Jihadists' Choice between Domestic and Foreign Fighting", *American Political Science Review*, vol. 107, n.º 1, February 2013, p. 6.) Sageman concorda com a tese que o aspirante a *mujahid* prefere tornar-se combatente estrangeiro num palco da *jihad* para lutar e defender a comunidade. (Marc Sageman "The Turn to Political Violence in the West", in Coolsaet, *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*, p. 123.)

<sup>97</sup> Hegghammer, "Should I Stay or Should I Go?", pp. 6-9.

<sup>98</sup> *Id.*, pp. 5-6. Esta afirmação não surpreende: entre 1980 e 1992 ter-se-ão mobilizado entre 4,000 e 20,000 combatentes estrangeiros só para o conflito afgão; os conflitos da primeira década do novo século contaram com menos recursos e menos estruturas de mobilização de voluntários. Thomas Hegghammer, "The Rise of Muslim Foreign Fighters. Islam and the Globalization of Jihad", *International Security*, vol. 35, n.º 3, Winter 2010/11, p. 61.

as medidas securitárias implementadas após 2001 restringiram as oportunidades para as deslocções para participar em conflitos externos.

Hegghammer reconhece, ainda, que a obstrução à deslocção de alguns indivíduos para palcos externos pode levá-los a optar por ações domésticas, embora o autor não atribua um peso significativo a este fator explicativo da variação das escolhas dos alvos.<sup>99</sup> Esta afirmação deixa implícita a ideia que aqueles que querem atacar os seus países escolhem ficar na Europa, enquanto os que não estão preparados para seguir uma estratégia antiocidental procuram zonas de conflito onde possam desempenhar um papel. Porém, Hegghammer admite que, “embora a maioria dos combatentes não se desloque com o objetivo de regressar para atacar a nível doméstico, alguns adquirem esta motivação durante o processo [...], quando estão rodeados exclusivamente por militantes”, os quais veiculam normas que defendem a legitimidade em atacar o Ocidente.<sup>100</sup> De acordo com os seus dados, “um em nove combatentes estrangeiros regressou a fim de perpetrar ataques”, o que faz da “experiência de combatente estrangeiro um dos indicadores mais fortes do envolvimento individual em operações domésticas”.<sup>101</sup> O autor assume, contudo, que este número possa ser menor já que não é possível conhecer com exatidão o número de combatentes estrangeiros existentes nos vários conflitos que analisou. Outras conclusões importantes deste estudo são que os indivíduos que permanecem nos países ocidentais com frequência são radicalizados por veteranos de conflitos externos ou por viagens que fazem ao exterior, e que a presença de um veterano aumenta a probabilidade de execução da conspiração e duplica a probabilidade daquela se revelar letal, uma tese corroborada por Nesser e Stenersen.<sup>102</sup>

O corpo literário existente sobre esta questão tem aumentado, sendo orientado sobretudo para a formulação de políticas de contenção da ameaça. Devido à contemporaneidade do fenómeno, estas obras revelam ainda uma natureza fragmentada, notando-se a ausência de um trabalho global sobre os combatentes estrangeiros na Síria e no Iraque, suas características, processos de radicalização, motivações, funções no palco de conflito, trajetórias após o regresso, rotas para a Síria e redes de recrutamento e mobilização. De igual modo, ainda não é possível encontrar análises comparativas sobre a relação entre, por um lado, a atividade de combatente estrangeiro e o terrorismo

---

<sup>99</sup> Hegghammer, “Should I Stay or Should I Go?”, pp. 6-9.

<sup>100</sup> *Id.*, pp. 10-11.

<sup>101</sup> *Id.*, p. 10.

<sup>102</sup> *Id.*, p. 11. O autor acautela, contudo, que apesar dos antigos combatentes se revelarem mais eficientes a nível operacional, a maioria dos recrutas recebe treino paramilitar básico e apenas alguns aprendem a fazer bombas e adquirem instrução militar mais avançada. Ver, também, Petter Nesser and Anne Stenersen, “The Modus Operandi of Jihadi Terrorists in Europe”, *Perspectives on Terrorism*, vol.8, n.º 6, December 2014, pp. 11-12.



individual no Ocidente e, por outro lado, a atividade de combatente estrangeiro e a difusão de redes terroristas em solo europeu.

Em conclusão, a análise do Jihadismo global na Europa é feita com recurso a diversas abordagens, destacando-se as explicações estruturais, a perspetiva da psicologia e da sociopsicologia, a teoria instrumental ou estratégica, a análise das redes sociais e a teoria dos movimentos sociais. Uma parte importante da literatura sobre este fenómeno produzida ao longo da última década aborda a questão da radicalização, destacando em especial a sua dimensão doméstica. Muitos destes estudos tentam construir modelos explicativos deste processo e são orientados não só para a sua compreensão, mas também para a formulação de políticas de contra-radicalização. Mais recentemente, pressionados pelos eventos da atualidade, vários autores começaram a focar a sua atenção no ativismo externo e no impacto deste na radicalização e no terrorismo no interior da Europa.

#### 1.4. Notas metodológicas e fontes

As questões metodológicas relacionadas com a investigação académica da violência política levantam um conjunto de desafios e motivam várias acusações aos estudiosos da área.<sup>103</sup> Versando sobre uma questão contemporânea e em constante mutação, um dos desafios colocados ao estudo do Islamismo jihadista relaciona-se com a dificuldade em aceder a um corpo bibliográfico primário considerável em fonte aberta. O reduzido número de indivíduos na Europa ocidental que se radicalizam e se envolvem nestas atividades, não obstante o impacto político e social das suas ações, constitui outro dos desafios à realização de estudos empíricos e à construção de modelos teóricos sobre o fenómeno. Embora as entrevistas a elementos jihadistas se revelem importantes como metodologia de investigação, sobretudo se pretendermos efetuar análises focadas na

---

<sup>103</sup> A linha entre os eventos que se enquadram na categoria de violência política e terrorismo e os episódios de violência sem motivações políticas é imprecisa. Apesar dos esforços empreendidos por académicos, governos e organizações internacionais (como a ONU) nunca se chegou a um consenso para a formulação de uma definição de terrorismo. De acordo com Schmid tal dificuldade fica a dever-se a quatro razões: as noções políticas, legais, sociais e populares de terrorismo divergem; a questão da definição está ligada à legitimação, de-legitimação e criminalização de certos grupos; existem várias formas e manifestações de terrorismo; o termo sofreu alterações de significado ao longo dos últimos 200 anos. (Alex Schmid (ed.), *The Routledge Handbook of Terrorism Research*, New York, Routledge, 2011.) Assim, existem numerosos obstáculos empíricos e limites metodológicos à investigação destas questões: ausência de uma definição universalmente aceite; o comportamento clandestino e o secretismo que envolve atos e organizações terroristas; a incapacidade para construir uma teoria geral, assente num conjunto de dados e num período temporal mais alargado; generalizações baseadas em evidências fornecidas por episódios singulares; o foco em nichos de investigação, sendo que outros tópicos são deficientemente investigados; a não partilha de informações entre o mundo académico e a *intelligence*; a relativa escassez e a dificuldade em conseguir acesso a documentos primários em fonte aberta; dados empíricos nem sempre fiáveis ou passíveis de serem testáveis no que se refere a padrões e causas do terrorismo; as respostas emocionais ao terrorismo; e investigação orientada pela natureza dos eventos. (Brynjar Lia and Katja Skjølberg, *Why Terrorism Occurs – A Survey of Theories and Hypotheses on the Causes of Terrorism*, FFI Rapport, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2000; Brynjar Lia and Katja Skjølberg, *Causes of Terrorism: An Expanded and Updated Review of the Literature*, FFI Rapport, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2004; Martha Crenshaw, “The Psychology of Terrorism: An Agenda for the 21st Century”, *Political Psychology*, vol. 21, n.º 2, June 2000, p. 405)

mobilização individual, estas raramente são possíveis. O acesso direto e pessoal a estes é dificultado ora pela sua vivência na clandestinidade, ora pela sua recusa em revelar questões que os coloquem na mira das autoridades. A realização de trabalho etnográfico, como o recurso à observação participante junto de redes jihadistas, também coloca questões éticas e securitárias importantes. Outro limite que encontramos a nível metodológico é o facto destes temas estarem abrangidos pelo “segredo de Estado” e por leis que obrigam ao sigilo, o que obriga as agências de segurança à retenção de dados e informações que poderiam ter utilidade analítica.

Se o dever de sigilo por parte das autoridades nos obrigam a recorrer a fontes em acesso aberto por razões legais e éticas, a utilização intensa, por parte dos jihadistas, a título individual ou em grupo, da Internet e das novas plataformas de comunicação em rede permite-nos ultrapassar muitas daquelas dificuldades na recolha dos dados. O recurso a estes meios de comunicação e informação quer para comunicar em tempo real com uma audiência mundial, quer como plataforma de distribuição de declarações, discursos e textos ideológicos e de propaganda, facilita-nos o acesso não só a textos primários, como aos próprios jihadistas. Cada vez mais, estes mantêm páginas pessoais naquelas plataformas sociais, onde partilham pensamentos, vivências e imagens, o que permite tirar algumas conclusões sobre aquilo que os move.

Para responder à(s) pergunta(s) colocadas, neste estudo privilegiamos uma análise de cariz qualitativo, baseado na pesquisa bibliográfica e em bases de dados em fontes de acesso aberto, a partir de onde recolhemos dados sobre a evolução do fenómeno e as conspirações e eventos jihadistas na Europa, tendo posteriormente procedido à análise e comparação do conjunto de informações obtidas; na análise documental e de conteúdo de textos primários produzidos por islamistas e jihadistas; a um estudo de caso; e à realização de entrevistas semidirigidas, as quais permitem maior flexibilidade na discussão dos temas.

O primeiro passo nesta investigação foi efetuar uma pesquisa bibliográfica recorrendo a fontes primárias e secundárias, tendo em vista a recolha de dados sobre Islamismo radical e Jihadismo global. Para tal, utilizamos artigos e ensaios académicos, estudos baseados em trabalhos etnográficos, livros e obras editadas, relatórios de segurança e outros materiais publicados por agências governamentais, documentos de

agências internacionais e de instituições independentes.<sup>104</sup> Este método é apropriado para a análise do fenómeno numa perspetiva histórica e para a comparação de diferentes contextos europeus. Através destas análises documentais também conseguimos recolher evidências empíricas relacionadas conspirações jihadistas em solo europeu.

A análise do conteúdo da produção textual e discursiva dos islamistas e dos jihadistas revelou-se um método especialmente adequado ao estudo de uma ideologia e de um sistema de pensamento. Este permitiu-nos estabelecer uma relação entre as suas ideias, o contexto político-social e cultural em que estas são produzidas, e o impacto que produzem, em especial junto daqueles a quem se destinam. Muitos destes textos foram originalmente redigidas em línguas europeias, as quais são cada vez mais utilizadas pelos jihadistas; outras são traduções a partir da língua árabe. Uma das consequências da crescente difusão destes materiais através dos novos meios de comunicação foi a sua diversificação. Por exemplo, nos últimos seis anos assistimos à proliferação de revistas jihadistas, especialmente destinadas a audiências ocidentais,<sup>105</sup> assim como à crescente produção de vídeos e ficheiros áudio, aos quais também recorreremos, quando necessário.

Também conduzimos entrevistas semidirigidas a alguns especialistas e académicos que trabalham nesta área no Reino Unido, Bélgica e Noruega, os quais se revelaram excelentes fontes de informação tendo em conta o seu profundo conhecimento teórico e trabalho empírico realizado. Tivemos, ainda, a oportunidade de contactar antigos membros de grupos radicais, mas estas foram em número muito reduzido, o que nos impede de atribuir um peso significativo aos relatos ouvidos sobre os respetivos processos de radicalização pessoal e experiências no seio do grupo. Ainda assim, este contacto direto com pessoas que estiveram envolvidas naquele meio foi importante, pois deu-nos a possibilidade de avaliar as reações e observar a postura daqueles quando confrontados com determinadas questões. Beneficiamos, ainda, de entrevistas e conversas informais com alguns elementos de comunidades muçulmanas na Europa, nomeadamente em Portugal. Os intervenientes nestas conversas, algumas conseguidas através de relações de amizade, não serão nomeados, ora porque o objetivo original foi a realização de outros trabalhos por parte desta autora, ora porque assim nos foi expressamente pedido. Estas interações merecem ser referidas, porque foram importantes para adquirirmos uma

---

<sup>104</sup> Uma parte desta pesquisa bibliográfica foi realizada nas instalações da Science Po, em Paris; da London School of Economics and Political Science, da School of Oriental and African Studies e do King's College, em Londres; do Istituto Affari Internazionali e do Pontificio Istituto di Studi Arabi e d'Islamistica, em Roma; e da Columbia University, em Nova Iorque.

<sup>105</sup> Por exemplo, a *Inspire*, produzida pela al-Qaeda na Península Arábica; a *Azan*, da responsabilidade dos Talibãs; a *Gaidi Mtaani*, da al-Shabaab; a *Resurgence*, criada pelo ramo da al-Qaeda no Subcontinente Asiático; e a *Dabiq*, publicada pela organização Estado Islâmico.

perspetiva interna e para ganhar sensibilidade para lidar com algumas questões, desenvolvendo a nossa compreensão do que é ser Muçulmano europeu num contexto de “guerra ao terror”, as suas vivências, visões das sociedades onde vivem, preocupações e ansiedades, e como apresentam e compreendem o tema abordado nesta tese.<sup>106</sup>

Devemos, ainda, acrescentar que a autora beneficiou da experiência de dezoito meses de vivência e interação diária, em meados da década passada, com a comunidade muçulmana residente na capital belga. Esta experiência foi benéfica e contribuiu para este trabalho, na medida em que nos deu a possibilidade de observar diferentes comportamentos, rotinas e constatar os problemas que afetam esta comunidade e, em especial, as suas camadas mais jovens e que são passíveis de se traduzir na alienação destas elementos. A referência a esta experiência tem dois objetivos. Por um lado, visa eliminar possíveis críticas – muito comuns aos investigadores que se dedicam a esta área de estudo – relacionadas com a falta de experiência e de conhecimento obtido de modo direto através do contacto com a realidade estudada. Portanto, quando no sexto capítulo fazemos uma breve caracterização das comunidades muçulmanas e referimos as condições em que vivem e as tensões que as afetam, não nos baseamos apenas em dados recolhidos na literatura sobre aquelas, mas também numa realidade com a qual contactamos e que conhecemos. Por outro lado, esta experiência num dos bairros de Bruxelas com maior densidade populacional de Muçulmanos contribuiu para desenvolver a nossa compreensão do processo que, anos mais tarde, viria a conduzir alguns jovens muçulmanos belgas à Síria, assim como as narrativas de muitos familiares que foram surpreendidos pela deriva radical dos seus parentes.

Para analisar a evolução do Jihadismo global na Europa, entre 1998 e julho de 2015,<sup>107</sup> elaboramos uma tabela onde registamos as conspirações jihadistas neste território, a qual será um dos principais instrumentos de análise da situação europeia.

Iremos também utilizar um estudo de caso, um método indicado para descrever e explicar fenómenos sociopolíticos complexos, com o objetivo de compreender como

---

<sup>106</sup> Estes contactos foram importantes por outras razões. Por exemplo, foi no decurso de uma destas conversas com um Muçulmano de origem marroquina residente na Bélgica, que este chamou a nossa atenção para a questão da tradução do Alcorão e da importância em saber quem são as pessoas responsáveis por traduzir aquela obra do Árabe para as várias línguas europeias. De acordo com este, não raras vezes as traduções refletem as agendas dos tradutores e das entidades que as patrocinam, pois nem sempre as palavras árabes são traduzidas com exatidão para as línguas ocidentais.

<sup>107</sup> Esta tese foi originalmente submetida em outubro de 2015, o que explica este limite temporal. Como as alterações que nos foram pedidas oito meses após aquela data não estavam relacionadas com o conteúdo da tese, nem implicavam uma atualização dos acontecimentos e dos dados utilizados, mantivemos a base de dados original, sem incluir as conspirações e os ataques terroristas que ocorreram posteriormente, nomeadamente o ataque (sem sucesso) ao comboio Thalys que ligava Amsterdão e Paris, a 21 de agosto de 2015; em Paris, a 13 de novembro de 2015; em Bruxelas, a 22 de março de 2016; em Magnanville, a 13 de junho de 2016; em Nice, a 14 de julho de 2016; e em Würzburg a 18 de julho de 2016; em Charleroi, a 6 de agosto de 2016. Aqueles acontecimentos não teriam influência nas conclusões alcançadas, nem no que tínhamos previamente escrito.

funcionam as estruturas salafistas de tendência radical na Europa e explorar o papel desempenhado por aquelas na mais recente mobilização de combatentes estrangeiros para o conflito sírio. Embora este método não nos permita fazer generalizações a todo o universo salafista jihadista europeu, oferece a possibilidade de alargar o conhecimento sobre este tipo de estruturas, as quais funcionam e atuam de modo semelhante, mantendo uma rede de relações entre si.

#### 1.4.1. Delineamento da investigação e apresentação dos dados empíricos

Para fundamentar a nossa análise sobre o Jihadismo europeu desenvolvemos uma base de dados, onde incluímos as principais conspirações relacionados com Jihadismo global na Europa, no período em análise.<sup>108</sup> Esta, obviamente, não pretende ser uma lista exaustiva de todos os eventos jihadistas em solo europeu, uma tarefa praticamente impossível por questões metodológicas e temporais, reunindo apenas as informações divulgadas pelas autoridades relativamente aos eventos mais sérios, as quais são sempre parciais.<sup>109</sup> Para a inclusão de incidentes desenvolvemos determinados parâmetros. Os dados relativos aos eventos jihadistas que recolhemos incluem atentados realizados, ataques falhados, ataques interrompidos pelas autoridades e conspirações planeadas que nunca chegaram a uma fase demasiado avançada de preparação, mas cujos indicadores existentes sobre aquelas revelam uma intenção séria e real em atacar determinados alvos. Muitos dos indivíduos envolvidos foram detidos, julgados e alguns já se encontram em liberdade após cumprirem a pena, ou parte desta, que lhes foi aplicada; outros ainda se encontram a aguardar julgamento; e outros, após um período de detenção, foram libertados por falta de provas ou technicalidades relacionados com o sistema legal do país em questão ou, não raras vezes, foram condenados por posse de armas ou outros crimes, mas não por conspiração para cometer atentado terrorista.

Para analisar a evolução do Jihadismo global na Europa consideramos os seguintes elementos: padrões geográficos, características dos atores, experiência externa

---

<sup>108</sup> A inclusão de eventos ocorridos entre 1994 e 1998 serve de suporte à análise feita no capítulo 6.4.2. sobre a implementação das redes argelinas na Europa e a génese das redes jihadistas neste território.

<sup>109</sup> Note-se que outros autores desenvolveram bases de dados idênticas. Entre estas e a nossa existem algumas discrepâncias no que se refere ao nome dos indivíduos envolvidos, à designação das conspirações, aos eventos incluídos e às variáveis consideradas, as quais dependem do objetivo da investigação. Ver, por exemplo, Nesser, “Chronology of Jihadism in Western Europe 1994-2007”; Javier Jordán, “Analysis of Jihadi Terrorism Incidents in Western Europe, 2001 – 2010”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 35, n.º 5, 2012, pp. 382-404. Assumindo a natureza meramente descritiva do seu trabalho, Jordán analisou um período temporal mais curto, cobrindo apenas os anos entre 2001 e 2010. O autor também considerou alguns eventos que resolvemos não incluir na nossa lista de incidentes, devido à dificuldade em cruzar fontes e verificar a fiabilidade dos dados, assim como algumas variáveis diferentes das nossas. Assim, este autor chega necessariamente a conclusões um pouco diferentes, embora não em contradição com as nossas.

dos atores, eventual papel organizacional ou influência de uma personalidade carismática, alvos e relação existente entre conspirações e ataques bem-sucedidos. Também acrescentamos algumas informações adicionais que podem ser pertinentes para a interpretação dos eventos.

No que se refere à geografia, nem sempre o local onde a conspiração é concebida e o alvo a atingir são coincidentes. Com efeito, várias das conspirações descobertas foram pensadas e planeadas no interior de um país para serem executadas num outro país ou, em alternativa, tinham como alvos interesses ou cidadão de outra nacionalidade. Por exemplo, a Alemanha foi palco do planeamento de algumas conspirações terroristas, o que pode ser interpretado como indicação de que existia alguma facilidade naquele espaço em montar estruturas e células que tinham como objetivo enveredar pelo ativismo violento. Porém, a maioria daquelas não visava alvos alemães, mas alvos americanos e judeus. Só a partir da segunda metade da primeira década do século XXI começaram a surgir ameaças contra o país – as quais partiam, com frequência, de jihadistas alemães que tinham procurado juntar-se a grupos no Paquistão – e a descobrir-se conspirações destinadas a alvos alemães. De igual modo, na Bélgica foram concebidas várias conspirações para atingir outros países, nomeadamente o assassinato de Ahmad Shah Massoud, o comandante da Aliança Norte, a 9 de setembro de 2001, no Afeganistão, por parte de dois Tunisinos membros da al-Qaeda residentes em Bruxelas. Tal permite-nos retirar importantes informações relativas à maior ou menor facilidade em criar células e engendrar conspirações em determinados países, devido à existência de recursos e condições favoráveis que os conspiradores têm dificuldade em encontrar em países com políticas de contra-terrorismo e segurança mais rígidas.

Incluímos pelo menos três incidentes em que as conspirações foram concebidas na Europa por indivíduos que aqui viviam, mas cujos alvos se situavam fora deste continente. Um destes casos é a célula de Hamburgo, responsável pelos ataques de 11 de setembro; outro foi o atentado concretizado em Tel Aviv, em abril de 2003; e o terceiro foi a conspiração de Christian Ganczarski para perpetrar um ataque contra as ilhas Reunião. A situação oposta também se verificou, quando optamos por incluir a conspiração concebida nos EUA, em outubro de 2009, contra alvos na Dinamarca.

Ao elaborarmos este quadro de análise, começamos por identificar os incidentes a nível temporal, espacial e com recurso ao nome pelo qual a rede ou célula é conhecida ou, em alternativa, pelo nome dado pelas autoridades à operação para lidar com a conspiração em questão. A data corresponde ao dia da ocorrência do atentado, no caso

das conspirações bem-sucedidas; ou ao momento em que aquelas foram descobertas e/ou a célula desmantelada, no caso das conspirações que não se realizaram.

A tipologia pretende determinar se o incidente é da autoria de uma rede, de uma célula isolada ou de um ator solitário, tendo como objetivo identificar a evolução das estruturas jihadistas na Europa no que se refere à sua forma e dimensão. Contudo, no caso dos atores que agem sozinhos, esta variável não permite esclarecer se a conspiração resulta da ação de um ator isolado ou se é uma ação de terrorismo individual em nome de um grupo ou organização.

Quando consideramos a experiência externa temos como objetivo determinar se os indivíduos envolvidos em conspirações para cometer atos terroristas na Europa foram combatentes jihadistas em palcos de conflito; ou, em alternativa, se procuraram receber treino paramilitar junto deste tipo de organizações fora da Europa. As duas dinâmicas devem ser distinguidas, pois obedecem a diferentes motivações e podem apresentar consequências diferentes para a Europa. A experiência externa pode aumentar a eficácia tática e operacional daqueles combatentes, caso estes enveredem por ações de terrorismo doméstico. De igual modo, esta experiência pode contribuir para desenvolver capacidades de liderança e aprofundar o extremismo daqueles combatentes, contribuindo para influenciar outros indivíduos na Europa.

Quando identificamos as ligações a organizações / ideólogos jihadistas queremos analisar se o autor ou autores dos eventos estão, ou estiveram numa dada altura das suas vidas, ligados a alguma organização transnacional ou a algum ideólogo ou líder radical, dentro ou fora da Europa. Os objetivos são: determinar se, ou até que ponto, aquelas organizações têm relevância no panorama jihadista europeu; e qual o eventual papel e relevância dos ideólogos islamistas ou das personalidades carismáticas na mobilização para o Jihadismo global. Pretendemos responder a questões como: existe uma relação direta entre conspirações ou ataques perpetrados num país europeu e os objetivos estratégicos de organizações externas? Podemos estabelecer uma ligação entre, por um lado, o apelo a ataques num país por parte de um ideólogo ou líder jihadista e, por outro lado, uma conspiração ou ataque concretizado? Quão importantes são os objetivos estratégicos das organizações e os apelos a ataques no interior da Europa para explicar a distribuição temporal das campanhas terroristas?

Note-se que são estas duas últimas variáveis – experiências externas e ligações a organizações / ideólogos – que permitem lançar alguma luz no que se refere à questão dos atacantes individuais. Por exemplo, se estes estiverem em contacto ou sob alçada de

algum ideólogo ou líder jihadista, apresentarem ligações a alguma organização jihadista ou tiverem recebido treino paramilitar ou combatido num dos palcos típicos da *jihad* aumentam as probabilidades daqueles conduzirem um ato de terrorismo individual e diminuem as possibilidades de se tratar da ação de um ator isolado.

A identificação dos alvos das conspirações jihadistas tem vários objetivos. Por um lado, o alvo pode contribuir para esclarecer a motivação dos atores, atendendo à função comunicativa da violência. Por exemplo, se for um alvo norte-americano ou um símbolo judaico aumentam as probabilidades do ator partilhar da ideologia jihadista proposta pela al-Qaeda. Se o alvo for um indivíduo percecionado como crítico do Islão ou alguém que terá alegadamente insultado o Profeta Maomé, isso oferece-nos algumas indicações relativamente à importância das ofensas religiosas na mobilização para o ativismo jihadista. Se, entretanto, começarem a surgir outro tipo de alvos – por exemplo, xiitas, curdos ou símbolos cristãos –, podemos supor que tal consiste numa tentativa de imitar as ações da organização Estado Islâmico em solo sírio e iraquiano, revelando a crescente influência da organização em solo europeu. Por outro lado, a evolução na escolha dos alvos ao longo dos últimos anos também podem fornecer algumas informações relativas à evolução do *modus operandi* dos jihadistas na Europa. Atentados indiscriminados contra locais públicos ou meios de transportes, os quais visam fazer um número elevado de vítimas entre os civis, exigem o recurso a táticas e métodos diferentes daqueles utilizados em ataques contra alvos discriminados, como os conduzidos contra indivíduos pertencentes a determinadas categorias profissionais, símbolos e elementos pertencentes ao poder e entidades governamentais ou forças da autoridade e de segurança. Regra geral, a violência indiscriminada contra civis, por exemplo através de ataques armados, tende a revelar maior capacidade organizativa, exigindo planeamento, treino e uma logística apropriada.

Por fim, o sucesso da operação permite analisar a relação entre o número e a sofisticação das conspirações e os ataques bem-sucedidos; o grau de sucesso das autoridades em interromper as conspirações; se existe alguma relação, por um lado, entre o tipo de ator, as suas ligações e experiências externas e, por outro lado, o seu nível de eficácia em concretizar as suas ações.

Os dados e evidências empíricas para a construção desta base de dados foram obtidas através de fontes abertas, nomeadamente do *Global Terrorism Database*, a qual é mantida pelo *National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism* (START) e reúne os incidentes terroristas a nível global entre 1970 e 2013.



Outra fonte de enorme utilidade foram os dados e as informações compiladas por autoridades nacionais, europeias e norte-americanas, nomeadamente os relatórios anuais sobre terrorismo da Europol (*Terrorism Situation and Trend Reports*) e do Departamento de Estado dos EUA (*Country Reports on Terrorism*), assim como alguns relatórios que avaliam a evolução da ameaça jihadista elaborados por agências de alguns países europeus, nomeadamente pelo *Dutch General Intelligence and Security Service* e pelo *Bundesverfassungsschutz*, organismo alemão responsável pela proteção da Constituição. Outra fonte importante foram os relatórios elaborados pelas autoridades inglesas aos atentados de Londres, em 2005, e ao atentado de Woolwich, em 2013, assim como alguns dados disponibilizados pela MI5. Também consultamos a sentença relativa ao atentado de Madrid, em 2004. Por fim, recorreremos, ainda, a fontes secundárias como jornais académicos, livros e estudos existentes; agências noticiosas, reportagens e artigos de investigação nos principais jornais europeus e norte-americanos;<sup>110</sup> e blogues especializados, alguns dos quais se têm revelado fornecedores fiáveis de fontes primárias.

## 1.5. Principais conceitos

Este trabalho utiliza vários conceitos contestados, os quais são utilizados de modo diverso por diferentes indivíduos ou grupos, existindo grande dificuldade em obter uma definição única e consensual. Os indivíduos optam por atribuir um determinado significado a um termo em detrimento de outro devido, em parte, à valência normativa associada com estes conceitos, sendo que nenhum estará disposto a abdicar da sua definição.<sup>111</sup> Nesta perspetiva, justiça, liberdade, ideologia, terrorismo e radicalismo, utilizados ao longo das próximas páginas, podem classificar-se como conceitos contestados, atendendo à diversidade de modos como são aplicados e às dificuldades em

---

<sup>110</sup> O recurso a fontes jornalísticas é controverso, dada a propensão dos meios de comunicação para a incorreta interpretação dos factos. Porém, este é um instrumento importante para a investigação de episódios terroristas, pois os jornalistas são os primeiros a ter acesso e a divulgar os acontecimentos. Assim, em alguns casos, tivemos o nosso primeiro contacto com os eventos através daquelas fontes. Contudo, para ultrapassar dúvidas sobre a qualidade ou fiabilidade das informações obtidas através deste meio, estas foram submetidas a um rigoroso escrutínio, com o cruzamento dos dados e de referências de modo a evitar conclusões incorretas.

<sup>111</sup> David Collier et al, “Essentially Contested Concepts: Debates and Applications”, *Journal of Political Ideologies*, vol.11, n.º 3, October 2006, p. 212. Em 1956, o filósofo Walter Bryce Gallie introduziu a noção de *conceitos essencialmente contestados* para designar “conceitos cuja utilização envolve inevitavelmente disputas sem fim sobre a sua correta utilização por parte dos seus utilizadores”. (Walter Bryce Gallie, “Essentially Contested Concepts”, *Proceedings of the Aristotelian Society*, vol. 56, 1956, pp. 169.) Para Gallie, este termo apenas poderia ser aplicado com referência a determinadas noções, as quais estão relacionadas com conceitos abstratos de natureza qualitativa e evaluativa, e que suscitam diferentes interpretações sobre os critérios para a sua aplicação. Estes suscitam tal controvérsia que jamais será possível desenvolver uma definição exclusiva de maneira lógica ou recorrendo a dados empíricos. Diferentes utilizações destes conceitos cumprem “diferentes funções para diferentes escolas ou movimentos, [...] para diferentes grupos políticos e partidos, e para diferentes comunidades religiosas e seitas.” (*Id.*, p. 168).

que nos encontraríamos caso desejássemos chegar a uma situação de unanimidade quanto ao seu significado exato.

Assim, nesta parte esclarecemos como alguns dos principais conceitos utilizados ao longo das próximas páginas são interpretados. Como é óbvio, alguns conceitos, entre os quais radicalização, “lobo solitário” e combatente estrangeiro, são desenvolvidos em maior profundidade numa fase posterior, visto encerrarem em si processos distintos, os quais acarretam diferentes consequências.

## *Ideologia*

No âmbito desta tese é importante esclarecer qual o significado que atribuímos a ideologia, pois esta desempenha um papel importante na interpretação dos desenvolvimentos políticos e socioeconómicos globais. Após ter sido declarada morta,<sup>112</sup> a ideologia reapareceu, com frequência, como sinónimo de dogmatismo e manipulação política por parte de indivíduos que procuram atingir os seus interesses particulares.<sup>113</sup>

Ideologia refere-se a um conjunto de ideias mais ou menos coerentes, as quais fornecem uma base para uma ação política organizada.<sup>114</sup> Aquela pode ajudar um grupo a preservar o poder, ser utilizada como instrumento de conflito ou meio de oposição, de modo a modificar ou derrubar o sistema de poder existente. Este conjunto de ideias permite contemplar a realidade, corresponde a uma forma de olhar e interpretar o mundo e favorece a criação de uma identidade de grupo, devido ao reconhecimento da existência de crenças, valores e propósitos comuns entre os seus partidários.<sup>115</sup> Em simultâneo, esta identidade comum, favorecendo o sentimento de pertença e solidariedade no seio do

---

<sup>112</sup> Devido aos acasos da História, vários autores vaticinaram a morte da ideologia. Este discurso constituiu, essencialmente, uma reação traumatizada aos totalitarismos e às emoções destrutivas das massas que as ideologias se revelaram capazes de desencadear, bem como uma crença no fim dos conflitos entre classes e partidos no Ocidente, visto se acreditar que se atingiu um patamar de bem-estar e estabilidade sem precedentes. (Ver Dennis H. Wong, “Reflections on the End of Ideology”, in Chaim I. Waxman (ed.), *The End of Ideology Debate*, Nova York, Funk & Wagnalls, 1968.) A tese do Endismo tornou-se moda na década de 1950 e inícios da década de 1960, quando Daniel Bell escreveu *O Fim das Ideologias*, em 1960, declarando o esgotamento das clivagens ideológicas nas democracias ocidentais e o esgotamento dos grandes debates ideológicos com origem no século XIX. (Russell J. Dalton, “Social Modernization and the End of Ideology Debate: Patterns of Ideological Polarization”, *Japanese Journal of Political Science*, vol.7, n.º 1, 2006, p. 2.) Três décadas mais tarde e num contexto mundial diferente, Francis Fukuyama considera a nova realidade pós-Guerra Fria como representando o final da História. Tal é interpretado não no sentido de final dos eventos da vida internacional, mas o final de processo evolutivo da sociedade humana com a democracia liberal a assumir-se como forma final de governação. Francis Fukuyama, “The End of History?”, *The National Interest*, Verão de 1989, pp. 3-16.

<sup>113</sup> Apesar de nunca ter empreendido uma análise sistemática do conceito, Émile Durkheim propôs a sua compreensão em *As Regras do Método Sociológico* (complementado por obras posteriores), enquanto tentava estabelecer as fundações da Sociologia como ciência dos factos sociais. Segundo aquele autor, a ideologia é algo negativo, pois nasce de uma noção pré-científica e, portanto, é imprópria para o estudo objetivo da realidade social. Para Durkheim, os factos sociais deveriam ser tratados como coisas, como manifestações externas, acima das mentes dos sujeitos que integram a sociedade. No entanto, os homens formam algumas ideias ou pré-conceitos de coisas, as quais tendem naturalmente a substituir-se às coisas reais e a tornarem-se o objeto da ciência. Ver Jorge Larran, “Durkheim’s Concept of Ideology”, *The Sociological Review*, vol. 28, n.º 1, February 1980, p. 129.

<sup>114</sup> Andrew Heywood, *Political Ideologies: An Introduction*, 4<sup>th</sup> Ed., New York, Palgrave Macmillan, 2007, p. 11.

<sup>115</sup> Assaf Moghadam, “The Salafi-Jihad as a Religious Ideology”, *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 3, Combating Terrorism Center at West Point, February 2008, p. 14.

grupo, contribui para a oposição e desumanização dos elementos externos. As ideologias identificam e descrevem os problemas existentes, especificando as suas causas e as razões pelas quais aqueles devem ser resolvidos e, em consonância com esse diagnóstico, podem fornecer soluções para a resolução de tais males através de um plano de ação específico que deverá ser implementado por quem adere a tais visões.<sup>116</sup> Ao apresentar uma visão alternativa para o futuro, as ideologias pretendem instigar à ação.

Assim, a ideologia define os interesses, os objetivos, os alvos, os princípios organizadores dos movimentos e pode fornecer uma base para o ativismo político, na medida em que legitima algumas escolhas. Ora, esta definição, relativamente simplista, deixa transparecer a flexibilidade e o carácter dualista deste sistema de pensamento. A ideologia tem o poder de gerar emoções opostas e inspirar ações contraditórias: pode dar origem a raiva e a entusiasmo; pode ter um papel integrador, facilitando a estabilidade e solidariedade social, ou contribuir para a fragmentação e alienação; pode fornecer padrões de avaliação normativa e, ao mesmo tempo, ter a tendência para simplificar em demasia a complexidade social; desempenha o papel de guia para a ação política, mas também tem potencial para legitimar a tirania e o terror.<sup>117</sup> Em cenários ambíguos, a ideologia pode oferecer um sentimento de segurança e coerência, ajudando a enquadrar o pensamento individual sobre a realidade circundante. Constituindo uma força motriz importante para grupos e indivíduos, nem sempre é fácil determinar o seu papel real ou peso no desenrolar dos acontecimentos.

A ideologia apela não apenas à cognição, mas também às emoções: por exemplo, a utilização dos símbolos de sofrimento muçulmano pela ideologia jihadista constitui um apelo emocional às massas para que se mobilizem.

Devemos, ainda, referir a existência de uma tendência preocupante para confundir e utilizar com o mesmo sentido ideologia e religião. Clifford Geertz descreveu a ideologização da religião como sendo uma resposta à falta de fé e à secularização do pensamento, devido ao colapso das estruturas tradicionais que atribuem significado e valor às experiências humanas.<sup>118</sup> Apesar da religião e da ideologia se basearem em convicções fortes e valores sagrados para quem delas partilham, aquelas traduzem diferentes sistemas. Por exemplo, o Islamismo jihadista deve ser distinguido da religião do Islão, apesar de recorrer a um processo político e cultural que transforma conceitos

---

<sup>116</sup> Ver John Wilson, *Introduction to Social Movements*, New York, Basic Books, 1973.

<sup>117</sup> Manfred B. Steger, *The Rise of the Global Imaginary. Political Ideologies from the French Revolution to the Global War on Terror*, Oxford, Oxford University Press, p. 4.

<sup>118</sup> Clifford Geertz, *The Interpretation of Cultures*, New York, Basic Books, 1973, pp. 193-233.

teológicos em conceitos ideológicos, assumindo-se como um sistema orgânico que se desenvolve em resposta à evolução do próprio mundo. A religião não explica o recurso à violência, devendo ser compreendida como um fator mediador: quer os líderes políticos, quer os líderes de grupos terroristas recorrem à língua e terminologia religiosa para explicar os problemas existentes de modo a ganhar apoio, mobilizar e justificar a violência.<sup>119</sup>

### *Terrorismo*

Terrorismo é um dos conceitos mais problemáticos do mundo acadêmico: é polêmico, subjetivo e está sujeito a correntes de politização. Por motivos políticos e legais, não existe uma definição consensual desta forma de violência política, apesar de várias tentativas terem sido feitas para chegar a um consenso.<sup>120</sup> Este conceito é importante para este trabalho, embora nem sempre seja o resultado final do processo de radicalização.<sup>121</sup> O terrorismo é uma tática utilizada por várias organizações como parte de uma estratégia. Neste trabalho terrorismo será utilizado com o sentido de recurso, ou ameaça de recurso, à violência por parte de atores não estatais contra populações civis, com o objetivo de intimidar uma audiência mais vasta do que as vítimas diretas daquele ato, e tendo em vista a obtenção de fins políticos.<sup>122</sup> A tentativa de causar o máximo de impacto possível na sociedade é designado como efeito comunicativo da violência.<sup>123</sup> Como meio de propaganda e forma de comunicação política, a violência visa causar impacto psicológico e influenciar a organização da sociedade e do poder.

Importa também distinguir entre terrorismo internacional e terrorismo transnacional. O primeiro é utilizado para designar as ações produzidas por organizações com objetivos nacionais ou regionais fora do seu território de origem, algumas das quais

---

<sup>119</sup> Crenshaw, “The Psychology of Terrorism: An Agenda for the 21st Century”, pp. 405-420.; Assaf Moghadam, “Palestinian Suicide Terrorism in the Second Intifada: Motivations and Organizational Aspects”, *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 26, n.º 2, 2003, pp. 65-92.

<sup>120</sup> Por exemplo, Donatella Della Porta define violência política como reportórios específicos de ação coletiva envolvendo força física, considerada, nesse momento, como ilegítima pela cultura dominante. Existem vários tipos de de violência política, nomeadamente: as revoltas, sublevações, ataques a propriedade, confronto com as autoridades e terrorismo. Donatella Della Porta, *Social Movements, Political Violence and the State: A Comparative Analysis of Italy and Germany*, New York, Cambridge University Press, 1995, pp. 3-4.

<sup>121</sup> Por exemplo, John Horgan nota como a relação entre radicalização e terrorismo é mal compreendida, pois nem todos os radicais se tornam terroristas e nem todos os terroristas têm ideias radicais. John Horgan, START Conference, University of Maryland, 1 September 2011, citado por Alex P. Schmid, *Radicalisation, De-Radicalization, Counter-Radicalization: A Conceptual Discussion and Literature Review*, ICCT Research Paper, International Centre for Counter-Terrorism, The Hague, March 2013, p. 17.

<sup>122</sup> Apesar de reconhecermos a capacidade e habilidade dos Estados para cometerem atos de violência contra a sua própria população ou populações estrangeiras com o objetivo de espalhar terror e intimidar, optamos por excluir desta definição o designado terrorismo de Estado. Quando cometidos pelos Estados, estes atos de violência devem ser compreendidos como crimes de guerra, o que tem implicações legais, existindo instrumentos internacionais para lidar com tais violações. No entanto, os Estados podem também funcionar como patrocinadores de organizações terroristas, as quais agem por procuração, como acontece com o Irão e o *Hizballah*.

<sup>123</sup> Peter R. Neumann, *Old & New Terrorism*, Cambridge, Polity Press, 2009, p. 8.

utilizam as diásporas para gerar apoio político e encontram apoio logístico e financeiro na arena internacional. Com frequência, esta forma de terrorismo resulta de conflitos armados num território específico, transbordando para a arena internacional (*spillover effect*), sendo que algumas organizações gozam de patrocínio por parte de algum Estado. Em nenhum momento, estas organizações visam ou pretendem desafiar o sistema internacional. O terrorismo transnacional designa as organizações com uma agenda e alcance global e desenvolveu-se como um fenómeno distinto do primeiro, tendo uma lógica e dinâmicas próprias: este persegue uma estratégia de subversão do próprio sistema internacional, com o objetivo de tornar irrelevante as fronteiras e os Estados-nações, impondo uma nova ordem política internacional.

### *Movimento social*

Um movimento social é uma coletividade de indivíduos, grupos ou organizações, unida por um conjunto de preferências políticas e por uma identidade comum. Esta procura promover ou desafiar a ordem institucional dominante através do recurso a atividades de protesto, por exemplo, propondo mudanças políticas e sociais de modo a proporcionar um arranjo estrutural alternativo. Por norma, tratam-se de redes fluídas que se encontram nas margens do poder e que procuram alterar o sistema de um modo fundamental. Os movimentos sociais situam-se num contexto social específico e são caracterizados pelas estruturas de oportunidade política, ou seja, por um conjunto de incentivos e de restrições à ação. Della Porta sublinha que em todas as sociedades existem movimentos que coexistem e que, independentemente dos seus objetivos específicos, têm exigências básicas semelhantes e círculos comuns: este conjunto de movimentos constituem famílias de movimentos. Estas surgem em períodos de tumultos, e quando as atividades de protesto se intensificam, são criados novos reportórios de ação coletiva e ação não convencionais que se disseminam para diferentes setores. Estes períodos representam os picos dos ciclos de protesto.<sup>124</sup>

### *Fundamentalismo, Islão político ou Islamismo*

---

<sup>124</sup> Della Porta, *Social Movements, Political Violence and the State*, p. 3.

Vários termos são utilizados para designar a ideologia que analisamos neste trabalho e o movimento a que aquela deu origem. Durante décadas, os académicos optaram por utilizar uma abordagem simples que opunha *Islão político*<sup>125</sup> ou *fundamentalismo islâmico*,<sup>126</sup> usados indistintamente, ao Islão enquanto crença religiosa.<sup>127</sup> Embora menos comuns, eram ainda utilizados outros termos para descrever o crescente respeito pelos preceitos religiosos e o aumento do interesse pelo Islão no contexto de movimentos sociais e ideológicos conservadores, nomeadamente *neo-fundamentalismo*,<sup>128</sup> *integrismo* (especialmente nos meios francófonos),<sup>129</sup> *extremismo islâmico* e *ressurgimento* (ou *revivalismo*) *islâmico*.<sup>130</sup> Na atualidade, os termos mais utilizados – *fundamentalismo islâmico*, *Islão político* e, mais recentemente, *Islamismo* – podem suscitar alguma discussão entre os especialistas. Autores como o académico Bassam Tibi optam por não fazer distinções entre os três conceitos, concordando que aqueles podem ser utilizados com o mesmo sentido e que a diferença entre o recurso a um ou ao outro está relacionado com o momento e contexto da sua utilização.<sup>131</sup> Outros autores, reconhecendo que as diferenças entre os conceitos são bastante ténues, defendem ser necessário a sua distinção de modo a traduzir a complexidade e variedade do fenómeno. Se a identificação destas diferenças é, com frequência, dispensável para efeitos

---

<sup>125</sup> Por exemplo, Bassam Tibi, *Political Islam, World Politics and Europe: Democratic Peace and Euro-Islam Versus Global Jihad*, Londres e New York, Routledge, 2008; Graham Fuller, *The Future of Political Islam*, New York, Palgrave Macmillan, 2003.

<sup>126</sup> Por exemplo, James Piscatori, "Accounting for Islamic Fundamentalism" in Martin E. Marty and R. Scott Appleby (eds.), *Accounting for Fundamentalism: The Dynamic Character of Movements*, Chicago, University of Chicago Press, 1994.

<sup>127</sup> International Crisis Group, *Islamism in North Africa I: The Legacies of History*, Middle East and North Africa Briefing, Cairo/Brussels, 20 April 2004, p. 5.

<sup>128</sup> Por exemplo, Roy, *L'Islam Mondialisé*.

<sup>129</sup> Por exemplo, Achcar Gilbert, "Maxime Rodinson: sur l'intégrisme islamique", *Mouvements*, n.º 36, 2004, pp. 72-76, [www.cairn.info/revue-mouvements-2004-6-page-72.htm](http://www.cairn.info/revue-mouvements-2004-6-page-72.htm) (data de último acesso: 22 de novembro de 2012); Martin Gozlan, *Pour Comprendre L'Intégrisme Islamique*, Paris, Albin Michel, 1998.

<sup>130</sup> A utilização do termo ressurgimento (ou revivalismo) para descrever o movimento reformista islâmico com origem no final do século XVIII e o posterior ativismo islamista contemporâneo das décadas de 1970 e 1980 pode levantar algumas questões. A aplicação do termo aos dois movimentos de modo indiferenciado pode deixar implícito a existência de grandes semelhanças entre ambos, sugerindo mesmo a sua coesão. É um facto que os dois movimentos têm como referência principal o simbolismo religioso islâmico e surgiram em contextos de crise. No entanto, entre estes existem diferenças que devem ser realçadas. Uma delas prende-se com as bases sociais em que ambos se apoiaram. Os movimentos que surgiram após 1970 gozam de algum apoio social, algo que faltou ao primeiro: o ressurgimento islâmico do final do século XVIII foi, sobretudo, obra de movimentos intelectuais centrados em determinados pensadores. Pelo contrário, se focarmos a nossa atenção especialmente nos líderes dos movimentos radicais dos anos 70, como Shukri Mustafa e 'Abd al-Salam Faraj, concluímos que estes não são parte do paradigma intelectual dominante. As suas origens humildes, educação limitada e perseguição a que foram sujeitos impediram-nos de produzir um corpo literário significativo, comparável ao legado do movimento reformista anterior. Outro aspeto a ter em conta relaciona-se com a heterogeneidade de ambos os movimentos. O conceito de revivalismo pode sugerir a existência de uma certa homogeneidade interna, mas tal não acontece com nenhum dos dois movimentos. Por exemplo, Al-Afghani e Abduh provinham de diferentes contextos sócio-culturais. O primeiro rejeitava o Ocidente, sendo um activista político comprometido em desafiar os interesses imperiais britânicos no Médio Oriente. O segundo pertencia à classe média egípcia, estava parcialmente socializado com as normas ocidentais e procurava sintetizar as ideias ocidentais relativas à economia e progresso tecnológico com interpretações conservadoras das normas sociais baseadas no Islão. Ao contrário dos reformistas que admiravam o que o Ocidente tinha para oferecer, os Islamistas pretendiam distanciar a civilização islâmica de tudo cuja origem se encontrasse na Europa e EUA. Esta atitude encontra apoio junto das massas muçulmanas que se sentiam política, económica e culturalmente oprimidas pelo Ocidente. Foram, sobretudo, os grupos islamistas formados após 1967 que renunciaram a qualquer esforço no sentido de legitimar o Islão aos olhos dos Ocidentais. Assim, apesar dos dois movimentos terem origens ideológicas comuns, eram bastante diferentes entre si em termos de táticas e os seus membros provinham de diferentes contextos sociais. Como veremos, a ligação entre os dois provém do facto do primeiro movimento ter aberto as portas ao segundo. Ver Eric Davis, "The Concept of Revival and the Study of Islam and Politics", in Barbara Freyer Stowasser (ed.), *The Islamic Impulse*, London, Croom Helm, 1987, pp. 39-40.

<sup>131</sup> Bassam Tibi, *Ballot and Bullet: The Politicisation of Islam to Islamism*, Centre for Studies in Islamism and Radicalisation, Aarhus University, Denmark, November 2009, p. 9.

práticos, a utilização indiferenciada destes também pode suscitar alguma controvérsia, especialmente atendendo ao contexto internacional dos últimos anos e à diversidade de tendências e métodos que se evidenciaram no seio da mesma ideologia.

Nesta tese é dada preferência ao termo Islamismo, o qual se tornou recorrente sobretudo após a Revolução Iraniana, e que tem sido adotado quer por académicos, quer pelos meios de comunicação, sobretudo após setembro de 2001.<sup>132</sup> Este é entendido no sentido de ativismo islâmico, ou seja, a afirmação e a promoção de crenças, leis, políticas e preceitos com carácter islâmico.<sup>133</sup> Apesar de todos os islamistas partilharem uma visão idealizada do passado islâmico, considerarem a centralidade da lei e do Estado islâmico e manifestarem o desejo de restaurar a pureza da fé,<sup>134</sup> como veremos, aqueles discordam no que se refere às estratégias e métodos para provocarem tal reforma. Embora tal categorização não seja rígida e sirva sobretudo propósitos analítico, daqui nasce a necessidade de separar e classificar as diferentes correntes no seio do Islamismo, a fim de combater concepções simplistas e redutoras.

### *Radicalização*

Outro conceito utilizado ao longo dos próximos capítulos e sobre o qual não existe consenso relativamente ao seu significado e utilidade é radicalização.<sup>135</sup> Sendo causador de discórdia, alguns autores, como por exemplo Marc Sageman, decidiram abandonar a sua utilização. Vários estudos têm sido elaborados sobre o modo como as pessoas se tornam radicais, chegando a conclusões raramente coincidentes sobre as trajetórias seguidas.

Apesar das críticas ao conceito e dos seus óbvios limites, aquele designa um processo que está ligado a um contexto social, político e global, assim como a questões ideológicas e psicológicas, ocorrendo “na interseção de um ambiente propício e de uma trajetória pessoal.”<sup>136</sup> Este é um processo mental e emocional e descreve mudanças a nível de ideias ou de comportamentos por parte de um indivíduo ou de uma coletividade, conduzindo a uma rejeição de determinados princípios considerados intrínsecos à

---

<sup>132</sup> Mehdi Mozaffari, “What is Islamism? History and Definition of a Concept”, *Totalitarian Movements and Political Religions*, vol. 8, n.º 1, March 2007, p. 18.

<sup>133</sup> International Crisis Group, *Understanding Islamism*, Middle East/ North Africa Report Nº 37, Cairo/ Brussels, March 2005, p.1.

<sup>134</sup> Guilaín Denoëux, “The Forgotten Swamp: Navigating Political Islam”, *Middle East Policy*, vol. IX, n.º 2, June 2002, p. 63.

<sup>135</sup> Ver Marc Sedwick, “The Concept of Radicalization as a Source of Confusion”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 22, n.º 4, pp. 479-494.

<sup>136</sup> Expert Group on Violent Radicalisation, “Radicalisation Processes Leading to Acts of terrorism: Report Prepared by the European Commission’s Expert Group on Violent Radicalisation”, Brussels, 15 May 2008, citado em Coolsaet, (ed.), *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*, pp. 269-287.

corrente social e cultural dominante e conseqüente adoção de opiniões e pontos de vista extremistas.

Este processo conjuga circunstâncias desfavoráveis ou motivos de protesto, as quais tornam as pessoas recetivas a novas ideias até então não partilhadas; crenças ideológicas, as quais explicam os problemas e fornecem um mapa do que deve ser feito para alterar a situação; processos sociais e dinâmicas de grupo, como, por exemplo, a existência de uma figura carismática que assuma um lugar na vida do indivíduo em risco ao servir de veículo de uma narrativa extremista. Os autores discordam, porém, relativamente ao lugar e ao peso que cada um destes elementos ocupa na radicalização. Alguns autores destacam o papel das relações sociais e as dinâmicas de grupo, concordando que estes precedem o compromisso ideológico; outros realçam a importância dos fatores ideológicos e descrevem-no como um processo essencialmente individual e complexo.

Alguns autores distinguem entre radicalização das ideias/cognitiva e radicalização comportamental ou, por outras palavras, entre extremismo não violento e extremismo violento.<sup>137</sup> Não existe um processo único que conduz da radicalização à violência, sendo este um processo individual, com trajetórias e motivações variadas. A adoção de ideias e valores extremistas pode constituir uma motivação para a violência, embora este não seja um modelo determinista. Não sendo necessariamente a consequência lógica deste processo, as ideias radicais podem contribuir para tornar a violência um meio aceitável e legítimo, conduzindo ao recurso àquela ou ao aumento dos níveis de violência, com o objetivo de atingir objetivos políticos.

A literatura sobre Jihadismo na Europa também recorre com frequência ao termo auto-radicalização, por norma utilizado para designar uma procura individual de modos de ser e pensar alternativos, através da leitura de textos ideológicos ou de propaganda, ou do acesso à Internet.<sup>138</sup> Esta definição supõe que no decorrer daquele processo de busca e reconhecimento, o indivíduo é levado a aceitar as novas ideias em isolamento de outros

---

<sup>137</sup> Os termos radicalização ou radicalismo não têm necessariamente conotações negativas: vários indivíduos responsáveis por desencadear importantes processos de mudança no passado foram designados de radicais no seu tempo. Para ultrapassar este dilema, alguns autores defendem ser mais apropriado recorrer ao termo extremismo para designar as ideias que se opõem aos princípios e valores fundamentais de uma sociedade, e para descrever os métodos através dos quais os atores políticos tentam concretizar os seus objetivos enquanto demonstram total desrespeito por esses mesmos valores.

<sup>138</sup> Alguns autores sublinham como os estudos sobre a auto-radicalização podem beneficiar daqueles desenvolvidos anteriormente sobre o fenómeno da conversão às novas religiões, os quais ao descreverem os motivos para a conversão destacam a existência de um “modo intelectual de conversão, o qual tem início com uma investigação individual e privada de possíveis novos modos de ser e realização pessoal”. Ver John Lofland, Norman Skonovd, “Conversion Motifs”, *Journal for the Scientific Study of Religion*, vol. 20, n.º 4, 1981, p. 376.



indivíduos já envolvidos no meio. Porém, a realidade empírica parece indicar que este é um processo cada vez menos individual e privado.

### *Recrutamento*

O termo recrutamento designa o processo social através do qual os indivíduos aderem a um grupo ou organização, com a qual partilham ideias e visões. Este pode assumir duas formas: aquela que normalmente associamos mais facilmente ao termo, ou seja, o processo através do qual as organizações procuram indivíduos que possam transformar em eventuais recrutas, sendo que o processo de radicalização ocorre frequentemente já no interior daquelas estruturas (abordagem *top-down*); os indivíduos são influenciados pelas suas relações sociais e de parentesco, fazendo juntos o percurso de adesão a determinados movimentos (abordagem *bottom-up*).<sup>139</sup> Pode, ainda, ser identificado um terceiro caminho de adesão a um movimento: após terem enveredado por um processo de adoção de ideias extremistas, os indivíduos procuram e identificam outros indivíduos, uma organização ou uma rede com a qual partilham crenças e ideias. Muitas vezes, esta trajetória é despoletada por choques morais, os quais constituem eventos e situações que inspiram as pessoas a envolverem-se ativamente numa causa ou organização, com as quais não existem ligações sociais prévias.<sup>140</sup>

### *Mobilização*

Relacionado com o anterior, o termo mobilização é utilizado para designar o ato social de se juntar (ou aderir) a uma comunidade ou movimento e de se envolver (ou participar) nas ações desse movimento. Este termo assume-se como menos problemático do que recrutamento, e pode designar um conjunto variado de ações como utilizar recursos ou outros bens com a finalidade de atingir um objetivo e de reforçar o movimento.

### *Desradicalização, contra-radicalização e desengajamento*

---

<sup>139</sup> Thomas Olesen, *Social Movement Theory and Radical Islamic Activism*, Centre for Studies in Islamism and Radicalisation, Aarhus University, Aarhus, 2009, p. 8.

<sup>140</sup> Jasper e Paulson destacam como os choques morais podem contribuir para o recrutamento de indivíduos para o ativismo político, sem que estes tenham qualquer ligação a organizações existentes. Assim, o conceito sugere um trajeto diferente para o ativismo daquele normalmente proposto (através das ligações sociais). Ver James Jasper e Jane D. Paulson, "Recruiting Strangers and Friends: Moral Shocks and Social Networks in Animal Rights and Anti-Nuclear Protests", *Social Problems*, vol. 42, n.º 4, 1995, pp. 493-512.

Estes três termos estão relacionados com os conceitos imediatamente anteriores. Apesar de todos fazerem parte do léxico de contraterrorismo, os seus significados variam. Desradicalização consiste numa tentativa de alterar o comportamento de alguém que já adotou uma ideologia radical. Contra-radicalização consiste numa ação a desenvolver antes da ideologia radical ser absorvida pelo indivíduo, portanto, visa impedir a aquisição de ideias e valores radicais. O desengajamento visa alterar comportamentos, conduzindo ao abandono do ativismo radical por parte de um indivíduo.

### *Atacantes solitários ou “lobos solitários”*

A questão dos atacantes solitários, frequentemente designados de “lobos solitários”, merece cada vez maior destaque na abordagem ao Jihadismo, sendo complexa e de difícil conceptualização.<sup>141</sup> Por norma, este termo designa os indivíduos que agem sozinhos, sem receberem ordens e sem terem qualquer ligação formal ou informal a uma organização associada a um determinado movimento. Estes indivíduos são membros da sociedade que decidem atacar e podem combinar frustrações pessoais com objetivos políticos, religiosos ou sociais de carácter radical. Esta estratégia beneficia da difusão do acesso à Internet e outras tecnologias modernas, as quais facilitam a comunicação entre indivíduos e a defesa de uma ideologia perante uma audiência anónima. Assim, incidentes que poderiam ser considerados isoladamente tendem, na atualidade, a ser interpretados como parte de uma estratégia global.

Porém, em muitos dos casos tratados como episódios envolvendo atacantes solitários, na realidade, existem contactos com uma organização ou com indivíduos de tendência radical numa das fases da radicalização ou durante a conceção do ataque. Apesar de muitos dos atacantes agirem sozinhos na fase de execução do atentado, aqueles são agentes de uma organização e perpetram, ou tentam perpetrar, tais atos em nome daquela; ou estão envolvidos em redes ativistas ou grupos de apoio ao terrorismo. Assim, com frequência torna-se difícil aferir até que ponto um ataque por um “lobo solitário” é efetivamente um ataque individual e não o resultado da interação com outros indivíduos e do contacto com redes militantes islamistas num ambiente social específico.

---

<sup>141</sup> Esta estratégia foi teorizada pela primeira vez pelo ideólogo norte-americano de Extrema-Direita Louis Beam para descrever uma forma de resistência independente por parte de organizações sob pressão das autoridades. Esta caracteriza-se pela ausência de uma ligação operacional entre células individuais e aqueles que fornecem inspiração ideológica. Neumann, *Old & New Terrorism*, p. 20.

Existindo aqui um óbvio obstáculo analítico que é necessário ultrapassar, autores como Nesser salientam a necessidade de distinguir entre atacantes solitários – indivíduos que agem isolados de qualquer estrutura – e terrorismo individual – o terrorista tem ligação a uma rede, sendo controlado por aquela ou agindo em seu nome, e segue a lógica estratégica daquela.<sup>142</sup> Também a Europol faz esta distinção entre atores solitários – terroristas sem ligações a organizações ou associados – e terroristas individuais, os quais designam os indivíduos que executam atos de terror sozinhos, mas que apoiam ativamente ou são assistidos por uma organização.<sup>143</sup> Apesar de também fazermos esta distinção, devemos realçar que em ambos os casos estes atores são importantes armas estratégicas para o Jihadismo e, mesmo no caso dos atores solitários, estes sentem-se inspirados por uma organização e membros de um movimento alargado.

### *Combatente estrangeiro*

A definição de combatente estrangeiro varia de acordo com o autor, as variáveis e parâmetros considerados. Nesta tese, vamos adotar a definição de David Malet, o qual descreve um combatente estrangeiro como um não cidadão de Estados em conflito, o qual se junta a uma insurgência durante um conflito civil.<sup>144</sup> Estes indivíduos não têm um interesse direto no resultado do conflito, agem a título privado e não recebem compensações materiais pela sua participação naquele. Nos últimos anos, observou-se uma evolução das funções assumidas pelos combatentes estrangeiros em palcos de guerra, refletindo, em parte, desenvolvimentos observados no campo estratégico e tecnológico. Por combatente não consideramos apenas aqueles que se envolvem em atividades militares, mas todos aqueles que se deslocam para palcos de conflito, aderem a organizações que participam nesse conflito e desempenham um leque de atividades no seio daquelas, por exemplo, ocupando lugares no aparelho de propaganda.

Devemos salientar que nem todos os combatentes estrangeiros se transformam inevitavelmente em combatentes terroristas estrangeiros ou evoluem para terroristas

---

<sup>142</sup> Nesser, “Single Actor Terrorism: Scope, Characteristics and Explanations”, p. 63.

<sup>143</sup> Europol, *TE-SAT 2012: EU Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2012, p. 9. Raffaello Pantucci propõe uma tipologia diferente e mais complexa, distinguindo entre o solitário (*loner*) – indivíduo que age sozinho inspirado pela ideologia –, o lobo solitário (*lone wolf*) – indivíduo que age sozinho inspirado pela ideologia, mas ligado a uma organização extremista –, o bloco lobo solitário (*lone wolf pack*) – pequeno grupo que age independentemente, inspirado pela ideologia (segundo o autor este grupo é aquilo que Sageman chama de “grupo de rapazes”) – e o atacante solitário (*lone attacker*) – indivíduo enviado por uma organização terrorista. (Raffaello Pantucci, *A Typology of Lone Wolves: Preliminary Analysis of Lone Islamist Terrorists*, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, March 2011, pp. 14-32.) Em qualquer dos casos, esta abordagem tática-estratégica coloca dilemas significativos sob o ponto de vista da formulação de medidas de contraterrorismo.

<sup>144</sup> David Malet, *Foreign Fighters, Transnational Identity and Civil Conflict*, Oxford, Oxford University Press, 2013, p. 9.

internacionais, pois nem todos os que viajam para áreas de conflito aderem a organizações terroristas e representam um problema futuro para o seu país de origem. Com efeito, no âmbito desta tese interessa-nos apenas aqueles indivíduos que saem da Europa a fim de se juntarem a organizações jihadistas em palcos de conflito, na condição de combatente ou outra função, e que através do contacto com o grupo, indivíduos ou a ideologia, podem vir a representar uma ameaça aos países europeus ao se transformarem em jihadistas globais.

## 1.6. Organização e delimitação dos capítulos

Este trabalho encontra-se dividido em quatro partes: introdução; enquadramento histórico, teórico e conceptual do Islamismo e do Jihadismo; evolução ideológica, estratégica e organizacional do Jihadismo global; e o Jihadismo global na Europa.

Na parte introdutória fazemos uma introdução ao objeto de estudo, expomos os nossos objetivos, as questões que orientam a investigação, as metodologias utilizadas, fazemos uma revisão dos trabalhos existentes sobre o tema e definimos os principais conceitos

A parte II é composta por dois capítulos. No capítulo dois fazemos o enquadramento teórico e conceptual do Islamismo e destacamos a evolução do pensamento e da ideologia e o modo como tal se traduz em diferentes tipos de movimentos e organizações. Estes têm diferentes objetivos, recorrem a diferentes estratégias e modos de atuação. Os movimentos violentos surgem a partir de estruturas organizacionais mais vastas e constituem uma tentativa de responder a uma crise, pelo que é fundamental olhar para as ideias, as narrativas e as dinâmicas internas daquelas para compreender as várias tendências em desenvolvimento.

O terceiro capítulo tem como finalidade a compreensão da vertente radical do Islamismo através da interpretação da *jihad*, o principal instrumento conceptual do pensamento islamista contemporâneo. Apesar de reconhecermos que esta pode ser uma opção polémica, a análise da evolução deste conceito ao longo dos vários contextos históricos e políticos justifica-se pela sua importância para os movimentos desta natureza. Esta abordagem tem a vantagem de permitir elaborar sobre um conjunto de questões centrais na atualidade, tais como: o direito de recorrer à guerra e as regras de conduta durante aquela, o estatuto do mártir no Islão, as relações entre comunidades e os fundamentos teóricos do apelo à deslocação de combatentes muçulmanos para a luta em

prol da comunidade islâmica. Estas permitem, por um lado, analisar o discurso e as narrativas construídas pelos jihadistas e, por outro lado, refutar os argumentos utilizados por aqueles para justificarem as suas ações políticas e estratégicas. Neste capítulo procuramos demonstrar que o conceito teológico de *jihad* não corresponde necessariamente ao conceito ideológico utilizado pelos islamistas radicais.

Os dois capítulos que compõem a terceira parte da tese têm como objetivo analisar a evolução ideológica, estratégica e organizacional do Jihadismo global. O capítulo quatro consiste numa análise da evolução do pensamento ideológico e da narrativa jihadista global face a um conjunto de eventos que afetaram o cenário político do mundo muçulmano no período em análise. Estes criaram as condições que potenciaram importantes mudanças ideológicas e estratégicas no seio do movimento, contribuindo não só para a contínua radicalização do discurso político e social daquele, mas também para a criação de importantes oportunidades para a mobilização a nível individual e coletivo.

As organizações são fundamentais para a disseminação das ideologias e para colocar em prática uma estratégia para a realização dos objetivos estabelecidos. Assim, o quinto capítulo consiste na análise organizacional e estratégica do movimento jihadista, onde destacamos as estruturas mais proeminentes e com maior influência em solo europeu. As organizações assumem-se como importantes veículos de mobilização para a militância islamista, o que está diretamente relacionado com a sua disponibilidade de recursos e capacidades táticas e com o enquadramento que fazem das críticas e condições que afetam os Muçulmanos. Obrigadas a uma contínua adaptação às circunstâncias de modo a prosperarem, disputarem o poder ou garantirem a sua sobrevivência, as organizações induzem importantes alterações estratégicas no seio do movimento.

A quarta parte da tese analisa a evolução do Jihadismo global em território europeu. O sexto capítulo consiste numa introdução e contextualização do Islamismo no espaço europeu. Fizemos, também, uma breve introdução histórica e caracterização das comunidades muçulmanas no que se refere à evolução política e socioeconómica e à institucionalização do Islão, com o objetivo de compreender os dilemas e as problemáticas que afetam estes grupos populacionais. A partir daqui, identificamos as várias correntes e movimentos islamistas com raízes em solo europeu, as suas estratégias e objetivos, assim como a perceção que aqueles têm da Europa. Ainda neste capítulo, explicamos as diferentes faces do Islamismo radical na Europa e os fatores que contribuíram para a génese das redes jihadistas europeias.

No sétimo capítulo, traçamos o desenvolvimento do Jihadismo global na Europa de 1998 até à atualidade. Assim, identificamos três fases distintas, as quais correspondem a diferentes posicionamentos ideológicos relativamente à Europa, a uma evolução comportamental e das formas de ativismo e a uma transformação das redes jihadistas europeias. Estas fases são condicionadas quer por desenvolvimentos internos e externos, quer pela transformação das estruturas sociais e organizacionais jihadistas.

No capítulo oito, traçamos a evolução do Jihadismo global na Europa através da análise das oportunidades internas e externas para a mobilização. Os debates ideológicos sobre a Europa, as oportunidades no interior deste território e as estruturas de oportunidades externas são importantes para explicar a forma e variação do ativismo, ou seja, a opção entre ativismo doméstico ou militância externa. Ainda neste capítulo, vamos abordar, por um lado, os padrões de deslocação de combatentes muçulmanos europeus para palcos externos de conflito e, por outro lado, o impacto doméstico daqueles após o seu regresso, tentando retirar algumas conclusões úteis para o período atual.

No nono capítulo abordamos a fase atual do Jihadismo na Europa e como este é marcado pela mobilização de indivíduos para o palco sírio. Não sendo esta a única característica desta fase e sendo importante não desconsiderar outras dinâmicas em curso, a deslocação de combatentes europeus para a Síria é explicada como o culminar de processos ideológicos, desenvolvimentos sociais e transformações organizacionais, assim como de fatores facilitadores. Tentamos avaliar o impacto na Europa quer da competição entre atores jihadistas, quer do próprio conflito sírio.

No último capítulo discutimos as nossas conclusões e algumas implicações teóricas do estudo. De igual modo, apontamos alguns caminhos para investigação futura.

Por fim, incluímos um anexo com um levantamento dos incidentes jihadistas na Europa desde 1994 até julho de 2015, instrumento que facilita a nossa análise da evolução do Jihadismo global neste continente.

## II – Enquadramento histórico, teórico e conceptual do Islamismo e do Jihadismo

### 2. Génese e bases ideológicas do pensamento islamista

#### 2.1. Objetivos do capítulo

Neste capítulo fazemos um esboço da origem do Islamismo e das suas bases ideológicas, ou seja, o processo histórico, político e social da construção das ideias e do pensamento político na base dos movimentos e organizações islamistas. Ao analisarmos o desenvolvimento das ideias, tentaremos demonstrar a relação entre o pensamento islâmico e as realidades em mutação durante o século XX e como a crise intelectual do mundo muçulmano contribuiu para a ideologia islamista, através de um processo de apropriação e reinterpretação de conceitos e princípios teológicos. Estes permitem enquadrar a mensagem islamista e exprimir os objetivos políticos de movimentos que defendem o estabelecimento de uma ordem pan-islâmica. O estudo da ideologia e da sua relação com desenvolvimentos sociopolíticos no mundo muçulmano ajuda-nos a compreender os motivos do protesto islamista e a natureza das suas intenções, assim como a diversidade de ideias e de organizações deste tipo.

Os princípios ideológicos contribuem para moldar a missão dos movimentos, embora não nos esclareça de modo inequívoco relativamente às suas capacidades táticas e opções estratégicas. Vários autores defendem que as causas do Islamismo e as causas do Islamismo radical violento não são necessariamente coincidentes, mas representam duas formas de protesto diferentes.<sup>145</sup> Alguns, entre os quais os próprios islamistas, vão ao ponto de defenderem que entre Islamismo e Jihadismo se verificou uma rutura, pelo que a ideologia dos primeiros não contribui para o pensamento dos segundos.<sup>146</sup>

O Islamismo é composto por várias correntes e grupos, os quais recorrem a estratégias e táticas variadas, têm objetivos dissonantes e, com frequência, as relações entre si caracterizam-se pela competição e antagonismo. A ideologia islamista por si só não é uma condição suficiente para produzir atos de terrorismo, nem funciona

---

<sup>145</sup> Dalacoura, por exemplo, distingue entre Islamismo – uma ideologia política – e terrorismo islamista, o qual é apenas uma de muitas variantes do Islamismo e que, podendo ser justificado com recurso a determinadas interpretações e ideias islamistas, estas não fornecem uma explicação para o recurso à violência por parte de um indivíduo ou grupo. (Dalacoura, *op. cit.*, pp. 32-34.) Hegghammer define Islamismo como ativismo islâmico, o qual inclui movimentos não violentos e violentos, reacionários e progressivos. O Islamismo militante representa uma parte marginal no seio do Islamismo, tem a sua própria história intelectual e apareceu como expressão radical de movimentos sócioevolucionários mais vastos nas décadas de 1960-70. Thomas Hegghammer, “Global Jihadism after the Iraq War”, p. 12.

<sup>146</sup> Lahoud, *The Jihadis' Path to Self-Destruction*, p. 98.

forçosamente como um fio condutor para aquele. Existem grupos islamistas que defendem ideias e posicionamentos radicais, mas que, por motivos variados, optam por não agir através da violência. No entanto, nenhum movimento surge no vazio, pelo que é necessário compreender os antecedentes históricos na sua origem, as suas crenças fundamentais e atitudes. Alguns movimentos justificam e legitimam o recurso ao terrorismo com conceitos teológicos e políticos islâmicos, pelo que a análise destes elementos é fundamental para compreender a construção das suas narrativas, o enquadramento discursivo e, conseqüentemente, o modo como procuram mobilizar seguidores. A ideologia define os interesses, os objetivos, os alvos, os princípios organizadores dos movimentos e pode fornecer uma base para a ação política organizada, na medida em que legitima algumas escolhas.

Este capítulo tem como objetivo contextualizar o Jihadismo global no âmbito do desenvolvimento do pensamento político islâmico e das transformações sociopolíticas do último século, fornecendo os instrumentos conceptuais fundamentais para a compreensão da diversidade de movimentos islamistas, da heterogeneidade que caracteriza o pensamento islamista contemporâneo, das diferentes formas de protesto que o universo islamista comporta e os debates modernos.

## 2.2. O movimento islamista

A 12 de fevereiro de 1888, o *The New York Times* publicava um artigo com o título “o que é o Islamismo”.<sup>147</sup> Neste, Islamismo é tido como sinónimo de Islão, “a profissão de fé daqueles que acreditam que Maomé é o Profeta de Deus” e cuja conversão requer apenas “a crença naquela e o anúncio público desta crença”. Com efeito, no século XIX, Islamismo designava a religião iniciada por Maomé, desprovida de qualquer conotação ideológica.<sup>148</sup> Na atualidade, Islamismo assume-se como um conceito completamente diferente, designando uma realidade complexa e com múltiplas dimensões.

Contrariamente à perceção de alguns que consideram que a ideologia islamista representa o regresso a um passado obscuro e irracional, o Islamismo é um fenómeno histórico moderno: as suas ideias são fruto das condições do mundo moderno; os seus

---

<sup>147</sup> “What is Islamism”, *The New York Times*, 12 de fevereiro de 1888.

<sup>148</sup> Acredita-se que a palavra foi utilizada pela primeira vez em França, no século XVII, sendo que Voltaire terá sido um dos primeiros a usá-la para descrever uma religião. Mozaffari, “What is Islamism? History and Definition of a Concept”, p. 17.



líderes e membros mais destacados são oriundos de meios sociais urbanos e de sistemas educacionais modernos, embora os “soldados rasos” possam incluir elementos provenientes de camadas sociais desfavorecidas; aqueles utilizam meios e tecnologias contemporâneas; a sua linguagem, apesar de repleta de termos, símbolos e referências religiosas, exprime conceitos políticos – como Estado, revolução e governo – e preocupações atuais. As raízes destas ideias encontram-se nos desenvolvimentos políticos e sociais que afetaram o mundo islâmico a partir de meados do século XIX. Diferentes autores oferecem diferentes definições do fenómeno, pois cada um privilegia os aspetos e características que, na sua opinião, melhor descreve esta ideologia e os movimentos que lhe estão associados.<sup>149</sup> Apesar das múltiplas perspetivas sobre o fenómeno que existem na literatura, em comum, encontramos a ênfase colocada no seu carácter político ou social e na diversidade de atores, sendo que a maioria dos autores liga o Islamismo a um posicionamento político.

Considerando a sua evolução ao longo das últimas décadas, nesta tese adotamos uma definição abrangente de Islamismo, incluindo as tendências políticas, apolíticas e radicais.<sup>150</sup> Como já mencionamos, Islamismo refere-se à afirmação e promoção de

---

<sup>149</sup> Por exemplo, Roxanne Euben e Muhammed Q. Zaman utilizam o termo Islamismo para referirem “os movimentos contemporâneos que tentam regressar às fundações escriturais da comunidade muçulmana, aprofundando-as e reinterpretando-as a fim de as aplicar ao mundo político e social atual. [...] Os islamistas podem ser caracterizados como... políticos e realizando críticas multifacetadas a todas aquelas pessoas, instituições, práticas e orientações que não cumprem as normas deste compromisso político comandado por Deus. O Islamismo... não requer a desistência dos assuntos mundanos, mas é definido como um movimento no qual a salvação é possível apenas através da participação no mundo ou, mais precisamente, no interior das instituições do mundo, mas em oposição àquelas.” (Roxanne L. Euben e Muhammed Qasim Zaman, *Princeton Readings in Islamist Thought: Texts and Contexts from al-Banna to Bin Laden*, Princeton, Princeton University Press, 2009, p. 4.) Olivier Roy, distinguindo entre movimentos islamistas e movimentos fundamentalistas ou neofundamentalistas, diz que os primeiros se afirmam como movimentos sociopolíticos fundados no Islão, o qual é definido tanto em termos de ideologia política como em termos de religião. O autor defende que estes movimentos defendem um regresso ao Alcorão, à *Sunna* e à *Sharia* e rejeitam os comentários que compõem a tradição, mas consideram que a sociedade será apenas islamizada através da ação social e política. (Roy, *The Failure of Political Islam*, pp. 35-36, 39.) Katerina Dalacoura utiliza indistintamente o termo “Islamismo” e a expressão “Islão político”, para definir uma ideologia política que aplica uma interpretação do Islão que serve de modelo à construção de uma sociedade ideal. A autora sustenta que o Islamismo pode desenvolver-se em direções ideológicas diferentes e até mesmo divergentes, sob a influência de fatores e condições específicas. (Dalacoura, *op. cit.*, p.15.) Beverly Milton-Edwards diz que a expressão “Islãos políticos em vez de Islão político descreve melhor os diferentes tipos de movimentos políticos que surgiram ao longo dos últimos cem anos para contestar as políticas internas, regionais e internacionais. Estes movimentos encontram-se no mundo da política formal e informal.” Milton-Edwards acrescenta que, no século XX, “o Islão tem sido reconhecido por Estados e por atores não-estatais como uma força política cada vez mais importante”, desenvolvendo as suas atividades em áreas tão distintas como “a promoção de agendas revolucionárias alternativas, sancionando governos existentes, reformando atividades sociais, os direitos políticos das mulheres, o rapto de estrangeiros, o mau tratamento de minorias religiosas ou atentados suicidas. [...] Em suma, o Islão político é uma força dinâmica dirigida tanto internamente como externamente, na época moderna.” (Beverly Milton-Edwards, *Contemporary Politics in the Middle-East*, 2ª Ed., Cambridge, Polity Press, 2006, pp.134-135).

<sup>150</sup> Alguns autores preferem separar os movimentos que se caracterizam pela ausência de ações com um carácter político explícito, como grupos salafistas e organizações que se dedicam à pregação e à islamização social, dos movimentos islamistas, tidos como aqueles que procuram ativamente o poder no seio dos Estados que formam o mundo muçulmano. Euben e Zaman, por exemplo, distinguem entre islamistas e salafistas: para estes autores, a ideia salafista de aderir às práticas dos antepassados devotos das primeiras gerações de Muçulmanos e de retirarem as suas normas diretamente dos textos fundadores do Islão encontram adeptos entre os islamistas, mas também entre crentes comuns, pelo que defendem que se todos os islamistas demonstram inclinações salafistas, nem todos os salafistas são islamistas; aqueles apenas podem ser denominados de islamistas quando abandonam a sua atitude quietista e iniciam a sua luta em prol de uma nova ordem político-religiosa. (Euben e Zaman, *op. cit.*, p. 22). Se é um facto que algumas correntes não correspondem a um padrão de comportamento político, estas podem não estar desprovidas de objetivos que, em última análise, têm uma natureza política. As suas tentativas para recuperar o Islão original depurado das influências corruptoras e o seu esforço para fixar os parâmetros da autenticidade islâmica de modo definitivo constitui uma tentativa de reconstituir o mundo, determinando quem está incluído e quem é excluído deste, o que pode e o que não pode ser contestado, estabelecendo deste modo os limites do debate. (*Id.*, p. 28.)

crenças, leis e políticas com carácter islâmico. Esta definição permite cobrir o conjunto total das manifestações e comportamentos islamistas, onde se incluem as atividades políticas, a promoção ou o desafio de valores e normas sociais, o trabalho social e comunitário, as expressões religiosas e a ação prosélita. De igual modo, esta destaca a natureza multifacetada da ideologia e a heterogeneidade das suas ideias. Nenhum programa social, político ou económico pode ser descrito como tendo uma essência islâmica pura, pelo que os islamistas podem adotar uma gama variada de comportamentos perante realidades políticas e sociais iguais.<sup>151</sup> Dependendo dos objetivos que procuram alcançar, os islamistas podem encorajar ou restringir a participação política, incentivar ou reprimir questões relacionadas com o género, oferecer resistência ou reproduzir violência, o que demonstra o carácter dinâmico dos processos que compõem o Islamismo.

O Islamismo constitui uma *lente* através da qual se vê e interpreta o mundo, refletindo as condições materiais e as injustiças, reais ou percebidas, do contexto em que esta teve origem.<sup>152</sup> O pensamento islamista constitui um complexo conjunto de representações que articula e define uma gama de identidades, categorias e normas; organiza a experiência humana em narrativas que juntam passado, presente e futuro num quadro interpretativo convincente; e especifica o alcance e significado de práticas aceitáveis e desejáveis.<sup>153</sup> A sua complexidade fica desde logo patente na tensão constante que existe entre teoria, a qual nos chega através dos escritos dos seus principais ideólogos, e prática. É impossível fazer uma análise correta do Islamismo se atendermos apenas a um destes elementos: por um lado, a teoria nem sempre resiste às condições do mundo real quando se tenta aplicar os seus princípios, o que conduz inevitavelmente à sua evolução e transformação; por outro lado, toda a prática necessita de um enquadramento teórico inicial que ajude à sua organização e compreensão.

Os islamistas recusam a separação entre o político e o social, entre o Estado e a sociedade civil e consideram o Islão tanto uma ideologia como uma teologia. Ao defenderem uma conceção unitária do Islão – *din wa-dawla*, ou seja, uma união entre Estado e religião –, acreditam que uma sociedade verdadeiramente islâmica passa pela existência de um Estado islâmico e pela colocação em prática da *Sharia*. Contudo, aqueles discordam relativamente às estratégias a adotar para atingir tais objetivos, à interpretação

---

<sup>151</sup> Nazih N. Ayubi, *Political Islam, Religion and Politics in the Arab World*, London, Routledge, 1991, p. 230.

<sup>152</sup> Euben e Zaman, *op. cit.*, pp. 1-2.

<sup>153</sup> *Id.*, p. 2.

da lei islâmica e ao modo como esta deve ser aplicada, pois tal depende da natureza e dos objetivos específicos de cada movimento ou organização.

O Islamismo tem na sua essência uma atitude crítica em relação à modernidade, ao Ocidente e ao Estado, afirmando-se em oposição a estes elementos e seus derivados, ou seja, ao Nacionalismo, às ideologias seculares, à formação de Estados-nações, à ocidentalização das leis e dos costumes. Apesar do recurso massivo à tecnologia e estratégias ocidentais, estes consideram que o Ocidente exerce uma influência política, cultural e moral corruptora nas sociedades muçulmanas. Assim, aqueles procuram desenvolver doutrinas e práticas inspiradas no Islão, o qual aparece como fornecedor de princípios sociais e políticos, os quais são utilizados para induzir mudanças e responder às situações contemporâneas.

O apoio a este movimento não provem de uma classe ou grupo social específico: o Islamismo acaba por funcionar como um recetáculo de descontentamentos, tornando-se, com frequência, uma espécie de ideologia dos dominados e um movimento de protesto.<sup>154</sup> Ao ter raízes em áreas modernas sociologicamente, o Islamismo corta com o universo intelectual e social dos *ulama* tradicionais, a quem acusam de submissão às elites governativas seculares e corruptas.<sup>155</sup>

Ao longo de meio século, o Islamismo desenvolveu-se e consolidou posições sob diversas formas políticas e apolíticas, violentas e não violentas e, em conjunto com os movimentos a que deu origem, tornou-se um ator não estatal relevante na política internacional.

### 2.3. Diversidade e evolução teórica do pensamento islamista: tipologia dos movimentos islamistas

---

<sup>154</sup> Tradicionalmente, o Islamismo atrai várias classes e grupos sociais, entre os quais os pobres e marginalizados (em especial os das regiões urbanas); os elementos da classe média e média-baixa, os quais se sentem impedidos de prosperar económica e socialmente; a juventude com formação, mas sem perspectivas de emprego; e os intelectuais. Estes grupos consideram o Islão uma regra organizadora das relações sociais e rejeitam o *status quo* social, económico e cultural. Ver Giles Kepel, “Towards a Social Analysis of Islamist Movements”, in Nissim Rejwan, *The Many Faces of Islam: Perspectives on a Resurgent Civilization*, Gainesville, University Press of Florida, 2000, pp. 197-201.

<sup>155</sup> Roy, *The Failure of Political Islam*, p. 47. O termo *ulema* (no plural, *ulama*) significa “aquele que possui *ilm* (conhecimento)”, sendo utilizado para referir um leque alargado de teólogos e académicos muçulmanos. No Estado islâmico tradicional, os *ulama* desempenhavam um importante papel de supervisão do governante e da sua autoridade, através da interpretação da lei. Na fase final do Império Otomano e após a abolição do Califado, em 1924, esta classe acabaria por perder relevância enquanto fonte legitimadora de autoridade, devido a um conjunto de reformas legais e constitucionais, nomeadamente: a codificação da lei, a criação de corpos institucionais até então estranhos ao mundo islâmico e a sua incorporação no aparelho estatal. Na atualidade, os *ulama* podem fazer parte das instituições religiosas nos Estados muçulmanos, desempenhando o papel de professores religiosos, teólogos (*mutakallimun*), juristas (*muftis*), juizes (*qadis*) e oficiais governamentais; podem, também, ser académicos independentes que não ocupam nenhuma posição oficial, nem recebem salários do Estado. Shmuel Bachar et al., “Establishment Ulama and Radicalism in Egypt, Saudi Arabia and Jordan”, *Center on Islam, Democracy, and the Future of the Muslim World*, Washington, DC, Hudson Institute, n.º 4, December 2006.

O movimento islamista sunita está longe de ser um movimento homogêneo e unido e a questão da tipologia assume-se como um desafio. Por um lado, a divisão do movimento em categorias analíticas e a procura de rótulos apropriados que descrevam as suas características é uma tarefa fundamental para a produção de conhecimento e para a formulação de políticas, na medida em que permite uma leitura mais rigorosa dos grupos e das suas ações. Por outro lado, esta pode revelar-se um indicativo de agendas pessoais, interesses e crenças enraizadas entre analistas e académicos. A diversidade no interior do movimento islamista foi-se acentuando, especialmente nas últimas décadas do século XX, pois as condições e desafios decorrentes das transformações globais foram interpretadas de diferente maneira pelos movimentos, seus líderes e ideólogos.

Apesar do objeto de estudo desta tese ser o Islamismo de carácter violento, é importante reconhecer que os grupos que se exprimem através da violência surgiram, em alguns casos, a partir de movimentos mais vastos, os quais, com frequência, se alimentam das mesmas razões de queixa, sofrem repressão e estão presentes entre as comunidades na diáspora. De igual modo, os islamistas radicais partilham algumas conceções teológicas com outros movimentos e são responsáveis pela operacionalização daqueles. A compreensão das ideias, do modo como estes articulam as narrativas, do comportamento e das dinâmicas internas destes movimentos contribuem para a análise da evolução das tendências políticas e sociais. A referência às organizações islamistas não violentas pode contribuir para a compreensão do motivo pelo qual alguns islamistas optam pela violência, enquanto outros agem através de métodos pacíficos, e a razão que conduz algumas organizações ao abandono da violência enquanto outras persistem no recurso a esta tática.

### 2.3.1. O Islamismo político

Apesar de criticar as ideias ocidentais, esta corrente do Islamismo sempre mostrou predisposição para adotar instrumentos ocidentais de organização política, com os quais confronta o Estado secular muçulmano. O Islamismo político é caracterizado pelas ações de movimentos (*harakat*) e partidos (*al-hizb*) que dão primazia à ação política, adaptando-se aos respetivos contextos locais. Com o propósito de estimular a renovação moral, social e política da comunidade islâmica, estes comprometem-se com uma estratégia de reformas implementadas através de canais legais, participando em eleições e em parlamentos.

Os islamistas políticos passaram por um importante processo evolutivo em resultado de décadas de cisões e dissidências. Dotados de um espírito pragmático e fruto de uma educação moderna, estes islamistas adaptaram o seu discurso às realidades, destacando temas relacionados com a justiça, a liberdade, as boas práticas governativas e a luta contra a corrupção. A sua aposta na islamização do Estado por processos políticos e democráticos torna-os alvos dos ataques verbais de grupos islamistas mais radicais. Estes islamistas dizem rejeitar o recurso a métodos violentos, exceto nos casos que consideram ter de lutar contra a ocupação estrangeira, a qual legitima um movimento de resistência.<sup>156</sup> A opção por táticas não violentas visa reduzir os custos e os riscos do seu ativismo, aumentando as perspetivas de alcançar alguns objetivos a curto prazo e resulta, também, de uma procura de legitimidade a nível doméstico e internacional.

Estes movimentos reconhecem que os Textos sagrados não esclarecem a forma que o Estado islâmico deve assumir.<sup>157</sup> A *Sharia* permanece central no seu discurso, mas insistem na necessidade da *ijtihad*<sup>158</sup> para determinar a maneira mais adequada para

---

<sup>156</sup> Embora os acontecimentos recentes estejam a contribuir para aprofundar a radicalização de alguns setores no interior desta organização, como o massacre de oitocentos membros da organização que protestavam no Cairo em agosto de 2013 – ver David Kirkpatrick, “Hundreds Die as Egyptian Forces Attack Islamist Protesters”, *The New York Times*, August 14 2013, [http://www.nytimes.com/2013/08/15/world/middleeast/egypt.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2013/08/15/world/middleeast/egypt.html?_r=0) (data de último acesso: 15 agosto 2013) –, a Irmandade Muçulmana renunciou à violência no interior do Egipto e nos restantes países onde marca presença e, inclusive, terá contribuído para a revisão doutrinária empreendida pelos membros da *Jamaat Islamiyya* que se encontravam nas prisões egípcias após a vaga de ataques na década de 1990. (Ver Lisa Blaydes e Lawrence Rubin, “Ideological Reorientation and Counterterrorism: Confronting Militant Islam in Egypt”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 20, n.º4, 2008, p. 469). Porém, é fortemente criticada por não hesitar em condenar a violência perpetrada por movimentos como o HAMAS.

<sup>157</sup> A maioria destes movimentos tende a adotar discursos próximos da doutrina do realismo político. Com efeito, muitos dos atuais movimentos islamistas políticos reconhecem que o Alcorão e a *Sunna* não contêm uma definição clara de Estado Islâmico, pelo que este pode assumir diferentes formas. Por exemplo, no programa eleitoral de 2007 para o conselho da *shūra*, a Irmandade Muçulmana define Estado Islâmico como “necessariamente um Estado civil. [O Estado] civil rejeita o carácter sagrado e a identidade clerical do Estado mantendo, entretanto, a sua identidade islâmica, conforme os limites e os direitos estabelecidos pelo Islão. É um Estado onde o governante e a nação se integram. A nação elege o seu governante, tendo o direito de responsabilizá-lo e removê-lo se necessário. Ele é um governante civil em todos os aspetos.” (Ver “The Electoral Programme of the Muslim Brotherhood for the Shura Council in 2007”, *Ikhwanweb*, 14 June 2007, <http://www.ikhwanweb.com/article.php?id=822&ref=search.php> (data de último acesso: 02 de fevereiro de 2010)). Durante a sua presidência, entre junho de 2012 e julho de 2013, Muhammed Morsi defendeu que o Egipto poderia, finalmente, ser considerado um verdadeiro Estado civil: democrático, livre, constitucional, legal e moderno, não obstante o próprio acreditar que um Cristão ou uma mulher não poderiam ser um presidente adequado. (David D. Kirkpatrick, Steven Erlanger, “Egypt’s New Leader Spells Out Terms for U.S.-Arab Ties”, *The New York Times*, 22 September 2012, [http://www.nytimes.com/2012/09/23/world/middleeast/egyptian-leader-mohamed-morsi-spells-out-terms-for-us-arab-ties.html?nl=todaysheadlines&emc=edit\\_th\\_20120923](http://www.nytimes.com/2012/09/23/world/middleeast/egyptian-leader-mohamed-morsi-spells-out-terms-for-us-arab-ties.html?nl=todaysheadlines&emc=edit_th_20120923) (data de último acesso: 25 de setembro de 2012)). Porém, este movimento não despreza a islamização da sociedade e dos seus costumes, defendendo a aplicação de uma metodologia reformista que pode ser descrita nos seguintes termos: “A formação de um indivíduo íntegro conduz à formação de uma família íntegra, e ao formar uma família íntegra tem-se uma sociedade íntegra, a qual pode escolher um líder íntegro.” (Mona El-Naggar, “Family Life According to the Brotherhood”, *The New York Times*, 4 September 2012, [http://www.nytimes.com/2012/09/05/world/middleeast/05iht-letter05.html?pagewanted=1&\\_r=1&nl=todaysheadlines&emc=edit\\_th\\_20120907](http://www.nytimes.com/2012/09/05/world/middleeast/05iht-letter05.html?pagewanted=1&_r=1&nl=todaysheadlines&emc=edit_th_20120907) (data de último acesso: 6 de setembro de 2012)).

<sup>158</sup> *Ijtihad* designa o exercício de raciocínio jurídico independente, de modo a fornecer respostas quando o Alcorão e a *Sunna* – fontes primárias de jurisprudência islâmica – são omissos relativamente a determinado assunto. Dito de outro modo, *ijtihad* é o máximo esforço despendido pelo jurista para dominar e aplicar os princípios e as regras de *usūl al-fiqh* (teoria legal) com o propósito de descobrir a Lei de Deus. Muitos académicos modernos defendem que o exercício da *ijtihad* cessou por volta do final do século IX, com o consentimento dos juristas muçulmanos. Segundo Joseph Schacht (*An Introduction to Islamic Law*, Oxford, 1964, pp. 70-71), “os eruditos de todas as escolas jurídicas concordaram que todas as questões essenciais haviam sido discutidas e resolvidas. Estabeleceu-se, de modo consensual, que daquele momento em diante ninguém deveria ser considerado como tendo as qualificações necessárias para exercer julgamento independente em termos legais. Toda a atividade futura seria restrita à explicação, aplicação e interpretação da doutrina.” Este processo, conhecido como “encerramento das portas da *ijtihad*”, aumentou a necessidade de *taqlid*, termo que designa a aceitação indiscutível da doutrina das escolas jurídicas estabelecidas. Aquele que pratica a *ijtihad* designa-se *Mujtahid*, enquanto aquele ligado à prática da *taqlid* denomina-se *Muqallid*. Os Xiitas continuam a exercer a *ijtihad*, praticada pelos doutores da lei, os *mujtahid*, os quais resolvem as questões não abordadas pela lei. Os *ulama* xiitas concordam que a prática dinâmica e absoluta da *ijtihad* é permissível e necessária para a existência do Islão. Ver Wael B. Hallaq, “Was the Gate of Ijtihad Closed?”, *International Journal of Middle East Studies*, vol. 16, n.º 1, 1984, pp. 3-41.

traduzir os princípios da *Sharia* para a legislação dos países muçulmanos na atualidade. Ao mostrarem-se sensíveis às necessidades económicas da população e fornecedores competentes de serviços sociais, educacionais e médicos, competindo com Estados que frequentemente são incapazes de estenderem a sua influência a vastas áreas dos seus países, ganham o apoio de amplos sectores populacionais e difundem as suas ideias sobre a construção de uma sociedade islâmica.

A falta de habilidade dos reformadores do século XIX em traduzir as suas ideias em movimentos de massa foi superada por autores como Hassan al-Banna, o qual, em 1928, criou o primeiro movimento islamista viável.<sup>159</sup> A Irmandade Muçulmana egípcia e grupos afiliados em vários países do Médio Oriente, bem como a *Jamaat-i-Islami* no Paquistão, são as organizações precursoras do ativismo islamista.<sup>160</sup> Aquando a sua formação, estes movimentos contestavam a legitimidade dos Estados, considerados estruturas artificiais e em oposição ao ideal de unidade islâmica, e procuravam combinar reforma religiosa e mobilização política. No passado, muitos destes movimentos manifestaram posicionamentos antidemocráticos e recorreram a ações violentas.<sup>161</sup> Deste modo, a participação de partidos islamistas na vida política sempre causou dilemas relacionados com os direitos das minorias e das mulheres,<sup>162</sup> a aplicação da *Sharia*, o pluralismo político, as liberdades individuais e a sua capacidade e intenções reais para governar um território.<sup>163</sup> Estas dúvidas serviram para os regimes legitimarem a

---

<sup>159</sup> Adnan A. Musallam, *From Secularism to Jihad: Sayyid Qutb and the Foundations of Radical Islamism*, Westport, Praeger, 2005, p. 17.

<sup>160</sup> Hassan al-Banna foi o fundador da Irmandade Muçulmana – *al-Ikhwan al-Muslimin* –, movimento que reúne os elementos mais ativistas do tradicionalismo sunita e do pensamento reformista. Esta constituiu uma reação à mentalidade filo-europeia que caracterizava as elites egípcias daquela década. Sayyid Abu al-A'la Mawdudi, fundador da *Jamaat-i-Islami*, em 1941, foi o erudito responsável por trazer para a modernidade alguns conceitos que viriam a marcar o desenvolvimento posterior do pensamento islamista. O partido que fundou opunha-se aos Britânicos, tentava proteger os Muçulmanos na Índia, exortar o fervor islâmico e incentivar os detentores do poder a proteger as necessidades da comunidade muçulmana. Cada um via a sua organização como um movimento de vanguarda, o qual serviria como núcleo dinâmico para uma verdadeira reforma islâmica dentro da sociedade alargada. Apesar da ameaça do imperialismo, a reconstrução da sociedade deveria começar com um apelo a todos os Muçulmanos – a *da'wa* – para que renovassem a sua fé e a sua prática religiosa, de modo a desencadear uma revolução social e a re-islamização do indivíduo e da sociedade. Ver Richard P. Mitchell, *The Society of the Muslim Brothers*, New York, Oxford University Press, 1993; Brynjar Lia, *The Society of the Muslim Brothers in Egypt: The rise of an Islamic Mass Movement, 1928-1942*, Reading, Ithaca Press, 1998; John L. Esposito, *Unholy War: Terror in the Name of Islam*, Oxford, Oxford University Press, 2002, pp. 49-51; Kepel, *Jihad: The Trail of Political Islam*, p. 33-34; Youssef M. Choueiri, *Islamic Fundamentalism*, London, Pinter Press, 1990, p. 33, 94.

<sup>161</sup> Por exemplo, fazendo alianças com militares e apoiando golpes contra governos eleitos. Veja-se o apoio da *Jamaat-i-Islami* ao regime do General Zia-ul-Haq, em 1977, e a estratégia de Hassan al-Turabi que infiltrou membros do seu partido, a Frente Islâmica Nacional, no exército, chegando ao poder no Sudão ao lado do General Omar al-Bashir, em 1989.

<sup>162</sup> Sendo a condição das mulheres nas sociedades islâmicas um tema fraturante, estes islamistas tendem a aceitar a ampliação da função social daquelas e a sua presença no espaço público, defendendo o acesso à educação e o exercício de uma atividade profissional, desde que se respeite o princípio da segregação entre os sexos. É comum estas organizações manterem uma secção feminina e existem algumas figuras femininas, como Zaynab al-Ghazali e Nadia Yassine, que são importantes referências para o movimento. Investigações recentes sobre questões de género revelam que as mulheres pertencentes ou próximas destas organizações têm tendência para aceitar o paradigma de género no Islão como sendo a expressão de uma vontade divina. Para mais informação sobre questões de género no Islão e nos movimentos islamistas, ver Anne Sofie Roald, “‘Benevolent Patriarchy’: Palestinian Women between ‘Ideal’ and ‘Reality’”, *Islam and Christian-Muslim Relations*, vol. 24, n.º 3, 2013, pp. 333-347; Anne Sofie Roald, “European Islamic gender discourse”, in David Cheetham et al. (eds.), *Interreligious Hermeneutics in Pluralistic Europe*, Amsterdão/New York, Rodopi, 2011, pp. 267-288; Anne Sofie Roald, “Islamists in Jordan: Promoters of or obstacles to female empowerment and gender equality?”, *Religion and Human Rights*, vol. 4, n.º 1, 2009, pp. 41-63.

<sup>163</sup> Ver Nathan J. Brown, Amr Hamzawy, Marina Ottaway, “Islamist Movements and the Democratic Process in the Arab World: Exploring the Gray Zones”, *Carnegie Endowment for International Peace / Herbert-Quandt-Stiftung*, n.º 67, March 2006.

perseguição e repressão a estes partidos, os quais apenas eram tolerados dentro de limites bem estabelecidos pelos respectivos Estados.

Na Palestina, o *Harakat al-Muqawana al-Islamiyya* (HAMAS) – Movimento de Resistência Islâmica –, e o partido xiita *Hizballah* – Partido de Deus –, no Líbano, representam organizações políticas mais complexas, pois possuem milícias armadas em paralelo com as suas estruturas políticas e com as suas redes de serviços sociais.<sup>164</sup>

Para compreender o ativismo destes partidos e movimentos é fundamental compreender o quadro estratégico em que atuam e as restrições que condicionam as suas ações: estes podem estar dispostos a sacrificar alguns dos seus ideais em prol de ganhos políticos, tomam decisões relativas aos recursos organizacionais, fazem alianças e são sensíveis à competição entre as diversas facções no seu interior.<sup>165</sup> Estes mostram-se relativamente flexíveis, tendo desistido da ideia de reconstruir a *ummah* e aceitando os Estados-nações, exprimem realidades e preocupações nacionalistas, procuram desenvolver a sua atividade no quadro legal e constitucional existente, apesar de assumirem uma atitude antiocidental a nível de política externa.

Estes movimentos passam por ciclos e períodos de maior e menor abertura, os quais correspondem às próprias características organizacionais e à atuação das autoridades. Em período de maior repressão, face à sua incapacidade para prosseguir as suas atividades pode verificar-se a tendência para a sua radicalização; em períodos de relativa liberalização, estas organizações aproveitam para prosseguir o seu ativismo político, social e religioso.

### 2.3.2. Islamismo missionário ou apolítico

Os islamistas com cariz missionário ou apolítico recorrem a conceções teológicas comuns na literatura sobre Islamismo – como *salaf*, *wahhabi*, *jihad*, *takfir* – para articularem as suas ideias e moldarem a sua conduta, sendo que aquelas são facilmente adaptáveis a qualquer conteúdo ou discurso político. Deste modo, estes movimentos

---

<sup>164</sup> Apesar dos seus membros declararem que existe um esforço para separar as atividades políticas daquilo que definem por resistência legítima a Israel, a manutenção de alas armadas e o recurso à violência em determinadas situações levantam questões relacionadas com a inclusão destas organizações na cena política dos seus respetivos países. Se por um lado, aquelas retiram legitimidade para as suas ações políticas através da participação em eleições, por outro lado, a não renúncia à violência leva-os a serem designados como organizações terroristas incorporando, por exemplo, as listas do Departamento de Estado norte-americano ou da UE. Ver “Foreign Terrorist Organizations”, *U.S. Department of State*, Bureau of Counterterrorism, 28 de Setembro de 2012, <http://www.state.gov/j/ct/rls/other/des/123085.htm> (data de último acesso: 19 de dezembro de 2012).

<sup>165</sup> Wiktorowicz, *Radical Islam Rising*, p. 13.

propagam determinados comportamentos sociais e religiosos, mas deixam convenientemente disponível uma certa abertura a nível político.

O método privilegiado pelos seus seguidores é o ativismo religioso e o apelo ao Islão através da pregação e a ação prosélita, ou seja, da *da'wa*. Esta pode significar o convite a não Muçulmanos para que se convertam ao Islão ou o apelo aos Muçulmanos para que regressem ao Islão e melhorem a sua conduta enquanto crentes e membros daquela comunidade religiosa.<sup>166</sup> Os movimentos que compõem esta corrente privilegiam esta última conceção, defendendo a intervenção a nível das massas e a aplicação da *Sharia*.

Os seguidores desta vertente procuram divulgar aquilo que consideram ser as conceções corretas da crença e práticas islâmicas pelos Muçulmanos que delas se afastaram, o que terá conduzido à decadência moral e espiritual das suas sociedades e ao enfraquecimento da comunidade. Deste modo, promovem o regresso à religião pura da comunidade islâmica inicial e colocam especial ênfase na renovação dos costumes, atribuindo àquelas o motivo da glória e da durabilidade da civilização islâmica inicial. O seu objetivo principal é a preservação da identidade muçulmana e o reforço da fé e ordem moral islâmica, porque consideram que só desta maneira se atingirá a virtude individual necessária à criação de um bom governo, à coesão e reforma moral da *umma* e à salvação coletiva. Uma sociedade é islâmica na medida em que os seus membros aderem ao Islão, e será esta sociedade que posteriormente dará origem a instituições islâmicas e a um Estado islâmico.

Apesar de não promover ações revolucionárias e provocatórias para as autoridades, o Islamismo apolítico pode representar um desafio, especialmente para as sociedades Muçulmanas onde as práticas religiosas se mostram mais débeis e para as sociedades ocidentais com comunidades islâmicas significativas. Em determinadas situações, estes movimentos podem exprimir reservas relativamente às diversas formas de integração na sociedade e promover a criação de espaços totalmente regidos pelos valores e normas que defendem, gerando tensões sociais e políticas.

Os islamistas de tendência missionária são um fenómeno característico da globalização, processo que acelerou a difusão de várias redes islâmicas por todo o mundo, as quais promovem uma identidade independente de especificidades territoriais e culturais. Enquanto os meios tradicionalistas num novo país identificam a defesa do Islão

---

<sup>166</sup> Esposito, *Unholy War: Terror in the Name of Islam*, p. 53.



com a manutenção da cultura de origem, estes combatem as particularidades culturais das sociedades de origem, apelando aos tempos do Islão inicial. Alguns jovens encontram nesta forma de viver a religião um sentido para a sua existência, pois estes oferecem soluções simples, num ambiente seguro, para as dificuldades que aqueles enfrentam.

Esta corrente tem duas variantes principais: o movimento *Tablighi* e o movimento *Salafiyya*, o qual adquiriu o seu significado atual durante a década de 1980. Ambos são formalmente apolíticos, já que tentam manter-se afastados de questões e eventos mundanos. Contudo, tal não equivale a dizer que são totalmente desprovidos de objetivos políticos: estes não procuram o poder político, mas a sua atitude de desistência e rejeição dos valores sociais dominantes e o seu desejo de provocar um revivalismo islâmico pode constituir uma tentativa de influenciar ou pressionar – com ou sem intenção – os detentores desse poder.<sup>167</sup>

### 2.3.2.1. *Tabligh Jamaat*

Em 1927, o movimento pietista *Tabligh Jamaat* (Grupo para a Pregação e Propagação) surgiu na Índia com origem na escola conservadora deobandi, como movimento de reforma em reação ao governo britânico e para tentar preservar a herança religiosa e cultural dos Muçulmanos no subcontinente indiano.<sup>168</sup> O seu iniciador, Maulana Muhammad Ilyas, acreditava ser necessário reformar a sociedade e criar condições para se viver de acordo com os ensinamentos do Islão.<sup>169</sup> Ilyas acreditava que a pregação ativa constituía uma “luta no caminho de Deus, ou seja, uma forma de *jihad*”,<sup>170</sup> defendia a superioridade da *Sharia* e a subjugação das questões mundanas à soberania de Deus.<sup>171</sup> Este movimento constituiu-se como uma sociedade alternativa e, apesar do seu estatuto minoritário inicial, acabaria por adquirir notável coesão organizacional e um consistente quietismo político.<sup>172</sup>

---

<sup>167</sup> ICG, *Understanding Islamism*, p. 8. Segundo Anindita Chakrabarti, o facto de um movimento ser político ou apolítico num contexto secular não reflete necessariamente uma escolha feita pelos grupos religiosos, pois estes adquirem significado político em determinadas circunstâncias: a questão central não é o modo como estes grupos percecionam o seu próprio projeto, mas o modo como são percecionados pelos outros. Anindita Chakrabarti, “Soteriological journeys and discourses of self-transformation: the Tablighi Jamaat and Svadhyaya in Gujarat”, *South Asian History and Culture*, vol. 1, n.º 4, October 2010, p. 598.

<sup>168</sup> Para mais sobre o movimento deobandi, ver Barbara D. Metcalf, *Islamic Revival in British India: Deoband, 1860-1900*, Princeton, Princeton University Press, 1982. Autores como Kepel defendem que a escola deobandi tem muitas semelhanças com o Wahhabismo. Kepel, *Jihad: The Trail of Political Islam*, p. 58.

<sup>169</sup> Chakrabarti, *op. cit.*, p. 599.

<sup>170</sup> Barbara D. Metcalf, “New Medinas”, in Barbara D. Metcalf (Ed.), *Making Muslim Space in North America and Europe*, Berkeley, University of California Press, 1996, p. 110.

<sup>171</sup> Jan Ali, “Islamic Revivalism: The Case of the Tablighi Jamaat”, *Journal of Muslim Minority Affairs*, vol. 23, n.º 1, Abril 2003, p. 179.

<sup>172</sup> ICG, *Understanding Islamism*, p. 8.

Sob liderança do filho do fundador do movimento, o *Tabligh Jamaat* tornou-se um movimento global, tendo conhecido algum sucesso entre as minorias muçulmanas na Europa.<sup>173</sup>

O *Tabligh Jamaat* descreve-se como um grupo apolítico, dedicado à renovação e orientação espiritual e interessado em fazer regressar os Muçulmanos ao Islão. O seu principal objetivo consiste em preservar a fé, coesão e identidade da população muçulmana, minimizando as distinções sociais no seu interior e as relações com a restante sociedade. A pregação sublinha a transitoriedade do mundo atual em contraste com o mundo após a morte, embora a crença no paraíso que permeia todo o discurso *tablighi* exprima a convicção de que os prazeres do paraíso também se podem encontrar na vida terrena, por exemplo, quando se vai em missão com o grupo.<sup>174</sup> Apesar de apresentarem uma mensagem simples e contendo os princípios de base do Islão, os *tablighis* oferecem elaboradas definições do que consiste ser Muçulmano, sobretudo no que toca ao código que rege o comportamento individual, enfatizando a prática do próprio Maomé e dos fundadores do Islão.<sup>175</sup> Ao aderirem a este movimento, os adeptos rompem com o seu modo de vida anterior e adotam hábitos islâmicos na sua conduta diária.<sup>176</sup> Esta rutura com os elementos mundanos e a adoção de uma conduta pietista são tidos como um meio de salvação e sucesso em ambos os mundos – neste e no Além.<sup>177</sup>

As reuniões anuais do movimento no Paquistão, Índia e Bangladesh são consideradas as maiores concentrações de Muçulmanos a seguir ao *hajj* (peregrinação anual a Meca).<sup>178</sup> As suas viagens constituem, em simultâneo, um processo de autotransformação moral e espiritual e uma forma de expansão organizacional.<sup>179</sup> Neste sentido, a divulgação do Islão e das práticas islâmicas corretas deixam de ser do domínio exclusivo dos *ulama*, para se tornarem uma obrigação de todos os Muçulmanos.<sup>180</sup>

---

<sup>173</sup> O movimento também consolidou as suas posições em países como Marrocos e Argélia, e no Sudeste Asiático, onde a sua presença tem crescido na Indonésia, Malásia, Tailândia e sul das Filipinas. Ver Alexander Horstmann, "The Tablighi Jama'at, Transnational Islam, and the Transformation of the Self between Southern Thailand and South Asia", *Comparative Studies of South Asia, Africa and the Middle East*, vol. 27, n.º 1, 2007, pp. 26-40.

<sup>174</sup> Metcalf, "New Medinas", pp. 120-121. O modo de atuação do *Tabligh* consiste na reunião de pequenos grupos de missionários, os quais abandonam as suas casas por um período de tempo variável e que visitam mesquitas, campus universitários ou outros espaços, pregando o regresso aos verdadeiros valores e práticas islâmicas. Este método ou jornada religiosa denomina-se "ir em *jamaat*". Os *tablighis* insistem nos contactos pessoais e presenciais para comunicar a sua mensagem, tal como fazia o Profeta, não recorrendo aos novos meios de comunicação. Com esta abordagem tentam também captar novos membros, normalmente jovens do sexo masculino em busca de identidade, para dedicarem alguns dias ou semanas por ano à *da'wa*.

<sup>175</sup> ICG, *Understanding Islamism*, p. 8.

<sup>176</sup> Barbara D. Metcalf, "Islam and Women: The case of Tablighi Jama'at", *SEHR*, vol. 5, n.º 1, 27 February 1996, <http://www.stanford.edu/group/SHR/5-1/text/metcalf.html> (Data de último acesso: 4 de janeiro de 2013).

<sup>177</sup> Ali, "Islamic Revivalism: The Case of the Tablighi Jamaat", p. 173.

<sup>178</sup> Fred Burton e Scott Stewart, "Tabligh Jamaat: An Indirect Line to Terrorism", *Stratfor*, 23 January 2008, [http://www.stratfor.com/weekly/tablighi\\_jamaat\\_indirect\\_line\\_terrorism](http://www.stratfor.com/weekly/tablighi_jamaat_indirect_line_terrorism) (data de último acesso: 07 de janeiro de 2013).

<sup>179</sup> Chakrabarti, *op. cit.*, p. 597.

<sup>180</sup> Ali, "Islamic Revivalism: The Case of the Tablighi Jamaat", p. 176.

### 2.3.2.2. O Salafismo

O Salafismo é uma das tendências mais complexas no seio do Islão, o que dificulta a sua análise e a apreciação das suas consequências no palco político internacional. O movimento anteriormente conhecido por Salafismo teve origem na década de 1880, enquanto movimento reformador de tendência modernista que defendia a integração do regresso à pureza islâmica inicial com a adoção de elementos da modernidade. Após final do Império Otomano e a divisão da região em protetorados a autoridade política transitou para as mãos de Europeus, sendo que a prioridade deixou de ser a reforma da comunidade política islâmica, mas o seu restabelecimento e a resistência aos poderes coloniais.<sup>181</sup>

Entre a geração do passado e a atual geração salafista existem diferenças ideológicas e metodológicas notáveis. Estas levam Quintan Wiktorowicz a negar a existência de qualquer ascendência ideológica comum entre os dois movimentos e a defender que os salafistas contemporâneos sentem profunda antipatia pelos modernistas islâmicos, devido às tendências racionalistas destes últimos.<sup>182</sup> Apesar das raízes históricas e do diferente processo de desenvolvimento dos dois movimentos, a partir da década de 1970, o Salafismo viu-se irreversivelmente associado à hegemonia wahhabita saudita, verificando-se uma tendência para a utilização dos dois termos de modo indiferenciado.<sup>183</sup> O Wahhabismo partilha com o Salafismo os mesmos princípios: a ideia de que os Muçulmanos se tornaram ignorantes da sua religião e vivem num estado de *jahiliyya*,<sup>184</sup> o que torna necessário a reafirmação do monoteísmo absoluto; a crença na *tawhid* como base do credo islâmico (*'aqida*); o regresso ao Alcorão e à *Sunna* como meio de proteger essa crença.<sup>185</sup> Porém, o Salafismo é um movimento que, embora puritano e conservador, é mais abrangente, tendo ocorrido reformas a nível doutrinal em algumas das regiões onde se sente a sua influência.

---

<sup>181</sup> ICG, *Understanding Islamism*, p. 9.

<sup>182</sup> Quintan Wiktorowicz, "Anatomy of the Salafi Movement", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 29, n.º 3, 2006, p. 212.

<sup>183</sup> Roel Meijer, "Introduction", in Meijer (ed.), *Global Salafism, Islam's New Religious Movement*, Londres, Hurst & Company, 2009, pp. 1-32; Kepel, *Fitna: Guerre au cœur de l'islam*, p. 204, 208-209. A aproximação entre os dois ficou-se, sobretudo, a dever à ida de muitos membros da Irmandade Muçulmana para a Arábia Saudita, após 1954, para escaparem às perseguições de Nasser; à expansão da influência política saudita na sequência do choque petrolífero de 1973/74; e à determinação daqueles em se apresentarem como guardiães e defensores do Islão, a partir de 1979, como meio de oposição ao Xiismo.

<sup>184</sup> Designação da sociedade árabe pré-islâmica. A revelação a Maomé teve lugar na cidade de Meca a qual, à semelhança de toda a Arábia, era assediada por guerras tribais e pelo politeísmo. A sociedade de Meca caracterizava-se pelo seu materialismo, corrupção, avareza e pela sua ignorância e descrença. O Profeta condenou as condições desta sociedade *jahili* e apelou à justiça social para os mais vulneráveis. Este termo tem raízes corânicas (versículos 3:154, 5:50, 33:33 e 48:26 do Alcorão) e uma posição destacada no seio do discurso islâmico clássico. Hoje, o termo é utilizado para descrever o estado de ignorância sobre a verdade da religião e dos comandos divinos. Este termo tem sido, com alguma frequência, utilizado e reinterpretado por diversos grupos islamistas mais radicais para descrever e condenar a sociedade ocidental e as sociedades muçulmanas que consideram não respeitar os preceitos islâmicos.

<sup>185</sup> Meijer, "Introduction", in Meijer (ed.), *Global Salafism*, pp. 4-5.

A corrente salafista opõe-se ao Islão tradicional e luta contra todas as formas de assimilação e ocidentalização, focando a sua ação na transformação do indivíduo e na rigorosa observação das prescrições da fé. A negação de todos os elementos culturais torna os salafistas em agentes da globalização do Islão: o credo que professam transcende espaços, tradições e autoridades religiosas, ligando os Muçulmanos a uma comunidade imaginária de crentes.<sup>186</sup> As interpretações salafistas do Islão exercem fascínio em muitos daqueles que procuram respostas na religião para os desafios da modernidade e para as situações de incerteza e insegurança. Ao adotarem estas crenças, muitos adquirem uma identidade que os transforma internamente e, apesar do quietismo inerente à doutrina, lhes fornece um modelo alternativo para a ação social.<sup>187</sup> O poder de mobilização do Salafismo reside na suposta superioridade moral que os seus membros apregoam relativamente aos restantes atores islâmicos. Os Salafistas consideram-se membros de uma comunidade vitoriosa – *al-ta'ifa al-mansura* –, necessária para a sua salvação no Além.<sup>188</sup>

Os líderes dos movimentos salafistas são frequentemente *ulama*, os quais determinam o que é lícito e ilícito. Os Salafistas têm como um dos seus princípios fundamentais a crença na unidade e unicidade de Deus (*tawhid*): apenas Deus, na sua condição de criador e soberano do Universo, deve ser venerado, pelo que o culto dos santos e as correntes sufis são considerados práticas heréticas. Este interesse na pureza doutrinária e na salvação individual leva-os a invocarem os antecessores devotos do tempo do Profeta e dos primeiros Califas como único exemplo a seguir para a purificação das práticas e da fé islâmica. A *da'wa* e a educação religiosa (*tarbiya*) são os meios para trazer as pessoas de regresso ao Islão. A maioria dos salafistas defende o recurso à *ijtihad* e rejeitam a imitação cega de uma escola jurídica, mas seguem linhas rígidas no que se refere à interpretação individual.

Outro princípio importante para o Salafismo é o conceito de *hisba* ou *al-amr bi-l-ma'ruf wa-l-nahy 'an al-munkar*. Este designa a missão profética e o dever de todos os Muçulmanos de “praticar o bem e proibir o reprovável”.<sup>189</sup> Este princípio é *fard kifāya*,

---

<sup>186</sup> Wiktorowicz, “Anatomy of the Salafi Movement”, p. 210.

<sup>187</sup> Meijer, “Introduction”, in Meijer (ed.), *Global Salafism*, p. 13.

<sup>188</sup> A noção de *al-ta'ifa al-mansura* está relacionada com o grupo descrito pelo Profeta, o qual é composto de verdadeiros Muçulmanos, os quais seguem o caminho de Deus e se esforçam por disseminar a religião de Deus na terra. A sua existência não tem limites espaciais ou temporais: esta existirá até ao Final dos Tempos, o qual terá lugar perto de Damasco, antes do Dia do Julgamento. Esta noção aparece em alguns *ahadith* de al-Bukhari e, de acordo com alguns intérpretes, alguns versículos do Alcorão também se referem a esta comunidade, nomeadamente o versículo 3:104 sobre a geração de bem-aventurados que praticam o bem e proíbem o reprovável. Fährad Khosrokhavar, *Jihadist Ideology: The Anthropological Perspective*, Aarhus, Aarhus University, 2011, pp. 107-108.

<sup>189</sup> Roel Meijer, “Commanding Right and Forbidding Wrong as a Principle of Social Action: The Case of the Egyptian al-Jama'a al-Islamiyya”, in Meijer (ed.), *Global Salafism*, p.191. Vários versículos do Alcorão são relevantes para a compreensão deste princípio, como o 3:104 (“E assim surja de vós uma geração cujos membros pratiquem o bem, respeitem o estabelecido, proibam o reprovável:

ou seja, uma obrigação coletiva e, segundo a doutrina clássica confirma a estrutura hierárquica da sociedade, concedendo o monopólio da força aos atores estatais e da *da'wa* aos eruditos muçulmanos.<sup>190</sup> Porém, os islamistas subverteram o seu significado original de modo a servir os seus propósitos ativistas, tornando-o um princípio que é, em simultâneo, interno e individual e externo e coletivo: a *hisba* é utilizada para manter a ordem moral e para legitimar ações de cariz social e político.<sup>191</sup> Como a avaliação do certo e do errado resulta essencialmente de uma atividade mental subjetiva, este conceito é suscetível de dar azo a abusos contra todos aqueles que não adotem um comportamento segundo as regras prescritas pela *Sharia*, de acordo com a conceção salafista.

O princípio *al-wala' wa-l-bar'a* constitui o terceiro princípio relevante do Salafismo, regulando as relações entre a comunidade dos crentes e os não crentes. Este designa a ideia de lealdade e repúdio: lealdade a Deus, ao Islão e aos Muçulmanos e repúdio das outras religiões e dos seus crentes. Apesar desta ideia remontar ao século VII, quando Carijitas e Xiitas apelaram à lealdade para com os respetivos grupos e à rejeição dos seus opositores, este princípio é considerado um contributo do Wahhabismo, acreditando-se que terá sido desenvolvido como critério decisivo de crença por Sulayman Ibn Abdallah, neto de Abd al Wahhab.<sup>192</sup> A questão da cooperação, apoio ou auxílio a não muçulmanos era considerada pelos wahhabitas como uma das razões para a expulsão da religião.<sup>193</sup> Sem invocar especificamente o termo, Ibn Taymiyya também terá condenando os não muçulmanos como inimigos de Deus.<sup>194</sup> A sua prática implica a tentativa de evitar contactos com aqueles que “não acreditam em Deus” e mostrar hostilidade para com os idólatras. Contrariando a habitual atitude islâmica de os considerar *ahl al-Kitab* (Povos do Livro), Cristãos e Judeus são considerados *kuffar*,<sup>195</sup> pois terão como objetivo provocar o afastamento dos Muçulmanos das suas crenças. Dando azo a relações fundadas no registo sectário, este princípio é útil para analisar as interações entre Muçulmanos e não Muçulmanos, nomeadamente em território europeu.

Perante o subdesenvolvimento do vocabulário político salafista, estes três princípios doutrinários foram transformados em ferramentas de carácter político,

---

esses serão os bem-aventurados”) e o 3:110 (“Sois a melhor comunidade que se fez surgir para os homens: respeitais o estabelecido, proibis o reprovável e credes in Deus”): Outros versículos onde encontramos referências a este princípio são: 9:71, 3:114, 7:157, 9:112, 22:41 e 31:17.

<sup>190</sup> *Id.*, p. 191 e 205.

<sup>191</sup> *Id.*, p. 201.

<sup>192</sup> Joas Wagemakers, “The Transformation of a Radical Concept: *al-wala' wa-l-bar'a* in the Ideology of Abu Muhammad al-Maqdisi”, in Meijer (ed.), *Global Salafism*, pp. 83-87; Farhad Khosrokhavar, *Inside Jihadism: Understanding Jihadi Movements Worldwide*, Boulder, Paradigm Publishers, 2009, p. 54.

<sup>193</sup> Wiktorowicz, “A Genealogy of Radical Islam”, p. 82.

<sup>194</sup> Wagemakers, “The Transformation of a Radical Concept”, p. 86.

<sup>195</sup> Plural de *kafir*, isto é, descrentes, infiéis.

permitindo uma intervenção na esfera pública. O seu papel pode adaptar-se de modo a servirem uma posição quietista, uma atitude mais política, ou mesmo um posicionamento violento através da radicalização da sua interpretação.<sup>196</sup>

Na atualidade, o movimento salafita é o resultado de uma evolução contínua e de diferentes trajetórias históricas, constituindo uma estrutura difusa em termos organizacionais. Para Roel Meijer, este movimento tem “características claramente definidas”, mas não sendo homogêneo “tornou-se um movimento com tendências mistas e, mais recentemente, contraditórias.”<sup>197</sup> A fragmentação do Salafismo é evidente nos debates internos em torno de temas como a *jihad*, a prática *takfir* – a qual designa o ato de declarar outros Muçulmanos infiéis, tornando-os objeto legítimo de ataque – ou a legitimidade de um líder.<sup>198</sup> Perante os mesmos contextos e problemáticas, diferentes grupos salafistas prescrevem diferentes estratégias e esta flexibilidade permite a sua adaptação às várias situações. Assim, Wiktorowicz identifica três correntes com base nas diferentes “leituras contextuais da realidade”, cada uma destas reclamando para si o estatuto de “verdadeiros salafistas”.<sup>199</sup>

Os salafistas missionários constituem a corrente principal. Estes opõem-se às estratégias das restantes fações salafistas, considerando que aquelas seguem um método (*manhaj*) desviante para implementar o credo salafista.<sup>200</sup> Apesar de rejeitarem o ativismo político, os puristas consideram a política uma parte importante da religião. Porém, como a sociedade ainda não se encontra preparada para a implementação de um Estado islâmico, estes defendem o recurso à *da'wa* tendo em vista tal objetivo.

A segunda corrente é a vertente política do Salafismo, a qual procura aplicar o credo salafista à realidade política, debatendo questões como a justiça social ou o papel de Deus como legislador. Estes procuram restaurar a ordem islâmica através da pregação e campanhas políticas organizadas. Roy realça que estes salafistas “mantêm o idealismo do Islamismo, o milenarismo e a exigência de justiça social...e quando as condições o permitem, avançam para a arena política, com a formação de partidos e concorrendo a

---

<sup>196</sup> Meijer, “Introduction”, in Meijer (ed.), *Global Salafism* p. 18.

<sup>197</sup> *Id.*, p. 3.

<sup>198</sup> Roy, *L'Islam Mondialisé*, p. 143; Wiktorowicz, “Anatomy of the Salafi Movement”, pp. 207-239.

<sup>199</sup> Wiktorowicz, “Anatomy of the Salafi Movement”, p. 208, 217. Também Boubekur, na sua análise do Salafismo na Argélia após o final do conflito da década de 1990, refere a presença de grupos pertencentes ao Salafismo político, ao Salafismo da *da'wa* e ao Salafismo jihadista, o que está de acordo com esta tipologia apresentada por Wiktorowicz. Boubekur, *Salafism and Radical Politics in Postconflict Algeria*, p. 18.

<sup>200</sup> Segundo os salafistas, a prova de que apenas a metodologia utilizada pelo Profeta e seus companheiros deve ser emulada encontra-se no facto dos líderes islâmicos daqueles primeiros séculos terem sido capazes de conquistar território considerável e de terem construído a melhor civilização que alguma vez existiu, com base na justiça e no direito. Nico Prucha, “Interview with Egyptian Islamist Scholar Abd al-Mun'im Moneep”, *Perspectives on Terrorism*, vol. 6, Issue 3, pp. 62-63.

eleições.”<sup>201</sup> Após a queda de Mubarak no Egito e de Ben Ali na Tunísia verificou-se a repolitização de alguns grupos salafistas, os quais aproveitaram a abertura política para entrar na arena política através da formação de vários partidos.<sup>202</sup> Uma explicação possível para a emergência da dimensão política destes grupos encontra-se na relação que estes mantêm com os islamistas políticos.<sup>203</sup>

O Salafismo jihadista é a mais recente manifestação desta corrente, representando uma pequena percentagem no seio da população salafista. Nas palavras de Al-Rasheed, os “salafistas jihadistas são produtos da modernidade” e nunca poderiam ter surgido em sociedades muçulmanas tradicionais, por serem o resultado de pressões políticas, económicas e sociais específicas.<sup>204</sup> Enquanto os salafistas quietistas manifestam a sua rejeição da realidade através da separação do mundo circundante, os jihadistas operacionalizam os princípios doutrinários salafistas de modo a exprimirem as suas relações com a sociedade com recurso a estratégias violentas e revolucionárias, acreditando que estas constituem o meio legítimo de readquirirem controlo sobre a comunidade islâmica.

### 2.3.3. Islamismo radical e jihadista

A vertente radical do Islamismo começou a desenvolver-se a partir da década de 1960, adotando métodos variados de atuação. Este processo começou no Egito sob influência do pensamento de Sayyid Qutb e foi estimulado por um conjunto de acontecimentos ao longo das três décadas que se seguiram.

Os islamistas radicais sunitas rejeitam as autoridades religiosas e os preceitos da jurisprudência islâmica, assim como todas as formas de colaboração com os regimes

---

<sup>201</sup> Roy, *The Failure of Political Islam*, pp. 76-77.

<sup>202</sup> Por exemplo, o *an-Nour*, *al-Asala* e *al-Fadila*, no caso egípcio, e o *Jabat al-Islah*, no caso tunisino. Marina Ottaway, *Egypt's Democracy: Between Military, Islamists, and Illiberal Democrats*, Carnegie Endowment For International Peace, 3 November 2011, <http://carnegieendowment.org/2011/11/03/egypt-s-democracy-between-military-islamists-and-illiberal-democrats/6lzl#> (data de último acesso: 11 de novembro de 2011); William McCants, *The Lesser of Two Evils: The Salafī Turn to Party Politics in Egypt*, Saban Center at Brookings Institution, Washington, D.C., May 2012; Aaron Y. Zelin, *Who is Jabhat al-Islah?*, Carnegie Endowment for International Peace, 18 July 2012, <http://carnegieendowment.org/2012/07/18/who-is-jabhat-al-islam/cuxg> (data de último acesso: 8 de março de 2013).

<sup>203</sup> De acordo com Meijer, a abordagem mais flexível, pragmática e política dos islamistas como a Irmandade Muçulmana adequa-se melhor a sociedades com determinados traços culturais e “onde as causas nacionalistas dominam... ou os conflitos étnicos são fortes... ou a política é mais evoluída”. Nestas, “a Irmandade será dominante, enquanto o Salafismo, pelo seu carácter desterritorializado, desculturalizado e apolítico prevalecerá em ambientes onde aquelas questões não se colocam, não evoluíram ou falharam, ou onde a população está devastada e radicalizada.” (Meijer, “Introduction”, in Meijer (ed.), *Global Salafism*, p. 21.) Em países onde a vida e as instituições políticas estão mais estruturadas, faz sentido que grupos com agendas nacionalistas prevaleçam sobre movimentos que insistem na ideia de uma comunidade transnacional de crentes. Nestes, o campo político é considerado a arena privilegiada para a competição por pessoas e recursos, pelo que o ativismo dos partidos políticos islamistas pressiona os grupos salafistas a formularem e exporem opiniões visando responder às mudanças nos campos político e social e encontrar uma posição na disputa pela autoridade. Nos países onde as instituições políticas estão mais debilitadas, os salafistas desafiam os poderes instituídos através do recurso ao vigilantismo e à pregação. William McCants, “The Source of Salafī Conduct”, *Foreign Affairs*, 19 September 2012, <http://www.foreignaffairs.com/articles/138129/william-mccants/the-sources-of-salafi-conduct?cid=nlc-this-week-on-foreignaffairs-co-092012-the-sources-of-salafi-conduct-4-092012> (data de último acesso: 8 de janeiro de 2013).

<sup>204</sup> Al-Rasheed, “The Local and the Global in Saudi Salafī-Jihādī Discourse”, in Meijer (ed.), *Global Salafism*, p. 306.

muçulmanos seculares e as sociedades ocidentais. Partilhando das conceções teológicas salafistas, aqueles procuram legitimidade para avançar as suas ambições numa pretensa pureza religiosa e na interpretação literal e seletiva do Alcorão.<sup>205</sup> Tendo como objetivo final a união da *ummah* e a restauração do Califado, os radicais sunitas mostram hostilidade para com outras seitas e religiões, e não aceitam a democracia ou leis com origem humana.<sup>206</sup>

Muitos destes grupos mostram uma predileção especial pelo recurso à violência para tomar o poder, islamizar a sociedade através da imposição de certas normas sociais e morais e confrontar os inimigos, pelo que a radicalização do movimento é frequentemente conotada com o recurso a táticas violentas. Porém, as organizações pertencentes a esta tendência têm uma relação complexa com a violência, existindo vários fatores que determinam a variação dos padrões de ativismo. Alguns defendem que apenas a violência é verdadeiro ativismo e só através deste método as mudanças podem ser alcançadas; outros recorrem àquela ocasionalmente de modo a obter benefícios táticos; outros, ainda, defendem o recurso à violência em alguns contextos, mas não em todos. Algumas organizações recusam táticas violentas por pragmatismo ou razões estratégicas: a violência é vista como tendo um efeito contraproducente num determinado momento, sendo considerada um risco para a própria existência do grupo ou contribuindo para alienar uma comunidade que não se revê, nem aceita tal método. Outra razão para não optarem pelo ativismo violento relaciona-se com o facto do grupo se encontrar numa posição de fraqueza e sem recursos relativamente a outros grupos, sendo conveniente esperar pelo seu fortalecimento organizacional e pela disseminação da sua mensagem através do proselitismo, antes de enveredar pelo confronto.

Uma organização que representa a corrente islamista radical não violenta é o *Hizb ut-Tahrir* (HuT), a qual está presente, sobretudo, no Médio Oriente, Europa Ocidental e Ásia Central.<sup>207</sup> Apesar de recusar o sistema político, este assumiu-se como partido

---

<sup>205</sup> Ver Donald Holbrook, "Using the Qur'an to Justify Terrorist Violence: Analysing Selective Application of The Qur'an in English-Language Militant Islamist Discourse", *Perspectives on Terrorism*, vol. 4, n.º 3, 2010, p. 23, <http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/104/html>.

<sup>206</sup> Wiktorowicz, "A Genealogy of Radical Islam", p. 75.

<sup>207</sup> O HuT diz estar presente no "Médio Oriente, Ásia Central, Sudeste da Ásia, África, subcontinente indiano, Europa, Australásia e nas Américas." (Ver Hizb ut-Tahrir Britain, *Media Information Pack*, London, p. 2, em <http://www.hizb.org.uk>.) O colapso da União Soviética contribuiu para a difusão da organização pelas repúblicas da Ásia Central, onde se tornou no partido islamista com mais seguidores, mas ainda assim tendo uma influência limitada e sofrendo repressão por parte das autoridades. Alguns autores explicam o crescimento do grupo no Uzbequistão, onde tem uma presença relativamente forte, como sendo o resultado do encerramento do espaço político e da ausência de outras alternativas de oposição ao regime, assim como do descontentamento generalizado entre a população com as políticas económicas. A situação geral do HuT nos países da Ásia Central parece ter piorado após 2001, pois aqueles governos aproveitaram o contexto da "Guerra ao Terror" para aumentar a perseguição aos membros do partido. International Crisis Group, *Radical Islam in Central Asia: Responding to Hizb ut-Tahrir*, Asia Report n.º 58, Osh/ Brussels, 30 June 2003, p. 16; Jean-François Mayer, *Hizb ut-Tahrir – The Next Al-Qaida, Really?*, PSIO Occasional Paper 4/2004, Geneva, 2004, p. 7.



político, adotou uma metodologia política própria dos partidos contemporâneos e dotou-se de estruturas adequadas a tal estatuto. Esta organização islamista transnacional foi fundada em 1953, por um juiz palestino, Taqiuddin al-Nabhani, o qual defendia a centralidade do Islão para a política e a integração do partido na *ummah*.<sup>208</sup>

Os membros do HuT consideram a democracia uma forma de governo anti-islâmica e ilegítima, rejeitam o quadro legal das sociedades ocidentais e qualquer compromisso com outras estruturas políticas.<sup>209</sup> O HuT defende que a atual ordem mundial define as relações entre os países, permitindo que um país ou grupo de países exerça controlo sobre os restantes, ameaçando a estabilidade e a soberania dos Estados mais fracos. A destruição do Califado otomano pelos Estados coloniais eliminou o único Estado que seria capaz de produzir uma verdadeira liderança intelectual e uma alternativa ao capitalismo ocidental, pois o “*khilafah* é o único estado que representará verdadeiramente um desafio ideológico ao capitalismo liberal ocidental.”<sup>210</sup>

Apesar de defender ideais radicais, o HuT rejeita uma abordagem violenta em todos os contextos onde atua e, conforme ressaltou Neumann, é extremamente cauteloso para não se deixar ligar a atos de violência.<sup>211</sup> O grupo sublinha exaustivamente a sua postura não violenta e a rejeição desta tática, mesmo quando os seus membros são confrontados com a repressão e a tortura por parte de ditadores.<sup>212</sup>

Apesar do HuT afirmar que a violência e luta armada contrariam a lei islâmica,<sup>213</sup> alguns dos seus críticos defendem que na literatura produzida pelo grupo se encontram

---

<sup>208</sup> Taqiuddin al-Nabhani, *Concepts of Hizb ut-Tahrir*, Londres, Al-Khilafah Publications, n.d., p. 70. Sobre a ideologia, estratégia e estrutura do HuT, ver SuhaTaji-Farouki, *A Fundamental Quest: Hizb ut-Tahrir and the Search for the Islamic Caliphate*, London, Grey Seal, 1996. Este é considerado o estudo académico mais completo sobre o grupo. Para outras obras dedicadas ao HuT e à sua atuação global ver, por exemplo: Zeyno Baran, *The Challenge of Hizb ut-Tahrir: Deciphering and Combating Radical Islamist Ideology*, Washington, D.C., The Nixon Center, 2004; International Crisis Group, *Radical Islam in Central Asia: Responding to Hizb ut-Tahrir*, Brussels, Asia Report 58, 2003; Chaudet, “Hizb ut-Tahrir: An Islamist Threat to Central Asia?”, *Journal of Muslim Minority Affairs*, vol. 26, n.º 1, 2006, pp.113-125; Ihsan Yilmaz, “The Varied Performance of Hizb ut-Tahrir: Success in Britain and Uzbekistan and Stalemate in Egypt and Turkey”, *Journal of Muslim Minority Affairs*, vol. 30, n.º 4, 2010, pp.501-517; Emmanuel Karagiannis and Clark McCauley, “Hizb ut-Tahrir al-Islami: Evaluating the Threat Posed by a Radical Islamic Group That Remains Nonviolent”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 18, n.º 2, 2006, pp.315-334; Noman Hanif, “Hizb ut-Tahrir: Islam’s Ideological Vanguard”, *British Journal of Middle Eastern Studies*, vol. 39, n.º 2, August 2012, pp. 201-225.

<sup>209</sup> Silvestri, “Radical Islam: Threats and Opportunities”, *Global Dialogue* (thematic issue “Europe and Its Muslims”), vol. 9, n.º 3-4, 2007, p. 120. O HuT defende que nas democracias o processo de legislação está aberto a interferências externas, nomeadamente por parte das elites corporativas e das grandes empresas. (Ver HuT Britain, *Media Information Pack*, p. 12.) Deste modo, o Islão e o Capitalismo – sistema que vigora nos países ocidentais – “são construídos em filosofias fundamentalmente diferentes”, o que leva Zeyno Baran a acusar o grupo de ser defensor do paradigma do choque de civilizações. (Zeyno Baran, “Fighting the War of Ideas”, *Foreign Affairs*, vol. 84, n.º 6, November/December 2005, p. 69). Com efeito, em 2002, o movimento publicou um pequeno livro denominado *The Inevitability of the Clash of Civilization* (“A Inevitabilidade do Choque de Civilizações”), no qual defende o choque entre o Islão e *kufr* (descrença), nega a ideia de igualdade entre religiões e civilizações e afirma que o choque é económico, intelectual, militar e político. (Hizb ut-Tahrir Britain, *The Inevitability of the Clash of Civilizations*, London, Al-Khilafah Publications, 2002, p. 17, 40-50.)

<sup>210</sup> Hizb ut-Tahrir, *The West’s Weapons of Mass Destruction and Colonialist Foreign Policy: The Assessment of the Muslim Community in Britain*, London, Al-Khilafah Publications, November 2002, p. 4, 53.

<sup>211</sup> Afirmação feita a esta autora durante conversa no King’s College, em Londres, a 27 de Maio de 2008.

<sup>212</sup> “Desde a sua criação e até hoje, os nossos membros nunca recorreram à luta armada ou à violência como meio de provocar mudanças políticas. A resiliência perante a intensa opressão vem da crença apaixonada dos nossos membros e é adotada como parte do método do *Hizb ut-Tahrir*, que as sociedades não mudam através da coerção ou violência, mas através do avanço intelectual, do debate e do diálogo.” HuT Britain, *Media Information Pack*, pp. 2-3.

<sup>213</sup> *Id.*, p. 3.

justificações ideológicas para atos de violência.<sup>214</sup> Com efeito, em *The Inevitability of the Clash of Civilizations* sublinha-se a legitimidade da *jihād* ofensiva e da luta contra os descrentes, pois “os textos do Livro, a *Sunnah* e a *Ijma Us-Sahahah* ordenam o início da luta contra eles, mesmo se eles não a iniciarem contra nós, se eles não aceitarem o Islão ou pagarem a *jizyah*.”<sup>215</sup>

No que se refere a personalidades que influenciaram a radicalização do pensamento islamista destacamos o egípcio Sayyid Qutb, o qual transformou “a concepção islâmica de um ideal estático irrelevante e puramente transcendental numa força operativa, trabalhando ativamente em problemas modernos.”<sup>216</sup> Considerado o principal inspirador dos vários grupos islamistas radicais após 1970, as suas ideias radicalizaram-se devido a circunstâncias pessoais, sociais e políticas.<sup>217</sup> Qutb foi o responsável pela vulgarização e pela perceção moderna de conceitos como *jahiliyya*, *hakimiyyah*,<sup>218</sup> *hijra*,<sup>219</sup> *takfir* e *jihād*, os quais se viriam a tornar centrais na doutrina de grupos de tendências radicais. Nos seus escritos encontramos a apologia da *Sharia* e da autoridade divina, o apelo ao derrube dos governos que não se regem pela lei islâmica, a hostilidade em relação ao Ocidente e a desconfiança em relação a Judeus e Cristãos.<sup>220</sup>

Na obra de 1964, *Ma'alim fi'l-Tariq*,<sup>221</sup> Qutb desenvolve as ideias de *jahiliyya* e *hakimiyya*, duas construções teóricas e ideológicas utilizadas pelos jihadistas posteriores.<sup>222</sup> Repleta de citações do Alcorão, estas têm um papel crucial na validação e justificação de uma revolução islâmica contra o modo de vida pagão nos países

---

<sup>214</sup> ICG, *Radical Islam in Central Asia*, p. i; Naumkin, *op. cit.*, pp. 154-155; Zeyno Baran, *Hizb ut-Tahrir: Islam's Political Insurgency*, Washington, D.C., The Nixon Center, Dezembro 2004, p. 11.

<sup>215</sup> HuT, *The Inevitability of the Clash of Civilizations*, p. 50.

<sup>216</sup> Wilfred Cantwell Smith, *Islam in Modern History*, Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 1977, p. 157.

<sup>217</sup> Refira-se o impacto produzido pela experiência nos EUA, entre 1948 e 1950, no trajeto pessoal de Qutb. A permanência naquele país e a exposição à cultura ocidental contribuiu para confirmar e acelerar uma inversão de pensamento que já vinha acontecendo há algum tempo, assim como a sua convicção de que a escrita não tem valor se não tiver aplicação prática, o que o levou a abandonar a sua carreira literária e a dedicar-se ao movimento islâmico. Qutb define o Ocidente como decadente, ignorante, imoral e pagão, pelo que apenas o Islão poderia salvar a humanidade da aniquilação. Assim, em vez de se verificar uma aproximação a posições ideológicas de matriz ocidental, verifica-se um afastamento daquela em resultado da repulsa que sentia face à cultura e modo de vida que tinha presenciado. M. M. Siddiqui, “An Outline of Sayyid Qutb's Life”, in Sayyid Qutb, *Milestones*, Indianapolis, American Trust Publication, 2005, p. VIII; Malise Ruthven, “This man may become our nemesis”, *The Guardian*, 10 de October 2001 (<http://www.guardian.co.uk/world/2001/oct/10/afghanistan.terrorism28>).

<sup>218</sup> Etimologicamente, *hakimiyya*, termo utilizado pela primeira vez por Mawdudi e popularizado por Qutb, é um verbo substantivado que deriva do substantivo *hukm*, sendo que este (bem como algumas das suas derivações) é referido no Alcorão com o significado de soberania. (Sayed Khatib, “*Hakimiyyah* and *Jahiliyyah* in the Thought of Sayyid Qutb”, *Middle Eastern Studies*, vol. 38, n.º 3, July 2002, pp. 145-146.) Porém, a ideia de *hakimiyya* foi objeto de várias críticas, sobretudo por parte de Hassan al-Hudaybi, líder da Irmandade Muçulmana a partir de 1951, o qual defendia que este conceito carecia de bases corânicas. (Gilles Kepel, *The Roots of Radical Islam*, London, Saqi, 2005, p. 48.) Este não foi o único a levantar esta questão, já que muitos elementos dos *ulama* também se opuseram à utilização daquele termo por diversas razões.

<sup>219</sup> *Hijra* (ou hégira) designa a emigração de um ambiente *jahili*, sociedade politeísta antes da Revelação divina a Maomé. Enfrentando crescentes ameaças e perseguições em Meca, Maomé e os seus seguidores deslocaram-se, no ano de 622, de Meca para a cidade de Medina, onde foi estabelecida a primeira comunidade islâmica. Esta deslocação tem uma importância fulcral, como denota o facto do calendário islâmico se iniciar com o ano da *hijra* e da criação daquela primeira comunidade. Ver Esposito, *Unholy War*, p. 31.

<sup>220</sup> John C. Zimmerman, “Sayyid Qutb's influence on the 11 September Attacks”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 16, n.º 2, Verão de 2004, p. 222.

<sup>221</sup> Esta obra foi traduzida para língua inglesa como *Signposts* ou *Milestones*. A edição utilizada pela autora traduziu o título desta obra para *Milestones*.

<sup>222</sup> Musallam, *op. cit.*, p. 155.

muçulmanos. Segundo o autor, este livro deveria ser um instrumento teórico de análise da sociedade e um guia para a vanguarda, a qual seria responsável pela ressurreição da *ummah*, revivalismo do Islão e pela construção de um Estado e sociedade islâmica.<sup>223</sup>

Inspirado por Ibn Taymiyya, Qutb defendeu que os Muçulmanos tinham o direito, legitimado pela religião, de depor os governantes da *jahiliyya*, termo que utiliza para descrever a sociedade moderna como um mundo perdido que ignora e rejeita a vontade divina, e que constituiu uma inovação de Mawdudi.<sup>224</sup> Ao aprovar o direito de revolta contra os governantes *kuffar* que violassem a lei islâmica e que eram alvo da metodologia *takfir*, Qutb forneceu um argumento decisivo para aqueles que assassinaram al-Sadat.<sup>225</sup> Assim, a *jihad* contra os governos muçulmanos que o são apenas de nome seria não só legal, mas uma obrigação.<sup>226</sup>

Tal como Mawdudi, Qutb também defendia que a única soberania é a de Deus (*al-hakimiyya li-llah*), e apenas este deveria ser objeto de devoção (*'ubdiyyah*).<sup>227</sup> Apenas Deus podia estabelecer os princípios para o correto funcionamento da ordem política, social e económica e o regime apenas poderia exercer o poder em nome daquele. Este princípio da soberania divina não era mais do que uma garantia contra o poder discricionário do governante, pois o governo do homem pelo homem conduz à opressão.

Antes de ser executado, em 1966, após a Irmandade Muçulmana ter sido acusada de conspirar contra o regime, Qutb escreveu *Componentes da Ideia Islâmica*, onde reitera algumas das suas ideias mais controversas, nomeadamente a oposição entre Islão e *jahiliyya*. Neste livro aborda ainda a natureza das relações do Islão com o Cristianismo e o Judaísmo, acusando estas religiões de serem falsas crenças, pois não negando Deus, desviaram-se da sua origem celestial. Assim, o Islão concedeu a Cristãos e Judeus

---

<sup>223</sup> A vanguarda deveria começar por se afastar da sociedade *jahili*, de modo a não ser contaminada pelas suas ideias e valores deturpados. No entanto, “caminhando através do vasto oceano da *jahiliyya*, que abarca o mundo inteiro [...], esta vanguarda, mantendo-se à parte da *jahiliyya*, deve também conservar contactos com aquela.” (Qutb, *op. cit.*, p. 5.) Algumas páginas mais à frente na sua obra, Qutb afirma que esses contactos com os politeístas resumir-se-iam às atividades comerciais diárias. (*Id.*, p. 11.) A questão do afastamento da vanguarda da sociedade é um dos pontos mais controversos do pensamento de Sayyid Qutb. Antes da sua morte, o autor não esclareceu em relação à forma que deveria assumir esta separação da *jahiliyya*: se deveria ser física, ou seja, se deveria ter lugar um corte radical com toda a sociedade; ou se fala em sentido metafórico, referindo-se a uma separação emocional/mental. Este ponto será interpretado diversamente pelos seus seguidores, o que acabou por motivar a defesa de diferentes modos de ação.

<sup>224</sup> Qutb acredita que “se olharmos para as fontes e fundações do modo de vida atual, torna-se evidente que o mundo mergulhou na *jahiliyya*, e que todos os confortos materiais e invenções não diminuem a ignorância. Esta *jahiliyya* baseia-se na revolta contra a soberania de Alá na terra. Tenta transferir para o homem um dos maiores atributos de Alá, a soberania, ao fazer de alguns homens senhores de outros. [...] O resultado desta rebelião contra a autoridade divina é a opressão das suas criaturas. Assim, a humilhação do homem nos sistemas comunistas e a exploração dos indivíduos e nações, devido à ganância de riqueza e imperialismo, nos sistemas capitalistas são o corolário da revolta contra a autoridade de Alá e a negação da dignidade do homem.” (Qutb, *op. cit.*, p. 4.) A sociedade islâmica define-se por oposição à sociedade da *jahiliyya*, tendo lugar quando as pessoas rejeitam a sua condição de servos dos seus semelhantes, obedecendo aos valores, à moral, às crenças, ao culto e à lei islâmica.

<sup>225</sup> Emmanuel Sivan, *Radical Islam. Medieval Theology and Modern Politics*, New Haven, Yale University Press, 1985, pp. 94-95.

<sup>226</sup> *Ibid.*

<sup>227</sup> *Id.*, p. 166.

liberdade de escolha entre abraçar o Islão ou não o fazer, ficando, neste último caso, sujeitos ao pagamento da *jizya*.<sup>228</sup>

A morte prematura de Qutb impediu que aquele explicasse ou desenvolvesse algumas das suas ideias, pelo que estas ficaram abertas a todo o tipo de interpretações. No início da década de 1970, apareceram no Egipto vários grupos militantes clandestinos influenciados pelas ideias de Qutb e críticos do gradualismo da Irmandade Muçulmana, os quais recorreram à violência para desestabilizar política e economicamente a sociedade e tentar derrubar o governo.

A *Jamaat al-Muslimin* (Sociedade dos Muçulmanos) – também conhecida por *Takfir w'al-Hijra* (Excomunhão e Hégira) – interpretou a ideia de Qutb sobre a formação de uma vanguarda como sendo um apelo à separação física da sociedade, o que tornava necessário a migração para se afastar das suas influências corruptoras e fortalecer o grupo.<sup>229</sup> Quando este se encontrasse suficientemente forte para estabelecer o Islão no Egipto sairia do seu exílio. O movimento desapareceu após o julgamento e execução do seu líder, em 1978.

Por volta de 1977, a *Jamaat Islamiyya* (Grupo Islâmico) controlava os campus universitários com a aquiescência do Presidente egípcio, mas quando começou a representar uma ameaça para o regime, os seus membros foram vítimas de repressão policial. Esta organização também se considerava a vanguarda da *ummah*, responsável pela edificação de uma sociedade islâmica. Um dos conselheiros espirituais e responsável pela emissão de *fatāwā*<sup>230</sup> a justificar as ações do grupo, era o *sheikh* Omar ‘Abd al-Rahman. Esta organização foi uma das responsáveis pela vaga de violência contra turistas, membros do governo e membros da classe intelectual que atingiu o Egipto

---

<sup>228</sup> Segundo a lei islâmica, a *jizya* é o imposto compensatório anual pago por não muçulmanos a viverem em Estados muçulmanos, como forma de tributo e em troca da isenção do serviço militar e da proteção contra agressões externas. Assim, os cidadãos não muçulmanos podem continuar a praticar a sua fé e a gozar de uma certa autonomia comunal. Por outro lado, este imposto pode ser interpretado como uma demonstração da subjugação aos Muçulmanos daqueles que não seguem o Islão. A referência a este imposto aparece no Alcorão, sura 9:29: “Combatei os que não crêem em Deus, nem no Último Dia, nem proibem o que Deus e o seu Enviado proibem, os que não praticam a religião da verdade entre aqueles a quem foi dado o Livro! Combatei-os até que paguem o tributo por sua própria mão e sejam humilhados.”

<sup>229</sup> O grupo foi inicialmente liderado por um licenciado de Al-Azhar, *sheikh* ‘Ali ‘Abduh Isma’il, o qual acabou por renunciar à doutrina *takfir* e engrossar as fileiras da Irmandade Muçulmana. Este foi substituído pelo jovem engenheiro agrônomo, Shukri Mustafa, o qual tinha uma cultura religiosa rudimentar e foi responsável por promover as teorias de Qutb até ao limite. Ainda hoje, as ideias, as estruturas e o modo de ação deste grupo não são totalmente claros, existindo lacunas e dificuldades evidentes na sua investigação e análise. Cozzens sublinha que apesar deste grupo ter gerado uma quantidade respeitável de escritos ideológicos e teológicos, estes não estão disponíveis aos investigadores, dificultando a comparação entre a situação atual e aquela do grupo egípcio. Existe, de igual modo, falta de informação sobre a evolução histórica e a influência da facção de Shukri, bem como dados fiáveis sobre elementos pertencentes ao grupo que se tivessem deslocado para o Afeganistão e o Paquistão. Tais dados permitiriam traçar a evolução da ideologia; concluir se as estruturas do grupo se desenvolveram ou atomizaram; e revelar se o grupo original tem algum tipo de ligação ideológica, estrutural e operacional ao atual radicalismo islamista. Jeffrey B. Cozzens, “Al-Takfir wa’l Hijra: Unpacking an Enigma”, *Studies in Conflict & Terrorism*, 32:6, 2009, pp. 503-504.

<sup>230</sup> Plural de *fatwā*. Parecer jurídico emitido por um *mufti*, líder religioso cuja formação e educação o tornou responsável por questões jurídicas. Por norma, a *fatwā* é proferida a pedido de alguém, sobre um assunto específico e quando a *fiqh* (jurisprudência islâmica) não é clara relativamente a esse tema.

durante a década de 1990. Na prisão, os líderes históricos da *Jamaat* acabaram por proceder a uma revisão da sua doutrina, renunciando à luta armada e às táticas violentas. As razões dessa alteração ideológica e de comportamento foram explicadas em vários livros, com recurso a argumentos teológicos e racionais.<sup>231</sup> Dois desses livros contêm críticas ao comportamento da organização al-Qaeda,<sup>232</sup> enquanto um terceiro censura a teoria do choque de civilizações e defende o diálogo entre culturas.<sup>233</sup>

Formada em 1979, a *al-Jihad* concebeu a operação que conduziu ao assassinato de Anwar al-Sadat, com o objetivo de provocar uma revolução popular e conduzir à instauração de um Estado Islâmico. O grupo acreditava que, após o golpe, “Deus tomaria tudo ao seu cuidado uma vez tomada a iniciativa, por parte dos Muçulmanos, de obedecer ao seu comando da *jihad* e de abrir fogo contra os descrentes”.<sup>234</sup> O guia ideológico do grupo foi o manifesto *O Dever Negligenciado*, de ‘Abd al-Salam Faraj, dedicado ao imperativo da *jihad*.<sup>235</sup> Faraj incentivava a infiltração de elementos do seu grupo ou a captação de membros no seio das instituições governamentais e militares, das forças de segurança e dos meios intelectuais e estudantis. Após a morte de Sadat, o grupo foi desmantelado e muitos dos seus membros encarcerados, nomeadamente Ayman al-Zawahiri. Porém, a ideologia e objetivos da *al-Jihad* foram retomados por diversas células que continuaram ligadas a atentados terroristas contra o regime de Mubarak e a episódios de violência comunal.

Membros das duas últimas organizações participaram na luta contra os Soviéticos no Afeganistão, durante a década de 1980, e aquela experiência revelou-se fundamental para alimentar a violência no Egipto, entre 1992 e 1997.<sup>236</sup> Após ter regressado do Afeganistão, al-Zawahiri foi um dos elementos da *al-Jihad* que deu uma nova dimensão ideológica à luta pelo estabelecimento de um Estado islâmico naquele país. Aquele denomina o seu grupo de *Tanzim al-Jihad* e a sua iniciativa de revigorar o movimento

---

<sup>231</sup> Omar Ashour, “Continuity and Change in Islamist Political Thought and Behavior: The Transformation of Armed Islamist Movements in Egypt and Algeria”, in Bahgat Korany (ed.), *The Changing Middle East: A New Look at Regional Dynamics*, Cairo, The American University in Cairo Press, 2010, p. 139.

<sup>232</sup> Karam Zuhdi et. al., *The Strategy and the Bombings of al-Qa’ida: The Mistakes and the Dangers*, Cairo, al-Turath al-Islami, 2002.

<sup>233</sup> Nagib Ibrahim et. al., *Guidance of People between Means and Ends*, Cairo, al-Abikan, 2005, pp. 225-247.

<sup>234</sup> Johannes J. G. Jansen, *The Neglected Duty. The Creed of Sadat’s Assassins and Islamic Resurgence in the Middle East*, New York, Macmillan Publishing Company, 1986, pp. 15-16.

<sup>235</sup> ‘Abd al-Salam Faraj era um engenheiro eletrotécnico carismático, mas desprovido da inteligência e do esplendor intelectual de outros autores. Faraj era um crítico acérrimo das estratégias seguidas pela Irmandade Muçulmana, pela *Jamaat Islamiyya* e pelo grupo de Shukri Mustafa, as quais, na sua opinião, tinham falhado. O texto da sua autoria evidencia como os ativistas se consideravam um verdadeiro exército em guerra contra o Estado egípcio. Muitos dos membros do grupo foram recrutados em mesquitas situadas em bairros pobres, em sociedades religiosas e em grupos de discussão do Alcorão nas principais cidades do país. O grupo também se expandiu à custa de militantes pertencentes a outras organizações, nomeadamente à *Jamaat Islamiyya* e ao *Takfir w’al-Hijra*: por exemplo, a ausência de ações concretas por parte da *Jamaat* aquando a visita de Sadat a Israel levou muitos dos seus membros, sedentos de ações rápidas, a aderirem à *al-Jihad*. Faraj conseguiu, ainda, unir o seu grupo, proeminente no norte do Egipto, à *Jamaat Islamiyya*, grupo com fortes raízes no centro e sul do Egipto. No entanto, após o assassinio de Sadat e a execução de Faraj, em 1982, aqueles acabaram por se separar, devido a discórdias sobre o futuro líder do movimento.

<sup>236</sup> Blaydes and Rubin, *op. cit.*, p. 467.

islamista no Egito através da eliminação de importantes figuras políticas, coincidiu com a escalada de violência por parte da *Jamaat Islamiyya*. No entanto, a base de apoio popular ao grupo era bastante limitada e o governo conseguiu infligir danos consideráveis à sua estrutura.

Em 2007, o grupo iniciou um processo de desradicalização liderado pelo antigo emir da *al-Jihad* e da al-Qaeda, Dr. Sayyid Imam al-Sharif, conhecido por Dr. Fadl. Este processo teve apenas sucesso parcial: três fações da *al-Jihad* que se encontram na prisão recusaram o componente ideológico do processo de desradicalização, enquanto a *Tanzim al-Jihad* se tinha fundido com a al-Qaeda em 1998, por iniciativa (controversa) de al-Zawahiri.<sup>237</sup>

Estas organizações contribuíram decisivamente para que hoje se possa estabelecer uma relação entre o Islamismo radical egípcio e a história do Jihadismo global, tendo contribuíram com algumas das suas ideias, táticas e indivíduos para a emergência da *jihad* global.<sup>238</sup>

### 2.3.3.1. O Jihadismo e a opção pela violência

Desde setembro de 2001, o termo Jihadismo tem sido amplamente utilizado pelo discurso dominante para distinguir islamistas radicais não violentos de islamistas violentos, em especial, aqueles associados a operações suicidas, uma das táticas características desta tendência.<sup>239</sup> Hegghammer realça que a palavra Jihadismo é encarada com ceticismo pelos Muçulmanos, que consideram que se estabelece uma associação errada entre o nobre conceito de *jihad* e violência ilegítima, e consequentemente, entre Islão e terrorismo.<sup>240</sup> Porém, elementos pertencentes a este tipo de organizações referem-se a si como jihadistas, embora prefiram o termo *mujahid*.<sup>241</sup> Estes defendem que

<sup>237</sup> Ashour, “Continuity and Change in Islamist Political Thought and Behavior”, p. 140.

<sup>238</sup> Ver Sageman, *Understanding Terror Networks*, pp. 25-34.

<sup>239</sup> Roxanne L. Euben, “In Praise of Disorder: The Untidy Terrain of Islamist Political Thought”, in Romand Coles, Mark Reinhardt, George Shulman (eds.), *Radical Futures Past: Untimely Essays in Political Theory*, Lexington, KY, The University of Kentucky Press, 2014. O termo Jihadismo é um neologismo com origem no Ocidente que entrou no discurso académico no final da década de 1990. O *New York Times* e o *The Washington Post* utilizaram-no pela primeira vez em 1999 e 2002, respectivamente. (Hegghammer, “Jihadi-Salafis or Revolutionaries?”, p. 246.) O termo jihadista foi utilizado pela primeira vez em língua inglesa para designar uma pessoa que participa na *jihad* em 1920, em relação ao califado de Sokoto, estabelecido por Usman Dan Fodio. John Ralph Willis, “Jihād fi Sabīl Allāh—its Doctrinal Basis in Islam and some Aspects of its Evolution in Nineteenth-Century West Africa,” *The Journal of African History*, vol. 8, n.º 3, 1967, pp. 412, 414.

<sup>240</sup> Hegghammer, “Jihadi-Salafis or Revolutionaries?”, p. 246. Dalacoura diz rejeitar o recurso ao termo Jihadismo por estas mesmas razões. Dalacoura, *op. cit.*, p. 15.

<sup>241</sup> Ver, por exemplo, os vários números da revista *Inspire* publicados pela Al-Qaeda na Península Arábica. Ver, também, as declarações de um membro desta organização ao *Guardian*, o qual se refere a si como jihadista: “We are all connected, all the jihadis are connected.” (“Estamos todos ligados, todos os jihadistas estão ligados.”) Gaiith Abdul-Ahad, “Al-Qaida in Yemen: Poverty, Corruption and an Army of Jihadis Willing to Fight”, *Guardian*, 22 August 2010, <http://www.theguardian.com/world/2010/aug/22/al-qaida-yemen-ghaith-abdul-ahad> (data de último acesso: 23 de setembro de 2010).

Jihadismo e *jihad* têm o mesmo sentido, desprezando as conotações não violentas deste conceito. De igual modo, apesar da carga emocional que contém e da contestação que este termo possa gerar, em termos analíticos este assume-se como um instrumento útil para identificar e classificar organizações e indivíduos que partilham de uma ideologia radical, têm certos objetivos e recorrem a determinadas táticas.<sup>242</sup>

Apesar da divisão do Islamismo radical jihadista em subcorrentes ser sobretudo uma construção académica e não gerar consensos no que se refere à tipologia a adotar, esta distinção é útil para caracterizar as organizações, as suas motivações e alvos preferenciais, pois cada uma possui características distintivas. Dependendo dos contextos em que se desenvolvem, das suas visões estratégicas e dos seus objetivos, a tendência jihadista pode ser decomposta em três variantes.<sup>243</sup>

A corrente interna ou sócioevolucionária denomina a luta contra o inimigo interno, ou seja, os regimes e governantes muçulmanos, os quais são considerados corruptos e alvos lícitos de subversão. Os movimentos como o Grupo Islâmico Armado (GIA) na Argélia ou a *al-Jihad* no Egito abraçam um projeto nacional, procurando capturar o poder nos seus países de origem, de modo a islamizar a ordem política e social.<sup>244</sup> A luta orientada para o Estado pode ser encarada como o ponto de partida para a destruição de Israel e, embora não concebam a luta contra os EUA e seus aliados no Ocidente, estes são percecionados como patrocinadores dos regimes corruptos do mundo muçulmano e apoiantes incondicionais do Estado israelita. Ayman al-Zawahiri, líder da *Tanzim al-Jihad*, enfatizava que “o caminho para Jerusalém passa pelo Cairo”, realçando a importância do objetivo estratégico de derrubar o regime egípcio.<sup>245</sup> Como o inimigo a combater é muçulmano, estes islamistas aplicam a doutrina *takfir* contra o governante, com a finalidade de legitimar a sua luta e unificar a população em torno dos seus objetivos. Porém, a violência contra civis muçulmanos, por norma, conduz ao repúdio deste tipo de grupos por parte daquelas populações.

---

<sup>242</sup> Num relatório publicado em dezembro de 2009, o coordenador nacional de contraterrorismo holandês salientou precisamente esta dificuldade em substituir termos como ‘terrorismo *jihadista*’, ‘*Jihadismo*’ e outros relacionados, por termos menos polémicos. Assim, na prática do contraterrorismo estes termos foram adotados e são geralmente aceites. (NCTb, *Ideology and Strategy of Terrorism*, p. 17.) Rik Coolsaet defende que os termos *jihadistas* e terrorismo *jihadista* são os mais apropriados para designar este fenómeno, por duas razões: estes indivíduos partilham de uma ideologia designada de Salafismo *jihadista*; evita-se a designação mais problemática de terrorismo islâmico, o qual sugere que o Islão é a raiz do terrorismo, alimenta o mito do choque entre civilizações e é um insulto às principais vítimas deste fenómeno. Coolsaet, *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*, pp. 259-200.

<sup>243</sup> ICG, *Understanding Islamism*, pp. 14-15; Gerges, *The Far Enemy*, p. 2.

<sup>244</sup> Thomas Hegghammer, “The Ideological Hybridization of Jihadi Groups”, in Hillel Fradkin, Husain Haqqani e Eric Brown (eds.), *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 9, Hudson Institute, Center on Islam, Democracy and the Future of the Muslim World, 2009, p. 28.

<sup>245</sup> Gerges, *The Far Enemy*, p. 11.

O Jihadismo irredentista traduz a luta pela recuperação de territórios considerados parte do *dar al-Islam*, mas que se encontram ocupados ou foram perdidos para não muçulmanos. Esta é a *jihad* no sentido clássico: ao encontrar legitimidade e justificação na lei islâmica, esta constitui um poderoso motor de mobilização de voluntários. Tendo em vista a libertação do território pode-se verificar a união de esforços entre elementos jihadistas e forças nacionalistas, apesar daqueles conceberem o conflito de modo diverso: os primeiros, como uma *jihad* em nome da própria comunidade muçulmana; os últimos, como uma luta em nome da resistência e da libertação de um povo ou território. Um dos temas onde se manifesta o sentimento irredentista é na aspiração dos jihadistas em reconquistar o al-Andaluz, território perdido durante a Reconquista cristã da Península Ibérica, no século XV, tema que, desde Abdullah Azzam, surge ocasionalmente nas declarações e escritos de islamistas jihadistas.<sup>246</sup>

O Jihadismo global, o qual pode ser considerado um dos efeitos da complexidade estratégica da nova ordem mundial pós-Guerra Fria, assumiu-se como a tendência mais recente do ativismo islamista radical. Esta é concebida como uma luta contra o Ocidente e, mais especificamente, contra os EUA e seus aliados, iniciada na década de 1990 sob a batuta da organização al-Qaeda, e que tem como objetivo acabar com a opressão e humilhações dos Muçulmanos às mãos de não Muçulmanos. Este alimenta-se dos conflitos no interior dos países muçulmanos, das dinâmicas geradas pelas lutas irredentistas e dos problemas identitários e desenraizamento que muitos Muçulmanos sentem nas sociedades ocidentais. O Jihadismo global assumiu-se como um movimento ideológico com dinâmicas de mobilização próprias, estando ligado à emergência de uma nova estrutura organizacional e à deslocação de muitos combatentes estrangeiros sunitas para a luta afegã.

Aquando a declaração de guerra aos EUA, em 1996, Osama Bin Laden, acusando o regime saudita de ter traído a *ummah*, exaltou os Muçulmanos a “ignorem as pequenas diferenças entre si” e a unirem-se para atacar os EUA, país que representava uma ameaça existencial para o mundo islâmico e que estaria na base da toda a opressão e injustiça sofrida pelos Muçulmanos.<sup>247</sup> Esta perspetiva global permitia enquadrar conflitos em

---

<sup>246</sup> Veja-se o recente apelo à *jihad* para a recuperação do al-Andaluz feito pelo primeiro número da revista *Azan* (março de 2013, pp. 75-77), a qual foi publicada pelos Talibãs na região fronteiriça entre o Paquistão e o Afeganistão, ou as referências ocasionais de Ayman al-Zawahiri a este território e ao dever dos Muçulmanos em recuperá-lo (por exemplo, na sua obra *Exoneration*).

<sup>247</sup> Osama Bin Laden, “Declaration of War against the Americans Occupying the Land of the Two Holy Places”, *Al-Quds Al-Arabi*, August 1996, [http://www.pbs.org/newshour/terrorism/international/fatwa\\_1996.html](http://www.pbs.org/newshour/terrorism/international/fatwa_1996.html). Neste documento é defendido que “o efeito nocivo de ignorar estas diferenças, num determinado período, é muito menor do que o efeito nocivo que decorre da ocupação das terras dos Muçulmanos pela descrença. [...] A repulsa do maior de dois perigos em detrimento do menor é um princípio islâmico que deve ser observado.” Neste sentido, Bin Laden aceita que no caso de não ser possível conduzir a luta sem o auxílio de indivíduos



locais díspares e sem relação entre si como sendo parte de uma luta mais abrangente relacionada com uma suposta conspiração dos EUA e seus aliados, os quais permitem todo o tipo de atrocidades contra os povos do Islão, sem que estes sejam autorizados a defenderem-se.<sup>248</sup> Nesta narrativa, esta lista de agressões terá culminado com a ocupação dos locais mais sagrados do Islão, a terra das duas mesquitas, por parte do “exército dos Cruzados americanos e seus aliados”, sendo o dever primordial de todos os Muçulmanos a expulsão do inimigo destes territórios para garantir a sobrevivência da nação islâmica.<sup>249</sup>

Neste documento encontramos a lógica inicial subjacente à nova realidade do Jihadismo: antes da implementação de Estados islâmicos nos países muçulmanos, os Muçulmanos deveriam lutar pela defesa da *ummah* e do território do Islão, os quais estão sujeitos a todo o tipo de agressões por parte dos descrentes; como o mundo islâmico é ameaçado militar, política e culturalmente pelo imperialismo dos EUA e seus aliados, a luta e a derrota prévia deste país era fundamental para o derrube dos regimes vigentes no mundo muçulmano.<sup>250</sup> Assim, os jihadistas que atacaram os EUA, em setembro de 2001, pretendiam provocar uma sucessão de acontecimentos que conduzisse à retirada daquele país do mundo muçulmano, reduzindo ou eliminando a sua influência.

#### 2.4. A linguagem como veículo de pensamento e das agendas islamistas

O modo como as ideias e os argumentos são ordenados e apresentados, assim como o mensageiro e a escolha do momento para transmitir a mensagem são importantes para despoletar dinâmicas de radicalização e mobilização. O modo como os movimentos enquadram e interpretam os vários assuntos e constroem os seus argumentos é fundamental para avaliar a sua capacidade de persuasão. Se as estruturas discursivas tiverem repercussão entre os recetores da mensagem, tal significa que o movimento foi capaz de traduzir em atos o seu potencial para a mobilização.

A linguagem é fundamental para o discurso islamista, sendo o veículo de divulgação do pensamento, das normas e da ideologia, influenciando, ainda, os rótulos

---

considerados não justos, então é preferível lutar com a ajuda destes, repelindo o maior de dois perigos e implementando, se não a totalidade, a maioria das leis islâmicas.

<sup>248</sup> *Ibid.* Neste documento, o seu autor defende que “... o povo do Islão sofre agressões, maldade e injustiça imposta pela aliança entre Sionistas e cruzados e seus colaboradores; na medida em que o sangue dos Muçulmanos se tornou o mais barato e a sua riqueza o saque às mãos dos inimigos. O seu sangue foi derramado na Palestina e no Iraque. As fotos horripilantes do massacre de Qana, no Líbano, ainda estão frescas na nossa memória. Massacres no Tajiquistão, Burma, Caxemira, Assam, Filipinas, Fatani, Ogadin, Somália, Eritreia, Chechénia e Bósnia-Herzegovina aconteceram, massacres que enviam arrepios no corpo e sacodem a consciência.”

<sup>249</sup> *Ibid.*

<sup>250</sup> Hegghammer, “Global Jihadism after the Iraq War”, p. 13.

adotados e as narrativas construídas pelos islamistas.<sup>251</sup> Através das narrativas, estes interpretam e enquadram eventos do passado e estruturam as relações entre diferentes rótulos. Os pensadores islamistas recorrem a uma linguagem simples, povoada de termos e conceitos teológicos. O modo e a frequência com que estes são aplicados é importante, pois estes servem para os islamistas articularem o seu pensamento e dar legitimidade às suas agendas. Os conceitos islâmicos são manipulados por vários atores políticos para mobilizar apoiantes e legitimar ações de carácter político e social.

A linguagem contribui para a caracterização dos movimentos e dos seus objetivos, e embora o recurso a termos como *ummah*, *tawhid*, *hakimiyya* ou *jihad* seja comum a todas as tendências, nem todos são utilizados com a mesma frequência por aqueles. Termos como *shūra* (conselho consultivo) ou *fitna* encontram-se com mais frequência nos discursos dos islamistas políticos.<sup>252</sup> Outros são mais comuns em movimentos cujo pensamento se caracteriza por uma visão profundamente maniqueísta do mundo e que recorrem à violência contra todos aqueles que deles discordam. Conceitos como *kafir*, *bidā*,<sup>253</sup> *murtadd* (apóstatas), *shirk/mushrik* (idolatria, politeísmo), *riddah* (apostasia), *munāfiq* (hipócrita) e *qital* (combate, luta) são transformados em armas ideológicas e utilizados para cumprir determinadas agendas, e como forma de arremesso contra outras formas de religiosidade e forças políticas.<sup>254</sup> Por exemplo, a designação de um governante de *kafir* implica a aplicação da metodologia *takfir* e a prossecução da *jihad* contra aquele, pelo que quando os islamistas o fazem revelam a intenção de desencadear ações concretas contra aquele.

Constituindo um instrumento de poder, a linguagem desempenha um papel fundamental na tentativa de desumanizar e desvalorizar a identidade do Outro, contribuindo para minar e enfraquecer formas alternativas de pensamento. Com efeito, as

---

<sup>251</sup> Os rótulos constituem termos linguísticos utilizados para descrever agentes, agências, atos, cenários ou propósitos, implicando a adoção de uma determinada perspectiva: a utilização dos termos resulta inequivocamente de uma escolha, consciente ou não, a qual enfatiza determinados aspetos do que está a ser descrito em detrimento de outros. As narrativas têm particular importância neste contexto, pois dão coerência e consistência aos cenários, personagens e temas que orientam a conduta moral de uma sociedade e dão significado às vidas dos membros do grupo. Carol Winkler, *In the Name of Terrorism: Presidents on Political Violence in the Post-World War II Era*, Albany, State University of New York Press, 2006, pp. 8-9.

<sup>252</sup> O termo *fitna* é importante no mundo do Islão. Tem uma conotação negativa, designando dissensão, guerra civil, podendo desencadear a anarquia e o caos no coração do Islão. Constitui uma “força centrífuga portadora do desmantelamento da comunidade, da sua implosão e da sua ruína”. (Kepel, *Fitna: Guerre au cœur de l’islam*, p. 335.) Este é, pelo menos, o significado histórico mais tardio do termo, o qual aparece várias vezes no Alcorão, nomeadamente em quatro dos considerados “versos da guerra” com o significado de *shirk*, ou seja, idolatria. (Reuven Firestone, *Jihad. The Origin of Holy War in Islam*, Nova York, Oxford University Press, 1999, p. 85.) Na versão portuguesa do Alcorão, *fitna* é traduzido, por exemplo, por perseguição – 2:191, 2:193 –, impiedade – 2:217 –, e tentação – 8:39.

<sup>253</sup> Termo com uma conotação negativa no Islão. Significa inovação repreensíveis, qualquer modificação da crença ou prática religiosa por norma aceite. Os mais conservadores não se limitam a proibir a inovação em termos de questões religiosas, mas também no que se refere a práticas sociais; os pensadores mais liberais condenam apenas as inovações que alteram substancialmente o núcleo dos ensinamentos islâmicos. John L. Esposito, *The Oxford Dictionary of Islam*, Nova York, Oxford University Press, 2003, p. 138.

<sup>254</sup> Hassan Rachik, “How religion turns into ideology”, *The Journal of North African Studies*, vol. 14, n.º 374, September/ dezembro 2009, p. 354.

ideias defendidas pelos jihadistas são expressas pelos seus autores com recurso a vocábulos, símbolos e rótulos específicos, os quais são elementos fundamentais para a compreensão do seu pensamento e objetivos. Contudo, as diferenças encontradas nesses mesmos textos e declarações devem ser todas em atenção tendo em vista a compreender a complexidade do fenómeno.

A dualidade de linguagem do Islamismo é reveladora da ambivalência que caracteriza a posição de alguns dos seus elementos. Por um lado, a ambiguidade demonstrada no que se refere a determinados temas pode ser uma vantagem para aqueles, pois permite atrair mais apoiantes – diferentes pessoas interpretam de modo diferente o que é apresentado –, adaptar-se a novas circunstâncias e concede espaço para o desenvolvimento flexível de certos conceitos. Por outro lado, uma linguagem imprecisa e conceitos demasiado flexíveis podem trazer desvantagens, na medida em que é uma questão suscetível de ser explorada como sendo sinal de fraqueza ideológica e dificuldade de recrutamento; adicionalmente, podem estar na origem de divisões internas sobre o caminho futuro a seguir.

## 2.5. Os pilares centrais do Islamismo: a *Sharia* e o Estado Islâmico

A ideologia islamista tem dois pilares fundamentais, os quais estão intimamente ligados. O primeiro refere-se à crença que a lei islâmica, a *Sharia*, constitui um sistema orgânico para a regulação, de acordo com a vontade de Deus, de todos os aspetos individuais, sociais e religiosos da vida humana. O segundo pilar é a convicção que uma sociedade de bons Muçulmanos apenas pode ter lugar se a organização política dessa sociedade, ou seja, o Estado, também tiver uma natureza islâmica.<sup>255</sup> A *Sharia* é um prelúdio à fundação de um Estado de cariz islâmico e a existência deste depende da aplicação daquela. O carácter do Estado é determinado pela força e extensão da lei: um Estado onde a lei não é baseada na *Sharia* não é um Estado islâmico, mesmo quando o Islão é a religião de Estado.

O Estado-nação árabe é fruto das lutas contra os colonizadores, tendo nascido com base em pressupostos políticos modernos e resultando em regimes de tipo ocidental.<sup>256</sup>

---

<sup>255</sup> Laura Guazzone (ed.), *Il dilemma dell' Islam: politica e movimenti islamisti nel mondo arabo contemporaneo*, Roma, Franco Angeli, 1995, p. 22.

<sup>256</sup> O conceito de Estado-nação corresponde a uma entidade territorial, na qual o Estado é co-extensivo à nação. (P. J. Vatikiotis, *Islam and the State*, Londres, Routledge, 1987, p. 35.) Este conceito apareceu primeiramente na Europa com o sistema de Vestefália, após 1648, tendo sido exportado para outras regiões do mundo. Porém, de acordo com Charles Tilly, a “Europa criou um sistema estatal que domina o mundo inteiro... mas o mundo fora da Europa apenas se assemelha àquela superficialmente.” (Charles Tilly, *Coersion, Capital and European States*, Cambridge, MA, Basil Blackwell, 1990, p. 191).

No entanto, a tradição política e legal islâmica conseguiu sobreviver, implícita ou explicitamente, sob diversas formas na organização política desses Estados. As várias correntes islamistas têm diferentes visões no que se refere ao modo para estabelecer o Estado islâmico, o aspeto que este deveria assumir e o papel da *Sharia* no interior daquele. Porém, todas aquelas organizações acreditam que a condição essencial para o bem-estar da comunidade muçulmana e para a resolução dos problemas que esta enfrenta reside na instauração de um Estado regido por princípios da lei islâmica.<sup>257</sup> Mawdudi defendia ser “impossível para um Muçulmano realizar a sua intenção de seguir um modelo de vida islâmico sob a autoridade de um governo não islâmico.”<sup>258</sup>

De um modo geral, os islamistas de tendência política sustentam que os vários países muçulmanos deveriam cooperar entre si para aprofundar os interesses da *ummah*, enquanto a vertente radical do Islamismo pretende a união política de todos os Muçulmanos sob uma entidade, e conseqüente desaparecimento das fronteiras entre Estados. Para estes, o Estado-nação não é compatível com o universalismo da Revelação islâmica.<sup>259</sup> Excetuando a insistência na aplicação da *Sharia*, não existe uma abordagem única do que deveria constituir uma ordem ou sistema islâmico (*al-nizām al-islāmī*), embora diversos modelos tenham sido propostos.<sup>260</sup>

Para compreender os dois conceitos é necessário analisar os fundamentos islâmicos do poder e do governo. O Islão surgiu no seio de uma sociedade não organizada sob a forma política de Estado, pois até à Revelação a vida dos habitantes da Arábia era regida pelos vínculos de parentesco. Com a chegada do Islão, os membros do grupo passaram a estar ligados pela sua condição de Muçulmanos, a qual também determinava a identidade, a fidelidade e o estatuto pessoal.<sup>261</sup> É em Medina que se dá a síntese entre

---

<sup>257</sup> Kepel, *Jihad: The Trail of Political Islam*, p. 28.

<sup>258</sup> Guazzone, *op. cit.*, p. 23, nota 19.

<sup>259</sup> Bassam Tibi, “Major Themes in the Arabic Political Literature of Islamic Revivalism, 1970-1985: The Islamic System of Government (*al-nizām al-islāmī*), *shūra* democracy and the Implementation of the *Sharīa* as opposed to Secularism (‘ilmāniyya)”, *Islam and Christian-Muslim Relations*, vol. 3, n° 2, December 1992, pp. 184-185. Para alguns, o conceito de Estado é “um anacronismo sem qualquer validade no Islão,” pois a “expressão *Estado islâmico* é uma contradição de termos. Não pode existir um Estado islâmico, pode apenas existir um Estado do Islão. A ideia de soberania nacional é estranha ao espírito do Islão. A *ummah* muçulmana não procura o seu destino dentro dos limites de uma entidade geográfica.” (Afzal Iqbal, *Dimensions of Islam: Essays in understanding Islam*, Delhi, Idarah-i-Adabiyat-i-Delhi, 1986, p. 243.) Também Mahmūd Shaltūt, xeque de Al-Azhar entre 1958 e 1963, acreditava que o Islão não restringe o significado de *ummah* ao termo *dawla*, ou seja, a um Estado específico, pois tal constituiria uma contradição ao seu universalismo. (Tibi, “Major Themes in the Arabic Political Literature”, p. 195.)

<sup>260</sup> O Ayatollah Khomeini, por exemplo, quebrando com o tradicional quietismo político xiita, formulou a teoria do *vilayat-e-faqih*, defendendo o estabelecimento de um governo islâmico tutelado pelos *fuqaha* (plural de *faqih*, ou seja, juristas), o qual resulta da fusão do papel dos eruditos religiosos e do governante numa única entidade. Hasan al-Turabi, insistindo que o Estado islâmico é apenas a expressão política de uma sociedade islâmica, acredita que “uma ordem islâmica de governo é essencialmente uma forma de democracia representativa”. Al-Turabi acrescenta que o Estado islâmico pode ser chamado de república, porque a *Sharia* exclui a usurpação e a sucessão como fundamentos da legitimidade política: “uma república islâmica não é um governo direto do povo e para o povo; é o governo da *Sharia*. ... é um governo popular, porque a *Sharia* representa as convicções do povo e, por isso, a sua vontade direta.” Hasan al-Turabi, “The Islamic State”, 1983, citado em Euben e Zaman, *op. cit.*, p. 216.

<sup>261</sup> Gema Martín Muñoz, *El Estado Árabe: Crisis de legitimidad y contestación islamista*, Biblioteca del Islam Contemporáneo / 12, Barcelona, Edicions Bellaterra, 2000, p. 23.

Islão e Estado. A Constituição de Medina (ou Acordo de Medina), documento que deveria regular as relações entre os habitantes daquela cidade e suas responsabilidades, permitiu a criação de uma comunidade que incluía Muçulmanos, Judeus e idólatras.<sup>262</sup> Este acordo estabeleceu que a autoridade ou a legitimidade para os atos da comunidade pertenciam a Deus e ao seu Profeta.<sup>263</sup> A religião assumia, assim, o papel político e social das antigas redes de parentesco.<sup>264</sup> O objetivo do governo seria defender e proteger a fé e possibilitar ao crente uma vida como bom Muçulmano, implementando a lei revelada por Deus. Por esta razão, não existiam fronteiras políticas no imaginário islâmico, mas apenas uma divisão simbólica entre *dar al-Islam* e *dar al-harb*.<sup>265</sup>

No entanto, considerando a expansão e a cada vez maior extensão da comunidade e os novos desafios daí decorrentes, assistiu-se à necessidade de desenvolver o corpo legal islâmico. Inspirada no Alcorão e na *Sunna*, a *Sharia* foi objeto de uma elaboração progressiva por parte dos juristas muçulmanos.<sup>266</sup> Esta constitui um conjunto de princípios, diretivas e valores revelados por Deus, a partir dos quais os humanos desenvolveram regras e normas que governam todos os aspetos da vida dos crentes.<sup>267</sup> Como princípio organizador da comunidade, a *Sharia* não deveria ter limites territoriais, sendo imposta aos crentes onde quer que os mesmos se encontrem. No pensamento islamista contemporâneo, a referência à *Sharia* é a base do apelo para a implementação de um Estado islâmico. A sua ausência significa a ausência de justiça, um tema importante no discurso islamista.<sup>268</sup>

A problemática do Estado e do governo é central na ideologia islamista. Perante a ausência de um modelo histórico único, o Islão possui recursos intelectuais capazes de justificar diferentes modelos políticos e prestando-se a diferentes interpretações de governo. O período inicial do Califado é considerado por muitos Muçulmanos como o

---

<sup>262</sup> Firestone, *op. cit.*, p. 118. M. A. Muqtedar Khan defende que este acordo estabeleceu um precedente importante que apoia as teorias democráticas do Estado islâmico e, em simultâneo, forneceu uma ocasião importante para o desenvolvimento da teoria política. Segundo este autor, neste primeiro Estado islâmico, o Acordo de Medina exerce uma função constitucional, servindo também de contrato social através do qual as pessoas abdicam da sua soberania individual em prol da comunidade ou Estado. Neste sentido, Khan defende que Maomé demonstrou espírito democrático, pois em vez de escolher governar Medina com base na Revelação e na sua imposição aos não crentes, decidiu redigir um documento baseado nos princípios revelados e procurou o consentimento de todos aqueles que seriam afetados pela sua implementação. M. A. Muqtedar Khan, “A Constitutional Theory of the Islamic State”, *Mirror International*, May 30, 2001, <http://www.ijtihad.org/compact.htm> (data de último acesso: 8 de agosto de 2013); M. A. Muqtedar Khan, “Shura and Democracy”, *Ijtihad.org*, January 2002, <http://www.ijtihad.org/shura.htm> (data de último acesso: 8 de agosto de 2013).

<sup>263</sup> Vatikiotis, *op. cit.*, p. 36.

<sup>264</sup> Firestone, *op. cit.*, p. 121.

<sup>265</sup> Sucintamente – porque estes termos são objeto de maior atenção no próximo capítulo –, o *dar-al-Islam* é o termo utilizado para designar o território do Islão. Denomina uma região de soberania muçulmana e onde prevalece a lei islâmica. Em oposição a este termo está o *dar al-harb*, o qual designa território de guerra. Esposito, *The Oxford Dictionary of Islam*, p. 62.

<sup>266</sup> Muñoz, *op. cit.*, p. 27.

<sup>267</sup> Estas normas seriam originalmente aplicadas por *qadis* (juizes) nomeados pelo Califa em tribunais da *Sharia*. John L. Esposito, *The Islamic Threat. Myth or Reality?*, New York, Oxford University Press, p. 33.

<sup>268</sup> A linguagem política do Islamismo é dominada pelo termo “justiça”, o qual é um eufemismo para Islão. Assim, se explica o motivo pelo qual alguns partidos islamistas tenham incorporado o termo nas suas designações, como o Partido da Justiça e Desenvolvimento, em Marrocos e na Turquia, e o Partido da Liberdade e Justiça, no Egito.

melhor exemplo do ideal islâmico, onde a religião e o poder se fundiam num governo delineado pela lei islâmica, apesar da realidade durante o governo omíada e abássida ter sido bastante diferente desta visão normativa.<sup>269</sup>

Com o colapso do Império Otomano e a formação dos modernos Estados no Médio Oriente, surgiram duas abordagens para lidar com a ordem política dos Muçulmanos: a defesa de um universalismo político islâmico, representado pelo Califado; e a opção nacionalista, que via na linguagem, território, descendência, identidade e história comum as fundações de uma ordem política. Assim, a ideia de Estado islâmico – *dawla islamiyya* – nasce na sequência da abolição do Califado, ato que colocou um final na utopia política pan-islâmica.<sup>270</sup> Apesar do Califa desempenhar um papel simbólico, a decisão dos dirigentes turcos de abolirem esta instituição provocou uma onda de choque em todo o mundo muçulmano, em especial na parte sunita. Pela primeira vez desde o advento do Islão, os crentes viram-se sem uma autoridade central, que reclamasse o seu papel como protetor da fé.<sup>271</sup>

O desaparecimento do Califado precipitou um longo debate entre autores da linha tradicionalista e reformista islâmica e autores seguidores de uma veia mais modernista e secular. A confrontação ideológica entre aqueles que viam na abolição do Califado um sacrilégio e aqueles que saudavam a iniciativa turca acabaria por empurrar os primeiros para a procura de uma instituição alternativa àquela.<sup>272</sup> A ideia de Estado islâmico colocou-se rapidamente no centro do pensamento político, sendo posteriormente desenvolvido por vários ideólogos islamistas. Autores como Al-Banna, Mawdudi e Qutb foram visionários ideológicos, tendo contribuído para a exposição dos princípios e

---

<sup>269</sup> John Esposito, *Islam and Politics*, 3ª ed., New York, Syracuse, 1991, p. 220.

<sup>270</sup> A abolição do Califado teve origem na derrota otomana na Primeira Guerra Mundial. Após o desmembramento do Império emergiu dos seus escombros a Turquia e o seu líder, Mustapha Kemal, esforçou-se por estabelecer um Estado de tendência europeísta, levando a cabo um conjunto de reformas políticas, económicas e culturais. O nacionalismo turco era incompatível com as ideias pan-islâmicas que tinham o Califado como um dos seus símbolos. Adicionalmente, a natureza de um Estado moderno, onde todos os cidadãos são iguais, contradiz a instituição califal, a qual pressupõe a superioridade dos crentes sobre os não crentes.

<sup>271</sup> Abdelwahab El-Affendi, *Who needs an Islamic State?*, London, Grey Seal Books, 1991, p. 47.

<sup>272</sup> Dois discípulos de Muhammed Abduh protagonizam um intenso debate em torno desta questão. Por um lado, o egípcio Abd al-Rāziq, intelectual egípcio, autor da controversa obra *O Islão e os Fundamentos do Governo*, em 1925, argumentava que o Califado não tinha bases no Alcorão, na tradição ou no consenso, e que, com exceção dos primeiros quatro Califas, o Califado foi estabelecido pela força e mantido pela opressão. Aquele autor questionava ainda, se o Islão, enquanto sistema de doutrinas religiosas, necessitava da criação de um governo, já que os atos políticos desempenhados por Maomé não estavam diretamente relacionados com a sua missão profética. O governo e a autoridade política, embora indispensáveis para a implementação dos ideais islâmicos, não constituíam o fulcro do Islão: o Islão deixa ao critério dos Muçulmanos a liberdade de escolherem a forma de governo mais apropriada ao seu bem-estar. (Hamid Enayat, *Modern Islamic Political Thought*, London, I.B. Tauris, 2005, pp. 63-64; Vernie Liebl, “The Caliphate”, *Middle Eastern Studies*, vol. 45, n.º 3, May 2009, p. 374). Por outro lado, Rashid Rida defendeu o desenvolvimento de um modelo de governo islâmico. As visões de Rida oscilaram entre um universalismo islâmico, encarnado pelo Califado, e um nacionalismo árabe, personificado pela tese do Estado Islâmico. Rida começou por defender o Califado e a exigência de um Califa árabe, pois defendia que a superioridade do Islão enquanto sistema de princípios morais e sociais combinava com a superioridade dos Árabes, criadores do Islão original. Sem um candidato que preenchesse os requisitos para se tornar Califa e sem uma cidade ideal para estabelecer esta instituição, Rida conclui que não existiam condições à restauração de tal instituição, pelo que se deveria procurar uma alternativa àquela. Assim, teorizou o Estado Islâmico como alternativa ao Califado e a transferência das funções daquele para este Estado. Apesar de concebido em nome da reorganização do Califado, Rida propõe uma nova entidade com instituições e funções sem precedentes. (Enayat, *op. cit.*, pp. 70-77.)

características essenciais do Estado islâmico, mas omitindo os detalhes específicos para a concretização do governo e instituições islâmicas.<sup>273</sup>

Três aspetos sobressaem do atual debate sobre este tema: a relação entre as teorias do Estado islâmico e as realidades contemporâneas; a dicotomia entre a ideologia dos movimentos islamistas e as suas ações no que toca a este assunto; e a discordância entre os teóricos sunitas modernos sobre a constituição e implementação do governo e Estado islâmico.

A ideia de Estado islâmico enfrenta dificuldades básicas, não só a um nível nacional, mas também a nível internacional. Ao tentarem colocar em prática esta ideia, os islamistas desafiam as fundações do sistema internacional, o qual se baseia numa lógica secular e que requer que os Estados e economias que o compõem se acomodem aos estes princípios.<sup>274</sup>

## 2.6. Considerações finais

Em 1955, Gamal Abdel Nasser defendeu que a “conquista ocidental do Médio Oriente foi mental, tanto quanto física” e que “oprimidas e perturbadas, as mentes orientais perderam quase todos os valores nacionais, mas não foram capazes de absorver os valores ocidentais.”<sup>275</sup> O século XX iniciou-se sob o símbolo do poder político, económico, militar e cultural ocidental. A partir da década de 1920, com os movimentos de descolonização, o domínio militar e político da Europa em terras muçulmanas começou a regredir, mas o imperialismo cultural aumentou: ansiosos pela modernização das suas sociedades, a primeira geração de líderes pós-independência muitas vezes fez mais pela ocidentalização daquelas do que os antigos colonizadores.<sup>276</sup>

O Islamismo assumiu-se como uma das alternativas ideológicas com origem naquela década, pelo que a sua análise não deve menosprezar o processo de construção,

---

<sup>273</sup> De acordo com estes, os princípios e características essenciais ao Estado islâmico eram: o Estado é o meio através do qual o modo de vida islâmico é regulado; o Estado islâmico é uma comunidade de crentes ligados por uma fé comum e pela obrigação de obedecer a Deus e difundir o seu domínio pelo mundo; o consenso da comunidade é a fonte de autoridade no que toca à forma de governo islâmico e à seleção e remoção do chefe do Estado; o governante deve ser eleito ou selecionado com base nas prescrições corânicas e na prática inicial islâmica, devendo governar de acordo com a *Sharia*; este deverá consultar os representantes do povo, embora não seja obrigado a seguir os seus conselhos; o poder do governante é supervisionado pelos limites da *Sharia*, por um poder judiciário independente e pelo direito do povo de depor um governante injusto. Esposito, *Islam and Politics*, pp. 223-224.

<sup>274</sup> Segundo David George, “os Estados modernos existem apenas como partes desta ordem internacional, e em virtude das suas leis seculares eles são personalidades legais. Como componentes do sistema internacional de Estados, os Estados muçulmanos não são menos seculares do que os seus equivalentes não Muçulmanos.” David George, “*Pax Islamica: An Alternative New World Order?*”, in Sidahmed and Ehteshami, *op. cit.*, pp. 72-73.

<sup>275</sup> Gamal Abdel Nasser, “The Egyptian Revolution”, *Foreign Affairs*, January 1955, <http://www.foreignaffairs.com/articles/71159/gamal-abdel-nasser/the-egyptian-revolution> (data de ultimo acesso: 19 de abril de 2013).

<sup>276</sup> William Shepard, “The Diversity of Islamic Thought: Towards a Typology”, in Suha Taji-Farouki e Basheer M. Nafi (ed.), *Islamic Thought in the Twentieth Century*, London, I. B. Tauris, 2004, p. 62.

evolução e crise do Estado e da sociedade moderna pós-colonial. Este sistema de ideias constituiu, em simultâneo, descrições das sociedades e programas de ação política destinado a provocar a reconstrução daquelas e a transformação dos seus valores. Philip Carl Salzman defende que a procura de respostas na religião é o resultado de uma busca identitária que substitui os fracassos das identidades modernista, nacionalista e socialista: o Islão é a resposta ao fracasso mundano.<sup>277</sup>

O Islamismo começou a ganhar fôlego a partir dos anos 1940/50, mas foi a partir do início da década de 1970 que assistimos à sua súbita expansão, motivado pela crescente exposição das massas à modernidade e ao agravamento das condições políticas regionais. As organizações islamistas tornaram-se proeminentes em vários países, opondo-se aos regimes domésticos acusados de serem responsáveis pela decadência social, económica, cultural e religiosa. Ao criticarem os líderes muçulmanos que consideravam apóstatas, não deixam de reconhecer, contudo, que estes frequentemente gozam do apoio de forças externas, as quais são também responsabilizadas pela afronta que constitui a formação do Estado de Israel.

O Egipto desempenhou um papel paradigmático no desenvolvimento desta corrente. Com o desaparecimento de Sayyid Qutb, símbolo máximo da resistência à repressão dos regimes árabes, observou-se uma diversificação em termos de tendências, movimentos, estratégias e táticas islamistas. Os mais jovens, endurecidos pelas práticas opressivas dos regimes e não se revendo nos modos de atuação das organizações existentes, dão origem a um conjunto de grupos dissidentes, assumem posicionamentos políticos mais radicais, reivindicam ações rápidas e fazem a apologia da violência para atingir os objetivos propostos.

Entretanto, alguns autores consideraram o final do século XX como a era do pós-Islamismo, visto o processo de re-islamização se assumir como independente das perspetivas de tomada do poder estatal.<sup>278</sup> Esta falta de habilidade para capturarem o poder, podendo ser um sinal da fraqueza das ideias islamistas, pode também ser

---

<sup>277</sup> Philip Carl Salzman, "When They Proclaim "Islam is the Answer," What is the Question?: The Return of Political Islam", *The Journal of the Middle East and Africa*, vol. 2, n.º 2, 2011, p. 151. Para este autor "as perguntas às quais o 'Islão é a resposta' são: como podemos parar a humilhação e a vergonha? Como podemos ultrapassar os fracassos e perdas repetidas? Como podemos, uma vez mais, alcançar a nossa dignidade, a nossa glória passada e um futuro esperançoso?"

<sup>278</sup> O termo pós-Islamismo surgiu em Asef Bayat, "The Coming of a Post-Islamist Society", *Critique: Critical Middle East Studies*, n.º 9, Autumn 1996, pp. 43-52. Para este, o pós-Islamismo "não é anti-islâmico", mas está associado "aos valores da democracia e a aspetos da modernidade" (p. 45). Esta fase caracteriza-se por "direitos em vez de deveres, pluralismo em vez de uma única voz autoritária, historicidade em vez de escrituras fixas, e o futuro em vez do passado. [...] O advento do pós-Islamismo não representa necessariamente o fim histórico do Islamismo. Significa o nascimento, a partir da experiência islamista, de um discurso e política qualitativamente diferente." (Bayat, "What is Post-Islamism?", *ISIM Review*, n.º 16, Autumn de 2005, p. 5.). Para mais perspetivas do fenómeno ver: François Burgat, *Face to Face with Political Islam*, Londres, I.B. Tauris, 2003, pp. 180-183; Patrick Haenni, *L'islam de marche*, Paris, Seuil, 2005.



interpretada como uma indicação da natureza despótica dos regimes árabes e da capacidade dos islamistas fazerem escolhas racionais com o objetivo de iludir as práticas repressivas desses regimes, garantindo a sobrevivência organizacional. Adicionalmente, a adoção de formas de religiosidade caracterizadas pela piedade pessoal não é algo inédito por parte dos islamistas, pois as suas agendas sempre incluíram atividades sociais e a *da'wa*.<sup>279</sup>

Enquanto estrutura de pensamento que responde a uma situação de crise e à necessidade de mudança, a compreensão da ideologia e organizações islamistas exige uma articulação com as estruturas sociais e políticas circundantes, com as construções ideológicas concorrentes, com a cultura local, com a constituição étnica e religiosa da população e com forças exógenas como a globalização. A conceptualização do Islamismo e dos seus diferentes grupos pode apresentar-se como um desafio controverso. Estes atores manifestam preferências políticas e padrões comportamentais diversos: islamistas políticos, apolíticos e radicais-jihadistas desenvolveram um discurso e uma terminologia diferente para exprimir a análise que fazem da sociedade e a sua rejeição dessa.<sup>280</sup> Os conflitos e as discórdias entre movimentos e tendências são profundos, assim como os debates estratégicos e ideológicos. O choque entre personalidade e entre fações reformistas e conservadoras no interior de uma mesma organização são comuns.

Enquanto as correntes políticas e apolíticas representem a maioria no seio do Islamismo, os jihadistas representam uma minoria crítica, sobretudo a nível discursivo, de objetivos e de táticas. Tendo-se verificado uma evolução importante entre Islamismo e Jihadismo e ruturas em aspetos fundamentais, é possível traçar uma linha entre o desenvolvimento do pensamento político islâmico em resultado das realidades políticas dos séculos XIX e XX e o pensamento dos jihadistas globais, nomeadamente no que se refere à expressão de sentimentos pan-islâmicos.

---

<sup>279</sup> Ermin Sinanovic, "Post-Islamism: The Failure of Islamic Activism?", *International Studies Review*, vol. 7, n.º 3, October 2005, pp. 433-436.

<sup>280</sup> Roel Meijer, "The Problem of the Political in Islamist Movements" in Amel Boubekeur and Olivier Roy (eds.), *Whatever Happened to the Islamists? Salafis, Heavy Metal Muslims and the Lure of Consumerist Islam*, Londres, Hurst and Company, 2012, p. 58.



### 3. Do Islamismo ao Jihadismo global: a *jihad* de noção teológica a ideologia

#### 3.1. O conceito da *jihad* e os desafios à sua compreensão

Este capítulo traça o desenvolvimento da ideia de *jihad* de acordo com as circunstâncias geopolíticas que afetaram a *umma* ao longo dos séculos. A compreensão da *jihad*, central nos discursos e narrativas islamistas, constitui uma das questões críticas dos nossos dias e escrever sobre este conceito é uma tarefa que acarreta enormes desafios. Um desses desafios é tentar dar uma definição daquele e dos seus aspetos relevantes, sem incluir a colossal quantidade de informação relativa à história islâmica e ao processo de formação doutrinária no Islão. Este conceito motivou diferentes interpretações por parte da jurisprudência islâmica clássica e moderna, e teve diversas utilizações ao longo da história do pensamento e da política no mundo muçulmano.

Após os eventos de setembro de 2001, nos EUA, este conceito passou a ser um dos mais discutidos por académicos, jornalistas e estudantes, tendo invadido o discurso político e estando na base do discurso securitário ocidental. No início deste novo século, *jihad* tornou-se, para muitos, sinónimo de radicalismo e violência, devido às organizações que a invocam para legitimar as suas ideias e ações. Com frequência, o conceito é utilizado no sentido de terrorismo, sendo que as causas deste acabam por ser atribuídas ao próprio Islão, entendido como religião propensa ao extremismo, o que implica a negação (consciente ou inconsciente) de outras motivações para a adoção de ideias e comportamentos radicais. *Jihad* é, assim, um dos conceitos mais divisórios da atualidade.

Nas duas décadas anteriores a 2001, o termo *jihad* era vulgarmente utilizado, no mundo ocidental, para designar a luta que, entre 1979 até 1989, foi conduzida pelos *mujahideen*<sup>281</sup> contra o ocupante soviético no Afeganistão e que representou, para muitos islamistas, “a primeira derrota de uma superpotência através da luta islâmica armada.”<sup>282</sup> Existiam, contudo, algumas obras académicas dedicadas à análise deste termo, as quais foram precursoras no estudo dos aspetos normativos da doutrina, através da análise dos textos clássicos.<sup>283</sup> Atualmente, a literatura existente sobre o tema é vasta, embora nem

---

<sup>281</sup> Plural de *mujahid*, aquele que leva a cabo a *jihad*. Embora o termo não esteja necessariamente conotado com guerra, nas últimas décadas os Muçulmanos envolvidos na defesa armada de terras islâmicas são denominados de *mujahideen*. Esposito, *The Oxford Dictionary of Islam*, p. 213.

<sup>282</sup> Fuller, *The Future of Political Islam*, p. 10.

<sup>283</sup> Destacam-se: Albrecht Noth, *Heiliger Krieg und heiliger Kampf in Islam und Christentum*, Bona, Ludwig Röhrscheid Verlag, 1966; Rudolph Peters, *Islam and Colonialism: The Doctrine of Jihad in Modern History*, The Hague, Mouton, 1979; Alfred Morabia, *Le Gihād dans l’Islam medieval: Le “combat sacré” des origines au XII<sup>ème</sup> siècle*, Paris, Albin Michel, 1993; John Kelsay and James Turner Johnson (eds.), *Just War and Jihad: Historical and Theoretical Perspectives on War and Peace in Western and Islamic Traditions*, Westport, Connecticut, Greenwood Press, 1991.

todos os trabalhos recentes possuam rigor científico.<sup>284</sup> Nos vários livros e artigos publicados sobre este conceito, os seus autores tentam determinar o verdadeiro significado de um termo que tem tanto de ambíguo, como de controverso.

A discussão sobre a *jihad* também continua a decorrer no seio do mundo muçulmano, onde diversas correntes e tendências continuam a debater o seu significado e a sua utilização. No mundo ocidental, a diversidade de atitudes relativamente ao Islão em lado algum se reflete melhor do que na interpretação e leitura deste conceito contestado, onde existe uma aplicação de julgamentos morais a esta doutrina, pelo menos desde o século XIX. Na atualidade, debate-se apaixonadamente a relação existente entre a doutrina da *jihad* no Islão – ou, de um modo mais abrangente, entre o Islão – e atos de terrorismo.

Independentemente do seu grau de religiosidade, os jihadistas procuram legitimidade e credibilidade com recurso à citação de autores clássicos e a conceitos religiosos para justificarem as suas ações, pelo que é fundamental ter conhecimentos que permitam analisar criticamente os seus discursos. A doutrina clássica está repleta de contradições, nomeadamente no que se refere à *jihad* e à prática da guerra. Os jihadistas discordam relativamente a questões táticas e raramente respeitam as restrições impostas pela lei islâmica no que se refere ao comportamento adequado e ao recurso legítimo à violência.

Sendo um dos princípios mais invocados na atualidade, a discussão sobre a *jihad* aborda alguns temas que são transversais a toda a doutrina islâmica como, por exemplo, a questão da autoridade, a conceptualização do mundo, o envolvimento em conflitos domésticos e internacionais, a conduta apropriada a ter durante uma guerra, a expansão e conquistas no Islão, o término das hostilidades e a resolução dos conflitos, a natureza dos inimigos e o tipo de relação a manter com outras comunidades, a conversão ao Islão e o martírio.

Sendo um instrumento fundamental do pensamento islamista, a inclusão deste capítulo é motivada pela necessidade de compreender o que os jihadistas querem dizer quando apelam à *jihad* e o modo como estes aplicam este conceito à análise do mundo contemporâneo, tentando determinar as consequências práticas desta interpretação. Os nossos objetivos são: 1) averiguar a importância deste conceito e a utilização que os

---

<sup>284</sup> Duas obras que se destacam pela abordagem metodológica utilizada e que tentam apresentar perspetivas novas sobre esta temática (independentemente de concordarmos, ou não, com as suas conclusões) são: Ahmed Al-Dawoody, *The Islamic law of war: justifications and regulations*, New York, Palgrave Macmillan, 2011; Asma Afsaruddin, *Striving in the Path of God: Jihad and Martyrdom in Islamic Thought*, Oxford, Oxford University Press, 2013.

islamistas radicais da atualidade fazem dele, visto recorrerem ao vocabulário legal e religioso da *jihad* para justificar ataques contra todos aqueles que discordem das suas ideias; 2) determinar se as normas da *jihad* podem contribuir para explicar a variação da militância no Ocidente e o fenómeno dos combatentes estrangeiros; 3) compreender as relações entre Muçulmanos e outras comunidades, já que a *jihad* é considerada um conceito central nas relações entre o Islão e o resto do mundo (o que nos poderá ajudar a avaliar a importância do conceito para as relações comunitárias em território europeu); 4) tentar perceber se os atuais ataques suicidas desencadeados por islamistas radicais encontram fundamento nas disposições sobre o martírio, ou se constituem uma evolução tática baseada em cálculos custo-benefício.

### 3.2. Breve reflexão sobre a origem, significado e evolução da *Jihad*

A *jihad* está associada à expansão inicial do Islão e assenta quer em bases normativas, quer em bases reais/históricas. Por um lado, existe a doutrina jurídica islâmica e o que os juristas dos séculos VIII e IX escreveram sobre o tema com base na interpretação das disposições do Alcorão e da vida do Profeta; por outro lado, existe a prática e o modo como os princípios dos textos foram aplicados às condições políticas e sociais específicas de cada época ao longo da história. Assim, enquanto conjunto complexo de doutrinas e práticas, a *jihad* desenvolveu-se para fazer face a diferentes experiências históricas e contextos espaciais e temporais. As constantes transformações que afetaram o mundo muçulmano desde a Revelação até aos nossos dias, influenciaram as reconceptualizações desta doutrina por parte de exegetas e juristas, bem como a sua utilização para justificar ações políticas e militares.

Se os elementos básicos da *jihad* surgiram durante a vida de Maomé e da oposição entre Muçulmanos e seus inimigos em Meca e Medina, foi em resultado dos debates, discussões e comentários que ocorreram após a sua morte que pensadores muçulmanos elaboraram a ideia de *jihad* enquanto princípio islâmico e doutrina legal. Nas palavras de Asma Afsaruddin, este assume-se como um “termo discursivo dinâmico ao longo do tempo”.<sup>285</sup>

Durante o período omíada (661-749), a *jihad* tornou-se um instrumento ao serviço da expansão territorial.<sup>286</sup> Em nome do esforço de construção do Estado, a oposição

---

<sup>285</sup> Afsaruddin, *op. cit.*, p. 1.

<sup>286</sup> Paul L. Heck, “Jihad Revisited”, *Journal of Religious Ethics*, vol. 32, n.º 1, March 2004, p. 108.

política foi construída como uma forma de desobediência a Deus. Esta utilização particular da *jihad* favoreceu a reconstrução de um conceito religioso em termos políticos.<sup>287</sup> O início gradual da sua formulação legal coincidiu com o período das grandes conquistas do Califado abássida, sucessores dos Omíadas.<sup>288</sup> No espaço de trinta anos, os Árabes passaram de um povo pobre e marginal a detentores de um rico e vasto império. No final do século VIII, durante a fase de consolidação de poder por parte deste Califado, a *jihad* e as práticas sociais associadas assumem-se como doutrina, organizadas e codificadas num corpo legal coerente.<sup>289</sup> Estes regulamentos constituem uma tentativa de sistematizar a própria atividade da guerra.

A doutrina clássica da *jihad* foi formulada como parte do processo de codificação da lei a partir dos textos principais do Islão, a qual resultou na *Sharia*. Este esforço de codificação foi necessário, pois as prescrições divinas que formam o Alcorão,<sup>290</sup> e o exemplo e as palavras do Profeta e dos primeiros Califas que constituem os *ahadith* (e que representam a componente prática da *jihad*, através da referência às conquistas e à guerra após a morte de Maomé), oferecem conclusões contraditórias relativamente a vários temas, nomeadamente no que se refere à *jihad*.<sup>291</sup> Deste modo, a jurisprudência islâmica constituiu uma tentativa de reconciliar a teoria e prática. Alguns estudiosos defendem que os juristas muçulmanos forneceram “uma racionalização da história da comunidade” e uma justificação legal para a rápida expansão da comunidade após a morte do Profeta.<sup>292</sup> De acordo com Sachedina, “os trabalhos jurídicos produzidos durante o século VIII sustentam... que o tratamento da *jihad* em relação à tarefa de converter a

---

<sup>287</sup> *Ibid.*

<sup>288</sup> Rudolph Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, 2.<sup>a</sup> ed., Princeton, Markus Wiener Publishers, 2005, p. 3.

<sup>289</sup> Bonner, *op. cit.*, p. xvi; Cook, *Understanding Jihad*, p. 19.

<sup>290</sup> É conveniente fazer algumas observações relativamente ao Alcorão, à origem escrita das Revelações e à sua organização. A versão atual do Alcorão resulta de um longo processo de desenvolvimento com vista a criar uma forma textual exata, pois os manuscritos do Alcorão apresentavam variantes em várias *suras*. Estas variantes podem ser explicadas pelo facto de, inicialmente, as Revelações terem existido apenas numa forma oral, tendo o Alcorão começado a ser redigido dois anos após o desaparecimento do Profeta. As Revelações divinas, as quais foram surgindo como respostas às situações com as quais a comunidade se ia deparando, não foram agrupadas por ordem cronológica, mas desconhecem-se os princípios na base da sua organização. As Revelações ocorreram em dois períodos distintos: no período mecaense foram reveladas 85 capítulos relativos a questões relacionadas com a crença; no período de Medina foram revelados 29 capítulos relativos sobretudo a regras legais e regulamentos. Sendo um texto complexo e com contradições foram utilizados mecanismos literários interpretativos com o objetivo de lhe dar coerência. Dois destes instrumentos hermenêuticos são a teoria da abrogação (*naskh*) e a análise do contexto histórico da Revelação (*asbāb al-nuzūl*), a qual procura estabelecer uma relação entre determinados versos e acontecimentos reais na história da missão profética de Maomé. A teoria da abrogação procura resolver contradições aparentes entre dois ou mais versos relativamente a temas específicos. De um modo geral, esta teoria designa a substituição de um regulamento por outro, desde que ambos apareçam em partes do texto diferentes. O modo como é utilizado depende da escola legal e do objetivo do intérprete: alguns defendem que a última Revelação relativamente a um tema seria a mais autoritária; outros argumentam que a cronologia deveria ser revertida de modo a que as prescrições universais tenham mais autoridade do que aquelas limitadas a condições históricas específicas; outros autores consideram que os versos deveriam ser colocados no seu contexto histórico ou no contexto alargado do Alcorão. Firestone, *op. cit.*, p. 49; Bonney, *op. cit.*, p. 24.

<sup>291</sup> Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, p. 3; Mark Sedgwick, “Jihad, Modernity, and Sectarianism”, *Nova religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions*, vol. 11, n.º 2, November 2007, p. 8.

<sup>292</sup> Bonney, *op. cit.*, p. 63.

esfera da guerra em esfera do Islão foi uma legitimação *ex post facto* das conquistas iniciais.”<sup>293</sup>

Etimologicamente, a palavra árabe *jihad* deriva da raiz *j-h-d*, está relacionada com o verbo *jāhada*, e significa esforço, superação, luta, estando conotada com a perseguição de um objetivo digno.<sup>294</sup> Considerada por si só, antes da formulação de uma doutrina e sem atender à sua prática ou interpretação legal, não tem qualquer carga ideológica. Esta ordenação corânica é considerada pelos Muçulmanos não como um fim em si, mas como um princípio nobre, um dever para com Deus, porque o seu propósito é benéfico: libertar o mundo de um mal maior. Segundo Firestone, quando o termo é seguido pela frase “no caminho de Deus” (*fi sabīl Allah*), tal sublinha que a atividade da *jihad* se destina especificamente a promover a palavra e o reino de Deus na terra.<sup>295</sup> A questão da intenção é essencial à realização deste dever, pois apenas quando é conduzida com a intenção adequada é que se torna aceitável aos olhos de Deus.

O controverso clérigo Yusuf al-Qaradawi define *jihad* como “uma obrigação moral islâmica” que apenas pode ser empreendida quando determinadas condições são cumpridas, nomeadamente o monoteísmo, a repulsa da opressão e do politeísmo, e a defesa da honra, da verdade e de tudo que é sagrado.<sup>296</sup> Este descreve os objetivos da *jihad* como sendo a “libertação da terra muçulmana, a luta contra as forças que se opõem ao chamamento para o Islão e à Nação muçulmana, a preservação da liberdade da vontade muçulmana e a independência da decisão muçulmana.”<sup>297</sup> Em 2009, este apresentou esta questão de um modo mais elaborado, descrevendo a existência de três tipos de *jihad* na atualidade: a libertação das terras muçulmanas sob ocupação; as tentativas pacíficas de alterar os actuais regimes muçulmanos, pois estes regimes permitem atos que são absolutamente proibidos pelo Islão; o chamamento ao resto do mundo para o Islão, nas suas línguas originais, por intermédio de todos os meios de comunicação e informação disponíveis.<sup>298</sup>

---

<sup>293</sup> Abdulaziz A. Sachedina, “The Development of Jihad in Islamic Revelation and History”, in James Turner Johnson e John Kelsay (ed.), *Cross, Crescent, and Sword – The Justification and Limitation of War in Western and Islamic Tradition*, Westport, Greenwood Press, 1990, p. 37.

<sup>294</sup> Firestone, *op. cit.*, p. 16. De acordo com Landau-Tasserón, os derivados desta raiz aparecem em quarenta e um versículos do Alcorão. Ella Landau-Tasserón, “Jihad”, *Encyclopaedia of the Qur’ān*, Jane Dammen McAuliffe (Ed.), Brill Online, 2013, [http://referenceworks.brillonline.com/entries/encyclopaedia-of-the-quran/jihad-COM\\_00101](http://referenceworks.brillonline.com/entries/encyclopaedia-of-the-quran/jihad-COM_00101) (data de último acesso: 14 de setembro de 2013).

<sup>295</sup> *Id.*, p. 17.

<sup>296</sup> The Middle East Media Research Institute, *Calls in the Muslim World to Intensify Jihad During Ramadan*, Inquiry & Analysis Series Report n.º 636, 13 September 2010, <http://www.memri.org/report/en/0/0/0/0/0/4599.htm> (data de último acesso: 14 de setembro de 2010).

<sup>297</sup> Shaykh Yusuf al-Qaradawi, *Priorities of the Islamic Movement in the Coming Phase*, Swansea, Awakening Publications, 2000.

<sup>298</sup> Shaykh Yusuf al-Qaradawi, *Fiqh al-Jihad: Dirāsah Muqāranah li-Ahkāmih wa Falsafatih fi Daw’ al-Qur’an wa al-Sunna*, (*Understanding Jihad: A Comparative Study of its Rules and Philosophy in the Light of the Qur’an and Sunna*, Cairo, Maktabah Wahbah, 2009, vol. 2, pp. 1183-1197), citado em Al-Dawoody, *op. cit.*, p. 12.

Em árabe existem outras palavras com significado semelhante a *jihad* e associadas a esta, as quais podem ser encontradas nos discursos jihadistas. *Qital* designa luta ou combate armado, e aparece como componente da *jihad* em situações específicas.<sup>299</sup> Na terminologia da *Sharia*, a *jihad* aplica-se ao esforço levado a cabo por toda a nação para o sucesso do objetivo da guerra, terminando apenas quando esse objetivo for atingido; *qital* aplica-se a uma ação militar contra os exércitos do inimigo, podendo parar ou ser suspensa.<sup>300</sup> *Ribat* traduz uma atividade piedosa relacionada com a defesa militar das fronteiras do Islão.<sup>301</sup> *Ghazw*, *ghazwa* e *ghaza'* estão relacionadas com o ato de fazer incursões, com o objetivo de saquear e infligir danos aos inimigos.<sup>302</sup> *Harb* é a palavra árabe que designa guerra, não tendo o peso ideológico de outros termos.<sup>303</sup>

A *jihad* assume-se como o único tipo de guerra autorizado pelos preceitos legais islâmicos, os quais condenam todos os conflitos que não se pautem por razões de fé. Nas sociedades pré-islâmicas grassavam os conflitos e as lutas, as quais eram motivadas por questões materiais, tribais ou por retaliações contra outros grupos.<sup>304</sup> No sistema islâmico, a lógica para o conflito altera-se significativamente: a guerra passou a ser uma questão ideológica, embora os benefícios materiais obtidos com os despojos fossem vitais à sobrevivência económica da comunidade.<sup>305</sup>

### 3.3. *Jihad* defensiva e *jihad* ofensiva: implicação para o discurso islamista contemporâneo

Os eruditos islâmicos distinguem entre dois tipos de *jihad*: a interna (*jihad al-nafs*) e a externa. A primeira é designada por *jihad* maior ou *jihad al-akbar*, enquanto a segunda por *jihad* menor ou *jihad al-asghar*. Esta dicotomia está envolta em polémica e é contestada por vários autores.<sup>306</sup> Apesar de não se verificarem desenvolvimentos

---

<sup>299</sup> Afsaruddin, *op. cit.*, p. 2.

<sup>300</sup> Bonney, *op. cit.*, p. 436, n. 44. Mawdudi é um dos autores que apoia a tese que defende a diferenciação dos dois termos.

<sup>301</sup> Muitas tradições referem a importância daqueles que vivem em cidades fronteiriças. De acordo com algumas fontes literárias, os Muçulmanos que habitavam estas regiões asseguravam a condição de mártires ou os privilégios da intercessão – capacidade para intervir junto de Deus no Dia do Julgamento – após a sua morte. Estes incentivos visam levar as pessoas a habitarem em locais que, por norma, são pouco atractivos. Cook, *Understanding Jihad*, p. 30.

<sup>302</sup> Bonner, *op. cit.*, p. 44.

<sup>303</sup> Segundo Afsaruddin, esta aparece em quatro versículos do Alcorão – 5:64, 8:57, 47:4 e 2:279 – e não tem qualquer impacto no conceito da *jihad*. (Afsaruddin, *op. cit.*, p. 2.) Esta autora destaca ainda o termo *sabr* no Alcorão como sendo um componente não violento da *jihad*, designando os atributos da paciência, da firmeza, da perseverança. (*Id.*, p. 2, 25.)

<sup>304</sup> Firestone, *op. cit.*, p. 91. Peters afirma que o conceito foi influenciado pelas ideias sobre a guerra entre as tribos arábicas pré-islâmicas do norte. Entre estas, a guerra era um estado normal e, tal como defende a doutrina da *jihad*, os guerreiros seguiam certos princípios como a proibição de matar mulheres, crianças e idosos. Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, p. 1.

<sup>305</sup> Firestone, *op. cit.*, p. 91.

<sup>306</sup> Alfred Morabia, por exemplo, defende que esta é uma ficção projetada para facilitar a aceitação da *jihad* pela sociedade muçulmana. Cook vai mais longe, ao afirmar que a Morabia faltou coragem para assumir o que a evidência mostra: que a *jihad* interna é uma construção académica teórica com pouca ou nenhuma evidência prática. (Cook, *Understanding Jihad*, p. 40.) Pelo contrário, Bonner



teóricos significativos neste aspecto, a *jihad* maior continua a merecer o interesse dos acadêmicos contemporâneos, os quais defendem a sua prevalência relativamente à *jihad* menor, e a ter importância para os Muçulmanos, sendo definida como uma luta espiritual pela melhoria moral do indivíduo e contra os seus instintos básicos, estando, com frequência, associada às correntes místicas do Islão.<sup>307</sup>

Se o Alcorão permite a construção da *jihad* enquanto atividade não violenta em vários versículos,<sup>308</sup> noutras partes do Livro sagrado aquele conceito é interpretado num sentido ativista.<sup>309</sup> De igual modo, nas colecções canónicas oficiais<sup>310</sup> não se encontram tradições indicando que *jihad* tem o significado de luta espiritual.<sup>311</sup> Alguns autores, entre os quais os jihadistas, contestam a ideia de *jihad* maior, porque supostamente aquela afasta os Muçulmanos da *jihad* armada. De acordo com estes, a *jihad* nas suas formas pacíficas é aceitável para resistir à tirania e à opressão quando as condições existentes não são favoráveis à ação; contudo, quando a situação se altera, os crentes deverão enveredar pela luta armada contra os inimigos do Islão.<sup>312</sup>

Quando utilizada no sentido de guerra sancionada pela religião, a *jihad* tem dois sentidos: a defesa do Islão e da comunidade islâmica e a propagação da fé. Assim, a *jihad* externa, também designada “*jihad* pela espada”, assume uma forma ofensiva e outra defensiva. Na jurisprudência, a *jihad* ofensiva tem uma natureza expansionista e

---

acredita que a *jihad* interna não é um desenvolvimento tardio ou uma forma secundária de *jihad*, mas que se podem encontrar elementos daquela nos primórdios do Islão, nomeadamente no próprio Alcorão. (Bonner, Bonner, *op. cit.*, p. 14, 169.)

<sup>307</sup> Bonner, *op. cit.*, p. 13.

<sup>308</sup> Por exemplo, o versículo 22:78 – “Combatei por Deus como se Lhe deve! Ele vos escolheu. Não vos pôs dificuldade na religião, a doutrina do vosso pai Abraão. Ele chamou-vos Muçulmanos antes e neste Alcorão para que o Enviado seja testemunha de vós e vós sejais testemunhas dos homens. Cumpri a oração! Dai esmolas! Acolhei-vos a Deus! Ele é o vosso Senhor! É o melhor Senhor! É o melhor Defensor!” e o 25:52 – “Não obedeças aos incrédulos e combate-os briosamente com o Alcorão.”

<sup>309</sup> Por exemplo, os versículos 2:216 – “Prescreve-se-vos o combate, ainda que vos seja odioso. É possível que abomineis qualquer coisa que para vós seja um bem e é possível que prezeis qualquer coisa que para vós seja um mal. Deus sabe, enquanto vós não sabeis” –, 9:5 – “Terminados sejam os meses sagrados, matai os idólatras onde os encontrardes. Apanhai-os! Preparai-lhes todas as espécies de emboscadas! Se se arrependem, cumprem a oração e dão esmolas, deixai livre o seu caminho.” – e 9:29 – “Combatei os que não crêem em Deus nem no Último Dia nem proibem o que Deus e o Seu Enviado proibem, os que não praticam a religião da verdade entre aqueles a quem foi dado o Livro! Combatei-os até que paguem o tributo por sua própria mão e sejam humilhados.” Os ideólogos jihadistas fazem amplo uso destes versículos (revelados na fase medinense) para legitimar os seus posicionamentos.

<sup>310</sup> No Islão sunita existem seis colecções canónicas de *ahadith* da *Sunna* do Profeta, compiladas pelos imãs Muhammed al-Bukhari, Muslim ibn al-Hajjaj, Ahmad al-Nasa’i, Abu ‘Isa Muhammed al-Tirmidhi, Abu Dawud e Ibn Majah. A estes, alguns autores adicionam a *Al-Muwatta* de Malik, um dos trabalhos mais antigos de jurisprudência islâmica.

<sup>311</sup> A tradição profética que, por norma, é referida para justificar a importância da *jihad* interna relata que ao regressar do campo de batalha, o Profeta afirmou: “Regressamos da *jihad* menor para a *jihad* maior”. Quando questionado sobre o significado daquela, respondeu: “A *jihad* maior é a luta contra mim próprio.” Esta tradição pode ser utilizada para mostrar a superioridade da *jihad* maior relativamente à menor, mas também pode ser interpretada como uma tentativa para evidenciar a complementaridade existente entre as duas formas de *jihad*, instando os bons Muçulmanos a praticar ambas. Embora esta tradição tenha influência nas correntes Sufis e seja utilizada para justificar a existência da *jihad* interna e externa, a sua fonte, normalmente, não é atribuída. (Firestone, *op. cit.*, pp. 139-140). Muitos, entre os quais Ibn Taymiyya e ‘Abd al-Salam Faraj, defenderam que esta é uma tradição fabricada, pois a *jihad* contra os descrentes e os incrédulos é a ação mais nobre e mais importante para o bem da humanidade. Outros pensadores defenderam que a *jihad al-nafs* e a *jihad* menor deveriam ser complementares, sendo que alguns (como Sayyid Qutb) defendem mesmo que a primeira deveria preceder a *jihad* externa. Muitos Sufis e outras correntes ascetas procuravam praticar as duas formas de *jihad*, com o objetivo de aprofundar a sua legitimidade. No início do século XX, devido à influência dos pensadores modernistas, parecia existir no mundo muçulmano uma aceitação generalizada da *jihad* não militar ou tendencialmente defensiva. (Sedgwick, “Jihad, Modernity, and Sectarianism”, p. 10). Neste sentido, autores como Wiktorowicz defendem que terá sido o efeito transformador do conflito afegão a permitir que a ideia de *jihad* menor voltasse a adquirir alguma ênfase. (Wiktorowicz, “A Genealogy of Radical Islam”, p. 83.)

<sup>312</sup> Abdullah Sager Alamri, *The Doctrine of Jihad in Islam and its Implications in the Context of the Islamic Jihad Movement in Afghanistan, 1979-1988*, PhD Thesis, University of Idaho, 1990, pp. 118-119.

relaciona-se com a tentativa de expandir o *dar al-Islam* à custa do *dar al-harb*, de modo a promover o Islão e eliminar a constante ameaça que o último representa para a esfera islâmica. Esta constitui um dever coletivo (*fard kifāya*), ou seja, a sua execução por um certo número de indivíduos elimina a necessidade da participação de todos os membros da comunidade. O recurso a esta forma de *jihad* é justificado por circunstâncias específicas e bem definidas e deve estar sob a liderança de um Califa ou imã, o qual é responsável por apelar ao início das hostilidades, organizar e dirigir a luta, realizar tratados e fazer a paz.<sup>313</sup> De acordo com a lei islâmica, deve existir previamente um apelo ao Islão,<sup>314</sup> a vida dos não combatentes – incluindo idosos, mulheres, crianças e os responsáveis pelo sustento das suas famílias – deve ser protegida e a guerra só pode ser iniciada após ter sido declarada pela autoridade responsável. De igual modo, a lei prevê o recurso a acordos e a tréguas – *hudna* – nas relações entre o Estado islâmico e governos não muçulmanos.<sup>315</sup> Quando estas condições estão reunidas, o inimigo pode ser atacado onde quer que se encontre.<sup>316</sup> Os Muçulmanos, entre os quais a maioria dos islamistas, reconhecendo que esta forma de *jihad* foi utilizada no passado como meio para conquistar territórios e fiéis para o Islão, admitem que esta não é utilizada ou apropriada no mundo actual.<sup>317</sup>

Porém, os Muçulmanos aceitam a admissibilidade da *jihad*, enquanto forma de luta física, em caso do mundo islâmico ou do Islão se encontrar sob ataque de forças externas.<sup>318</sup> Neste caso, trata-se de uma *jihad* defensiva, a qual é uma obrigação individual (*fard ‘ayn*), isto é, todos os indivíduos que se apresentem capazes de lutar contra tais agressões deverão fazê-lo.<sup>319</sup> Este tipo de *jihad* tem como objetivo principal assegurar a sobrevivência da própria comunidade, sendo que a sua formulação legal terá surgido em resultado das incursões dos Cruzados e dos Mongóis que ameaçaram a integridade

---

<sup>313</sup> Dalacoura, *op. cit.*, p. 44; Quintan Wiktorowicz and John Kaltner, “Killing in the Name of Islam: Al-Qaeda’s Justifications for September 11”, *Middle East Policy*, vol. X, n.º 2, 2003, p. 83.

<sup>314</sup> Segundo a tradição, o Profeta mandou os seus exércitos darem três opções aos opositores antes de efetuarem qualquer ataque: o chamamento para o Islão (“Não atormentámos nenhuma comunidade senão depois de lhe haveremos mandado um enviado”, Alcorão, 17:15); se aceitassem, a emigração para Medina, a qual poderia ser recusada (perdendo direito aos despojos de guerra); se escolherem manter a sua religião eram notificados para pagar a *jizya*, ficando na condição de *dhimmi*; se recusarem todas as propostas, seguia-se o ataque. (Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, pp. 37-38.) Estas opções não eram dadas aos politeístas, os quais de acordo com os eruditos religiosos deveriam ser combatidos (“Combatei-os até que não exista tentação e seja a religião toda de Deus. Se abandonarem a idolatria, serão perdoados, pois Deus vê o que fazem.”, Alcorão, 8:39)

<sup>315</sup> Wiktorowicz and Kaltner “Killing In the Name of Islam”, p. 83.

<sup>316</sup> Lindsay Clutterbuck, “An Overview of violent jihad in the UK”, in Ranstorp (ed.), *Understanding Violent Radicalisation*, pp. 149-150.

<sup>317</sup> Jarret M. Brachman, *Global Jihadism. Theory and practice*, Londres e New York, Routledge, 2009, p. 49; Wiktorowicz, “A Genalogy of Radical Islam”, p. 83.

<sup>318</sup> Wiktorowicz, “A Genalogy of Radical Islam”, p. 83.

<sup>319</sup> Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, pp. 3-4. A lei islâmica distingue entre deveres individuais e deveres coletivos, sendo que a *jihad* é, normalmente, qualificada como dever coletivo. Para além da defesa do Islão e da comunidade contra ataques externos, existem mais duas situações que transformam a *jihad* num dever individual: quando um exército muçulmano se vê perante um confronto militar, a luta é um dever para os que ali se encontram; e quando um líder religioso apela à luta, é um dever individual dos Muçulmanos a obediência àquele.

política e territorial do mundo do Islão a partir do século XI.<sup>320</sup> Dependendo das capacidades e dos recursos de cada um, este dever islâmico pode ser promovido através de luta física, mas também do apoio financeiro, do trabalho humanitário e da assistência àqueles que se envolvem no campo de batalha. Com frequência, os acontecimentos no Afeganistão, na década de 1980, são referidos como exemplo prático do cumprimento deste dever segundo estas modalidades.<sup>321</sup>

Tratando-se de um conceito com aceitação generalizada, este tipo de *jihad* é muitas vezes comparado com a teoria da Guerra Justa – *jus ad bellum* – na cultura cristã.<sup>322</sup> As duas tradições ligam o direito de recorrer à força ao exercício de uma autoridade governativa legítima para a proteção e a promoção do bem comum da comunidade e dos seus interesses. De igual modo, a *jihad* também reconhece que mesmo o recurso justificado à força deve ter limites no que se refere aos alvos e aos meios a utilizar contra agressores, ou seja, deve respeitar o princípio da proporcionalidade.<sup>323</sup>

Na atualidade, as polémicas surgem quando se tenta determinar quando é que o Islão está sob ataque, em que consiste tal ataque, quem são os inimigos, quem tem autoridade para declarar a *jihad* e quem deve desempenhar este dever. Como a *jihad* apenas deve ser utilizada para proteger os Muçulmanos e o Islão, a sua proclamação e a identificação do agressor é da responsabilidade de um líder muçulmano. A questão da autoridade é vital para esta doutrina. Após o colapso das formas tradicionais de autoridade no mundo islâmico, a atualidade caracteriza-se pela ausência de uma figura com poder unificador, facilitando a manipulação do conceito com objetivos políticos e militares por parte de diferentes atores. Para além do seu carácter legal e doutrinário, a *jihad* assume-se, assim, como um importante instrumento de propaganda e legitimação de agendas particulares.<sup>324</sup>

---

<sup>320</sup> Heck, *op. cit.*, pp. 113-114.

<sup>321</sup> Wiktorowicz and Kaltner “Killing In the Name of Islam”, p. 83.

<sup>322</sup> Ver, por exemplo, a obra de Kelsay e Johnson (eds.), *Just War and Jihad*. As fundações da doutrina da Guerra Justa no Cristianismo foram lançadas por Santo Agostinho. Na antiguidade, uma “guerra justa” teria de ser dirigida por um soberano com base em motivos lícitos que justificassem o recurso à força. Apesar da sua origem cristã, esta ideia pode ser aplicada sem qualquer alusão a premissas religiosas, pelo que se encontra refletida no Direito Internacional e é hoje um princípio central da sociedade internacional, estando em conformidade com as restrições sobre o uso da força estipuladas pelas Nações Unidas. De acordo com esta organização, os Estados devem abster-se de recorrer à força contra a integridade territorial ou a independência política de outro Estado, constituindo exceção o recurso à força como meio de legítima defesa.

<sup>323</sup> James Turner Johnson, “Jihad and Just War”, *First Things*, June/July 2002, p. 14, <http://www.firstthings.com/article/2007/01/jihad-and-just-war-2> (data de último acesso: 22 de julho de 2010). Como veremos, à semelhança do princípio do *jus in bello*, ou Direito Internacional Humanitário, esta teoria também elabora os princípios que servem de referência à conduta na guerra e as normas que regulam o exercício do uso da força. No Direito Internacional, a distinção entre *jus ad bellum* e *jus in bello* tem origem na primeira parte do século XX, sendo que o segundo princípio deve ser sempre aplicado independentemente do *jus ad bellum*, visando limitar o direito das partes a escolherem os métodos e meios de combate que lhes convém e, conseqüentemente minimizar o sofrimento das pessoas afetadas pelos conflitos.

<sup>324</sup> O Xiismo tem uma concepção de *jihad* semelhante ao Sunismo no que se refere à caracterização do fenómeno e seus objetivos, mas a *jihad* só é permissível se for conduzida sob a liderança do Imã justo (com frequência, designado de *mahdi*, ou seja, aquele que é “divinamente guiado”): o décimo segundo imã. Este terá sido ocultado por Deus, em 873, e reaparecerá no fim dos tempos para revelar a mensagem do Islão à humanidade, o que terá adiado o estabelecimento de um governo islâmico justo. Na ausência deste,

Outra questão importante e com relevância para a atualidade está relacionada com as circunstâncias em que a participação na *jihad*, um dever comunitário, se torna numa obrigação individual. Por norma, os clérigos muçulmanos mais reputados ou próximos do poder escusam-se a apelar à participação dos Muçulmanos em conflitos.<sup>325</sup> Aqueles podem declarar a legitimidade desse conflito ou o dever de o apoiar (através de todos os meios possíveis), mas são os clérigos de tendência islamista que assumem a tarefa de declararem a obrigatoriedade de participação no conflito de todos os Muçulmanos com condições para o fazerem.

#### 3.4. A distinção entre o *dar al-Islam* e o *dar-al-harb* e os mecanismos de gestão das relações comunitárias

Terminado o período da expansão do Islão, na segunda metade do século VIII, ocorre, de certa maneira, a cristalização da teoria legal da *jihad*, com a redação de vários tratados e a formulação de definições legais com vista a consolidar esta doutrina num sistema coerente. Confrontando a necessidade de designar territórios cujos governos eram considerados ilegítimos, os juristas conceberam um mundo dividido em duas esferas de influência: o território do Islão (*dar al-Islam*) e o território da guerra (*dar al-harb*), categorias inferidas a partir da divisão corânica entre crentes (*iman*) e descrentes (*kufir*).<sup>326</sup>

A distinção entre estes dois domínios tem impacto direto nas leis da guerra no Islão e é relevante para o Direito Internacional islâmico (*siyar*), o qual impõe a observação de determinadas condições aos Estados muçulmanos nos seus contactos com outros Estados. A doutrina da *jihad* elaborada originalmente pelos juristas destinava-se a ser aplicada às interações entre o *dar al-Islam* e o *dar al-harb* e à tentativa de preservação da ordem política e social existente no interior do Estado islâmico, o qual abrangia a totalidade da *ummah*.<sup>327</sup> Apesar de vários académicos considerarem esta divisão ultrapassada, devido à globalização e ao crescimento das comunidades muçulmanas em

---

todo o governo é profano e um governo islâmico legítimo apenas tomará forma quando aquele regressar (até então, os teólogos apenas podem oferecer orientação religiosa à comunidade, supervisionar as práticas religiosas dos crentes e atuar como representantes do Imã na recolha e redistribuição dos impostos). Após a sua ocultação, teoricamente não pode ser conduzida nenhuma *jihad* legal. (Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, p. 4.) Na prática, porém, isto aplica-se à *jihad* ofensiva, pois é permitida a defesa contra agressões externas, como aconteceu, por exemplo, quando os clérigos xiitas, considerados os representantes do Imã Oculto, declararam como sendo uma *jihad* os conflitos entre o Irão e a Rússia no século XIX.

<sup>325</sup> Como veremos, recentemente verificou-se uma exceção a esta regra quando, em maio de 2013, Yusuf al-Qaradawi apelou à participação dos Muçulmanos sunitas de todo o mundo na luta contra o regime de Bashar al-Assad e o *Hizballah*, na Síria, durante a realização de um comício em Doha.

<sup>326</sup> Sachedina, *op. cit.*, p. 37.

<sup>327</sup> Streusand, *op. cit.*, p. 9.

países não islâmicos, durante a segunda metade do século XX, esta continua relevante para os debates contemporâneos.

No sentido clássico o *dar al-Islam*<sup>328</sup> deve cumprir três critérios: a existência de um governo islâmico, a aplicação da *Sharia* e a existência de uma garantia de segurança para as vidas e os bens dos Muçulmanos e dos *dhimmis*.<sup>329</sup> Neste território, os Muçulmanos proclamam e praticam a sua fé livremente. Mais recentemente, alguns académicos defenderam ser suficiente para a incorporação de um território no *dar al-Islam* a aplicação de algumas das regras da *Sharia*, como a celebração de datas religiosas, e a capacidade para o Muçulmano viver a sua fé e desempenhar livremente e em segurança os seus deveres religiosos.<sup>330</sup> Este posicionamento é comum entre alguns académicos no Ocidente, os quais defendem que a imigração para terras muçulmanas apenas é obrigatória quando aquelas condições deixam de se verificar; caso contrário, os Muçulmanos devem ali permanecer e até aproveitar para divulgar a sua religião.<sup>331</sup> Esta posição encontra-se referida, por exemplo, em muitas das *fatāwā* e ensaios publicados pelos imãs e teólogos que fazem parte do *European Council for Fatwā and Research* (Conselho Europeu para a *Fatwā* e Pesquisa), organismo que desenvolveu um ramo da jurisprudência denominado de *fiqh al-aqalliyat*, ou seja, uma doutrina legal para as minorias muçulmanas.

O *dar al-harb*<sup>332</sup> designa os territórios que não correspondem aos critérios acima referidos. Nestes, os Muçulmanos não podem aplicar a lei islâmica, são impedidos de praticar livremente a sua religião e não existem garantias de segurança para as suas vidas ou para as dos *dhimmis*. O pensamento clássico defende que o território da guerra se transforma em território do Islão quando passa a estar sob soberania muçulmana e as regras da *Sharia* são implementadas. De modo inverso, um território pertencente ao Islão adquire estatuto de território da guerra a partir do momento em que as leis dos descrentes passam a ser aplicadas, quando existe contiguidade a um território pertencente ao *dar al-harb* e sempre que existir falta de segurança no que respeita à vida e às propriedades dos Muçulmanos.<sup>333</sup>

---

<sup>328</sup> Também designado por *dar al-'Adl*, casa da justiça, e *dar al-Salam*, casa da paz.

<sup>329</sup> O Alcorão distingue entre os Cristão e Judeus, considerados Povos do Livro (*ahl al-kitāb*), e os politeístas (*mushrikūn*). A possibilidade de manter a religião e viver no Estado islâmico sob domínio muçulmano deveria ser dada apenas aos primeiros, os quais são seguidores de Profetas reconhecidos pelo Islão. Neste caso, estes adquirem o estatuto de *dhimmi*, ou seja, súbditos não muçulmanos do Estado islâmico, o qual acarreta um conjunto de limitações e obrigações, mas proíbe a sua escravidão.

<sup>330</sup> Al-Dawoody, *op. cit.*, p. 168.

<sup>331</sup> Bar, *op. cit.*, pp. 19-20.

<sup>332</sup> Também designado por *dar al-jawr* ou casa da injustiça.

<sup>333</sup> Peters, *Islam and Colonialism*, p. 12.

A doutrina islâmica clássica defendia o carácter conflituoso das relações entre o *dar al-Islam* e o *dar al-harb*, sendo o segundo considerado uma ameaça permanente para o primeiro. Esta ameaça podia ter um cariz religioso, ou seja, impedir a comunidade de disseminar o Islão; ou ser fruto de questões políticas e económicas e do desejo de expansão territorial por parte de diferentes povos.<sup>334</sup> Como na prática existia um clima pacífico entre os dois domínios durante longos períodos, alguns juristas começaram a distinguir categorias intermédias de território: o *dar al-‘ahd* (território de aliança) ou *dar al-sulh* (território de tréguas) definem as áreas com as quais os Muçulmanos tinham um tratado de paz, cessar-fogo ou alianças, ou seja, representam zonas de conciliação. Os Estados que faziam parte desta área não reconheciam a autoridade do Estado islâmico, mas os pactos estabelecidos permitiam aos não crentes destes territórios a manutenção das suas terras mediante o pagamento de um tributo anual sobre a terra, o *kharāj*,<sup>335</sup> o qual cessaria em caso de conversão ao Islão.<sup>336</sup> Em contrapartida, o Estado islâmico era obrigado a proteger estas terras em caso de ataques externos. Com efeito, os pactos ou acordos estabelecidos entre Muçulmanos e não muçulmanos são importantes para gerir as relações entre comunidades diferentes e para garantir a sua segurança e proteção, existindo numerosos exemplos destes na história islâmica inicial.<sup>337</sup>

Como a unidade do Estado e sociedade islâmica é considerada um reflexo da *tawhid*, os juristas debruçaram-se sobre a situação legal dos Muçulmanos que viviam em territórios não islâmicos, questionando-se se estes ali deveriam permanecer ou se deveriam emigrar.<sup>338</sup> Com excepção de al-Shafī’i, de um modo geral, os juristas clássicos consideravam que um Muçulmano não deveria viver num território onde a lei islâmica não era aplicada. Assim, em caso de um território islâmico ser ocupado por forças não muçulmanas ou em caso da aplicação das leis dos infiéis, os seus habitantes deveriam emigrar para terras muçulmanas.<sup>339</sup> Outros autores defendiam que este dever de emigrar se deveria basear na incapacidade de praticar o Islão livremente.<sup>340</sup> Outros juristas, porém,

---

<sup>334</sup> Al-Dawoody, *op. cit.*, p. 117.

<sup>335</sup> Bonner, *op. cit.*, p. 92; Peters, *Islam and Colonialism*, p. 11. Aqueles não eram obrigados a pagar a *jizyah*, pois não viviam sob soberania do Estado islâmico.

<sup>336</sup> Bonner, *op. cit.*, p. 92.

<sup>337</sup> Por exemplo, o já referido Acordo (ou Constituição) de Medina, quando Maomé adiciona ao seu papel de líder religioso, a condição de líder político; o Tratado de Hudaibiyya, em 628, entre o Profeta e os Mecaenses abriu um precedente importante para o estabelecimento de um modelo para futuras tréguas entre regiões muçulmanas e não muçulmanas; e o pacto de Omar quando este Califa procurou colocar um final às hostilidades e negociar a captura de Jerusalém. Bonney, *op. cit.*, p. 446; Bonner, *op. cit.*, pp. 87-88; Al-Dawoody, *op. cit.*, p. 153.

<sup>338</sup> Steven Gertz, “Permission to Stay in ‘Enemy’ Territory? Hanbali Juristic Thinking on Whether Muslims Must Emigrate From Non-Muslim Lands”, *The Muslim World*, vol. 103, n.º 1, January 2013, pp. 94-106.

<sup>339</sup> Shammai Fishman, “*Fiqh al-Aqalliyat*: A Legal Theory for Muslim Minorities”, *Center on Islam, Democracy, and the Future of the Muslim World*, Hudson Institute, Series n.º 1, paper n.º 2, October 2006, p. 4.

<sup>340</sup> Al-Dawoody, *op. cit.*, p. 177.

consideravam ser preferível a emigração para territórios muçulmanos, mesmo no caso de não se verificarem perseguições aos Muçulmanos: apesar da utilidade destes para a potencial recuperação do território perdido para os ocupantes, o contacto permanente com descrentes poderia corromper os crentes.<sup>341</sup>

Estes posicionamentos evoluíram para responder a desenvolvimentos históricos, como a Reconquista Cristã da Península Ibérica, as Cruzadas e as invasões mongóis. Ibn Taymiyya proclamou uma *fatwā* relativa à cidade de Mardin, a qual tinha sido ocupada pelos Mongóis, estabelecendo que aqueles que não aplicassem a *Sharia* seriam alvo legítimo de revolta.<sup>342</sup> Embora os Mongóis se tivessem convertido ao Islão, não respeitavam os princípios da lei islâmica, logo foram declarados infiéis. Neste sentido, os Muçulmanos teriam o direito de recorrerem à violência contra aqueles. No seguimento desta análise, este acabaria por avançar com uma terceira categoria territorial: *dar al-murakkabah*, ou seja, um território onde a lei islâmica não é aplicada, mas onde os habitantes são crentes.<sup>343</sup> Esta *fatwā* cria um precedente importante: futuras gerações de ideólogos islamistas iriam utilizar a mesma lógica e recorrer ao termo *jahiliyya* para apelarem à *jihad* contra governantes e elites que consideravam ter-se desviado do Islão.

No mundo atual caracterizado pela globalização, estes posicionamentos causam óbvios constrangimentos aos Muçulmanos na diáspora, tendo sido necessário encontrar mecanismos para adaptar a lei islâmica às novas realidades. Esta necessidade foi reconhecida quer por académicos reformistas ligados a instituições de ensino islâmico, quer por ideólogos islamistas e jihadistas. Entre estes últimos encontram-se dois autores de tendência radical que debateram o tema: Abu Basir al-Tartusi, ideólogo com posicionamentos mais moderados do que os seus pares, reconheceu que, considerando os milhares de Muçulmanos que nasceram e vivem em territórios de descrentes, “não é possível apelar ou emitir uma *fatwā* obrigando todos os Muçulmanos a emigrarem, deixando as suas terras para locais desconhecidos”, sendo preferível procurar soluções na *Sharia* que sirvam de orientação naqueles contextos; Abu Muhammed al-Maqdisi defende que a permanência em território de descrentes apenas é permitida se o Muçulmano for perseguido na sua própria terra.<sup>344</sup>

---

<sup>341</sup> Gertz, *op. cit.*, pp. 102-103.

<sup>342</sup> Bonney, *op. cit.*, p. 115.

<sup>343</sup> Shaykh ‘Abd al-‘Azīz bin Sālih al-Jarbū’, *A Call to Migrate From the Lands of the Disbelievers to the Lands of the Muslims*, At-Tibyān Publications, s.l., s.d., p. 12; Gertz, *op. cit.*, p. 96.

<sup>344</sup> Shaykh ‘Abd al-‘Azīz bin Sālih al-Jarbū’, *op. cit.*, pp. 53-56.

Uma das tentativas promovidas para encontrar uma resposta para esta situação apresenta uma nova hipótese sobre a divisão do território. Com base na teoria de um teólogo do século XIII, juristas contemporâneos apresentam um mundo dividido entre o *dar al-Islam* e o *dar al-da'wa*: o primeiro corresponde a um território onde a maioria dos habitantes pertencem ao Islão; o segundo consiste num território onde a mensagem do Islão é difundida.<sup>345</sup> Esta divisão adequa-se à natureza pacífica que caracteriza o atual sistema internacional, tendo sido neste contexto que se desenvolveu a *fiqh al-aqalliyyat*, o ramo da jurisprudência específico para tratar os dilemas sociais, políticos, económicos, morais e religiosos que afetam as minorias muçulmanas no Ocidente.

A discussão destas questões teóricas relacionadas com a interpretação e as ligações entre o *dar al-Islam* e o *dar al-harb* são úteis para compreender o modo como o pensamento islamista atual conceptualiza o mundo muçulmano e a Europa, bem como as relações entre Muçulmanos e não muçulmanos. Muitos salafistas e *ulama* de tendência hanbalita, por exemplo, continuam a basear as suas teorias na divisão entre *dar al-Islam* e *dar al-harb*, defendendo a obrigatoriedade de emigrar deste para o *dar al-Islam* e a aplicação rigorosa do princípio *al-wala' wa-l-bar'a*, o qual estabelece a lealdade para com o grupo e a rejeição de qualquer relação com os outros. Outros autores utilizam uma terminologia diferente para denominar o mundo externo ao Islão, optando por *dar al-kufr*, ou seja, casa da descrença. Existe, contudo, uma pequena diferença conceptual entre *dar al-harb* e *dar al-kufr*: todo o *dar al-harb* – território onde existe um estado de guerra entre crentes e descrentes – é *dar al-kufr*, mas a ausência de conflito com o território do Islão não transforma o território da descrença em território da guerra.<sup>346</sup>

Quanto à questão dos propósitos da emigração, alguns ideólogos e pensadores atuais adicionam um novo elemento a esta teoria, defendendo a sua obrigatoriedade no contexto da *jihad*, ou seja, para auxiliar na luta contra os opositores de Deus, como aconteceu no Afeganistão, no Iraque e, recentemente, na Síria.<sup>347</sup>

Os islamistas mais radicais apenas aceitam designar de *dar al-Islam* os territórios onde a lei islâmica é aplicada de modo integral. Considerando a enorme dificuldade em encontrar regimes que o façam, a consequência óbvia é que todos aqueles são infiéis e devem ser combatidos. Existe ainda quem defenda que a tipologia clássica não faz qualquer sentido na atualidade face à inexistência de um Califado aceite por todos os

---

<sup>345</sup> Al-Dawoody, *op. cit.*, p. 5.

<sup>346</sup> *Id.*, pp. 11-12.

<sup>347</sup> *Id.*, p. 9.



Muçulmanos que valide a existência do *dar al-Islam* e, conseqüentemente, do *dar al-harb*.<sup>348</sup> A declaração do Califado pela organização Estado Islâmico, em 2014, não veio alterar esta situação, pois aquela apenas é reconhecida como uma entidade legítima pelos próprios membros da organização.

#### 3.4.1. Regras de conduta durante a guerra: o *jus in bello* no Islão

A expansão do Islão e as exigências colocadas pela realidade prática da guerra tornaram necessário a criação de mecanismos legais que regulassem a conduta dos Muçulmanos durante e após o conflito. O *jus in bello* é composto por um conjunto de regras, as quais estabelecem o que é permitido e proibido relativamente às vidas e propriedades dos inimigos, durante e depois de terminadas as hostilidades. Ao estabelecerem estas regras de conduta, os juristas clássicos deram grande importância à legitimidade dos alvos e à questão da imunidade concedida aos não combatentes, ou seja, mulheres, crianças, idosos, monges, doentes, cegos e pessoas incapacitadas. Estes não podiam ser alvo de ataques, e só em casos excepcionais, os quais deveriam ser estabelecidos pelos juristas, a perda das suas vidas se tornava aceitável.

Outra questão que os juristas procuraram regular foi a prática do *al-tatarrus*, ou seja, a atuação dos exércitos perante o recurso a escudos humanos por parte dos combatentes inimigos. Os juristas debruçaram-se sobre a permissibilidade de continuar as hostilidades ou de as interromper, em caso de existir uma elevada probabilidade de causar vítimas entre crentes e não combatentes.<sup>349</sup> Regra geral, aqueles concordam que em caso de necessidade militar e de risco de derrota, as hostilidades não deveriam ser interrompidas, desde que os ataques fossem direcionados aos combatentes e nunca aos escudos humanos. Contudo, a jurisprudência islâmica não fornece um posicionamento inequívoco sobre esta questão, devido ao conflito de opiniões entre juristas.<sup>350</sup>

Com base nos *ahadith*, a maioria dos juristas concordaram que os ataques noturnos são permitidos, embora alguns o tenham considerado um ato reprovável, devido à possibilidade de vitimar não combatentes.<sup>351</sup> Aqueles também referem que o Profeta terá proibido a mutilação de pessoas e animais, pelo que a maioria dos juristas concorda

---

<sup>348</sup> Schmucl Bar, *Warrant for Terror: Fatawā of Radical Islam and the Duty of Jihad*, Lanham, Rowman & Littlefields Publishers, 2006, p. 19.

<sup>349</sup> Al-Dawoody, *op. cit.*, p. 213.

<sup>350</sup> *Id.*, p. 215.

<sup>351</sup> *Id.*, p. 217.

que é proibido mutilar e torturar seres vivos. Alguns, porém, consideram a mutilação repreensível, mas permitida em caso de interesse público para os Muçulmanos. Após o final das hostilidades, os corpos dos inimigos deveriam ser entregues àqueles ou, se tal não fosse exigido, deveriam ser enterrados pelos Muçulmanos. Outro tema que originou regulamentos contraditórios foi a questão da destruição de propriedade inimiga durante o conflito.<sup>352</sup> A permissibilidade para estes atos dependia do contexto e da necessidade militar.

No que se refere ao destino a dar aos prisioneiros de guerra após o final do conflito, os juristas defenderam posições contraditórias: a sua libertação sem contrapartidas, em troca de prisioneiros muçulmanos ou mediante o pagamento de resgate; matá-los ou escravizá-los; permitir a sua libertação, mas obrigando-os a ficar no estado islâmico e pagar *jizya*.<sup>353</sup> Todos os juristas clássicos reconhecem o interesse superior da comunidade como fator determinante para a conduta a manter nestes casos, sendo o chefe de Estado o responsável por decidir entre as opções disponibilizadas pelos juristas. Quanto ao tratamento a dar a estes prisioneiros, Maomé terá ordenado que os prisioneiros da batalha de Badr fossem bem tratados, estabelecendo o modelo a seguir pelos seus sucessores.<sup>354</sup>

Assim, os juristas tentam encontrar um ponto de equilíbrio, por um lado, entre as restrições impostas pela lei islâmica relativamente à conduta a ter durante o desenrolar da guerra e o tratamento a dar a não muçulmanos e, por outro lado, considerações estratégicas como a necessidade de obter uma vitória militar. Deste modo, os autores chegam a conclusões diferentes e, com frequência, contraditórias.<sup>355</sup> As leis da guerra no Islão não constituem um corpo legal imutável e inalterável, mas resultam do trabalho de interpretação das fontes e do julgamento subjetivo dos juristas, os quais são condicionados pelo seu contexto político e militar.

Os juristas também se debruçaram sobre a questão da entrada de não muçulmanos residentes no *dar al-harb* em território do Islão. A tradição estabelece que aqueles o poderiam fazer no caso de existir um acordo ou salvo-conduto denominado de *aman*, o

---

<sup>352</sup> *Id.*, p. 231.

<sup>353</sup> *Id.*, pp. 252-253.

<sup>354</sup> Existem dois eventos importante para a evolução da teoria e da prática da *jihad* durante a fase medinense, os quais são ocasionalmente referidos em textos islamistas atuais: a batalha de Badr, em 624, durante a qual cerca de 1000 Mecaenses foram derrotados por cerca de 300 Muçulmanos, sendo o Profeta referido a incitar os guerreiros com a promessa que os mártires da batalha entrariam no paraíso; e o Tratado de Hudaibiyya, realizado em 628, o qual estabelece um armistício entre os Muçulmanos e a tribo dos Quraysh que deveria ter a duração de dez anos, mas que é interrompido em 630, quando os primeiros conquistam Meca durante o Ramadão. Badr tem grande significado e simbolismo para os Muçulmanos, como atesta o facto de várias operações militares contemporâneas terem sido designadas por este nome. Por exemplo, os Egípcios chamaram aos seus planos de guerra de 1973 “Operação Badr”. De igual modo, uma das mais importantes batalhas travadas no verão de 1995, durante o conflito bósnio, também foi denominada “Operação Badr” pelas forças bósnias.

<sup>355</sup> Al-Dawoody, *op. cit.*, p. 222.

qual lhes garantia proteção para entrar com propósitos pacíficos em território islâmico, por um período de tempo limitado.<sup>356</sup> Alguns *ulama* defendem que, na época contemporânea, os atuais vistos para entrar num país substituem este instrumento.<sup>357</sup>

Apesar das diferenças históricas entre o recurso à guerra no período clássico e na atualidade, estas questões continuam relevantes, na medida em que permitem aferir até que ponto os islamistas radicais romperam com a lei islâmica ao enveredar por vários tipos de atos terroristas. Na sua tentativa forçada de retirar ilações da história islâmica para as aplicar às condições do mundo atual que nada têm em comum com a época clássica, aqueles subvertem e mostram total desrespeito por todo um conjunto de normas relacionadas com o recurso ao conflito e a postura a manter.

Com efeito, os jihadistas contemporâneos perpetuam uma visão bipolar do mundo, embora a taxonomia clássica tenha sido reformulada em termos da *jahiliyya* vs Islão, de modo a transformá-la num mecanismo tático para legitimar o recurso à força contra as forças do mal e da corrupção. A definição dos membros das outras comunidades religiosas, dos países ocidentais, dos próprios líderes muçulmanos e de todos aqueles que se opõem aos seus posicionamentos como o *Outro* ou o *infidel* contribui para diminuir as restrições ao recurso à violência, o que aliado à necessidade de passarem a sua mensagem, conduz a uma escalada da violência. Estes episódios caracterizam-se não só pela sua letalidade, mas também pela brutalidade das suas ações, como demonstram o recurso a ataques suicidas, a morte de reféns e posterior mutilação e decapitação dos seus cadáveres.

Wiktorowicz refere a tensão subjacente ao processo subjetivo de interpretação dos textos e dos princípios religiosos e sua aplicação à realidade, salientando como Mawdudi, Qutb e outros ofereceram novos entendimentos dos textos num desafio claro às interpretações dominantes.<sup>358</sup> O autor explica que foram os herdeiros ideológicos destes autores que adaptaram tais interpretações a novas questões, olhando o mundo de outro modo e desenvolvendo novos entendimentos de conceitos e ideias centrais para o Islão, conduzindo “à erosão das restrições críticas utilizadas para limitar a guerra e a violência no Islão clássico” e, conseqüentemente, aumentando a permissibilidade dos atos de violência.<sup>359</sup> As ruturas e transgressões da lei islâmica representadas pelo Islamismo

---

<sup>356</sup> *Id.*, p. 376.

<sup>357</sup> Bar, *op. cit.*, p. 49.

<sup>358</sup> Wiktorowicz, “A Genealogy of Radical Islam”, p. 76.

<sup>359</sup> *Id.*, pp. 75-76.

radical contemporâneo ocorreram em circunstâncias geopolíticas e sociais específicas, as quais são importantes para analisar o fenômeno do terrorismo.

### 3.5. A evolução da *jihad* e os diferentes contextos históricos e geopolíticos a partir do século XVIII

A partir do século XVIII, a *jihad* assume-se, por um lado, como ideologia de resistência e como arma que visa mobilizar as massas a favor do Islão e, por outro lado, como um símbolo da reforma social e intelectual no período pós-colonial. A colonização de grande parte do mundo muçulmano pelas potências europeias e a imposição de leis e valores europeus aos povos locais precipitou um novo debate em torno do significado deste conceito. Peters refere que “durante os primeiros momentos de expansão colonial no mundo islâmico, a doutrina da *jihad* forneceu uma ideologia conveniente para os movimentos de resistência, os quais formulavam os seus objetivos em termos religiosos e rejeitavam, por isso, toda a dominação não muçulmana estrangeira.”<sup>360</sup>

Durante o século XVIII formaram-se um conjunto de movimentos sociais, políticos e religiosos em várias partes do mundo muçulmano, os quais iniciaram campanhas pela reforma e revivalismo islâmico e que utilizaram a ideia de *jihad* como meio de oposição aos poderes centrais e as potências externas.<sup>361</sup> Alguns destes movimentos continham elementos messiânicos e apocalípticos, como no caso de Dan Fodio, fundador do Califado de Sokoto, e de Muhammed Ahmed, no Sudão, os quais afirmavam ter visões com o Profeta.<sup>362</sup> Outros movimentos de resistência eram liderados por indivíduos que provinham ou se apoiavam em ordens sufis, como era o caso de Abd al-Qadir, Shamil e também Dan Fodio.<sup>363</sup>

O movimento de Ibn Wahhab na Península Arábica é relevante para a análise da evolução da *jihad*, a qual era dirigida aos Muçulmanos que se tinham afastado das fontes originais da religião. Um dos pontos centrais da sua teoria era a crença na *tawhid*, com a defesa de que o culto é devido apenas a Deus, rejeitando as práticas populares, como a intercessão de santos e profetas e a adoração de túmulos e santuários. Tal idolatria tornava

---

<sup>360</sup> Peters, *Islam and Colonialism*, p. 159.

<sup>361</sup> Destacam-se os movimentos de al-Wahhab na Arábia Saudita; Usaman Dan Fodio, na África Ocidental, contra as inovações da crença e a corrupção e pela proeminência da *Sharia*; Sayyid Ahmad Barelvi, na Índia; Ghazi Muhammed e Shamil, no Cáucaso, contra o avanço da Rússia; Abd al-Qadir, na Argélia, oferecendo resistência aos Franceses; Muhammed Ahmed bin ‘Abd Allāh, autodesignado *Madhi*, no Sudão, pela reunião do mundo muçulmano; e Muhammed Abdulle Hassan, na Somália, contra a presença britânica. Note-se que todos estes movimentos se desenvolveram na periferia dos centros intelectuais e populares do Islão do século XIX. Ver Cook, *Understanding Jihad*, pp. 74-90.

<sup>362</sup> Bonner, *op. cit.*, p. 177, 186.

<sup>363</sup> Bonner, *op. cit.*, p. 158.

os indivíduos apóstatas e esta doutrina seria utilizada para justificar a destruição de vários locais sagrados, como santuários, túmulos e objetos.<sup>364</sup>

No contexto temporal e geográfico em que teve lugar, a pregação de al-Wahhab foi não só um chamamento ao arrependimento e ao regresso ao Islão original, mas também um desafio às forças dominantes da altura: as forças tribais da Arábia que viviam na ignorância da religião e o Império Otomano, o qual não defendia a ortodoxia conforme concebida pelos *al-salaf al-sālih*.<sup>365</sup> Al-Wahhab não via o Sultão como o verdadeiro líder da *ummah*.<sup>366</sup> O seu fervor religioso e o desejo de purificar o Islão das inovações censuráveis leva-o a apelar todos os outros crentes de politeístas, nomeadamente Xiitas e Sufis. Deste modo, os ensinamentos wahhabitas foram desde sempre sentidos como um perigo para os Muçulmanos não sunitas, os quais não raras vezes viam as suas tradições denunciadas como formas de inovação e até blasfémia.<sup>367</sup> Aqueles que não partilhassem as conceções sobre a *tawhid* dos Wahhabitas tornavam-se alvo da *jihad* e para justificar o conflito contra outros Muçulmanos houve um recurso abusivo à prática *takfir*.<sup>368</sup>

A utilização que estes movimentos fizeram do conceito *jihad* permite-nos identificar algumas influências destes nos islamistas. Bonney defende que foi durante este período que se propagou o *hadith* – que muitos autores defendem ser falso – das setenta e duas virgens de olhos negros que aguardavam os mártires no Paraíso como recompensa pelos seus atos.<sup>369</sup> Atualmente, este é um componente importante da narrativa de vários grupos islamistas radicais que apela a operações de martírio.

Outro legado destes movimentos ao Islamismo foi a recuperação e aplicação prática da ideia de *hijra*, a qual tinha perdido relevância após o desaparecimento de Maomé, mas que viria a ser recuperada após as Cruzadas, as invasões mongóis e a reconquista cristã da Península Ibérica. Com frequência, o apelo à *jihad* era acompanhado por apelos à emigração do *dar al-harb* para o *dar al-Islam*. O recurso a este mecanismo permitia responder à expansão europeia em terras muçulmanas: o exílio para um território

---

<sup>364</sup> Esposito, *Unholy War*, p. 47.

<sup>365</sup> Albert Hourani, *Arabic Thought in the Liberal Age 1798-1939*, Cambridge, Cambridge University Press, 1983, pp. 37-38.

<sup>366</sup> *Ibid.*

<sup>367</sup> Al-Rasheed, *Contesting the Saudi State*, p. 7.

<sup>368</sup> Bonney, *op. cit.*, p. 158; Cook, *Understanding Jihad*, pp. 74-75. Natana DeLong-Bas defende uma tese diferente: para esta autora, Ibn Wahhab considerava que a *jihad* não era uma atividade ofensiva, mas sim defensiva, cujo principal objetivo seria ganhar crentes para o Islão. De igual modo, Ibn Wahhab teria proibido qualquer glorificação do martírio, visto afirmar a preservação da vida humana como princípio condutor. Contudo, se aceitarmos esta tese constatamos a existência de uma contradição entre teoria e prática no que se refere à condução da *jihad* durante a vida de Ibn Wahhab. Embora DeLong-Bas defenda que a intenção da *jihad* era persuadir o inimigo a submeter-se ao Islão, Michael Cook realça que o recurso ao poder político e força militar de Muhammed Ibn Saud fez com que o Wahhabismo se tornasse uma doutrina de conquista e formação estatal. (Michael Cook, *Commanding Right and Forbidding Wrong in Islamic Thought*, New York, Cambridge University Press, 2000, pp. 174-175.) Consequentemente, esta aliança e as lutas pela expansão territorial da tribo de Saud inviabilizariam o propósito inicial da *jihad* de Ibn Wahhab. (Bonney, *op. cit.*, p. 159.)

<sup>369</sup> Bonney, *op. cit.*, p. 178.

islâmico representava uma solução equilibrada entre o conflito, que estes movimentos estavam destinados a perder visto o inimigo ser militarmente superior, e a humilhação da capitulação perante as potências externas. A *hijra* simbolizava a recusa, a não cooperação com o Outro; em simultâneo, assumia a existência de uma autoridade islâmica para onde os verdadeiros Muçulmanos se poderiam deslocar, evitando o contacto com as forças europeias.<sup>370</sup> Esta será uma estratégia adoptada por alguns grupos no século XX, nomeadamente no Egipto, para responder a períodos de severa repressão, constituindo um mecanismo importante para a reorganização e fortalecimento a nível ideológico e organizacional. Em períodos mais recentes, várias organizações jihadistas fazem apelos à *hijra* como uma necessidade estratégica para atingir o objetivo de estabelecer e consolidar ganhos territoriais.

Os movimentos de reforma islâmica e resistência ao colonialismo revelaram-se fracassos, pois lutavam contra opositores mais fortes.<sup>371</sup> Porém, o recurso à ideia de *jihad* por parte destes movimentos contribuiu para a crescente politização das massas, a partir do final do século XVIII. A utilização da *jihad* para legitimar a luta contra a ingerência externa (real ou simbólica), os déspotas internos declarados apóstatas e para a islamização da população encontra as suas raízes neste período histórico.

### 3.5.1. A *jihad* e o Modernismo Islâmico

Circunstâncias históricas como a incapacidade para continuar a resistência armada ao projeto colonialista europeu, o desaparecimento do Império Otomano, a supressão da *Sharia* enquanto única fonte de lei e a ausência de uma autoridade islâmica única, tornaram necessário a reformulação da teoria da *jihad*. A génese das teorias contemporâneas de *jihad* encontra-se no pensamento de autores modernistas como Sayyid Ahmed Khan, Muhammed Abduh e Rashid Rida.

Khan defendeu que a legalidade da *jihad* residia na luta contra aqueles que constituíssem um impedimento ao exercício da fé e no combate à opressão que prejudicasse as obrigações rituais do Islão.<sup>372</sup> Como os Muçulmanos na Índia não eram impedidos de praticar a sua fé, o recurso à *jihad* era ilegal. Contudo, este autor defendia

---

<sup>370</sup> *Id.*, p. 181.

<sup>371</sup> Com a excepção da Somália, cuja oposição aos Britânicos durou até 1920, no final do século XIX, a resistência à hegemonia ocidental naquela parte do mundo tinha-se esvanecido. Cook, *Understanding Jihad*, pp. 74-75.

<sup>372</sup> Note-se que Sayyid Ahmed Khan não foi o único Modernista indiano a utilizar estes argumentos. Estes também foram desenvolvidos por Chiragh Ali em *A Critical Exposition of the Popular Jihad*, Calcutta, Thacker, Spink and Co., 1885.

que os Muçulmanos deveriam esforçar-se para criar uma modernidade islâmica, sendo que este esforço poderia ser considerado uma forma de *jihad*.<sup>373</sup> Com efeito, a partir deste altura começou a dar-se maior ênfase a definições abrangentes de *jihad*, nomeadamente com a inclusão do seu sentido espiritual, moral, educacional, social, contra a corrupção e a decadência.<sup>374</sup>

No Egipto, Abduh e Rida promoveram a ideia da *jihad* com carácter puramente defensivo, e como tal deveria ser conduzida apenas como reação a uma agressão externa contra o Islão ou a sua comunidade.<sup>375</sup> Esta agressão poderia consistir num ataque contra território islâmico, ou suspeitas que tal poderia estar eminente, ou na opressão de Muçulmanos que vivessem fora das fronteiras do estado islâmico.<sup>376</sup> Esta interpretação acaba por tornar o conceito num instrumento contra o colonialismo, pois a ocupação de vastos territórios islâmicos por potências externas poderia ser considerado como uma agressão a esses territórios e ao próprio Islão.<sup>377</sup> Rida também contribuiu para diluir as fronteiras entre defesa e agressão ao declarar que a defesa da religião é a proclamação da verdade do Islão, e os Muçulmanos deveriam combater todos os que impedissem essa proclamação.<sup>378</sup>

Foram as inovações dos autores modernistas que abriram as portas às interpretações contemporâneas de *jihad*. Desconsiderando as interpretações clássicas do conceito, estes reformularam a *jihad* como um mecanismo de defesa contra um leque alargado de agressões ao Islão. Apenas em caso de ser necessário defender o Islão e a comunidade seria permissível recorrer a esta instituição, sendo que o desafio passa a ser reconhecer quando é que se está perante uma agressão. Estes autores – e, em especial, Rida – flexibilizaram a noção de defesa da comunidade ao ponto de serem os responsáveis pela abertura do caminho que conduziu à formulação de ações ofensivas enquadradas em contextos defensivos.

---

<sup>373</sup> Bonner, *op. cit.*, p. 159-160.

<sup>374</sup> Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, p. 111, 116-117.

<sup>375</sup> Para sustentarem as suas posições, Abduh e Rida destacaram os versículos do Alcorão ligados à paz e, quando confrontados com os versículos conotados com a *jihad* enquanto atividade ofensiva avançaram com uma interpretação original. Estes começaram por rejeitar a interpretação clássica do Alcorão no que se refere à evolução das relações com os descrentes da não confrontação até à guerra incondicional. Para estes autores, os versos decisivos para a regulação das relações com os descrentes são aqueles que defendem a luta e a resistência contra os que perseguem e oprimem os crentes. (Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, p. 126.) Na opinião destes, os versículos 9:5 e 9:36, com frequência interpretados como uma ordem para a luta ilimitada até ao domínio total do Islão, não têm aplicabilidade universal, pois existem *ahadith* que ordenam aos Muçulmanos que evitem a luta contra determinados grupos. (Cook, *Understanding Jihad*, p. 97.) Da mesma maneira, o versículo 9:29 é interpretado não como uma ordem para lutar contra Judeus e Cristão até à subjugação daqueles, mas apenas contra aqueles entre os Povos do Livro que violaram os seus compromissos e impediram a propagação da missão islâmica. (Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, p. 127.) Ao rejeitarem interpretações agressivas do Alcorão, a preocupação destes autores parecia ser, sobretudo, as implicações éticas gerais das regras da *jihad*.

<sup>376</sup> Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, p. 125.

<sup>377</sup> *Id.*, p. 6.

<sup>378</sup> Cook, *Understanding Jihad*, p. 96.

Assim, no paradigma desenvolvido por estes pensadores encontra-se quer a fonte dos discursos dominantes sobre a *jihad*, os quais colocam a ênfase na *jihad* maior e na sua função de proteção da religião;<sup>379</sup> quer a génese das interpretações islamistas. Estes, apesar de criticarem os Modernistas por rejeitarem a *jihad* ofensiva e sublinharem apenas a natureza defensiva daquele mecanismo, acabarão por, gradualmente, justificar as suas ideias e as suas ações como constituindo uma defesa do Islão e da comunidade islâmica. Uma das razões para esta postura encontra-se no receio que os islamistas têm de transgredir a lei islâmica, a qual apenas permite o recurso à *jihad* ofensiva em casos específicos e com justificações sólidas.

O pensamento modernista relativo à *jihad* também contribuiu para o desenvolvimento da doutrina de direito internacional islâmico ou “lei islâmica das nações”, a qual é parte da jurisprudência islâmica, mas desenvolveu-se num corpo completamente funcional.<sup>380</sup> A caracterização das relações entre territórios islâmicos e não islâmicos como conflituosas por parte da literatura clássica, fica-se a dever, segundo os Modernistas, ao facto do Estado islâmico inicial estar rodeado de inimigos.<sup>381</sup> Terá sido como consequência desta hostilidade que os autores clássicos, com exceção de Ibn Taymiyya, não se dedicaram a desenvolver justificações para o envolvimento em conflitos – a luta pela imposição de uma ordem social justa justificava-se a si própria –, embora dessem ampla atenção às regras que regulavam a conduta a ter durante aqueles.<sup>382</sup>

A partir do século XIX, os autores reformistas começaram a desenvolver um conjunto de regras, as quais ditavam quando é que a guerra contra não muçulmanos era permitida e qual o objetivo legal da *jihad*, ou seja, começaram a elaborar as normas que compõem o *jus ad bellum* no Islão. O Modernismo colocou as relações entre Estados islâmicos e não islâmicos numa base pacífica, apenas interrompida por eventos anormais, como invasões de território e outros atentados à soberania.<sup>383</sup> A teoria da *jihad* desenvolvida por estes autores defende que o recurso à guerra deve ser sempre na causa de Deus, e nunca motivada por desejos de expansão territorial, vingança, questões materiais ou conversões forçadas.<sup>384</sup> Curiosamente, sustenta Al-Dawoody, os académicos

---

<sup>379</sup> Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, p. 59.

<sup>380</sup> Shaheen Sardar Ali e Javaid Rehman, “The concept of Jihad in Islamic International Law”, *Journal of Conflict & Security Law*, vol. 10, n.º 3, 2005, p. 323. Majid Khadduri, tradutor da obra de Muhammed al-Shaybānī, considerado o autor clássico mais autoritário no que se refere à *siyar*, definiu este ramo jurídico como “um capítulo do *corpus juris* islâmico, vinculando todos os crentes no Islão, bem como todos aqueles que procuravam proteger os seus interesses de acordo com a jurisprudência islâmica.” Majid Khadduri, *The Islamic Law of Nations: Shaybani's Siyar*, Baltimore, John Hopkins University Press, 1966, p. 6.

<sup>381</sup> Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, p. 112.

<sup>382</sup> *Id.*, p. 119; Al-Dawoody, *op. cit.*, pp. 9-10, 194.

<sup>383</sup> Bonner, *op. cit.*, p. 61.

<sup>384</sup> Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, p. 120.



muçulmanos da atualidade parecem focar a sua atenção na discussão do *jus ad bellum* como “forma de resposta aos receios ocidentais sobre a *jihad*”, dando pouca atenção ao *jus in bello* islâmico.<sup>385</sup>

### 3.6. As modernas teorias de *jihad*

Ao longo do século XX, a questão da *jihad* continuou a merecer a atenção de teólogos e juristas. As convulsões que afetaram o mundo muçulmano e a necessidade de justificar a ação ou mobilizar apoios para estes constituíram incentivos à redação de tratados e *fatāwā* a enaltecer as virtudes da *jihad* e a sublinhar as recompensas decorrentes da sua prática. A maioria destes documentos têm um evidente conteúdo político, constituindo importantes instrumentos para as estratégias e os objetivos de alguns Estados e organizações.

O conflito israelo-palestiniano tem grande significado para a *ummah* e é dos que desperta mais emoções em discussões por todo o mundo. É, também, o mais antigo dos conflitos contemporâneos que afetam o mundo árabe, o qual se uniu na sua oposição a Israel. A formação de um Estado judaico, em 1948, é um momento catalisador para o pensamento político e social árabe. Apesar da questão palestiniana ter origem na declaração Balfour, em 1917, o nascimento de Israel foi visto como uma continuação do colonialismo britânico e das suas práticas imperialistas. Este acontecimento e as várias guerras israelo-árabes subsequentes tiveram um impacto importante na doutrina da *jihad*, a qual é apresentada como um dever individual para todos os Muçulmanos face àquilo que é percecionado como uma invasão de território islâmico pelo inimigo.<sup>386</sup> Peters sublinha que na *fatwā* de 1948, redigida pelo grande *mufti* do Egipto, se declara que “a *jihad* em pessoa, ou através de contribuições financeiras a fim de resgatar a Palestina é legalmente obrigatória para todos os seus habitantes que se apresentem capazes, e para os habitantes dos Estados islâmicos, uma vez que os Zionistas judeus tentam, através da força das armas, estabelecer um Estado judaico num dos países islâmicos e árabes mais ilustres.”<sup>387</sup>

Neste contexto, o conceito de *jihad* foi utilizado como um instrumento na luta nacional contra outro Estado. Os Palestínianos consideram a sua luta pela libertação do

---

<sup>385</sup> Al-Dawoody, *op. cit.*, p. 194.

<sup>386</sup> Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, p. 104.

<sup>387</sup> *Id.*, p. 105.

território da Palestina e pela autodeterminação como uma ação armada com natureza defensiva.<sup>388</sup> Apesar da *jihad* proibir o ataque contra civis, aqueles são justificados pelo facto dos civis em Israel serem reservistas do exército, o que significa que, na prática, são pessoal militar, logo alvos legítimos.<sup>389</sup>

Alguns documentos sobre a *jihad* na Palestina refletem as políticas da maioria dos Estados regionais em momentos históricos específicos. Por exemplo, o congresso de 1977 da Academia de Investigação Islâmica emitiu um comunicado onde se verificava uma alteração significativa do seu tradicional posicionamento relativamente ao conflito com Israel: o objetivo da *jihad* não mais seria a destruição do Estado israelita e o estabelecimento de um Estado palestino na totalidade do território da Palestina, mas apenas a libertação dos territórios ocupados após 1967, o estabelecimento de um Estado palestino nesses territórios e a recuperação de Jerusalém.<sup>390</sup>

Paralelamente à sua utilização enquanto instrumento de legitimação e motivação na luta contra forças externas, a ideia de *jihad* começou a ser utilizada com outros objetivos: instruir os Muçulmanos relativamente à necessidade de difundir e renovar o Islão através do regresso aos seus fundamentos, estabelecer governos islâmicos que aplicassem a totalidade da *Sharia* e lutar contra a opressão dos tiranos internos.<sup>391</sup>

Com efeito, as modernas teorias da *jihad* dividem-se em duas tendências: a corrente tradicional dominante, cujas conceções de *jihad* incluem o direito à autodefesa e a *jihad al-nafs*; e a corrente islamista, a qual estando dividida no que se refere a prioridades estratégicas e objetivos, tem um posicionamento ambíguo no que se refere à *jihad* interna e pacífica e dá grande destaque à *jihad* menor. As opiniões divergentes assumidas por estas correntes resultam das diferentes leituras das fontes primárias do Islão e de visões doutrinárias distintas,<sup>392</sup> mas sobretudo do modo como estes interpretam a realidade política e social, de imperativos e considerações organizacionais e das estratégias que defendem para implementar as suas visões e provocarem mudanças.

### 3.6.1. A *jihad* no pensamento islamista: Al-Banna, Mawdudi e Qutb

---

<sup>388</sup> Bonney, *op. cit.*, p. 282. Um exemplo da instrumentalização política deste conceito aconteceu durante a guerra de 1973, quando o reitor da universidade de Al-Azhar, declarou que a “*jihad* é uma obrigação para todos, sem distinguir entre Muçulmanos e Cristãos. É o dever primário de todos os que vivem sob o céu do Egipto, a pátria de todos...” Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, p. 132.

<sup>389</sup> Bonney, *op. cit.*, p. 282.

<sup>390</sup> Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, pp. 105-106.

<sup>391</sup> *Id.*, p. 107.

<sup>392</sup> Autores islamistas e não islamistas fazem diferentes análises de determinados versículos do Alcorão e da Tradição no que se refere à questão da *jihad*. Ver, por exemplo, Nick Chatrath, “Fighting the Unbeliever: Anjem Choudary, Musharraf Hussain and Pre-Modern Sources on *Sūra* 9.29, Abrogation and Jihad”, *Islam and Christian-Muslim Relations*, vol 21, n.º 2, Abril 2010, p. 115-116.

A *jihad* constitui um conceito central nas teorias construídas pelos islamistas clássicos. A avaliação das suas ideias sobre esta questão permite esclarecer: 1) se a teoria islamista representa uma continuidade ou uma rutura com os aspetos clássicos da *jihad*; 2) se as teses islamistas recentes que transformaram a *jihad* numa arma de extrema violência encontram fundamento no pensamento destes autores, os quais são considerados responsáveis por inspirarem o Islamismo contemporâneo.

Al-Banna, Mawdudi e Qutb aceitavam o duplo carácter da *jihad*: defensivo, na medida em que visava colocar um final na tirania do homem sobre o homem através do reconhecimento da soberania divina e da aceitação da *Sharia* como única lei; e ofensivo, devido ao seu cunho revolucionário universal que propunha a resistência e a luta contra todos os outros sistemas de governo contrários aos valores do Islão.<sup>393</sup>

Al-Qaradawi cita Hassan al-Banna, o qual terá afirmado, num dos seus discursos, que “o nosso esforço e a nossa *jihad* estão focados em dois eixos principais: a ideia islâmica e a terra islâmica.”<sup>394</sup> Al-Banna via na *jihad* um método para repelir os invasores britânicos do Egipto (e travar a imigração judaica para a Palestina) e formar um sistema político e social islâmico. Na década de 1930, aquele publicou um tratado onde defende que esta é uma obrigação que não deve ser descurada pelos Muçulmanos, embora a *ummah* se tenha desviado das ordenações relativas à sua prática.<sup>395</sup> Este autor associa a obrigação da *jihad* às práticas da oração e do jejum, sublinhando a sua obrigatoriedade para todos os Muçulmanos de um território específico em caso de ataque inimigo ou, em caso destes serem incapazes de responder ao ataque, para aqueles que se encontrem na vizinhança deste território. Al-Banna conclui que a opressão e subjugação do mundo muçulmano perante os descrentes tornam a *jihad* numa obrigação individual, e que todos os Muçulmanos se devem preparar física e mentalmente para tal tarefa. A *jihad* deve ser conduzida com o objetivo de difundir o Islão, instituir a paz e implementar a lei islâmica e, durante o combate, os Muçulmanos deverão ter uma conduta justa e evitar agredir determinados grupos.

Após a morte do seu fundador, a Irmandade Muçulmana viria a passar por várias transformações, o que teve impacto na sua interpretação do conceito. Atualmente, o

---

<sup>393</sup> Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, pp. 130-131; Cook, *Understanding Jihad*, 100.

<sup>394</sup> al-Qaradawi, *Priorities of the Islamic Movement in the Coming Phase*.

<sup>395</sup> Hassan al-Banna, “On Jihad”, in Jim Lacey (ed.), *The Canons of Jihad: Terrorists’ Strategy for Defeating America*, Annapolis, Maryland, Naval Institute Press, 2008, pp. 4-10. A versão integral – com os versos corânicos e os *ahadith* utilizados pelo autor para passar a sua mensagem – encontra-se em [http://web.youngmuslims.ca/online\\_library/books/jihad/](http://web.youngmuslims.ca/online_library/books/jihad/) (data de último acesso: 5 de novembro de 2013).

posicionamento do movimento sobre o tema está de acordo com a opinião da maioria dos Muçulmanos e dos académicos religiosos das instituições oficiais: a *jihad* é aceitável em caso de ser necessário defender a comunidade e os territórios do Islão contra a agressão.

Sayyid Abul A'la Mawdudi concebeu a *jihad* como uma luta revolucionária permanente que visava libertar a humanidade da opressão decorrente quer das divisões nacionais, étnicas e de classes; quer dos governantes e sistemas ilegítimos que constituíam obstáculos à unificação e igualdade entre os seres humanos e à implementação de um regime islâmico. Este defendia que a soberania pertencia unicamente a Deus e o reconhecimento da autoridade de outro ser humano era a raiz da tirania, do conflito e da exploração.<sup>396</sup> O objetivo da *jihad* era o estabelecimento de uma ordem social justa e equitativa entre os seres humanos.<sup>397</sup> Através do seu exercício, o homem poderia cumprir o dever religioso de “ordenar o bem e proibir o reprovável.” Os meios para provocar esta revolução universal poderiam incluir discursos, textos, a alteração do sistema social pelo poder da espada, a utilização de bens e a luta física.<sup>398</sup> Na perspectiva de Mawdudi, a *jihad* no Islão era, em simultâneo, ofensiva e defensiva, na medida em que tentava abolir as ideologias opostas e capturar o poder estatal a fim de implementar os princípios do Islão.<sup>399</sup>

A *jihad* tornou-se o foco central do pensamento de Sayyid Qutb durante a sua encarceração, após 1954.<sup>400</sup> Qutb defendeu que a *jihad* era uma obrigação individual permanente para lutar contra os infiéis, entre os quais aqueles que se diziam Muçulmanos, mas que obedeciam às leis feitas pelos homens. O autor rejeita a ideia da *jihad* como sendo uma mera obrigação temporária dependente das circunstâncias.<sup>401</sup> A *jihad* deveria ser proclamada para estabelecer a autoridade divina na terra, organizar as questões humanas de acordo com as diretivas de Deus, abolir as forças e os sistemas de vida satânicos e colocar o fim da soberania do homem sobre o homem.<sup>402</sup>

Qutb explica que entende o conceito de *jihad* na totalidade dos seus significados no quarto capítulo de *Milestones*, o qual é inteiramente dedicado à “*Jihad* pela causa de Alá”.<sup>403</sup> Tal como Mawdudi, Qutb ressalva que “o Islão não força ninguém a aceitar as suas crenças, mas tenciona fornecer um ambiente livre onde as pessoas possam escolher

---

<sup>396</sup> Sayyid Abul A'la Mawdudi, *Jihad in Islam*, Beirute, The Holy Koran Publishing House, 2006, p. 12. Discurso proferido por Mawdudi em Lahore, a 13 de Abril de 1939.

<sup>397</sup> *Id.*, pp. 8-9.

<sup>398</sup> *Id.*, p. 7.

<sup>399</sup> Mawdudi, *Jihad in Islam*, p. 26.

<sup>400</sup> Musallam, *op. cit.*, p. 127.

<sup>401</sup> Qutb, *op. cit.*, p. 46.

<sup>402</sup> *Id.*, p. 50.

<sup>403</sup> Este capítulo surgiu, originalmente, no comentário *Na Sombra do Alcorão*.

entre acreditar ou não acreditar... [e] abolir aqueles sistemas políticos opressivos nos quais as pessoas são proibidas de expressar a sua liberdade de escolha de uma crença.”<sup>404</sup> Para Qutb, o Islão era uma ideologia revolucionária, “o modo de vida ordenado por Deus a toda a humanidade.”<sup>405</sup> Sendo o objetivo do Islão a liberdade do homem, este deve recorrer à *jihad bil saif* (*jihad* pela espada), pois as condições da sociedade do seu tempo não permitem essa libertação apenas por meio de palavras.<sup>406</sup> Afinal, a história da humanidade caracteriza-se pela existência de uma luta perpétua entre opressores e oprimidos. Segundo Qutb, o facto do *dar al-Islam* estar em paz ou sob ameaça de guerra é indiferente para os propósitos da *jihad*: a paz no Islão significa, não a ausência de conflito armado, mas a obediência de todos ao Deus único e a purificação das leis da sociedade.<sup>407</sup>

Qutb aceita a existência da *jihad* maior, defendendo que o Muçulmano antes de enveredar numa batalha é obrigado a lutar no seu íntimo contra os desejos, ambições, inclinações e interesses pessoais, assim como contra tudo aquilo que não pertence ao Islão e é um obstáculo no caminho do culto de Deus.<sup>408</sup>

De acordo com Qutb, onde quer que exista uma comunidade islâmica, esta tem o direito de estabelecer a sua autoridade política para conduzir a um sistema divino. A atitude correta perante as ofensivas de uma sociedade corrupta e malévola é o ataque “às suas crenças religiosas vacilantes, às suas modalidades económicas e sociais e à sua imoralidade.”<sup>409</sup>

Com a sua oposição aos regimes locais, Qutb deu origem a uma plataforma ideológica que viria a permitir inúmeras interpretações do conceito de *jihad* e a fornecer argumentos para a oposição e a luta contra outros Muçulmanos. Concluímos, também, que ao conceber a *jihad* como obrigação permanente e sem limites espaciais, Qutb contribuiria, também, para a teorização da *jihad* global. Foi após o seu desaparecimento que a noção de *jihad* começou a ser utilizada por várias organizações não apenas como uma referência para a ação, mas também como emblema, conforme constituem prova as organizações *al-Jihad*, no Egipto, e a *Jihad* Islâmica, na Palestina.

---

<sup>404</sup> Qutb, *op. cit.*, p. 39.

<sup>405</sup> *Ibid.*

<sup>406</sup> *Id.*, p. 41.

<sup>407</sup> *Id.*, p. 44.

<sup>408</sup> *Id.*, p. 51.

<sup>409</sup> *Id.*, pp. 111-112.

### 3.6.2. A operacionalização da *jihad* sob influência de Faraj e a consolidação do conceito no discurso islamista

Com a radicalização de alguns movimentos islamistas, em meados da década de 1960, a questão da *jihad* saltou para o primeiro plano da política regional, devido às construções militantes deste conceito. O manifesto de Muhammed ‘Abd al-Salam Faraj, ideólogo do grupo *al-Jihad*, constitui um fio condutor entre a teoria de Qutb e as ideias de personalidades como Omar ‘Abd al-Rahman, Abdallah Azzam, Dr. Sayyid Imam ‘Abd al-‘Aziz al-Sharīf e Ayman al-Zawahiri. Faraj foi o responsável por ter dado operacionalidade ao termo *jihad*, de acordo com o significado concebido por Qutb.

Redigido em 1981, *O Dever Negligenciado* tem como tema central o imperativo da *jihad* e é o resultado de debates internos que tiveram origem no seio do movimento islamista.<sup>410</sup> Esta obra é o principal agente ideológico na base do pensamento dos assassinos do Presidente Sadat e é considerada o manual operacional do movimento jihadista na década de 1980 e primeira metade da década de 1990.<sup>411</sup> Para construir a sua teoria sobre a *jihad*, o autor recorre a versículos do Alcorão, aos comentários a este e a *ahadith* que apoiam a sua visão militarista, os quais são interpretados como uma exortação aos Muçulmanos para que lutem continuamente contra os inimigos do Islão.<sup>412</sup>

Para Faraj, a centralidade da *jihad* para a fé islâmica era indiscutível, sendo ultrapassada em termos de importância apenas pela crença.<sup>413</sup> O autor defendeu que a essência da *jihad* era a luta armada, uma injunção que se assume como válida para todos os tempos e lugares. Embora a *jihad* fosse obrigatória para todos os Muçulmanos na luta contra a descrença, este dever tinha sido negligenciado, e este abandono por parte dos crentes era responsável pelo estado de humilhação, divisão e fragmentação do mundo muçulmano.<sup>414</sup>

Faraj procurou aplicar as ideias de Qutb à realidade prática do seu tempo. Assim, Faraj via a *jihad* como o meio através do qual o Estado islâmico seria estabelecido, sendo

---

<sup>410</sup> Jansen, *op. cit.*, p. 23. Alguns autores ingleses traduziram *al-Farida al-gha'ibah* para *The Neglected Duty*, enquanto outros optaram por *The Absent Duty*. Do mesmo modo, nos textos portugueses esta obra tanto é designada por *O Dever Negligenciado*, como por *O Dever Ausente*.

<sup>411</sup> Gerges, *The Far Enemy*, p. 44.

<sup>412</sup> Afsaruddin, *op. cit.*, p. 215; Bonney, *op. cit.*, p. 209; Jensen, *op. cit.*, pp. 195-196.

<sup>413</sup> Faraj considerava que a *jihad* era o sexto pilar do Islão. O Islão tem cinco pilares: a *shahada*, ou credo, é o testemunho da existência de Um Único Deus e o reconhecimento que Maomé é o Seu último mensageiro; a *salat* refere-se à oração, a qual deve ter lugar cinco vezes por dia, em períodos definidos; o *saum* é o jejum no mês do Ramadão; o *zakat*, o qual está conotado com o caminho da pureza, consiste na contribuição anual de 2,5% do rendimento anual sob forma de esmola; por último, o *hajj*, ou seja, a peregrinação a Meca, a qual deve ser realizada pelo menos uma vez na vida por todos os Muçulmanos que tenham condições financeiras e físicas para o efeito.

<sup>414</sup> Faraj citado em Jansen, *op. cit.*, p. 205.

este a primeira etapa para a fundação do Califado.<sup>415</sup> Este posicionamento opõe-se ao pensamento tradicional sunita, o qual defende que a declaração da *jihad* deveria caber à autoridade de tal Estado e ter motivos legítimos.<sup>416</sup> Porém, para Faraj, a natureza do ataque ao Islão torna a liderança política desnecessária, acrescentando que “os Muçulmanos podem sempre produzir líderes de entre si.”<sup>417</sup>

Faraj concebia a *jihad* como um dever individual para purificar o mundo muçulmano dos seus governantes apóstatas, os quais eram inimigos do Islão, visto desrespeitarem a *Sharia* e fazerem alianças com os descrentes.<sup>418</sup> Ao definir os governantes muçulmanos como apóstatas, Faraj tenta ultrapassar a questão legal da permissibilidade em recorrer à violência contra outros Muçulmanos, visto a violência ser legítima no caso de luta contra a apostasia. Como destaca o autor, o castigo reservado àqueles seria pior do que o destinado aos infiéis, pois a apostasia era punível com a morte.<sup>419</sup>

Faraj argumentava que a condição dos Muçulmanos assumia tal gravidade, que a luta contra estes governantes tinha prioridade absoluta relativamente à luta contra as ameaças externas: a implementação de um sistema islâmico e de uma base territorial segura deveria ser o primeiro passo para a recuperação de Jerusalém e a eliminação da presença colonial em terras muçulmanas.<sup>420</sup> Apesar de serem consequência das ideias previamente desenvolvidas por Qutb, na obra de Faraj encontramos dois termos que serão importantes para o futuro do pensamento e da estratégia islamista: a noção de inimigo interno (ou próximo) e de inimigo externo (ou longínquo).

Sendo a *jihad* um dever individual semelhante à oração e ao jejum, a consequência lógica deste raciocínio era clara: nenhum Muçulmano precisava de autorização dos pais ou de qualquer outro guardião para desempenhar esta obrigação.<sup>421</sup>

Faraj defende que a *jihad* para tornar a palavra de Deus suprema tanto pode ser conduzida através de estratégias defensivas como através do ataque.<sup>422</sup> O autor rejeita que a *da'wa* e a aquisição de conhecimento constituam uma forma de *jihad*: a *jihad* deve ser entendida num sentido militante, pois o regresso à glória do Islão e a eliminação dos ídolos deste mundo apenas acontecerá através do poder da espada.<sup>423</sup>

---

<sup>415</sup> Bonney, *op. cit.*, p. 290; Afsaruddin, *op. cit.*, p. 216; Cook, *Understanding Jihad*, p. 107.

<sup>416</sup> Gerges, *The Far Enemy*, p. 10.

<sup>417</sup> Faraj citado em Jansen, *op. cit.*, p. 203.

<sup>418</sup> Jensen, *op. cit.*, p. 167.

<sup>419</sup> *Id.*, p. 169.

<sup>420</sup> *Id.*, pp. 192-193.

<sup>421</sup> *Id.*, p. 200.

<sup>422</sup> *Id.*, p. 193.

<sup>423</sup> *Id.*, p. 161.

Ao contrário de Qutb, Faraj rejeita a noção de *jihad* maior, a qual considera uma distração da verdadeira *jihad* e uma tentativa de reduzir o verdadeiro valor da luta contra os infiéis e hipócritas.<sup>424</sup> Ao defender ataques contra forças reconhecidamente superiores, os quais implicariam poucas possibilidades de sobrevivência, este contribui para inspirar argumentos posteriores a favor de operações de martírio.

Por fim, deve ser realçado que Faraj ignora por completo as regras de conduta durante o conflito estabelecidas pela teoria clássica. Assim, este defende ser permitido atacar o inimigo sem aviso prévio; matar crianças, mulheres, idosos e monges; derrubar e queimar árvores, se aquele que desempenha os seus deveres da *jihad* o fizer com intenção pura.<sup>425</sup>

Apesar do final trágico de Faraj e da teoria que expôs ter sido objeto de refutação pelos teólogos de Al-Azhar e pelo grande *mufti* do Egipto, a tese da obrigatoriedade da luta violenta pela causa de Deus, definida como um imperativo religioso para a deposição de regimes apóstatas, continuou a desenvolver-se ao longo das décadas de 1980-90. As suas ideias ajudam a compreender a luta de organizações como a *Jamaat Islamiyya* e a *al-Jihad* e as ações do GIA durante o conflito na Argélia. Adicionalmente, aquelas constituem um ponto de referência para a posterior globalização da *jihad*. Apesar de não ter formulado ideias com a mesma magnitude de Qutb ou Mawdudi, Faraj contribuiu para uma alteração de paradigma na história intelectual do Islamismo e para o pensamento islamista contemporâneo.

Com efeito, foi a partir do final da década de 1970 que se verificou a consolidação do conceito de *jihad* na ideologia islamista. No pensamento islamista contemporâneo, a *jihad* assume diversas ruturas com a doutrina clássica. Para Roxanne Euben, “a reformulação do conceito não representa o renascimento da pura tradição islâmica, mas uma gama complexa de fontes e precedentes seletivamente reinterpretados, os quais respondem e inadvertidamente incorporam aspetos de argumentos contemporâneos.”<sup>426</sup> A *jihad* islamista acarreta “uma leitura inovadora de um passado islâmico, através do prisma de dilemas e discursos contemporâneos.”<sup>427</sup> Assim, as teorias de Mawdudi e Qutb relativas à *jihad* não ignoram o discurso da modernidade, mas são um reflexo e uma reação a essa modernidade. As narrativas islamistas atuais sobre o conceito representam uma negociação constante entre o passado e o presente, entre as práticas dos *salaf* e as

---

<sup>424</sup> *Id.*, p. 201.

<sup>425</sup> *Id.*, pp. 216-219.

<sup>426</sup> Roxanne L. Euben, “Jihad and Political Violence”, *Current History*, vol. 101, n.º 658, Novembro 2002, p. 374.

<sup>427</sup> *Ibid.*



condições atuais, resultando numa óbvia tensão no interior do projeto ideológico apresentado.

No seio do Islamismo, as várias concepções de *jihad* existentes também deixam transparecer ruturas e continuidades entre diferentes tendências, movimentos e autores. De um modo geral, os islamistas olham para a *jihad* não só como um meio de defesa do Islão, mas também como um veículo para propagar a religião e estabelecer o Estado islâmico e, neste sentido, podem incluir diversas atividades nesta rubrica. Aqueles aceitam a existência da *jihad* ofensiva e muitos ideólogos interpretam os versículos do Alcorão conotados com esta questão como tendo uma natureza agressiva. Porém, as tendências islamistas de cariz político e apolítico assumem que o recurso àquela não é adequado no mundo de hoje: no passado, não existindo outros meios para propagar a religião, este tipo de *jihad* era justificada pela necessidade de banir a ignorância e remover a tirania dos governantes; na atualidade, a *jihad* baseada num apelo à guerra contra os infiéis deixou de fazer sentido, pois se o objetivo é a propagação do Islão, o mundo moderno dispõe de meios mais eficazes para esse fim, como os meios de comunicação e informação que permitem que a mensagem islâmica chegue a toda a humanidade.

Os islamistas de tendência radical difundem a ideia de que o Islão e a sua comunidade estão sob ataque – de forças internas ou externas –, e como tal, é uma obrigação individual de todos os Muçulmanos lutar uma guerra permanente pela defesa da religião. Ao negarem o estatuto de dever coletivo determinado pela tradição e pelo consenso da comunidade, estes ideólogos romperam com a doutrina clássica da *jihad* e com as visões elaboradas pelos Modernistas do início do século XX, os quais estabeleciam que a *jihad* era orientada por princípios e regras específicas, e a sua natureza alterava-se consoante fosse aplicada em territórios controlados por muçulmanos ou por não crentes.

Os islamistas radicais foram ainda responsáveis por outra rutura com a doutrina e prática islâmica clássica, a qual está relacionada com a invocação da teoria da *jihad* contra outros Muçulmanos, especialmente aqueles que ocupavam posições de liderança. Ao redirecionar a doutrina da *jihad* para o interior da própria comunidade e ao privilegiar a luta contra os Muçulmanos que acusam de ter abandonado o Islão, estes autores utilizam este conceito como meio de apelar a uma ação radical contra aquilo que consideram uma autoridade ilegítima, por não encontrar fundamentos na lei islâmica, por constituírem uma traição à soberania divina e por permitirem interferências externas corruptoras. Contudo, as acusações de apostasia contra os governantes não são inéditas na história islâmica: as

leituras radicais do conceito de Qutb e Faraj encontram precedentes nas justificações dos Carijitas para a oposição ao Califa e nos argumentos de Ibn Taymiyya sobre o direito de revolta contra os transgressores da lei e dos preceitos islâmicos.<sup>428</sup>

Outra descontinuidade provocada pelos islamistas radicais, sobretudo após Faraj, é a desconsideração pelas regras clássicas de conduta durante a guerra, as quais proibem certas práticas e o uso indiscriminado da força contra determinados grupos. A remoção destas normas teve repercussões importantes no desenvolvimento futuro da ideologia e da prática islamista, tendo como consequência imediata a não distinção entre combatentes e não combatentes e o recurso a métodos anormais para atingir os seus objetivos.

Os islamistas transformaram a *jihad* num conceito legitimador de atividades com carácter revolucionário, cujo objetivo era causar alterações políticas e sociais no interior dos países muçulmanos. Todas as ruturas com a jurisprudência e a prática sunita no que se refere à interpretação e aplicação do conceito religioso e jurídico de *jihad* tiveram como consequência o surgimento de um padrão de guerra irregular, caracterizado pelo recurso abusivo a ataques suicidas e outras táticas de extrema violência. Ao insistirem no carácter religioso da obrigação de *jihad* enquanto revolta violenta, os islamistas radicais procuraram transformar esta obrigação num ato de devoção a Deus. Neste sentido, aqueles que combatem na senda de Deus asseguram inúmeras recompensas, assim como a abertura da porta do Paraíso.

### 3.7. Os fundamentos teóricos do Jihadismo clássico: o legado de Abdullah Azzam

Abdullah Azzam desenvolveu alguns dos fundamentos teóricos do movimento jihadista contemporâneo. Considerado o “pai dos Árabes afegãos”, este clérigo influenciou o rumo da ideologia islamista radical nas últimas duas décadas do século XX e, embora não fosse o autor original desta ideia, contribuiu para difundir entre as massas árabes, a ideia de *jihad* como obrigação individual eterna e meio para transformações políticas.<sup>429</sup> Da mesma maneira, Azzam teve o mérito de apresentar o conflito no Afeganistão como uma causa islâmica que dizia respeito a todos os Muçulmanos, em todo o mundo.<sup>430</sup>

---

<sup>428</sup> Euben, “Jihad and Political Violence”, pp. 369-370; Lahoud, *The Jihadis' Path to Self-Destruction*, pp. 59-60

<sup>429</sup> Thomas Hegghammer, “Abdullah Azzam, l'imam du jihad”, in Gilles Kepel (ed.), *Al Qaida dans le texte*, Paris, PUF, 2005, p.134.

<sup>430</sup> Abdullah Azzam, *Defence of the Muslim Lands*, 1984, capítulo 4, [http://www.religioscope.com/info/doc/jihad/azzam\\_defence\\_2\\_intro.htm](http://www.religioscope.com/info/doc/jihad/azzam_defence_2_intro.htm) (data de último acesso: 8 de janeiro de 2014).

Azzam foi considerado o líder e inspirador da participação árabe no conflito afegão, na década de 1980.<sup>431</sup> Foi sob a sua orientação que, após 1983, a participação militar de combatentes estrangeiros aumentou consideravelmente, já que até essa data aquele contingente era mínimo e estava orientado para a ajuda humanitária ou questões administrativas.<sup>432</sup> Recorrendo sobretudo a donativos de doadores privados do Médio Oriente e de membros das comunidades de Muçulmanos nos EUA e Europa,<sup>433</sup> e contando com o apoio de algumas caridades islâmicas, Azzam recrutou e organizou os voluntários não afegãos em torno de uma rede constituída por indivíduos oriundos de todo o mundo muçulmano e de diferentes tendências ideológicas, promoveu o conflito afegão a nível regional e mundial e foi prolífero na sua produção literária sobre o tema da *jihad*.<sup>434</sup> Entre os meios utilizados para atingir os seus propósitos, está a criação da revista *al-Jihad*, a partir de 1984, a qual era distribuída em vários países e é considerada “a vanguarda do jornalismo jihadista”.<sup>435</sup> A rede que fundou com Bin Laden, em Peshawar, o *Maktab al-Khadamat* (MAK) ou Gabinete de Serviços, em outubro de 1984, possuía delegações em vários países e tinha como objetivos a distribuição de propaganda, a recolha de fundos e o recrutamento de novos elementos, contribuindo para a internacionalização daquele conflito.<sup>436</sup>

Azzam mantinha ligações às instituições religiosas sauditas e as suas ideias internacionalistas romperam com a orientação nacionalista dominante entre os islamistas radicais até à década de 1980. Rejeitando a ideia de que os jihadistas constituíam uma vanguarda destinada a atacar o Estado a partir do seu interior, Azzam defendia a criação de uma fundação firme ou base territorial sólida (*al-qâ'ida al-sulba*), onde uma elite de Muçulmanos pudesse receber instrução e treino militar para a prossecução da *jihad*, onde quer que existissem ameaças aos Islão.<sup>437</sup> Estes posicionamentos fez com que mantivesse uma relação tensa com muitos dos militantes islamistas que se deslocaram para o

---

<sup>431</sup> Hegghammer, “Abdullah Azzam, l'imam du jihad”, p. 115.

<sup>432</sup> Jason Burke, *op. cit.*, p. 89; Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia*, pp. 38-40, 42.

<sup>433</sup> Apesar de não nutrir qualquer simpatia pelos EUA e de o demonstrar abertamente – devido ao seu apoio a Israel –, Abdullah Azzam deslocou-se àquele país inúmeras vezes, onde participou em conferências cujo objetivo era a divulgação da causa afegã a fim de recolher fundos para a mesma. De igual modo, Azzam abriu várias delegações do MAK naquele país, onde a sua revista *al-Jihad* também vendia milhares de cópias todos os meses. Hegghammer, “Abdullah Azzam, l'imam du jihad”, pp. 130-131.

<sup>434</sup> Hegghammer, “Abdullah Azzam, l'imam du jihad”, p. 133.

<sup>435</sup> Brachman, *Global Jihadism*, p. 113.

<sup>436</sup> Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia*, p. 43. Esta rede trouxe várias vantagens a Abdullah Azzam, nomeadamente a oportunidade de adotar uma abordagem mais sistemática à mobilização e ao envolvimento dos Árabes naquele conflito; a concentração numa única estrutura dos voluntários Árabes, incutindo-lhes a ideia de que constituíam uma elite, e tornando a deslocação para a região mais atrativa, devido à segurança e previsibilidade que uma organização como o MAK podia oferecer a indivíduos indecisos; independência a nível financeiro e de recrutamento relativamente a várias organizações que atuavam no contexto do conflito, como a Irmandade Muçulmana (a qual recusava recrutar indivíduos para participar no conflito); ultrapassar as divisões que existiam tanto entre os *mujahideen* no Afeganistão, como entre diferentes organizações do mundo islâmico, muitas das quais intervinham no conflito com objetivos diferentes dos seus.

<sup>437</sup> Hegghammer, “Abdullah Azzam, l'imam du jihad”, pp. 135-136.

Afeganistão para fugirem à perseguição das autoridades dos seus países, preparando o confronto com os seus regimes domésticos.<sup>438</sup> Outro motivo na base deste relacionamento complicado foi o facto de Azzam, sendo palestinião, defender que Afeganistão e Palestina faziam parte da mesma luta para os Muçulmanos cujas terras tinham sido usurpadas pelo inimigo, pelo que a luta contra Israel tinha primazia relativamente à *jihad* contra os regimes muçulmanos.<sup>439</sup>

Azzam foi o arquiteto de uma visão pan-islâmica que defendia que a luta no Afeganistão seria apenas a primeira etapa de uma luta mais abrangente para a recuperação de todas as terras usurpadas aos Muçulmanos. Azzam acreditava que os “Árabes afegãos” tinham um papel a desempenhar após o final do conflito afegão: estes eram considerados uma elite transnacional que, dotada de experiência de combate, estava destinada a libertar os territórios que tendo feito parte do território islâmico, tinham sido perdidos. Deste modo, à vitória no Afeganistão seguir-se-ia a intervenção na Palestina, em Caxemira, no sul das Filipinas e até na Península Ibérica, para recuperar o mítico al-Andaluz.<sup>440</sup>

Azzam defendia a necessidade de recuperar a doutrina clássica da *jihad*, depurando-a das inovações dos Modernistas, e via os acontecimentos contemporâneos como manifestações das condições referidas nas escrituras.<sup>441</sup> O seu pensamento sobre a *jihad* está exposto em várias obras, nomeadamente em *Defense of the Muslim Lands (A Defesa dos Territórios Muçulmanos)*,<sup>442</sup> redigida em 1984, e em *Join the Caravan (Juntem-se à Caravana)*, de 1987, ambas escritas em forma de *fatwā*. Ainda na introdução da primeira destas obras, o autor afirma que “se um pedaço de terra muçulmana do tamanho da palma da mão for desrespeitado, então a *jihad* torna-se *fard ‘ayn* (obrigação

---

<sup>438</sup> Gerges, *The Far Enemy*, p. 12.

<sup>439</sup> John Calvert, *Islamism: a documentary and reference guide*, Westport, Connecticut, Greenwood Press, 2008, p. 199. Azzam defendia que os Muçulmanos deveriam iniciar a *jihad* no Afeganistão (excluindo aqueles que tivessem condições para começar a luta na Palestina) e só depois avançar para a Palestina, embora reconhecesse que esta última era o “problema islâmico principal” e o “coração do mundo islâmico”. Azzam, *Defence of the Muslim Lands*, capítulo 2.

<sup>440</sup> Calvert, *Islamism*, p. 199. Segundo McGregor, a referência à tragédia do al-Andaluz encontra ressonância na poesia árabe como metáfora espiritual e política. Azzam adota o tema com o objetivo de estabelecer um paralelo com a situação da Palestina e enviar uma mensagem aos líderes de países como a Jordânia, Egipto e Arábia Saudita: o território do al-Andaluz perdeu-se para o Islão devido à divisão entre os Muçulmanos, ao seu fracasso na luta contra os Cristãos e às alianças que alguns fizeram com o inimigo cristão. Andrew McGregor, “Jihad and the Rifle Alone: ‘Abdullah ‘Azzam and the Islamist Revolution”, *Journal of Conflict Studies*, vol. 23, n.º 3, 2003, p. 103.

<sup>441</sup> John Calvert, “The Striving Shaykh: Abdullah Azzam and the Revival of Jihad”, *Journal of Religion & Society*, Supplement Series 2, 2007, p. 93.

<sup>442</sup> A importância desta obra pode ser atestada pelo facto de continuar a ser uma das obras mais lidas e descarregadas da Internet. Outras obras populares do mesmo autor, as quais continuam a ser descarregadas a partir do *website* Tawhed.ws (iniciado por Abu Muhammed al-Maqdisi), são “Introduction to Emigration and Preparation” (coletânea de textos sobre a *hijra* e a preparação para a *jihad*) e “Bestowing the Virtues of Jihad upon the Believers” (coletânea de *ahadith* que tratam do significado, virtudes e relevância da *jihad*). Ver Will McCants and Jarret Brachman (eds.), *The Militant Ideology Atlas – Research Compendium*, The Combating Terrorism Center, West Point, New York, November 2006, pp. 10-11.

individual) para todos os homens e mulheres muçulmanos, devendo a criança marchar sem permissão dos seus pais e a mulher sem a permissão do seu marido.”<sup>443</sup>

Na segunda obra, o autor apela aos Muçulmanos que se juntem à “caravana que luta na senda de Deus”, a fim de participar na luta para expulsar o exército soviético.<sup>444</sup> A sua redação coincidiu precisamente com o aumento significativo de combatentes oriundos do mundo árabe o que, de acordo com o prefácio que escreveu para a segunda edição, terá surpreendido o próprio Azzam.<sup>445</sup> O autor acrescenta, ainda, que a doação de dinheiro não isenta uma pessoa da *jihad* física, nem levanta a obrigatoriedade do dever da *jihad* que pende sobre si.<sup>446</sup> Significativamente, o autor afirma que “a *jihad* e a emigração para a *jihad* têm um papel profundamente enraizado que não pode ser separado da constituição desta religião. [...] A *jihad* firme... não é um fenómeno contingente do período em que o Alcorão foi revelado; é uma necessidade que acompanha a caravana que esta religião guia.”<sup>447</sup> E continua: “o estabelecimento de uma comunidade muçulmana numa área terrestre é uma necessidade,” embora tal só possa acontecer com um movimento islâmico organizado que realiza a *jihad* de modo consciente e realista.<sup>448</sup> Este clérigo defende a existência de vários estádios até se atingir o auge do Islão, ou seja, a *jihad*: primeiro, a *hijra*, depois a preparação (para a *jihad*), depois a *ribat* (protecção das fronteiras ou das linhas da frente do Islão) e, por fim, o combate.<sup>449</sup> Apesar de reconhecer que os doentes, os deficientes, os cegos, as crianças e as mulheres sem meios estavam isentos da obrigatoriedade de lutar, Azzam defende que estes se devem juntar aos *mujahideen* a fim de tratar deles, fornecer ensinamentos religiosos e dar-lhes apoio e coragem.<sup>450</sup>

A análise do conteúdo e da linguagem destas obras revela uma conceção de *jihad* no sentido bélico e a recusa total de outros significados para aquele conceito. Aquelas têm um conteúdo semelhante, sendo que a segunda parece ser um reforço das ideias que constam na primeira: ambas constituem um apelo à deslocação de voluntários para a

---

<sup>443</sup> Azzam, *Defence of the Muslim Lands*, Introdução. Ao conceptualizar a *jihad* como dever individual, Azzam elimina automaticamente um dos requisitos necessários para quem se voluntaria para a *jihad*: a necessidade de pedir autorização aos seus tutores para participar naquela. Lahoud, *The Jihadis' Path to Self-Destruction*, p. 129.

<sup>444</sup> Abdullah Azzam, *Join the Caravan*, 2.<sup>a</sup> ed., December 1988, [http://www.religioscope.com/info/doc/jihad/azzam\\_caravan\\_5\\_part3.htm](http://www.religioscope.com/info/doc/jihad/azzam_caravan_5_part3.htm) (data de último acesso: 8 de novembro de 2013).

<sup>445</sup> Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia*, p. 45; Azzam, *Join the Caravan*, Prefácio. Porém, Azzam lamenta a ausência de interesse demonstrado por pessoas mais maduras em participar na luta afegã, já que a maioria daqueles que chegam têm “um pensamento simples, um conhecimento jurídico islâmico superficial e extraído de diversas fontes e escolas pedagógicas, e disparidade em termos de idade e conhecimentos”, enquanto pessoas com mais capacidades “poderiam provocar uma tremenda revolução na realidade do Afeganistão.”

<sup>446</sup> Azzam, *Join the Caravan*, Conclusão.

<sup>447</sup> *Id.*, Parte 1.

<sup>448</sup> *Ibid.*

<sup>449</sup> *Id.*, Conclusão.

<sup>450</sup> *Id.*, Parte 3.

participação na *jihad* pela defesa das terras do Islão, o que faz de Azzam o indivíduo mais importante no processo de mobilização dos Árabes para o Afeganistão e um autor decisivo para compreender o fenómeno dos combatentes estrangeiros.

É importante referir que apesar do seu poder mobilizador, o conflito no Afeganistão não constituiu um fator radicalizador *per se*, pois aquele era tido como uma luta metafísica entre o Bem e o Mal, usufruindo do apoio de todo o mundo muçulmano.<sup>451</sup> A invasão de um país muçulmano por uma potência estrangeira e, além do mais, descrente em Deus, constituía uma oportunidade para a mobilização de milhares de homens, bastando que aqueles fossem minimamente sensíveis aos apelos à *jihad* que ecoavam em vários países árabes ou às imagens dos deslocados afegãos a viverem em campos de refugiados no Paquistão.<sup>452</sup> Muitos destes voluntários eram movidos por um genuíno sentimento de solidariedade; outros ter-se-ão deslocado para aquele território em busca de significado para as suas vidas, atraídos pelas promessas de martírio de Azzam ou vendo nesta opção uma escapatória para as frustrações políticas, fracassos económicos e deceções pessoais que enfrentavam nos seus países de origem.<sup>453</sup> Muitos destes indivíduos nunca chegaria a participar ativamente no conflito ou desempenharam papéis marginais no desenrolar da história.<sup>454</sup>

A afluência à região de elementos pertencentes a organizações islamistas que lutavam contra os respetivos regimes domésticos fez com que estes acabassem por influenciar muitos daqueles que consideravam apenas ter respondido a um dever religioso, legítimo e necessário.<sup>455</sup> Este ambiente que se viveu na fronteira entre o Afeganistão e Paquistão favoreceu a fusão entre a tradição teológica puritana wahhabita e ideias islamistas com carácter sócioevolucionárias, dando origem a importantes transformações ideológicas e estratégicas.

Azzam também tentou mobilizar os Muçulmanos difundindo a ideia de que, idealmente, o objetivo do *mujahid* e o ato derradeiro de devoção era o martírio.<sup>456</sup> Assim, numa obra de 1983, Azzam enumera os milagres que acompanham a *jihad* contra os

---

<sup>451</sup> ICG, *Understanding Islamism*, p. 16.

<sup>452</sup> Estes apelos eram feitos por organizações como a Liga Islâmica Mundial, organizações religiosas e de caridade, bem como por indivíduos empenhados na causa. Por sua vez, os Estados do mundo islâmico não colocavam qualquer entrave à deslocação destes indivíduos, nem qualquer limitação às atividades de atores não estatais destinadas ao recrutamento ou à recolha de fundos. Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia*, p. 28.

<sup>453</sup> Wright, *A Torre do Desassossego*, p. 116.

<sup>454</sup> Marc Sageman, o qual se encontrava ao serviço da CIA em Islamabad, entre 1987 e 1989, testemunhou este facto. (Ver William C. Banks, "Alternative Views of the Terrorist Threat", *International Studies Review*, vol. 7, n.º 4, December 2005, p. 677.) Também Lawrence Wright defende que a guerra foi travada sobretudo pelos Afegãos e que a maioria dos voluntários estrangeiros nunca saiu de Peshawar. (Wright, *A Torre do Desassossego*, p. 114.)

<sup>455</sup> ICG, *Understanding Islamism*, p. 16; Wiktorowicz, "A Genealogy of Radical Islam", p. 83.

<sup>456</sup> Calvert, "The Striving Shaykh", p. 97.

Soviéticos e os benefícios concedidos àqueles que caem como mártires, referindo, por exemplo, a pureza dos seus corpos e os sinais que serviam de prognósticos de vitória.<sup>457</sup> Enquanto os Afegãos lutavam pelo seu país, muitos estrangeiros chegavam ali em busca da morte, o que era incompreensível para os que ali viviam.<sup>458</sup> Muitos dos milagres descritos, como por exemplo, a imagem dos mártires ostentando sorrisos, a fragância emanada pelos corpos dos que morrem em combate ou os fenómenos da natureza que visam proteger os *mujahideen*, reaparecem durante conflitos posteriores.<sup>459</sup> Neste sentido, Azzam é tido como uma figura incontornável para o desenvolvimento do culto do martírio entre os radicais sunitas, o qual tornou-se central na literatura jihadista posterior.<sup>460</sup> Contudo, durante o conflito afegão não houve recurso a ataques suicidas e os alvos dos *mujahideen* eram militares, pelo que a vulgarização desta tática cabe aos jihadistas posteriores.

Abdullah Azzam foi o responsável por alterar o paradigma dominante entre os islamistas radicais, articulando a designada doutrina clássica do Jihadismo. A essência do Jihadismo clássico é a resistência contra os ocupantes externos com o objetivo de recuperar e libertar os territórios perdidos do Islão e unificá-los numa única entidade política. Assim, o Jihadismo clássico assentava na noção de *jihad* defensiva, uma obrigação para todos os Muçulmanos; tinha uma natureza irredentista, mas a sua lógica era orientada para a *ummah*; e dirigia-se a alvos externos, mas em território islâmico.

A posterior inversão de pensamento para o Jihadismo global encontra a sua génese, precisamente, no contexto do conflito afegão e nas ideias de Azzam. Este foi o primeiro autor a articular uma doutrina que defendia que as ameaças ao Islão e as violações de território muçulmano por não Muçulmanos, em qualquer parte do mundo, exigiam uma resposta imediata da parte de todos os Muçulmanos que estivessem habilitados a lutar para a defesa do dito território. A *jihad* que concebia caracterizava-se pelo seu carácter internacionalista e pan-islâmico. Pouco tempo após a retirada dos Soviéticos do Afeganistão, alguns militantes procuraram aplicar as teorias de Azzam para justificar a sua intervenção na Bósnia e, posteriormente, na Chechénia. Deste modo, podemos ver como, ao difundir a conceptualização da *jihad* como dever individual do

---

<sup>457</sup> Abdullah Azzam, *The Signs of ar-Rahmaan in the Jihad of Afghanistan*, Birmingham, Maktabah Booksellers and Publishers, s.d.. Esta obra resulta da compilação dos artigos que Azzam tinha escrito para o jornal *al-Mujtama*, pertença da Irmandade Muçulmana. Originalmente compilado em 1983, o livro tornou-se tão popular no mundo árabe que acabaria por ter dez edições na década seguinte.

<sup>458</sup> Wright, *A Torre do Desassossego*, p. 117.

<sup>459</sup> Compare-se, por exemplo, os milagres descritos por Azzam durante os combates no Afeganistão com as recentes notícias que dão conta dos mártires do conflito na Síria. Steven Stalinsky and R. Sosnow, *Faces of Death Part II: On Twitter, Jihadis Disseminate Death Photos of Martyrs*, Middle East Media Research Institute, Inquiry & Analysis n.º 990, 1 July 2013; Aaron Y. Zelin, Evan F. Kohlmann and Laith al-Khouri, *Convoy of Martyrs in the Levant*, Flashpoint Partners, June 2013.

<sup>460</sup> Hegghammer, “Abdullah Azzam, l’imam du jihad”, pp. 136-137; Wright, *A Torre do Desassossego*, p. 116.

crente para defender todos os territórios muçulmanos, Azzam facilitou a viragem para a militância na *jihad* global, embora nunca tenha apelado a um conflito com os inimigos do Islão em território infiel.

Outra questão relevante é que, apesar de condenar aqueles Muçulmanos que viviam em pecado por se recusarem a enveredar pela *jihad* para a recuperação de territórios perdidos, Azzam nunca procurou representá-los como apóstatas e expulsá-los da religião, ao contrário do que se viria a tornar hábito em épocas mais recentes.

Com efeito, não tendo concebido o confronto direto contra o Ocidente no território daqueles, Azzam construiu os instrumentos conceptuais e teóricos que permitiram às gerações seguintes de jihadistas conduzirem e justificarem atividades terroristas em países ocidentais. O recurso e a aplicação da teoria de Azzam contra aqueles países, por parte dos jihadistas posteriores, foram precipitados por um acontecimento em 1990: a entrada e o estabelecimento de forças militares americanas na Arábia Saudita na sequência da invasão do Kuwait pelo Iraque. Apesar de ter sido autorizada pelo regime saudita, para os militantes islamistas – e especialmente para Osama Bin Laden – aquela constituía a prova de que os EUA eram, com efeito, uma potência ocupante, pelo que a luta contra aqueles era um dever religioso.<sup>461</sup>

### 3.8. A conceção da *Jihad* no Jihadismo global

Ao defenderem o dever de confrontar, através de uma luta armada, os opositores internos da comunidade e os ocupantes externos do território muçulmano, os autores até agora analisados serviram de ponto de partida para alguns ideólogos contemporâneos desenvolverem os seus próprios argumentos relativamente à *jihad* como obrigação individual. Durante a década de 1990, a ideologia da *jihad* global surge como novo paradigma no interior do Islamismo radical. Assim, importa explicar o modo como os ideólogos interpretam a *jihad* e a doutrina da guerra no Islão, como justificam o recurso a esta e quais os objetivos que lhe atribuem, já que este é o instrumento conceptual principal da teoria e da prática dos seus movimentos.

Os ideólogos que defendem a ideia de *jihad* global rejeitam a Tradição e vão directamente às fontes do Islão (Alcorão e *Sunna*) – daí a sua designação de Salafistas jihadistas –, onde encontram expressões de *jihad* ofensiva e defensiva e muitas normas

---

<sup>461</sup> Osama Bin Laden et al., *World Islamic Front for Jihad Against the Jews and Crusaders*, 23 February 1998, <http://www.fas.org/irp/world/para/docs/980223-fatwa.htm> (data de último acesso: 28 março de 2014).



contraditórias sobre a questão da *jihad*. A *jihad* ofensiva, dever desempenhado por um grupo de pessoas em nome da comunidade, implica a observação de um conjunto de regras que, como vimos, dificilmente encontram concretização na época contemporânea, nomeadamente a inexistência de um governo islâmico legítimo e reconhecido, cujo líder declare e lidere a *jihad* contra o inimigo. Como a questão da legitimidade é central para a campanha dos jihadistas, estes optam por apresentar a sua luta numa linguagem defensiva: todas as suas ações são enquadradas no âmbito de uma luta pela defesa do povo e da terra do Islão.<sup>462</sup> Assim, o Jihadismo global assenta na ideia de ataque ao inimigo longínquo como medida defensiva.

Quando a *jihad* tem uma natureza defensiva torna-se uma obrigação incumbente a todos os Muçulmanos, em todo o mundo. Assim, a representação da *jihad* como uma obrigação individual para a defesa do Islão e da comunidade permite ultrapassar questões de âmbito legal. Sendo um dever individual, a participação na *jihad* não dependia da deliberação de um Califa ou de qualquer outro líder. De igual modo, fica excluída a necessidade de pedir autorização a eventuais tutores para participar nestas campanhas, o que é significativo em sociedades como as muçulmanas onde, por exemplo, a desobediência parental é atitude fortemente desencorajada. A apresentação da *jihad* como dever individual pela defesa da comunidade implica que a mesma é legítima e justificada pela lei islâmica. Contudo, para que a *jihad* tenha uma natureza defensiva, a *ummah* ou o Islão têm de estar sob ataque. E é precisamente neste ponto que os ideólogos da *jihad* global, mais notavelmente Osama Bin Laden, vão inovar ao elaborarem a acusação contra os EUA e seus aliados ocidentais e ao legitimarem ataques nos territórios destes.<sup>463</sup>

Entre 1996 e 2001, Bin Laden foi o responsável por formular e aplicar os princípios da *jihad* global, enquanto se esforçou para dar uma unidade a elementos pertencentes a movimentos radicais díspares, através do desenvolvimento de uma estrutura organizacional, a al-Qaeda. Para além da função de principal organizador, mobilizador e financiador do Jihadismo global durante esta fase, podemos realçar o seu papel e a sua capacidade em fazer alianças com outros islamistas e outras redes, muitos dos quais com objetivos estratégicos diferentes dos seus, conseguindo obter a lealdade e

---

<sup>462</sup> Wiktorowicz salienta que este argumento é fundamental para os jihadistas tentarem justificar e legitimar as suas ações de 11 de setembro de 2001. Wiktorowicz, "A Genealogy of Radical Islam", p. 86.

<sup>463</sup> O pensamento de Bin Laden está exposto em vários textos da sua autoria, documentos e nos vários contactos que manteve com os meios de comunicação social. Estes podem ser consultados em: Thomas Hegghammer, *Dokumentasjon Om Al-Qa'ida – Intervjuer, kommunikéers og andre primærkilder*, 1990-2002, FFI Report, Kjeller, 2002; Thomas Hegghammer, *Al-Qaida Statements 2003-2004 - A compilation of translated texts by Usama bin Ladin and Ayman al-Zawahiri*, FFI Report, Kjeller, 2005; Foreign Broadcast Information Service, *Compilation of Usama Bin Ladin Statements 1994-January 2004*, January 2004; The Combating Terrorism Center, *Harmony and Disharmony: Exploiting al-Qa'ida's Organizational Vulnerabilities*, West Point, New York, 14 February 2006; Lahoud et al., *Letters from Abbottabad: Bin Laden Sidelined?*.

dedicação de muitos daqueles. Porém, também convém realçar que Bin Laden era uma figura controversa mesmo no interior da sua organização, pois o seu modelo de liderança fundado na autoridade individual absoluta e a sua total desconsideração pelas opiniões dos outros, sobretudo no que respeita às decisões mais controversas, como o ataque de 2001 contra os EUA, gerou críticas entre alguns dos seus colaboradores próximos.<sup>464</sup>

A característica mais marcante do Jihadismo global é a oposição ao Ocidente, em especial aos EUA e seus aliados, e a defesa da *ummah*.<sup>465</sup> Os sentimentos anti-americanos e os ressentimentos contra a Europa herdados da época colonial são uma presença constante no discurso islamista.<sup>466</sup> Existindo uma crença de que o Ocidente é responsável pelos males que afetam o mundo muçulmano, a partir de meados da década de 1990, a luta contra aquele entrou na agenda dos islamistas radicais, e EUA e aliados são colocados como alvos prioritários da sua luta. A primazia e urgência concedida à luta contra este país pode ser interpretada como uma nova estratégia para atingirem o objetivo de derrubar os regimes apóstatas do mundo muçulmano.<sup>467</sup> Porém, a hipótese de que a animosidade relativamente aos EUA é instrumental e um mero veículo para atingir mudanças políticas e sociais internas é apenas parcialmente verdadeira: existe efetivamente um antagonismo aos EUA, e esse sentimento contribuiu para justificar a conceção de guerra global pelos jihadistas globais.<sup>468</sup>

---

<sup>464</sup> Gerges, *The Far Enemy*, pp. 192-199.

<sup>465</sup> Para além da “Declaration of War against the Americans”, “Jihad Against the Jews and Crusaders” ver, por exemplo, “Message to the American People”, 18 October 2003 e “Bin Laden audiotape calling for suicide attacks”, 8 April 2003, in Hegghammer, *Al-Qaida Statements 2003-2004*; Osama Bin Laden, “The Solution”, *Minbar of Tawheed and Jihad*, s.d., disponível em <http://www.tawhed.net/>; Osama Bin Laden, “Letter to America”, *The Guardian*, 24 November 2002, <http://www.guardian.co.uk/world/2002/nov/24/theobserver> (data de último acesso: 26 de janeiro de 2005); Ayman al-Zawahiri, “America defeat a matter of time”, *aljazeera.net*, 9 September 2004, <http://www.aljazeera.net/news/pages/38e78f94-0986-4fd9-9341-87d37e8e0242> (data de último acesso: 10 de dezembro de 2004).

<sup>466</sup> Veja-se, por exemplo, as impressões de Sayyid Qutb relativamente à vida nos EUA em “*The America I Have Seen*”: *In the Scale of Human Values*, Kashful Shubuh Publications, 1951, <http://www.bandung2.co.uk/books/Files/Education/The%20America%20I%20Have%20Seen%20-%20> (data de último acesso: 31 de março de 2011). Note-se, porém, que no mundo árabe, estes sentimentos não são um exclusivo desta tendência, propagando-se naturalmente na atmosfera volátil do Médio Oriente desde meados do século XX. Se a origem do antagonismo aos EUA na região remonta aos regimes seculares árabes durante a Guerra Fria, especialmente àqueles que mantinham laços com a União Soviética, após a Revolução Iraniana, os movimentos islamistas começaram a ser caracterizados por um profundo anti-americanismo. (Reuven Paz, “Islamists and Anti-Americanism”, *Middle East Review of International Affairs*, vol. 7, n.º 4, December 2003, p. 53.) Para mais sobre as origens do Anti-Americanismo no interior do Islamismo, ver Sami E. Baroudi, “In the Shadow of the Qur’an: Recent Islamist Discourse on the United States and US Foreign Policy”, *Middle Eastern Studies*, vol. 46, n.º 4, July 2010, pp. 569-594; Maria do Céu Pinto e Sandra Costa, “The Bush and Obama Administrations as Seen by Islamists”, in Célia Belim and Patrícia Calca (eds.), *The Image of U.S. Presidential Administrations in Europe: the Cases of George W. Bush and Barack Obama*, Lanham, Lexington Books, 2013, p. 139-168.

<sup>467</sup> Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia*, p. 103. Bruce Riedel sustenta que a lógica na base dos ataques de setembro de 2001 era provocar os EUA para que estes retaliassem, envolvendo-se num conflito longo e sangrento, o qual drenaria o país financeiramente à semelhança do que tinha acontecido com a União Soviética. Aquele conflito também contribuiria para aumentar a oposição dos Muçulmanos aos EUA. (Bruce Riedel, *The Search for A Qaeda: its Leadership, Ideology, and Future*, pp. 7-8.) Hegghammer cita Osama Bin Laden, o qual, em dezembro de 2004, defendeu que o Iraque “era uma oportunidade de ouro rara para fazer a América sangrar... economicamente e em termos de perdas humanas e morais.” (Hegghammer, “Global Jihadism After the Iraq War”, p. 24.) Sendo o Jihadismo global composto por elementos de diferentes origens nacionais, intelectuais e sociais, compreende-se que muitos jihadistas pensem estrategicamente, especialmente aqueles que têm um historial de oposição a regimes domésticos. Para estes, a transformação de um discurso sócioevolucionário dirigido às elites governativas dos seus respetivos países, num discurso de natureza pan-islâmica fica a dever-se a razões pragmáticas e oportunistas, como a necessidade de sobrevivência ou de fortalecimento organizacional.

<sup>468</sup> Em 1998, Bin Laden afirmou que “a hostilidade que os EUA continuam a manifestar contra o povo muçulmano deu origem a sentimentos de animosidade por parte dos Muçulmanos contra a América e o Ocidente em geral. Esses sentimentos de animosidade

Bin Laden e associados procuravam convencer os Muçulmanos que existia uma conspiração engendrada pelos EUA, Israel e seus aliados para destruir o Islão e o mundo islâmico. Ao colocarem a relação entre os Muçulmanos e os não muçulmanos na base do conflito (ao contrário do que os autores modernistas tinham feito) esperavam despertar as consciências e mobilizar os Muçulmanos para a luta, eliminando a influência ocidental do mundo muçulmano.

Após terem declarado guerra aos EUA, em agosto de 1996, Osama Bin Laden e restantes elementos que assinaram a declaração da Frente Islâmica Mundial, em fevereiro de 1998, declararam a *jihād* contra a aliança entre Cruzados e Sionistas.<sup>469</sup> Neste documento redigido em forma de *fatwā*, aqueles tentam provar que existe efetivamente em curso uma tentativa de destruir os países muçulmanos. Assim, apontam os seguintes “crimes e pecados” aos Americanos: a ocupação da península arábica, a terra mais sagrada do Islão, pelas forças militares norte-americanas, após 1991, as quais são acusadas de “saquear as suas riquezas, mandar nos seus governantes, humilhar o seu povo, aterrorizar os seus vizinhos, e transformar as suas bases na península num ponto de partida para a luta contra os povos muçulmanos vizinhos”; as sanções que a “aliança cruzada-sionista” impôs ao Iraque e que tem sido causa de devastação entre o povo iraquiano; para além das motivações económicas e religiosas destas guerras, os Americanos também procuram servir o Estado israelita e “desviar a atenção da ocupação de Jerusalém”, garantindo a sobrevivência de Israel.

Nesta e noutras declarações encontramos as duas denúncias mais importantes produzidas pelos jihadistas contra os EUA: a presença militar norte-americana na Arábia Saudita; e o conflito árabe com Israel, a ocupação de Jerusalém e o sofrimento do povo palestino. Os dois territórios – Península Arábica e Palestina – têm profundo simbolismo político e religioso e desempenham importantes papéis no imaginário político islâmico.

Assim, os signatários da *fatwā* de 1998 dizem ser uma obrigação individual de todos os Muçulmanos matar Americanos e seus aliados, civis e militares, e saquear o seu dinheiro, onde quer que estes se encontrem, com o objetivo de libertar as terras do Islão. A violência é considerada um meio legítimo de retaliação e de defesa por parte dos crentes

---

produziram uma alteração no comportamento de alguns grupos oprimidos que, em vez de lutar contra os americanos no interior dos países muçulmanos, passou a combatê-los dentro dos próprios EUA.” (Entrevista com John Miller, *ABC News*, maio de 1998, in Hegghammer, *Dokumentasjon Om Al-Qa'ida*, p. 42.)

<sup>469</sup> Bin Laden et al., *World Islamic Front for Jihad Against the Jews and Crusaders*. Para além de Bin Laden, a declaração foi assinada por Ayman al-Zawahiri (líder da Tanzim al-Jihad, do Egipto), Abu Yasir Rifa'i Ahmad Taha (da *Jamaat Islamiyya* egípcia), Mir Hamzah (da *Jamiat-ul-Ulema*, do Paquistão) e Fazlur Rahman (*Jihad Movement*, do Bangladesh). Note-se que nenhum destes indivíduos possui formação ou credenciais na área religiosa para emitir, de modo legítimo, *fatāwā*.

e, rompendo com uma proibição fundamental da *jihad*, torna-se permissível atacar os civis que pertençam às hostes dos infiéis.<sup>470</sup> Este tipo de mensagens de natureza pan-islâmica revelou-se eficaz na criação de quadros de ação coletiva e para mobilizar elementos que não se reviam na retórica com carácter sócioevolucionário ou que, sendo perseguidos nos seus países de origem, não podiam regressar àqueles.<sup>471</sup>

O facto de Bin Laden designar os Americanos de Cruzados é significativo. Este termo é utilizado pelos Muçulmanos de modo pejorativo, trazendo à memória uma época histórica em que os Muçulmanos se tiveram de bater com expedições militares europeias formadas sob a égide da Igreja, as quais tinham como objetivo a conquista da Terra Santa. Ao traçar uma linha histórica entre os Cruzados da Idade Média e os Americanos da atualidade, Bin Laden parece ter dois propósitos: por um lado, convencer os Muçulmanos da natureza maligna e conquistadora das ações destes últimos, representando-os como descendentes dos Cristãos medievais; por outro lado, inspirar os Muçulmanos a imitem o comportamento e o exemplo dos seus antepassados que lutaram pela defesa de Jerusalém, conduzindo ao fracasso da nova empresa cruzada.

Os ataques de 2001 mereceram a condenação de muitos islamistas. Apesar das suas críticas aos EUA e às suas políticas externas, aqueles acusaram a al-Qaeda de terem colocado em perigo a sua própria luta contra os regimes árabes e de terem fornecido a esses mesmos regimes um argumento para aumentar a perseguição e a violência contra os seus movimentos.<sup>472</sup> Aqueles opunham-se, sobretudo, ao ataque indiscriminado contra civis, o qual constituía uma clara violação da *Sharia*.

Perante a censura generalizada, a al-Qaeda viu-se obrigada a explicar os fundamentos religiosos que, na sua perspetiva, tornavam lícito o ataque contra civis inocentes.<sup>473</sup> Em abril de 2002, aquela publica uma declaração onde defende que estas operações, as quais “vão provocar o regresso da glória à *ummah* e convencer o inimigo opressor dos direitos da comunidade islâmica”, têm justificação e não apresentam qualquer falha, pois a proibição de matar mulheres, crianças e idosos não é absoluta, e existem condições em que tal é permitido.<sup>474</sup> Aquele ataque é justificado com recurso às

---

<sup>470</sup> Bin Laden et al., *World Islamic Front for Jihad Against the Jews and Crusaders*.

<sup>471</sup> Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia*, p. 103.

<sup>472</sup> Esta foi uma das críticas que elementos pertencentes à *Jamaat Islamiyya* (os quais, entretanto, tinham efetuado uma revisão ideológica) fizeram à al-Qaeda. Para as críticas de outros islamistas à al-Qaeda na sequência dos ataques de setembro de 2001, mesmo aqueles conhecidos por serem adeptos do recurso à violência, ver Gerges, *The Far Enemy*, pp. 185-250. Wiktorowicz and Kaltner, “Killing in the Name of Islam: Al-Qaeda’s Justification for September 11”, pp. 76-77.

<sup>473</sup> De certa maneira, isto vai ressuscitar a discussão sobre o *ius in bello*, tema que, desde a época dos Modernistas, tinha sido relegado para segundo plano, em virtude da necessidade de redefinir as regras que compõem o *ius ad bellum* no Islão.

<sup>474</sup> Qaedat al-Jihad, *A Statement from qaidat al-jihad regarding the mandates of the heroes and the legality of the operations in New York and Washington*, 24 April 2002, in Global Terrorism Research Project, Haverford College, <http://gtrp.haverford.edu/aqsi/aqsi-statement/563> (data de último acesso: 15 de abril de 2014).

noções da proporcionalidade (“se os descrentes visaram mulheres, crianças e idosos muçulmanos, é permissível aos Muçulmanos responder da mesma maneira”<sup>475</sup>); da necessidade militar, como quando há necessidade de queimar as fortalezas do inimigo para o enfraquecer (sendo o Pentágono entendido como uma fortaleza militar e as Torres Gêmeas como uma fortaleza económica); e quando os combatentes recorrem a armas pesadas que não permitem diferenciar combatentes e não combatentes. Os autores do documento também questionam a inocência das vítimas, as quais elegem os líderes que ordenam os ataques ao Islão, refletindo a ideia de culpabilidade individual em democracia a que se refere o xequê saudita Hāmūd al-Uqla’ al-Shu’aybi, numa *fatwā* destinada a esclarecer a legalidade dos ataques de 2001.<sup>476</sup> As suas táticas são apresentadas como uma resposta adequada aos métodos dos inimigos, os quais apenas conhecem a linguagem da espada.<sup>477</sup>

Quanto à questão mais delicada da vitimização de Muçulmanos durante aqueles ataques, os redatores do documento defendem que a lei islâmica prevê algumas circunstâncias que justificam a morte de Muçulmanos por ação de outros Muçulmanos, nomeadamente em caso de emergência ou de não ser possível suspender a *jihad*. Afinal, como nota o autor daquele documento, “não existe um país na atualidade que não contenha um número alargado de Muçulmanos.”<sup>478</sup>

### 3.9. A doutrina do martírio no Islão

Também presente nas tradições cristã e judaica, a doutrina do martírio tem sido instrumentalizada pelos grupos que no seio do Islão recorrem à *jihad* como forma de ação política e como meio para impor uma ordem social, tendo a sua interpretação evoluído de forma a responder às necessidades práticas da guerra.<sup>479</sup> O Alcorão não tem uma palavra para designar martírio ou mártir.<sup>480</sup> Foi no século VIII que martírio começou a ser

---

<sup>475</sup> *Ibid.*

<sup>476</sup> Hāmūd al-Uqla’ al-Shu’aybi, *The Clarification of What Occurred in America*, s.l., At-Tibyān Publications, September 2001.

<sup>477</sup> Qaedat al-Jihad, *A Statement from qaidat al-jihad regarding the mandates of the heroes*.

<sup>478</sup> *Ibid.*

<sup>479</sup> Bonner descreve o martírio como um ato que pretende exprimir superioridade relativamente a este mundo corrupto e corruptor e, em simultâneo, representar um símbolo da resistência contra uma autoridade considerada injusta. (Bonner, *op. cit.*, p. 73.) Por seu lado, Khosrokhavar defende que, no caso islâmico, o martírio foi definido como a morte no caminho de Deus através da luta contra o inimigo, a fim de o neutralizar: a morte do Muçulmano na condição de mártir seria, deste modo, uma consequência da sua luta contra os infiéis. (Khosrokhavar, *Inside Jihadism*, p. 41.)

<sup>480</sup> Afsaruddin defende que a locução corânica geralmente utilizada para designar mártir é *man qatila fi sabīl allāh*, ou seja, aquele que é morto na causa de Deus. Esta sugere alguma ambiguidade, considerando que alguns dos versículos em que surge têm um contexto militar e outros não. (Afsaruddin, *op. cit.*, p. 95.) Khosrokhavar manifesta a mesma opinião: “A expressão mais comum para martírio no Alcorão é ‘morrer no caminho de Deus’, com algumas variantes.” Este autor defende que “lutar está implícito no martírio”, citando o versículo 4:74 – “Combatam na senda de Deus os que trocam a vida mundana pela outra! A esses, que combatam na senda de Deus e sejam mortos ou vencedores, dar-lhes-emos uma enorme recompensa.” – para sustentar o seu posicionamento. (Khosrokhavar, *Inside Jihadism*, p. 46.)

designado pela palavra *shahāda*, e que a palavra árabe para mártir se tornou *shahīd* (ou *shuhadā*, no plural).<sup>481</sup> No Alcorão, *shahīd* aparece com o significado de “testemunha”, sendo, com frequência, utilizada para designar o próprio Profeta, e segundo Bonner, em parte alguma há indicação de que designa aquele que morre durante o combate, embora alguns exegetas afirmem o contrário.<sup>482</sup> Terá sido mais tarde, nos *ahadith*, nos comentários ao Alcorão e na literatura jurídica, que *shahīd* começou a designar aquele que testemunha ou afirma a veracidade das suas crenças com a própria vida.<sup>483</sup>

O martírio tem uma relação muito próxima com a doutrina da *jihad* e os dois conceitos relacionam-se em contextos combativos e não combativos. Ao longo dos tempos, uma variedade de significados foram sendo atribuídos ao termo, evidenciando uma óbvia evolução na sua interpretação. Tal como a *jihad*, também o martírio no contexto islâmico foi construído como conceito dinâmico e ligado a circunstâncias sociais e históricas específicas.<sup>484</sup>

Morrer em nome do Islão é a forma mais elevada de venerar Deus e motivo de estima, não existindo qualquer indicação de que o mártir no sentido militar tem estatuto superior aos outros crentes que procuram seguir Deus.<sup>485</sup> Contudo, os exegetas do Alcorão e os textos legais começaram relativamente cedo a afirmar a distinção concedida aos mártires que morrem enquanto lutam pela fé, os quais têm acesso imediato ao Paraíso, onde os seus pecados são perdoados. Esta interpretação parece ter como finalidade a glorificação da morte em batalha e a promoção de um culto do martírio no sentido militar, resultando das circunstâncias históricas após o desaparecimento do Profeta.<sup>486</sup> O âmago da doutrina das recompensas divinas é desenvolvido sobretudo nas tradições do Profeta, onde se defende que os que caem como mártires têm acesso a prazeres permanentes, os quais lhes estão vetados na vida atual: o direito a usar ouro, a beber vinho, o acesso a

---

<sup>481</sup> Esta tem a mesma raiz da palavra *shahada*, ou seja, a profissão de fé no Islão. Afsaruddin, *op. cit.*, p. 1, 3; Bonner, *op. cit.*, p. 74; David Cook, “Martyrdom (Shahada)”, *Oxford Bibliographies Online*, <http://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780195390155/obo-9780195390155-0124.xml#> (data de último acesso: 22 de janeiro de 2014).

<sup>482</sup> Bonner, *op. cit.*, p. 74.

<sup>483</sup> A crença neste elo entre a capacidade de morrer e a fé genuína está patente nas palavras que o general responsável pela conquista da Pérsia e da Síria, entre 633 e 636, dirigiu ao chefe de uma cidade no sudoeste do atual Iraque: “Aceita a nossa religião ou paga a *jizya*, ou prepara-te para a guerra. Os homens que estão comigo gostam da guerra e da morte tanto quanto tu gostas dos prazeres e da vida.” Palavras semelhantes foram proferidas por Osama bin Laden, em 1996, na sua Declaração de Guerra aos EUA - “These youth love death as you love life” (Estes jovens amam a morte como vocês amam a vida) - e repetidas, por exemplo, por Muhammed Siddique Khan, líder do grupo que perpetrou o ataque de julho de 2005, em Londres, no vídeo divulgado após aquele acontecimento. De igual modo, estas palavras têm sido repetidas em vários vídeos de propaganda produzidos pela organização Estado Islâmico. Khosrokhavar, *Inside Jihadism*, p. 41

<sup>484</sup> Afsaruddin, *op. cit.*, p. 115.

<sup>485</sup> De acordo com a análise de Afsaruddin, nenhum dos versículos do Alcorão que referem a “morte na causa de Deus” alude explicitamente ao martírio em contexto militar; aqueles que morrem de causa natural e aqueles que morreram ou foram mortos após a emigração para Medina merecem igualmente o perdão, a misericórdia e as recompensas divinas no próximo mundo. Afsaruddin, *op. cit.*, p. 100, 108.

<sup>486</sup> Bonner, *op. cit.*, pp. 95-96.

mulheres e o direito de interceder por outros crentes no Dia do Julgamento.<sup>487</sup> A referência às recompensas póstumas pretende difundir a ideia de que o mártir militar tem um estatuto especial no mundo divino, sendo um incentivo para todos aqueles que mostravam relutância em participar nas guerras com as comunidades vizinhas.<sup>488</sup> Assim, constata-se que juristas e exegetas tentaram conciliar a teoria com a realidade prática da guerra, mostrando uma preocupação constante em responder às necessidades políticas e militares da comunidade.

À semelhança da *jihad*, a noção de martírio também sofreu uma evolução, como se constata pela comparação entre os *ahadith* anteriores à compilação das seis coleções canônicas sunitas com outros mais tardios. Nos *ahadith* iniciais, o termo martírio conservava um significado mais abrangente, aparecendo, com frequência, com sentido não combativo.<sup>489</sup> Nas obras posteriores verifica-se uma tendência para enaltecer o mártir militar. Apesar dos juristas reconhecerem a existência de várias categorias de mártires não combatentes, em resultado dos desenvolvimentos observados na literatura pós-corânica, o Islão sunita acabaria por colocar, com frequência, a luta armada no centro desta questão, pois o “Paraíso está na sombra das espadas.”<sup>490</sup>

A questão da intenção é muito importante, já que apenas no caso de aquela ser verdadeira é que este ato é considerado martírio. De igual modo, existe uma rejeição de atos de auto sacrifício dirigidos a forças inimigas robustas, a não ser que esses conduzam a resultados militares favoráveis.<sup>491</sup> O suicídio é categoricamente proibido, tese sustentada pelo Alcorão e por um relato recolhido por al-Bukhari.<sup>492</sup>

A doutrina do martírio é especialmente importante para os Xiitas, uma minoria que sofreu perseguições ao longo da história e que, atendendo à sua tradicional atitude quietista, acabaria por dissociar esta doutrina do conceito de *jihad* em vários aspetos.<sup>493</sup> Os Xiitas sublinham o sofrimento e redenção ligados ao martírio, o qual pode, ou não, ocorrer no campo de batalha.<sup>494</sup> O legado do martírio xiita é poderoso e tem um profundo simbolismo para a consciência coletiva desta tradição minoritária.

---

<sup>487</sup> Cook, *Understanding Jihad*, p. 28.

<sup>488</sup> Afsaruddin, *op. cit.*, p. 109. Note-se que as Cruzadas cristãs, como forma de motivação, também insistiam no perdão dos pecados para todos aqueles que participassem naquelas campanhas.

<sup>489</sup> Afsaruddin, *op. cit.*, p. 116, 125.

<sup>490</sup> Muslim 19/4314. Collection of the ahadith in Sahid Muslim, *The Book of Jihad and Expedition*.

<sup>491</sup> Bonner, *op. cit.*, p. 78.

<sup>492</sup> Afsaruddin, *op. cit.*, p. 137. Versículos 2:195 e 4:29: “Gastai na causa de Deus e não vos lanceis por vossas mãos para a ruína” e “Não vos mateis. Deus é misericordioso para convosco”

<sup>493</sup> Khosrokhavar, *Inside Jihadism*, p. 42.

<sup>494</sup> O drama do martírio do imã Hussain, o qual morreu por se recusar submeter aos Omíadas, constitui uma inspiração para os movimentos xiitas que desafiam a ordem estabelecida e são perseguidos por esse motivo. Enayat, *op. cit.*, p. 181.

Os mártires são considerados pelos seus pares como exemplos de coragem, bravura, piedade e esforço incansável. Muitas Tradições aludem a imagens de mártires a serem conduzidos ao Paraíso, emanando um cheiro almiscarado e com as roupas cor de sangue.<sup>495</sup> Os que morrem pela causa de Deus adquirem um estatuto especial entre os vivos: o significado da morte do mártir transcende o nível individual, pois “aos olhos dos Muçulmanos comuns, ele dota toda a sua comunidade de pureza e graça, e a sua família imediata torna-se objeto de admiração e apoio.”<sup>496</sup> É comum a família expressar satisfação com o martírio do seu parente, num ritual que mostra elementos de continuidade entre o passado e o presente. A importância do martírio é atestada pelo facto do mártir permanecer na memória coletiva da sua comunidade, sendo celebrado através de lembranças e ritos que visam reviver a perda dos seus elementos virtuosos. Como consequência, o martírio é considerado por muitos como o único meio de desempenharem um papel na história, tornando-se protagonistas de uma tragédia que se desenrola perante os olhares do mundo, através dos meios de comunicação atuais. Estes desempenham um papel fundamental em toda esta dinâmica, ao facilitarem a difusão das imagens dos corpos e das biografias daqueles que morrem pela causa do Islão. Os mártires são retratados com sorrisos beatíficos e um ar de tranquilidade e satisfação, atestando a suposta felicidade que o ato concede.<sup>497</sup> O propósito destas mensagens é claro: celebrar os seus atos e inspirar os outros, representando os que morrem como heróis.

Com efeito, com as problemáticas surgidas no mundo muçulmano desde o século XVIII, surgiu um novo entendimento do fenómeno do martírio e, desde as últimas décadas do século XX, o termo tem sido utilizado de modo abrangente para designar aqueles que morrem na defesa do território muçulmano.

Durante a última década, o Islamismo de tendência jihadista tem feito amplo recurso de ataques suicidas. Procurando explicar a predileção por esta tática, alguns autores avançam argumentos baseados na religião e na centralidade da ideologia, enquanto outros baseiam as suas teses num conjunto de causas extrínsecas e objetivos estratégicos. Também são comuns as teorias que destacam o ambiente político e o perfil sociopsicológico dos atacantes. Assim, é oportuno analisar a relação deste fenómeno com a doutrina do martírio e as modalidades e contexto da sua utilização.

---

<sup>495</sup> Por exemplo, al-Bukhari 4/52/59; Malik 21.14.29. Cook, *Understanding Jihad*, p. 17; Afsaruddin, *op. cit.*, p. 138.

<sup>496</sup> Euben, “Jihad and Political Violence”, p. 373.

<sup>497</sup> O conflito na Síria tornou-se paradigmático neste aspeto, sendo comum a difusão das notícias, em sítios jihadistas e na rede social *twitter*, dos indivíduos que morrem durante o combate contra as forças pró-governamentais, acompanhadas de fotos (exageradamente alteradas) dos seus corpos e das suas faces exibindo sorrisos. Ver Stalinsky and Sosnow, *Faces of Death Part II*; Zelin, Kohlmann e al-Khourî, *Convoy of Martyrs in the Levant*.



### 3.9.1. O recurso dos jihadistas a atentados suicidas

Apesar dos ataques suicidas também serem utilizados em contexto de conflitos convencionais, por norma, são orientadas por visões estratégicas próprias de uma guerra conduzida assimetricamente, aceitando-se a sua racionalidade, embora se rejeite a sua moralidade.<sup>498</sup> O debate sobre o tema é complexo, sendo necessário distinguir entre as organizações e suas dinâmicas internas, as quais organizam estes ataques, e aqueles que executam tais atos, dois sujeitos com objetivos raramente coincidentes.<sup>499</sup>

Na época contemporânea, estes atos estão associados quer a movimentos com objetivos nacionalistas, quer a organizações jihadistas transnacionais. Estes atentados ou missões suicidas envolvem um elevado grau de violência e destruição, embora os islamistas radicais designem os seus atos de operações de martírio, tentando contornar a proibição do suicídio no Islão.<sup>500</sup> A este propósito, Hafez salienta como “os salafistas jihadistas rejeitam a utilização do termo ‘*amalīyyat intihārīyya* (operação suicida) e insistem nos eufemismos ‘*amalīyyat istishhādīyya* (operações de martírio), ‘*amalīyyat fidaīyya* (operações de sacrifício) ou ‘*amalīyyat jihādīyya* (operações jihadistas).”<sup>501</sup> No contexto atual, as linhas entre martírio e suicídio tendem a esbater-se. Abu Qatada, um dos ideólogos jihadistas mais relevantes, diz que a principal diferença entre passado e presente reside no facto de, na atualidade, o *mujahid* não ser morto pela mão do inimigo, mas pela própria mão.<sup>502</sup>

Os bombistas suicidas são, efetivamente, uma das características distintivas – “a inovação tática mais marcante e letal” – daquilo que David Rapoport identifica como a quarta vaga de terror.<sup>503</sup> Os dados empíricos confirmam que os ataques suicidas e o

---

<sup>498</sup> Boaz Ganor, *The Rationality of the Islamic Radical Suicide attack phenomenon*, Interdisciplinary Center Herzliya, Israel, March 2007. Robert A. Pape é um dos principais defensores da tese que defende a racionalidade e lógica estratégica dos atentados suicidas. Para este autor, o típico terrorista assemelha-se mais a um indivíduo politicamente consciente do que a um fanático religioso. Pape, “The Strategic Logic of Suicide Terrorism”, *American Political Science Review*, vol. 97, n.º 3, August 2003.

<sup>499</sup> Diego Gambetta, *Making Sense of Suicide Missions*, Oxford, Oxford University Press, 2005. Alguns autores avançam as seguintes motivações individuais: culturais, como a manifestação de uma subcultura da morte (Khosrokhavar, *Inside Jihadism*, p. 14); a expressão cultural de uma sociedade específica, como a ideia de auto sacrifício no caso da sociedade palestina (Hisham H. Ahmed, “Palestinian resistance and ‘suicide bombing’: causes and consequences”, in Tore Bjørgo (ed.), *Root Causes of Terrorism: myths, reality and ways forward*, New York, Routledge, 2005, pp. 87-102); religiosos, como o simbolismo do martírio e o estatuto de *shahid* no Islão; e sociopsicológicos, como as pressões de grupo, contágio social, questões identitárias e sentimentos de desespero, humilhação e impotência. (Andrew Silke, “The Psychology of Suicide Terrorism”, in Silke (ed.), *Terrorists, Victims, and Society*; Stern, Stern, *Terror in the Name of God*, p. 53).

<sup>500</sup> Sobre as questões conceptuais relacionadas com esta temática ver Assaf Moghadam, “Motives for Martyrdom: Al-Qaida, Salafi Jihad, and the Spread of Suicide Attacks”, *International Security*, vol. 33, n.º 3, Winter 2008/09, p. 46.

<sup>501</sup> Muhammed M. Hafez, *Suicide Bombers in Iraq: The Strategy and Ideology of Martyrdom*, Washington, DC, United States Institute of Peace, 2007, p. 129.

<sup>502</sup> Abu Qatada al-Filistini, *The Legality of martyrdom operation and the proof that they are not killing oneself*, 1995, disponível em <http://sayfullaah.blogspot.pt/2011/01/legality-of-martyrdom-operations-and.html> (data de último acesso: 23 de dezembro de 2013).

<sup>503</sup> Recorrendo a uma abordagem histórica e à análise de casos empíricos de grupos terroristas específicos, alguns autores reconheceram a predominância de organizações com características comuns, dirigindo o seu discurso a audiências particulares e com

aumento de vítimas por ataque individual ao longo das últimas duas décadas eram raros em décadas anteriores.<sup>504</sup> Apesar do culto do martírio promovido por Azzam, esta tática nunca foi utilizada durante o conflito afegão contra os Soviéticos.

Ao contrário do que acontecia com o Xiismo seguidor dos doze imãs ou com os Ismaelitas,<sup>505</sup> no Sunismo as designadas “operações de martírio” são um fenómeno recente, tendo surgido após os primeiros ataques suicidas perpetrados pelo Hamas e pela Jihad Islâmica contra Israel, em 1994, em resposta a um massacre na cidade de Hebron.<sup>506</sup> Olivier Roy acrescenta que os ataques suicidas estão ausentes da tradição islâmica ortodoxa e que terá sido durante a década de 1980, que os bombistas suicidas surgiram entre movimentos xiitas como o *Hizballah*.<sup>507</sup> Só mais tarde é que esta prática se terá estendido ao Sunismo, representando uma rutura com a tradição e uma aproximação às táticas utilizadas por organizações terroristas de cariz laico e nacionalista.<sup>508</sup>

Apesar deste tipo de ocorrências carecer de bases na lei e prática islâmica sunita, uma análise das *fatāwā* relativas a ataques suicidas emitidas pelas autoridades religiosas sugere que estas ações gozam do apoio de muitos líderes religiosos sunitas, especialmente em certos contextos, onde se assumem como uma tática militar de grande valor estratégico.<sup>509</sup>

---

reivindicações semelhantes, em períodos temporais específicos. Um destes autores foi David Rapoport, o qual construiu a teoria das quatro vagas de terror: os anarquistas, a partir da década de 1880; a corrente anticolonial a partir de 1920; os grupos de Esquerda, a partir da década de 1960; e, finalmente, o terrorismo religioso, depois de 1979. De acordo com o autor, esta vaga de terror reafirmou o tema do martírio usado pela primeira vaga e negligenciada pelas duas vagas intermédias. Cada uma destas vagas terá durado cerca de quarenta anos e terá terminado por motivos vários e não relacionados com os esforços das autoridades para os conterem. David Rapoport, “The Four Waves of Rebel Terror and September 11”, *Anthropoetics*, vol.8, n.º 1, Spring/Summer 2002, <http://www.anthropoetics.ucla.edu/ap0801/terror.htm#b1>.

<sup>504</sup> Entre 1990 e 2011, ocorreram 206 ataques suicidas conduzidos por organizações islamistas radicais, sendo que 198 ocorreram após 2001. O número de vítimas por ataque também aumentou, destacando-se o ano de 2005 no que se refere à frequência e intensidade das ocorrências, o que estará relacionado com a insurgência no Iraque. Dados do National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism (START), *Global Terrorism Database*, 2012, <http://www.start.umd.edu/gtd>. Sobre o aumento da letalidade dos ataques terroristas internacionais por parte de organizações de cariz islamista, ver a análise de James A. Piazza, “Is Islamist Terrorism More Dangerous?: An Empirical Study of Group Ideology, Organization, and Goal Structure”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 21, n.º 1, 2009, pp. 62-88.

<sup>505</sup> Por exemplo, no final do século XI e no século XII, a seita ismaelita conhecida por Assassinos levava a cabo assassinatos políticos, sendo que o perpetrador destes atos morria durante os mesmos. Bonner, *op. cit.*, p. 78.

<sup>506</sup> David Cook, “Islamism and Jihadism: The Transformation of Classical Notions of *Jihad* into an Ideology of Terrorism”, *Totalitarian Movements and Political Religions*, vol. 10, n.º 2, June 2009, p. 180.

<sup>507</sup> Roy, *L'Islam Mondialisé*, p. 22; David Rapoport, “The Four Waves of Rebel Terror and September 11.” O *Hizballah* utilizou camiões conduzidos por bombistas suicidas para atacar as forças militares americanas e francesas no Líbano, em 1983, num evento que autores como Matthew Levitt descrevem como um marco para o terrorismo internacional. Também Kjøek et al. defendem que este ataque contra as forças multinacionais estacionadas no Líbano, o qual resultou na sua retirada em fevereiro de 1984, representam “o início da tendência do terrorismo suicida, o qual foi mais tarde emulado por organizações palestínianas e sunitas tais como a al-Qaeda.” Kjøek et al., *op. cit.*, p. 33.

<sup>508</sup> Os ataques suicidas são uma tática há muito utilizada por grupos como o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) e pelos *Liberation Tigers of Tamil Eelam* (LTTE), uma organização que lutava pela autonomia do povo Tamil no Sri Lanka e que, de acordo com a análise de Robert Pape, são os “líderes mundiais em terrorismo suicida...sendo responsáveis por 75 dos 186 dos ataques terroristas suicidas de 1980 a 2001.” (Pape, “The Strategic Logic of Suicide Terrorism”, p. 343.) Rapoport acrescenta que “apesar da crença convencional de que apenas a visão das recompensas no Paraíso poderiam inspirar tais atos, os Tamil utilizaram bombistas suicidas mais do que todos os grupos islâmicos juntos.” (Rapoport, “The Four Waves of Rebel Terror and September 11.”)

<sup>509</sup> Muitos dos decretos analisados referem a situação israelo-palestíniana e confinam a legitimidade deste tipo de ataques a esta arena; outros mencionam áreas como a Chechénia ou a Índia. As *fatāwā* redigidas por líderes muçulmanos proeminentes, como o Grande Mufti da Arábia Saudita, o Xeque de Al-Azhar ou Yusuf al-Qaradawi, sugerem que estes desejam confinar as operações de martírio a situações específicas, por norma a luta dos Palestínianos contra Israel. Mark Juergensmeyer, Margo Kitts, Michael Jerryson (eds), *The Oxford Handbook of Religion and Violence*, Oxford, Oxford University Press, 2013, p. 230.

Ainda assim, o bombista suicida atual é muitas vezes interpretado como a expressão do martírio no Islão e as organizações que procuram legitimar as suas ações de violência recorrem a uma retórica religiosa e revelam preocupação em enquadrar os seus argumentos na glorificação corânica deste ato. Este assume-se como um instrumento de retórica e como um recurso simbólico para efeitos de comunicação e propaganda da mensagem.<sup>510</sup> Os jihadistas recorrem a narrativas emocionais para alimentarem o mito do heroísmo no martírio, demonizar os seus alvos e apelar a potenciais recrutas, procurando criar um determinado enquadramento mental baseado na centralidade da morte e na ausência de temor.<sup>511</sup>

Os atentados suicidas constituem um dos elementos centrais das discussões entre ideólogos islamistas e jihadistas, os quais divergem no que se refere ao recurso a esta prática, refletindo o debate mais alargado sobre os alvos legítimos e a utilidade estratégica do recurso à violência. Abu Muhammed al-Maqdisi e Abu Basir al-Tartusi defendem posicionamentos opostos no que se refere aos bombistas suicidas, enquanto Abu Qatada aceita o recurso a esta tática, mas elabora uma lista com algumas restrições.<sup>512</sup> Al-Maqdisi defende o heroísmo deste tipo de ataques, caso respeitem as condições de reduzir o número de vítimas entre Muçulmanos e inocentes. Se forem realizados no caminho de Deus, os bombistas suicidas qualificam-se como mártires.<sup>513</sup>

Al-Tartusi rejeita estas operações, por um lado, com base no argumento religioso de que aquelas consistem num ato de suicídio, e por outro, com base em questões morais, como a vitimização de Muçulmanos, de Cristãos e Judeus inocentes.<sup>514</sup> Este autor também

---

<sup>510</sup> As organizações que enquadram as suas ações numa perspetiva religiosa tentam justificar as suas ações com recurso a argumentos teológicos, embora também apresentem uma argumentação baseada em referências políticas e históricas. Na opinião de Jessica Stern, fatores subjetivos como a religião e a cultura podem estabelecer uma ligação entre as humilhações e causas pessoais e os objetivos políticos e sociais dos grupos islamistas militantes. Para esta autora, “a religião é um instrumento ideal de mobilização para a violência, porque o *Outro* está inerente”, ou seja, facilita a distinção entre os membros do grupo – os crentes – e os membros do grupo externo – os descrentes. (Stern, *Terror in the Name of God*, p. 159.) Mark Juergensmeyer acrescenta que a religião pode contribuir para uma cultura de violência, pois quando se mistura com um conflito político, tem a capacidade de o radicalizar e de dificultar a sua resolução: a justificação e legitimação da violência com recurso à moralidade religiosa, a importância dos rituais na execução desses atos e a ideia de redenção pela luta (as quais acarretam recompensas pessoais) transformam conflitos sociopolíticos mundanos em guerras com significado cósmico. (Mark Juergensmeyer, *Terror in the Name of God: The Global Rise of Religious Violence*, Berkeley, University of California Press, 2003, p. 10.) De acordo com este autor, a religião pode ser um veículo importante para a mobilização social, envolvendo elementos que dificilmente seriam mobilizados por questões políticas ou sociais. (Mark Juergensmeyer, “Is Religion the Problem?”, *Global and International Studies*, University of California Santa Barbara, 3 January 2004, p. 7, <http://escholarship.org/uc/item/4n92c45q> (data de último acesso: 3 de maio de 2007).)

<sup>511</sup> Muhammed M. Hafez, “Martyrdom Mythology in Iraq: How Jihadists Frame Suicide Terrorism in Videos and Biographies”, *Terrorism and Political Violence*, vol 19, n.º 1, 2007, p. 95.

<sup>512</sup> McCants and Brachman (eds.), *The Militant Ideology Atlas*, p. 8. Estes são três dos mais importantes ideólogos do Jihadismo na atualidade. Abu Qatada residiu em Londres durante 20 anos. Em 2013, após uma batalha legal de quase 10 anos, foi deportado para a Jordânia para ser julgado por crimes relacionados com terrorismo. Al-Maqdisi reside na Jordânia, tendo sido preso várias vezes ao longo das últimas duas décadas. Em junho de 2014 foi libertado pelas autoridades, uma ação que alguns interpretaram como uma estratégia política, visando conter os elementos salafistas com simpatias pelo projeto da organização Estado Islâmico na Síria e no Iraque, já que al-Maqdisi se assume como um crítico desta. Al-Tartusi, o mais moderado entre os três, também residiu na Grã-Bretanha durante vários anos, tendo-se deslocado para a Síria a fim de participar na revolta contra o regime alauita.

<sup>513</sup> Khosrokhavar, *Inside Jihadism*, pp. 49-50.

<sup>514</sup> *Id.*, p. 51. Al-Tartusi há muito se assume como um crítico interno do movimento jihadista, defendendo, por exemplo, que os não Muçulmanos em países muçulmanos merecem estar protegidos de ataques. Assim, condenou os ataques de 2005 em Londres, recusa violência desnecessária e defende que a *jihad* se deve concentrar no combate ao inimigo próximo.

apresenta um raciocínio militar-estratégico para a condenação desta tática: aquele que morre num atentado suicida reduz a sua luta a um único combate, colocando em perigo o futuro da causa jihadista.<sup>515</sup>

Abu Qatada começa por condenar o suicídio, e defende que as operações contra os inimigos de Deus que resultem na morte do indivíduo apenas são autorizadas se forem realizadas no interesse da comunidade muçulmana.<sup>516</sup>

As ruturas e inovações operadas neste campo estão relacionadas, por exemplo, com o comportamento adequado em contexto de conflito, com o recurso à violência contra outros Muçulmanos e com as relações a manter com não crentes. As operações que hoje são chamadas de martírio pelas organizações islamistas radicais romperam com todas as regras de conduta anteriormente referidas, nomeadamente a proibição de atacar civis. Faraj nunca teorizou a questão dos ataques suicidas, mas ao legitimar os ataques contra inocentes permitiu que as organizações radicais posteriores aplicassem as suas ideias de modo extremado.

Na maioria dos casos os ataques suicidas são planeados e executados em nome de uma organização e obedecendo a uma lógica estratégica. Os bombistas suicidas podem estar dispostos a morrer por razões altruístas, mas as suas motivações só podem ser totalmente compreendidas se for considerado o contexto onde têm origem e os seus propósitos simbólicos. A nível organizacional, aqueles são considerados uma arma eficaz em termos de custos e benefícios, exigindo pouco investimento em treino e logística, mas atraindo atenção e publicidade para as suas causas.<sup>517</sup>

Em conclusão, é fundamental abordar esta questão numa perspetiva baseada na relação custo-benefício e no interesse estratégico por parte dos atores, assim como dos contextos que produzem atos de violência. Porém, as disposições da lei islâmica sobre o martírio podem ser importantes para compreender a lógica individual para os ataques suicidas, devido ao enquadramento e simbolismo religioso e às emoções que estes despoletam.<sup>518</sup>

---

<sup>515</sup> *Id.*, p. 52.

<sup>516</sup> *Ibid.* Abu Qatada al-Filistini, *The Legality of martyrdom operation*. Este texto também está disponível no influente site jihadista *Minbar al-Tawhid wa'l-Jihad*, <http://www.tawhed.ws/r/?i=d3dgishf>.

<sup>517</sup> Como afirmou um líder do Hamas, em entrevista a Jessica Stern, “a pessoa que explode uma bomba não precisa de muito treino – tudo o que necessita é de um momento de coragem.” Stern, *Terror in the Name of God*, p. 40.

<sup>518</sup> Por exemplo, quando os responsáveis pelos atentados de Madrid se barricaram num apartamento em Leganés, ligaram para um número de telefone britânico em busca de justificação religiosa para o ato suicida que estavam prestes a executar; algumas fontes defendem que esse contacto seria para Abu Qatada, o qual se encontrava detido na altura, enquanto outros dizem que terá sido para um membro importante do Grupo Islâmico Armado líbio (LIFG). (Lawrence Wright, “The Terror Web”, *The New Yorker*, August 2, 2004, <http://www.newyorker.com/magazine/2004/08/02/the-terror-web> (data de último acesso: 4 de junho de 2010); Fernando Reinares, “The Evidence of Al-Qaida’s Role in the 2004 Madrid Attack”, *CTC Sentinel*, vol. 5, n.º 3, Combating Terrorism Center at West Point, March 2012, p. 4.) De igual modo, os dois perpetradores do ataque a um soldado britânico em Woolwich, em 2013,

### 3.10. Considerações finais

Para compreender o significado de *jihad* e o seu eventual papel na mobilização dos Muçulmanos devemos analisar o conceito nos vários contextos históricos, políticos e culturais. No último capítulo traçamos a sua evolução ao longo das diversas experiências islâmicas e de acordo com a interpretação de eruditos e ideólogos, com o intuito de se compreender como se passou da sua perceção clássica à ideia de *jihad* global no final do século XX. A abordagem realista ao conceito de *jihad* procura evidenciar, por um lado, como as ideias são interpretadas e instrumentalizadas como meios para maximizar o poder de um movimento e, por outro lado, como é na própria esfera da lei islâmica que o Islamismo de tendência jihadista pode ser refutado. Ao longo da história, os apelos à *jihad* aconteceram sempre que uma comunidade se sentia ameaçada, em posição de fraqueza, em expansão ou procurando consolidar ganhos, e com o objetivo de galvanizar a população. Os jihadistas recorrem a este conceito para declararem guerra a outras comunidades, pelo que o seu estudo permite compreender o modo como aqueles constroem a sua ideologia, e avaliar o contexto e as condições em que recorrem à violência.

Em todas as religiões monoteístas existem injunções polissémicas que dão azo a interpretações militaristas e pacíficas. O trajeto da *jihad* sugere a flexibilidade do termo, pois não constitui um conjunto de regras fixas para a ação perante processos de mudanças políticas e sociais. O Alcorão e os *ahadith* estão repletos de incoerências e contradições, e não contendo uma doutrina sobre a guerra, estiveram na origem da construção de múltiplas interpretações e teorias. Com a codificação das leis a partir do século VIII, nasceu a doutrina clássica sobre o tema, a qual constituiu a legitimação da força para a defesa e expansão do Islão, e ligou a sua persecução à realização da justiça no seio de uma ordem social, à obediência à orientação divina e à eliminação do mal do mundo.<sup>519</sup> Enquanto construção legal e doutrinária, as suas fontes são utilizadas para apoiar pontos de vista diferentes e, por vezes, contraditórios e, ao longo da história, o conceito foi invocado tanto em situações de guerra, como em situações de paz.

---

permaneceram no local em busca do confronto com as autoridades, pois estavam dispostos a lutar até morrer, o que, na perspetiva daqueles, seria justificado religiosamente.

<sup>519</sup> Euben, “Jihad and Political Violence”, p. 369.

A *jihad* pertence à classe de conceitos essencialmente contestados, sendo utilizada, discutida e manipulada por expoentes de todos os quadrantes ideológicos no seio do Islão, tendo em vista legitimar as suas ideias. A definição que cada variante oferece deste termo e da sua prática é, portanto, um reflexo das suas prioridades. A centralidade da *jihad* para o pensamento islamista radical contemporâneo é evidenciada pela afirmação de Qutb de que aquela consiste não numa preocupação temporária, mas numa condição permanente, numa revolução que tem como objetivo a limitação da expansão da *jahiliyya*.<sup>520</sup> Os jihadistas recorrem à *jihad* para legitimarem a sua visão de um mundo em constante conflito e como construção ideológica que visa mobilizar a *ummah* para a luta em nome de uma unidade política fictícia. Embora seja um fator importante, este conceito não determina o comportamento estratégico e tático dos jihadistas, e os desacordos entre estes atores sobre a estratégia ou as táticas a adotar para fazer face a determinadas situações constituem uma prova desta impossibilidade de deduzir um princípio normativo orientador da conduta a ter em caso de conflito e nas relações com outras comunidades. Assim, a força e capacidade de mobilização da *jihad* como ideologia que promove uma forma de ativismo violento depende também de outras condições: a opção pela violência é influenciada por questões políticas, sociais, organizacionais e pessoais. Assim, as leituras contextuais são fundamentais para compreender as circunstâncias que fazem com que a *jihad* exerça efetivamente tração ideológica.

O conhecimento da doutrina também é importante para reconhecer que entre a teoria clássica sobre a guerra – a qual regula conflitos entre Estados, tem regras e métodos definidos e é sancionada pelo Califa – e o Jihadismo contemporâneo ocorreram ruturas e inovações em aspetos fundamentais. Deste modo, aquela tem a vantagem de contribuir para a identificação dos regulamentos que contradizem os jihadistas e desmontar os discursos daqueles, com frequência repletos de referências a acontecimentos históricos, analogias entre o passado e o presente (por exemplo, entre as batalhas travadas pelo Profeta e as batalhas da atualidade) e citações de juristas clássicos e medievais, devido à carga simbólica destes.<sup>521</sup>

---

<sup>520</sup> Peters, *Jihad in Classical and Modern Islam*, p. 160.

<sup>521</sup> O conhecimento da doutrina permite, ainda, desenvolver argumentos críticos de hipóteses académicas como a teoria *huntingtoniana* do choque de civilizações e outras teses que colocam o Islão no centro do terrorismo islamista e representam a *jihad* como guerra permanente para o domínio global do Islão. Neste sentido, podemos afirmar que um dos motivos pelo qual o Islão tem relevância para a discussão em torno do terrorismo islamista reside na sua eventual contribuição para a erosão da infraestrutura conceptual do Islamismo radical.

Tal como aconteceu em anteriores períodos de turbulência, a reinterpretção do conceito de *jihad* pelos islamistas radicais implicou a recuperaçõ de um conjunto de termos relacionados com aquele, como a questõ do martírio; a noçõ de *takfir*, instrumento que legitima a violênciã contra outros Muçulmanos; o método da *hijra*, utilizado como mecanismo estratégico com importantes consequênciãs organizacionais; e o termo *jahiliyya*, o qual no pensamento islamista designa a condiçõ moderna do Islã, corrompido pela ignorânciã dos seus povos, pela apostasia dos seus governantes, pela falsidade e injustiça. Estes termos sãõ úteis à tarefa dos islamistas de análise das condições contemporâneas, formulaçõ de programas de açõ e justificaçõ de posicionamentos assumidos.

Independentemente dos seus objetivos, motivações e acusações, os islamistas de tendênciã radical justificam e legitimam as suas ações como sendo uma resposta ao dever islâmico da *jihad* e procuram na religiãõ uma fonte de apoio moral. Estes dizem aplicar uma interpretaçõ literal das fontes do Islã, embora se verifique um esforço para adaptar os ensinamentos do Livro de modo a corresponder à sua narrativa política e às suas estratégias. Na lei islâmica a *jihad* traduz uma guerra justa e impõe restrições aos *mujahideen*, mas aquelas dificilmente se aplicam aos jihadistas, evidenciando uma descontinuidade entre as duas figuras.<sup>522</sup> Estes pervertem a lei através da construçõ de argumentos que justificam as suas violações das regras da guerra e o recurso à violênciã contra grupos protegidos quer pelas Convenções de Genebra, quer pelo Direito Islâmico Humanitário, e transformam um conceito que é considerado um meio para libertar a comunidade das injustiças, numa finalidade em si mesma e legitimador de terrorismo.<sup>523</sup>

O impacto da reconceptualizaçõ da *jihad* por parte dos jihadistas no contexto das relações internacionais é importante. Apesar das Relações Internacionais enquanto disciplina privilegiar o estudo das relações políticas, sociais e econõmicas entre países, mais recentemente, os islamistas e suas organizações têm ocupado um lugar de destaque na agenda desta. Ao conduzir uma guerra com carâcter assimétrico e imprevisível, estes desrespeitam dois princípios fundamentais do funcionamento da sociedade internacional: o *jus ad bellum* e o *jus in bello*. O conceito de *jihad* está sujeito a uma interpretaçõ e, como constata Roxanne Euben, a utilizaçõ deste conceito pelos atuais jihadistas suaviza

---

<sup>522</sup> Jihadista é um termo recente e abrangente, denominando um crente e praticante do Jihadismo, o qual, aspirando à condiçõ de combatente da *jihad*, a sua visãõ desta como objetivo em si e o seu desrespeito pelas normas que regem aquele dever impedem a sua elevaçõ à condiçõ de *mujahid*. Este último é aquele que conduz a *jihad* no sentido clássico, ou seja, pela defesa da *ummah* e dos Islã. O jihadista difere do *mujahid* noutro aspecto fundamental: este último pratica a *jihad* no sentido físico, participando em batalhas; o primeiro, sendo rigoroso na sua defesa da militânciã em nome da *jihad*, nem sempre se envolve em atividades bélicas, mas, como veremos, encontra outras formas de manifestar o seu ativismo.

<sup>523</sup> Bruno Étienne, *L'Islamisme Radical*, Paris, Hachette, 1987, p. 181.

as distinções entre luta defensiva e ofensiva, palco nacional e palco internacional, inimigos próximos e longínquos.<sup>524</sup>

---

<sup>524</sup> Euben, “In Praise of Disorder: The Untidy Terrain of Islamist Political Thought”.



### **III – Novas dinâmicas do Jihadismo global: evolução ideológica, estratégica e organizacional.**

#### **4. Impacto dos acontecimentos internacionais no Jihadismo global**

##### 4.1. Objetivo do capítulo

Os fenômenos políticos e sociais resultam de complexos processos de interação entre oportunidades políticas e culturais, circunstâncias históricas, disponibilidade de recursos e motivações dos atores. A globalização do Jihadismo teve origem num contexto geopolítico específico, mas como qualquer outra ideologia ou movimento foi-se adaptando de modo sistemático às novas realidades e circunstâncias globais.

Para compreendermos o comportamento dos movimentos é necessário dar atenção às condições sociopolíticas e históricas que os sustentam, assim como às capacidades e objetivos organizacionais: estas fomentam importantes desenvolvimentos a nível de pensamento ideológico e na evolução da narrativa, e contribuem para a mobilização dos atores. De igual modo, é fundamental não menosprezar o processo emocional do Jihadismo para os agentes, ideia em consonância com a própria flexibilidade ideológica do movimento: os indivíduos aderem ao Jihadismo em resultado de um processo cognitivo, o qual encontra na ideologia uma explicação para as suas inquietações e aspirações defraudadas, mas também de um processo emocional, o qual enfatiza a camaradagem, a existência de uma identidade comum, um sentimento de pertença, a ideia de aventura e a perspetiva de viver uma vida islâmica através do recurso a determinados símbolos e elementos socioculturais.

Nesta parte da dissertação traçamos a evolução da ideologia e do movimento jihadista global, através da condução de uma análise dos processos políticos e históricos e das dinâmicas e estratégias organizacionais. Neste capítulo tentamos demonstrar que a ideologia e a estratégia do Jihadismo global evoluíram na sequência de um conjunto de acontecimento que afetaram o mundo muçulmano – conflitos, revoltas e das intervenções ocidentais no mundo muçulmano –, os quais também estiveram na origem de novas configurações organizacionais. Argumentamos que estes contribuíram para uma transformação e reinterpretação do pensamento ideológico e conduziram a adaptações, e em alguns casos, a novas visões estratégicas, intensificando os debates e as divergências no seio desta tendência.

Como veremos na terceira parte desta tese, o modo como os acontecimentos e problemáticas geopolíticas são descritas e enquadradas pelos jihadistas têm um profundo impacto no panorama europeu: podem dar origem a processos de radicalização e à aproximação a grupos domésticos de cariz extremista; constituem uma oportunidade para a mobilização coletiva e individual para aquilo que é percecionado como *jihads* defensivas; colocam na mira dos jihadistas quer os países com políticas externas mais ativas e que participam em intervenções militares, como aqueles países que adotam políticas e leis tidas como ofensivas para as respetivas comunidades muçulmanas; a participação de Europeus naqueles conflitos constitui uma oportunidade para a aquisição de competências militares e para aprofundar o seu compromisso ideológico; estes voluntários no seio de organizações externas podem dar origem a redes de veteranos, os quais podem, por sua vez, contribuir para alimentar a narrativa de heroísmo em campo de batalha e a criação de modelos para os mais jovens.

#### 4.2. Evolução da narrativa jihadista global

Apesar do termo ideologia remeter para ideias fixas, objetivas e coerentes, o Jihadismo revela um corpo teórico em constante mutação, com algum grau de maleabilidade e muitas ambiguidades, o que se reflete nas discrepâncias entre teoria e prática jihadista.

Ao oferecerem uma forma alternativa de racionalidade enraizada na cultura, a qual é utilizada para interpretar e enquadrar eventos locais e encorajar estrategicamente alguns tipos de ações particulares, através do fornecimento de justificações e incentivos, as narrativas são recursos importantes que permitem influenciar uma determinada audiência. O poder da narrativa provém do facto de aquela fazer sentido para a audiência a quem se destina, enquanto tenta cativar uma audiência mais abrangente para a adesão a um movimento.<sup>525</sup> Schmid fala em narrativa única jihadista, a qual é “uma estrutura unificadora de explicações que fornece aos seguidores um retrato emocionalmente satisfatório do mundo em que vivem e o seu papel neste, oferecendo-lhes um sentido de identidade.”<sup>526</sup> Esta narrativa é utilizada como instrumento de propaganda, e através do apelo à solidariedade da comunidade e do regresso à época dourada do Islão, tem o

---

<sup>525</sup> Steven Corman, “Understanding the Role of Narrative in Extremist Strategic Communication”, in Laurie Fenstermacher and Todd Leventhal (eds.), *Countering Violent Extremism: Scientific Methods and Strategies*, Washington, D.C., NSI Inc., 2011, p. 42.

<sup>526</sup> Alex P. Schmid, *Al-Qaeda's "Single Narrative" and Attempts to Develop Counter-Narratives: The State of Knowledge*, ICCT Research Paper, The Hague, International Centre for Counter-Terrorism, January 2014, p. 5.

objetivo de manipular e alterar comportamentos e, neste sentido, a sua construção é vital para a sobrevivência do movimento.

A narrativa dos jihadistas globais tem a *ummah* como referência, contribuindo para a formação de uma identidade comum e, sempre que esta é percebida como estando sob ameaça, oferece oportunidades para o ativismo. Aquela foi construída em torno da ideia da humilhação e opressão do mundo muçulmano pelo Ocidente, ou seja, defende que a fraqueza, sofrimento e vitimização dos Muçulmanos é consequência direta das agressões norte-americanas e dos seus aliados. Porém, esta narrativa foi-se tornando mais complexa em resultado de vários desenvolvimentos políticos e internos ao próprio movimento.

Os jihadistas utilizam os conflitos que envolvem os Muçulmanos para alimentar a ideia de oposição entre Islão e Ocidente, elemento central para a lógica da *jihad* global. Contudo, aqueles também começaram a procurar explorar as tensões sectárias no mundo muçulmano, passando a incluir uma suposta ameaça à comunidade sunita por parte dos Xiitas. A organização Estado Islâmico, desafiando a narrativa inicial, veio introduzir um novo elemento: a obrigação de lutar pela defesa do Califado e do modo de vida verdadeiramente islâmico, oferecendo uma ideia de força e vitalidade da comunidade, o que conduziu à revitalização do Jihadismo global. O sucesso desta mensagem deve-se tanto às suas repercussões a nível local, como à atração pela ideia de um Califado, o qual é real e concreto e não apenas um projeto utópico promovida pela al-Qaeda.

Os jihadistas interpretam os eventos mundiais como resultado de uma luta entre o Bem e o Mal, com a finalidade de produzir um efeito mobilizador, desumanizar o Outro e culpar a vítima pelo próprio destino. A aceitação da violência por parte dos jihadistas pode ser compreendido como resultado de uma inversão do sentido de moral individual, pois estes encontram justificações válidas para os seus atos imorais, minimizando os efeitos nocivos das suas ações, um processo que Bandura designa de “desengajamento moral”.<sup>527</sup>

Por um lado, a integração de conceitos e tradições teológicas na narrativa jihadista visa justificar e legitimar o recurso à violência com os símbolos e a linguagem do Islão, tentando estabelecer uma ligação entre a religião do Islão e os problemas contemporâneos que afetam a comunidade muçulmana. Por outro lado, a referência a questões reais que são motivo de queixa e de preocupação para a generalidade dos Muçulmanos – como a

---

<sup>527</sup> Albert Bandura, “Selective Moral Disengagement in the Exercise of Moral Agency”, *Journal of Moral Education*, vol. 31, n.º 2, 2002, pp. 101-119.

Palestina, os conflitos locais, as intervenções militares externas e o apoio a governos corruptos – dá credibilidade à narrativa jihadista, promovem uma forte identificação com a *ummah* e com o sofrimento dos Muçulmanos, pelo que a mensagem pode ter eco entre alguns sectores populacionais muçulmanos, embora a maioria daqueles rejeitem as táticas adotadas.

#### 4.3. As primeiras batalhas e o reforço da narrativa

Como descrevemos na introdução ao nosso objeto de estudo, após o final da *jihad* afegã, alguns combatentes estrangeiros regressaram aos seus países a fim de retomarem as suas vidas ou lutar contra os regimes domésticos; outros procuraram refúgio em certos países, onde, por vezes, desempenharam o papel de agentes radicalizadores junto de novos elementos; e um conjunto de veteranos, não podendo regressar ou decididos a continuar o seu ativismo, procuraram transformar conflitos que envolvessem Muçulmanos em novas frentes de *jihad*.

Com o desmembramento da Jugoslávia e a guerra nos Balcãs, onde se inclui os conflitos na Bósnia, entre 1992 e 1995, e no Kosovo, entre 1998 e 1999, as atrocidades cometidas contra as populações muçulmanas ajudaram a difundir a narrativa da suposta conspiração ocidental que visava subjugar e destruir o mundo islâmico e os Muçulmanos.<sup>528</sup> Apesar do conflito bósnio ser de natureza étnica e de não ter usufruído dos mesmos recursos da guerra afegã, os jihadistas apresentaram-no como uma luta pela sobrevivência da própria civilização islâmica e tentaram divulgar a sua própria versão da teoria do choque civilizacional. Esta agressão ocidental contra os Muçulmanos tornava o conflito numa *jihad* defensiva, tendo contribuído para a mobilização de um contingente que alguns autores estimam ter atingido 5000 combatentes estrangeiros, enquanto outras apresentam um número entre 1000 e 2000.<sup>529</sup> Numa primeira fase, verificou-se a mobilização de indivíduos motivados pelas imagens do conflito e pela ideia de defender os Muçulmanos vítimas da perseguição. Posteriormente, começaram a entrar no território muitos Árabes provenientes do Afeganistão e com ligações a movimentos islamistas. Este conflito foi importante para a radicalização de muitos Muçulmanos europeus, alguns dos

---

<sup>528</sup> Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia*, p. 33.

<sup>529</sup> Evan F. Kohlmann, *Al-Qaida's Jihad in Europe. The Afghan-Bosnian Network*, Oxford, Berg, 2004, p. xii; Hegghammer, "The Rise of Muslim Foreign Fighters", p. 61.

quais se mobilizaram pela primeira vez, embora em número reduzido se comparado com o número total de combatentes estrangeiros no território.

Os conflitos na Chechénia e nas repúblicas da Ásia Central, como o Tajiquistão, foram outra das consequências da desintegração da União Soviética, acontecimento que motivou a libertação de tensões étnicas e religiosas na periferia daquele território e conduziu à afirmação de várias identidades até então reprimidas. A luta na Chechénia era de natureza étnica e nacionalista, mas os grupos rebeldes procuraram resistir à ocupação russa invocando a *jihad* como forma de legitimação das suas ações. Apesar de raramente se cometerem atos de violência contra alvos ocidentais, a guerra naquele território foi utilizada para solidificar a narrativa pan-islamista ao ser descrita como mais uma cruzada dos infiéis contra o Islão e os Muçulmanos.<sup>530</sup>

O conflito checheno é mais corretamente descrito como uma *jihad* no sentido clássico, na medida em que opõe a população muçulmana local a ocupantes externos. A sua capacidade de mobilização de voluntários estrangeiros, especialmente Árabes, foi importante já que uma luta de carácter irredentista é significativamente menos controversa do que uma luta contra um regime doméstico.<sup>531</sup> Esta mobilização foi mais evidente durante o primeiro conflito entre os rebeldes independentistas e Russos entre 1994 e 1996, já que durante a segunda guerra, a partir de 1999, os Russos praticamente isolaram o país.<sup>532</sup> Outro fator que pode ter contribuído para uma menor afluência de estrangeiros durante o segundo conflito foi a obstrução dos próprios chechenos, os quais terão rejeitado a entrada de mais combatentes.<sup>533</sup> A partir de 1995, calcula-se que se tenham deslocado para aquele território entre 200 e 300 indivíduos, sobretudo de países árabes, Turquia e alguns oriundos da Europa.<sup>534</sup> Apenas uma minoria daqueles terá regressado vivo aos países de origem.<sup>535</sup>

Deve ainda ser referido que a ligação entre questões locais e globais no caso da Chechénia foi alimentada pela criação de campos de treino em táticas de guerrilha na região durante o período entre os dois conflitos, os quais atraíram jovens militantes dos países daquela área, do Médio Oriente e da Europa;<sup>536</sup> pela deslocação de muitos

---

<sup>530</sup> Lorenzo Vidino, *Al Qaeda in Europe: The New Battleground of International Jihad*, New York, Prometheus Books, 2006, p. 205.

<sup>531</sup> Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia*, p. 55.

<sup>532</sup> *Id.*, p. 56.

<sup>533</sup> Cerwyn Moore, Paul Tumelty, "Foreign Fighters and the Case of Chechnya: A Critical Assessment", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 31, n.º 5, 2008, p. 421.

<sup>534</sup> Hegghammer, "The Rise of Muslim Foreign Fighters", p. 61.

<sup>535</sup> *Id.*, p. 63.

<sup>536</sup> Brian G. Williams, 'Allah's Foot Soldiers. An Assessment of the Role of Foreign Fighters and Al-Qa'ida in the Chechen Insurgency', in Moshe Gammer (ed.), *Ethno-Nationalism, Islam and the State in the Caucasus: Post-Soviet Disorder*, London, Routledge, 2008, pp. 163-168.

combatentes daquela parte para as regiões tribais do Paquistão; e, mais recentemente, pelas viagens para o palco sírio de muitos Chechenos para participarem na guerra civil. Doku Umarov, o líder do Emirado do Cáucaso falecido em 2014, também contribuiu para alinhar a causa chechena com a narrativa do Jihadismo global, tendo em vista a construção de um Emirado na região do Cáucaso.<sup>537</sup>

No caso da província indiana de Caxemira, a insurreição a favor da autodeterminação do território iniciada em 1989, também passou a ser descrita numa linguagem conotada com a prática da *jihad*: o conflito é hoje apresentado como um imperativo islâmico e como uma luta pela comunidade muçulmana. As diferenças entre os grupos indígenas de Caxemira e os promotores da ideologia da *jihad* global foram-se esbatendo em resultado de considerações estratégicas e organizacionais. Entre 1997 e 2000, entraram naquele território não mais de 100 indivíduos (algumas estimativas indicam apenas 20 indivíduos), a fim de participarem em combates ou receber treino paramilitar em campos criados por organizações insurgentes de natureza islamista radical.<sup>538</sup>

Outro conflito proeminente na retórica inicial jihadista foi a guerra civil na Somália, a qual teve início em 1991 com o colapso do governo, e cuja intervenção humanitária das Nações Unidas, em 1993, foi definida por Bin Laden como mais uma violação de território muçulmano e uma tentativa para o estabelecimento de uma base a partir da qual se invadiria o Médio Oriente.<sup>539</sup> A al-Qaeda tentou infiltrar-se no território e instrumentalizar o conflito, mas sem grande sucesso: entre 1992 e 2005, este conflito terá atraído não mais de 50 combatentes, provenientes sobretudo da Arábia Saudita e do Egipto. Após 2006, o conflito adquiriu outros contornos com a criação da al-Shabaab e a intervenção da Etiópia, as quais contribuíram para aumentar a entrada de estrangeiros naquele país, muitos dos quais provenientes da diáspora somali nos EUA e na Europa.

A questão palestiniana também é importante para os jihadistas globais e a situação e sofrimento dos Palestinos têm sido uma referência constante nos textos jihadistas até aos nossos dias.<sup>540</sup> Alguns comentadores defendem que os jihadistas começaram a utilizar a causa palestiniana hipocritamente e apenas numa fase tardia, mais concretamente após

---

<sup>537</sup> Frank Cilluffo, Magnus Ranstorp and Jeffrey B. Cozzens, *Foreign Fighters: Trends, Trajectories and Conflict Zones*, Washington, DC, George Washington University, Homeland Security Policy Institute, 2010, p. 19.

<sup>538</sup> Hegghammer, "The Rise of Muslim Foreign Fighters", p. 61.

<sup>539</sup> Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia*, p. 53; Sageman, *Understanding Terror Networks*, p. 40.

<sup>540</sup> A relação dos jihadistas globais com a questão palestiniana é controversa e exige vários níveis de análise: organizacional, analisando a existência de ligações entre organizações locais e organizações que atuam globalmente; motivacional, avaliando se e como os acontecimentos na Palestina originam um sentimento de simpatia e solidariedade entre não palestinos; histórica, traçando o impacto e o modo como o conflito afetou o desenvolvimento do Jihadismo global.

os atentados de 2001.<sup>541</sup> Um dos argumentos destes críticos é que a organização nunca adotou o estado de Israel ou os seus interesses como prioridades operacionais, nem nunca procurou transformar a Palestina no seu objetivo político mais urgente.<sup>542</sup> Porém, uma análise cuidadosa da literatura mostra-nos que a Palestina é um tema importante na narrativa e na ideologia dos jihadistas globais, representando para estes um modelo de como os Muçulmanos são tratados pelo resto do mundo.<sup>543</sup> A procura da palavra Palestina na compilação de Hegghammer para o Norwegian Defence Establishment já aqui referida produz 158 resultados e, de acordo, com este autor, a maioria dos vídeos de recrutamento da al-Qaeda inclui imagens da Palestina.<sup>544</sup>

Um dos motivos que contribuiu para a hostilidade sentida relativamente aos EUA e, mais geralmente, ao Ocidente é precisamente o apoio concedido à criação do estado israelita e a perceção de que Israel goza da total proteção daqueles. Segundo a Comissão de investigação aos atentados de Setembro de 2001, Khalid Sheikh Muhammed atribuiu a sua animosidade para com os EUA ao favorecimento de Israel por parte da política externa americana.<sup>545</sup> O pensamento de ideólogos como Abdullah Azzam ou Abu Qatada, ambos palestinianos, foi profundamente marcado pelas suas experiências biográficas e pelo desenrolar dos acontecimentos naquele território. A nível dos simpatizantes ou dos escalões inferiores no seio de organizações e grupos jihadistas, a questão da Palestina induz aberturas cognitivas, constituindo um fator de motivação, radicalização e recrutamento importante: sendo um dos principais símbolos de sofrimento dos Muçulmanos, esta questão desperta e contribui para um sentimento de humilhação coletiva.<sup>546</sup>

Embora as recentes transformações que afetaram o Jihadismo possam ter contribuído para aumentar as incertezas em torno daquilo que a Palestina representa para os jihadistas transnacionais, este tema continua relevante. A al-Qaeda na Península Arábica (AQPA) apelou aos Muçulmanos de países como a Dinamarca, Holanda, Reino

---

<sup>541</sup> De acordo com Michael Scott Doran, “a Palestina como símbolo tem uma natureza protéica, a capacidade para expressar queixas sem qualquer relação com as aspirações dos próprios palestinianos.” (Michael Scott Doran, “Palestine, Iraq, and the American Strategy”, *Foreign Affairs*, vol. 82, n.º 1, January/February 2003, pp. 19-33.) Olivier Roy também não considera a luta palestiniana como uma causa importante para o Jihadismo global. (Club de Madrid, *Addressing the Causes of Terrorism: The Club de Madrid Series on Democracy and Terrorism*, vol. 1, Madrid, 8-11 March 2005, p. 37.)

<sup>542</sup> Matthew Levitt, “Al Qaeda Targeting Israel: Between Rhetoric and Reality”, *Orbis*, vol. 54, n.º 3, 2010, pp. 413-425.

<sup>543</sup> Riedel, *op. cit.*, pp. 11-12; Thomas Hegghammer, “Palestine og global jihad”, *Babylon*, vol. 2, n.º 2, October 2004; Thomas Hegghammer and Joas Wagemakers, “The Palestine Effect: The Role of Palestinians in the Transnational Jihad Movement”, *Die Welt des Islams*, vol. 53, n.º 3-4, 2013, pp. 281-314.

<sup>544</sup> Thomas Hegghammer, “Osama bin Laden’s true priorities”, *The Guardian*, 3 December 2007, <http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2007/dec/03/osamabinladenstruepriorities> (data de último acesso: 12 de dezembro de 2012.)

<sup>545</sup> *The 9/11 Commission Report*, p. 147

<sup>546</sup> Hegghammer and Wagemakers, “The Palestine Effect”, pp. 291-292.

Unido, França, Alemanha, Canadá, EUA e Austrália que atacassem os seus países, pois os seus “governos e os sentimentos públicos apoiam a ocupação israelita da Palestina, a invasão americana do Afeganistão e do Iraque ou países que tenham tido um papel proeminente na difamação de Maomé.”<sup>547</sup> O primeiro número da mais recente publicação em língua inglesa da al-Qaeda, *Resurgence*, apresenta alguns “passos práticos para a libertação da Palestina”, sendo possível ler que a “única resposta justa para a *questão* palestina é a remoção de *Israel* na sua totalidade e a recuperação de *toda* a Palestina muçulmana *pelos* Muçulmanos e *para* os Muçulmanos.”<sup>548</sup>

De igual modo, uma análise das conspirações jihadistas na Europa revelam que a adoção de alvos e símbolos judaicos por parte de células e indivíduos tem sido uma constante até aos nossos dias.<sup>549</sup> Portanto, não existindo uma ligação organizacional entre os jihadistas globais e organizações locais, existe uma ligação de natureza motivacional entre o que acontece no território palestino e as ações dos jihadistas globais.

#### 4.4. A guerra no Afeganistão, a invasão do Iraque e a introdução de incongruências ideológicas e estratégicas

A invasão do Afeganistão, em 2001, mas especialmente o conflito no Iraque, a partir de 2003, motivaram uma importante evolução no seio do Jihadismo. Ao fornecer um novo palco para onde muitos jihadistas foram atraídos, o conflito no Iraque induziu novos debates no seio da comunidade jihadista, provocando importantes desenvolvimentos ideológicos, um novo ambiente estratégico e transformações organizacionais relevantes. Após a perda do santuário no Afeganistão, a intervenção no Iraque foi considerada uma oportunidade para a revigoração operacional do movimento jihadista e um campo de ensaio para novas táticas, as quais, contudo, se revelariam danosas para a reputação dos jihadistas.

A invasão deste país no coração do mundo islâmico teve um profundo impacto nas sensibilidades dos Muçulmanos a nível global e contribuiu para inflamar o anti-americanismo naquela parte do globo, alimentando a narrativa jihadista da guerra ocidental ao Islão e do sofrimento e humilhação da *ummah* às mãos de agressores

---

<sup>547</sup> Yahya Ibrahim, “The Ultimate Mowing Machine”, *Inspire*, n.º 2, Al-Malahem Media Production, Autumn 2010, p. 54.

<sup>548</sup> Adam Yahye Gadahn, “Besiege Them!”, *Resurgence*, n.º 1, As-Sahab Media, Autumn 2014, p. 48.

<sup>549</sup> Para estas conspirações ver tabela no final da tese. Destacamos as mais recentes: o ataque de Mehdi Nemmouche ao Museu Judaico de Bruxelas, em maio de 2014; a invasão e sequestro do supermercado kosher, em Paris, por parte de Amedy Coulibaly, em janeiro de 2015; o ataque a uma sinagoga em Copenhaga, por Omar Abdel Hamid el-Hussein, em fevereiro de 2015.



externos.<sup>550</sup> Deste modo, o conflito iraquiano forneceu uma possibilidade para unificar fações ideológicas dispersas em torno de um objetivo comum. Os debates e divergências na comunidade jihadista causadas pelo ataque aos EUA, em 2001, deram lugar a um consenso em torno da ideia de resistir à intervenção americana no Iraque e a ideia de *ummah* foi promovida, não apenas como a comunidade dos crentes a nível mundial, mas como uma unidade política, beneficiando de recursos como a Internet.<sup>551</sup>

A questão iraquiana é ainda mais profunda, na medida em que a prossecução da *jihad* naquele território pode encontrar justificação na lei islâmica e nas normas do *jus ad bellum*, segundo as quais as invasões e ocupações militares de territórios muçulmanos requerem a participação dos Muçulmanos capazes de lutar pela libertação das terras do Islão. A representação da insurgência no Iraque como um dever individual pela defesa de um território muçulmano tornou a ideia de luta contra os invasores americanos numa questão de justiça e deu aos jihadistas globais a oportunidade para reformularem o conflito neste território em termos de uma *jihad* clássica. O poder mobilizador deste argumento terá sido aumentado pelo facto de muitos clérigos sunitas, entre os quais Yusuf al-Qaradawi, terem supostamente declarado a *jihad* contra os Americanos naquele país como tendo uma natureza defensiva e, portanto, sendo legítima.<sup>552</sup>

O apelo emotivo a uma *jihad* defensiva no Iraque contribuiu para a radicalização política e recrutamento de muitos jovens muçulmanos europeus, a partir de 2003. Apesar da controvérsia que esta afirmação tende a gerar entre a comunidade académica, este conflito tornou a Europa e, especialmente os países que tinham participado na invasão, em alvos dos jihadistas, como atesta o número de conspirações, sobretudo entre 2003 e 2006, que tiveram como fator motivacional o conflito iraquiano.<sup>553</sup>

---

<sup>550</sup> De acordo com um inquérito conduzido para a Zogby International, em março 2003, altura da invasão norte-americana, as opiniões positivas dos EUA situavam-se nos 4% na Arábia Saudita, nos 6% em Marrocos e na Jordânia, 13% no Egipto e nos 32% no Líbano. Shibley Telhami, *A View from the Arab World: A Survey in Five Countries*, The Brookings Institution, Washington, March 2003, <http://www.brookings.edu/~media/research/files/reports/2003/3/middleeast%20telhami/survey20030313> (data de último acesso: 24 de maio de 2011).

<sup>551</sup> Reuven Paz, "The Impact of the War in Iraq on the Global Jihad", in Hillel Fradkin, Husain Haqqani e Eric Brown (eds.), *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 1, Washington, D.C., Hudson Institute, 2005, p. 40.

<sup>552</sup> The Middle East Media Research Institute, *Sheikh Yousuf al-Qaradawi: Resistance in Iraq is a Duty of Every Muslim*, Special Dispatch n.º 828, 14 December 2004, <http://www.memri.org/report/en/0/0/0/0/0/1275.htm> (data de último acesso: 22 de maio de 2007). Também a Universidade de al-Azhar e o Sheikh Muhammed Sayyed Tantawi foram acusados de emitir éditos relativamente à legitimidade da *jihad* e à obrigação individual dos Muçulmanos de lutar contra as forças da coligação no Iraque. (Bergen, *The Osama bin Laden I Know*, pp. 350-351.) Estes posicionamentos contrastam com as condenações, por parte destes mesmos académicos religiosos, dos ataques de Setembro de 2001. Aliás, pouco após este acontecimento, al-Qaradawi assinou uma *fatwā* em conjunto com outros clérigos, onde se declarava que os Muçulmanos que serviam no exército norte-americano poderiam participar na invasão do Afeganistão. O texto desta *fatwā* pode ser encontrado em [http://www.unc.edu/~kurzman/Qaradawi\\_et\\_al.htm](http://www.unc.edu/~kurzman/Qaradawi_et_al.htm) (data de último acesso: 22 de abril de 2014).

<sup>553</sup> De acordo com um estudo conduzido por Bergen e Cruickshank, os ataques contra os interesses e cidadãos ocidentais fora do palco de conflito iraquiano e afegão aumentaram cerca de 25%. Peter Bergen and Paul Cruickshank, "The Iraq Effect: War Has Increased Terrorism Sevenfold Worldwide", *Mother Jones*, 1-6, March /April 2007, <http://www.motherjones.com/politics/2007/03/iraq-101-iraq-effect-war-iraq-and-its-impact-war-terrorism-pg-1> (data de último acesso: 13 de maio de 2010).

Este conflito também introduziu novos debates relacionados com estratégia e as táticas a utilizar para derrotar as forças ocupantes: alguns defenderam que a luta se deveria concentrar no palco iraquiano, o qual era relativamente fácil de alcançar; outros acreditavam que se deveriam alargar as frentes de batalha e transpor o conflito para outros palcos. Houve, ainda, quem referisse a obrigação de lutar contra os Americanos e os seus interesses onde quer que aqueles se encontrassem.<sup>554</sup>

Do ponto de vista estratégico, o conflito no Iraque provocou a deslocação da luta das terras do inimigo para o coração do mundo muçulmano, o que levou os jihadistas globais a produzirem declarações contra os próprios regimes árabes.<sup>555</sup> Assim, a prioridade passou a ser derrotar o inimigo nas terras islâmicas, expulsando-o, a fim de recuperar o território e criar bases seguras para futuras operações na região e no mundo: o Iraque seria a primeira etapa para a purificação do mundo muçulmano de todas as influências infiéis.<sup>556</sup> Numa carta de julho de 2005, enviada por al-Zawahiri a al-Zarqawi, líder da facção da al-Qaeda no Iraque (AQI), aquele identifica as seguintes fases da *jihad* no Iraque: a expulsão dos Americanos do país; o estabelecimento de uma autoridade islâmica, desenvolvendo-a até aquela se assumir como um Califado; a disseminação da vaga jihadista para os países vizinhos; e, por fim, o confronto com Israel.<sup>557</sup> Os jihadistas estabelecem, deste modo, uma ligação entre o confronto no Iraque e a libertação da Palestina, tentando colmatar as críticas relativas à sua inércia no palco israelo-palestiniano.<sup>558</sup>

Outra transformação estratégica relevante foi o facto de a luta ter adquirido uma dimensão sectária, com a transformação da comunidade xiita em alvo dos jihadistas. Profundamente anti-xiita, al-Zarqawi teria como objetivo provocar um conflito civil com o objetivo de se assumir como líder da comunidade sunita, mas esta estratégia não foi bem acolhida entre os líderes e os principais ideólogos jihadistas.<sup>559</sup> Al-Zawahiri criticou

---

<sup>554</sup> Shaykh Nasir ibn Hamad al-Fahd, *Rul'ing on Fighting Americans Outside Iraq*, At-Tibyaan Publications, 10 April 2003.

<sup>555</sup> Hegghammer, "The Ideological Hybridization of Jihadi Groups", p. 33.

<sup>556</sup> Hegghammer, "Global Jihadism after the Iraq War", p. 30; Paz, "The Impact of the War in Iraq on the Global Jihad", p. 40.

<sup>557</sup> Ayman al-Zawahiri, *al-Zawahiri letter to al-Zarqawi* (Tradução Inglesa), 9 de Julho de 2005, The Combating Terrorism Center at West Point, New York, Outubro de 2005, disponível em <https://www.ctc.usma.edu/posts/zawahiris-letter-to-zarqawi-english-translation-2> (data de último acesso: 9 de novembro de 2010).

<sup>558</sup> Steven Brooke, "Strategic Fissures: The Near Enemy and Far Enemy Debate", Assaf Moghadam e Brian Fishman (eds.), *Self-Inflicted Wounds: Debates and Divisions within al-Qa'ida and its Periphery*, The Combating Terrorism Center, West Point, New York, December 2010, pp. 61-62. Note-se que uma das razões pelas quais os jihadistas globais nunca conseguiram penetrar no território palestino e assumirem-se como um ator relevante, pode ser explicado pelo papel do HAMAS e pelos seus objetivos nacionalistas naquele palco, os quais contradizem a agenda transnacional dos jihadistas globais. Aquela organização assume-se como o ator principal na contestação a Israel e o seu ativismo islamista retira espaço de manobra aos salafistas-jihadistas.

<sup>559</sup> Sandra Liliana Costa, "As Novas Tendências do Pensamento Islamista e as Redes Radicais Jihadistas", in Maria do Céu Pinto, *O Islão na Europa Face ao Islão Global: Dinâmicas e Desafios*, Loures, Diário de Bordo Editores, 2012, p. 203. Al-Zarqawi estava convencido de que os Xiitas, os quais representavam um perigo político para a comunidade sunita e para o Islão em geral, colaboravam com as forças americanas e que pretendiam tomar o poder para submeterem os Sunitas. Face às críticas de que é alvo por parte de vários jihadistas por causa destes ataques indiscriminados, note-se a preocupação demonstrada por al-Zarqawi para não ser acusado de *bid'a*, uma prática que é tabu para os Salafistas, salientando que o ataque contra populações xiitas foi utilizado como tática legítima

esta abordagem e aconselhou al-Zarqawi a optar por ações de carácter político.<sup>560</sup> Al-Maqdisi, um dos ideólogos contemporâneos mais importantes no universo jihadista<sup>561</sup> e antigo mentor de al-Zarqawi, também se insurgiu contra os ataques indiscriminados contra Xiitas.<sup>562</sup> Apesar de terem opiniões negativas em relação aos Xiitas, aqueles reconhecem que a transformação destes em alvos dos jihadistas seria um perigo para a *ummah*.

Estes autores também criticaram o recurso a táticas de extrema violência, as quais contribuíram para a brutalização daquele conflito e para a crescente alienação dos Muçulmanos. Os raptos e decapitações de reféns, atos filmados e divulgados pela Internet, os ataques suicidas, as explosões de veículos armadilhados, a sabotagem de terminais petrolíferos, os assassinatos de supostos colaboradores do governo iraquiano e sobretudo a morte de civis inocentes foram danosos para a reputação dos jihadistas. Os combatentes estrangeiros que para ali se deslocaram contribuíram para a difusão destas táticas. Al-Maqdisi considerou estas práticas inúteis, questionando a sua legitimidade islâmica, e durante uma entrevista na *al-Jazeera*, em julho de 2005, aconselhou o seu antigo discípulo a alterar os seus métodos e a deixar de atacar outros Muçulmanos.<sup>563</sup> Apesar de considerar que os ataques suicidas são métodos legítimos para lutar contra o inimigo, este ideólogo critica o raciocínio legal utilizado pelos jihadistas no Iraque para justificarem aquela tática, pois na sua perspetiva existe uma diferença fundamental entre danos colaterais e a morte intencional de mulheres e crianças muçulmanas.<sup>564</sup>

Para legitimar a violência contra outros Muçulmanos, os militantes radicais no Iraque procederam a uma readoção e aplicação de modo abrangente da doutrina *takfir*, a

---

por líderes muçulmanos anteriores quando confrontados com revoltas. Nibras Kazimi, "Zarqawi's Anti-Shi'a Legacy: Original or Borrowed?" in Hillel Fradkin, Husain Haqqani, Eric Brown (eds.), *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 4, Washington, D.C., Hudson Institute, 2006, p. 55.

<sup>560</sup> al-Zawahiri, *al-Zawahiri letter to al-Zarqawi*.

<sup>561</sup> Ver, por exemplo, McCants and Brachman (eds.), *The Militant Ideology Atlas - Executive Report*, The Combating Terrorism Center, West Point, New York, November de 2006, p. 8.

<sup>562</sup> Para mais sobre a relação entre al-Zarqawi e al-Maqdisi, ver Steven Brooke, "The Preacher and the Jihadi," in Hillel Fradkin, Husain Haqqani and Eric Brown (eds.), *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 3, Hudson Institute, 2006, pp. 52-66; Jean-Charles Brisard, Damien Martinez, *Zarqawi: The New Face of Al-Qaeda*, Cambridge, Polity Press, 2005; Lahoud, *The Jihadis' Path to Self-Destruction*, pp. 23-24, 142-143, 204-205, 240.

<sup>563</sup> Joas Wagemakers, possivelmente o maior especialista ocidental sobre o pensamento de al-Maqdisi, defende que as críticas por parte deste ideólogo constituem uma tentativa de reafirmar a sua autoridade académica relativamente à prática da *jihad*, a qual ajudou a promover, purificando-a e protegendo-a de más influências. Porém, estas foram interpretadas por alguns jihadistas como um sinal de revisionismo das suas antigas opiniões. Esta polémica entre al-Maqdisi e membros de uma geração mais jovem e menos educada reflete, de certo modo, a tensão existente entre os académicos religiosos que se esforçam por manter fiéis a alguns dos princípios da *jihad*, rejeitando certas práticas danosas para o conceito, e indivíduos com experiência em combate, mas sem qualquer instrução religiosa, os quais consideram que tudo é permitido em nome da causa. Joas Wagemakers, "Reclaiming Scholarly Authority: Abu Muhammed al-Maqdisi's Critique of *Jihadi* Practices", *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 34, n.º 7, 2011, pp. 523-539.

<sup>564</sup> Joas Wagemakers, "Abu Muhammed al-Maqdisi: A Counter-Terrorism Asset?", *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 6, Combating Terrorism Center at West Point, May 2008, p. 9. Note-se que a brutalidade do conflito iraquiano contribuiu também para cimentar a tendência revisionista no interior do Jihadismo. Rejeitando os ataques indiscriminados baseados em diferenças sectárias e considerando a violência contra civis muçulmanos uma violação da lei da *jihad*, algumas figuras emblemáticas, como o já mencionad Dr. Fadl, decidiram rever os seus antigos posicionamentos, racionalizando a prática da *jihad*. Fawaz A. Gerges, *The Rise and Fall of Al-Qaeda*, Oxford, Oxford University Press, 2011, pp. 121-122.

qual, como a história demonstrou, tem efeitos gravosos para as organizações que a ela recorrem.<sup>565</sup> Até àquela data, esta tinha sido mais ou menos negligenciada pelos jihadistas globais considerando que a primeira fase da sua luta era contra a aliança cruzada-sionista e não contra outros Muçulmanos.<sup>566</sup> Com a deslocação da luta contra os EUA para o palco muçulmano, os jihadistas operacionalizam o princípio *al-wala' wa-l-bar'a*, estabelecendo que aqueles Muçulmanos que supostamente colaborassem com os Americanos ou com outros infiéis seriam tratados como inimigos combatentes e seriam sujeitos ao mesmo destino dos invasores.<sup>567</sup>

Após o desaparecimento de al-Zarqawi e sob pressão do movimento sunita *Awakening*, em outubro de 2006, a AQI anunciou a criação do Estado Islâmico do Iraque (conhecido pelo acrónimo em inglês ISI), o qual agregava várias organizações sunitas radicais.<sup>568</sup> As suas tentativas de impor ordem e de conciliar as exigências dos seus apoiantes iraquianos com as aspirações dos elementos estrangeiros contribuíam para a alienação da população sunita iraquiana.<sup>569</sup>

Apesar da inexistência de dados concretos sobre o universo dos combatentes estrangeiros no Iraque, algumas fontes indicam que aqueles constituíam por volta de 10% do ramo da al-Qaeda naquele país e que eram responsáveis por 90% dos ataques suicidas.<sup>570</sup> Hafez estima que, entre julho de 2004 e março de 2007, o número total de estrangeiros aliados aos insurgentes situava-se entre 2400 e 4000, destacando também o facto de estes serem a principal fonte de atentados suicidas na região.<sup>571</sup> À semelhança do que tinha acontecido no Afeganistão, com frequência, os voluntários estrangeiros

---

<sup>565</sup> Existe uma tese que sustenta que a maior ou menor aceitação e utilização pelos ideólogos jihadistas da doutrina *takfir* é condicionada pelo grau de religiosidade e pela formação religiosa daqueles. Deste modo, aqueles que receberam uma educação religiosa formal parecem menos inclinados a aceitar o recurso a esta prática. Abdullah Azzam, tendo formação universitária na área da lei islâmica e sendo conhecido pela sua profunda religiosidade, considerava que a excomunhão de outros Muçulmanos poderia ser causador de *fitna*. Pelo contrário, Abu Mus'ab al-Zarqawi, líder da AQI até 2006, sem qualquer educação religiosa, tinha uma interpretação de *takfir* abrangente, renegando todos os Muçulmanos que discordassem da interpretação que a sua organização fazia da *Sharia*. Shane Drennan, "Constructing Takfir: From 'Abdullah' Azzam to Djamel Zitouni", *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 7, Combating Terrorism Center at West Point, June 2008, pp. 15-17.

<sup>566</sup> O próprio Bin Laden tinha aconselhado os Muçulmanos a não enveredarem por lutas internas e evitarem uma revolta contra o inimigo local (o regime saudita), acautelando e enumerando uma lista de consequências gravosas que daí adviriam. Bin Laden, "Declaration of War against the Americans".

<sup>567</sup> Ver, por exemplo, Abu Hafs al-Masri Brigades, *The Roadmap for the Mujahideen*, 1 July 2004, disponível em <http://www.sflistteamhouse.com/Misc/mujahidin/roadmap.htm> (data de último acesso: 14 de maio de 2014). Note-se que existem poucas informações e muita ambiguidade sobre esta organização e sobre a natureza da sua relação com a al-Qaeda. Atendendo ao conteúdo dos textos colocados a circular por aquela, uma conclusão definitiva sobre esta relação poderia ajudar a elucidar sobre aspetos organizacionais importantes, esclarecendo sobre o papel desempenhado pela liderança da al-Qaeda na conceção de algumas conspirações. No caso de ter existido uma relação entre estas Brigadas e a al-Qaeda, tal significa que esta última exerceu influência direta sobre algumas redes jihadistas na Europa; o caso oposto – a não existência de qualquer ligação entre as duas organizações – demonstra, uma vez mais, como qualquer ator pode difundir propaganda e reclamar legitimidade ideológica.

<sup>568</sup> Uthman Bin Abd al-Rahman al-Tamimi, "Informing the People About the Birth of the Islamic State of Iraq", 2007, citado em Brooke, "Strategic Fissures: The Near Enemy and Far Enemy Debate", p. 57.

<sup>569</sup> Joseph Felter and Brian Fishman, *Al-Qa'ida's Foreign Fighters in Iraq: A First Look at the Sinjar Records*, Combating Terrorism Center, West Point, New York, 2007, p. 5.

<sup>570</sup> Europol, *TE-SAT 2009 TE-SAT 2009: EU Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2009, p. 22.

<sup>571</sup> Mohammed M. Hafez, "Jihad after Iraq: Lessons from the Arab Afghans", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 32, n.º 2, 2009, p. 86.

chegavam ao Iraque com expectativas elevadas, mas impreparados para a luta e para as dificuldades que aquele modo de vida acarretava. Tal gerou tensões entre os elementos nativos, motivados essencialmente por questões tribais e nacionalistas, e os combatentes estrangeiros, os quais apresentavam um conjunto complexo de motivações para se deslocarem para o terreno, nomeadamente responder ao apelo à participação numa *jihad* pela recuperação de um território ocupado.<sup>572</sup>

Aqueles que se deslocaram para o palco iraquiano eram sobretudo oriundos dos países da região, alguns tinham formação universitária, não tinham experiência em combate e fizeram-no através das suas ligações familiares e sociais.<sup>573</sup> Também se tornou evidente a presença de elementos oriundos do Sudeste Asiático, Ásia Central, Cáucaso e de indivíduos pertencentes às comunidades muçulmanas na Europa, o que atesta a importância desta guerra para a doutrinação ideológica e recrutamento para o movimento jihadista.<sup>574</sup> Muitos tinham viajado em grupo, não eram casados e tinham entre 22 e 24 anos. A presença destes combatentes estrangeiros permitiu à AQI reforçar os seus esforços propagandísticos e de recrutamento a nível global, embora a construção da organização sem uma base nacional sólida sempre tivesse sido problemática.

De acordo com um relatório governamental norte-americano, uma das consequências mais importantes do conflito no Iraque foi a atração de novos recrutas e financiadores para o movimento jihadista global, “formando uma nova geração de líderes terroristas e operativos”, os quais tinham adquirido competências táticas e técnicas.<sup>575</sup> Com efeito, a ocupação do Iraque e a realidade da guerra deu origem a uma geração de jihadistas mais jovem, menos conhecedora dos debates intelectuais e doutrinais e muito focada em aspetos operacionais. Outro dos resultados visíveis desta guerra foi o alargamento da base nacional, étnica e social do Jihadismo, atraindo Sírios, Jordanos e Iraquianos para uma estrutura tradicionalmente dominada por cidadãos do Golfo e do Egipto.

A ocupação do Iraque desviou as atenções dos aliados da situação no Afeganistão, o que contribuiu para o reaparecimento dos Talibãs a partir de 2006, colocando as forças

---

<sup>572</sup> Brian Fishman, *Dysfunction and Decline: Lessons Learned From Inside Al-Qa'ida in Iraq*, The Combating Terrorism Center, West Point, New York, March 2009, p. 18.

<sup>573</sup> Reuven Paz, “Arab volunteers killed in Iraq: an Analysis,” *PRISM Series of Global Jihad*, vol. 3, n.º 1, March 2005. Documentos recuperados pelas forças norte-americanas no Iraque, em outubro de 2007, destacam a entrada de muitos Sauditas, Líbios, Sírios, Iemenitas, Argelinos, Marroquinos e Jordanos, entre Agosto de 2006 e Agosto de 2007. Ver Felner and Fishman, *Al-Qa'ida's Foreign Fighters in Iraq: A First Look at the Sinjar Records*, p. 8.

<sup>574</sup> Steinberg, *German Jihad*, pp.27-28; Paz, “The Impact of the War in Iraq on the Global Jihad”, p. 45.

<sup>575</sup> Director of National Intelligence, *Trends in Global Terrorism: Implications for the United States*, Declassified Key Judgements of the National Intelligence Estimate, April 2006, [http://www.dni.gov/files/documents/Special%20Report\\_Global%20Terrorism%20NIE%20Key%20Judgments.pdf](http://www.dni.gov/files/documents/Special%20Report_Global%20Terrorism%20NIE%20Key%20Judgments.pdf) (data de último acesso: 4 de maio de 2014).

da coligação na defensiva. Tentando beneficiar do sucesso dos insurgentes afegãos, o Afeganistão voltou a ganhar importância na agenda jihadista global. A partir de 2007, várias estruturas jihadistas terão aproveitado para se reorganizar na região fronteiriça entre o Afeganistão e o Paquistão e, em especial, no Waziristão.<sup>576</sup> Estas bases não foram um ponto de partida para o fortalecimento estrutural do movimento, mas foram importantes como palco de treino para muitos aspirantes a jihadistas que para ali se deslocaram, alguns dos quais provenientes da Europa.

#### 4.5. As Revoltas árabes: desafios e oportunidades para o Jihadismo global

O conflito no Iraque e a iniciativa da Administração Bush para o Grande Médio Oriente anunciada em abril de 2004, a qual tinha como objetivo expandir as liberdades e a participação política naquela parte do mundo, tiveram consequências significativas em todo o Médio Oriente.<sup>577</sup> Ao anunciar a sua *Forward Strategy of Freedom*, Bush declarou que “sessenta anos de nações ocidentais a desculparem e acomodarem a falta de liberdade no Médio Oriente nada fez para nos trazer segurança – porque a longo prazo, a estabilidade não pode ser comprada à custa da liberdade.”<sup>578</sup> Constituindo uma tentativa de ligar a invasão do Iraque ao nobre objetivo de promover a democracia, esta estratégia não produziu os resultados que a administração ambicionava, e o sucesso eleitoral da Irmandade Muçulmana e do HAMAS, em 2005 e 2006 respetivamente, levaram ao seu abandono.<sup>579</sup>

Contudo, tanto a guerra iraquiana como esta política norte-americana deixaram marcas profundas no Médio Oriente: por exemplo, o exacerbar de alguns dos problemas que, há décadas, atormentavam a região, nomeadamente o reforço da autoridade dos

---

<sup>576</sup> Hoffman, “The Global Terrorist Threat”, p. 54. Tal é particularmente significativo se considerarmos as negociações entre o governo paquistanês e os líderes tribais na região denominada por FATA – *Federally Administered Tribal Areas* –, segundo as quais, aqueles seriam os responsáveis pelo policiamento e gestão daquelas áreas, sem que as autoridades paquistanesas interferissem. Contudo, quando o exército paquistanês se retirou das regiões controladas pelas tribos, os seus líderes não foram capazes – ou não desejaram – controlar os elementos mais proeminentes da al-Qaeda. Sageman, *Leaderless Jihad*, p. 127.

<sup>577</sup> Ver, por exemplo, Tamara Coffman Wittes, *The New U.S. Proposal for a Greater Middle East Initiative: An Evaluation*, Saban Center for Middle East Policy, Brookings Institution, Washington, D.C., 10 May 2004, <http://www.brookings.edu/research/papers/2004/05/10middleeast-wittes> (data de último acesso: 11 de outubro de 2009).

<sup>578</sup> President George W. Bush, *Remarks by President George W. Bush at the 20th Anniversary of the National Endowment for Democracy*, National Endowment for Democracy, Washington, D.C., 6 November 2003, <http://www.ned.org/remarks-by-president-george-w-bush-at-the-20th-anniversary/> (data de último acesso: 29 de outubro de 2009).

<sup>579</sup> Em 2005, o sucesso eleitoral da Irmandade permitiu-lhe ocupar 20% dos lugares no Parlamento egípcio. Este sucesso teve origem em vários factores. Em primeiro lugar, foi o resultado das pressões externas sofridas por Mubarak, sobretudo por parte da Administração americana, a qual estava empenhada em impor ao Médio Oriente a sua *Freedom Agenda*, por exemplo, através da *Middle East Partnership Initiative*, promovendo reformas democráticas como resposta aos desafios daquela parte do globo. Mubarak viu-se, assim, obrigado a uma abertura breve e limitada do sistema político, a qual beneficiou o movimento da oposição melhor organizado e com maior credibilidade. Os partidos da oposição de cariz liberal e esquerdistas estavam debilitados devido à forte repressão do regime, o que contribuiu para este sucesso da Irmandade. Em janeiro de 2006, o HAMAS vence as eleições nos Territórios Palestinos, num processo eleitoral reconhecido como livre e justo pela comunidade internacional.

regimes locais e da narrativa da ausência de alternativa a estes (ou seja, a opção continuava a ser entre a estabilidade e o caos); a estagnação económica e tensões sociais e sectárias, as quais foram inflacionadas pelo fluxo de refugiados iraquianos em países como a Jordânia e a Síria. Neste sentido, os eventos de 2003 contribuíram para aqueles que ocorreram a partir do início de 2011.

As revoltas iniciadas neste ano em vários países da região, tendo origem nos problemas específicos do mundo árabe, refletiram aspirações universais à justiça e dignidade. Aquelas constituíram em simultâneo um desafio e uma oportunidade para o Jihadismo, tendo-se verificado a criação ou consolidação de novos mercados para esta ideologia – por exemplo, na Síria, no Sinai e na Líbia –, o surgimento de novas organizações no Levante e no Norte de África e a adoção de novas abordagens estratégicas. Se as revoltas colocaram em causa a narrativa de que apenas através da violência seria possível operar mudanças no mundo muçulmano, estes protestos e as iniciativas para a criação de democracias funcionais em alguns daqueles países tiveram dois efeitos paradoxais: abriram caminho a novos episódios de violência e conduziram à incorporação no campo político de alguns atores que abandonaram formas de protesto violentas, como a *Jamaat Islamiyya* no Egipto. Assim, as revoltas criaram oportunidades para os islamistas competirem a nível eleitoral e através da violência.

Para avaliar o impacto destes acontecimentos na evolução ideológica deste movimento, importa analisar, por um lado, o modo como estes interpretaram aqueles eventos e moldaram a sua narrativa para incorporarem as alterações ocorridas, e por outro, as suas escolhas estratégicas para responder ao novo ambiente. Adicionalmente, importa compreender a implicação deste conjunto de eventos no aumento dos níveis de terrorismo e violência política em regiões como a Síria, Iraque e Norte de África.

Os jihadistas globais reagiram através de vários representantes à rápida sucessão de acontecimentos, no início de 2011, o que demonstra, por um lado, a natureza fragmentada do movimento e a dificuldade em estabelecer um canal de comunicação efetivo entre os vários grupos; e por outro lado, a ausência de uma visão estratégia para lidar com este tipo de transformações. Embora todos apoiassem as sublevações populares, alguns acautelavam que o sucesso das revoltas dependeria essencialmente do modo como o governo seguinte iria implementar a lei islâmica.<sup>580</sup> Com referência à Tunísia, a al-

---

<sup>580</sup> Brian Michael Jenkins, *Al Qaeda in Its Third Decade: Irreversible Decline or Imminent Victory?*, RAND, Santa Monica, 2012, p. 6; Brian Fishman, “At a Loss for Words”, *Foreign Policy*, 15 February 2011, [http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/02/15/at\\_a\\_loss\\_for\\_words](http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/02/15/at_a_loss_for_words) (data de último acesso: 1 de março de 2011).

Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI), por exemplo, declarou que apesar da partida do líder apóstata e injusto, “o sistema de cooperativismo, apostasia, injustiça, corrupção e supressão permanecia no país... se a religião feita pelo homem não for substituída pela religião transcendente, e se a doutrina islâmica e a *Sharia* não regressarem... então é dever de todos os Muçulmanos na Tunísia estarem prontos para não deporem as armas.”<sup>581</sup>

Al-Zawahiri também se mostrou preocupado com o futuro político destes países, e em várias mensagens ao povo egípcio, definiu as revoltas como um primeiro passo na luta por maior justiça social e instou os Muçulmanos a criarem a forma de governo correta para substituir os governantes depostos.<sup>582</sup> Tentando enquadrar os eventos no contexto da sua própria luta, os jihadistas tentaram representar os acontecimentos como sendo uma consequência dos ataques de 2001.<sup>583</sup> De igual modo, aqueles defenderam que as suas ações no Afeganistão e no Iraque teriam enfraquecido económica e militarmente os EUA, levando à sua perda de influência e à sua derrota no interior do mundo muçulmano.<sup>584</sup> A conclusão óbvia deste raciocínio é que a estratégia de confronto do inimigo longínquo tinha culminado nas revoltas populares árabes.

Vários autores ocidentais interpretaram estas revoltas não violentas como um golpe fatal no Jihadismo e na sua lógica de que o ativismo armado é o instrumento de mudança mais eficaz.<sup>585</sup> Para estes, a narrativa jihadista perdia credibilidade, pois estava dependente da impopularidade dos regimes árabes para continuar a ganhar simpatizantes; de igual modo, a vertente global do Jihadismo, a qual promovia a ideia de que o meio mais eficaz para derrubar os governos árabes seria atingir primeiro os seus apoiantes ocidentais para evitar que aqueles fossem em seu auxílio, também perdia legitimidade.<sup>586</sup>

Como defendem vários autores, a fragilidade institucional e as liberdades adquiridas durante períodos de transição política podem ser oportunidades políticas para

---

<sup>581</sup> Al-Qaeda no Magrebe Islâmico, *To Our People Tunisia: The Tyrant has Fled but the Infidel and Tyrannical System Remains*, 26 January 2011, <http://jihadology.net/2011/01/28/new-statement-from-al-qa%e2%80%99idah-in-the-islamic-magreb-to-our-people-in-tunisia-the-tyrant-has-fled-but-the-infidel-and-tyrannical-system-remains/> (data de último acesso: 11 de janeiro de 2013).

<sup>582</sup> Ayman al-Zawahiri, *A Message of Hope and Glad Tidings to our People in Egypt, Episode 5*, 14 April 2011, <http://jihadology.net/2011/04/14/as-sa%e1%b8%a5ab-media-presents-a-new-video-message-from-ayman-a%e1%ba%93-%e1%ba%93awahiri-%e2%80%9cfifth-installment-of-a-message-of-hope-and-glad-tidings-to-our-people-in-egypt%e2%80%9d/> (data de último acesso: 27 de junho de 2011).

<sup>583</sup> Jenkins, *Al Qaeda in Its Third Decade*, p. 6.

<sup>584</sup> al-Zawahiri, *A Message of Hope and Glad Tidings, Episode 5*. Ver, também, al-Zawahiri, *General Guidelines for Jihad*.

<sup>585</sup> Ver, por exemplo, Omar Ashour, “Egypt’s democratic Jihadists?”, *Foreign Policy*, 13 de Julho de 2011, [http://mideast.foreignpolicy.com/posts/2011/07/13/egypt\\_s\\_democratic\\_jihadists](http://mideast.foreignpolicy.com/posts/2011/07/13/egypt_s_democratic_jihadists) (data de último acesso: 15 julho de 2011). Ver, também, Olivier Roy “Révolution Post-Islamiste”, *Le Monde*, 14 Février 2011, [http://www.lemonde.fr/idees/article/2011/02/12/revolution-post-islamiste\\_1478858\\_3232.html](http://www.lemonde.fr/idees/article/2011/02/12/revolution-post-islamiste_1478858_3232.html) (data de último acesso: 17 de fevereiro de 2011).

<sup>586</sup> Nelly Lahoud, “Ayman al-Zawahiri’s Reaction to Revolution in the Middle East”, *CTC Sentinel*, vol. 4, n.º4, Combating Terrorism Center at West Point, April 2011, pp.4-7.



grupos com tendências violentas, podendo dar origem a episódios de terrorismo.<sup>587</sup> Com efeito, os jihadistas posicionaram-se no terreno para aproveitar a diminuição das restrições securitárias e eventuais situações de vazio governativo, esperando obter vantagens geopolíticas e reabilitar as suas estruturas.<sup>588</sup> Por um lado, aqueles esperavam beneficiar quer dos prováveis falhanços que seriam gerados pelos governos islamistas eleitos no Egipto e na Tunísia no seguimento da deposição dos antigos regimes; quer das acusações mútuas entre partidos islamistas e forças salafistas, as quais entretanto tinham enveredado pelo caminho político. Os jihadistas sabiam que deveriam estar preparados para o caso dos novos governos fracassarem e de se verificar um regresso das velhas forças autocráticas ao poder, o que traria novo vigor à sua mensagem de que apenas uma abordagem baseada na violência poderia provocar uma mudança real.

Por outro lado, os tumultos e o caos em países como a Líbia, Iémen, Síria e Mali ofereceram aos grupos jihadistas oportunidades políticas e táticas para se organizarem e tentarem expandir a sua influência e áreas de operação. Devido à erosão da autoridade governamental, vários grupos beneficiaram de espaços e liberdade de atuação, de recursos humanos e logísticos, de disponibilidade de armamento e de fácil acesso aos novos meios de comunicação baseados nas plataformas e redes sociais, os quais foram habilmente utilizados para efeitos de propaganda. Assim se explica o surgimento de vários grupos de inspiração salafista jihadista na Península do Sinai, a proliferação de redes jihadistas influentes e com acesso a armamento na Líbia e o controlo de algumas cidades no Iémen, por parte do ramo local da al-Qaeda.

Os grupos que surgiram nos vários palcos nacionais apresentam afinidades ideológicas e partilham objetivos semelhantes para os seus respetivos países, embora não tenham necessariamente uma relação organizacional e se caracterizem pela fragmentação a nível regional e nacional. Estes constituem uma forma híbrida de Jihadismo devido às suas características e às suas táticas, as quais misturam apelos à luta armada pela defesa da comunidade e apelos à justiça social. Alguns destes grupos procuraram desempenhar um papel social ativo, através do fornecimento de bens e serviços básicos às populações,

---

<sup>587</sup> Della Porta defende que episódios de violência política tendem a emergir no interior de ciclos de protesto, com o surgimento de novos reportórios de ação coletiva (Della Porta, *Social Movements, Political Violence and the State*, p. 3). Lia e Skjølberg consideram que os países que passam por fases de transições democráticas podem ficar mais expostos ao terrorismo e a conflitos internos, devido ao repatriamento dos grupos da oposição. (Lia and Skjølberg, *Why Terrorism Occurs*, p. 20.) Chenoweth acrescenta que, inadvertidamente, a democracia pode encorajar o terrorismo e que o período mais vulnerável pode ser o período de transição para esta forma de governo. (Erica Chenoweth, “The Inadvertent Effect of Democracy on Terrorist Group Emergence”, BCSIA Discussion Paper 2006-06, Kennedy School of Government, Harvard University, November 2006, p. 30.) Dalacoura concorda, mas salienta que estes processos de liberalização política podem incentivar a transformação de formas de protesto violentas e campanhas armadas em atividades pacíficas. (Dalacoura, *op. cit.*, pp. 24-25).

<sup>588</sup> Sandra L. Costa, “The Arab Uprisings and its impact on Islamist actors”, *Thinking Out of the Box: Devising New European Policies to Face the Arab Spring*, Braga, 21 de fevereiro de 2013, p. 14.

uma lição que parecem ter aprendido com movimentos que misturam estratégias políticas e ações violentas, como o Hamas e o *Hizballah*. Apesar de se assumirem como salafistas jihadistas, de existirem ligações prévias à al-Qaeda por parte de alguns dos seus membros e de terem adotado a retórica própria do Jihadismo global, aqueles destacam a sua origem e agendas locais.<sup>589</sup> Muitos destes adotaram a designação *Ansar al-Sharia*, ou seja, defensores da *Sharia*, tida como a denominação mais apropriada, visto o seu objetivo ser o estabelecimento da lei islâmica como princípio orientador de toda a ação política e social e o cumprimento das obrigações do Islão.<sup>590</sup> A opção por esta denominação também exprime a oposição ao sistema democrático e à participação no sistema político, ou seja, ao caminho traçado após as revoltas naqueles países. Para estes, a democracia não é um regime político que estabelece a participação de todos os membros da sociedade, mas uma tendência secularizadora que resulta no declínio do mundo islâmico, uma forma de falsa religião, a qual compromete a unidade divina.<sup>591</sup>

Esta nova designação traduziu-se numa nova abordagem estratégica: a dedicação e concentração na *da'wa* por parte destes grupos, com a finalidade de corrigir e disseminar o credo e as ideias corretas, ou seja, islamizar a população e socializar os indivíduos com a ideologia do grupo, ganhar simpatizantes para a causa e, por fim, integrar (de modo formal ou informal) os indivíduos na organização.<sup>592</sup> Apesar da retórica sobre a legitimidade da *jihad*, entendida no sentido bélico, para instaurar a *Sharia* e repelir a democracia, estes grupos, numa fase inicial, coibiram-se de enveredar pela violência no interior dos seus países.<sup>593</sup> Esta estratégia não confrontacional foi fundamental não só para a sua sobrevivência, mas também para a exploração de novas oportunidades.

---

<sup>589</sup> Brian Fishman citado em Robert F. Worth, “Al Qaeda-inspired Groups, Minus Goal of Striking U.S.”, *The New York Times*, 27 October 2012, [http://www.nytimes.com/2012/10/28/world/middleeast/al-qaeda-inspired-groups-minus-goal-of-striking-us.html?\\_r=1&nl=todaysheadlines&emc=edit\\_th\\_20121028](http://www.nytimes.com/2012/10/28/world/middleeast/al-qaeda-inspired-groups-minus-goal-of-striking-us.html?_r=1&nl=todaysheadlines&emc=edit_th_20121028) (data de último acesso: 28 de outubro de 2012). A propósito das ligações prévias entre membros destes grupos e a organização al-Qaeda veja-se, por exemplo, o caso de Sayfallah Ben Hassine, conhecido por Abu Iyad al-Tunisi, líder da *Ansar al-Sharia* na Tunísia, o qual tem ligações pessoais aos principais líderes e clérigos apoiantes da al-Qaeda. Aquele frequentou campos de treino terrorista no Afeganistão durante a década de 1990, e passou algum tempo em Londres, onde manteve contactos com Abu Qatada al-Filastini e com o Egípcio Hani al-Siba'i; no ano 2000, Abu Iyad terá sido um dos fundadores do Grupo Combatente Tunisino. (Daveed Gartenstein-Ross, *Ansar al-Sharia Tunisia's Long Game: Dawa, Hisba, and Jihad*, ICCT Research Paper, The Hague, May 2013, p. 5.) O egípcio Muhammed Jamal, líder daquilo que é conhecida por rede Jamal, treinou no Afeganistão durante a década de 1980.

<sup>590</sup> Sheikh Abu Mundhir al-Shinqiti, “We are Ansar al-Shari’ah”, *Minbar al-Tawhid wa-l-Jihad*, June 2012, <http://www.tawhed.ws/dl?i18061202> (data de último acesso: 12 de setembro de 2012). Também disponível em <http://jihadology.net/2012/06/18/minbar-at-taw%E1%B8%A5id-wal-jihad-presents-a-new-article-from-shaykh-abu-al-mundhir-al-shinqi%E1%B9%ADi-we-are-an%E1%B9%A3ar-al-Shariah/>. Note-se que o website *Minbar al-Tawhid wa-l-Jihad* foi criado por al-Maqdisi.

<sup>591</sup> Nelly Lahoud, Muhammed al-'Ubaydi, *Jihadi Discourse in the Wake of the Arab Spring*, The Combating Terrorism Center, West Point, New York, December 2013, p. 72.

<sup>592</sup> *Ibid.* Ver, também, Joas Wagemakers, “What’s in a Name? A Jihadi Labels Himself”, *Jihadica*, 11 September 2012, <http://www.jihadica.com/whats-in-a-name-a-jihadi-labels-himself/> (data de último acesso: 12 de setembro de 2012).

<sup>593</sup> Podem existir duas possíveis explicações para este comportamento: pode ter uma natureza estratégica, ficando a dever-se à falta de capacidade operacional na sua fase inicial; ou a expressão do desejo de moldar uma imagem pública mais benigna. Relativamente a esta estratégia de nomear um grupo tentando omitir as suas tendências jihadistas, convém lembrar o que consta no documento de natureza estratégica que, em 2004, circulou entre os jihadistas sobre a importância de “formar pequenos grupos sob diferentes nomes de modo a tornar difícil a sua descoberta e desmantelamento.” (Ver Abu Hafis al-Masri Brigades, *The Roadmap for the Mujahideen*.) Outro documento que pode ser importante para compreender esta nova abordagem dos grupos jihadistas é uma das cartas de

Durante algum tempo, estes grupos regeram o seu comportamento de acordo com as normas defendidas pelo clérigo al-Maqdisi, o qual tem vindo a criticar os excessos dos jihadistas, numa tentativa de depurar e reabilitar o sentido de *jihad*.<sup>594</sup> Al-Maqdisi defende que a militância deve ser combinada com atividades educativas e com o proselitismo, de modo a conduzir ao estabelecimento de um verdadeiro Estado islâmico e à consolidação do poder.<sup>595</sup> Esta estratégia apresenta ainda a vantagem de permitir disputar as tradicionais audiências de movimentos islamistas políticos, como a Irmandade Muçulmana. Adicionalmente, e à semelhança das organizações orientadas para a participação política, estes grupos jihadistas começaram a recorrer ao trabalho caritativo e ao fornecimento de serviços sociais básicos para transmitir as suas ideias e mensagem. Assim, verificaram-se algumas ambiguidades entre retórica e prática e inconsistências entre estes novos grupos de inspiração salafista jihadista e as organizações jihadistas mais tradicionais.

Apesar de evitarem a violência a nível doméstico, desde cedo muitos elementos pertencentes a estes grupos – sobretudo Tunisinos e Líbios – começaram a deslocar-se para a Síria em número significativo, aumentando o receio de que o seu regresso possa orientar as organizações já existentes num sentido mais radical, dar origem a outros grupos violentos ou tornar a política e a sociedade ainda mais instáveis, por exemplo, inflamando tensões sectárias.<sup>596</sup> Afinal, embora a história não dite necessariamente

---

Abbottabad, onde Bin Laden, exprimindo desilusão com o rumo do movimento jihadista – devido à prioridade dada à luta contra o inimigo local, a erros de cálculo na preparação das operações, à morte de outros Muçulmanos com recurso abusivo ao conceito de *tartarrus* - defende que “os irmãos em todas as regiões devem pedir desculpa e serem responsabilizados pelos acontecimentos” (p. 10), sugerindo iniciar uma nova fase para corrigir os erros cometidos (p.15). Combating Terrorism Center, SOCOM-2012-0000019, <https://www.ctc.usma.edu/v2/wp-content/uploads/2013/10/Letter-from-UBL-to-Atiyatullah-Al-Libi-4-Translation.pdf> (data de último acesso: 14 de maio de 2014). Com efeito, muitos dos novos grupos surgidos após as revoltas pareciam ter consciência de que foram cometidos erros graves no passado e que era necessário alterar as perceções que as populações têm dos jihadistas.

<sup>594</sup> Ver Wagemakers, “Reclaiming Scholarly Authority: Abu Muhammed al-Maqdisi’s Critique of *Jihadi* Practices”, Aaron Y. Zelin, “Meeting Tunisia’s Ansar al-Sharia” *Foreign Policy*, 8 March 2013, [http://mideastafrica.foreignpolicy.com/posts/2013/03/08/meeting\\_tunisia\\_ansar\\_al\\_sharia](http://mideastafrica.foreignpolicy.com/posts/2013/03/08/meeting_tunisia_ansar_al_sharia) (data de último acesso: 10 de Outubro de 2013).

<sup>595</sup> Para avaliar a importância que al-Maqdisi atribui à *da’wa* ver, por exemplo, alguns dos seus vídeos auto-biográficos, nomeadamente, o que se seguiu à sua libertação por parte das autoridades jordanas – Minbar at-Tawhīd wa-l-Jihād, “Series on the Biography of the Life of Abū Muḥammad al-Maqdisī #18: Post-release and Staying in the Country For Da’wah and the Installing its Bases and the Issue Of the Millenium”, 11 June 2014, disponível em <http://jihadology.net/2014/06/11/minbar-at-taw%e1%b8%a5id-wa-l-jihad-presents-a-new-video-message-series-on-the-biography-of-the-life-of-abu-mu%e1%b8%a5ammad-al-maqdisi-18-post-release-and-staying-in-the-country-for-daw/> (data de último acesso: 23 de outubro de 2014); aquele que refere a necessidade de disseminar a *da’wa* nos tribunais – Minbar at-Tawhīd wa-l-Jihād, “Series on the Biography of the Life of Abū Muḥammad al-Maqdisī #16: Spreading the Da’wah in the Courts” 17 May 2014, disponível em <http://jihadology.net/2014/05/17/minbar-at-taw%e1%b8%a5id-wa-l-jihad-presents-a-new-video-message-series-on-the-biography-of-the-life-of-abu-mu%e1%b8%a5ammad-al-maqdisi-16-spreading-the-dawah-in-the-courts/> (data de último acesso: 23 de outubro de 2014); e aquele que refere a *da’wa* e a função de autor enquanto estava na prisão – Minbar at-Tawhīd wa-l-Jihād, “Series on the Biography of the Life of Abū Muḥammad al-Maqdisī #14: Beginning of the Da’wah and Authorship in Prison”, 18 April 2014, disponível em <http://jihadology.net/2014/04/18/minbar-at-taw%e1%b8%a5id-wa-l-jihad-presents-a-new-video-message-series-on-the-biography-of-the-life-of-abu-mu%e1%b8%a5ammad-al-maqdisi-14-beginning-of-the-dawah-and-authorship-in-prison/> (data de último acesso: 23 de outubro de 2014).

<sup>596</sup> Com efeito, na Líbia começam a ser observáveis os efeitos do regresso de alguns dos combatentes de frentes jihadistas externas, os quais são explorados por movimentos jihadistas como o Estado Islâmico. Na Tunísia, o *Ansar al-Sharia* também radicalizou as suas posições relativamente ao governo e alguns dos seus membros foram responsáveis por atacar a embaixada dos EUA em Tunísia, em setembro de 2012. Assim, em agosto de 2013, o grupo foi classificado de organização terrorista e proscrito, mas continua a existir na clandestinidade.

tendências futuras, é possível tirar algumas ilações do passado recente: os veteranos que, durante a década de 1990, regressaram do Afeganistão contribuíram para alimentar o conflito na Argélia e os episódios de terrorismo perpetrados pela *Jamaat Islamiyya* e pela *al-Jihad* no Egípto; o Grupo Salafista para a Prédica e Combate (GSPC), o qual se tornaria um dos afiliados da al-Qaeda em 2006, foi um dos fornecedores de combatentes estrangeiros ao ramo da al-Qaeda no Iraque, sendo possível estabelecer uma relação entre a onda de violência que afetou a região do Sahel durante a década de 2000 e a produção de violência no Iraque.<sup>597</sup> Recentemente, muitos dos grupos de islamistas e Tuaregues que participaram na deposição do regime líbio contribuíram para a instabilidade na parte norte e oeste de África.<sup>598</sup>

#### 4.6. O conflito na Síria e a transformação do Jihadismo global

O futuro do Jihadismo global está ligado ao palco sírio. Tal como o Afeganistão na década de 1980 foi a oportunidade para a formação de um novo movimento ideológico e de uma nova organização, os quais influenciaram vários conflitos posteriores, a Síria representa uma nova era para o Jihadismo global: este conflito irá determinar a evolução desta corrente a nível ideológico e organizacional, dará origem a uma nova geração de jihadistas, influenciará futuros padrões mobilizacionais e as suas consequências provavelmente sentir-se-ão ao longo de, pelo menos, duas décadas.

A Síria constituiu uma oportunidade para os jihadistas com uma agenda transnacional participarem de um modo ativo no processo iniciado pelas Revoltas árabes. A guerra civil neste país, a partir de março de 2011, acabaria por gerar alterações estratégicas e ideológicas importantes para a compreensão das dinâmicas de violência atuais. Se na década anterior o Iraque reforçou a narrativa da guerra ocidental ao Islão, a Síria representou uma flexibilização da lógica jihadista global e aprofundou as fraturas pré-existentes no seio do movimento ao ter como inimigo principal um regime e governante muçulmano.

Embora os acontecimentos naquele território não correspondam à tradicional narrativa do Jihadismo global, o conflito sírio assumiu desde o seu início uma dimensão local, regional e global, tendo-se tornado no novo ponto central do Jihadismo após a

---

<sup>597</sup> Vahid Brown, "Al Qa'ida Central and Local Affiliates", in Moghadam and Fishman (eds.), *Self-Inflicted Wounds*, p. 97.

<sup>598</sup> Adam Nossiter, Eric Schmitt, Marc Mazzitti, "French Strikes in Mali Supplant Caution of U.S.," *The New York Times*, 13 January 2013, <http://www.nytimes.com/2013/01/14/world/africa/french-jets-strike-de> (data de último acesso: 13 de janeiro de 2013).

queda do santuário afegão em 2001.<sup>599</sup> Nem todos os grupos armados que participam na luta contra o regime de Assad são islamistas ou jihadistas, embora quase todos envolvidos na oposição àquele insistam em declarar o seu carácter islâmico.<sup>600</sup> Aqueles de tendência jihadista têm uma agenda mais abrangente do que a expulsão de Assad do poder, considerando o conflito na Síria como parte de uma luta global defensiva contra todos aqueles que percecionam como inimigos do Islão, ou seja, os apóstatas, os Xiitas, os Judeus e os Cruzados.

O conflito sírio revelou-se atrativo, em especial na sua fase inicial, não sendo especialmente controverso encontrar justificações para enveredar na luta, na medida em que existia unanimidade relativamente à brutalidade do regime de Damasco. Na linha de outros eventos anteriores que causaram fortes reações emocionais, o sofrimento do povo sírio causou ondas de choque entre os Muçulmanos ocidentais, inspirando muitos a participar nesta luta, considerada uma causa justa.

A nível estratégico, devemos referir a importância e o simbolismo do território sírio para os jihadistas, pois fazendo parte da sua região central, oferece aos jihadistas uma base segura no coração do mundo árabe, a partir de onde poderiam expandir as suas ações.

A consequência mais visível deste conflito foi o facto do regime sírio se ter assumido como alvo preferencial das ações dos jihadistas e dos restantes grupos rebeldes que participam naquele. Apesar de al-Zawahiri, na condição de sucessor de Bin Laden, continuar a afirmar o dever de lutar, primeiro, contra “a cabeça da descrença internacional, a América, e o seu aliado Israel, e só depois contra os seus aliados locais”,<sup>601</sup> o líder do Jabhat al-Nusra (JaN), designado representante do núcleo da al-Qaeda naquele território, enfatizou sempre o carácter sírio da *jihad* e o objetivo de derrubar o regime apóstata de Bashar al-Assad e a criação de um Estado governado pela *Sharia*.<sup>602</sup> Atendendo às suas raízes sócio-revolucionárias, o posicionamento de al-

---

<sup>599</sup> Por exemplo, a situação no Mali, a partir de janeiro de 2013, correspondeu de modo mais adequado à narrativa da conspiração ocidental para ocupar e destruir o mundo muçulmano.

<sup>600</sup> Apenas três grupos podem ser classificados de jihadistas: o Jabhat al-Nusra, a organização Estado Islâmico e o grupo Ahrar al-Sham.

<sup>601</sup> Al-Zawahiri, *General Guidelines for Jihad*. Al-Zawahiri tentou racionalizar o conflito sírio como uma consequência do facto “dos governantes sírios não permitirem a existência de qualquer entidade islâmica, muito menos uma jihadista, e de uma história sangrenta de tentarem erradicar o Islão.” Numa entrevista divulgada a 18 de abril de 2014 pela rede *twitter* no seguimento da expulsão do ISIS da rede al-Qaeda, al-Zawahiri afirmaria que um dos motivos na base desta decisão foi o facto da al-Qaeda focar a sua luta nos EUA e seus aliados e de ter o cuidado para tentar não atingir Muçulmanos, dizendo de modo implícito que o ISIS não teria o mesmo objetivo e o mesmo cuidado. Ver Daveed Gartenstein-Ross, *Ayman al-Zawahiri on Jihadist Infighting and the Islamic State of Iraq and al-Shams*, 21 de Abril de 2014, <http://jihadology.net/2014/04/21/guest-post-ayman-al-zawahiri-on-jihadist-infighting-and-the-islamic-state-of-iraq-and-al-sham/> (data de último acesso: 22 de abril de 2014).

<sup>602</sup> Rania Abouzeid, “Interview with Official of Jabhat al-Nusra, Syria’s Islamist Militia Group”, *Time*, December 25, 2013, <http://world.time.com/2012/12/25/interview-with-a-newly-designated-syrias-jabhat-al-nusra/> (data de último acesso: 12 de agosto de 2014); Thomas Pierret, “External support and the Syrian insurgency”, *Foreign Policy*, August 9, 2013,

Zawahiri não pode deixar de surpreender; porém, deve ser compreendido como meio de afirmar a sua liderança de uma organização fundada com base na ideia de luta contra os opositores externos da comunidade islâmica.

Aproveitando o descontentamento sunita com o governo pertencente à minoria alaúta, a guerra civil naquele território assumiu uma natureza profundamente sectária. O enquadramento da guerra civil como a derradeira luta entre Sunitas e Xiitas foi exacerbado por tensões políticas regionais mais profundas, já que a oposição entre, por um lado, o Irão, e por outro, a Arábia Saudita, países do Golfo e a Turquia também se passou a jogar no palco sírio.<sup>603</sup> Com efeito, os acontecimentos na Síria têm sido aproveitados por vários países para construírem alianças numa tentativa de alterarem o equilíbrio regional a seu favor.

O envolvimento do *Hizballah* no conflito ao lado do regime, a partir do Verão de 2013, contribuiu para equilibrar as forças no terreno e acentuar o carácter sectário do conflito, aumentando a animosidade da generalidade das forças rebeldes contra os Xiitas.<sup>604</sup> Este sectarismo e sentimentos anti-xiitas foram promovidos por vários líderes religiosos, alguns de tendência salafista, os quais começam a apelar à luta contra o regime de Damasco, enquadrando-a como uma *jihad* defensiva e apelando à participação de todos os Sunitas nesta luta legítima. A 31 de maio de 2013, al-Qaradawi declarou o conflito na Síria como uma *jihad* legítima, e apelou aos Sunitas de todo o mundo para lutarem contra o regime de Assad e o *Hizballah*, estabelecendo o dever de todos os Muçulmanos se juntarem àquele, pois “todos que tenham capacidade, que tenham treino para lutar... têm de ir... apoiar os seus irmãos na Síria.”<sup>605</sup> Assim, o envolvimento neste conflito passou a ser encarado como uma obrigação individual, o que constituiu uma importante força mobilizadora.

Constituindo os grupos militarmente mais fortes na Síria, os jihadistas aproveitaram para explorar os agravos das tribos sunitas no Iraque relativamente ao

---

[http://mideastafrica.foreignpolicy.com/posts/2013/08/09/external\\_support\\_and\\_the\\_syrian\\_insurgency](http://mideastafrica.foreignpolicy.com/posts/2013/08/09/external_support_and_the_syrian_insurgency) (data de último acesso: 12 de agosto de 2014).

<sup>603</sup> Ver, por exemplo, Maria Abi-Habib, “Saudis Seek to Funnel Arms to Syria Rebels”, *The Wall Street Journal*, March 29, 2012, <http://online.wsj.com/news/articles/SB10001424052702304177104577311572820862442> (data de último acesso: 12 de agosto de 2014); Ian Black, “Syria crisis: Saudi Arabia to spend millions to train new rebel force”, *The Guardian*, 7 November 2013, <http://www.theguardian.com/world/2013/nov/07/syria-crisis-saudi-arabia-spend-millions-new-rebel-force> (data de último acesso: 12 de agosto de 2014).

<sup>604</sup> Dexter Filkins, “Hezbollah Widens The Syrian War”, *The New Yorker*, 26 May 2013, <http://www.newyorker.com/news/news-desk/Hezbollah-widens-the-syrian-war>, (data de último acesso: 12 de agosto de 2014).

<sup>605</sup> A defesa da participação naquele conflito como sendo um dever individual – algo surpreendente para um clérigo com o seu estatuto – exacerbou a tensão entre Sunitas e Xiitas. Ver Thomas Hegghammer and Aaron Y. Zelin, “How Syria’s Civil War Became a Holy Crusade”, *Foreign Affairs*, 7 July 2013, <https://www.foreignaffairs.com/articles/middle-east/2013-07-03/how-syrias-civil-war-became-holy-crusade?cid=soc-facebook-in-snapshots-how-syrias-civil-war-became-a-holy-crusade-070813> (data de último acesso: 10 de junho de 2013).

governo, ampliando a sua influência naquele país. O estabelecimento de uma ligação entre os dois países veio complexificar a situação regional. Apesar da controvérsia que rodeou a estratégia anti-xiita dos jihadistas no Iraque uma década antes, na atualidade aqueles assumem os Xiitas como inimigos e alvos legítimos dos seus ataques.

O conflito também assumiu uma dimensão global. Esta dimensão está relacionada com dois fatores: com o confronto no terreno diplomático entre os EUA e a Rússia, apoiando soluções diferentes para o conflito e patrocinando diferentes atores que participam naquele; e com a chegada de muitos combatentes estrangeiros, nomeadamente da Europa, EUA e Austrália, para aquele palco a fim de participarem no derrube do regime sírio. Se na década anterior os simpatizantes do Jihadismo tinham enfrentado um dilema relacionado com a opção entre a deslocação para o Iraque a fim de lutar contra a coligação ocidental ou a condução de operações nos países europeus, na primeira fase deste conflito verificou-se uma elevada afluência de combatentes estrangeiros, os quais procuravam responder ao apelo para participarem na *jihad* defensiva. Deslocando-se a um ritmo acelerado, estes combatentes rapidamente ultrapassaram o número de combatentes que durante a década de 1980 foram para o Afeganistão, embora nem todos estes sejam islamistas ou militantes jihadistas. Para tal contribuíram várias pré-condições e fatores de ordem prática, nomeadamente: a posição geográfica da Síria e o fácil acesso ao território, a existência de redes logísticas de apoio à deslocação de indivíduos, o custo acessível da viagem e a atenção mediática de que usufrui.

Outra das consequências deste conflito foi a divisão organizacional do movimento jihadista global, com a separação da al-Qaeda e do seu ramo iraquiano. A abordagem desta nova organização ao conflito e ao recrutamento de estrangeiros representou uma alteração de paradigma no seio do Jihadismo global. Numa fase inicial, evidenciado uma abordagem estratégica diferente da al-Qaeda, a qual nos últimos anos vem promovendo sobretudo atos de *jihad* individual no Ocidente, a organização Estado Islâmico do Iraque e Síria (então conhecida pela sigla ISIS) apelou à *hijra* e ao dever individual da *jihad*, sublinhando a divisão do mundo em dois campos: o campo do Islão e o campo da descrença, sendo este último liderado pelos EUA e pela Rússia e sendo estimulado pelos Judeus.<sup>606</sup> Esta organização tinha, então, objetivos estratégicos definidos, e embora representasse um desafio à ordem regional imposta pelo Ocidente, como veremos, os países ocidentais apenas ganharam proeminência nas declarações do grupo após a

---

<sup>606</sup> The Islamic State, *Dabiq*, n.º 1, al-Hayat Media Center, Ramadan 1435 (julho 2014), pp. 10-11, 34-35.

formação da coligação internacional para travar o seu avanço na Síria e no Iraque, já após a declaração do Califado.<sup>607</sup> Tal é evidente nas alterações a nível discursivo por parte desta organização: numa primeira fase, o sofrimento é provocado não pelos agressores cruzados-sionistas, mas pelos *al-Rāfida*, um termo pejorativo para designar os Xiitas;<sup>608</sup> com o início da campanha aérea contra os territórios que controla, o inimigo passa também a ser a aliança Nusayrī-Cruzada.<sup>609</sup> Deste modo, a luta ganha um novo enquadramento: de *jihad* contra o regime opressor e pela defesa da comunidade sunita síria e iraquiana passa a *jihad* contra o inimigo global, em nome da construção e defesa do Estado Islâmico e da comunidade global do Islão.

Neste sentido, o início dos ataques aéreos contra os territórios controlados pela entretanto renomeada organização Estado Islâmico foi utilizada para alimentar a tradicional narrativa de guerra ao Islão por parte do Ocidente, o que foi explorado tanto pela al-Qaeda – a qual insistia no combate às conspirações ocidentais para recuperar o território de *al-Shams* e só depois instaurar um Califado segundo a metodologia profética – como pela organização dissidente. A mobilização de combatentes estrangeiros para aquele palco continuou, um processo favorecido pela formação e aprofundar de uma identidade que ignora divisões nacionais, étnicas ou culturais, e a competição entre esta organização e a al-Qaeda intensificou-se.

O conflito na Síria teve outro efeito importante, pois permitiu a recuperação do culto do martírio, em moldes semelhantes àquele verificado durante o conflito afegão sob impulso de Abdullah Azzam. As atuais plataformas de comunicação servem a esta glorificação do martírio, permitindo a rápida difusão de imagens, elementos e histórias muito semelhantes àquelas que circulavam durante a década de 1980. Os combatentes que morrem em campo de batalha são utilizados para alimentar uma cultura de heroísmo, assumindo uma importante dimensão na propaganda dos jihadistas.

#### 4.7. A proclamação do Califado: fundamentação ideológica, simbolismo religioso e significado político

---

<sup>607</sup> Antes desta não existem elementos suficientes que apoiem a tese de que existiria o objetivo de atrair os EUA e países ocidentais para uma guerra, com o objetivo de causar atrito e desgaste a nível político e económico.

<sup>608</sup> Este termo remete para a rejeição dos Xiistas de algumas figuras do Islão inicial, as quais os Sunitas consideram ser seus pios predecessores e cujas palavras e atos têm valor normativo. Lahoud, *The Jihadis' Path to Self-Destruction*, p. 197.

<sup>609</sup> A partir desta data, o órgão de comunicação do Estado Islâmico começa a divulgar várias mensagens em que o inimigo a combater passa a ser identificado como Nusayrī-Cruzado. Ver, por exemplo, a mensagem de vídeo do Estado Islâmico, “The ‘Ā’ishah Hospital Massacre Committed By the Nuṣayrī-Crusader Alliance – Wilāyat al-Furāt”, *Jihadology.net*, 8 March 2015, <http://jihadology.net/2015/03/08/new-video-message-from-the-islamic-state-the-aishah-hospital-massacre-committed-by-the-nu%E1%B9%A3ayri-crusader-alliance-wilayat-al-furat/> (data de último acesso: 9 de março de 2015).



A ascensão da organização Estado Islâmico aconteceu num contexto internacional e regional propício, beneficiando do caos e da guerra na Síria e das tensões em território iraquiano. Ao declarar o Califado, a 29 de junho de 2014, aquela teve como objetivo consolidar os seus ganhos territoriais e a sua estratégia de conquista e expansão territorial. A organização tentou desencadear o apoio da comunidade jihadista e dos Muçulmanos em geral, através da recuperação da narrativa histórica que retrata a comunidade islâmica inicial como poderosa, estável e próspera e o Califa como um líder nobre e justo, a quem foram concedidos benesses divinas e o prazer da vitória. De igual modo, aquela promoveu a ideia de que os membros do grupo são os agentes responsáveis por restaurar o ideal do passado.

A entidade Califado tem significado político e reveste-se de um profundo simbolismo religioso, na medida em que pretende representar o regresso à justiça e à dignidade da *ummah*. No anúncio da criação desta nova entidade, o Califado é apresentado como a promessa de Deus reservada aos Muçulmanos, a qual apenas se cumprirá “sob condição de adoração a Deus e rejeição do politeísmo, submissão aos comandos de Deus e obediência total a este”: o cumprimento destas condições garante a “habilidade de construir, reformar, remover a opressão, espalhar a justiça e produzir segurança e tranquilidade.”<sup>610</sup> Assim, o Califado representa “o fim do domínio do homem, da destruição, da corrupção, da opressão, da subjugação, do medo e da decadência do ser humano... com o propósito de incentivar as pessoas a fazer o que a *Sharia* exige delas relativamente aos seus interesses nesta vida e no Além, o que apenas pode ser alcançado com a realização da ordem de Deus, o estabelecimento da sua religião e a referência à sua lei para o julgamento.”<sup>611</sup> Deste modo, a obediência ao Califa equivale à obediência à vontade divina e traduz-se na eliminação das injustiças e na preservação de uma ordem islâmica tradicional.<sup>612</sup>

Desiludidos com a qualidade dos governos muçulmanos e com as suas condições existenciais dentro e fora do mundo muçulmano, a ideia da restaurar o Califado sempre

---

<sup>610</sup> The Islamic State, *This is the Promise of Allah*, al-Hayat Media Center, 29 June 2014, [https://ia902505.us.archive.org/28/items/poa\\_25984/EN.pdf](https://ia902505.us.archive.org/28/items/poa_25984/EN.pdf), p. 1.

<sup>611</sup> *Ibid.* Nesta declaração, o seu autor tenta traçar um paralelo entre a sociedade árabe que assistiu à chegada do Profeta – a qual vivia “nas profundezas da ignorância e escuridão cega”, e era composta pelo “povo mais nu, faminto e retrogrado”, sofrendo humilhações e com os quais ninguém se preocupava ou respeitava – e as sociedades muçulmanas atuais. Tal como o advento do Islão colocou um final neste estado lastimável e conduziu à criação da *ummah* vitoriosa, “chegou o momento das gerações que se estavam a afogar em oceanos de desgraça, sendo nutridas pelo leite da humilhação e governadas pelas pessoas mais vis, depois do longo sono na escuridão da negligência – chegou o momento da sua elevação. Chegou o momento da *ummah* de Maomé acordar do seu sono, remover as vestes da desonra e sacudir o pó da humilhação e da desgraça, porque a era dos lamentos terminou e a madrugada da honra emergiu novamente. O sol da *jihad* elevou-se. Brilham as boas novas. O triunfo aparece no horizonte. Os sinais da vitória aparecem.” *Id.*, p. 3.

<sup>612</sup> Neste discurso está refletida a teoria qutbiana que defendia o fim da subjugação do homem ao seu semelhante, o que estaria na origem de toda a opressão e humilhação.

exerceu fascínio entre alguns setores populacionais muçulmanos, os quais o consideraram um sistema de governo justo e símbolo de uma *ummah* unida. Assim, o anúncio da sua criação pretendia atrair Muçulmanos para aquele território motivados pela ideia de viver um modo de vida verdadeiramente islâmico, num Estado onde se cumprem os ideais da justiça, igualdade, solidariedade e transparência.

O simbolismo desta declaração torna-se ainda mais profundo, se atendermos ao facto de ter sido proferida na primeira noite do Ramadão, o mês mais sagrado para os Muçulmanos. Para além do objetivo estratégico que podemos atribuir a esta declaração, a qual representa a vinculação a um território numa das áreas de maior significado no mundo muçulmano (ao contrário da al-Qaeda que sempre realçou o seu projeto de natureza pan-islâmica), este evento assume um significado messiânico, já que o Califa é o representante temporal e espiritual dos Muçulmanos, a quem todos devem lealdade ou *bay'at*. Este é um importante conceito islâmico, cujo objetivo é dar legitimidade ao projeto e ao seu líder, na medida em que representa um contrato entre o governante e o povo.<sup>613</sup> No documento onde se declara a criação do Califado, o novo califa é retratado como divinamente inspirado e as suas credenciais e conhecimentos religiosos são destacados como meio de aumentar a sua autoridade e a sua credibilidade.<sup>614</sup>

Outro aspeto simbólico do atual contexto está relacionado com a referência que alguns *ahadith* fazem ao confronto entre dois exércitos no território da atual Síria e uma grande batalha perto de Damasco, e as consequências que tal terá em toda a região.<sup>615</sup> Assim, alguns simpatizantes da organização interpretaram o massacre do povo sírio pelo regime de Al-Assad como sinal da aproximação do fim dos tempos e o atual conflito como sendo o cumprimento da profecia apocalíptica que refere o final do mundo, quando se prevê o regresso do Salvador. Os escritos de natureza escatológica existem desde as primeiras décadas do Islão e, de acordo com estes, a aproximação do apocalipse é marcada pela deterioração das condições globais, ao que se segue uma luta cósmica entre as forças do Bem (Islão) e as forças do Mal. A vitória do Islão marcará o início de uma

---

<sup>613</sup> Joas Wagemakers, “Salafi ideas on state-building before and after the rise of the Islamic State”, *Islamism in the IS Age*, POMEPS Studies, n.º 12, p. 33.

<sup>614</sup> The Islamic State, *This is the Promise of Allah*.

<sup>615</sup> A revista em língua inglesa do Estado Islâmico cita um *hadith* de Sahîd Muslim onde é dito que, primeiro, será invadida a Península Arábica, depois a Pérsia, depois Roma. (Islamic State, *Dabiq*, n.º 2, al-Hayat Media Center, Ramadan 1435 (julho 2014), p. 44.) O próprio termo Dabiq designa uma área perto de Aleppo, na Síria, a qual é referida num *hadith* como sendo o local onde decorrerá uma das maiores batalhas entre os Muçulmanos e os Cruzados. (The Islamic State, *Dabiq*, n.º 1, p. 3.) À semelhança de todos os grupos jihadistas, note-se que também esta organização faz referência a versículos do Alcorão, aos *ahadith* e a interpretações radicais da lei islâmica, mas de modo descontextualizado e referindo apenas aqueles que se conformam com a sua mensagem, ignorando todos os outros que a contradigam. Ver, também, Mariam Karouny, “Apocalyptic Prophecies Drive Both Sides to Syrian Battle for End of Time”, *Reuters*, April 1, 2014, <http://www.reuters.com/article/2014/04/01/us-syria-crisis-prophecy-insight-idUSBREA3013420140401> (data de último acesso: 2 de julho de 2014).

nova era dourada até ao dia do Julgamento. Esta justificação religiosa para os acontecimentos e a representação do conflito como tendo uma natureza apocalíptica é utilizada como uma importante ferramenta de mobilização e recrutamento: os combatentes são levados a acreditar que não lutam contra ou a favor de um regime político, mas pelo regresso do Messias.<sup>616</sup>

A declaração do Califado aumentou as fraturas no interior do movimento jihadista global e provocou reações contraditórias. Alguns aliaram-se ao grupo, vendo neste ato a materialização de um verdadeiro Estado islâmico. Contudo, este evento mereceu críticas por parte de outras organizações islamistas e o desprezo do mundo muçulmano.<sup>617</sup> No contexto da luta síria e iraquiana, aquela representou um desafio à legitimidade dos outros grupos rebeldes: no discurso proferido para anunciar a nova entidade, o porta-voz da organização declara que o Califado é a única autoridade legítima existente, a quem todos os Muçulmanos devem lealdade e que “a legalidade de todos os emirados, grupos, Estados e organizações se tornam nulas pela expansão da autoridade do Califa e a chegada das suas tropas às suas áreas.”<sup>618</sup> Rejeitando todos os outros grupos e recorrendo ao princípio que realça o dever de lealdade à comunidade e repúdio de todos aqueles que não preenchem os requisitos de verdadeiros Muçulmanos, esta organização tenta difundir a ideia de que a luta contra o Estado Islâmico é uma forma de apostasia e que a ausência de um governo com base nas leis da *Sharia* é uma forma de descrença.

Ao ser apresentado como a solução para a comunidade islâmica, a aceitação e compreensão da ideia de Califado não precisa de uma grande cultura ideológica, produzindo um importante impacto emocional. A mobilização de elementos simbólicos e rituais, como os *nasheeds*, os quais se têm revelado importantes para alimentar a cultura da *jihad*,<sup>619</sup> ou o dedo indicador na direção do céu, um gesto que acompanha a pronúncia do *shahada*,<sup>620</sup> são fundamentais para apelar à emoção e para reforçar o sentido de unidade muçulmana. Os jihadistas que apoiam esta organização sentem-se

---

<sup>616</sup> Os Xiitas de países como o Irão, Líbano e Iraque também podem ver algum simbolismo neste conflito, interpretando-o como uma preparação do caminho para o regresso do Mahdi desaparecido há 1000 anos, o qual reaparecerá no final dos tempos para implementar o domínio islâmico.

<sup>617</sup> Algumas reações jihadistas à declaração do Califado podem ser consultadas em “Jihadi Reactions to the ISIS Caliphate Declaration”, <https://storify.com/hegghammer/jihadi-reactions-to-isis-caliphate> (data de último acesso: 13 de setembro de 2014); e em Syrintel, *Jihadist Organizations’ Reactions to Islamic State Announcement*, <http://rdnews.tumblr.com/post/90408384795/jihadist-organizations-reactions-to-islamic> (data de último acesso: 13 de setembro de 2014).

<sup>618</sup> The Islamic State, *This is the Promise of Allah*, p. 4.

<sup>619</sup> Os *nasheed* têm as suas raízes na literatura *ghazavat* do século XV, no Império Otomano, consistindo em hinos ou cânticos populares no mundo islâmico, cuja função era glorificar e encorajar os *mujahideen* ou os *ghazis*. Andrew C. Hess, “The Evolution of the Ottoman Seaborne Empire in the Age of the Oceanic Discoveries, 1453-1525,” *The American Historical Review*, vol. 75, n.º 7, 1970, p. 1906.

<sup>620</sup> Ver Combating Terrorism Center, *Militant Imagery Project*, West Point, New York, <http://www.ctc.usma.edu/posts/imagery/0386>. (data de último acesso: 3 de Setembro de 2014).

inspirados pela ideia de lutar pela materialização e defesa de uma entidade que, para eles, representa a esperança da comunidade islâmica e o fim das injustiças contra os Muçulmanos.

Comprovando a natureza política deste projeto, um dos vídeos da autoria da organização Estado Islâmico, colocado em circulação imediatamente após a declaração do Califado, tinha o título de *O Fim do Sykes-Picot*, referindo-se ao final da fronteira imposta por Franceses e Ingleses, em 1916, entre a Síria e o Iraque.<sup>621</sup> Com efeito, muitos viram nesta declaração do Califado um meio para eliminar as fronteiras arbitrárias que dividem o mundo árabe e que foram impostas após o final da Primeira Grande Guerra. Forçando a coexistência de diferentes identidades religiosas, tribais e étnicas sob a autoridade de governantes não eleitos, a natureza artificial daquelas fronteiras fomentou crises de identidade, de poder e legitimidade, as quais se arrastam até aos nossos dias. Simbolicamente, podemos ver neste ato a tentativa de criar não só um novo Estado, mas também uma nova identidade pós-colonial e uma nova comunidade política: estas rompem com tudo aquilo que era considerado herança dos poderes coloniais, e são um desafio à ordem internacional pós-Vestefália, a qual se baseia na soberania dos Estados-nação.<sup>622</sup> Assim, a prioridade é o estabelecimento e a consolidação de um Estado islâmico num território geograficamente delimitado, o qual constituirá uma base segura, onde o movimento se desenvolverá e a partir de onde se poderá expandir para outros territórios.<sup>623</sup>

Apesar do objetivo estratégico desta declaração, este projeto evidenciou óbvias fraquezas, como o facto de ter deixado várias questões por responder, nomeadamente no que se refere ao processo de escolha do sucessor do novo Califa.

#### 4.8. Considerações finais

Muitos autores e comentadores defenderam a decadência do Jihadismo e, mais concretamente da sua vertente global, em resultado das Revoltas árabes, do desaparecimento de líderes históricos do movimento, e devido à incapacidade do

---

<sup>621</sup> Ver “The End of Sykes-Picot”, *Youtube*, 29 de junho de 2014, [www.youtube.com/watch?v=i357G1HuFcl](http://www.youtube.com/watch?v=i357G1HuFcl) (data de último acesso: 2 de julho de 2014).

<sup>622</sup> “Aqui a bandeira do Estado Islâmico, a bandeira da *tawhid* (monoteísmo), levanta-se e vibra. A sua sombra abrange as terras de Aleppo a Diyala. Por baixo dela, as paredes dos *tawāghūt* (governantes apóstatas) foram demolidas, suas bandeiras caíram e suas fronteiras foram destruídas. Seus soldados foram mortos, encarcerados ou derrotados. Os Muçulmanos são homenageados. Os *kuffar* estão em desgraça. O *Ahlu-Sunnah* (Sunitas) são mestres e devem ser estimados. O povo da *bidā* é humilhado. As *hudūd* (penalizações da Sharia) são implementadas.” *The Islamic State, This is the Promise of Allah*, pp. 3-4.

<sup>623</sup> Ver Abu ‘Amr al-Kinani, *Dabiq*, n.º 2, p. 5. Nesta pode ler-se que a opção é entre “o Estado Islâmico ou o dilúvio.”

movimento em fornecer uma visão política e económica para o futuro.<sup>624</sup> A própria ascensão ao poder pela via eleitoral da Irmandade Muçulmana, no Egipto, e do partido *al-Nahda*, na Tunísia, foi considerada um rude golpe para a vertente radical do Islamismo. Outros autores preferiram realçar o carácter flexível da ideologia e a capacidade de adaptação do movimento, o qual poderia transformar a instabilidade regional em novas oportunidades para atingir os seus objetivos estratégicos.<sup>625</sup>

Ao longo da última década, o Jihadismo global sofreu uma importante evolução em resultado da necessidade de interpretar e incorporar na sua narrativa novos eventos e de se adaptar a novas condições geopolíticas. Como procuramos demonstrar, o Jihadismo global não constitui uma ideologia fixa e imutável, mas reage a estímulos externos e adapta-se aos desenvolvimentos dos regimes políticos nacionais e da política internacional que afetam a *ummah*, incorporando novos temas, estabelecendo novas prioridades para a ação, alargando ou restringindo a categoria de alvos, redefinindo os objetivos a alcançar e identificando as táticas mais adequadas para prosseguir com a estratégia. Novos desenvolvimentos ideológicos podem impulsionar importantes alterações e adaptações a nível de estratégia e táticas adotadas, embora não os determinem. O movimento tem relevado capacidade de pensar estrategicamente, avançando com novos modos de atuação, enquanto procuram legitimidade através de justificações religiosas para as suas ações.

Se o conflito iraquiano na década passada introduziu importantes dinâmicas no Jihadismo global, conduzindo à introdução de algumas inconsistências no pensamento ideológico e estratégico, a situação na Síria deu um novo ímpeto ao movimento, mas também o transformou de modo significativo. Para tal contribuiu o surgimento de uma nova estrutura organizacional, a qual se tentou afastar da imagem de fraqueza do núcleo da al-Qaeda e alimentar a ideia da restauração da força do Islão e da *ummah*. Não se concentrando apenas nas consequências negativas do colonialismo no mundo do Islão,

---

<sup>624</sup> Ver, por exemplo, Robert Fisk, “Bin Laden’s haunting last words, a decade after 9/11”, *The Independent*, 14 September 2011, <http://www.independent.co.uk/opinion/commentators/fisk/robert-fisk-bin-ladens-haunting-last-words-a-decade-after-911-2354318.html> (data de último acesso: 16 de setembro de 2011); Omar Ashour, “From 9/11 to the Arab Spring”, *Project Syndicate*, 07 September 2011, <http://www.project-syndicate.org/commentary/ashour6/English> (data do último acesso: 12 de outubro de 2011); Filiu, *op. cit.*, pp. 111-119; Fawaz A. Gerges, “How Arab Spring Beat Al-Qaeda”, *The Daily Beast*, 13 May 2012, <http://www.thedailybeast.com/articles/2012/05/13/fawaz-a-gerges-on-how-the-arab-spring-beat-al-qaeda.html> (data de último acesso: 14 de maio de 2012).

<sup>625</sup> Cindy Storer, “Why al-Qaeda isn’t dead”, *Fareed Zakaria GPS*, CNNWorld, 13 May 2013, <http://globalpublicsquare.blogs.cnn.com/2013/05/13/why-al-qaeda-isnt-dead/> (Data do último acesso: 13 de junho de 2013); Bernard Haykel citado em Robert F. Worth, “Al Qaeda-Inspired Groups, Minus Goal of Striking U.S.”, *The New York Times*, 27 October 2012, [http://www.nytimes.com/2012/10/28/world/middleeast/al-qaeda-inspired-groups-minus-goal-of-striking-us.html?\\_r=1&nl=todaysheadlines&emc=edit\\_th\\_20121028](http://www.nytimes.com/2012/10/28/world/middleeast/al-qaeda-inspired-groups-minus-goal-of-striking-us.html?_r=1&nl=todaysheadlines&emc=edit_th_20121028) (data de último acesso: 28 de outubro de 2012); Jessica Stern, “Arab Revolutions don’t mean end for Al Qaeda”, *The Boston Globe*, 20 April 2011, [http://www.boston.com/bostonglobe/editorial\\_opinion/oped/articles/2011/04/20/arab\\_revolutions\\_dont\\_mean\\_end\\_for\\_al\\_qaeda/](http://www.boston.com/bostonglobe/editorial_opinion/oped/articles/2011/04/20/arab_revolutions_dont_mean_end_for_al_qaeda/) (data de último acesso: 22 de abril de 2011).

aquela tenta criar um mundo e uma identidade pós-colonial, através da destruição de todo o legado colonialista existente nos territórios que controla.

O Jihadismo global alimenta-se de questões políticas e de processos racionais e emocionais, pelo que, como veremos na terceira parte desta tese, a evolução do Jihadismo global na Europa é profundamente dependente do que acontece no mundo muçulmano: estes acontecimentos despoletam reações entre os Muçulmanos europeus, os quais, na maioria dos casos, são jovens e nunca viveram ou têm contactos muito limitados com aquela parte do globo. Apesar dos contextos e das dinâmicas destes conflitos variarem, aqueles são importantes para compreender a evolução do panorama jihadista europeu, nomeadamente os processos de radicalização, mobilização para o movimento, a deslocação de combatentes para diferentes palcos de conflito e a variação do ativismo em palco europeu.

Porém, as opções estratégicas não dependem apenas do surgimento de oportunidades para o ativismo, mas também dos recursos disponíveis (como recrutas, espaços de refúgio e meios financeiros e logísticos) e das capacidades estruturais do movimento jihadista.<sup>626</sup> O próximo capítulo analisa as dinâmicas organizacionais e os objetivos estratégicos, assim como a evolução da perceção da ameaça jihadista em resultado dos processos de afiliação e competição entre estruturas da mesma tendência ideológica.

---

<sup>626</sup> Ver, por exemplo, Quintan Wiktorowicz, “Introduction: Islamic Activism and Social Movement Theory”, in Wiktorowicz (ed.), *Islamic Activism*, pp. 3-4..

## 5. O movimento jihadista global: alterações organizacionais, comportamento estratégico e capacidades táticas

### 5.1. Introdução

Embora o Jihadismo global transcenda organizações e personalidades e seja composto por redes fluídas responsáveis pela mobilização de indivíduos, a compreensão das estruturas organizacionais jihadistas é importante para determinar a sua capacidade operacional, conectividade estratégica, capacidade de recrutar e de se financiar, assim como algumas opções táticas.<sup>627</sup> As dinâmicas de cooperação e dissidências e as divisões entre grupos e indivíduos, comuns a este movimento, também são fundamentais para compreender o rumo estratégico do Jihadismo global.

A organização refere-se ao processo através do qual as pessoas compreendem os objetivos do movimento e se fortalecem para continuar a ação em nome desse movimento. Os instrumentos organizacionais são fundamentais para disseminar a ideologia e para fazer chegar a mensagem à audiência que pretende alcançar, embora o desmantelamento ou enfraquecimento organizacional não conduza necessariamente à erosão da infraestrutura ideológica e conceptual de uma organização.

Neste capítulo, fazemos uma análise organizacional e estratégica das entidades envolvidas ou ligadas à *Jihad* global: a al-Qaeda, grupos afiliados e a sua dissidente organização Estado Islâmico. O nosso objetivo é compreender as estratégias, a capacidade operacional e a importância das lideranças, de modo a avaliar o seu impacto na direção do Jihadismo na Europa. Argumentamos que fatores organizacionais exercem um papel importante na atração para o movimento jihadista e no seu desenvolvimento, e que figuras carismáticas na sua liderança podem contribuir para manter a coesão, motivar membros e simpatizantes e desencadear ataques. Porém, tanto as dinâmicas de cooperação entre diferentes grupos, como as fraturas no seio do movimento jihadista e o aprofundar dos debates entre grupos e personalidades, conduziram à adoção de comportamentos mais complexos, ora misturando objetivos estratégicos nem sempre coincidentes, por exemplo, motivações locais e globais; ora discordando sobre a

---

<sup>627</sup> Para mais sobre a importância de conduzir análises organizacionais, ver Victor Asal e R. Karl Rethemeyer, "The Nature of the Beast: Organizational Structures and the Lethality of Terrorist Attacks", *The Journal of Politics*, vol. 70, n.º 2, 2008, pp. 437-449; Gina Ligon, "The Organization and Leadership of Violence", *START Research Brief*, National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism, August 2013, [http://www.start.umd.edu/start/publications/research\\_briefs/START\\_OrganizationandLeadershipofViolence\\_ResearchBrief\\_Aug2013.pdf](http://www.start.umd.edu/start/publications/research_briefs/START_OrganizationandLeadershipofViolence_ResearchBrief_Aug2013.pdf)

metodologia e táticas a seguir para alcançar um determinado objetivo, como por exemplo, a restauração do Califado ou a legitimidade do recurso à violência em certos contextos. Devemos, ainda, considerar as oportunidades e as condições existenciais que as organizações jihadistas enfrentam no território onde estão os seus membros mais importantes, as quais influenciam a sua estratégia global.

## 5.2. Cooperação e competição entre grupos terroristas: chegada teórica

Para compreender a evolução do Jihadismo é necessário analisar o movimento alargado: o núcleo, as organizações afiliadas e as dissidentes. As visões estratégicas e capacidades táticas dos grupos violentos são influenciados pela estrutura organizacional e pelas redes sociais que as alimentam. A nível estrutural e organizacional, os atores jihadistas evoluem e adaptam-se às pressões e alterações globais e locais. São estas adaptações que permitiram, por exemplo, à organização al-Qaeda transformar-se num movimento difuso e mais descentralizado, dificultando a realização de um atentado com impacto semelhante ao de setembro de 2001, e colocando maiores dificuldades à sua monitorização por parte das autoridades.<sup>628</sup>

Uma maneira de compreender o comportamento, as capacidades operacionais e o desenvolvimento do movimento jihadista é considerar as suas dinâmicas internas e o modo como os grupos se relacionam com outras estruturas, ou seja, considerar o contexto de colaboração ou competição com outras organizações militantes da mesma família. À semelhança do que acontece com os atores estatais, a decisão de cooperar e estabelecer alianças entre grupos terroristas pode ser o resultado de premissas realistas, como cálculos estratégicos – aumentar a capacidade operacional ou material, ampliar os ganhos obtidos, contrabalançar ou reagir a uma ameaça –, ou ter bases construtivistas, como questões identitárias, a partilha de uma ideologia e a existência de um inimigo comum. Alguns autores defendem a relevância dos objetivos políticos para a tomada de decisão dos grupos de colaborarem entre si, destacando que quanto menor for a probabilidade de atingirem esses objetivos, mais elevada é a probabilidade de cooperação entre grupos que partilham pressupostos ideológicos idênticos. As alianças de natureza tática são comuns entre grupos envolvidos em insurreições ou guerras civis, muitos dos quais têm diferentes

---

<sup>628</sup> Este é uma das motivações para a teoria defendida por Abu Mus'ab al-Suri: o Jihadismo deveria evitar organizações hierarquizadas por questões de segurança, sendo preferível redes clandestinas auto-organizadas e grupos independentes sem ligações entre si.



orientações ideológicas, mas interesses partilhados.<sup>629</sup> As alianças podem ter uma natureza tática e ser feitas tendo em vista um objetivo específico, cumprido o qual a união se desfaz, ou ter um carácter mais permanente.

A cooperação ou o estabelecimento de uma relação de oposição entre grupos violentos também depende dos recursos e capacidades disponíveis e de fatores de oportunidade, como a natureza ou a alteração do regime político. Considerando o valor simbólico da violência e a propaganda inerente ao ato,<sup>630</sup> as organizações que recorrem ao terrorismo procuram conseguir o máximo de visibilidade através das suas ações, o que permite disseminar a sua mensagem pela audiência e constitui uma oportunidade para atrair não só recrutas, mas também possíveis aliados, em busca de atenção, credibilidade e legitimidade entre a comunidade de militantes. Embora a cooperação entre organizações terroristas possa ser problemática, este tipo de relação costuma ter como consequência um aumento do alcance operacional, da flexibilidade, das capacidades e da letalidade das ações dos grupos aliados, através da partilha de recursos, de informações e de táticas.<sup>631</sup>

Contudo, a cooperação também comporta riscos e cria vulnerabilidades: a nível securitário, as organizações ficam mais expostas; as organizações aliadas podem ter diferentes motivações, implicando diferentes níveis de compromisso; os grupos podem ser obrigados a lidar com os efeitos negativos de eventuais abusos cometidos pelos seus aliados; e, com frequência, não existe consenso no seio de cada grupo no que se refere à realização de parcerias e alianças, o que pode prejudicar a própria coesão organizacional.

As organizações terroristas também estabelecem relações de oposição entre si, as quais são importantes para compreender a sua evolução, desempenho e sobrevivência.<sup>632</sup> Por vezes, a competição pode resultar de uma rutura interna no seio de uma organização, em resultado de diferentes perspetivas sobre os objetivos a atingir ou o recurso a determinadas estratégias e métodos. Estas podem provocar o abandono de alguns membros, a desintegração do grupo e a formação de blocos concorrentes

Por norma, as organizações rivais com a mesma orientação operam num mesmo território, resultam da oposição a uma mesma entidade, disputam recursos, a

---

<sup>629</sup> Por exemplo, a aliança entre os jihadistas e os membros do partido *Baath*, após a invasão do Iraque, em 2003. Hafez, *Suicide Bombers in Iraq*, pp. 52-54.

<sup>630</sup> Para mais sobre a propaganda inerente a um ato de violência, ver Ethan Bueno de Mesquita, Eric S. Dickson, “The Propaganda of the Deed: Terrorism, Counterterrorism, and Mobilization”, *American Journal of Political Science*, vol. 51, n.º 2, April 2007, pp. 364-381.

<sup>631</sup> Asal and Rethemeyer, “The Nature of the Beast”; Michael C. Horowitz and Philip Potter, *Allying to Kill: Terrorist Intergroup Cooperation and the Consequences for Lethality*, SSRN, November 2011, [http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1787599](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1787599).

<sup>632</sup> Crenshaw, “Theories of Terrorism: Instrumental and Organizational Approaches”, in David Rapoport (ed.), *Inside Terrorist Organizations*, London, Frank Cass & Co., 2001 p. 22.

representação de uma comunidade e a influência num mesmo espaço físico ou virtual.<sup>633</sup> Em contextos de conflito, é comum a interação entre grupos que recorrem à violência caracterizar-se pela competição.<sup>634</sup> A luta pelo poder, recursos, território, credibilidade e publicidade pode encorajar os grupos a inovarem tática e tecnicamente, não só para manterem o elemento surpresa fundamental ao seu sucesso,<sup>635</sup> mas também como meio de superarem o seu competidor e atraírem elementos entre o seu círculo de potenciais apoiantes.<sup>636</sup> Assim, a competição entre organizações pode constituir um incentivo para uma escalada de violência e para a adoção de táticas mais brutais e letais, como, por exemplo, ataques suicidas e a expansão da categoria de alvos a atingir.<sup>637</sup> A tentativa constante de superar os atos dos seus rivais eleva o limiar da violência considerado aceitável, contribuindo, em simultâneo, para uma certa dessensibilização das audiências.<sup>638</sup> Porém, como vimos no caso argelino durante a década de 1990 e no Iraque após 2006, existe sempre um limite a partir do qual a violência se torna contraproducente, contribuindo apenas para alienar a população.

Nos seus estudos sobre movimentos sociais, Della Porta desenvolveu a noção de “violência concorrencial” para explicar os conflitos que podem surgir entre organizações no interior de um mesmo movimento social.<sup>639</sup> Para esta autora, a violência é um recurso importante para as organizações, resulta de uma opção normativa e dá origem a posicionamentos variados no interior do movimento. Na atualidade, a competição entre organizações violentas também acontece virtualmente, visto a Internet ser um meio privilegiado de ganhar seguidores.

Devemos, ainda, assinalar que a competição entre organizações militantes no seio do mesmo movimento pode ter outra consequência: a relação de oposição pode fornecer o contexto para uma “normalização” real (numa manifestação de pensamento estratégico) ou percecionada – o denominado *radical flank effect* – do discurso e dos atos por parte de

---

<sup>633</sup> Ver Mia Bloom, *Dying to Kill: The Allure of Suicide Terror*, New York, Columbia University Press, 2005.

<sup>634</sup> Por exemplo, ver os casos do *Irish Republic Army* (IRA) e do *Irish National Liberation Army* (INLA), na Irlanda do Norte, ou o caso da *Fatah* e do *People Front for the Liberation of Palestine* (PFLP), nos Territórios Palestínianos.

<sup>635</sup> Crenshaw, “Theories of Terrorism: Instrumental and Organizational Approaches”, p. 15.

<sup>636</sup> Ver, por exemplo, Victor Asal, Gary Ackerman and R. Karl Rethemeyer, “Connections Can Be Toxic: Terrorist Organizational Factors and the Pursuit of CBRN Weapons”, *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 35, n.º 3, 2012, pp. 229-254; Mia Bloom, “Palestinian Suicide Bombings: Public Support, Market Share, and Outbidding”, *Political Science Quarterly*, vol. 119, n.º 1, 2004, pp. 61-88; Chenoweth, *op. cit.*; Stephen Nemeth, “The Effect of Competition on Terrorist Group Operations”, *Journal of Conflict Resolution*, vol. 58, n.º 2, March 2014, pp. 336-362.

<sup>637</sup> Ver Michael C. Horowitz, “Nonstate Actors and the Diffusion of Innovation: The Case of Suicide Terrorism”, *International Organization*, vol. 64, n.º 1, 2010, pp. 33-64.

<sup>638</sup> Neumann também refere a importância da diversificação dos meios de comunicação social durante as últimas duas décadas e a maior exposição à violência para a dessensibilização das audiências: a maior diversidade de meios de comunicação e o modo como as pessoas consomem notícias pode incentivar os terroristas a optarem por ataques cada vez mais brutais de modo a fazer passar a sua mensagem e obter a visibilidade desejada. Neumann, *Old & New Terrorism*, p. 136, 141.

<sup>639</sup> Donatella Della Porta, *Social Movement Studies and Political Violence*, Centre for the Study of Islamism and Radicalisation, Aarhus University, Aarhus, September 2009, pp. 13-14.

uma das organizações, a qual beneficia das imagens negativas da sua concorrente.<sup>640</sup> Perante os excessos e a brutalidade de uma organização, a organização concorrente chama menos a atenção e tende a ser olhada de modo mais favorável, mesmo que continue a executar atos de violência.

### 5.3. Alianças, dissidências e atores solitários: impacto nas capacidades estratégicas e operacionais

A discussão relativa à evolução da al-Qaeda após a destruição das bases afegãs e dos seus canais de financiamento, e a morte, captura e dispersão de muitos dos seus membros acentuou a tendência para a construção do seu universo do seguinte modo, entre 2004 e o início de 2014: um núcleo central composto por elementos que estiveram na sua origem ou que compõem a sua liderança; grupos afiliados em diferentes partes do mundo muçulmano; organizações associadas a quem a al-Qaeda terá tentado impingir a causa global; e simpatizantes e células aderentes, os quais partilhando da ideologia, não têm necessariamente contactos a nível organizacional e podem tomar a iniciativa de agir sem ordens diretas, como no caso dos designados “lobos solitários”.

Alguns analistas interpretaram esta política de cooperação como evidência da força da al-Qaeda;<sup>641</sup> outros como sinal de fraqueza e uma tentativa desesperada de sobrevivência, na medida em que o grupo passa essencialmente a depender das capacidades operacionais dos seus afiliados locais.<sup>642</sup> Apesar de diminuída a nível central, a capacidade demonstrada pela al-Qaeda para, durante uma década, fazer alianças tácitas e ganhar afiliados entre organizações já existentes contribuiu para que o grupo transmitisse uma ideia de ameaça, conduzindo à complexificação dos desafios

---

<sup>640</sup> Sandra Liliana Costa e M. Céu Pinto, “A problemática da radicalização islamista: desafios conceptuais e dificuldades práticas no contexto europeu”, in *Nação e Defesa*, n.º 132, 2012, pp. 182-183; Robert Lambert, “Empowering Salafis and Islamists against Al-Qaeda: A London Counterterrorism Case Study”, in *Political Science & Politics*, vol. 41, n.º 1, 2008, p. 31. O *radical flank effect* – ou *fringe effect* – é um conceito muito utilizado na teoria dos movimentos sociais. De acordo com este, a presença de um grupo radical nas margens de um movimento faz com que outro grupo menos extremista, mas ainda assim afastado das correntes convencionais em termos de ideias defendidas ou comportamentos adotados, seja percebido como mais legítimo pela população. Esta teoria é utilizada para analisar o impacto das divisões entre fações moderadas e fações radicais no interior de um movimento social. Esta estabelece que as organizações radicais exercem uma influência positiva ou negativa em organizações mais *mainstream*, ao pressioná-las para um ativismo maior do que aquele com que estas últimas estão dispostas a se comprometerem. Este efeito pode ser negativo caso ações violentas cometidas em nome do movimento minem a legitimidade dos seus líderes mais moderados; ou positivo, quando as ações das organizações mais moderadas são vistas de modo mais favorável. Em alguns casos, os grupos mais moderados beneficiam do aparecimento de concorrentes mais radicais, o que lhes permite, por exemplo, obter concessões por parte do poder; porém, o aparecimento daqueles pode também ser considerado um modo de revitalizar um movimento considerado moribundo. Estas dinâmicas obviamente variam de acordo com a natureza do Estado e o tipo de relação que este mantém com o movimento social. Para mais sobre esta teoria ver, Herbert H. Haines, *Black Radicals and the Civil Rights Mainstream, 1954-1970*, Knoxville, The University of Tennessee Press, 1988, pp. 1-11.

<sup>641</sup> Bruce Riedel, “Al-Qaeda Strikes Back”, *Foreign Affairs*, May/June 2007, <http://www.foreignaffairs.com/articles/62608/bruce-riedel/al-qaeda-strikes-back#>.

<sup>642</sup> Hellmich, *op. cit.*, pp. 119-120.

securitários. Por seu lado, os grupos que se tornaram seus aliados e que contribuíram para o desenvolvimento do movimento procuravam aumentar o impacto das suas ações, a sua atratividade, legitimidade e o seu estatuto, alargando o apelo do grupo para fora das suas tradicionais linhas territoriais e aumentando o leque de potenciais recrutas.

A associação entre grupos conduziu a uma maior flexibilização e ambiguidade dos objetivos políticos e prioridades estratégicas dos jihadistas. Hegghammer descreveu este processo como “hibridização ideológica”, o qual se traduz no esbater das hierarquias inimigas.<sup>643</sup> O Jihadismo adquiriu uma natureza descentralizada em resultado destas parcerias e o discurso deixou de se focar na organização para se concentrar no movimento. Se, por um lado, esta cooperação permitiu conciliar a natureza cada vez mais desterritorializada do Jihadismo global com estruturas organizacionais ligadas a territórios específicos, por outro lado, também impediu que o movimento obtivesse um impacto estratégico significativo.

A cooperação entre organizações revelou-se uma realidade complexa. A decisão por parte de alguns líderes locais de se associarem à al-Qaeda foi motivo de discórdias internas e dissensões, devido a questões como a reorientação da luta do nível local para o global ou a utilidade estratégica em atacar interesses ocidentais. Os excessos cometidos e que resultaram na morte de civis muçulmanos, com frequência justificados com recurso ao conceito de *al-tartarrus*, e o desvio de atenção daquele que deveria ser o principal alvo dos jihadistas, os EUA, motivaram críticas por parte de Bin Laden à conduta operacional dos grupos afiliados e à sua incapacidade para ganhar bases de apoio entre as populações locais. Dados obtidos após a sua morte mostraram que nem sempre as afiliadas regionais respondiam perante a liderança do núcleo da al-Qaeda ou seguiam as suas orientações estratégicas e, muitas vezes, as suas ações contribuíram para denegrir a imagem daquela. A autoridade do líder da al-Qaeda parece ter sofrido uma progressiva erosão e aquele sentia-se frustrado por não ser capaz de controlar as ações dos grupos locais ou de impor a sua visão e um modo de conduta.<sup>644</sup>

A erosão da organização parece ter-se acentuado após o seu desaparecimento, já que al-Zawahiri assumiu a liderança do movimento numa posição de fragilidade. O surgimento de uma organização dissidente foi um rude golpe para o novo líder:

---

<sup>643</sup> O autor descreve este processo como consistindo numa mistura de diferentes paradigmas ou sistemas ideológicos, sub-correntes específicas do Islamismo ou determinadas justificações para o recurso à violência e conseqüente amálgama de hierarquias inimigas que lhe estão associadas. Um grupo ideologicamente híbrido apresenta um comportamento e um discurso com justificações e hierarquias inimigas incertas. Hegghammer, “The Ideological Hybridization of Jihadi Groups”, p. 26, 32.

<sup>644</sup> Lahoud et al., *Letters from Abbottabad*, pp. 12-13, 36.

evidenciando a perda de atratividade do rótulo al-Qaeda, demonstrou que a revigoração do movimento jihadista estava, em grande parte, dependente do surgimento de uma organização que se assumisse como alternativa mais forte e resistente aos poderes existentes. Entretanto, procurando consolidar a sua liderança, em setembro de 2013, al-Zawahiri publicou um documento com algumas diretrizes para a *jihad*, no qual pedia aos jihadistas alguma contenção nas suas ações para não danificar a imagem da organização e construir bases de apoio entre os Muçulmanos. Aquele apelava sobretudo para que se evitasse a violência excessiva contra Muçulmanos e não combatentes, e afirmava que as ações daqueles deveriam corresponder à narrativa cultivada pelo grupo de que constituía uma vanguarda armada para a defesa da *ummah*. Não obstante estas observações tendo em vista o interesse estratégico da organização, al-Zawahiri não deixa de realçar que o ataque militar à “cabeça da descrença internacional”, ou seja, aos EUA e ao seu aliado Israel continua a ser a prioridade, ao que se segue o combate aos aliados locais que governam os países muçulmanos.<sup>645</sup>

Na atualidade, para compreendermos o movimento jihadista global é fundamental considerarmos as várias organizações que o compõem, assim como as ações dos atores individuais que seguem a estratégia daquelas. De seguida caracterizamos as principais organizações jihadistas, atendendo às diferenças ideológicas, às estruturas internas e dinâmicas de grupo, às estratégias que estas impulsionaram, ao contexto sociopolítico e cultural de atuação e, sobretudo, à sua maior ou menor relevância para o território europeu.<sup>646</sup>

#### 5.4. A al-Qaeda e movimentos afiliados

---

<sup>645</sup> al-Zawahiri, *General Guidelines for Jihad*, As-Sahab Media, 2013.

<sup>646</sup> Existem outros grupos jihadistas com carácter insurgente, como por exemplo, o Boko Haram, o qual utiliza elementos e representações ocidentais na Nigéria como alvos, mas até ao momento em que escrevemos, este representou uma ameaça diminuta para o território europeu. A organização Boko Haram deve ser compreendida, sobretudo, no seu contexto de surgimento e atuação. O grupo leva a cabo uma luta para controlar e impor a *Sharia* no norte da Nigéria, mas tenta colocar-se no âmbito de um discurso globalizado, representando o mundo em termos de uma luta entre o Bem e o Mal e opondo-se a todas as incursões ocidentais que são potenciais ameaças aos valores e às crenças tradicionais dos Muçulmanos nigerianos. A organização representa um desafio de segurança para a Nigéria desde 2009 e, embora já tenha conduzido ataques terroristas contra alvos internacionais, como o edifício da ONU em Abuja, em agosto de 2011, os alvos e recrutas são essencialmente locais. A nível doméstico, os ataques contra igrejas e líderes religiosos sugerem uma tentativa de desencadear um conflito sectário. Tal como outros grupos jihadistas, este também não é homogéneo, existindo choques de personalidades, lutas pelo poder e diferentes fações no seu interior que discordam relativamente a táticas e estratégias. Várias teses defenderam que o Boko Haram colaborava com outros grupos violentos, como a al-Shabaab e a AQMI, por razões logísticas, como treino e partilha de equipamento. Contudo, a 7 de maio de 2015, o líder do grupo afirmou a sua aliança à organização Estado Islâmico, sendo que aquele foi renomeado *Wilāyat Gharb Ifrīqīyyah* (Província do Oeste de África) para refletir essa aliança. Ver Caitriona Dowd, Clionadh Raleigh, “The Myth of Global Islamic Terrorism and Local Conflict in Mali and the Sahel”, *Africa Affairs*, vol. 112, n.º 448, May 2013, p. 504; Prem Mahadevan, *The Globalisation of Al Qaedaism*, Center for Security Studies, Zurich, 22 March 2013, <http://www.isn.ethz.ch/isn/Digital-Library/Articles/SpecialFeature/Detail/?lng=en&id=161729&contextid774=161729&contextid775=161659&tabid=1454211886> (data de último acesso: 24 de maio de 2013); James J. , *Confronting the Terrorism of Boko Haram in Nigeria*, JSOU Report 12-5, Tampa, Joint Special Operations University, May 2012; “Boko Haram declares ‘Islamic State’ in northern Nigeria”, *BBC News*, <http://www.bbc.com/news/world-africa-28925484> (data de último acesso: 26 de agosto de 2014).

A organização al-Qaeda conta com grupos afiliados e organizações associadas. Os primeiros consistem em organizações locais que adotaram a retórica e o rótulo al-Qaeda e, supostamente, os seus objetivos globais, como a al-Qaeda no Magrebe Islâmico, al-Qaeda na Península Arábica, a al-Qaeda no Iraque (entre 2004 e início de 2014) e a al-Shabaab.<sup>647</sup> A maioria destas organizações continuaram a concentrar-se no inimigo local, apesar de adotarem uma retórica mais antiocidental, enquanto outros grupos esforçaram-se por misturar agendas locais e globais, causando uma óbvia tensão estratégica.<sup>648</sup> Em setembro de 2014, a organização criou o ramo da al-Qaeda no Subcontinente Asiático, naquilo que será uma tentativa de manter a sua presença naquele território e revigorar a própria organização face aos desafios mais recentes.

As segundas consistem em organizações que têm objetivos próprios, mas que podem colaborar com a al-Qaeda quando há uma convergência de interesses. Entre estas destacam-se o Emirado do Cáucaso,<sup>649</sup> a *Lashkar-e-Taiba* (LeT),<sup>650</sup> o *Tehreek-e-Taliban Pakistan* (TTP)<sup>651</sup>, o Movimento Islâmico do Uzbequistão (*Islamic Movement of Uzbekistan*, IMU)<sup>652</sup> e o seu grupo dissidente, a União da Jihad Islâmica (*Islamic Jihad*

---

<sup>647</sup> Os grupos adotaram o rótulo al-Qaeda com exceção da al-Shabaab. A adoção ou incorporação do nome da organização aliada é uma das maneiras existentes para tornar pública a afiliação entre grupos neste tipo de pactos, o que levou alguns autores a designar esse tipo de aliança como *franchise*. Note-se que este tipo de relação também supõe que um grupo se sobrepõe aos restantes em termos de poder.

<sup>648</sup> Para mais sobre este dilemma ver Guido Steinberg and Isabelle Werenfels, “Between the ‘Near’ and the ‘Far Enemy’: Al-Qaeda in the Islamic Maghreb”, *Mediterranean Politics*, vol. 12, n.º 3, 2007, pp. 407-413; Jean-Luc Marret, “Al-Qaeda in Islamic Maghreb: A ‘Glocal’ Organization,” *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 31, n.º 6, 2008, pp. 541-552; Bryce Loidolt, “Managing the Global and the Local: The Dual Agendas of the Al Qaeda in the Arabian Peninsula”, *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 34, n.º 2, 2011, pp. 102-123; Tine Gade, *Fatah al-Islam in Lebanon: Between Global and Local Jihad*, FFI Report, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2007.

<sup>649</sup> O Emirado do Cáucaso é uma organização sunita nacionalista formada no norte do Cáucaso, em outubro de 2007, com o objetivo de libertar aquele território da Rússia e criar um Emirado independente, onde a lei islâmica fosse implementada. A nível estrutural, a organização é formada por uma rede de grupos regionais, os quais agem na sua respetiva província. Os alvos principais do grupo são civis e forças russas, mas em resultado de uma aproximação ao movimento jihadista global, o grupo começou a adotar a retórica da *jihad* global, o que em teoria faz do Ocidente um inimigo. Vários membros deste grupo deslocaram-se para a Síria a fim de participar no combate ao regime de Damasco. Ver Mapping Militant Organizations, *Caucasus Emirate*, Stanford University, <http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/255> (data de último acesso: 14 de julho de 2014); Ver The National Counterterrorism Center, *Central Asian Terrorism*, [http://www.nctc.gov/site/groups/cent\\_eurasian.html](http://www.nctc.gov/site/groups/cent_eurasian.html) (data de último acesso: 14 de julho de 2014); Derek Henry Flood, “The Caucasus Emirate: From Anti-Colonialist Roots to Salafi-Jihad”, *CTC Sentinel*, vol. 7, n.º 3, Combating Terrorism Center at West Point, 26 March 2014, pp. 13-17.

<sup>650</sup> O LeT tem como área de operações original Jammu e Caxemira, e alegadamente mantém ligações aos serviços de informações paquistaneses por causa da luta contra a Índia. A evidência de que este grupo adotou o objetivo de atacar alvos americanos e judeus – ideias tradicionalmente pertencentes ao domínio dos jihadistas globais – foram os ataques a Bombaim, em novembro de 2008. Ver Mapping Militant Organizations, *Lashkar-e-Taiba*, Stanford University, <http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/79> (data de último acesso: 14 de julho de 2014).

<sup>651</sup> Originalmente concebido como uma extensão dos Talibãs afegãos visando alvos no interior do Paquistão, o TTP assumiu recentemente ambições internacionais, tendo apoiado planos para atacar em solo americano e europeu. Uma das suas conspirações foi o envio de um grupo de aspirantes a bombistas suicidas para atacarem em Barcelona, em janeiro de 2008, como represália pela presença militar espanhola no Afeganistão. (Para mais sobre esta conspiração consultar tabela no final da tese.) A conspiração para atacar o metro de Nova Iorque, em 2009, e a tentativa de detonar uma bomba em Times Square, Nova Iorque, em maio de 2010 também serão da responsabilidade desta organização. Ver Mapping Militant Organizations, *Tehreek-e-Taliban Pakistan*, Stanford University, <http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/105> (data de último acesso: 14 de julho de 2014).

<sup>652</sup> Fundado em 1991 com o objetivo de criar um Estado islâmico governado pela *Sharia* naquele país, o IMU acabou por adotar a retórica anti-americana e anti-Israel dos jihadistas globais. Este grupo tem tido algum sucesso a atrair Ocidentais para as suas bases nas regiões tribais do Paquistão, sobretudo, Alemãos. Ver Berkley Center for Religion, Peace & World Politics, *Islamic Movement of Uzbekistan*, Resources on Faith, Ethics & Public Life, Georgetown University, <http://berkeleycenter.georgetown.edu/organizations/islamic-movement-of-uzbekistan> (data de último acesso: 14 de julho de 2014).

*Union*, IJU).<sup>653</sup> Tanto os grupos afiliados como os associados têm (ou tiveram algures no passado) impacto em solo europeu, ora atraindo seguidores, ora engendrando conspirações. Atendendo ao papel que desempenharam e aos desafios que os grupos afiliados à al-Qaeda colocam à Europa, vamos analisar de modo mais detalhado estas estruturas e seus objetivos.

#### 5.4.1. Da al-Qaeda na Península Arábica à *Ansar al-Sharia*

O interesse para a Europa da AQPA reside, sobretudo, nas ações de propaganda empreendidas pelo grupo visando cidadãos ocidentais e nos apelos à metodologia da *jihad* individual no Ocidente. Neste sentido, este grupo foi precursor no modo como utilizou a Internet para sugerir modos de atuação e incentivar os simpatizantes e seguidores globais do movimento a participarem na *jihad* sem saírem dos seus locais de residência e com recurso aos meios que tiverem ao alcance.

Formada em janeiro de 2009, aquela resulta da fusão entre a secção da al-Qaeda na Arábia Saudita, derrotada pelas autoridades, e a sua congénere iemenita.<sup>654</sup> Quando a sua formação, esta organização identificou inimigos locais e globais: o regime de Sanaa e Riade, interesses ocidentais na região e o próprio Ocidente.<sup>655</sup> Contudo, no complexo contexto sociopolítico do Iémen, a AQPA deve ser interpretada como um ator entre tantos outros que competem para alcançar os seus objetivos políticos, através do recurso à violência. Procurando evitar os erros cometidos pelos jihadistas no Iraque, os militantes iemenitas tentaram explorar as suas afiliações tribais para evitar a marginalização e assegurar um santuário viável e, em simultâneo, minar a autoridade do governo central, o qual depende dos líderes tribais para fazer cumprir a ordem.<sup>656</sup> Entre 2009 e meados de 2013, este foi descrito como o grupo jihadista mais ativo,<sup>657</sup> tendo planeado várias

---

<sup>653</sup> Dissidente do IMU, este grupo uzbeque adotou desde a sua formação, em 2002, a retórica da *jihad* global e chegou a ameaçar o Estado alemão. Sendo composto em grande parte por elementos da Ásia Central, Turcos e Alemães, o IJU foi responsável pelo treino da denominada célula de Sauerland, a qual, em 2007, planeou ataques contra vários alvos na Alemanha. (Ver tabela final para mais informações sobre esta célula.) Ver Institute for the Study of Violent Groups, *Islamic Jihad Union*, University of New Haven, [http://vkb.isvg.org/Wiki/Groups/Islamic\\_Jihad\\_Union\\_\(IJU\)](http://vkb.isvg.org/Wiki/Groups/Islamic_Jihad_Union_(IJU)) (data de último acesso: 14 de julho de 2014); Bergen et al., “Assessing the Jihadist Terrorist Threat to America and American Interests”, p. 76.

<sup>654</sup> Hegghemmer, *Jihad in Saudi Arabia*, p. 237.

<sup>655</sup> Hellmich, *op. cit.*, pp.129-130.

<sup>656</sup> Os líderes tribais têm mostrado grande pragmatismo e, em algumas ocasiões, utilizam os elementos da AQPA para aumentarem o preço da sua cooperação com as autoridades do país. James Spencer, “A False Dawn for Yemen’s Militants”, *Foreign Affairs*, 8 June 2011, <http://www.foreignaffairs.com/articles/67883/james-spencer/a-false-dawn-for-yemens-militants> (data de último acesso: 10 de maio de 2014).

<sup>657</sup> Foi nesta data que os EUA encerraram várias embaixadas no Médio Oriente, África e Sul da Ásia em resposta a uma alegada ameaça com origem nesta organização. “US embassies to reopen in Middle East and Africa after terror threat”, *The Guardian*, 10 August 2013, <http://www.theguardian.com/world/2013/aug/10/us-embassies-reopen-terror-al-qaida> (data de último acesso: 10 de maio de 2014); Thomas M. Sanderson, Zack Fellman, *Closing Embassies in the Middle East and the Threat from al Qaeda*, Center for Strategic and International Studies, Washington DC, 6 August 2013, <http://csis.org/publication/closing-embassies-middle-east-and-threat-al-qaeda> (data de último acesso: 10 de maio de 2014).

conspirações para atacar em solo norte-americano e na Europa. O caso europeu envolve um então funcionário da British Airways que estava em contacto via email com al-Awlaki, o qual lhe terá pedido para utilizar a sua posição para colocar um engenho explosivo num avião ou passar informações sobre as medidas de segurança de aeroportos ingleses.<sup>658</sup> De acordo com o Global Terrorism Database (GTD), entre 2009 e dezembro de 2013, a AQPA foi responsável por 473 incidentes terroristas. Terão sido estes números que levaram alguns analistas em 2013 a considerarem o grupo como o mais letal e perigoso do universo da al-Qaeda.<sup>659</sup>

A publicação na Internet da revista *Inspire*, em inglês, tem como objetivo transformar “todo o Muçulmano num *mujahid* no caminho de Deus”.<sup>660</sup> Recorrendo à teoria de al-Suri sobre a necessidade de empreender uma *jihad* individual e independente de qualquer estrutura organizacional, o grupo incita os Muçulmanos no Ocidente a conduzirem ataques simples, no local onde vivem e utilizando os meios que têm ao dispor.<sup>661</sup> Anwar al-Awlaki, desaparecido em setembro de 2011, foi um dos mais carismáticos clérigos jihadistas da última década e o principal propagandista do grupo.

Em março de 2011, no início das revoltas no país, surgiu a *Ansar al-Sharia*. Existe alguma controvérsia sobre a verdadeira natureza daquela: algumas fontes defenderam que era apenas a al-Qaeda com novo nome,<sup>662</sup> outros autores salientaram que a nova organização tinha uma agenda mais local e que as suas operações eram orientadas por objetivos tribais e nacionais.<sup>663</sup> A realidade parece ser um misto: a *Ansar al-Sharia* engloba elementos da al-Qaeda, de outros grupos islamistas e tribos simpatizantes, visando implementar um Estado islâmico.<sup>664</sup> Esta designação ilustra a intenção do grupo de defender e implementar a lei islâmica nos territórios por si controlados, tendo para tal criado tribunais da *Sharia* para a resolução de disputas.<sup>665</sup>

---

<sup>658</sup> Em março de 2011, Rajib Karim foi condenado a 30 anos de prisão por fornecer informação sobre linhas aéreas a terroristas. (Consultar anexo I.) Ver “Terror plot BA man Rajib Karim gets 30 years”, *BBC News*, 18 março 2011, <http://www.bbc.co.uk/news/uk-12788224> (data de último acesso: 10 de maio de 2014).

<sup>659</sup> The Global Terrorism Database, National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism, <http://www.start.umd.edu/gtd/>. Ver Jonathan Masters, Zachary Laub, *Backgrounders: Al-Qaeda in the Arabian Peninsula*, Council on Foreign Relations, 22 August 2013, <http://www.cfr.org/yemen/al-qaeda-arabian-peninsula-aqap/p9369> (data de último acesso: 10 de maio de 2014).

<sup>660</sup> “Letter from the Editor”, *Inspire*, n.º 1, Al-Malahem Media, Verão 2010, p. 2.

<sup>661</sup> “Interview with Shaykh Abu Basir”, *Inspire*, n.º 1, p. 17.

<sup>662</sup> Bill Roggio, “AQAP overruns Yemeni Army bases, kills 32 soldiers”, *The Long War Journal*, 7 May 2012, [http://www.longwarjournal.org/archives/2012/05/aqap\\_overruns\\_yemeni\\_1.php](http://www.longwarjournal.org/archives/2012/05/aqap_overruns_yemeni_1.php) (data de último acesso: 24 de outubro de 2013); U.S. Department of State, *Terrorist designation of Ansar al-Sharia as an alias for al-Qaeda in the Arabia Peninsula*, 4 October 2012, <http://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2012/10/198659.htm> (data de última acesso: 22 de janeiro de 2014).

<sup>663</sup> Spencer, “A False Dawn for Yemen’s Militants”.

<sup>664</sup> Roggio, “AQAP overruns Yemeni Army bases”.

<sup>665</sup> Alguns defenderam que um dos possíveis objetivos desta transformação organizacional poderia ser atrair mais apoiantes através do afastamento do rótulo al-Qaeda. Contudo, em 2013, o líder da AQPA, Nasser al-Wuhayshi, morto em junho de 2015, ascendeu a número dois da al-Qaeda, uma manobra que poderá ter constituído uma tentativa de alargar geograficamente o núcleo da organização.



A AQPA beneficiou do clima de guerra civil que afeta o país desde 2011 para consolidar posições e assumir-se como entidade governantiva nas áreas que controla, nomeadamente através da restauração do fornecimento de alguns serviços às populações. Ainda assim, o grupo tem sofrido avanços e recuos, ora ganhando, ora perdendo posições no terreno. Os EUA continuam como alvos dos seus ataques verbais, sobretudo devido ao uso de veículos aéreos não tripulados em território iemenita.<sup>666</sup> Contudo, as questões locais relacionadas com o conflito civil no Iémen concentra as atenções do grupo e contribuiu para aliviar as tentativas do grupo de atingir países ocidentais.

A utilização que a AQPA fez da Internet, o legado ideológico de al-Awlaki e os seus apelos a ataques individuais no Ocidente, a inovação em termos de métodos para cometer atentados nos países ocidentais e a revista *Inspire* foram importantes para abrir caminho a algumas das ações da organização Estado Islâmico.

#### 5.4.2. Do GIA à al-Qaeda no Magrebe Islâmico

Em 2006, o GSPC reorientou a sua luta do palco argelino para toda a região do Magrebe e assumiu a designação de al-Qaeda no Magrebe Islâmico. O GSPC nasceu em 1998, como facção dissidente do GIA.<sup>667</sup> Este tinha recorrido a formas extremas de violência, visando intimidar a população e desincentivar as deserções, motivando um intenso debate entre os jihadistas.<sup>668</sup> O novo grupo rejeitou a doutrina *takfir* e os

---

<sup>666</sup> Lucas Winter, “The Ansar of Yemen: The Hutis and al-Qaeda”, *The Small Wars Journal*, 1 May 2013, [http://smallwarsjournal.com/jrnl/art/the-ansar-of-yemen-the-huthis-and-al-qaeda?utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=the-ansar-of-yemen-the-huthis-and-al-qaeda](http://smallwarsjournal.com/jrnl/art/the-ansar-of-yemen-the-huthis-and-al-qaeda?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=the-ansar-of-yemen-the-huthis-and-al-qaeda) (data de último acesso: 24 de outubro de 2013). Outra dinâmica importante a referir são as alegadas ligações entre a AQPA e os jihadistas da al-Shabaab, na Somália. Embora a cooperação entre as duas organizações não possa ser confirmada, uma eventual materialização desta relação beneficiaria da proximidade geográfica entre os dois países, separados apenas pelo estratégico estreito de Bab al-Mandab, e das rotas de tráfico de armamento entre as duas regiões. Ver Alistair Harris, *Exploiting the Grievances – Al-Qaeda in the Arabian Peninsula*, Carnegie Papers, n.º 111, Washington, Carnegie Endowment for International Peace, May 2010, p. 9; Katherine Zimmerman, *The Al Qaeda Network: A New Framework For Defining The Enemy*, American Enterprise Institute, September 2013, pp. 20-21.

<sup>667</sup> Com origem em 1992, aquando o cancelamento do processo eleitoral naquele país, o GIA conduziu uma campanha de violência contra o regime argelino durante o conflito civil, na década de 1990, tendo como objetivo o seu derrube e o estabelecimento de um Estado islâmico. A organização terá mesmo declarado um Califado na Argélia, em 1994, mas esta tentativa de implementar um governo islâmico no país não vingou. Em 1996, o GIA acusou a totalidade da população de apostasia e deu início a uma campanha de ataques, conduzidos de forma indiscriminada, contra todos os que se recusassem aliar à sua luta. Abu Qatada e Abu Musab al-Suri eram os responsáveis pela publicação do periódico da organização, *al-Ansar*, a partir de Londres, e Abu Qatada era também considerado o líder espiritual do GIA. Este acabou por retirar o seu apoio ao movimento em consequência dos atos bárbaros praticados contra toda a sociedade argelina e após sofrer algumas pressões para adotar tal posicionamento. Al-Suri terá renegado o grupo ainda antes de Abu Qatada, e as divergências relativamente à organização terão estado na base da rutura entre os dois indivíduos. (Wiktorowicz, “A Genealogy of Radical Islam”, p. 87)

<sup>668</sup> O massacre de civis, especialmente durante o ano de 1997, foi justificado como uma retaliação contra “indivíduos que apoiam o governo e agem como substitutos e representativos do inimigo.” (Wiktorowicz, “A Genealogy of Radical Islam”, p. 88.) O tipo de relação que a al-Qaeda mantinha com o GIA não é de todo claro. Alguns autores acreditam que a rede de Bin Laden teria alguns contactos com a organização na fase inicial do conflito, possivelmente fornecendo apoio financeiro e cobertura teológica. Hegghammer, por exemplo, defende que Bin Laden mantinha contactos esporádicos com os militantes argelinos a partir da sua base no Sudão, mas que não terá enviado qualquer combatente para solo argelino. (Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia*, p. 53.) Por sua vez, Wiktorowicz sustenta que durante a fase inicial do conflito, a al-Qaeda forneceu apoio limitado ao GIA enviando fundos e alguns combatentes. (Wiktorowicz, “A Genealogy of Radical Islam”, p. 87). Para uma análise do comportamento do GIA com base na abordagem racional, ver Stathis N. Kalyvas, “Wanton and Senseless? The Logic of Massacres in Algeria”, *Rationality and Society*, vol.11, n.º 3, 1999, pp. 243-285.

massacres a civis, os quais motivaram o afastamento da população do movimento islamista, comprometendo-se a direccionar a sua luta apenas contra alvos militares e forças de segurança argelinas.<sup>669</sup>

A mudança de liderança, em 2003, favoreceu uma aproximação à al-Qaeda, embora tal fosse motivo de controvérsia. Com esta aliança, a al-Qaeda terá procurado beneficiar das capacidades militares do grupo; da sua disponibilidade para enviar combatentes para territórios em guerra (como aconteceu no Iraque, para onde o grupo enviou muitos voluntários do Norte de África);<sup>670</sup> da presença de elementos do GSPC em países como a França, Bélgica, Reino Unido, Itália e Espanha, e das suas ligações a redes criminosas na Europa; e da sua potencial ameaça às reservas de crude e gás natural argelinas, as quais têm importância vital para o Ocidente.<sup>671</sup> Por seu lado, o GSPC não tinha uma base de apoio sólida, nem recursos financeiros e logísticos, e encontrava-se sob forte pressão das autoridades. A aliança com a al-Qaeda pode ser interpretada como uma tentativa de revitalizar a organização, a qual beneficiou de acesso a armas e de uma maior exposição mediática.<sup>672</sup> Nas palavras de Hugh Roberts, esta transformação significou que o “GSPC tinha esgotado as outras opções estratégicas e, portanto, era um sinal de fraqueza e não de força.”<sup>673</sup>

Curiosamente, esta aliança representou, em certa medida, um regresso ao reportório e espírito do GIA: o novo grupo tornou-se mais indiscriminado nos alvos e começou a recorrer a bombistas suicidas, uma prática pouco comum até então no contexto argelino.<sup>674</sup> A AQMI deixou de se focar apenas em alvos governamentais e militares argelinos e começou a atacar embaixadas, negócios e turistas ocidentais, aumentando as vítimas entre civis e causando danos económicos.<sup>675</sup> Estas alterações refletem, por um lado, a estratégia de atrito defendida pela al-Qaeda, a qual tenta conduzir ao corte de ligações entre os países ocidentais e os países árabes; por outro lado, visa obter o

---

<sup>669</sup> Boubekeur, *Salafism and Radical Politics in Postconflict Algeria*, p. 3; Omar Ashour e Emre Ünüçayakli, “Islamists, Soldiers, and Conditional Democrats: Comparing the Behaviors of Islamists and the Military in Algeria and Turkey”, *The Journal of Conflict Studies*, vol. 26, n.º 2, Winter 2006, p. 115; Hugh Roberts, “Logics of Jihadi Violence in North Africa”, in Coolsaet (ed.), *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*, p. 41. Numa entrevista antes da rutura entre a al-Qaeda e a organização Estado Islâmico e a propósito das lutas internas entre jihadistas na Síria, Ayman al-Zawahiri fez questão de referir o episódio em que a al-Qaeda ajudou o GSPC a suplantar o GIA, despojando esta última organização da sua legitimidade e levando ao seu desaparecimento. Gartenstein-Ross, *Ayman al-Zawahiri on Jihadist Infighting and the Islamic State of Iraq and al-Shams*.

<sup>670</sup> Jean-Pierre Filiu, *Al-Qaeda in the Islamic Maghreb: Algerian Challenge or Global Threat?*, Carnegie Papers, n.º 104, Washington, Carnegie Endowment for International Peace, October 2009, p. 4.

<sup>671</sup> Michael Scheuer, “Al Qaeda and Algeria’s GSPC: Part of a Much Bigger Picture”, *Terrorism Focus*, The Jamestown Foundation, Washington, D.C., April 3, 2007.

<sup>672</sup> Dalacoura, *op. cit.*, p. 54.

<sup>673</sup> Roberts, “Logics of Jihadi Violence in North Africa”, p. 42.

<sup>674</sup> Alguns analistas defendem que o recurso a operações de extrema violência pode estar relacionado precisamente com a necessidade de afirmar as novas ligações ao Jihadismo global. Hanna Rogen, “Violent Trends in Algeria Since 9/11”, *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 12, Combating Terrorism Center at West Point, November 2008, p. 18; Filiu, “Al-Qaeda in the Islamic Maghreb”, p. 6.

<sup>675</sup> Por exemplo, a embaixada israelita na Mauritânia, o edifício da ONU em Argel e a execução de reféns britânicos e franceses. Bergen et al., “Assessing the Jihadist Terrorist Threat to America and American Interests”, p. 74.

pagamento de resgates através do rapto de Ocidentais, uma das principais fontes de financiamento dos jihadistas.<sup>676</sup>

O grupo continuou a dar destaque ao inimigo próximo e à instauração de um Estado islâmico na Argélia, tem uma liderança argelina, e os seus esforços de recrutamento continuam a decorrer sobretudo neste país.<sup>677</sup> A tentativa de criar uma estrutura organizacional pan-magrebina com o LIFG e grupos congéneres da Tunísia e Marrocos fracassou.<sup>678</sup> A conciliação de diferentes práticas, a adoção de novos alvos e a manutenção dos objetivos e da formação típica do GSPC deu origem a uma organização com um carácter simultaneamente local/regional e global – nas palavras de Marret, com uma natureza glocal.<sup>679</sup>

A AQMI herdou as estruturas da rede do GSPC em espaços mal governados na região do Sahara e no Sahel, os quais passou a utilizar como refúgio e campos de treino e onde manteve atividades criminosas.<sup>680</sup> Apesar da proximidade geográfica e da eventual existência de redes de solidariedade, a Europa nunca foi alvo da organização, por incapacidade operacional ou ausência de interesse em expandir a sua luta para territórios fora do Norte de África. As reminiscências da *jihad* global surgem nas ameaças do grupo contra França, pelo seu suposto apoio aos regimes apóstatas do Norte de África; e Espanha, prometendo recuperar os enclaves de Ceuta e Melila.<sup>681</sup> Entre 2005 e 2007, algumas das redes desmanteladas nestes países europeus por enviarem voluntários para o conflito iraquiano, tinham ligações à AQMI.<sup>682</sup>

As revoltas de 2011 foram uma oportunidade e uma desvantagem para este grupo. A dispersão dos arsenais de armamento após a queda do regime de Qadafi permitiu fortalecer as capacidades operativas do grupo. Paralelamente, a AQMI fez parcerias com outros grupos regionais como o *Ansar al-Dine*, beneficiando da propaganda decorrente

---

<sup>676</sup> *Ibid.*; Rukmini Callimachi, “Paying Ransoms, Europe Bankrolls Qaeda Terror”, *The New York Times*, 29 July 2014, [http://www.nytimes.com/2014/07/30/world/africa/ransoming-citizens-europe-becomes-al-qaedas-patron.html?emc=edit\\_th\\_20140730&nl=todayshdlines&nid=40794858&r=0](http://www.nytimes.com/2014/07/30/world/africa/ransoming-citizens-europe-becomes-al-qaedas-patron.html?emc=edit_th_20140730&nl=todayshdlines&nid=40794858&r=0) (data de último acesso: 30 de julho de 2014).

<sup>677</sup> Hellmich, *op. cit.*, p. 123

<sup>678</sup> O LIFG tem a sua origem em 1990 nos campos de treino afegãos. A sua formação ficou a dever-se à iniciativa de vários islamistas líbios que ali se encontravam e que tinham como objetivo continuar a sua luta contra o regime de al-Qadhafi. O grupo fundiu-se diretamente com a al-Qaeda, em novembro de 2007, e os restantes mantiveram a sua independência. A AQMI apenas conseguiu recrutar elementos de outros países regionais a nível individual, os quais ficariam confinados a cargos inferiores. Filiu, “Al-Qaeda in the Islamic Maghreb”, p. 6; Roberts, “Logics of Jihadi Violence in North Africa”, p. 42.

<sup>679</sup> Marret, “Al-Qaeda in the Islamic Maghreb”.

<sup>680</sup> Por exemplo, tráfico de estupefacientes, contrabando de armas, auxílio a redes de imigrantes ilegais e rapto de Ocidentais. Filiu, “Al-Qaeda in the Islamic Maghreb”, p. 7.

<sup>681</sup> Filiu, “Al-Qaeda in the Islamic Maghreb”, p. 8.

<sup>682</sup> Com efeito, a AQMI foi responsável por canalizar combatentes para o Iraque, os quais eram oriundos do Norte de África e recrutados nas diásporas europeias. Philip Mudd, “How the Arab Spring Could Embolden Extremists”, *CTC Sentinel*, vol. 4, n.º 4, Combating Terrorism Center at West Point, April 2011, p. 7; Brown, “Al-Qa’ida Central and Local Affiliates”, p. 97.

das operações conduzidas por este grupo no Mali, as quais motivaram a intervenção militar francesa.<sup>683</sup>

Porém, a fragmentação interna do grupo acentuou-se com o surgimento de grupos dissidentes, como o *Movement for Tawhid and Jihad in West Africa* (MUJAO), em Gao, em dezembro de 2011, e uma facção liderada por Mokhtar Belmokhtar, em dezembro de 2012, a qual ameaçou atacar a Argélia e a França.<sup>684</sup> Em agosto de 2013, estes dois grupos uniram-se sob a designação de *al-Mourabitoun*, com o objetivo de criar uma organização do Nilo até ao Atlântico para lutar contra a campanha sionista que visa o Islão e os Muçulmanos e mencionando interesses franceses como alvos.<sup>685</sup>

Alguns analistas caracterizam o grupo como uma rede de delinquentes que justifica as suas atividades com o vocabulário da *jihad*.<sup>686</sup> A realidade é que, com a destruição dos canais de financiamento do Jihadismo global, após 2001, as atividades criminosas são cada vez mais importantes para aumentar os recursos dos jihadistas.<sup>687</sup> Ainda assim, o grupo tem alimentado o ambiente de instabilidade no Norte de África através de campanhas de terrorismo, em especial contra alvos europeus, o que parece estar relacionado com a competição com estruturas ligadas à organização Estado Islâmico que, entretanto, surgiram em países da região.

#### 5.4.3. Da *Al-Ittihad Al-Islami* à al-Shabaab

A al-Shabaab – ou *Harakat al-Shabab al-Mujahedi* – foi o último grupo em África a afiliar-se à al-Qaeda. O surgimento do Salafismo Jihadismo na Somália não deixa de ser surpreendente, visto tratar-se de uma cultura que se alimenta de ensinamentos sufis.<sup>688</sup>

---

<sup>683</sup> O *Ansar al-Dine* consiste num grupo islamista com raízes domésticas e com uma agenda moldada por questões internas. Tendo objetivos nacionais, o grupo tenta impor-se entre as populações no norte do Mali. Contudo, a imposição de uma versão rígida da *Sharia* entre as populações locais habituadas a práticas religiosas moderadas foi criticada pelo próprio líder da AQMI, o qual defendeu uma aplicação gradual daquela, tendo em consideração as condições locais e visando ganhar o apoio da população. Rukmini Callimachi, “In Timbuktu, al-Qaida left behind a manifesto”, *Associated Press*, 14 February 2013, <http://www.pulitzer.org/files/2014/international-reporting/callimachi/04callimachi2014.pdf> (data de último acesso: 14 de janeiro de 2014).

<sup>684</sup> Este grupo designado por al-Mouwakoune Bi-Dima foi o responsável pelo cerco montado às instalações de In Amenas, no sul da Argélia, em janeiro de 2013, fazendo reféns muitos Ocidentais, mas poupando os trabalhadores argelinos. O grupo fez as tradicionais exigências do Jihadismo global (retirada das forças ocidentais do Mali, libertação do xeque Omar Abd al-Rahman e de Aafia Siddiqui, ambos detidos nos EUA, e a libertação de prisioneiros argelinos), mas também apelou ao derrube do regime argelino. Ver Hannah Armstrong, “The In Amenas Attack in the Context of Southern Algeria’s Growing Social Unrest”, *CTC Sentinel*, vol. 7, n.º 2, Combating Terrorism Center at West Point, February 2014, p. 16.

<sup>685</sup> Sergei Boeke, *Mokhtar Belmokhtar: A Loose Cannon?*, ICCT Commentaries, International Centre for Counter-Terrorism, The Hague, 3 December 2013, [http://www.icct.nl/publications/icct-commentaries/mokhtar-belmokhtar-a-loose-cannon-?dm\\_i=IADT,24LX,9JS7NJ,7OIFF,1](http://www.icct.nl/publications/icct-commentaries/mokhtar-belmokhtar-a-loose-cannon-?dm_i=IADT,24LX,9JS7NJ,7OIFF,1) (data de último acesso: 14 de janeiro de 2014).

<sup>686</sup> Roberts, “Logics of Jihadi Violence in North Africa”, p. 43.

<sup>687</sup> Callimachi, “Paying Ransoms, Europe Bankrolls Qaeda Terror”.

<sup>688</sup> O Salafismo começou a ganhar terreno na década de 1970, após o regresso de alguns emigrantes da Arábia Saudita. Esta corrente é utilizada para explorar as frustrações políticas e económicas sentidas pela população, apresentando o Islão como a solução para todos os males. Através da defesa da *hijra* e do princípio que estabelece que os Muçulmanos devem lealdade aos outros Muçulmanos

Vários autores referem que a al-Shabaab tem raízes na organização *Al-Ittihad Al-Islami* ou Unidade do Islão, com origem na década de 1980, mas que atingiu o seu apogeu após a queda do regime militar de Siad Barre, tendo praticamente desaparecido por volta de 1997.<sup>689</sup> Em 2003, alguns elementos daquela organização apoiaram a União dos Tribunais Islâmicos, a qual assumiu como objetivo a imposição de ordem e segurança na sociedade somali, acabando por produzir um efeito estabilizador.<sup>690</sup>

Em 2006, a al-Shabbab tornou-se a ala militar dos Tribunais Islâmicos, os quais se expandem pelo país e tomam Mogadíscio. Porém, a intervenção etíope, com apoio dos EUA, provoca a fuga dos membros dos Tribunais, conduzindo à internacionalização de tensões locais. É neste contexto que a al-Shabaab se assume como um movimento independente de guerrilha e um símbolo de resistência contra o governo e a ocupação externa do país.

Entre 2006 e 2008, a al-Shabaab beneficiou da ausência de um governo no país para ocupar território no sul e leste do país, assim como parte da capital. A partir de meados de 2008, verificou-se uma progressiva aproximação à al-Qaeda e à ideologia jihadista global, motivada por vários fatores: a mudança de líder da organização, a crise de legitimidade que afetava o grupo e o interesse em atrair alguns financiadores árabes. A decisão de cooperar com os jihadistas globais causou divisões e críticas no interior do movimento e influenciou as táticas do grupo, verificando-se o recurso a bombistas suicidas e a dispositivos explosivos improvisados.<sup>691</sup>

Apesar do apoio de Bin Laden aos jihadistas na Somália, este nunca acedeu ao pedido para formalizar a relação entre as duas organizações, supostamente por acreditar que tal seria inconveniente para aquele país.<sup>692</sup> A união entre aquelas seria formalizada por al-Zawahiri, em fevereiro de 2012.<sup>693</sup> Apesar de continuar focada na sua agenda

---

e devem evitar cooperar com não crentes, o Salafismo facilita a mobilização de elementos para a luta contra os invasores do país e o governo considerado apóstata.

<sup>689</sup> Graham Turbiville, Josh Meserve, James Forest, *Countering the Insurgency in Somalia: Lessons for U.S. Special Operations Forces*, JSOU Report 14-1, Tampa, Joint Special Operations University, February 2014, p. 7; Jacqueline Page, *Jihadi Arena Report: Somalia – Development of radical Islamism and Current Implications*, International Institute for Counter-Terrorism, Herzliya, March 2010, <http://www.ict.org.il/Articles/tabid/66/Articlsid/814/currentpage/3/Default.aspx> (data de último acesso: 7 de junho de 2011).

<sup>690</sup> Jonathan Masters, *Backgrounders: Al-Shabaab*, Council on Foreign Relations, September 5, 2014 <http://www.cfr.org/somalia/al-shabab/p18650> (data de último acesso: 7 de setembro de 2014).

<sup>691</sup> Adlini Ilma Ghaisany Sjah, “Tracing Al Shabaab’s Decision to Cooperate with Al Qada in Somalia (2008)”, *Journal of Terrorism Research*, vol.5, n.º 1, February 2014, p. 41; Lorenzo Vidino, Raffaello Pantucci, Evan Kohlmann, “Bringing Global Jihad to the Horn of Africa: al Shabaab, Western Fighters, and the Sacralisation of the Somali Conflict”, *African Security*, vol. 3, n.º 4, 2010, p. 223.

<sup>692</sup> Ver carta de Osama Bin Laden para Mukhtar Abu Zubair, onde o primeiro responde ao pedido de uma união formal e pública entre as duas organizações, por parte do líder da al-Shabaab. Bin Laden recusa esta união pública, pois receia que tal mobilize alguns inimigos contra a al-Shabaab e iniba os projetos de desenvolvimento na Somália. Ver Lahoud et al., *Letters from Abbottabad*, “Letter from UBL to Mukhtar Abu al-Zubayr (English Translation)”, SOCOM-2012-0000005.

<sup>693</sup> Nelly Lahoud, “The Merger of Al-Shabab and Qa’idat al-Jihad”, *CTC Sentinel*, vol. 5, n.º 2, Combating Terrorism Center at West Point, February 2012, pp. 1-5. Ver Ayman al-Zawahiri, “From Kabul to Mogadishu”, *Minbar of Tawheed and Jihad*, 22 February 2009, disponível em <http://azelin.files.wordpress.com/2010/08/ayman-al-zawahiri-from-kabul-to-mogadishu.pdf> (data de último acesso: 14 de maio de 2014). A al-Shabaab não adotou o rótulo al-Qaeda, uma decisão que poderá estar relacionada com a perda de

doméstica, a al-Shabaab tem conduzido operações regionais contra alvos internacionais e símbolos ocidentais.<sup>694</sup> Estas podem ser vistas como uma confirmação da aliança formal com a al-Qaeda; podem estar relacionadas com a intervenção do Quênia e do Uganda na Somália, na condição de membros da missão da União Africana; ou podem resultar da necessidade de revitalizar o próprio grupo o qual, desde 2009, tem vindo a sofrer perdas territoriais no interior da Somália.<sup>695</sup>

Sendo uma das organizações terroristas mais ativas e letais,<sup>696</sup> o grupo tem assistido à diminuição das suas capacidades e recursos e é rejeitado pela população devido aos abusos cometidos, nomeadamente o aumento dos ataques contra civis e propriedade privada, o rapto e a incorporação forçada de jovens e crianças nas suas fileiras, a proibição do Sufismo e de outras práticas culturais, a implementação de uma versão inflexível da *Sharia*.

O relacionamento entre elementos locais do grupo e entre estes e os voluntários estrangeiros está longe de ser pacífico. A organização é heterogénea, sendo composta por várias fações e milícias com objectivos e prioridades diferentes.<sup>697</sup> A principal divisão é entre aqueles que defendem a concentração em questões nacionais e acreditam ser necessário estabelecer, primeiro, uma base territorial para o desenvolvimento político do movimento; e aqueles que adotaram a agenda global da al-Qaeda.<sup>698</sup>

Apesar de nunca ter demonstrado intenção em atacar diretamente o Ocidente, a organização fez várias ameaças contra países europeus e esforçou-se para atrair para as suas fileiras Muçulmanos da Europa, EUA, Canadá e Austrália.<sup>699</sup> Muitos destes

---

atratividade desta designação, algo que o próprio Bin Laden reconheceu antes da sua morte. Ver, por exemplo, Lahoud et al., *Letter from Abbottabad*.

<sup>694</sup> Dowd and Raleigh, *op. cit.*, p. 503. Por exemplo, o recente ataque à universidade de Garissa, em abril de 2015, o atentado contra o Westgate mall, no Quênia, a 21 de setembro de 2013 ou o atentado suicida no Uganda, aquando do campeonato mundial de futebol, em julho de 2010. Ver Mark Landler, "After Attacks in Uganda, Worry Grows Over Group", *The New York Times*, 12 July 2010, [http://www.nytimes.com/2010/07/13/world/africa/13policy.html?\\_r=1&th&emc=th](http://www.nytimes.com/2010/07/13/world/africa/13policy.html?_r=1&th&emc=th) (data de último acesso: 13 de julho de 2010); Daniel Howden, "Terror in Nairobi: the full story behind al-Shabaab's mal attack", *The Guardian*, 4 October 2013, <http://www.theguardian.com/world/2013/oct/04/westgate-mall-attacks-kenya> (data de último acesso: 5 de outubro de 2013).

<sup>695</sup> Daniel Byman, "The Dangers of Success", *Foreign Policy*, September 27, 2013, [http://www.foreignpolicy.com/articles/2013/09/27/the\\_dangers\\_of\\_success\\_counter\\_terrorism\\_al\\_shabab\\_qaeda](http://www.foreignpolicy.com/articles/2013/09/27/the_dangers_of_success_counter_terrorism_al_shabab_qaeda) (data de último acesso: 30 de setembro de 2013).

<sup>696</sup> Ver Global Terrorism Database, *Overview: Terrorism in 2014*, START Background Report, National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism (START), August 2015, [www.start.umd.edu](http://www.start.umd.edu).

<sup>697</sup> Alguns acusaram a organização de ter enveredado por uma política de eliminação de algumas figuras incómodas para o carismático líder da organização recentemente desaparecido, assim como alguns elementos não somalis que se tinham insurgido contra o grupo devido a questões de estratégia. Veja-se, por exemplo, o caso de Omar Hammami, o Americano que se tornou o propagandista mais conhecido da al-Shabaab, mas que seria morto por esta em 2013, devido às críticas dirigidas àquela. Sobre a notícia da sua morte, ver BBC News, "Al-Amriki and al-Britani: Militants killed in Somali", 12 September 2013, <http://www.bbc.com/news/world-africa-24060558> (data de último acesso: 13 de setembro de 2013).

<sup>698</sup> Alexander Meleagrou-Hitchens, Shiraz Maher, James Sheehan, *Lights, Camera, Jihad: Al-Shabaab's Western Media Strategy*, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, 2012, p. 17.

<sup>699</sup> Ver Scott Stewart, "Al Shabaab Threats Against the United States?", *Stratfor*, June 3, 2010, [http://www.stratfor.com/weekly/20100602\\_al\\_shabaab\\_threats\\_united\\_states?utm\\_source=SWeekly&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=100603&utm\\_content=readmore&elq=eb66b5e61f404385be014479fe3f10d5](http://www.stratfor.com/weekly/20100602_al_shabaab_threats_united_states?utm_source=SWeekly&utm_medium=email&utm_campaign=100603&utm_content=readmore&elq=eb66b5e61f404385be014479fe3f10d5) (data de último acesso: 13 de setembro de 2013). Para uma lista de indivíduos no Ocidente condenados por envolvimento com a al-Shabaab, mortos enquanto lutavam com a organização ou que apareceram nos seus vídeos de propaganda, ver Meleagrou-Hitchens, Maher, Sheehan, *op. cit.*, pp. 43-47.

pertencem às diásporas somalis naqueles países, tendo sido movidos por sentimentos nacionalistas e pelo dever de expulsar os invasores etíopes. Existem, também, muitos voluntários muçulmanos de outras etnias ou convertidos ao Islão, os quais responderam ao apelo à *hijra* com vista ao fortalecimento da comunidade, a qual é apresentada como uma necessidade estratégica que precede a *jihad*.<sup>700</sup>

Alguns destes voluntários assumiram posições de destaque no desempenho de atividades relacionadas com propaganda e com o recrutamento de Ocidentais, como se comprova pelos inúmeros vídeos narrados em língua inglesa na Internet, destinados especificamente àquelas audiências.

### 5.5. Da al-Qaeda no Iraque à organização Estado Islâmico

Uma das questões mais urgentes da atualidade é compreender a organização Estado Islâmico, devido não só aos desafios regionais e globais que esta coloca, mas também ao seu papel no seio do Jihadismo. A nível estrutural, esta representa uma evolução para os jihadistas globais, os quais passaram de grupos e células terroristas para um grupo armado que se assume como um exército na defesa de um território. Para explicar a organização é fundamental considerar três elementos: a sua história e as suas raízes no grupo fundado por al-Zarqawi, o qual combateu a coligação liderada pelos EUA que, em 2003, invadiu o Iraque; os fatores contextuais que contribuíram para a sua evolução; e os conceitos ideológicos difundidos pelos seus membros.

Sendo uma organização com contradições, o que dificulta a sua interpretação e explicação, a sua análise deve combinar uma abordagem centrada no ator/estratégia e na ideologia: sendo na sua génese um grupo que tem objetivos estratégicos no Médio Oriente, a ideologia é um instrumento fundamental para justificar os seus objetivos, dar forma ao seu programa, legitimar as suas ações táticas, fomentar uma identidade social coletiva e atrair membros oriundos de várias partes do globo.

Foi no contexto da insurgência contra as forças da coligação que invadiram e ocuparam o Iraque que a *Jamaat al-Tahwid al-Jihad*, liderada Abu Mus'ab al-Zarqawi,

---

<sup>700</sup> Aqueles apelos foram feitos pela infraestrutura responsável pela propaganda da organização, a qual foi responsável pela difusão de vários vídeos onde apelava aos Muçulmanos no Ocidente, na África Oriental e na Índia que emigrassem para terras muçulmanas, nomeadamente para a Somália. The Middle East Media Research Institute, *New Al-Shabaab Video Incites Lone-Wolf Attacks in the West, Calls for Westerners to Join the Group: 'Next Flight to Mogadishu, The Only One Missing is You'*, May 13, 2014, <http://www.memrijttm.org/new-al-shabab-video-incites-lone-wolf-attacks-in-the-west-calls-for-westerners-to-join-the-group-next-flight-to-mogadishu-the-only-one-missing-is-you.html> (data de último acesso: 13 de setembro de 2014); The Middle East Media Research Institute, *New Al-Shabab Video Calls For Westerners - 'Especially [Those In] Minnesota, Great Britain, [And] Germany' - To Emigrate To Muslim Lands*, August 28, 2014, <http://www.memrijttm.org/new-al-shabab-video-calls-for-westerners-especially-those-in-minnesota-great-britain-and-germany-to-emigrate-to-muslim-lands.html> (data de último acesso: 13 de setembro de 2014).

se tornou a AQI, em outubro de 2004. Confrontado com dificuldades para estabelecer uma base organizacional sólida, necessitando de meios logísticos e financeiros para treinar militantes sem preparação militar e atrair voluntários externos, al-Zarqawi aceitou aliar-se à rede de Bin Laden.<sup>701</sup> Quando os combatentes estrangeiros começaram a chegar ao território, a insurgência começou a ganhar força, com o aumento das operações de martírio e dos atentados dirigidos aos representantes ocidentais e às forças iraquianas responsáveis pela manutenção da ordem.

Um fator importante para compreender a evolução do grupo foi o carácter e as ações do seu primeiro líder, o qual continua a ser uma referência importante para a organização atual, como se constata pelas constantes referências a al-Zarqawi nos vários números da revista *Dabiq*.<sup>702</sup> Os líderes carismáticos podem representar um símbolo e uma fonte de inspiração.<sup>703</sup> Neste sentido, aqueles podem contribuir para a radicalização e incremento da militância e das ações coletivas.<sup>704</sup> Al-Zarqawi personificou a capacidade de renovação da al-Qaeda e a sua aptidão para cativar novos elementos.<sup>705</sup> Não tendo

---

<sup>701</sup> Note-se que na condição de emir de um grupo a operar no Afeganistão, al-Zarqawi sempre se tinha recusado aliar-se à al-Qaeda, preferindo concentrar a luta no inimigo próximo, em especial no regime jordano. (Brooke, “Strategic Fissures: The Near Enemy and Far Enemy Debate”, p. 52.) Este foi o único caso em que foi o próprio Bin Laden a reconhecer a aliança com outro grupo. Ver Abu Mus’ab al-Zarqawi, *Bay’ah to Usamah Bin Laden*, 18 October 2004, <http://jihadology.net/2004/10/18/statement-from-jamaat-al-taw%e1%b8%a5id-wa-l-jihads-abu-mu%e1%b9%a3ab-al-zarqawi-bayah-to-usamah-bin-laden/> (data de último acesso: 12 de maio de 2014).

<sup>702</sup> Todos os números desta começa com a seguinte citação de al-Zarqawi: “The spark has been lit here in Iraq, and its heat will continue to intensify – by Allah’s permission – until it burns the crusader armies in Dabiq.” (“A centelha foi acesa aqui no Iraque, e o seu calor vai continuar a intensificar-se – com a permissão de Deus – até queimar os exércitos cruzados em Dabiq.”)

<sup>703</sup> Abordando a importância das personalidades carismáticas para a manutenção e justificação da autoridade, Max Weber conceptualizou o carisma como “a qualidade de uma personalidade individual, em virtude da qual ele se separa dos homens comuns e é tratado como estando dotado de... poderes ou qualidades excepcionais.” (Max Weber, *The Theory of Economics and Social Organization*, New York, Free Press, 1964, p. 358.) Weber considera o carisma um dos três tipos de governo legítimo – ou uma das estratégias de legitimação utilizadas para justificar o direito dos governantes para governar –, sendo os outros a autoridade tradicional e a autoridade legal. Apesar de qualificar o carisma como uma qualidade individual, a teoria de Weber sobre o líder carismático defende que este é uma criação dos seus seguidores, sendo um produto do reconhecimento por parte daqueles; o líder considera-se eleito por uma força ou entidade abstrata para cumprir a sua missão, e acredita que os seus seguidores têm deveres e obrigações perante si, rodeando-se de discípulos escolhidos pela sua devoção e não tanto pelas suas capacidades. Weber realça, ainda, que um indivíduo capaz de gerar uma autoridade carismática num contexto pode ser incapaz de o fazer num contexto totalmente diferente e que a autoridade carismática é instável e tende a ser rotinizada ao longo do tempo. (*Id.*, pp. 359-363.) Assim, o carisma não é uma qualidade inerente ao indivíduo, mas é algo que lhe é atribuído por outros através de um processo social.

<sup>704</sup> Para a radicalização de alguns movimentos também pode contribuir as tentativas dos seus líderes atuais superarem líderes anteriores, embora beneficiando do capital acumulado em termos de carisma por aqueles. Deste modo, tende a gerar-se uma sequência de líderes que constroem a suas imagens públicas através da produção e reprodução de comportamentos capazes de galvanizar o apoio de simpatizantes, através da inflamação das queixas e injustiças percebidas. A análise das dinâmicas que caracterizam os movimentos islamistas pode beneficiar do estudo destas personalidades carismáticas, as quais são com frequência considerados fundamentais para o sucesso da organização. Por exemplo, quando se analisa o feito e utilidade da decapitação de grupos terroristas, a questão do carisma dos líderes é discutida, tentando-se averiguar até que ponto o desaparecimento destes pode levar ao declínio ou ao eventual desaparecimento da organização que dirigem. Embora muitos autores defendam que as organizações terroristas que referem motivações religiosas sejam mais propensas a terem líderes carismáticos e a sofrerem as consequências negativas do seu desaparecimento, esta teoria apresenta algumas falhas, especialmente se atendermos a recentes alterações das estruturas organizacionais e ao facto do sucesso da decapitação depender de muitas variáveis. Existindo algum consenso relativamente à maior suscetibilidade das organizações com uma estrutura hierárquica à perda dos seus líderes carismáticos, os académicos estão divididos no que se refere ao impacto sentido pelas organizações com estruturas descentralizadas. Estas têm indivíduos no seu seio que mantêm ligações sociais extensas, que constituem os elementos críticos a nível de comunicação e de apoio logístico e que são importantes para o sucesso operacional da organização. A figura destes pode ou não coincidir com a do líder, pelo que o desaparecimento deste pode ou não tornar a organização mais vulnerável, dependendo da sua importância para a rede. A este propósito ver, por exemplo, Jenna Jordan, “When Heads Roll: Assessing the Effectiveness of Leadership Decapitation”, *Security Studies*, vol. 18, n.º 4, 2009, p. 727-730; Haroro J. Ingram, *The Charismatic Leadership Phenomenon in Radical and Militant Islamism*, Surrey, Ashgate, 2013.

<sup>705</sup> Costa, “As Novas Tendências do Pensamento Islamista”, pp. 200-201.



contribuído para a paisagem mental do Islamismo jihadista pela sua inovação doutrinal ou eloquência, o seu contributo principal foi a sua postura anti-xiita violenta.<sup>706</sup>

A AQI também se destacou pela sua presença no mundo virtual e pelos seus vídeos de propaganda, exibindo atos brutais como decapitações de reféns e de Iraquianos que supostamente colaboravam com as forças ocupantes. Aqueles prejudicavam a imagem e narrativa dos jihadistas, os quais diziam agir de acordo com as regras da *jihad* defensiva, tendo em vista defender os Muçulmanos das atrocidades cometidas pelos agressores externos do Islão.

A decisão de formar o ISI, em 2006, terá sido tomada sem consultar o núcleo central da al-Qaeda, a qual a considerou precipitada.<sup>707</sup> Tentando manter a presença naquele país, a al-Qaeda diz aprovar a nova organização após aquela ser já uma realidade. Numa carta interna, Adam Gadahn, a proeminente figura americana da al-Qaeda, tece fortes críticas aos métodos do ISI, nomeadamente no que se refere aos ataques contra Cristãos, e defende que a al-Qaeda deveria cortar relações com aquela, até porque aquelas “estiveram praticamente cortadas por um número de anos.”<sup>708</sup> Esta atitude evidencia como a natureza da relação entre o movimento global e o grupo local nunca foi claro, dando azo a uma situação de ambiguidade claramente favorável a este último. Em 2009, o ISI foi considerada como tendo chegado a um ponto crítico da sua existência, desprovida de uma base de apoio e encontrando-se praticamente derrotada.<sup>709</sup> Porém, um relatório redigido naquele ano sobre esta organização, e que se revelaria premonitório, destacava que “as tensões entre Sunitas e Xiitas, Árabes e Curdos, irão continuar e, possivelmente, criar espaço social para radicais como a al-Qaeda... [que] continuará a perpetrar ataques terroristas intermitentes e pode fortalecer-se, se as tribos sunitas iraquianas permanecerem politicamente marginalizadas.”<sup>710</sup>

Com efeito, após a retirada das forças da coligação, em 2011, o ISI começou a reemergir na parte ocidental do país, beneficiando das crescentes tensões sectárias, do descontentamento da comunidade sunita com a marginalização política e as condições económicas que enfrentava, e da fuga da prisão de muitos veteranos jihadistas em resultado de uma campanha empreendida pela própria organização. A organização

---

<sup>706</sup> *Id.*, p. 201.

<sup>707</sup> Note-se que o próprio Bin Laden tinha criticado, em documentos internos, a urgência de grupos como a AQPA e a al-Shabaab para declararem Estados Islâmicos nos respetivos países, sem antes terem assegurado o apoio por parte da população, advertindo para as consequências negativas de tal decisão precipitada. Ver Lahoud et al., *Letters from Abbottabad*, p. 31, 39.

<sup>708</sup> Combating Terrorism Center, *Letter from Adam Gadahn (English Translation)*, West Point, New York, January 2011, p. 8, <https://www.ctc.usma.edu/posts/letter-from-adam-gadahn-english-translation-2> (data de último acesso: 14 de maio de 2014).

<sup>709</sup> Hellmich, *op. cit.*, p. 126.

<sup>710</sup> Ver Fishman, *Dysfunction and Decline*, p. ii.

capturou equipamento militar e incorporou nas suas fileiras antigos membros do exército de Saddam Hussain, os quais contribuíram para que a organização adquirisse uma base iraquiana.<sup>711</sup> Os ataques contra Xiitas e forças de segurança aumentaram, com o intuito de reiniciar a violência sectária no país e, entre julho de 2012 e julho de 2013, o grupo adquiriu muita da sua capacidade operacional.

A guerra civil na Síria constituiu uma oportunidade para expandirem as suas operações. Naquele país existiam importantes redes logísticas jihadistas, as quais alimentaram a organização e a violência no Iraque até 2007. Após esta data, o regime sírio começou a agir contra aquelas infraestruturas, levando muitos jihadistas a escaparem para o Iraque. Quando a revolta na Síria começou, estas rotas inverteram-se e muitos combatentes regressaram àquele país. Entre 2011 e 2012, a organização ajudou a estabelecer o JaN naquele território, grupo que revelou grande eficiência na tomada de território e se esforçou por transmitir uma imagem de força governativa nessas áreas, fornecendo bens e serviços básicos e impondo a ordem pública através da administração de tribunais da *Sharia*.<sup>712</sup> A organização construiu uma boa reputação entre a população, assumindo-se como o grupo rebelde militarmente mais eficiente, e atraindo muitos voluntários sírios e estrangeiros.<sup>713</sup>

Em abril de 2013, Abu Bakr al-Baghdadi, líder do grupo iraquiano, anunciou a fusão das organizações na Síria e no Iraque e consequente alteração da designação para Estado Islâmico do Iraque e Síria, o que é rejeitado pelo líder do grupo sírio.<sup>714</sup> Curiosamente, esta manobra de al-Baghdadi pode ser interpretada como uma tentativa de realizar a visão estratégica de al-Zawahiri que consta na sua missiva de 2005 a al-Zarqawi, visando a criação de um Califado na região do Levante, na qual al-Zawahiri defendeu que a última etapa da *jihad* no Iraque seria o confronto com Israel.<sup>715</sup> Porém, no mês seguinte,

---

<sup>711</sup> Ver, por exemplo, The Editorial Board, “Al Qaeda in Iraq Scores Big”, *The New York Times*, 29 July 2013, [http://www.nytimes.com/2013/07/30/opinion/al-qaeda-in-iraq-scores-big.html?nl=todaysheadlines&emc=edit\\_th\\_20130730&r=0](http://www.nytimes.com/2013/07/30/opinion/al-qaeda-in-iraq-scores-big.html?nl=todaysheadlines&emc=edit_th_20130730&r=0) (data de último acesso: 29 de julho de 2013); Jessica Stern, “Iraq: Where Terrorists go to School”, *The New York Times*, 19 March 2013, [http://www.nytimes.com/2013/03/20/opinion/iraq-a-school-for-terrorists-thanks-to-america.html?nl=todaysheadlines&emc=edit\\_th\\_20130320](http://www.nytimes.com/2013/03/20/opinion/iraq-a-school-for-terrorists-thanks-to-america.html?nl=todaysheadlines&emc=edit_th_20130320) (data de último acesso: 20 de março de 2013).

<sup>712</sup> Zimmerman, *The Al Qaeda Network*, p. 22. Aaron Y. Zelin, *Al-Qaeda in Syria: A Closer Look at ISIS (Part I)*, Policy Watch n.º 2137, The Washington Institute, September 10, 2013, <http://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/al-qaeda-in-syria-a-closer-look-at-isis-part-i> (data de último acesso: 20 de setembro de 2013).

<sup>713</sup> Maria Abi-Habib, “One U.S.-Backed Rebel group Cooperates With Al-Qaeda in Syria”, *The Wall Street Journal*, May 7, 2014, <http://online.wsj.com/news/articles/SB10001424052702304431104579547183675484314> (data de último acesso: 8 de maio de 2014); Jamie Dettmer, “Moderate Syrian Rebels Threaten to Quit”, *Voice of America*, July 3, 2014, <http://www.voanews.com/content/moderate-syrian-rebels-threaten-to-quit/1950557.html> (data de último acesso: 4 de julho de 2014).

<sup>714</sup> Abu Bakr al-Baghdadi, “Announcement of the Islamic State of Iraq and al-Sham”, *al-Furqan Media*, April 9, 2013, <http://azelin.files.wordpress.com/2013/04/shaykh-abc5ab-bakr-al-e1b8a5ussaync4ab-al-qurayshc4ab-al-baghdac481dc4ab-e2809cannouncement-of-the-islamic-state-of-iraq-and-al-shc481m22-en.pdf> (data de último acesso: 13 de abril de 2013). Ver Cole Bunzel, “Introducing the Islamic State of Iraq and Greater Syria”, *Jihadica*, 9 April 2013, <http://www.jihadica.com/introducing-the-islamic-state-of-iraq-and-greater-syria%E2%80%9D/> (data de último acesso: 13 de julho de 2013).

<sup>715</sup> A este propósito, veja-se, na segunda edição da revista *Dabiq*, a referência à libertação da Palestina como sendo apenas um questão “de tempo e paciência”. Islamic State, “Foreword”, *Dabiq*, n.º 2, p. 4.

al-Zawahiri defendeu que cada grupo se deveria concentrar nos seus territórios específicos, contrariando, ironicamente, a própria retórica do movimento sobre a irrelevância das fronteiras entre os Estados.<sup>716</sup> As duas organizações continuaram a operar na Síria,<sup>717</sup> mas a rutura pública entre a al-Qaeda e o ISIS, em fevereiro de 2014, contribuiu para uma divisão ainda mais profunda do movimento jihadista.<sup>718</sup> O ISIS, entretanto renomeado Estado Islâmico,<sup>719</sup> encontrando pouca resistência nas zonas habitadas por Sunitas e misturando táticas terroristas e insurgência, obteve ganhos territoriais e a tomada de Mossul, a 10 de junho de 2014, foi determinante para o grupo prosseguir a sua expansão.<sup>720</sup>

Após a sua chegada a território sírio, esta organização ofuscou a JaN, obtendo demonstrações de apoio em várias partes do mundo muçulmano e ganhando aceitação internacional entre a comunidade jihadista.<sup>721</sup>

### 5.5.1. Princípios ideológicos e objetivos estratégicos da organização Estado Islâmico

A organização Estado Islâmico deve ser interpretada como um grupo híbrido: tem objetivos políticos, sociais e económicos, explorando os problemas existentes na Síria e no Iraque para atingir tais objetivos; e promove conceitos salafistas, a ideia de *ummah* e Califado, apela à *hijra* e à *jihad* violenta para alargar o seu grupo de potenciais apoiantes e expandir o seu território. Apesar do seu comportamento e estratégias serem semelhantes a outros grupos insurgentes ao longo da história, esta organização foi capaz de atrair um

---

<sup>716</sup> Abu Muhammed al-Jawlānī, “About the Fields of al-Shām”, *al-Manarah al-Bayda Foundation for Media Production*, April 10, 2013, <http://jihadology.net/2013/04/10/al-manarah-al-bay%E1%B8%8Da-foundation-for-media-production-presents-a-new-audio-message-from-jabhat-al-nu%E1%B9%A3rahs-abu-mu%E1%B8%A5ammad-al-jawlani-al-golani-about-the-fields-of-al-sham/> (data de último acesso: 16 de junho de 2013). Em maio de 2013, al-Zawahiri terá enviado uma carta aos líderes do JaN e do ISIS, onde reconhecia que o primeiro grupo era o representante da al-Qaeda na Síria. Este posicionamento de al-Zawahiri pode estar relacionado com o receio que os excessos cometidos pelo grupo iraquiano contra as populações locais colocassem em perigo os esforços da organização na Síria, contribuindo para danificar a sua reputação. Esta carta foi divulgada pela *al Jazeera* a 9 de junho de 2013. Veja-se, também, as declarações de Abu Khaled al-Suri, membro (entretanto falecido) do grupo rebelde islamista Ahrar al-Sham, o qual rejeitou que o ISIS representasse a al-Qaeda na Síria, condenando as ações do grupo em termos bastante duros. Mitchell Prothero, “Key Anti-Assad rebel leader acknowledges al Qaeda past”, *McClatchy DC*, January 17, 2014, <http://www.mcclatchydc.com/2014/01/17/214966/key-anti-assad-rebel-leader-acknowledges.html> (data de último acesso: 20 de janeiro de 2014).

<sup>717</sup> Ver Abu Bakr al-Baghdadi, “Remaining in Iraq and al-Shām”, *al-Furqan Media*, June 15, 2013, <http://www.youtube.com/watch?v=AS77jftxkc> (data de último acesso: 16 de junho de 2013)

<sup>718</sup> Ayman al-Zawahiri, *On the Relationship of Qā'idat al-Jihād and the Islamic State of Iraq and al-Shām*, February 3, 2014, <http://jihadology.net/2014/02/02/as-sa%E1%B8%A5ab-media-presents-a-new-statement-from-al-qaidah-on-the-relationship-of-qaidat-al-jihad-and-the-islamic-state-of-iraq-and-al-sham/> (data de último acesso: 24 de fevereiro de 2014).

<sup>719</sup> Embora tenha sido al-Zawahiri a repudiar publicamente o grupo, a realidade é que este já não respondia perante o líder da al-Qaeda há vários meses ou mesmo anos. Nesta tese sempre que nos referirmos a este grupo utilizaremos a designação “organização Estado Islâmico”, não só para evitar confusões conceptuais, mas porque consideramos que o recurso à denominação que o grupo adotou para si constitui um meio de o legitimar a nível religioso e como forma de governo.

<sup>720</sup> A conquista de Mossul, após apenas três dias de luta, permitiu ao grupo aceder a importantes depósitos militares, apropriar-se do dinheiro disponível nos bancos daquela cidade e controlar áreas ricas em petróleo, através da ocupação das refinarias, locais com valor estratégico e económico.

<sup>721</sup> Por exemplo, estas demonstrações estão patentes nas promessas de lealdade conseguidas junto de grupos situados na Península do Sinai, como o Ansar Bayt al-Maqdis, e do clérigo Abu Múndir al-Shinqiti, o qual ganhou alguma proeminência durante as Revoltas árabes, em 2011.

número elevado de voluntários locais e combatentes estrangeiros, legitimando a sua luta com recurso a determinados princípios ideológicos.

Embora a sua produção ideológica e textual careça da sofisticação que caracteriza alguns elementos da velha guarda jihadista, esta recorre a determinados conceitos para justificar e mobilizar apoiantes para o seu projeto. O apelo à *hijra* dos Muçulmanos é considerado essencial para a construção do Califado e um pilar inerente à *jihad*, sobretudo em épocas desprovidas de *dar al-Islam*.<sup>722</sup> Tal como no passado, a atual *hijra* daria início a um novo período de expansão do Islão e de conquistas territoriais, pelo que era evidente o significado estratégico deste apelo: a consolidação e expansão territorial.<sup>723</sup>

Esta organização não rejeita a ideia de *jihad* ofensiva, uma inspiração do Wahhabismo, justificada com a necessidade de combater a idolatria e a descrença.<sup>724</sup> Tendo em vista a expansão do território do Califado, o recurso a este conceito foi utilizado para combater os líderes regionais.<sup>725</sup> Como esta forma de *jihad* apenas pode ser proclamada pelo Califa, a questão da sua legalidade está ultrapassada. Ao ser utilizada na luta contra os Xiitas, reconhecemos uma dimensão estratégica neste apelo à *jihad*: conter a consolidação do poder regional desta minoria e do Irão.

O grupo promove uma agenda sectária, assumindo que a prioridade da luta é a defesa da comunidade sunita, explorando sentimentos de vitimização entre estes. O ódio aos Xiitas e a hostilidade contra todas as outras religiões e seitas é outro dos legados do Wahhabismo. A implementação de uma versão rígida das normas da *Sharia* e a vigilância das autoridades para preservar o modo de vida islâmico (*hisba*) visa intimidar e controlar as populações, nomeadamente as minorias cristãs, os Curdos e todos os Muçulmanos não sunitas.

A destruição do património arqueológico na Síria constitui outra manifestação das suas crenças salafistas: a destruição de um passado que não se conforma às suas ideias do

---

<sup>722</sup> The Islamic State, *Dabiq*, n.º 1, p. 36.

<sup>723</sup> Este apelo não é inédito por parte de uma organização jihadista: durante a década de 1990, Abu Mus'ab al-Suri defendeu ser o dever de todos os verdadeiros Muçulmanos emigrar para o Afeganistão e lutar pelo Emirado criado pelos Talibãs (Brynjar Lia, "The Al-Qaida Strategist Abu Mus'ab Al-Suri: A Profile", in Laila Bokhari et al., *op. cit.*, p. 45.); como vimos, a al-Shabaab também tentou mobilizar voluntários estrangeiros através do desenvolvimento e instrumentalização de uma consciência comum entre os Muçulmanos e de referências à *ummah*.

<sup>724</sup> Ver, por exemplo, Islamic State, *Dabiq*, n.º 2, p. 20: "Ó Deus, se é um Estado do Islão que governa pelo Livro e pela Tradição do Profeta, e realiza a *jihad* contra os seus inimigos, então mantem-o firme, fortalece-o, apoia-o, concede-lhe autoridade na terra e torna-o um califado mediante a metodologia do Profeta." Ver, também, The Islamic State, *This is the Promise of Allah*, p. 3: "Esta *ummah* foi bem sucedida em terminar com dois dos maiores impérios conhecidos da história em apenas vinte e cinco anos, e depois gastou os tesouros desses impérios na *jihad* no caminho de Deus."

<sup>725</sup> Os teólogos desta organização reconhecem que a *jihad* defensiva é válida em todos os tempos e lugares e não necessita de qualquer autorização para a participação naquela, enquanto a *jihad* para atacar a terra da descrença precisa de uma ordem por parte do líder dos Muçulmanos. Estes justificam o recurso a esta forma de *jihad* como tendo o objetivo de fazer com que as pessoas adorem Deus e se afastem da servidão aos outros homens. A luta contra os descrentes é um modo de terminar com a *fitna* e fazer com que a religião de Deus prevaleça sobre todas as outras. Ver conjunto de *fatāwā* emitidas pelo departamento responsável em Raqqa e que só recentemente foram tornadas públicas, as quais foram traduzidas por Aymenn Jawad Al-Tamimi, em <http://jihadology.net/2015/09/25/the-archivist-unseen-islamic-state-fatwas-on-jihad-and-sabaya/> (data de último acesso: 25 de setembro de 2015).

presente visa reinterpretar esse passado e provocar o regresso ao Islão puro do século VII, o qual deveria ser o modelo para a atualidade. Todas as inovações e influências ocidentais são, em teoria, rejeitadas. Na prática, porém, muitos dos membros da organização islâmica são agentes e produto das sociedades ocidentais, o que se manifesta em várias vertentes do seu comportamento.

Nas suas publicações a organização sublinha que o objetivo “mais importante da *jama'ah* (grupo de Muçulmanos reunidos sob uma liderança muçulmana) é reviver a *tawhid*, especialmente em questões ignoradas e abandonadas pelos partidos ‘islâmicos’ dos nossos tempos – questões relacionadas com *wala'*, *bara'*, *hukm* e *tashri'* (legislação).”<sup>726</sup> O grupo utiliza “a obrigação ausente da *jihad* como meio fundamental para a mudança, implementando os comandos de Deus.”<sup>727</sup> A metodologia do Estado Islâmico para a criação do Califado consistia na “*jihad* baseada na *hijra*, *bay'ah*, *sam'* (escutar), *ta'ah* (obediência), e *i'dad* (treino), conduzindo à *ribat* (proteção das fronteiras do Islão) e *qital* (combate), depois ao *khilafah* e *shahadah*.”<sup>728</sup>

A organização Estado Islâmico atraiu uma geração de jihadistas mais jovem e muitos combatentes estrangeiros, os quais não se sentem ligados à al-Qaeda e reconhecem mais credibilidade a um projeto que se pauta pela ação no campo de batalha.<sup>729</sup> Muitos dos seus apoiantes interpretaram o estabelecimento de uma base territorial no coração do mundo islâmico como prenúncio da reconstituição de uma comunidade islâmica semelhante à existente na era dourada do Islão, ultrapassando uma das fraquezas do Jihadismo global até essa altura. O impacto destes combatentes estrangeiros na capacidade operacional do grupo ainda não é de todo claro, mas continuando a tendência da década anterior, muitos são responsáveis pelas operações suicidas contra alvos inimigos e por algumas das ações mais brutais do grupo.<sup>730</sup>

Paralelamente à sua estratégia de violência extrema para adquirir e consolidar ganhos territoriais, desencorajando qualquer tentativa de resistência por parte das populações, o grupo assumiu uma estrutura que o tornou responsável pelo fornecimento

---

<sup>726</sup> The Islamic State, *Dabiq*, n.º 1, p. 35.

<sup>727</sup> *Ibid.*

<sup>728</sup> *Ibid.*

<sup>729</sup> Contudo, devemos salientar que o zelo securitário do JaN pode ter contribuído para, na fase inicial, desviar apoiantes para esta organização, devido à maior facilidade em ser aceite. Mariam Karouny, “Insight: Syria’s Nusra Front eclipsed by Iraq-based al Qaeda”, *Reuters*, 17 May 2013, <http://www.reuters.com/article/2013/05/17/us-syria-crisis-nusra-idUSBRE94G0FY20130517> (data de último acesso: 14 de maio de 2014); Jérôme Drevon, *How Syria’s Is Dividing the Egyptian Jihadi Movement*, Carnegie Endowment for International Peace, January 9, 2014, <http://carnegieendowment.org/syriaincrisis/?fa=54139> (data de último acesso: 25 janeiro de 2014).

<sup>730</sup> Por exemplo, dez cidadãos alemães foram responsáveis por ataques suicidas em 2014 e, pelo menos, em dois casos, cidadãos alemães decapitaram opositores em nome desta organização. Europol, *TE-SAT 2015: European Union Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2015, p. 23.

de vários serviços, assumindo várias funções inerentes ao funcionamento de um Estado, como a gestão de hospitais e escolas, a criação de departamentos administrativos ou a distribuição de alimentos. As atividades ligadas à *da'wa* visam educar as populações na sua visão ideológica do Islão, tendo em vista o apoio daquelas ao projeto de construção do Estado. Preocupando-se com a sobrevivência organizacional e tentando garantir a continuidade através de novas gerações, um dos métodos utilizados é o recrutamento e o fornecimento de treino ideológico e militar a crianças e adolescentes, algumas das quais filhos de combatentes estrangeiros, dessensibilizando-as e desprovendo-as de escrúpulos morais através da contínua exposição e execução de atos brutais.

Entre as organizações AQI e Estado Islâmico existe uma continuidade a nível de táticas e métodos: o recurso à extrema violência, a brutalidade dos atos e sua posterior publicação, de modo a produzir um efeito dissuasor relativamente a eventuais ações punitivas ou dissidências; a admiração de uma geração de jihadistas mais jovens; o apelo a combatentes estrangeiros; o envolvimento em várias frentes de combate e contra vários inimigos; a capacidade em alienar as populações das áreas que controla devido à imposição de uma versão rígida e totalitária da lei islâmica; o anti-Xiismo extremo.

Contudo, a organização de al-Baghdadi distingue-se da sua antecessora iraquiana pela extensão de território que conseguiu controlar e pelos recursos de que dispunha em resultado da sua expansão. A capacidade demonstrada pelas lideranças para projetarem uma imagem de poder foi fundamental para a mobilização para o seu projeto. Para a projeção dessa imagem contribuiu a propaganda da organização, disseminada pela Internet e pelas novas plataformas sociais, e com recurso a técnicas de manipulação dos sentimentos, símbolos e elementos estéticos. Os conteúdos são diversificados, incluindo relatórios sobre atividades militares, ações da *da'wa*, questões relacionadas com o funcionamento do Estado, meios de implementação da *Sharia*, a aplicação de castigos e punições e relatos de combatentes estrangeiros sobre a verdadeira vida islâmica.

Apelando à generalidade dos Muçulmanos, a organização concebeu uma dupla estratégia de propaganda com o objetivos de atrair dois tipos de indivíduos: o apelo a indivíduos sem perspetivas, marginalizados e com um passado problemático, através de imagens de violência, da difusão da ideia de que no Califado aqueles encontrarão camaradagem e uma causa pela qual vale a pena lutar, e de recursos socioculturais com os quais os indivíduos se identificam,<sup>731</sup> e o apelo à *hijra* de médicos, engenheiros,

---

<sup>731</sup> Ver os vídeos em que os jihadistas gozam de momentos de lazer após as batalhas, praticando futebol, partilhando refeições e ocupando os tempos livres, os quais visam reforçar os laços de camaradagem e as ligações sociais e culturais. Ver, por exemplo, a

professores, acadêmicos e outros profissionais, assim como de mulheres e famílias, através da divulgação de mensagens sobre o início de uma nova era baseada na força da *ummah*, imagens sobre a construção de um novo Estado e a promoção da possibilidade de viver uma autêntica vida islâmica naquele território.<sup>732</sup> A todos estes, a organização oferecia uma identidade, pertença a uma comunidade, significação e a possibilidade de viver uma existência digna. Neste sentido, a organização soube explorar habilmente o elevado número de combatentes estrangeiros das várias nacionalidades que ali se encontram e que são um valioso veículo de propaganda.

Quando o grupo adotou o Ocidente como inimigo na sequência da campanha aérea ocidental contra a organização, al-Adnani, o seu porta-voz, lançou um apelo, a 21 de setembro de 2014, aos simpatizantes da organização no Ocidente, a quem chama de “soldados do Estado Islâmico”, para enveredarem por ataques contra alvos civis e militares, no local onde se encontram: “Se puderem matar um Americano ou Europeu – especialmente um Francês imundo e maldoso – ou um Australiano ou Canadiano, ou outro qualquer descrente dos descrentes em guerra, incluindo os cidadãos dos países que entraram na coligação contra o Estado Islâmico, então confiem em Deus, e matem-nos de qualquer maneira ou modo.”<sup>733</sup> Este apelo encontrou paralelo em algumas das ideias

---

série *Mujatweets Episodes*, os quais retratam a vida dos *mujahideen* no *al-Shams*. O primeiro episódio desta série foi difundido em maio de 2014: Islamic State of Iraq and al-Shām, *Mujatweets Episode #1*, al-Hayāt Media Center, 31 May 2014, disponível em <http://jihadology.net/2014/05/31/al-%e1%b8%a5ayat-media-center-presents-a-new-video-message-from-islamic-state-of-iraq-and-al-sham-mujatweets-episode-1/> (data de último acesso: 2 de agosto de 2014). O último episódio foi publicado em julho seguinte: The Islamic State, *Mujatweets Episode #8*, al-Hayāt Media Center, 25 July 2014, disponível em <http://jihadology.net/2014/07/25/al-%e1%b8%a5ayat-media-center-presents-a-new-video-message-from-the-islamic-state-mujatweets-episode-8/> (data de último acesso: 2 de agosto de 2014). Ver também imagens de campanhas militares, por exemplo, em The Islamic State, *Storming the Gate of Murshid Binār By the Army of the Caliphate – Wilāyat al-Raqqaḥ*, 30 November 2014, disponível em <http://jihadology.net/2014/11/30/new-video-message-from-the-islamic-state-storming-the-gate-of-murshid-binar-by-the-army-of-the-caliphate-wilayat-al-raqqah/> (data de último acesso: 15 de dezembro de 2014).

<sup>732</sup> Por exemplo, ver o vídeo The Islamic State, *Health Services in The Islamic State – Wilāyat al-Raqqaḥ*, 24 April 2015, disponível em <http://jihadology.net/2015/04/24/new-video-message-from-the-islamic-state-health-services-in-the-islamic-state-wilayat-al-raqqah/> (data de último acesso: 27 de abril de 2015); The Islamic State, *Marriage Contracts Office – Wilāyat Ninawā*, 2 August 2015, disponível em <http://jihadology.net/2015/08/02/new-video-message-from-the-islamic-state-marriage-contracts-office-wilayat-ninawa/> (data de último acesso: 3 de agosto de 2015); The Islamic State, *Message To Those Who Fail To Come To Jihād*, New da’wah literature, 8 August 2015, disponível em <http://jihadology.net/2015/08/08/new-dawah-literature-from-the-islamic-state-message-to-those-who-fail-to-come-to-jihad/> (data de último acesso: 1 de setembro de 2015); The Islamic State, *Loyalty to Islām, Not the Nation-State!*, New da’wah literature, 30 August 2015, disponível em <http://jihadology.net/2015/08/30/new-dawah-literature-from-the-islamic-state-loyalty-to-islam-not-the-nation-state/> (data de último acesso: 1 de setembro de 2015). Terá sido este tipo de apelo para a construção de uma nova sociedade que está na origem da deslocação para a Síria, em março de 2015, de nove estudantes de medicina Britânicos de origem sudanesa, os quais estudavam numa universidade privada em Cartum; supostamente, estes terão sido influenciados por um outro estudante britânico de origem sudanesa. Um destes estudantes apareceu num vídeo de propaganda da organização Estado Islâmico divulgado em maio de 2015, onde apelava a jovens médicos do Reino Unido para que se juntassem a ele na construção de uma nova sociedade e onde parece a ensinar outros estudantes. Outro foi morto em julho enquanto lutava contra as forças de Assad; aparentemente já se teria deslocado para o Mali, em 2013, esperando combater a campanha francesa naquele país. Mark Townsend, Shiv Malik, “Student from group of British-Sudanese ISIS recruits killed in Syria”, *The Guardian*, 22 July 2015, <http://www.theguardian.com/world/2015/jul/22/student-from-group-of-british-sudanese-isis-recruits-killed-in-syria> (data de último acesso: 24 de julho de 2015). Nine British medics feared to have crossed into Syria”, *BBC News*, 22 March 2015, <http://www.bbc.com/news/uk-32006445> (data de último acesso: 23 de março de 2015); Daniel Sandford, Steve Swann and Mohanad Hashim, “UK medical students recruited for IS’ at university in Sudan”, *BBC News*, 17 July 2015, <http://www.bbc.com/news/uk-33502534> (data de último acesso: 18 de julho de 2015).

<sup>733</sup> The Middle East Media Research Institute, *Responding to U.S.-Led Campaign, IS Spokesman Calls to Kill Westerners, Including Civilians, By Any Means Possible*, September 22, 2014, <http://www.memrijtm.org/responding-to-us-led-campaign-is-spokesman-calls-to-kill-westerners-soldiers-or-civilians-by-any-means-possible.html> (data de último acesso: 23 de setembro de 2014). Al-Adnani reforçou o seu apelo a ataques contra a Europa em janeiro de 2015, quando anunciou a expansão da organização Estado Islâmico para o Afeganistão e Paquistão: “...renovamos o nosso apelo aos *muwahhidin* (monoteístas) na Europa e no Ocidente descrente e em todo

defendidas anteriormente na revista *Inspire* publicada pela al-Qaeda no Iémen.<sup>734</sup> Aliás, esta organização recuperou muitos dos temas daquela revista na sua própria publicação destinada às audiências ocidentais, a *Dabiq*. Ao apelar à *jihad* individual no Ocidente conduzida por simpatizantes, a organização pretende explorar todos os episódios de violência naquele território inspirados (ou não) pela organização, aumentando a abrangência das suas operações e a percepção da ameaça que coloca. Porém, a natureza transnacional da organização iraquiana era já evidente antes de ter deslocado a luta para Ocidente com ações concretas: um dos objetivos da declaração do Califado foi justificar o desejo de expansão pelo mundo muçulmano e, posteriormente, para Ocidente, com cujas forças travaria uma batalha final, numa manifestação do seu pensamento apocalíptico.

A AQPA também parece ter inspirado a organização Estado Islâmico num outro aspeto: em 2008, aquela organização apelou a profissionais qualificados como médicos, engenheiros, químicos, físicos e jornalistas para que se juntassem à causa jihadista, tentando despertar o interesse e as emoções destas classes profissionais através da inclusão de versos poéticos.<sup>735</sup> Embora a forma e as motivações para este apelo possam divergir, também aqui a organização Estado Islâmico está longe de ser original. Devemos, contudo, salientar que a necessidade de enriquecer o movimento jihadista com elementos cultos e dotados de conhecimentos em diversas áreas científicas não é algo recente, pois como referimos, foi reconhecido por Abdullah Azzam em *Join the Caravan*.

### 5.5.2. Contributos para a criação de uma cultura jihadista

---

o lado para visarem os Cruzados nas suas próprias terras e onde quer que aqueles se encontrem. Perante Deus, argumentaremos contra qualquer Muçulmano que tenha a capacidade de derramar uma gota de sangue cruzado mas não o faz, quer seja com um explosivo, com uma bala, um carro, uma rocha, ou mesmo com uma bota ou um punho. Com efeito, viram o que um único Muçulmano fez no Canadá e o que os nossos irmãos em França, Austrália e na Bélgica fizeram. [...] Muitos outros mataram, ameaçaram, assustaram e aterrorizaram pessoas, ao ponto de vermos exércitos cruzados implantados nas ruas da Austrália, Canadá, França, Bélgica, e outras fortalezas da cruz, a quem prometemos – com a permissão de Deus – a continuação do estado de alerta, terror, medo e falta de segurança. E o que virá será pior – com a permissão de Deus – e mais amargo, porque ainda não viram nada de nós.” (Shaykh Abū Muhammad al-Adnani ash-Shāmī, *Say “Die in Your Rage!”*, Al-Hayat, 26 janeiro de 2015, <https://pietervanostaeyen.files.wordpress.com/2015/01/al-adnani-say-die-in-your-rage.pdf>.) O fluxo de apelos a ataques no Ocidente é constante através das redes sociais, e sobretudo através do *twitter*. Estes são feitos por múltiplos atores, nomeadamente por muitos dos combatentes franceses, ingleses e alemães que se encontram no terreno e que apelam aos seus conterrâneos para que ataquem nos respetivos países. Ver The Middle East Media Research Institute, *On Facebook, French IS Supporters And Fighters Urge Attacks in France and Europe*, October 13, 2014, <http://www.memrijtm.org/on-facebook-french-is-supporters-and-fighters-urge-attacks-in-france-and-europe.html> (data de último acesso: 15 de outubro de 2014); The Middle East Media Research Institute, *British ISIS Fighter Abu Saeed al-Baritani Calls on Muslims to Carry Out Terror Attacks in the West*, October 4, 2014, <http://www.memri.org/clip/en/0/0/0/0/0/4535.htm> (data de último acesso: 6 de outubro de 2014).

<sup>734</sup> Comparar, por exemplo, com a segunda edição da revista *Inspire*, al-Malahem Media, 2010, pp. 53-57, e com a nona edição da *Inspire*, publicada no inverno de 2012.

<sup>735</sup> Este aspeto foi realçado por Elisabeth Kendall, a qual analisou a produção poética da AQPA. Elisabeth Kendall, “Yemen’s al-Qa’ida and Poetry as a Weapon of Jihad”, in Elisabeth Kendall, Ewan Stein (eds.), *Twenty-First Century Jihad: Law, Society and Military Action*, Londres, I.B. Tauris, 2015, p. 255.



A análise da cultura e práticas culturais constituem um contributo importante para o estudo do Jihadismo. Os elementos culturais assumem cada vez mais importância na afirmação ideológica destas organizações, e a sua mobilização contribui para atrair novos elementos, para a sua decisão de permanecerem no grupo ou um incentivo ao desempenho de certas atividades. Um dos primeiros indivíduos a reconhecer esta importância foi Anwar al-Awlaki.<sup>736</sup>

A organização Estado Islâmico parece ter aplicado de modo eficaz algumas das ideias e conceitos desenvolvidos por al-Awlaki, beneficiando quer do conhecimento que aquele clérigo tinha do mundo ocidental, quer da sua popularidade junto de alguns indivíduos nesta parte do mundo. Uma das lições de al-Awlaki que esta organização interiorizou melhor do que qualquer outro grupo foi a necessidade de promover uma cultura jihadista, a qual se tem revelado fundamental para a sua atividade militar, para apelar ao combate e para a atração de voluntários. Estes elementos e práticas socioculturais são parte fundamental da atividade revolucionária desta organização, a qual não só contribuiu para a sua criação, como beneficiou da difusão de elementos e símbolos culturais associados ao Jihadismo entre muitos jovens muçulmanos no Ocidente.

Um dos elementos culturais a que a organização recorre é a produção e divulgação de *nasheeds*, em várias línguas (ou com legendas em línguas ocidentais), acompanhados de vídeos e imagens, os quais constituem um incentivo às atividades militares e uma exaltação dos feitos dos heróis.<sup>737</sup> Uma das vantagens destes é que chegam facilmente até todos os membros e simpatizantes e são de fácil compreensão, não ficando sujeitos ao grau de literacia dos membros do grupo. Assim, o recurso a estes hinos é comum entre os jihadistas como forma de afirmação e de mostrarem afinidade com as ideias da *jihad*: por exemplo, durante a década de 1990, a geração de árabes-afegãos costumava recorrer àqueles como forma de reforçar laços e incentivar à ação.<sup>738</sup>

Estes temas musicais inspiram os combatentes durante o conflito, servem para revigorar a narrativa sobre a mudança em curso e contribuem para disseminar a mensagem do grupo por potenciais apoiantes. Por exemplo, na sequência da campanha

---

<sup>736</sup> Anwar al-Awlaki, *44 Ways to Support Jihad*, Victorious Media, s.l., s.d..

<sup>737</sup> A divulgação de *nasheeds* é comum a várias organizações islamistas e jihadistas, mas a organização Estado Islâmico criou a Ajnad Media Foundation, a qual se dedica a produzir novas composições musicais. Ver “ISIL Launches Ajnad Media Foundation to Specialize in Jihadi Chants”, *Site Intelligence Group*, January 15, 2014, <https://news.siteintelgroup.com/Jihadist-News/isil-launches-ajnad-media-foundation-to-specialize-in-jihadi-chants.html> (data de último acesso: 26 de agosto de 2014).

<sup>738</sup> Um dos poucos autores que se tem dedicado ao estudo da cultura jihadista e dos *nasheeds* como uma das suas principais expressões é Benham Said. Ver, por exemplo, Benham Said, “Hymns (*Nasheeds*): A Contribution to the Study of the *Jihadist Culture*”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 35, n.º 12, 2012, pp. 863-879.

militar a que as suas forças estiveram sujeitas na primavera de 2015, o grupo divulgou uma sequência de vários *nasheeds*, numa tentativa de contrariar o rumo dos acontecimentos: a 18 de maio divulgou o *nasheed* “Extend Your Hand to Pledge Allegiance”;<sup>739</sup> a 23 de maio foi a vez de “We Reject to Bow Down”;<sup>740</sup> a 14 de junho divulgou o cântico “Come, Come”;<sup>741</sup> a 24 de junho de 2015, realizou um vídeo musical com o título “The Path of Jihad”;<sup>742</sup> a 7 de julho de 2015, difundiu “Come, my friend”.<sup>743</sup> Os títulos e conteúdo destes ilustram o objetivo a alcançar: apelar à mobilização de novos combatentes, manifestar a recusa na rendição e perseverança para atingir os objetivos propostos.<sup>744</sup>

Igualmente importante para compreender a organização é a visualização de imagens e vídeos divulgados por esta organização. Este material é diversificado e pretende passar a mensagem do grupo, pelo que, à semelhança do que acontece com a sua produção textual, a organização divulga quer imagens que mostram a tragédia do conflito, quer imagens sobre a construção de um Estado e sociedade islâmica e as glórias que esperam os Muçulmanos. Ao promover imagens e lemas que realçam o sentido de pertença e inclusão no Califado, o dever de lutar, uma identidade coletiva, a aquisição de força e poder, esta organização pretende ser uma alternativa às vulnerabilidades, frustrações e condições desesperantes que muitos jovens ocidentais e oriundos de outros países muçulmanos enfrentam nos respetivos países.

Nos vídeos e cartazes de propaganda da organização é, ainda, possível constatar a existência de uma estética envolvendo a indumentária, as poses dos combatentes, os maneirismos, as alcunhas adotadas e os símbolos utilizados. A função destas imagens é despertar emoções afetivas através da promoção de uma cultura de cariz juvenil, a qual também é importante para analisar o modo de funcionamento dos grupos e influenciar a

---

<sup>739</sup> al-Hayāt Media Center presents a new video nashīd from The Islamic State: “Extend Your Hand To Pledge Allegiance”, 18 de maio de 2015, *jihadology.net*, <http://jihadology.net/2015/05/18/al-%e1%b8%a5ayat-media-center-presents-a-new-video-nashid-from-the-islamic-state-extend-your-hand-to-pledge-allegiance/> (data de último acesso: 10 de julho de 2015).

<sup>740</sup> Ajnād Foundation For Media Production presents a new Nashīd from The Islamic State: “We Reject To Bow Down”, 23 de maio de 2015, *jihadology.net*, <http://jihadology.net/2015/05/23/ajnad-foundation-for-media-production-presents-a-new-nashid-from-the-islamic-state-we-reject-to-bow-down/> (data de último acesso: 10 de julho de 2015).

<sup>741</sup> Ajnād Foundation For Media Production presents a new Nashīd from The Islamic State: “Come, Come”, 14 de junho de 2015, *jihadology.net*, <http://jihadology.net/2015/06/14/ajnad-foundation-for-media-production-presents-a-new-nashid-from-the-islamic-state-come-come/> (data de último acesso: 10 de julho de 2015).

<sup>742</sup> al-Hayāt Media Center presents a new vídeo nashīd from The Islamic State, “The Path of Jihad”, 24 de junho de 2015, *Jihadology.net*, <http://jihadology.net/2015/06/24/al-%e1%b8%a5ayat-media-center-presents-a-new-video-nashid-from-the-islamic-state-the-path-of-jihad/> (data de último acesso: 10 de julho de 2015).

<sup>743</sup> al-Hayāt Media Center presents a new video nashīd from The Islamic State: “Come, My Friend”, 7 de julho de 2015, *Jihadology.net*, <http://jihadology.net/2015/07/07/al-%e1%b8%a5ayat-media-center-presents-a-new-video-nashid-from-the-islamic-state-come-my-friend/> (data de último acesso: 10 de julho de 2015).

<sup>744</sup> Note-se que em meses recentes a AQPA, assim como a JaN e o Emirado Islâmico do Afeganistão começaram também a divulgar *nasheeds* de incitamento aos seus combatentes. Ver, por exemplo, Nashīd from al-Qā'idah in the Arabian Peninsula's Abū Hājr and Abū Fāris: “The Army Is Coming Upon You”, al-Bashā'ir Foundation for Audio Production, 4 de agosto de 2015, disponível em <http://jihadology.net/2015/08/04/al-bashair-foundation-for-audio-production-presents-a-new-nashid-from-al-qaidah-in-the-arabian-peninsulas-abu-hajr-and-abu-faris-the-army-is-coming-upon-you/> (data de último acesso: 10 de agosto de 2015).

decisão de um jovem de aderir a uma determinada organização.<sup>745</sup> Esta organização mistura símbolos e linguagem religiosa (nomeadamente sobre o ato do martírio) com componentes inspirados pela cultura ocidental, com os quais os jovens provenientes desta parte do globo estão familiarizados.<sup>746</sup>

As práticas e atividades socioculturais são relevantes para aqueles indivíduos que procuram uma identidade.<sup>747</sup> A música, o desporto – destacando-se o futebol, pelo qual os jihadistas nutrem sentimentos contraditórios que vão da admiração até à proibição em certas áreas, por ser considerado uma manifestação ocidental<sup>748</sup> –, a frequência de alguns espaços, a partilha de momentos de lazer e de refeições comunitárias promovem uma identidade coletiva, as quais definem as solidariedades e os interesses no seio do grupo. A categorização dos indivíduos como membros de um determinado grupo é parte fundamental da sua identidade e contribui para criar laços e reforçar os sentimentos de camaradagem e as relações sociais no interior daquele. Por sua vez, a pertença a este grupo cria admiração entre outros aspirantes àquele.

## 5.6. A competição entre a organização Estado Islâmico e a al-Qaeda: consequências locais e globais

A organização Estado Islâmico constitui um desafio para os países da região e o Ocidente, mas também para a própria al-Qaeda, com a qual mantém uma relação de competição. Lahoud defende que a concorrência entre a organização Estado Islâmico e a al-Qaeda por território, combatentes e recursos confundiu os apoiantes do Jihadismo e

---

<sup>745</sup> As emoções afetivas baseiam-se na existência de uma identidade coletiva fomentada pela ideologia, religião, questões culturais e sociais, e são reforçadas por aquelas. Estas opõem-se às emoções reativas, as quais consistem numa resposta despoletada pela existência de frustrações, crises identitárias e sentimentos de alienação. Ao contrário da tendência existente para pensar o contrário, as emoções não rendem os protestos e o ativismo irracional, mas podem ser importantes para fornecer objetivos e motivação. Para mais sobre esta questão consultar James M. Jasper, “The Emotions of Protest: Affective and Reactive Emotions In and Around Social Movements”, *Sociological Forum*, vol. 13, n.º 3, 1998, pp. 397-424.

<sup>746</sup> Podemos referir a existência de elementos visuais inspirados nos jogos de vídeo e na cultura *hip hop*, os quais facilitam a atração e recetividade da mensagem, o processo de identificação com o grupo e o aprofundamento do compromisso ideológico. Ver, por exemplo, a foto publicada na rede social *twitter* por um jihadista ocidental, cuja origem não foi possível apurar, em <http://www.memri.org/image/24390.jpg>. Se compararmos esta foto com muitas que encontramos através dos motores de busca com recurso ao termo *gansgta rap*, verificamos a existência de uma clara influência daquela tendência cultural na postura e linguagem corporal dos dois indivíduos. Entre os combatentes ocidentais que se aliaram ao grupo existem antigos *rappers* ou aspirantes a tal oriundos do Reino Unido – por exemplo, Abdel-Majed Abdel Bary (filho de Adel Abdel Bari, militante da al-Jihad extraditado para os EUA em 2012 por suposto envolvimento nos ataques às embaixadas africanas em 1998) conhecido por L. Jinny –, Alemanha – Denis Cuspert conhecido por Deso Dog – e EUA – Douglas McCain, morto na Síria em agosto de 2014.

<sup>747</sup> Com efeito, um antigo elemento envolvido em grupos radicais no Reino Unido, em entrevista a esta autora afirmou que, antes de se envolver com aqueles grupos (os quais recusou nomear), explorou várias possibilidades e também se interessou pela cultura musical, nomeadamente pelo *hip hop*, tendência musical que estava em crescimento no país. Entrevista realizada em Londres, em maio de 2009.

<sup>748</sup> Numerosos jihadistas, sobretudo ocidentais, assumem a sua paixão pelo futebol, existindo exemplos de alguns que tentaram ou tiveram uma carreira futebolística, nomeadamente Nizar Trabelsi. Muitos também cimentaram um sentimento de irmandade e camaradagem ou tornaram-se militantes jihadistas no contexto de grupos de amigos que costumavam praticar futebol juntos, como por exemplo, alguns dos perpetradores do atentado de Madrid. Ver, por exemplo, Versha Sharma, “Which World Cup Teams Are Jihadis Rooting For?”, *Vocativ*, 12 June 2014, <http://www.vocativ.com/culture/sport/world-cup-teams-jihadis-rooting/?page=all> (data de último acesso: 19 de junho de 2014).

pode minar a posição simbólica ocupada por al-Zawahiri.<sup>749</sup> Esta é, efetivamente, a primeira vez que uma filiada da al-Qaeda se separou do núcleo da organização e se assumiu como sua rival, criando uma fissura no movimento jihadista global e colocando em risco o papel ideológico e inspirador da organização que deu origem a esta tendência. A questão que se coloca é se esta lógica competitiva coloca em causa uma abordagem mais estratégica que a al-Qaeda vinha seguindo nos últimos anos, com a restrição de ataques indiscriminados contra alvos muçulmanos e não combatentes, ou se se sentirá pressionada a inverter os seus posicionamentos de modo a disputar a liderança do Jihadismo global.

Sem deixar de apelar ao final da *fitna* entre jihadistas, alguns dos ideólogos mais relevantes do Jihadismo colocaram-se ao lado da JaN e da al-Qaeda, nomeadamente al-Maqdisi, Abu Qatada, Al-Tartusi e Hani al-Siba'i, demonstrando pragmatismo na abordagem à situação síria, rejeitando as formas de violência a que a organização Estado Islâmico recorre e a sua pretensão a ser considerado um Estado.<sup>750</sup>

A organização Estado Islâmico foi a mais ativa ao longo de 2014, tendo suplantado a al-Qaeda e suas afiliadas em termos de notoriedade. Melhor do que qualquer outro grupo rebelde, esta soube aproveitar a abertura de oportunidades na Síria e no Iraque para adquirir recursos e disputar o poder. Nas suas fileiras encontram-se combatentes locais, assim como muitos estrangeiros, alguns dos quais transitaram de outros grupos rebeldes, nomeadamente de grupos com ligações à al-Qaeda na Síria, Norte de África e Iémen. Por sua vez, o núcleo da al-Qaeda sobrevive na clandestinidade, tem poucos recursos e a sua representante na Síria viu os seus meios reduzidos na sequência da campanha jihadista concorrente. Esta esforça-se por combinar ações violentas, como ataques suicidas contra membros militares e policiais (tentando reduzir o número de vítimas entre os civis), com o fornecimento de serviços básicos.<sup>751</sup> O grupo tenta cultivar

---

<sup>749</sup> Lahoud, al-'Ubaydi, *Jihadi Discourse in the Wake of the Arab Spring*, p. 102. Note-se, porém, que al-Zawahiri tem sido capaz de manter a lealdade pessoal dos líderes das fações regionais da al-Qaeda no Magrebe, na Somália e no Iémen; o seu eventual desaparecimento poderia criar uma oportunidade para estes alterarem as suas alianças e transitarem para a esfera da organização concorrente.

<sup>750</sup> Embora estes posicionamentos por parte destes ideólogos não tenha produzido efeitos a curto-prazo – por exemplo, detendo o fluxo de combatentes estrangeiros que se alia ao grupo –, a questão que se coloca é se a médio e longo-prazo poderão servir para refutar as ações do grupo com recurso a argumentos ideológicos. Ver, por exemplo, Abu Muhammed al-Maqdisi, *A Call to the Ummah & Mujahideen*, maio 2014, <http://justpaste.it/jppdf/Maqdisi-ISIS> (pdf). Al-Tartusi, o qual se encontra no terreno do conflito sírio desde maio de 2012 – de acordo com o próprio, apenas como conselheiro de alguns grupos rebeldes –, não estando alinhado com a al-Qaeda, é bastante crítico da atuação da organização Estado Islâmico, tendo-a comparada aos Carijitas. Ver nota publicada no sítio Internet do próprio em <http://www.abubaseer.bizland.com/hadath/Read/hadath%2093.pdf> (data de último acesso: 24 de julho de 2014). Al-Siba'i revelou a sua oposição ao grupo, por exemplo, através da plataforma twitter: [https://twitter.com/hanisibu?original\\_referer=http%3A%2F%2Fstorify.com%2Fhegghammer%2Fjihadi-reactions-to-isis-caliphate&tw\\_i=483334847633846274&tw\\_p=tweetembed](https://twitter.com/hanisibu?original_referer=http%3A%2F%2Fstorify.com%2Fhegghammer%2Fjihadi-reactions-to-isis-caliphate&tw_i=483334847633846274&tw_p=tweetembed).

<sup>751</sup> Desde o seu surgimento, o JaN tem mostrado grande preocupação em divulgar vídeos com as suas ações de carácter social. Os elementos do grupo são vistos, por exemplo, a visitarem hospitais (<http://jihadology.net/2014/08/16/new-video-message-from-himam-news-agency-report-92-a-tour-of-the-islamic-medical-complex-in-taftanaz-rural-idlib/>), a conduzirem campanhas de vacinação contra a poliomielite em crianças (<http://jihadology.net/2014/07/07/new-video-message-from-himam-news-agency-report->

relações com a população local e distanciar-se dos métodos da organização rival, de modo a ganhar o seu apoio e melhorar a imagem dos jihadistas. A brutalidade da sua competidora direta contribui para a imagem mais positiva do JaN – o designado *radical flank effect*.

A competição também acontece no campo da propaganda. A organização Estado Islâmico adotou uma estratégia de comunicação inovadora e eficaz para comunicar as suas visões e objetivos, ultrapassando fraquezas evidentes por parte no núcleo da al-Qaeda. Esta estratégia descentralizada contribui para ampliar a guerra psicológica: as mensagens são transmitidas através de inúmeros canais e plataformas virtuais, alguns operados por simpatizantes da organização; as mensagens são breves, sem exagerar nos elementos ideológicos, moldadas a diferentes audiências e transmitidas em várias línguas, visando aprofundar o processo emocional de adesão ao grupo.<sup>752</sup> No caso do líder da al-Qaeda, as suas ideias são transmitidas através de comunicados ocasionais que o grupo divulga via Internet, repletos de considerações ideológicas e históricas.

A competição entre as duas organizações e a disputa da liderança do movimento jihadista global tem consequências regionais e globais, visto ambas conceberem os países ocidentais como inimigos e tentarem recrutar apoiantes neste território. A organização que oferecer a mensagem mais coerente para explicar as condições existenciais dos Muçulmanos e a melhor narrativa alternativa será aquela com maiores hipóteses de captar simpatizantes e membros, ainda que estes possam existir numa condição informal. As plataformas virtuais de comunicação que permitem o contacto direto entre os militantes nos palcos de conflito e simpatizantes no Ocidente facilitam e aceleram este processo, conduzindo, por exemplo, a juras simbólicas de lealdade (*bay'at*). Não obstante serem evidentes os sinais do seu declínio, ao ter-se assumido como uma entidade geográfica e política através da construção de um Estado, a organização Estado Islâmico está em vantagem relativamente aos grupos pertencentes à esfera da al-Qaeda.

No caso da al-Qaeda, a perceção de que está a perder esta guerra pode ter duas consequências: provocar o regresso de algumas das suas afiliadas a atos de violência extrema de modo a regressar ao domínio do Jihadismo global; ou manter a sua postura atual, conduzindo à dissensão de alguns dos seus membros mais radicais, mas

---

[87-jabhat-al-nu%E1%B9%A3rah-conducting-a-vaccination-campaign-against-polio-of-the-children-rural-al-qunay%E1%B9%ADrah/](http://jihadology.net/2014/07/17/new-video-message-from-himam-news-agency-report-89-jabhat-al-nu%E1%B9%A3rah-is-building-shelters-to-protect-people-from-the-bombings-rural-%E1%B8%A5om%E1%B9%A3/)), a construírem abrigos em Homs para que a população se proteja dos bombardeamentos (<http://jihadology.net/2014/07/17/new-video-message-from-himam-news-agency-report-89-jabhat-al-nu%E1%B9%A3rah-is-building-shelters-to-protect-people-from-the-bombings-rural-%E1%B8%A5om%E1%B9%A3/>). (Data de último acesso: 30 de setembro de 2014).

<sup>752</sup> Ver, por exemplo, Neumann, Carter, Maher, #Greenbirds: *Measuring Importance and Influence in Syrian Foreign Fighter Networks*.

beneficiando da sua imagem de grupos menos problemático. Neste último caso, os grupos ligados à al-Qaeda poderiam beneficiar do encerramento das oportunidades e da repressão das organizações ligadas ao Islamismo político em vários países da região. Aliás, alguns elementos no interior daquelas, sobretudo as camadas mais jovens, começam a ver a violência como um mecanismo tático relevante. No caso da Irmandade Muçulmana egípcia, muitos membros começam a considerar legítimo o recurso limitado à violência como meio de defesa e tendo como alvo determinadas figuras no interior do regime ou as forças de segurança, enquanto condenam ataques indiscriminados contra a população. Se os líderes ou a geração mais antiga no interior destas organizações refrearem estes apelos à resistência armada, estes podem sentir-se inspirados a aderirem a organizações com visões salafistas jihadistas.<sup>753</sup>

A segunda trajetória possível para este cenário de competição relaciona-se com a organização Estado Islâmico. À semelhança do que aconteceu com o GIA, a sua brutalidade contra populações civis muçulmanas pode começar a ser contraproducente para a organização, o que aliado a perdas territoriais e de recursos, pode conduzir ao aumento das deserções de elementos desiludidos, diminuindo a sua capacidade para atrair novos elementos. Tal teria repercussões a nível operacional e poderia obrigar a uma reorientação estratégica e uma revisão tática por parte daquela organização, não apenas virando-se para áreas externas ao conflito, como também suavizando algumas das suas posições. Tal poderia beneficiar, eventualmente, outros grupos jihadistas em locais como o Iémen, Norte de África e Síria, os quais aproveitariam os conflitos em curso e as condições políticas para se fortalecerem.

A organização Estado Islâmico implementou uma doutrina do Estado Islâmico não territorial, com a expansão e criação de províncias em várias partes do mundo islâmico – *wilayat* –, onde obteve o apoio e promessas de lealdade da parte de vários grupos e indivíduos.<sup>754</sup> Apesar da não existência de contiguidade entre estes espaços, o grupo aproveitou estruturas jihadistas pré-existentes para estabelecer alianças,

---

<sup>753</sup> Ver Nathan J. Brown, Michele Dunne, *Unprecedented Pressures, Uncharted Course for Egypt's Muslim Brotherhood*, Carnegie Endowment for International Peace, July 29, 2015, [http://carnegieendowment.org/2015/07/29/unprecedented-pressures-uncharted-course-for-egypt-s-muslim-brotherhood/ie2g?mkt\\_tok=3RkMMJWWfF9wsRoguKvIZKXonjHpfSx66%2B8sUKSg38431UFwdcjKPmjr1YUBTsB0aPyQAgo\\_bGp5I5FEIQ7XYTLB2t60MWA%3D%3](http://carnegieendowment.org/2015/07/29/unprecedented-pressures-uncharted-course-for-egypt-s-muslim-brotherhood/ie2g?mkt_tok=3RkMMJWWfF9wsRoguKvIZKXonjHpfSx66%2B8sUKSg38431UFwdcjKPmjr1YUBTsB0aPyQAgo_bGp5I5FEIQ7XYTLB2t60MWA%3D%3) (data de último acesso: 2 de agosto de 2015).

<sup>754</sup> O grupo tem províncias na Líbia (*wilayat* al-Barqah, *wilayat* al-Tarabulus, *wilayat* al-Fizan), no Iémen (*wilayat* al-Yaman), na Argélia (*wilayat* al-Jazair), no Afeganistão (*wilayat* Khorasan), no Egipto (*wilayat* Sinai), na Nigéria (*wilayat* Gharb Ifriqiyyah) e na Arábia Saudita (*wilayat* al-Haramayn). Para as afiliadas globais do grupo Estado Islâmico até maio de 2015 ver Intelcenter, *Spread of Groups Pledging Allegiance/Support to Islamic State (IS) Animated Map Global Affiliates Interactive World Map*, 1 de maio de 2015, [http://intelcenter.com/maps/spread-groups-is.html?utm\\_source=IntelCenter+Email+Lists&utm\\_campaign=826c59427f-IntelCenter-GroupsJoiningIS-1May2015&utm\\_medium=email&utm\\_term=0\\_64a02056e3-826c59427f-33362689&mc\\_cid=826c59427f&mc\\_eid=7e7dc51eea](http://intelcenter.com/maps/spread-groups-is.html?utm_source=IntelCenter+Email+Lists&utm_campaign=826c59427f-IntelCenter-GroupsJoiningIS-1May2015&utm_medium=email&utm_term=0_64a02056e3-826c59427f-33362689&mc_cid=826c59427f&mc_eid=7e7dc51eea) (data de último acesso: 10 de maio de 2015).

explorando e promovendo tensões sectárias com as populações de outras seitas e religiões e apelando à emigração para estes espaços.<sup>755</sup> Esta estratégia promove a expansão territorial do grupo, reflecte as aspirações da organização a Califado e limita o impacto das ações militares contra si na Síria e no Iraque. O estabelecimento noutros territórios, por um lado, alimenta o conflito entre fações jihadistas ou insurgentes como acontece, por exemplo, com os Talibãs no Afeganistão, cuja supremacia foi desafiada pelo grupo Estado Islâmico Khorasan;<sup>756</sup> e, por outro lado, explora e beneficia de querelas internas entre grupos e indivíduos no interior de algumas organizações, garantindo a aliança de alguns daqueles à nova organização, como aconteceu no interior da AQMI.<sup>757</sup>

Se apesar da sua retórica a al-Qaeda está cada vez menos global em resultado das agendas locais das suas afiliadas, a nova estrutura jihadista apresentou várias vulnerabilidades desde a sua criação, nomeadamente: a estrutura e a capacidade de expansão limitada, especialmente fora das áreas sunitas; o confronto com vários opositores e em várias frentes; e o crescente descontentamento de elementos tribais sunitas, e consequente utilização da violência contra esta comunidade. A extrema brutalidade dos seus métodos, capacidade governativa limitada e as tensões entre membros locais e estrangeiros – à semelhança do que aconteceu em conflitos anteriores e no seio de outros grupos jihadistas – contribuíram para a dissensão de alguns dos seus combatentes estrangeiros e para minar a estrutura do grupo.

Outro fator que contribuiu para enfraquecer o grupo relaciona-se com a perda de meios de financiamento e consequente impacto na capacidade de conduzir operações militares. Apesar de recolher impostos, controlar várias refinarias e obter dinheiro através da roubo e do pagamento de resgates, a base económica para manter um Estado em funcionamento dificilmente seria sustentável: o negócio do petróleo depende do mercado

---

<sup>755</sup> Por exemplo, o anúncio da província saudita e a condução de atentados no interior da Arábia Saudita contra a população xiita, pretende beneficiar do tradicional apoio que os jihadistas têm naquele espaço, a partir de onde se mobilizaram as principais vagas de combatentes estrangeiros nas últimas décadas.

<sup>756</sup> Khorasan é o termo histórico que designa a área geográfica que na atualidade cobre o nordeste do Irão, o norte do Afeganistão, o sul do Turquemenistão e as atuais cidades de Samarcanda e Bukhara no Uzbequistão. Alguns autores acreditam que em determinadas alturas, a região designada por Khorasan alcançou as fronteiras do subcontinente indiano. O termo tem algum misticismo para alguns Muçulmanos, devido a uma profecia que diz que as bandeiras negras irão esvoaçar no Khorasan antes do final do mundo. Assim, alguns jihadistas consideram o estabelecimento nesta área como simbólico, acreditando que aquela é o local onde irão inflingir a primeira derrota contra os inimigos do Islão na versão muçulmana do Armagedão, sendo que a última ocorrerá no Levante. Quando a organização Estado Islâmico afirma ter-se expandido para a região no Khorasan tal significa que a sua influência se faz sentir no Afeganistão, Paquistão, Índia e países vizinhos. O grupo beneficiou da dissensão de um grupo de indivíduos dos Tehreek-i-Taliban (TTP), os quais juraram lealdade à organização Estado Islâmico. O antigo comandante daquele grupo Hafiz Saeed Khan tornou-se o representante da organização na região. Ver Shaykh Abū Muhammad al-Adnani ash-Shāmī, *Say "Die in Your Rage!"*

<sup>757</sup> A criação da organização Estado Islâmico também causou divisões entre as fileiras do grupo *Ansar al-Sharia* na Tunísia, país de onde saiu o maior contingente de combatentes para lutar na guerra civil síria. Apesar de formalmente o grupo não ter alinhado ao lado da organização Estado Islâmico, muitos dos seus membros apoiam e lutam nas fileiras desta. Estas divisões também se observam no interior do *Ansar al-Sharia* na Líbia e, como veremos, também acontecerem entre as fileiras de alguns grupos pró-jihadistas europeus. Ver, por exemplo, Thomas Joscelyn, "Ansar al Sharia Tunisia leader says gains in Iraq should be cause for jihadist reconciliation", *The Long War Journal*, June 14, 2014, [http://www.longwarjournal.org/archives/2014/06/ansar\\_al\\_sharia\\_tuni\\_8.php](http://www.longwarjournal.org/archives/2014/06/ansar_al_sharia_tuni_8.php) (data de último acesso: 26 de agosto de 2014).

negro e de redes criminosas, as quais são inconstantes; a cobrança de impostos depende da área territorial que controlam, da existência de população e da sua capacidade para os pagarem. A campanha aérea danificou algumas das suas infraestruturas com valor económico e forçou a retirada de muitas das áreas que controlava. Apesar de também serem visados por esta campanha, os membros da JaN podem vir a ser um dos beneficiários daquela, aproveitando para readquirir alguma da sua capacidade militar.<sup>758</sup>

Porém, mesmo que a organização perca a totalidade do território nestes países – assim como na Líbia –, e, em especial, as cidades centrais como Raqqa e Mosul, tal dificilmente irá significar o seu desaparecimento.<sup>759</sup> As fundações ideológicas do grupo permanecem relevantes e a sua narrativa do califado não será desafiada, enquanto as condições políticas e sociais locais que facilitaram a ascensão do grupo não desaparecerem, assim como as circunstâncias que no resto do globo alimentam os fluxos de combatentes estrangeiros que se juntam à organização.

### 5.7. Evolução estratégica e tática: da globalização da guerra às tentativas de *state building*

A evolução dos jihadistas a nível estratégico e tático reflete uma constante necessidade de adaptação aos contextos e às novas configurações e capacidades organizacionais. Contudo, o recurso a determinados conceitos teológicos contribuem para explicar o comportamento dos grupos jihadistas e o modo como aqueles procuram atingir os seus objetivos, legitimar o recurso à violência, justificar os alvos escolhidos, o recurso a certas táticas e algumas restrições auto-impostas, de modo a adaptar a realidade às suas visões ideológicas.

Para além do conceito de *jihad* pela defesa do Islão e da sua comunidade, os jihadistas recorrem aos conceitos centrais do Salafismo, ou seja, *tawhid*, *hisba* e *al-wala' wa-l-bar'a*. Estes tinham já sido aplicados e reformulados por movimentos anteriores e,

---

<sup>758</sup> Note-se que o JaN parece ter ganho algum impulso em 2015, como fazem questão em demonstrar através dos comunicados frequentes, onde relatam as suas atividades, operações militares a ações sociais. Contudo, tendo em vista manter a sua reputação, estes evitam disseminar imagens negativas que possam denegir a imagem do grupo. Estes comunicados, cuja frequência aumentaram desde abril de 2015, podem ser consultados em <http://jihadology.net/>. Entretanto, pouco antes de resubmetermos esta tese, a 28 de julho de 2016, o líder deste grupo anunciou a separação da al-Qaeda – com a anuência desta organização – e consequente alteração da sua designação para *Jabhat Fath Al Sham*. Ao assumir uma vocação mais nacionalista esta manobra assume-se como estratégica, visando: evitar as operações aéreas russas e norte-americanas que têm o grupo como alvo; salientar a natureza local da luta que conduzem em prol do estabelecimento da religião de Allah na Síria; aumentar a capacidade do grupo para fazer alianças com outras fações rebeldes, tendo em vista proteger a revolução síria; aumentar a atratividade do grupo entre a população local e, eventualmente, para captar financiamento junto dos países ricos do Golfo. Neste sentido, o grupo parece posicionar-se para assegurar a sua sobrevivência a longo-prazo. Para a declaração de Abu Muhammad al-Julani ver <https://pietervanostaeyen.com/2016/07/29/jabhat-fath-as-sham-founding-declaration/>.

<sup>759</sup> Note-se, porém, que a organização, mesmo sob pressão financeira e militar desde agosto de 2014, conseguiu conquistar alguns territórios como, por exemplo, em Palmyra, na Síria, e Ramadi, no Iraque. Martin Chulov, “First Ramadi, then Palmyra: ISIS shows it can storm bastions of Syria and Iraq”, *The Guardian*, 22 May 2015, <http://www.theguardian.com/world/2015/may/21/isis-palmyra-ramadi-advances-say-more-about-state-weakness-than-jihadi-strength> (data de último acesso: 23 de junho de 2015).



não sendo intrinsecamente violentos, têm valor estratégico, pois são utilizados para legitimar algumas das suas escolhas violentas e atingir os seus objetivos.

A *tawhid* deve refletir-se na própria organização da sociedade, pois qualquer divisão tribal, social, étnica ou nacional representa a negação do conceito de *ummah*.<sup>760</sup> Assim, os jihadistas lutam pela criação de uma comunidade inspirada pelo Profeta e pelos seus companheiros de Medina, pois uma sociedade *tawhidi* não admite uma autoridade política autónoma da ordem divina.<sup>761</sup>

Os jihadistas também legitimam o recurso à violência com a obrigação coletiva de “praticar o bem e proibir o reprovável”.<sup>762</sup> Procurando promover a virtude e suprimir os vícios, os jihadistas tentam impor uma ordem moral através da repressão de práticas que consideram condenáveis e da implementação de normas religiosas no seio da comunidade. Os alvos destes esforços são os próprios Muçulmanos, sobretudo as faixas populacionais que os jihadistas consideram ser transgressoras do estabelecido pela lei islâmica, ou seja, mulheres, minorias religiosas no seio do Islão e estrangeiros.

Recorrendo ao princípio *al-wala' wa-l-bar'a*, os jihadistas tentam estabelecer a obrigatoriedade dos Muçulmanos apoiarem a sua causa, evitando auxiliar ou cooperar com o inimigo ou os não crentes. Para os ideólogos jihadistas, o princípio *al-wala' wa-l-bar'a* justifica a relação de violência com não Muçulmanos.<sup>763</sup> Um dos argumentos que aqueles utilizam para corroborar a acusação de apostasia contra os regimes é o suposto apoio ou ajuda que aqueles oferecem a não crentes.<sup>764</sup> A análise da evolução deste conceito denota que o mesmo se radicalizou devido à ação e pensamento de pensadores modernos como Juhayman al-‘Utaybi, o qual liderou a tomada da Mesquita de Meca, em 1979, e Abu Muhammed al-Maqdisi.<sup>765</sup> Al-Maqdisi revolucionou esta doutrina, tornando-a fulcral para o Salafismo jihadista e o critério da fé que justifica o recurso à *jihad*: para os jihadistas, este princípio constitui o reconhecimento da existência de um Deus único, mas também a necessidade de empreender uma guerra absoluta contra a crença em

---

<sup>760</sup> Roy, *The Failure of Political Islam*, p. 71.

<sup>761</sup> Mawdudi defendeu que “o sistema político do Islão baseia-se em três princípios”, sendo um destes a *tawhid*, a qual “significa que apenas Deus é o Criador, Sustentador e Mestre do universo e tudo que nele existe, orgânico e inorgânico. A soberania do seu reino pertence-lhe apenas a Ele. Apenas Ele tem o direito de ordenar e proibir. [...] Este princípio da unidade de Deus nega por completo o conceito de independência jurídica e política dos seres humanos, individual e coletivamente. Nenhum indivíduo, família, classe ou raça se pode colocar acima de Deus. Apenas Deus é o Governador e os seus mandamentos são Lei.” Abul A'la Mawdudi, *Essential Features of the Islamic Political System*, tradução de palestra proferida pelo autor na Radio Pakistan, Lahore, 20 de janeiro de 1948, disponível em <http://www.islam101.com/politics/politicalsystem.htm> (data de último acesso: 11 de julho de 2012).

<sup>762</sup> O recurso ao conceito de *hisba* decorreu sob influência da *Jamaat Islamiyya*, a qual tentou impor uma ordem moral e costumes rígidos a partir deste conceito, acreditando que esta abordagem alteraria a atitude popular relativamente à religião e conduziria à islamização da sociedade. Steven Brooke, “Jihadist Strategic Debates before 9/11”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 31, n.º 3, 2008, p. 208.

<sup>763</sup> Haykel, “On the Nature of Salafi Thought and Action”, in Meijer (ed.), *Global Salafism*, pp. 49-50.

<sup>764</sup> Wiktorowicz, “A Genealogy of Radical Islam”, p. 82.

<sup>765</sup> Wagemakers, “The Transformation of a Radical Concept” pp. 81-106.

qualquer outro Deus.<sup>766</sup> Porém, demonstrando pragmatismo e interesse na auto-preservação do movimento, alguns jihadistas podem, a nível individual, interagir com os infiéis, o que se traduz no princípio metodológico designado por *taqiyyah*.<sup>767</sup>

As organizações jihadistas não reconhecem a legitimidade dos processos políticos e rejeitam toda a participação política, pois entendem que tal compromete a lei e autoridade divina.<sup>768</sup> A violência é considerada um dever moral, um ato de devoção a Deus (pois a fé requer ação) e o único modo de provocar mudanças, embora reconheçam que a sua caminhada pode assumir-se como um projeto a longo-prazo.<sup>769</sup> A propaganda é uma parte essencial da luta tendo em vista a preparação para o combate físico.

Como procuramos demonstrar anteriormente, muitos dos debates estratégicos atuais têm raízes no pensamento jihadista com origem na década de 1970, como constituem exemplo as ideias de Qutb sobre o confronto violento, de Shukri Mustafa sobre a necessidade de *hijra* e da metodologia *takfiri* e da ênfase que Faraj colocou na dicotomia entre inimigo próximo e longínquo, defendendo que a eliminação da apostasia em terras muçulmanas deveria preceder a luta contra os sistemas *kufri*. A teoria dos jihadistas globais era de que a chave para o sucesso da *jihad* contra o Ocidente corrupto e seus aliados no mundo muçulmano consistia em levar a luta diretamente para o Ocidente ou, pelo menos, para junto dos seus representantes, de modo a esgotá-los financeira e militarmente, antes de enveredar pela luta interna. Tal tinha, ainda, a vantagem de diminuir as vítimas entre Muçulmanos, uma questão sensível para os ideólogos jihadistas, sobretudo após as lições aprendidas na Argélia, Egito e Iraque. A derrota prévia dos EUA permitiria vingar e libertar da opressão os Muçulmanos subjugados aos infiéis, provocando a sua expulsão das terras islâmicas e a queda dos regimes muçulmanos corruptos, após o que se seguia a captura do Estado e a restauração do Califado.<sup>770</sup> A

---

<sup>766</sup> Ver Abu Muhammed al-Maqdisi, *Millat Ibrāhīm*, At-Tibyān Publications, 1984. Osama Bin Laden, por exemplo, referindo-se à autorização do regime saudita para o estabelecimento de bases militares dos EUA naquele reino, em 1990, refere-se àquela ação como um “ato de *de-islamização*.” Bin Laden, “Declaration of War against the Americans”.

<sup>767</sup> Este método da dissimulação defende que um Muçulmano pode esconder a sua condição de crente ou negar a sua fé a fim de não chamar a atenção sobre si, e em caso de tal ser necessário para evitar a morte e preservar a sua vida. Para mais sobre esta prática ver Enayat, *op. cit.*, pp. 175-181.

<sup>768</sup> Esta posição está na base da animosidade que sentem pelos islamistas de tendência política, a quem acusam de comprometer as suas visões ideológicas em prol da perspectiva ilusória de obterem poder político. Lahoud, *The Jihadis' Path to Self-Destruction*, p. xviii.

<sup>769</sup> Abu Mus'ab al-Suri, considerado um dos mais importantes estrategas jihadistas, é um exemplo deste posicionamento, ao distinguir entre terrorismo condenável e terrorismo louvável: este último é constituído por “atos de violência cometidos pelos justos que têm sido tratados injustamente”, com o objetivo de “remover a injustiça dos oprimidos... através do atemorizar e do afastamento do opressor.” Al-Suri justifica o recurso ao terror contra os inimigos do Islão e todos aqueles que os apoiam, defendendo que “aterrorizar os inimigos é um dever religioso e assassinar os seus líderes é uma tradição profética.” Abu Mus'ab al-Suri, “The Global Islamic Resistance Call” (Key Excerpts) in Lia, *Architect of Global Jihad*, pp. 383-386.

<sup>770</sup> Bin Laden, “Declaration of War against the Americans”. Os movimentos jihadistas conduzem uma guerra assimétrica para a perseguição da sua luta global e desterritorializada, sendo que a preferência pelo terrorismo e pelas táticas de guerrilha não é nem surpreendente, nem uma inovação destas organizações. Na Declaração de Guerra aos Americanos, Bin Laden defendeu o recurso à guerrilha (a qual concentra os ataques nas forças militares e de segurança do inimigo) com o objetivo de causar atrito entre os EUA e os regimes locais, levando à expulsão dos ocupantes que violam a santidade das terras islâmicas. Porém, verificou-se uma orientação

batalha deixava de estar restrita a uma área de operações específica mostrando a irrelevância das fronteiras.<sup>771</sup>

Esta questão foi uma preocupação de Bin Laden até ao final da sua vida, como revela uma das cartas por si redigida, na qual pede ao destinatário da missiva para “escrever aos irmãos no Magrebe Islâmico ... para se considerarem o exército dos Muçulmanos no Magrebe Islâmico cuja função é arrancar a árvore desagradável, concentrando-se no seu tronco americano, e evitar ocuparem-se com as forças de segurança locais. [...] Ao lutar contra o inimigo local não conseguimos o resultado que implantamos, que é reinstalar o Califado e eliminar a desgraça e a humilhação que a nossa nação sofre.”<sup>772</sup> E acrescenta que aqueles “devem evitar insistir na formação de um Estado Islâmico no momento atual, mas trabalhar para quebrar o poder do nosso principal inimigo através do ataque a embaixadas americanas nos países africanos... e principalmente do ataque a companhias petrolíferas norte-americanas.”<sup>773</sup>

A deficiência deste raciocínio residia na formulação de um projeto político e social para ser implementado no período seguinte. O próprio Bin Laden, apesar da sua eloquência sobre a união da *ummah* parecia incapaz de formular um plano político viável, como ficou demonstrado pela sua resposta sem conteúdo quando, numa entrevista em 1997, foi questionado sobre a sociedade que visionava para a Arábia Saudita caso o movimento islâmico tomasse o poder.<sup>774</sup>

Após 2003, foi possível constatar um aprofundar do pensamento realista-estratégico entre os jihadistas globais, os quais demonstram preocupação em identificar e explorar supostas fraquezas políticas, económicas, sociais e psicológicas ocidentais. As decisões são tomadas com base em análises racionais dos acontecimentos e das situações e, não raras vezes, retirando ilações dos erros cometidos no passado e de obras escritas

---

da guerrilha para o terrorismo, a qual se transformou na tática nuclear da estratégia jihadista, esperando conduzir a um desgaste físico e psicológico prolongado que levasse o inimigo Cruzado-sionista à exaustão financeira e humana, obrigando-o a abandonar o mundo muçulmano.

<sup>771</sup> Na entrevista de maio de 1998 já mencionada, Bin Laden racionaliza esta alteração estratégica quando, referindo-se aos atentados de 1993 contra o *World Trade Center* (o primeiro exemplo de combate ao inimigo longínquo no território daquele), menciona o combate aos EUA no interior das suas fronteiras. Entrevista com John Miller, *ABC News*, May 1998, in Hegghammer, *Dokumentasjon Om Al-Qa'ida*, p. 42.

<sup>772</sup> Osama Bin Laden, “Letter from UBL to ‘Atiyatullah al-Libi”, Office of the Director of National Intelligence, sem data (possivelmente 2010), <http://www.dni.gov/files/documents/ubl/english/Letter%20Addressed%20to%20Atiyah.pdf>.

<sup>773</sup> *Ibid.* Nesta carta, Bin Laden também defende ser fundamental atingir o exército e as forças policiais e “declarar com frequência que não estão a atacá-los, mas que estão atrás dos Americanos que estão a matar as nossas famílias em Gaza.” Mais uma vez, encontramos uma referência à situação na Palestina.

<sup>774</sup> Bin Laden limitou-se a responder: “We are confident ... that Muslims will be victorious in the Arabian Peninsula and that God’s religion... will prevail in this peninsula. It is a great pride and a big hope that the revelation unto Muhammed, peace be upon him, will be resorted to for ruling. When we used to follow Muhammed’s revelation, peace be upon him, we were in great happiness and in great dignity, to God belong credit and praise.” (“Estamos confiantes... que os Muçulmanos serão vitoriosos na Península Arábica e que a religião de Deus... prevalecerá. É um grande orgulho e uma grande esperança de que a revelação de Muhammad, a paz esteja com Ele, será utilizada para governar. Quando seguíamos a revelação de Muhammad, a paz esteja com Ele, estávamos em grande felicidade e em grande dignidade, a Deus pertence o crédito e o louvor.”) Entrevista com Peter Arnett, CNN, Tora Bora, março de 1997, in Hegghammer, *Dokumentasjon Om Al-Qa'ida*, p. 31.

por estratégias ocidentais. Tal resulta de necessidades de ordem prática – derrotar os EUA no palco iraquiano e a sobrevivência organizacional –, mas também de uma maior consciencialização política e interesse pelos debates sobre o Jihadismo no mundo ocidental.<sup>775</sup>

Numa das mais brilhantes obras de pensamento estratégico jihadista, Abu Bakr Naji realça a importância de “compreender as regras do jogo político e a realidade política dos inimigos”, a qual diz ser tão importante como ações militares.<sup>776</sup> Para este autor, a educação, o treino e a preparação eram fundamentais e a formulação de planos políticos e militares deveria estar dependente da compreensão dos interesses, das vulnerabilidades e dos limites do inimigo.<sup>777</sup> Assim, a estratégia dos jihadistas para abalar os pilares do poder norte-americano deveria combinar ações militares com questões políticas, económicas e sociais.

A curiosidade em saber o que o mundo ocidental diz ou pensa sobre os jihadistas evidencia a preocupação, por parte destes, em saber se a sua mensagem está a passar ou a ser bem interpretada por aqueles a quem pretendem chegar.<sup>778</sup> Os discursos são redigidos e reagem a críticas não só da sua potencial audiência, mas também mostram alguma inquietação no que se refere ao pensamento ocidental sobre o movimento e à necessidade de manter uma imagem de vitalidade, o que é fundamental para a sua credibilidade. Este processo beneficiou do surgimento de elementos conhecedores da cultura e sociedade ocidental, como Anwar al-Awlaki e Adam Yahiye Gadahn, os quais não só contribuíram para explorar as fraquezas no mundo ocidental, como as utilizaram habilmente para reforçar a narrativa jihadista.

Se atendermos às estratégias dos líderes da organização Estado Islâmico, a nível militar – recorrendo a múltiplos ataques em várias localizações e criando zonas de caos, as quais facilitam o acesso aos recursos e a consolidação do controlo territorial naquelas

---

<sup>775</sup> Ver Brynjar Lia, Thomas Hegghammer, “Jihadi Strategic Studies: The Alleged Al Qaida Policy Study Preceding the Madrid Bombings”, *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 27, n.º 4, 2004, pp. 355-375. De acordo com estes autores, antes de 11 de setembro de 2001, os debates estratégicos apoiavam-se em fortes referências religiosas; após aquela data os pensadores separaram estratégia e teologia, porque os seus antecessores tinham já fornecido justificações religiosas para as ações dos jihadistas. Ver, também, Brooke, “Jihadist Strategic Debates before 9/11”, pp. 201-226.

<sup>776</sup> Abu Bakr Naji, *The Management of Savagery: The Most Critical Stage Through Which the Umma Will Pass*, 2004, traduzida por William McCants, John M. Olin Institute for Strategic Studies, Harvard University, May 2006, p. 37.

<sup>777</sup> *Id.*, p. 38.

<sup>778</sup> A este propósito, veja-se a já referida polémica entre al-Maqdisi e os seus críticos que o acusavam de estar a moderar a sua posição sobre a *jihad*. Para refutar tais críticas e defender as suas credenciais, aquele clérigo remeteu para um artigo de Joas Wagemakers e para a compilação *Militant Ideology Atlas*, publicada pelo The Combating Terrorism Center at West Point, onde é descrito como o mais influente teórico jihadista vivo, firme nas suas crenças e perigoso. De acordo com al-Maqdisi, os analistas ocidentais compreendem melhor o seu pensamento do que a sua própria comunidade. Thomas Hegghammer, “Maqdisi Invokes McCants”, *Jihadica*, 8 April 2009, <http://www.jihadica.com/maqdisi-invokes-mccants/> (data de último acesso: 11 de fevereiro de 2013); Robert F. Worth, “Credentials Challenges, Radical Quotes West Point”, *The New York Times*, 29 April 2009, [http://www.nytimes.com/2009/04/30/world/middleeast/30jihad.html?\\_r=1&](http://www.nytimes.com/2009/04/30/world/middleeast/30jihad.html?_r=1&) (data de último acesso: 11 de fevereiro de 2013).

– e em questões de propaganda, concluímos que estes são aqueles que melhor colocaram em prática as lições da obra de Naji.

Apesar de ambas aspirarem à recriação do Califado islâmico, existem diferenças metodológicas e estratégicas importantes entre a al-Qaeda e movimentos a esta afiliados e a organização Estado Islâmico. Uma destas diferenças é o facto desta última ter começado por focar a sua atenção nos regimes locais, nos Xiitas e noutras seitas e grupos religiosos, assim como na construção de um Estado Islâmico com uma base territorial – o qual, contudo, a transforma num alvo mais vulnerável. Neste Estado islâmico os quadros jihadistas deveriam ser educados e treinados através do “aumento do nível da crença e da eficiência em combate durante o treino da juventude da região da selvajaria e estabelecendo uma sociedade de luta a todos os níveis e entre todos os indivíduos, tornando-os conscientes da sua importância.”<sup>779</sup>

Naji formula, ainda, três teorias significativas para a compreensão da atuação da organização baseada no Iraque e na Síria. A primeira é o que denomina de “política de pagar o preço”: o recurso a ataques no coração do inimigo para responder a eventuais ataques contra o movimento jihadista, o que deverá funcionar como uma estratégia de dissuasão contra os Cruzados.<sup>780</sup> A organização começou a colocar em prática esta teoria a partir do final de 2014 – tendo-se tornado especialmente visível em 2015, tentando exportar o caos e a selvajaria para a Europa e explorar as tensões sociopolíticas e a polarização das sociedades europeias. Para tal, o grupo beneficiou dos conhecimentos transmitidos pelos muitos voluntários europeus que se juntaram à organização.

A segunda teoria realça a importância dos recrutas jihadistas se habituarem à brutalidade e dureza da guerra, as quais os tornarão quadros mais fortes e crentes, conduzindo à sua própria brutalização (uma necessidade), enquanto as experiências no campo de batalha servem para fortalecer os laços entre aqueles.<sup>781</sup> Esta brutalização através da exposição e perpetração de atos de extrema violência tem sido uma constante na atuação da organização desde o seu renascimento no Iraque, em meados de 2012.

Porém, uma das diferenças mais importantes entre a al-Qaeda e a nova organização reside na própria tentativa desta construir, em primeiro lugar, um Estado viável e funcional, nomeadamente no que se refere à governação e ao fornecimento de

---

<sup>779</sup> Naji, *op. cit.*, p. 11.

<sup>780</sup> *Id.*, p. 32.

<sup>781</sup> *Id.*, pp. 58-59

serviços básicos.<sup>782</sup> Esta é a terceira teoria de Naji, o qual refere a necessidade de treinar quadros administrativos para gerir os novos Estados.<sup>783</sup> Nunca antes os jihadistas demonstraram interesse ou capacidades excepcionais na tarefa de construção e consolidação de um Estado. A instauração de Estados islâmicos e a reconstrução do Califado sempre foi o objetivo final da al-Qaeda, mas permaneceu sempre como uma aspiração, pois para a sua realização era necessário a reunião de determinadas condições.

#### 5.8. Dilemas e debates no Jihadismo contemporâneo: em busca de uma abordagem mais racional à violência vs a verdadeira banalização do Mal?

Após 2003, os radicais jihadistas viram-se profundamente envolvidos na insurreição iraquiana, assim como na conceção de ataques no interior da Arábia Saudita contra alvos “infieis” e forças de segurança locais.<sup>784</sup> A concentração da luta no interior do mundo muçulmano transformou os Muçulmanos em vítimas principais do terrorismo jihadista, colocando importantes dilemas ao movimento. Os debates mais intensos relacionam-se com a legitimidade em atacar outros Muçulmanos e não combatentes, e sobre a utilidade de adotar comportamentos excessivamente violentos e métodos brutais, os quais contribuem para denegrir a imagem dos jihadistas.

Como os jihadistas globais estabeleceram o Ocidente como campo de batalha principal e os infieis como inimigo a combater, estes começaram por recorrer a métodos altamente destrutivos, como operações suicidas e a colocação de engenhos explosivos em centros urbanos. Na obra de 2008, *The Exoneration*, a qual reflete algumas das alterações ideológicas e estratégicas que afetaram o Jihadismo global após 2003, al-Zawahiri reafirma que os objetivos da *jihad* são o ataque a alvos cruzados e sionistas, de modo a provocar a expulsão dos invasores das terras muçulmanas e o estabelecimento de um Estado islâmico.<sup>785</sup> Ao abordar um conjunto de temas do âmbito legal, al-Zawahiri

---

<sup>782</sup> Veja-se as publicações da organização Estado Islâmico, as quais são redigidas em inglês e constituem importantes instrumentos de propaganda. Para além da revista *Dabiq*, constituída por vários artigos sobre o conflito regional ou a declaração do Califado e recorrendo a uma linguagem e simbologia que remete para o apocalipse e para uma guerra cósmica, aquela organização publica relatórios sobre as atividades relacionadas com a gestão do território, como as colheitas, a atuação das forças policiais, a proteção dos consumidores e a chegada à cidade de Mosul. Ver, por exemplo, Islamic State, *IS Report – An Insight Into The Islamic State*, al-Hayat Media Center, n.º 1, Shaban 1435 (maio 2014).

<sup>783</sup> Naji, *op. cit.*, p. 23.

<sup>784</sup> Rubin (ed.), *Guide to Islamist Movements*, p. xxviii; Filiu, “Al-Qaeda in the Islamic Maghreb”, p. 110.

<sup>785</sup> Para reforçar esta ideia, o autor declara que os grupos jihadistas contemporâneos resistem a dois inimigos: a aliança Cruzadacionista; e os governantes corruptos dos países muçulmanos, os quais governam contrariando a *Sharia* e são fiéis aos inimigos da nação islâmica. O objetivo desta declaração é adaptar a ideologia às novas condições organizacionais e estratégicas verificadas após 2003. (Ayman al-Zawahiri, *The Exoneration*, 2008, secção 6, <http://www.fas.org/irp/dni/osc/exoneration.pdf>.) Este livro constituiu uma resposta ao revisionismo ideológico de um antigo associado de al-Zawahiri na organização *al-Jihad*, Sayyed Imam al-Sharif (por Dr. Fadl). Na sua obra *Document to Rationalizing Jihadi Action in Egypt and the World* (Cairo, Al-Masri Al-Yawm, 2007), Sayyed Imam revê muitos dos seus anteriores julgamentos legais, tentando corrigir a prática da *jihad*, a qual considera estar corrompida por décadas de violência.

sublinha que os Muçulmanos que se misturam com não-muçulmanos podem ser atingidos ainda que sem intenção.<sup>786</sup>

Contudo, no ponto em que fala dos meios para a “destruição geral”, al-Zawahiri destituiu a *jihad* de todos os escrúpulos morais e de todas as regras que a regulam, afirmando: “A *Sharia* permite bombardear não crentes por meios que causam destruição geral, como fogos, inundações e catapultas. [...] Por outras palavras, os bombardeamentos de artilharia são permitidos quando a *jihad* assim precisa ou exige.”<sup>787</sup> Recuperando uma *fatwā* do clérigo saudita discípulo de al-Shu’aybi, Nasir al-Fahd,<sup>788</sup> al-Zawahiri defende que o recurso a armas nucleares seria justificado como ato de retaliação, ou seja, para tratar os não crentes tal como os Muçulmanos são tratados.<sup>789</sup> Declarando os EUA como uma “única entidade jurídica”, a implicação óbvia deste argumento é que todos os Americanos são alvos válidos.<sup>790</sup>

No entanto, o facto da maioria das vítimas do terrorismo jihadista serem Muçulmanos, em países muçulmanos, levantou fortes críticas a al-Zawahiri por parte das populações e outros islamistas.<sup>791</sup> Defendendo-se de tais acusações, al-Zawahiri argumentou que a al-Qaeda não mata inocentes e que “se qualquer inocente morreu em operações dos *mujahideen*, então tal foi um erro não intencional ou uma necessidade, como no caso de *al-tatarrus*.”<sup>792</sup> Para al-Zawahiri, a propaganda dos Cruzados-sionistas

---

<sup>786</sup> Entre os temas que aborda destacam-se a questão dos salvo-condutos e sua relação com os visas da atualidade, a permissibilidade em matar não Muçulmanos em caso de se encontrarem Muçulmanos entre aqueles, os combates noturnos e a luta através de meios que causam “destruição geral.”

<sup>787</sup> *Id.*, secção 9. O autor refere a opinião de um clérigo iemenita, segundo o qual existem armas pesadas análogas às catapultas como “a artilharia, tanques e aviões de guerra.”

<sup>788</sup> Nesta *fatwā*, Al-Fahd fornece argumentos para o recurso a armas de destruição massiva: “Mata-se de uma maneira boa apenas quando se pode. Se aqueles envolvidos na *jihad* não o podem fazer, por exemplo quando são forçados a bombardear, destruir, queimar e inundar, é permissível.”; “Evita-se matar mulheres e crianças apenas quando se consegue distingui-las. Se tal não é possível, como quando os infiéis fazem um ataque noturno ou invadem, aquelas podem ser mortas como colaterais.”; “Da mesma maneira, é proibido matar um Muçulmano; mas se aqueles envolvidos na *jihad* são forçados a matá-lo, porque não conseguem repelir os infiéis ou combater-los de outra forma, é permitido, como quando o Muçulmano está a ser utilizado como escudo humano.” Nasir al-Fahd, *Treatise on the Use of Weapons of Mass Destruction against the Infidels*, May 2003.

<sup>789</sup> Tal deve ser feito sempre com base na intenção, pois os atos devem ser julgados segundo as suas motivações e não os resultados: se não existir intenção de atingir civis, mas se tal for uma inevitabilidade, nesse caso a morte daqueles é considerada um “dano colateral”. Para afastar qualquer crítica ao seu argumento, o autor menciona o episódio em que o Profeta recorreu à utilização de catapultas para atacar a vila de al-Taif. Com este exemplo, al-Zawahiri procura legitimar o recurso a armas de destruição massiva para lidar com os crimes dos EUA, apesar daquelas impossibilitarem a distinção entre civis e combatentes. Al-Zawahiri, *The Exoneration*. Ver, também, Muhammed M. Hafez, “Tactics, Takfir, and anti-Muslim Violence”, in Moghadam, Fishman (eds.), *Self-Inflicted Wounds*, pp. 33-34.

<sup>790</sup> Consciente de que é necessária uma justificação para determinados atos, o autor tem o cuidado de salientar, recorrendo a versículos selecionados do Alcorão e aos *ahadith*, a permissibilidade de matar mulheres, crianças, idosos e outros Muçulmanos e de causar danos ambientais, em caso de necessidade ou inevitabilidade. Al-Zawahiri, *The Exoneration*.

<sup>791</sup> Numa sessão de perguntas e respostas organizada pela *As-Sahab Media*, a organização de comunicação social da al-Qaeda, em 2008, muitos foram os intervenientes que questionaram al-Zawahiri sobre a legitimidade de matar mulheres e crianças inocentes em mercados iraquianos, marroquinos e argelinos e relativamente à “autoridade legal da al-Qaeda de entre os estudiosos da *ummah*”. Note-se que uma das consequências das parcerias entre a al-Qaeda e organizações regionais foi a aplicação, por parte destas, das táticas que são a imagem de marca dos jihadistas globais contra as populações locais. Ayman al-Zawahiri, *The Open Meeting with Shaykh Ayman al-Zawahiri*, Part One, *As-Sahab Media*, 2008.

<sup>792</sup> E acrescenta que “... nós não matamos inocentes; de facto, nós lutamos contra aqueles que matam inocentes. Aqueles que matam os inocentes são os Americanos, os Judeus, os Russos e os Franceses e seus agentes.” Este justifica a morte de Muçulmanos inocentes com o argumento de que nem sempre é possível distinguir entre alvos legítimos e ilegítimos, pelo que estes ficam sujeitos à lei dos escudos humanos. Este conceito tem sido amplamente utilizado pelos ideólogos radicais para os absolver de acusações de apostasia e para facilitar a aceitação da morte de outros Muçulmanos causados pelos seus ataques. Abu Yahya al-Libi, antigo membro do LIFG e um dos principais associados de Bin Laden, morto em junho de 2012, é o autor da monografia *Human Shields in Modern Jihad*

é a responsável pela difusão da ideia errada de que os *mujahideen* são os causadores da morte de inocentes.

No passado, a extrema violência dos jihadistas contra populações muçulmanas teve como consequência o revisionismo ideológico de algumas personalidades importantes no interior do movimento.<sup>793</sup> Adicionalmente, a violência e os métodos brutais condenou ao fracasso movimentos que recorriam à ideologia *takfir*, como o GIA, na década de 1990, e contribuiu para a degradação da AQI, a partir de 2006. Neste caso, al-Zawahiri não se coibiu de repreender Abu Mus'ab al-Zarqawi pelos seus ataques indiscriminados contra Xiitas e pela sua violência excessiva contra reféns, aconselhando-o a acompanhar as suas investidas militares com ações políticas, através de alianças e da cooperação com os líderes mais influentes na arena iraquiana. Na carta de 2005 que dirigiu àquele, al-Zawahiri sustenta que para cumprir os objetivos da *jihad* naquele país, especialmente a expulsão dos Americanos e o estabelecimento de um emirado islâmico, “a arma mais forte dos *mujahideen*... é o apoio popular das massas muçulmanas no Iraque, e países vizinhos. [...] As massas muçulmanas... não se mobilizam a não ser contra um inimigo externo ocupante, especialmente se esse for primeiro Judeu, e segundo Americano.”<sup>794</sup> Al-Zawahiri recomenda a al-Zarqawi que tente manter esse apoio, realçando que a agressão externa se sobrepõe à questão sectária, pelo que “os *mujahideen* devem evitar qualquer ação que as massas não entendam ou aprovelem.”<sup>795</sup> Apesar da sua opinião sobre os Xiitas ser negativa, o autor reconhece que os ataques contra aqueles são inaceitáveis aos olhos dos Muçulmanos e distraem da luta contra os ocupantes americanos. Neste documento interno da al-Qaeda, al-Zawahiri mostra-se consciente da necessidade de ser mais seletivo no recurso à violência para não alienar as populações muçulmanas, sobretudo por razões estratégicas. Afinal, a violência contra alvos civis acarreta maiores riscos políticos do que a violência contra alvos militares ou do Estado e tende a custar o apoio popular, podendo, em última análise, reduzir a longevidade da organização.

---

(“Escudos Humanos na Jihad Moderna”), publicada em janeiro de 2006. Nos textos de al-Libi, o ideólogo do Jihadismo contemporâneo que mais se dedicou à tarefa de teorizar e aplicar a prática do *tatarrus* às condições atuais, está implícita a ideia de que devido ao facto do Islão estar sob constante ataque e à natureza moderna da guerra, a morte de Muçulmanos inocentes é justificada. Jarret Brachman e Abdullah Warius, “Abu Yahya al-Libi’s ‘Human Shields in Modern Jihad’”, *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 6, Combating Terrorism Center at West Point, May 2008, pp. 1-4.

<sup>793</sup> Reconhecendo o fracasso da sua metodologia, alguns líderes de movimentos radicais encarcerados procederam a uma revisão da sua ideologia e renunciaram à violência. O caso mais notável é o da *Jamaat Islamiyya*, no Egipto, cujos líderes produziram quatro obras onde justificam a sua revisão doutrinal com recurso a argumentos religiosos. Outro caso que merece ser mencionado é o processo de desradicalização da *al-Jihad*. Omar Ashour, *The De-Radicalization of Jihadists*, New York, Routledge, 2010, pp. 91-106.

<sup>794</sup> Al-Zawahiri, *al-Zawahiri letter to al-Zarqawi*.

<sup>795</sup> *Ibid.*



O pragmatismo, a necessidade de captar recrutas e fontes de financiamento, a adoção de novos objetivos estratégicos ou, simplesmente, a vontade de não hostilizar as populações muçulmanas e responder às críticas e pressões por parte de outros islamistas e jihadistas, fizeram com que alguns grupos e indivíduos pertencentes ao movimento da *jihad* global defendessem a correção de algumas das suas práticas. Conscientes de que a violência contra outros Muçulmanos contribui para a construção de uma imagem negativa no mundo muçulmano, alguns líderes pediram contenção aos seus seguidores para não alienar a *ummah*, criticando as ações de organizações como o Estado Islâmico ou o grupo nigeriano antes conhecido por Boko Haram, os quais privilegiam ataques indiscriminados contra civis.<sup>796</sup> Por exemplo, al-Maqdisi, revelando preocupação em corrigir erros relacionados com a interpretação e aplicação do conceito de *jihad*, pediu aos seus seguidores alguma contenção e ações seletivas contra alvos inimigos claramente identificados, tendo em vista ganhar a opinião pública muçulmana.

Existe, efetivamente, uma questão geracional que não pode ser negligenciada. Muitos dos jihadistas mais antigos não hesitam em criticar a conduta operacional e falta de consciência ideológica dos elementos mais recentes, salientando a necessidade de aprender com os erros cometidos e de pensar estrategicamente para garantir o futuro do movimento. Por exemplo, na autobiografia de Fadil Harun, descrito como secretário confidencial da al-Qaeda, aquele esforça-se por distinguir entre a al-Qaeda e os grupos posteriores que dizem agir em seu nome: a nova geração que assumiu a liderança do Jihadismo, a qual ele designa por *jihad.com* numa alusão à sua falta de cultura política, ter-se-á desviado do verdadeiro caminho da *jihad* e carece de uma visão ideológica sólida.<sup>797</sup> Harun refere-se aos jihadistas que enveredam pela prática *takfiri* como um fardo para a al-Qaeda e para o Jihadismo; salienta como a ideologia da al-Qaeda se define não pela religiosidade, mas pela militância, pelo que a organização é inclusiva no que se refere às orientações teológicas; e defende que a al-Qaeda original é um pequeno movimento que se distingue dos outros grupos jihadistas devido à *jihad* legal e legítima que executa, a qual foi idealizada pelo Comité Legal da organização.<sup>798</sup>

---

<sup>796</sup> The Middle East Media Research Institute, *Jihadis Debate Boko Haram Kidnapping of Girls: Calls For Releasing The Girls Alongside Justification of Kidnapping*, May 12, 2014, <http://www.memrijttm.org/jihadis-debate-boko-haram-kidnapping-of-girls-calls-for-releasing-the-girls-alongside-justification-of-kidnapping.html> (data de último acesso: 15 de maio de 2014); Adam Nossiter, David D. Kirkpatrick, “Abduction of Girls an Act Not Even Al Qaeda Can Condone”, *The New York Times*, 7 May 2014, [http://www.nytimes.com/2014/05/08/world/africa/abduction-of-girls-an-act-not-even-al-qaeda-can-condone.html?emc=edit\\_th\\_20140508&nl=todaysh headlines&nid=40794858&r=0](http://www.nytimes.com/2014/05/08/world/africa/abduction-of-girls-an-act-not-even-al-qaeda-can-condone.html?emc=edit_th_20140508&nl=todaysh headlines&nid=40794858&r=0) (data de último acesso: 8 de maio de 2014).

<sup>797</sup> Harun foi um operativo da al-Qaeda, tendo desempenhado um papel importante nos atentados contra as embaixadas norte-americanas na África Ocidental, em 1998. A sua autobiografia foi publicada em fevereiro de 2009, tendo ele sido morto pelas forças do governo da Somália, em 2011. Ver Nelly Lahoud, *Beware of Imitators: al-Qa'ida Through the Lend of its Confidential Secretary*, The Combating Terrorism Center at West Point, New York, June 2012, p. 4, 8.

<sup>798</sup> *Id.*, pp. 6-7.

De acordo com documentos encontrados na sua habitação após a sua morte, Osama Bin Laden afirmava ser necessário preservar a imagem do movimento jihadista, lamentando os danos provocados ao rótulo da organização por ataques indiscriminados contra povos muçulmanos.<sup>799</sup>

Os debates relacionados com o recurso a formas de violência extrema e à vitimização de Muçulmanos podem ser relevantes para compreender os caminhos trilhados por algumas estruturas salafista-jihadistas após 2011. O caos e debilidade governamental em alguns dos países afetados pelas revoltas representaram uma oportunidade política para o surgimento de vários grupos salafistas apoiantes da *jihad*, os quais seguiram, pelo menos numa fase inicial, uma estratégia não confrontacional. Várias interpretações podem ser feitas deste modo de atuação; por exemplo, aquele comportamento poderia ter em vista atrair segmentos populacionais desiludidos pelo rumo dos acontecimentos após 2011, e que não sendo apoiantes naturais do Jihadismo, poderiam deixar-se influenciar por uma versão mais benigna desta tendência.

Outra inovação recente está relacionada com a defesa, por parte de alguns destes grupos, de uma estratégia de implementação gradual da *Sharia*, de modo a não causar choque entre as populações. O gradualismo é um dos temas que divide os jihadistas: várias organizações insistem na imposição de uma interpretação rígida e radical da lei islâmica, apesar dos efeitos contraproducentes de tal posicionamento.

Porém, a ausência de excessos não deve ser confundido com revisionismo ideológico ou moderação comportamental permanente, pois nem sempre as restrições à ação encontram paralelo no pensamento, como fica comprovado pela crescente agressividade no que se refere à aplicação da *hisba* e ao policiamento dos costumes por parte da *Ansar al-Sharia* na Tunísia. Defendendo que a Tunísia era terra de *da'wa*, o grupo foi responsável por canalizar muitos Tunisinos para a *jihad* fora do país. O papel que desempenhou na transformação de muitos destes jovens em voluntários jihadistas ajuda a explicar que um dos maiores contingentes de combatentes estrangeiros na Síria seja oriundo da Tunísia.<sup>800</sup>

---

<sup>799</sup> Ver Lahoud et al., *Letters from Abbottabad*.

<sup>800</sup> Com efeito, a organização escolheu não recorrer à violência no interior da Tunísia numa fase inicial, enveredando por uma estratégia em que combinava a propagação da mensagem islâmica com o trabalho humanitário. Em abril de 2014, as estimativas oficiais calculavam que existiam 3000 Tunisinos a lutar na Síria. (Barrett, *Foreign Fighters in Syria*.) Embora o grupo se encontre numa posição ambígua devido à disputa entre as duas facções jihadistas na Síria, muitos dos jovens pertencentes ao grupo aliaram-se à organização Estado Islâmico e, aproveitando a sua experiência na Tunísia, ajudaram a preparar o programa e as sessões da *da'wa* conduzidas por aquela organização. (Aaron Lund, "Who Are the Foreign Fighters in Syria? An Interview with Aaron Y. Zelin", *Carnegie Endowment for International Peace*, 5 December 2013, <http://carnegieendowment.org/SYRIAINCRISIS/?FA=53811> (data de último acesso: 2 de janeiro de 2014)).

Embora a militância jihadista sempre tenha sido um movimento dividido e marcado pela competição e divisões entre grupos e indivíduos, na atualidade os debates ideológicos e estratégicos são particularmente intensos, devido à divisão entre os partidários da al-Qaeda – representante da “velha escola” do Jihadismo global, a qual remonta ao conflito afegão da década de 1980 – e da nova corrente que começou a tomar forma após 2003, mas que só se concretizou numa organização e estratégia específica em 2014. Esta aplica a metodologia *takfir* de modo indistinto, procurou implementar uma versão inflexível da *Sharia* nos seus territórios, tem tendência para as lutas sectárias e para utilizar formas brutais de combate, nomeadamente contra outros grupos jihadistas, o que contradiz a própria retórica do movimento que apela à unidade da *ummah*. Abdicando da sua capacidade de pensar sobre a verdadeira dimensão e as consequências humanas e morais dos seus atos, os seus membros acreditam que o objetivo de criar uma nova era de glória, prosperidade e justiça para os Muçulmanos e provocar uma mudança autêntica no Médio Oriente justifica todos os meios colocados em prática, por mais bárbaros que sejam.

Este debate tem sido alimentado por figuras como Abu Qatada, al-Maqdisi e al-Tartusi, os quais criticam a nova organização, acusando-a de ter conduzido à *fitna* na comunidade jihadista. Abu Qatada tem emitido várias *fatāwās* e declarações, nas quais condena a estratégia e táticas daquela organização – a que chama “O Estado” –, a qual considera desviante. Em conjunto com Abu Muhammad al-Maqdisi, foi um dos ideólogos que apelou ao fim da divisão do movimento jihadista em dois ramos e condenou a declaração de Califado. Este clérigo foi mais longe ao expressar dúvidas sobre a liderança de al-Baghdadi e ao tentar estabelecer uma ligação entre a nova organização e o grupo que tomou o recinto da mesquita de Meca, em 1979.<sup>801</sup>

Abu Qatada e al-Maqdisi também assinaram uma *fatwā* com outros sete ideólogos a condenar os ataques da organização Estado Islâmico a outros grupos de *mujahideen* que

---

<sup>801</sup> Abu Qatada al-Filistini, *The Cloak of the Caliph*, julho 2014, [https://twitter.com/nukhba\\_alfeker/status/48858152547126067](https://twitter.com/nukhba_alfeker/status/48858152547126067), traduzido por I.I.S.C.A. Security Group, <http://iisca-blog.blogspot.gr/2015/01/wolves-divided-ulama-is-in-dispute-with.htm> (data de último acesso: 21 de janeiro de 2015). Em novembro 1979, teve lugar a tomada do recinto sagrado de Meca por um grupo de dissidentes do movimento *al-Jamaa al-Salafiyya al-Muhtasiba* (JSM), sob a liderança de Juhayman al-Utaybi. Este movimento pietista surgiu em Medina, em meados da década de 1960, manifestando-se contra todas as escolas de jurisprudência islâmica, incluindo o Wahhabismo, e aderindo a uma interpretação literal dos *ahadith* como única fonte de verdade religiosa. Alguns dos seguidores de Juhayman eram movidos por um fervor revolucionário apocalíptico: aqueles estariam convencidos que um dos seus companheiros era o *Mahdi*, e que aquela operação levaria o fim do mundo e conseqüente purificação e salvação final. De acordo com Hegghammer e Lacroix, tanto o JSM como o grupo de Juhayman constituíram uma das primeiras manifestações de um tipo específico de Islamismo – Islamismo rejeicionista –, o qual desempenhou um importante, embora subtil papel na formação da paisagem política da Arábia Saudita até aos dias de hoje.<sup>801</sup> Os envolvidos nos eventos de Meca acabariam presos ou executados e o JSM acabaria por desaparecer enquanto organização, mas as suas ideias críticas da decadência moral e corrupção social sobreviveram. Para mais sobre o grupo, ver Thomas Hegghammer, Stephane Lacroix, “Rejectionist Islamism in Saudi Arabia: The Story of Juhayman al-Utaybi Revisited”, *International Journal of Middle East Studies*, vol. 39, n.º 1, 2007, p.104.

combatem o regime sírio. Os ideólogos estabeleceram que “é obrigatório repelir a agressão e defender as terras dos Muçulmanos e não é permissível dar a terra de *al-Shaam* àqueles, pois tornou-se claro as suas crenças corruptoras. A sua agressão, opressão e agressividade tornaram-se evidentes para quem tem algum discernimento. [...] Se a base de um *mujahid* está fora de perigo ou numa vila afastada (do ataque do Estado Islâmico), então, desde que aqueles que estejam perto não sejam suficientes para repelir o seu ataque, torna-se obrigatório para todos na terra do *al-Shaam* repelir esta agressão.”<sup>802</sup> Assim, estes clérigos declaram ser dever dos *mujahideen* combater aquela organização jihadista como meio de defesa.

Embora al-Qatada se refira à organização Estado Islâmico como os novos Carijitas, al-Maqdisi resistiu à tentação de o fazer, embora não hesite em afirmar que alguns dos seus membros (em especial os líderes) são piores do que os membros daquela seita. Al-Maqdisi acusa-os de vários pecados, nomeadamente do recurso à metodologia *takfir*, de ataques contra a *ummah* e os *mujahideen* e da aplicação de métodos excessivos, como a utilização como bombistas suicidas de jovens que chegam de todo o mundo.<sup>803</sup> Demonstrando racionalidade, este ideólogo evita ostracizar as camadas mais baixas da organização, os quais considera mal conduzidas, pois chegam para “o bem da *jihad*, mas foram atraídos pelo título de Califa.”<sup>804</sup> Assim, coloca-se à disposição daqueles que, estando nas fileiras do grupo, se arrependam e que precisem de ouvir os seus conselhos. Outra observação pertinente deste ideólogo, a qual reflete o ambiente estratégico atual, é a sua recusa em declarar uma *jihad* ofensiva contra aquele grupo: al-Maqdisi defende ser permitido lutar contra a organização Estado Islâmico como meio de defesa e para repelir a agressão daqueles, mas não declara o dever de lutar contra aqueles como meio ofensivo por recear que tal possa servir os interesses dos Cruzados e dos tiranos, indiretamente “facilitando a erradicação do JaN”<sup>805</sup>.

Como ficou demonstrado na obra de 2008 de al-Zawahiri, a legalidade em atingir não combatentes nos países “em conflito com os Muçulmanos” tem merecido o contínuo interesse dos jihadistas. Anwar al-Awlaki foi um dos autores que tentou responder a esta questão, tendo estabelecido que, em caso de estarem misturados com combatentes ou de

---

<sup>802</sup> Abu Qatada al-Filistini et al., *Fatwa by some of the scholars of Jihad regarding the IS group's attack on the Mujahideen*, 3 June 2015, <https://pietervanostaeyen.wordpress.com/author/pietervanostaeyen/> (data de último acesso: 4 de junho de 2015).

<sup>803</sup> Entre as razões mencionadas para não apelidar o grupo de Carijita está a sua recusa em servir os interesses dos governos, pois tal seria a consequência óbvia de tal proclamação. Abu Muhammad al-Maqdisi, *Why did I not name them Khawarij even until now?*, June 2015, disponível em <https://pietervanostaeyen.wordpress.com/2015/06/25/shaykh-abu-muhammad-al-maqdisi-why-did-i-not-name-them-khawarij-even-until-now/> (data de último acesso: 25 de junho de 2015).

<sup>804</sup> *Ibid.*

<sup>805</sup> *Ibid.*

contribuírem de algum modo para o esforço de guerra contra os Muçulmanos, aqueles tornam-se alvos legítimos.<sup>806</sup> Al-Awlaki também sanciona o recurso a armas de fogo, explosivos e armas biológicas e químicas contra centros populacionais em regiões em guerra com os Muçulmanos, de modo a inflingir o maior número de danos. No que se refere à condução da *jihad* no Ocidente, ao longo dos últimos anos, notamos a seguinte tendência: as conspirações da autoria de grupos ou indivíduos da esfera da al-Qaeda começaram a dar preferência a alvos discriminados – ora numa tentativa de evitar atingir Muçulmanos, ora por falta de capacidade operacional –, enquanto aqueles ligados ou inspirados pela organização Estado Islâmico têm visado a população em geral, mas sem descuidar alvos mais específicos, como forças da autoridade, em caso de limitações operacionais.

## 5.9. Considerações finais

Neste capítulo fizemos uma análise das várias organizações jihadistas em linha com a teoria do ator racional, de modo a avaliar o modo como aquelas orientam a sua estratégia aplicando o pensamento racional tendo em vista alcançar determinados objetivos. Na atualidade, o Jihadismo transnacional caracteriza-se pela coexistência de estruturas formais e redes informais, as quais vão alterando a sua forma e a relação que mantêm entre si. A divisão do movimento, a fluidez dos seus membros entre vários grupos e as ligações pessoais que muitos elementos mantêm entre si e que, muitas vezes, transcendem a estrutura de comando das várias organizações, representa um desafio a nível regional e global. Apesar desta fragmentação organizacional, das divisões ideológicas e dos desacordos estratégicos resultantes do facto do Jihadismo se encontrar numa encruzilhada de diferentes desenvolvimentos e acontecimentos, concluímos que questões organizacionais e estratégicas são fundamentais para compreender a evolução do movimento, os processos de adesão àquele, assim como o seu comportamento tático. A constelação de projetos jihadistas existentes mostra racionalidade na sua tomada de decisões não apenas para atingir os seus objetivos, como também para preservar a própria existência dos grupos.

---

<sup>806</sup> Al-Awlaki disse ter formulado a sua resposta, “com base nas evidências do Alcorão e dos *ahadith*, das práticas do Mensageiro de Deus, dos seus companheiros e gerações consecutivas de *mujahideen*... e nas realidades da *jihad* de hoje e dos métodos de guerra necessários ao seu sucesso. Anwar al-Awlaki, “Targeting the Populations of Countries that are at War with the Muslims”, *Inspire*, Al-Malahem Media, n.º 8, Autumn 2011, pp. 41-47.

Um dos maiores dilemas do Jihadismo transnacional é conciliar questões locais e globais, ou seja, levar a cabo uma estratégia global concentrada no ataque a alvos ocidentais sem descurar as questões locais que são motivo de preocupação real para as populações afetadas. A incapacidade ou a falta de motivação demonstrada pelos jihadistas para reconciliar estas duas estratégias tem alimentado muitos dos debates e das divisões no interior daquele movimento. Por exemplo, al-Zawahiri, reconhecendo que o movimento deve pensar globalmente, reconhece que deve ter uma base de apoio consolidada a nível local, a qual é um elemento crítico para a sobrevivência daquilo que define como a vanguarda jihadista.

No que se refere aos processos de afiliação com a al-Qaeda, concluímos que as dinâmicas internas das organizações afiliadas refletem sobretudo interesses locais e uma necessidade de sobrevivência em ambientes competitivos. O facto de competirem com outros atores violentos nos mesmos espaços, e em alguns casos de orientação ideológica semelhante, obriga-os a uma contínua adaptação estratégica e operacional, de modo a manterem o interesse de potenciais recrutas e transmitirem uma perceção de relevância. Apesar dos ataques verbais contra o Ocidente, aquelas sabem reconhecer que um ataque contra países ocidentais pode implicar mais custos do que benefícios para os grupos. As alianças com a al-Qaeda encontram fundamento em questões ideológicas, mas sobretudo num sentido de oportunismo. Os dados empíricos também confirmam que o núcleo da al-Qaeda, desprovido de capacidade operacional, beneficiou das ações destes grupos para manter alguma visibilidade.<sup>807</sup> Porém, estas alianças também são problemáticas em vários aspetos: as ações de grupos como a al-Shabaab e a AQI foram, com frequência, danosas para a reputação dos jihadistas globais; diferentes motivações impediram a consolidação da relação entre alguns grupos, como demonstra o caso da AQI; a decisão de encetar parcerias com a al-Qaeda causou fraturas no interior de grupos como a AQMI e a al-Shabaab.

A rutura com o ramo iraquiano da organização colocou um final numa relação marcada pela tensão desde o seu início e, sendo demonstrativo do carácter independente que sempre a caracterizou, é também um dos sinais que atestam a crise de reputação da

---

<sup>807</sup> Dados relativos ao ano de 2012 revelam que as organizações terroristas mais letais e mais ativas mantinham algum tipo de ligação à al-Qaeda, embora o núcleo desta não tenha sido responsável por qualquer ataque terrorista. Estas organizações eram: os Talibãs, Boko Haram, AQI, Tehreek-e-Taliban Pakistan, al-Qaeda na Península Arábica e a al-Shabaab. (Ver Bill Braniff, *Testimony before the United States House Armed Services Committee Hearing on the State of Al-Qaeda, its Affiliates, and Associated Groups: View from Outside Experts*, Washington, DC, United States House of Representatives, February 4, 2014, [http://www.start.umd.edu/pubs/STARTCongressionalTestimony\\_StateofAQandAffiliates\\_WilliamBraniff.pdf](http://www.start.umd.edu/pubs/STARTCongressionalTestimony_StateofAQandAffiliates_WilliamBraniff.pdf).) Contudo, no final de 2014, após a divisão do Jihadismo em dois ramos, verificou-se que os grupos mais letais passaram a ser a organização Estado Islâmico, Boko Haram, Talibãs, AQPA, al-Shabaab, JaN e TTP. (Peter R. Neumann, *The New Jihadism: A Global Snapshot*, The International Centre for the Study of Radicalization and Political Violence, London, 2014, p. 15.)

al-Qaeda. A divisão organizacional do movimento jihadista global resulta de debates ideológicos e estratégicos: a al-Qaeda privilegia o ataque ao Ocidente, enquanto a organização Estado Islâmico começou por concentrar a luta no interior do mundo islâmico e só depois adotou o inimigo longínquo; a al-Qaeda mostra maior flexibilidade na abordagem à implementação da *Sharia* e reconhece a necessidade de conquistar os Muçulmanos para o seu projeto, enquanto a sua dissidente procura implementar uma versão rígida e total da lei islâmica e controlar as populações através da violência e do medo. Outro aspeto pertinente é que os jihadistas na órbita da al-Qaeda sempre foram sensíveis à questão da legalidade da *jihad*, tentando obter justificações teológicas para os seus atos (embora aquelas sejam secundárias para a sua tomada de decisão de recorrer a meios violentos); a organização Estado Islâmico, não reconhecendo a diversidade de escolas jurídicas no seio do Islão, aplica a metodologia *takfir* contra todos os que dela discordam e conduz uma guerra total e sem restrições.

Até meados de 2011, o Jihadismo global parecia estar a perder atratividade, vivendo sobretudo de conspirações para atacar os EUA e a Europa engendradas pelo ramo da al-Qaeda no Iémen e de alguns grupos associados à al-Qaeda no Paquistão. Contudo, os processos iniciados com as revoltas populares em 2011 são, de um modo geral, percecionados como um fracasso, o que deu novo vigor à propaganda sobre a democracia não ser uma alternativa à *jihad*. A região continua a caracterizar-se pela existência de identidades nacionais fracas e tensões sectárias e étnicas; por sentimentos de injustiça e pela perceção da manutenção de uma corrupção generalizada; elevados níveis de desemprego e falta de oportunidades. Este contexto pode ajudar a explicar a atração que muitos jovens do mundo muçulmano e das diásporas europeias sentem pela organização Estado Islâmico, a qual se apresentou como um símbolo de resistência perante regimes autocráticos e violentos e a responsável pelo início de uma nova era de glória para os Muçulmanos.

Considerando estes desenvolvimentos, é legítimo questionar se estaremos perante uma nova versão do Jihadismo global, a qual pode fornecer um novo ímpeto ao movimento, ou uma divisão daquele em dois ramos distintos, os quais se irão desenvolver em dois sentidos diversos, com lógicas e metodologias diferentes e despoletando processos de mobilização distintos.

Na terceira parte desta dissertação vamos analisar como é que este conjunto de desenvolvimentos – contextuais, ideológicos e organizacionais – se traduziram na evolução do Jihadismo europeu.





## IV - O Jihadismo Global na Europa

### 6. Contextualização e caracterização do Islamismo na Europa

#### 6.1. Desafios epistemológicos

Ao longo dos últimos capítulos analisamos o pensamento islamista nas suas várias formas, os contextos que influenciaram o desenvolvimento do Jihadismo global, a evolução ideológica, estratégica e estrutural e as dinâmicas internas das organizações que compõem o movimento. A partir deste ponto, vamos analisar como é que o Jihadismo global e as transformações que o afetaram se refletem em território europeu e quais as suas consequências. Neste capítulo vamos analisar a origem do Jihadismo na Europa: primeiro, vamos traçar um breve retrato das comunidades muçulmanas a nível político e socioeconómico; posteriormente, vamos explorar o modo como várias estruturas jihadistas se implementaram neste território como parte de uma comunidade islamista mais alargada.

Apesar do nosso objetivo não ser refletir sobre as comunidades muçulmanas na Europa, para compreender os desenvolvimentos relacionados com o Jihadismo global neste continente é fundamental fazer referência às características sociais e demográficas daquelas comunidades e às suas condições existenciais, assim como a emergência do Islamismo neste território. Estes temas foram abordados por vários trabalhos com origem na década de 1990, os quais, refletindo um crescente interesse académico, político e social pelas comunidades islâmicas europeias, traçam o perfil sociológico, mobilização política, a representação no espaço público e os processos de negociação identitária desta *nova* presença islâmica na Europa.<sup>808</sup> Uma das conclusões retiradas da leitura destas obras é a crescente visibilidade, em termos numéricos e de afirmação comunitária, dos Muçulmanos europeus.<sup>809</sup>

---

<sup>808</sup> Jørgen S. Nielson, *Muslims in Western Europe*, Edimburgo, Edinburgh University Press, 1992; Stefano Allievi and Jørgen S. Nielson (eds.), *Muslim Networks and Transnational Communities in and across Europe*, Leiden, Brill, 1993; Steven Vertovec and Ceri Peach (eds.), *Islam in Europe. The Politics of Religion and Community*, Londres, Macmillan Press Ltd., 1996; Felice Dassetto, *La construction de l'islam européen*, Paris, L'Harmattan, 1996; Gerd Nonnemann, Tim Niblock and B. Szajkowski (eds.), *Muslim Communities in the New Europe*, Berkshire, Ithaca Press, 1996; Steven Vertovec, "Conceiving and researching transnationalism", *Ethnic and Racial Studies*, vol. 22, n.º 2, 1999, pp. 447-462; Brigitte Maréchal, S. Allievi, F. Dassetto and J. Nielsen (eds.), *Muslims in the Enlarged Europe. Religion and Society*, Leiden, Brill, 2003; Yvonne Haddad (ed.), *Muslims in the West: From Sojourners to Citizens*, Oxford, Oxford University Press, 2002.

<sup>809</sup> Numa obra que se revelou metodologicamente sólida e oportuna a nível académico, Jytte Klausen, tentando compreender como os Muçulmanos europeus constroem a sua identidade e a posição do Islão no espaço público, destacou a interseção entre política e religião na Europa ocidental. (Jytte Klausen, *The Islamic Challenge: Politics and Religion in Western-Europe*, Oxford, Oxford University Press, 2005.) O surgimento de obras e relatórios publicados por centros de investigação europeus foram fundamentais para responder a algumas questões que se colocavam a nível político e social e, em simultâneo, acabaram por fornecer contexto para algumas das

A investigação do fenómeno islamista e jihadista na Europa coloca alguns problemas de ordem epistemológica. Para começar devemos mencionar o espaço de investigação. A Europa é formada por um conjunto de países com uma organização política e social e linguagens próprias e, apesar da existência de uma matriz cultural comum, estes apresentam especificidades no que se refere às tradições, hábitos e modelos de pensamento.

A esta diversidade nacional acrescenta-se a variedade de comunidades muçulmanas espalhadas pelo continente europeu. Mesmo no interior de um único país, estas comunidades são compostas por diferentes nacionalidades, etnias, culturas, tendências religiosas e políticas, sendo impossível tratá-las como uma entidade homogénea. As dificuldades que estas sentem e as problemáticas que as afetam variam a nível local, nacional e europeu. Na Europa ocidental, estas comunidades têm origem imigrante e constituem minorias religiosas em todos os contextos nacionais, sendo que cada país europeu tem desenvolvido estratégias específicas para as acomodar no seu interior. Estas experiências apresentam resultados variados a nível nacional e europeu.

A um terceiro nível, devemos referir os membros individuais que compõem estas comunidades, os quais podem exprimir diferentes crenças e ideias, ter comportamentos variados e apresentar motivações específicas para as suas ações. Embora, por vezes, possa existir uma tentação para confundir todos os posicionamentos políticos dos Muçulmanos com ativismo islamista, devemos ter em conta que um Muçulmano politicamente ativo não é necessariamente um islamista, mesmo que revele uma forte religiosidade. A diferença entre o primeiro e o segundo é que este defende a imposição do Islão como princípio orientador de toda a conduta política e social. Por outro lado, muitos Muçulmanos europeus não se sentem à vontade ao serem identificados com referência à religião, pois consideram que outros elementos que compõem a sua identidade os podem

---

medidas a serem consideradas pelos decisores políticos. Estes textos abordaram matérias como a institucionalização do Islão, a forma como os países europeus se relacionavam com os movimentos islamistas ou o modo como islamistas de diversas tendências recriaram na Europa redes de contactos e atividades ligadas ao seu anterior ativismo político nos respetivos países de origem. Com frequência, durante a década de 1990, as atitudes políticas europeias relativamente ao Islamismo mostraram-se ambíguas, existindo tensão entre o modo como toleravam estes movimentos no seu território e como os ignoravam nos seus países de origem, apesar dos partidos islamistas se assumirem como atores políticos e sociais incontornáveis. Ver, por exemplo, Samir Amghar, Amel Boubekeur and Michael Emerson (eds.), *European Islam: Challenges for Public Policy and Society*, Brussels, Centre for European Studies, 2007; Ceri Peach, Tim Winter et al., *Muslim Integration: Challenging Conventional Wisdom in Europe and the United States*, Center for Strategic and International Studies, Washington, D.C., 2007; Michael Emerson and Richard Youngs (eds.), *Political Islam and European Foreign Policy*, Brussels, Centre for European Policy Studies, 2007; Michael Emerson (ed.), *Ethno-Religious Conflict in Europe: Typologies of Radicalisation in Europe's Muslim Communities*, Brussels, Centre for European Policy Studies, 2009.

definir de modo mais adequado; por vezes, estes não praticam ativamente os preceitos da sua religião ou o Islão é uma identidade que lhes é imposta.

Outro fator que tem de ser considerado é a multiplicidade de grupos e tendências islamistas que marcam presença na Europa, as quais apresentam diferentes comportamentos e pretendem alcançar diferentes objetivos.

Esta multiplicidade de contextos tem impacto na obtenção de conhecimento, pois não é possível reduzir uma realidade tão complexa a uma única teoria ou explicar todas as problemáticas com recurso aos mesmos fatores.

Por último, este é um tema sujeito a correntes de politização. Para além da sua contemporaneidade, a temática analisada desperta sentimentos fortes, o que pode ser uma limitação e contaminar as conclusões alcançadas. A proximidade com o espaço estudado e o distanciamento (e aversão moral) do próprio fenómeno é passível de provocar uma constante tensão entre investigadora e objeto de investigação. Este conjunto de questões contribui para aumentar o dilema da investigadora face à necessidade de manter a neutralidade e o rigor científico que se exige num trabalho desta natureza.

## 6.2. O Islão na Europa: enquadramento demográfico e sociológico das comunidades muçulmanas e questões identitárias

A razão que nos leva a começar a abordagem ao Islamismo em solo europeu com a caracterização das dinâmicas do Islão e das comunidades muçulmanas neste território é a necessidade de desmistificar algumas ideias e de estabelecer uma plataforma que seja útil à exploração de algumas questões, nomeadamente a complexidade do panorama islamista na Europa e a eventual relação entre o processo de radicalização e as condições diaspóricas dos Muçulmanos. A compreensão do ambiente em que os Muçulmanos vivem, os problemas que os afetam, a maneira como aqueles interagem com as dinâmicas históricas e os processos culturais, a sua relação com a sociedade europeia e as vicissitudes inerentes à sua condição de minoria são importantes para a análise do modo como aqueles traduzem as suas vivências em termos de comportamento político e social. A exploração destas questões podem contribuir para contextualizar a emergência do Islamismo neste território e identificar, por um lado, o contexto individual e as vulnerabilidades comunitárias e, por outro lado, as configurações sociais e políticas mais amplas passíveis de constituírem uma motivação ou influenciarem o apoio a certos movimentos.

É, também, importante considerarmos o estatuto das comunidades muçulmanas e as suas experiências históricas, pois estas podem contribuir para explicar as suas relações com o país onde residem e explorar questões e políticas identitárias. A caracterização das comunidades muçulmanas na Europa constitui um desafio a nível intelectual e metodológico: os Muçulmanos constituem um grupo diverso a nível religioso, étnico, cultural, linguístico e sectário, e a sua identidade varia de acordo com o país onde residem.<sup>810</sup> Esta natureza fragmentada é fundamental para se perceber o processo de institucionalização do Islão em solo europeu e a dificuldade em formar organizações verdadeiramente representativas daquelas comunidades, a mobilização política dos Muçulmanos europeus, bem como as suas ideias em relação à Europa e ao mundo árabe.

Estatisticamente, é impossível saber o número exato de Muçulmanos em território europeu, sendo apenas possível constatar que se trata da maior minoria religiosa neste continente.<sup>811</sup> As comunidades existentes na parte ocidental da Europa resultam dos fluxos migratórios após o final da Segunda Guerra mundial e da descolonização, da chegada de refugiados políticos, dos processos de reunificação familiar, do crescimento natural destas comunidades e, finalmente, do estabelecimento definitivo em território europeu após o abandono do “mito de regresso”. Os principais recipientes destes imigrantes são a Alemanha, no caso dos Turcos; França, Bélgica e Holanda no caso dos Magrebinos; Reino Unido no caso dos provenientes do Sul da Ásia; e em menor escala os países nórdicos, os quais receberam muitos Iraquianos e Iranianos.<sup>812</sup> A maioria dos

---

<sup>810</sup> A interação entre o Islão e a Europa começou com as incursões territoriais que tiveram início cerca de um século após a *hijra*, mas esta presença histórica acabou repelida com a reconquista da Península Ibérica e do Mediterrâneo, com o fim do império turco e com a retirada mongol da Ásia Central. O Islão continuou presente nas sociedades europeias, com a deslocação de um pequeno fluxo de pessoas de países muçulmanos para a Europa, o qual aumentou com a expansão do domínio colonial naquelas regiões. Jack Goody, *Islam ed Europa*, Milano, Raffaello Cortina Editore, 2004, p. 105.

<sup>811</sup> A maioria dos países europeus não incluem nos censos perguntas sobre religião, e no caso daqueles que o fazem, aquelas questões têm carácter facultativo. Assim, os dados relativos ao número de crentes de determinada religião são inferidos através de diferentes fontes. Alguns países calculam a dimensão da sua população muçulmana através das estatísticas referentes à imigração; outros dos dados relativos à cidadania; outros consideram o país de nascimento. Como se torna evidente, todas estas categorias são bastante limitadas quando se trata de averiguar a religião dos indivíduos, pois não incluem nem os convertidos ao Islão, nem os indivíduos que se encontram em situação ilegal no país. A título de exemplo podemos apenas referir alguns dados de populações originárias de países muçulmanos na Europa: em 2002, os Turcos representavam 26,1% da população estrangeira residente na Alemanha; em 2001, no Reino Unido, os cidadãos oriundos do Paquistão constituíam 6,6% da população nascida fora do país; em França, o conjunto dos cidadãos oriundos de Marrocos, Argélia e Turquia totalizavam, em 1999, 36,4% da população estrangeira residente no país; em 2003, o total da população residente na Holanda, mas que tinha nascido na Turquia e em Marrocos constituía 20,6%; no caso belga, em 2004, 9,5% dos estrangeiros eram de Marrocos, enquanto este grupo nacional constituía 14,4% da população nascida fora de Espanha, no ano de 2001, e 11,4% da população estrangeira residente em Itália, em 2003. No caso dos países nórdicos, nota-se a existência de populações provenientes do Iraque e do Irão, por vezes na condição de refugiados: por exemplo, em 2001, 5,4% e 5% da população estrangeira na Suécia eram Iraquianos e Iranianos, respetivamente; os Iraquianos constituíam, em 2003, 6% da população estrangeira na Dinamarca, com os Turcos a representarem 9,3%. Migration Policy Institute (MPI), *World Migration Map*, [http://www.migrationinformation.org/datahub/europe\\_map.cfm#](http://www.migrationinformation.org/datahub/europe_map.cfm#) (data de último acesso: 30 de março de 2010).

<sup>812</sup> Calcula-se que este grupo seja composto por cerca de 13,2 milhões de pessoas, provenientes, principalmente, da Turquia, do sul da Ásia (Paquistão, Índia e, após 1971, Bangladesh) e países do Magrebe (Marrocos, Argélia, Tunísia). A incerteza política e económica que caracterizou os países recém-descolonizados e a necessidade de mão-de-obra para a reconstrução da Europa, deu origem a um fluxo de imigrantes das antigas colónias para alguns países europeus, a fim de aproveitar as oportunidades de trabalho neste território. Ceri Peach, “Muslim Population of Europe: A brief overview of demographic trends and socioeconomic integration, with particular reference to Britain”, in Ceri Peach, Tim Winter et al., *op. cit.*, pp. 8-9; ver, também, Shireen T. Hunter (ed.), *Islam, Europe's Second Religion: The New Social, Cultural, and Political Landscape*, Westport, Praeger, 2002.

Muçulmanos europeus são Sunitas, embora se estime que cerca de 20% daqueles sejam Xiitas, Alevitas, Ismaelitas e Alauitas, notando-se também a presença de algumas correntes e ordens sufis.<sup>813</sup> Como se constata nos casos da França e do Reino Unido, os antigos laços coloniais influenciaram os fluxos migratórios, pois os indivíduos tendem a deslocar-se para a capital dos antigos impérios coloniais, o que tem a vantagem de eliminar as barreiras linguísticas.<sup>814</sup> A partir do final da década de 1970, as autoridades ganharam consciência da necessidade de alterar as suas políticas relativas à diversidade religiosa.<sup>815</sup>

A partir do final da década de 1980, o processo de globalização incrementou duas dinâmicas importantes relacionadas com o processo migratório: por um lado, os países do sul da Europa como Itália, Espanha, Grécia e até Portugal passaram a figurar como destinos migratórios; por outro lado, verificou-se a diversificação dos fluxos migratórios e, embora os grupos nacionais iniciais permaneçam os mais importantes em números absolutos, verificou-se a chegada de Iraquianos, Iranianos, Somalis, Afegãos, Albaneses e indivíduos proveniente da ex-Jugoslávia e da África subsariana. Estes grupos são constituídos principalmente por imigrantes jovens e pobres, e muitos deles chegam na condição de ilegais.<sup>816</sup> A sua deslocação para a Europa é motivada não só pela busca de melhores condições de vida, mas também na condição de refugiados em fuga de contextos de instabilidade política.<sup>817</sup>

O reconhecimento da composição e das características específicas destas comunidades e das sociedades europeias onde vivem é importante para compreender como os contextos afetam o desenvolvimento e o rumo do ativismo político entre os Muçulmanos, e como diferentes processos de radicalização decorrem em diferentes contextos regionais e locais. No Reino Unido, França, Alemanha, Bélgica e Holanda, as comunidades muçulmanas são sobretudo compostas pelos descendentes dos imigrantes muçulmanos que ali se estabeleceram a partir da década de 1960, enquanto em países como Espanha e Itália, só agora se começa a verificar a transição entre a primeira e a

---

<sup>813</sup> Jytte Klausen, *Public Policy for European Muslims: Facts and Perceptions*, Institute for Strategic Dialogue, 2009, p. 15.

<sup>814</sup> Jocelyne Cesari, *L'Islam à L'Épreuve de L'Occident*, Paris, Le Découverte, 2004, pp. 24-25.

<sup>815</sup> A propósito das alterações de percepção e dos discursos relativamente a estes indivíduos note-se que durante a fase da reconstrução do pós-guerra prevaleceu a categoria de imigrante, sendo este era definido pela sua nacionalidade. Pouca ou nenhuma atenção era dedicada à identidade religiosa daqueles que se deslocavam para a Europa em busca de trabalho, sobretudo homens jovens e solteiros, os quais ansiavam pelo seu regresso ao país de origem. Deste modo, as autoridades consideravam estes indivíduos temporários. De igual modo, existia a crença generalizada de que a Europa Ocidental era um espaço secular, que as identidades e questões religiosas pertenciam ao domínio privado e que não tinham relevância para a formulação de políticas públicas. De acordo com Jytte Klausen, foi um antropólogo holandês, Jan Rath, e seus colaboradores, que encontraram a primeira referência a Muçulmanos em documentos do governo holandês de 1970, onde se referia a necessidade de providenciar “cuidados pastorais” aos trabalhadores estrangeiros. Klausen, *The Islamic Challenge*, p. 5.

<sup>816</sup> Cesari, *L'Islam à L'Épreuve de L'Occident*, pp. 29-30.

<sup>817</sup> *Id.*, p. 29.

segunda geração nascida na Europa. Nestes países, a chegada à vida adulta das segundas gerações reflete-se nas formas de ativismo e nos padrões de mobilização: até há pouco tempo, não fazia sentido falar em formas de ativismo e em radicalização motivada por conflitos de identidade, ao contrário do que sucedia, por exemplo, no Reino Unido.<sup>818</sup> Esta distinção histórica e geracional reflete uma alteração de estratégias no que se refere a questões linguísticas, à participação política e à defesa da integração na sociedade europeia. As segundas e terceiras gerações tendem a mostrar atitudes diferentes dos seus pais, os quais tiveram de enfrentar os desafios decorrentes da recriação do Islão numa condição minoritária e cujas preocupações se centravam em questões de ordem prática, como a melhoria da condição económica familiar ou a manutenção das suas tradições religiosas e culturais na privacidade do lar.

De igual modo, estas novas gerações enfrentam dilemas que eram estranhos às gerações dos seus pais e avós. Embora tenham nascido ou sido criados na Europa e já não sejam imigrantes na verdadeira acepção da palavra, com muita frequência, as gerações mais novas continuam a ser o *Outro*, devido à sua ascendência.<sup>819</sup> Apesar da europeização do Islão, e deste ser a segunda religião com mais seguidores neste continente, contando com muitos convertidos entre os seus seguidores, este continua a ser olhado como uma religião externa.<sup>820</sup> Esta situação está na origem de importantes conflitos identitários, ora porque a identidade ocidentalizada destas gerações entra em conflito com a sua identidade muçulmana e com a cultura tradicional das suas famílias; ora porque aqueles sentem dificuldade em se identificarem com a cultura do país onde vivem e, em simultâneo, lidarem com a pressão familiar para se conformarem às normas culturais do país de origem dos seus pais. Estas dinâmicas estão na base de identidades porosas e policêntricas, as quais obrigam a constantes processos de negociação identitária.<sup>821</sup>

---

<sup>818</sup> Este ponto foi realçado à autora por Peter Neumann, em Londres, a 27 de maio de 2008.

<sup>819</sup> Ver, por exemplo, o primeiro capítulo da obra de Ed Hussein, onde o autor retrata algumas das dificuldades e dos dilemas sentidos pela família em Inglaterra. Ed Husain, *The Islamist*, London, Penguin Books, 2007, pp. 1-18.

<sup>820</sup> Ao contrário do que acontecia no passado, na atualidade, o mais comum não é um processo de transição do Cristianismo ao Islão, mas uma passagem de uma situação de descrença à adoção de uma fé. Allievi destaca que um processo que conduziu à adoção do Islão por parte de muitos Europeus foi a busca de significado espiritual, a qual terá levado alguns indivíduos a percorrerem um caminho e várias etapas, explorando várias religiões até se encontrarem no Islão. (Stefano Allievi, *Musulmani D'Occidente: Tendenze dell'Islam Europeo*, Roma, Carocci Editore, 2002, p. 106.) A propósito do processo de conversão, convém citar Wiktorowicz, o qual destaca como os estudos de conversão religiosa e de cultos na atualidade conceptualizam este fenómeno como uma “jornada de auto-transformação por parte de agentes ativos”. (Wiktorowicz, *Radical Islam Rising*, p. 24.) Apesar das múltiplas abordagens teóricas à conversão, as evidências empíricas atuais favorecem esta perspetiva ativa do fenómeno e o convertido como ator racional, em detrimento da visão clássica do paradigma da conversão religiosa, onde aquele era considerado um ator passivo com necessidades psicológicas e à mercê da influências e da lavagem cerebral de organizações ou cultos religiosos. Convém, ainda referir que aqueles que estão satisfeitos com as respostas que encontram na sua religião raramente procuram alternativas. Para mais sobre teorias de conversão ver Brock Kilbourne, James T. Richardson, “Paradigm Conflict, Types of Conversion, and Conversion Theories”, *Sociology of Religion*, vol. 50, n.º 1, 1989, pp. 1-21.

<sup>821</sup> Allievi descreve este processo nos seguintes termos: “Os pais são muçulmanos porque são Egípcios, Marroquinos, Paquistaneses, Turcos, Senegaleses. Os filhos quando e se são Muçulmanos, são-no precisamente porque não são nem Egípcios, nem Marroquinos, nem Paquistaneses, nem Turcos, nem Senegaleses.” O autor acrescenta que “estes não são ainda Muçulmanos europeus da mesma

Para além destas questões inerentes ao próprio processo migratório, vários fatores conduziram à crescente visibilidade do Islão e dos Muçulmanos na Europa, a partir da década de 1980: a crise provocada pela publicação dos *Versículos Satânicos* de Salman Rushdie, em 1988, e consequente *fatwā* do Ayatollah Khomeini;<sup>822</sup> o debate em torno do véu islâmico e dos símbolos religiosos, em França, a partir de 1989; a guerra do Golfo de 1990-91 (e a entrada de exércitos ocidentais no coração do mundo muçulmano); as crises no Afeganistão, na Argélia, na Bósnia, na Palestina e na Chechénia, as quais transformaram o Islão em ator geopolítico. A estes, Allievi acrescenta a adoção do Islão como categoria interpretativa na literatura relacionada com as Relações Internacionais, por autores como Bernard Lewis ou Samuel Huntington, cujas ideias sobre as raízes da fúria muçulmana ou do choque civilizacional passaram para o discurso popular.<sup>823</sup> Estes eventos contribuíram para aumentar as formas de ativismo por parte dos Muçulmanos e para a politização dos mais jovens, os quais começaram a formar uma consciência política e a reagir a determinados acontecimentos.<sup>824</sup> A percepção de que os Muçulmanos enfrentam opressão e humilhação em locais como a Bósnia, o Kosovo e a Palestina, conduziram à reafirmação das identidades religiosas de alguns indivíduos. O estatuto minoritário no Ocidente obriga-os a pensar sobre o significado de ser Muçulmano, o que contribuiu para desencadear vínculos afetivos e processos emocionais.<sup>825</sup>

A partir desta altura, o discurso deixou de se focar na raça e na etnia para se focar na religião e, principalmente, no Islão. Esta é uma questão pertinente, na medida em que reflete quer uma alteração de atitudes da parte dos Europeus, quer o início de uma tendência para as gerações mais jovens manifestarem a sua identidade muçulmana e a sua solidariedade com causas islâmicas. A política identitária, a qual atribui a realização de certos atos ao facto de se pertencer a uma determinada comunidade, representa uma tentativa de construção de uma identidade que seja fonte de certezas, que responda a desarticulações políticas e socioeconómicas e que forneça um meio de interagir com o

---

forma dos convertidos. Estes estão *in between*, mas contudo à procura de uma identidade religiosa que nem a etnia de pertença, nem o país de origem (de seus pais) são capazes de fornecer.” Allievi, *Musulmani D’Occidente*, p. 80.

<sup>822</sup> Para mais sobre a crise despoletada pela publicação do livro de Rushdie, ver Pargeter, *The New Frontiers of Jihad*, pp. 24-29.

<sup>823</sup> Allievi, *Musulmani D’Occidente*, p. 36; ver, também, Stefano Allievi, “How & Why ‘Immigrants’ Became ‘Muslims’”, *ISIM Review*, n.º 18, Autumn 2006, p. 37, [https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/10078/Review\\_18.pdf?sequence=1](https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/10078/Review_18.pdf?sequence=1) (data de último acesso: 10 de janeiro de 2010).

<sup>824</sup> Esta afirmação pública dos Muçulmanos demonstra, também, uma crescente confiança nos países onde se estabeleceram e uma interiorização nem sempre consciente de alguns dos seus valores, o que lhes permite expressar a sua opinião sem receios dos poderes instituídos.

<sup>825</sup> A socióloga Danièle Hervieu-Leger desenvolveu uma teoria, a qual descreve quatro trajetórias através das quais se estabelecem as identidades religiosas dos indivíduos. Uma destas trajetórias tem precisamente uma dimensão emocional. Danièle Hervieu-Leger, “The Transmission and Formation of Socioreligious Identities in Modernity: An Analytical Essay on the Trajectories of Identification”, *International Sociology*, vol. 13, n.º 2, June 1998, pp. 213-228.

mundo.<sup>826</sup> Adicionalmente, a interpretação dos vários acontecimentos e crises com recurso à categoria *Muçulmano* é útil aos islamistas de várias tendências e às suas agendas, cujas narrativas promovem esta unidade entre os crentes.

Porém, o momento catalisador para o debate sobre os Muçulmanos na Europa aconteceu a 11 de setembro de 2001.<sup>827</sup> Este acontecimento forneceu o contexto que forçou a evolução dos debates teóricos e conceptuais em torno da presença islâmica neste continente. O crescente enfoque a nível simbólico e cultural teve duas consequências. Por um lado, conduziu a um aumento da tensão na relação entre Muçulmanos e restante população em vários países onde o Islão é identificado com imigração, radicalismo e um fator de risco securitário.<sup>828</sup> Por outro lado, ao se destacar a identidade religiosa são negligenciadas todas as outras componentes identitárias dos indivíduos, muitos dos quais, aliás, têm dificuldade em se projetarem como Muçulmanos, já que apenas o são a nível sociológico.<sup>829</sup>

A mobilização em torno de linhas religiosas e a tendência para as gerações mais jovens se definirem com referência ao marcador religioso, identificando-se primeiro como Muçulmanos e só depois como cidadãos de um determinado país, tem como consequência o surgimento de dúvidas quanto à identidade e lealdade daqueles.<sup>830</sup> Embora este processo corresponda a uma individualização da fé e uma rejeição da religião dos seus pais marcada por elementos tradicionais, não raras vezes estes jovens revelam conhecimentos rudimentares sobre o Islão. Considerando o fosso existente entre estes e os imãs provenientes na sua maioria de fora do continente, não raras vezes aqueles acabam por procurar meios alternativos para adquirirem conhecimentos religiosos.<sup>831</sup>

---

<sup>826</sup> Coolsaet, *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*, p. 264.

<sup>827</sup> Riem Spielhaus, "Is There a Muslim Community? Research among Islamic Associations in Germany", in Ivan Sainsaulieu, Monika Salzbrunn e Laurent Amiotte-Suchet (eds.), *Faire Communauté en société. Dynamique des appartenances collectives*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2010, pp. 183-201. Num *workshop* realizado em maio de 2009, em Florença, em que esta autora participou, Spielhaus colocou a seguinte questão aos outros participantes: na Europa, quando é que o Muçulmano se tornou Muçulmano? A sua resposta a esta questão é que os Muçulmanos se tornaram Muçulmanos apenas após o 11 de setembro de 2001. Durante aquele evento, Spielhaus realçou, ainda, que os debates atuais demonstram a confusão existente entre os termos Muçulmano e imigrante.

<sup>828</sup> Ver, por exemplo, Cesari, *L'Islam à L'Épreuve de L'Occident*, pp. 37-39.

<sup>829</sup> Para a maioria dos Muçulmanos europeus, o Islão não é uma identidade exclusiva, nem uma realidade estática: estes indivíduos não são apenas parte de uma comunidade religiosa, mas integram várias comunidades ao afirmarem-se, por exemplo, como membros de uma categoria profissional, cidadãos de um país, habitantes de uma cidade e frequentadores de certos espaços públicos. Quando ignoramos todas estas especificidades só porque se trata de um Muçulmano e utilizamos grelhas interpretativas destes grupos humanos que se baseiam quase inteiramente em "categorias religiosas ou étnicas arriscamo-nos... a contribuir para a construção do próprio grupo que estudamos", defende Spielhaus. Spielhaus, "Is There a Muslim Community? Research among Islamic Associations in Germany", pp. 183-201.

<sup>830</sup> Allievi, *Musulmani D'Occidente*, pp. 75-76; Wiktorowicz, *Radical Islam Rising*, p. 102; Klausen, *Public Policy for European Muslims*, p. 29. Roy esclarece que é a desculturação ou perda de uma identidade cultural original que permite isolar marcadores estritamente religiosos. (Roy, *L'Islam Mondialisé*, p. 65.) Este mesmo autor realça como algumas minorias têm expressado o desejo de serem identificadas como *faith communities* em detrimento de uma identificação baseada em referências étnicas ou nacionais. Encontro com o autor, Florença, 25-28 de março de 2009.

<sup>831</sup> A maioria dos imãs na Europa nasceu fora do continente, tendo sido "importados" para este território por influência e iniciativa das próprias comunidades ou dos países de origem destas. Esta situação cria uma situação anómala, devido ao desconhecimento das línguas e culturas locais, e da realidade dos países europeus. Isto dificulta o desempenhar das suas tarefas, nomeadamente a formação e aconselhamento de Muçulmanos de segunda e terceira geração tendo em conta o contexto em que estes vivem. Atendendo ao importante papel que estes desempenham ou têm capacidade para desempenhar junto das populações muçulmanas, a necessidade de



### 6.2.1. Institucionalização do Islão, exclusão socioeconómica e mobilização política dos Muçulmanos europeus

Em alguns países europeus, estas condições deram início ao debate sobre a institucionalização e representação do Islão e a necessidade de negociar com os Muçulmanos direitos fundamentais, como a questão da cidadania.<sup>832</sup> O impulso para a criação de instituições que englobem e representem a totalidade dos Muçulmanos no interior de um país está relacionado com a necessidade de discutir questões de ordem prática, como a educação religiosa ou a formação de imãs, assuntos políticos e estabelecer um meio de comunicação com as autoridades e entidades públicas do país.<sup>833</sup> Apesar destas entidades pretenderem representar os Muçulmanos no interior de um país, a diversidade e divergência de opiniões no interior destas comunidades dificulta tal tarefa.

Esta tentativa recente de criar um Islão europeu tem outras motivações, nomeadamente razões securitárias – a contenção de uma ameaça radical e terrorista, real ou imaginária –, o reconhecimento da permanência das populações imigrantes muçulmanas e a competição com estruturas cuja ideologia sejam inspiradas por movimentos islamistas ou pelo Salafismo. De igual modo, existe um certo pânico cultural e moral e o desejo de prevenir um “choque de civilizações” no seio do continente.<sup>834</sup> Nas palavras de Sara Silvestri, assiste-se, assim, a um “processo que visa *domesticar* ou

---

garantir a independência destes face às tentativas de ingerência de países terceiros e assegurar a sua preparação para lidar com temas ligados à existência dos Muçulmanos na condição de minoria na Europa, países como o Reino Unido, França e Alemanha começaram a favorecer ações de formação de imãs no próprio território. Ver, por exemplo, Allievi, *Musulmani D'Occidente*, p. 80, Klausen, *The Islamic Challenge*, p. 9.

<sup>832</sup> Tal negociação teve lugar, por exemplo, em Espanha, onde o Estado assinou o Acordo de Cooperação com a Comissão Islâmica de Espanha – organismo que resultou da fusão da Federação Espanhola de Entidades Religiosas Islâmicas e da União das Comunidades Islâmicas de Espanha, as quais englobavam várias associações de Muçulmanos – em Abril de 1992. Este acordo confirmou o reconhecimento do culto muçulmano naquele país, tendo abordado questões como o estatuto dos líderes religiosos, a estrutura da Comissão Islâmica, os casamentos religiosos a gestão dos locais de culto e a educação religiosa nas escolas. (Sandra Costa “O Islão em Espanha”, in Maria do Céu Pinto, *O Islão na Europa*, Lisboa, Editora Prefácio, 2006, pp. 149-150.)

<sup>833</sup> Para além dos Estados europeus que favorecem a criação de estruturas representativas dos Muçulmanos, deve ser referido que desde a chegada das primeiras populações muçulmanas à Europa, o Islão e a sua institucionalização neste território tem sofrido a influência de diversos atores, nomeadamente dos governos e representações diplomáticas dos seus países de origem, os quais organizavam atividades religiosas e culturais, financiavam a criação de locais de culto, enviavam imãs, patrocinavam a criação de instituições islâmicas, promoviam cursos de línguas e o ensino do Alcorão. O objetivo era utilizar os seus cidadãos a residirem na Europa para influenciar a política externa dos países de acolhimento em proveito próprio e desenvolver oportunidades para influenciar a formulação de políticas afetando os Muçulmanos na Europa. Um caso notável deste tipo de atuação é o *Diyanet* (ou DITIB, *Türkisch-Islamische Union der Anstalt für Religion*, como é conhecido na Alemanha), organismo representativo do Islão oficial do Ministro dos Assuntos Religiosos turco e responsável por lidar com os assuntos religiosos da comunidade turca, como por exemplo, a nomeação de imãs, a provisão de professores de religião e a organização de escolas corânicas. Este organismo foi estabelecido em 1924 e o papel que desempenha nos países europeus prova que o Estado turco utiliza a religião como instrumento de política externa, pelo menos desde a década de 1980. Com este organismo, a Turquia tenta manter sob controlo os imigrantes de origem turca na Europa e, simultaneamente, apresentar o “Islão turco” como um Islão moderado, racional, próprio de um Estado secular. Um segundo grupo de atores que tentaram exercer influência na paisagem normativa e ideológica do Islão na Europa são os grupos islâmicos transnacionais, políticos e apolíticos, os quais competem entre si para captarem as simpatias destas populações. Destacam-se o *Tabligh Jamaat*, diversos movimentos salafistas e grupos ligados à Irmandade Muçulmana. Sara Silvestri, “Muslim Institutions and Political Mobilisation”, in Samir Amghar, Amel Boubekeur and Michael Emerson (eds.), *op. cit.*, pp. 171-172.

<sup>834</sup> Klausen, *The Islamic Challenge*, p. 42.

*normalizar* uma versão europeia do Islão, a qual é formada em torno da ideia de que deveria ser apoiada uma forma de Islão moderada, de modo a ser justo para com as minorias muçulmanas (no que toca aos princípios da liberdade de religião e à não discriminação), mas também eliminar a radicalização.”<sup>835</sup>

Se, por um lado, os Muçulmanos aceitaram estas estratégias em busca de respeito e legitimação e procurando retirar benefícios legais e financeiros à semelhança do que sucede com outros credos institucionalizados, por outro lado, as instituições influenciadas ou financiadas pelos Estados tendem a ser olhadas com desconfiança e carecem de legitimidade no interior das comunidades espalhadas pela Europa. Muitos Muçulmanos não se sentem representados por este tipo de organismos, existentes a nível local e nacional, o que pode conduzir ao aumento do seu sentimento de marginalização e à procura de meios alternativos de expressão política.

Embora existam diferenças significativas entre os vários países da Europa, a maioria dos Muçulmanos europeus tem um estatuto socioeconómico inferior ao da restante população, o que, de acordo com Cesari, faz com que se estabeleça uma relação perigosa entre religião islâmica e pobreza.<sup>836</sup> Aqueles são discriminados económica e socialmente em quase todos os países do continente: são mais atingidos pelo desemprego (têm três vezes maior probabilidade de perderem o emprego do que o resto da população) e por situações de subemprego; pela falta de oportunidades económicas, pelo racismo e segregação dos espaços; e pela marginalização no local de trabalho (em especial as mulheres que optam por usar o véu).<sup>837</sup> A nível educacional e profissional, os Muçulmanos também se encontram em desvantagem relativamente aos não muçulmanos, e mesmo aqueles que investem na educação, tal nem sempre se traduz em oportunidades profissionais, devido aos preconceitos que contribuem para bloquear a mobilidade social.<sup>838</sup> Na generalidade dos países europeus, os Muçulmanos encontram mais dificuldades do que a maioria da população para conseguirem singrar a nível profissional e ascenderem socialmente.

A exclusão também é sentida a nível urbanístico, com a *guetização* destas comunidades: em várias metrópoles europeias é comum encontrarem-se famílias

---

<sup>835</sup> Silvestri, “Muslim Institutions and Political Mobilisation”, p. 173.

<sup>836</sup> Cesari, *L'Islam à L'Épreuve de L'Occident*, p. 39.

<sup>837</sup> Ver, por exemplo, Open Society Institute, *Muslims in Europe: A Report in 11 EU Cities*, Budapeste, 2010, [https://www.opensocietyfoundations.org/sites/default/files/a-muslims-europe-20110214\\_0.pdf](https://www.opensocietyfoundations.org/sites/default/files/a-muslims-europe-20110214_0.pdf); European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia, *Muslims in the European Union – Discrimination and Islamophobia*, Vienna, 2006, [http://fra.europa.eu/sites/default/files/fra\\_uploads/156-Manifestations\\_EN.pdf](http://fra.europa.eu/sites/default/files/fra_uploads/156-Manifestations_EN.pdf); Amnesty International, *Choice and Prejudice: Discrimination Against Muslims in Europe*, London, 2012; Klausen, *Public Policy for European Muslims*, pp. 22-27.

<sup>838</sup> Ver, por exemplo, Wiktorowicz, *Radical Islam Rising*, p. 91.

muçulmanas de origem imigrante, com poucos rendimentos e baixo nível de formação concentradas em bairros pobres citadinos ou remetidas para os subúrbios, com infraestruturas deficientes e sem equipamentos sociais, o que contribui para perpetuar a discriminação no espaço público. Olivier Roy realça que o Islão é a religião dominante dos espaços de exclusão social na Europa.<sup>839</sup> Esta é uma questão problemática, na medida em que sugere uma ligação entre discriminação social e territorial e discriminação religiosa. A segregação das comunidades muçulmanas para certas áreas tem impacto na educação dos jovens e no acesso a melhores empregos, e contribui para que algumas comunidades se fechem sobre si.<sup>840</sup>

Outro dado que pode ser interpretado como consequência desta segregação, visto poder facilitar a adoção de comportamentos anti-sociais e o envolvimento em atividades ilegais, é o facto de os Muçulmanos representarem uma parte importante da população prisional em países como a França, Reino Unido, Alemanha e Holanda.<sup>841</sup>

No caso do Reino Unido, por exemplo, os indicadores socioeconómicos mostram que os Muçulmanos e, em particular aqueles oriundos do Paquistão e do Bangladesh, são o grupo mais desfavorecido no que se refere ao emprego e ao nível de instrução, vivem em áreas mais pobres e em habitações com fracas condições, e são os que sofrem mais discriminação.<sup>842</sup>

Quando podem participar no sistema político através de atos eleitorais, as suas preferências refletem em grande parte preocupações socioeconómicas, embora também possam ser condicionadas por atitudes mais conservadoras a nível social.<sup>843</sup> A mobilização dos Muçulmanos no espaço público pode assumir diversas formas e as comunidades muçulmanas europeias acomodam diferentes posicionamentos políticos e várias correntes de pensamento.

---

<sup>839</sup> Roy, *L'Islam Mondialisé*, p. 11.

<sup>840</sup> Para uma problematização da ideia de “Islão dos subúrbios” ver Gilles Kepel, *Les Banlieues de l'Islam: Naissance d'une Religion en France*, Paris, Éditions du Seuil, 1991.

<sup>841</sup> De acordo com Hamid, os Muçulmanos representam cerca de 11% do total da população criminal do Reino Unido. Sadek Hamid, “British Muslim Young People: Facts, Features and Religious Trends”, *Religion, State and Society*, vol. 39, n.º 2-3, 2011, p. 251; Roy, *L'Islam Mondialisé*, p. 76; Khosrokhavar, *Inside Jihadism*, p. 188.

<sup>842</sup> Ver, por exemplo, Open Society Foundation, *Muslims in the UK: Policies for Engaged Citizens*, Budapest, 2005, <https://www.opensocietyfoundations.org/sites/default/files/muslims-uk-policies-2005-20120119.pdf>; Klausen, *Public Policy for European Muslims*, p. 23; Muhammed Anwar, “Muslims in Western Countries: The British Experience and the Way Forward”, *Journal of Muslim Minority Affairs*, vol. 28, n.º 1, 2008, pp. 125-137. Note-se, também, que questões relacionadas com a cultura e as tradições de algumas destas populações também podem contribuir para explicar as dificuldades sentidas por algumas famílias muçulmanas para progredir socialmente. Por exemplo, o facto de muitas mulheres muçulmanas não exercerem uma atividade profissional ou considerarem que a educação não é importante pode contribuir para explicar a razão pela qual, no Reino Unido, os Muçulmanos de origem indiana são, regra geral, mais bem-sucedidos do que os de origem paquistanesa: as raparigas indianas têm um grau de escolaridade mais elevado do que as de origem paquistanesa e, com frequência, optam por prosseguir uma carreira profissional. Conversa com o Dr. Peter Neumann, em Londres, a 27 de maio de 2008.

<sup>843</sup> Ver, por exemplo, Pew Global Attitudes Project, *Muslims in Europe: Economic Worries Top Concerns About Religious and Cultural Identity*, Pew Research Center, July 6, 2006, <http://www.pewglobal.org/2006/07/06/muslims-in-europe-economic-worries-top-concerns-about-religious-and-cultural-identity/> (data de último acesso: 23 de junho de 2007).

O contexto desfavorável que os Muçulmanos enfrentam enquanto grupo acentuou-se após 2001. As diásporas turcas, árabes e sul asiáticas, tendo-se estabelecido definitivamente nos países europeus são alvo de desconfiança, acusações de falta de lealdade e percepções deturpadas sobre a sua religião e identidade.<sup>844</sup> Aos Muçulmanos respeitadores dos valores e das leis europeias é-lhes constantemente exigido que declarem a sua moderação para evitar que toda a comunidade seja alvo de suspeição.<sup>845</sup>

Este cenário negativo em que vivem a maioria dos Muçulmanos europeus tem consequências sociopolíticas. Aqueles que sentem de modo mais agudo a exclusão e discriminação reagem de diferentes maneiras. Se alguns podem adotar uma postura separatista e isolarem-se da sociedade, o que lhes pode custar acusações de criarem sociedades paralelas, outros podem favorecer uma identidade reacionária e de protesto, afirmando a sua condição de Muçulmano. Contudo, se as frustrações socioeconómicas, o racismo e a discriminação podem efetivamente influenciar algumas preferências políticas e alimentar sentimentos de frustração, humilhação e alienação, aquelas não conduzem necessariamente à adoção de posicionamentos problemáticos ou radicais. Com efeito, a grande maioria dos Muçulmanos que compõem as comunidades europeias procuraram efetivamente a integração e a assimilação dos valores fundamentais da sociedade liberal e democrática.<sup>846</sup> De igual modo, mesmo no caso daqueles indivíduos que mostram sinais de conservadorismo a nível religioso e social, tal não é sinónimo de extremismo e os dois fenómenos não estão necessariamente ligados.<sup>847</sup> Conservadorismo social e ortodoxia religiosa, por um lado, e radicalização, por outro, funcionam através de diferentes mecanismos e, apenas em alguns contextos é que os dois primeiros fatores se tornam um desafio à coesão, unidade e paz social. A partilha de crenças extremistas não implica conhecimentos dos preceitos do Islão e o grau de religiosidade não é um indicador de radicalismo.

Porém, numa minoria dos casos, islamização, ou seja, o processo de reafirmação e reapropriação da herança islâmica e a adoção do Islão como religião e modo de vida, pode efetivamente assumir-se como sinónimo de radicalização política. Desiludidos com os países onde nasceram ou foram educados, afetados por um sentimento de

---

<sup>844</sup> Um inquérito conduzido no final de setembro de 2014, na Alemanha, pelo Instituto Infratest Dimap mostra como os Alemães continuam a ter a imagem negativa do Islão e dos Muçulmanos: 53% dos inquiridos consideram o Islão anti-democrata; 68% consideram-no misógino e intolerante; 42% dos Alemães veem o Islão como uma religião agressiva e 38% como uma ameaça. Ver Infratest Dimap, *Der Islambild der Deutschen*, 24-25 setembro de 2014, <http://www.infratest-dimap.de/umfragen-analysen/bundesweit/umfragen/aktuell/das-islambild-der-deutschen/> (data de último acesso: 23 de novembro de 2014).

<sup>845</sup> Para o papel desempenhado pela imprensa nesta construção de comunidades suspeitas, ver Henri C. Nickels, Lyn Thomas, Mary J. Hickman, Sara Silvestri, "De/Constructing 'Suspect' Communities", *Journalism Studies*, vol. 13, n.º 3, 2012, pp. 340-355.

<sup>846</sup> Ver relatório da Open Society Institute, *Muslims in Europe: A Report in 11 EU Cities*.

<sup>847</sup> Klausen, *Public Policy for European Muslims*, p. 18.

desenraizamento, ressentidos com o modo como são tratados pela sociedade e sem uma identidade cultural definida, alguns indivíduos tornam-se mais suscetíveis à aceitação de uma cultura alternativa e à procura de uma identidade transnacional que responda a uma necessidade de pertença e solidariedade. Ainda que o entendimento que tenham do Islão possa ser deficiente, para alguns aquele surgiu como um meio de estabelecer uma ligação a Muçulmanos noutras partes do mundo e como uma força para o ativismo e mobilização política. O crescente acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, a partir da década de 1990, intensificou as relações sociais entre indivíduos, favoreceu o encontro com esta identidade de cariz global, a qual se concretiza no ideal da *ummah* sem barreiras geográficas, e acentuou a tendência para a solidariedade com causas muçulmanas.

Neste sentido, a narrativa construída pelos jihadistas globais, a qual explica a exclusão e discriminação que os Muçulmanos europeus sentem como sendo consequência de uma luta global contra o Islão e uma extensão dos acontecimentos na Palestina, Afeganistão, Chechénia, Iraque e Síria, encontrou audiência entre alguns Muçulmanos europeus, especialmente os mais jovens.<sup>848</sup> O Jihadismo oferece a estes jovens identidade e poder para desafiar o opressor, algo de que estão desprovidos quer na Europa, quer em muitos dos países do mundo muçulmano.

### 6.3. O Islamismo na Europa: origem, estruturas e estratégias

A Europa conta com uma variedade considerável de oferta religiosa e política islâmica. Os movimentos islamistas começaram a estabelecer-se aqui há cerca de cinquenta anos. Até há relativamente pouco tempo esta foi uma realidade obscura quer para legisladores, quer para o cidadão europeu comum.<sup>849</sup> Na Europa, aqueles viram uma oportunidade de se organizarem em estruturas com maior ou menor grau de formalismo, tornando o Islamismo num fenómeno heterogéneo e refletindo as tendências e as correntes existentes no mundo islâmico. Não raras vezes, as problemáticas relacionadas com os seus países de origem, as disputas organizacionais internas ou as lutas entre a Arábia Saudita, o Irão e o Paquistão pela hegemonia no mundo islâmico, passaram para palco europeu por ação destes indivíduos. As comunidades muçulmanas europeias

---

<sup>848</sup> Khosrokhavar destaca o papel da humilhação na radicalização para o Jihadismo, utilizando a expressão “humilhação por procuração” para designar o sentimento comum entre alguns jovens no Ocidente de que existe um “antagonismo absoluto entre o Ocidente e a sua religião.” Fahrad Khosrokhavar, *Suicide Bombers: Allah's New Martyrs*, London, Pluto Press, 2005, p. 157. Ver, também, Khosrokhavar, *Inside Jihadism*, pp. 196-200.

<sup>849</sup> Amel Boubekeur, “Political Islam in Europe”, in Amghar, Boubekeur and Emerson (eds.), *op. cit.*, p. 14.

tornaram-se alvo das suas ações de proselitismo e da competição para influenciar as suas ideias e comportamentos. Porém, o discurso islamista chegou apenas a alguns segmentos populacionais, o que também pode ser explicado pela ligação destas populações aos consulados dos seus países de origem.<sup>850</sup>

Os atores islamistas na Europa recorrem a diferentes métodos para desafiar os discursos e as políticas públicas que afetam as populações muçulmanas europeias e evidenciam objetivos nem sempre coincidentes. Assim, a paisagem islamista na Europa é composta por grupos e organizações que adotam estratégias com carácter mais político e apresentam ligações ao Islamismo político, nomeadamente à Irmandade Muçulmana, à *Jamaat-i-Islami*, ao *Milli Görüs* e ao Sufismo político; islamistas apolíticos, os quais se dedicam sobretudo a atividades missionárias, como o *Tabligh Jamaat* e movimentos salafistas; e grupos ligados ao Islamismo radical, como o *Hizb-ut-Tahrir* e várias células jihadistas.<sup>851</sup>

Os indivíduos ligados ao Islamismo político chegaram à Europa na condição de estudantes ou refugiados políticos.<sup>852</sup> Numa primeira fase, aqueles utilizaram este território para se mobilizarem no apoio à luta empreendida contra os regimes arábes, acreditando que após a queda destes poderiam regressar aos seus países.<sup>853</sup> Na sequência do estabelecimento definitivo dos Muçulmanos na Europa, aqueles viram uma oportunidade para agirem na defesa dos interesses ou como porta-vozes dos Muçulmanos Europeus. A elevação de algumas figuras proeminentes desta tendência à liderança política muçulmana em alguns países europeus é, deste modo, fruto da oportunidade política, mas também da disponibilidade de recursos intelectuais, organizacionais e materiais que faltavam à maioria dos imigrantes oriundos do mundo muçulmano, sobretudo os pertencentes à primeira vaga. Adicionalmente, aqueles estavam em situação legal, ao contrário de muitos dos que chegaram em décadas mais recentes.<sup>854</sup> Aproveitando as crises no espaço público que conduziram à crescente visibilidade do Islão na Europa, assim como a mobilização de Muçulmanos para contestarem

---

<sup>850</sup> *Id.*, p. 20.

<sup>851</sup> Nesta tese não é abordado o Islamismo xiita na Europa, apesar desta tendência estar representada pelo Hizballah, o qual conta com uma rede de simpatizantes e uma estrutura que se dedica à obtenção de financiamento para as suas atividades.

<sup>852</sup> Brigitte Maréchal, “Universal Aspirations: The Muslim Brotherhood in Europa”, *ISIM Review*, n.º 22, Autumn 2008, p. 36. A aceitação de islamistas e outros opositores aos regimes por parte do Reino Unido, França, Bélgica, Suécia e Suíça nunca foi do agrado dos governos muçulmanos, os quais acusavam os governos europeus de albergarem terroristas. No entanto, a partir de 1979, muitos destes mesmos regimes apoiaram ou fingiam não ver a saída de jovens dos seus países para o Afeganistão a fim de participar na luta contra os Soviéticos, vendo nesta deslocação um modo de abafar a oposição interna.

<sup>853</sup> Boubekeur, “Political Islam in Europe”, p. 20; Pargeter, *The New Frontiers of Jihad*, p. 15; Sadek Hamid, “Islamic Political Radicalism in Britain: The Case of Hizb ut-Tahrir”, in Tahir Abbas (ed.), *Islamic Political Radicalism: An European Perspective*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 2007, p. 148.

<sup>854</sup> Klausen, *The Islamic Challenge*, p. 29.

acontecimentos como o conflito Israelo-Árabe ou a guerra no Iraque de 2003, aqueles adquirem notoriedade enquanto líderes comunitários. O Ocidente representa uma oportunidade para expandirem a ideologia islamista através da *da'wa*, de ações educativas e de caridade.

Apesar de formalmente não existir no Ocidente, a Irmandade Muçulmana é a organização islamista com mais simpatizantes na Europa.<sup>855</sup> Apesar de defenderem atitudes que visam evitar a corrupção cultural e moral e a perda de identidade islâmica, os Irmãos Muçulmanos promovem as interações sociais e políticas: segundo al-Qaradawi deve existir “um conservadorismo sem isolamento, e uma abertura sem fusão.”<sup>856</sup>

Diversas organizações europeias são influenciadas ou têm membros com ligações à Irmandade Muçulmana.<sup>857</sup> Os seus discursos foram moldados às sensibilidades dos Muçulmanos nascidos em solo europeu, existindo apelos à integração política e social e à unidade dos Muçulmanos independentemente das diferenças étnicas, nacionais e religiosas. O papel desempenhado pelas organizações na esfera da Irmandade Muçulmana é contestado.<sup>858</sup> Alguns autores consideram-nas moderadas e ocidentalizadas, vendo a sua atuação como um meio de promover a cidadania e a integração dos Muçulmanos na

---

<sup>855</sup> Note-se que, em 1982, foi criada a Organização Internacional da Irmandade Muçulmana, mas esta experiência fracassou a nível prático. (Para mais sobre esta ver Alison Pargeter, *The Muslim Brotherhood. The Burden of Tradition*, London, Saqi, 2010, pp. 96-132; Israel Elad-Altman, *Strategies of the Muslim Brotherhood Movement 1928-2007*, Washington, D.C., Hudson Institute, January 2009, pp. 5-6; Robert S. Leiken and Steven Brooke, “The Moderate Muslim Brotherhood”, *Foreign Affairs*, vol. 86, n.º 2, March/April 2007, p. 115, <http://www.foreignaffairs.com/articles/62453/robert-s-leiken-and-steven-brooke/the-moderate-muslim-brotherhood> (data de último acesso: 10 de outubro de 2007)). Na Europa, a Irmandade estabeleceu uma rede de mesquitas, centros de apoio e instituições de caridade, as quais promovem uma leitura do Islão baseada na re-islamização das práticas sociais dos imigrantes e a sua visão holística do Islão. Aquelas são responsáveis por fomentarem uma identidade pan-islâmica através da conceptualização da linguagem, de símbolos e de imagens, e da instrumentalização de crises globais e locais, as quais alimentam a perceção da existência de uma força externa que ameaça a comunidade. Ver, por exemplo, Brigitte Maréchal, *The Muslim Brothers in Europe: Roots and Discourse*, Leiden, Brill, 2008, p. 62; Roel Meijer and Edwin Bakker (eds.), *The Muslim Brotherhood in Europe*, New York, Columbia University Press, 2013, p. 2.

<sup>856</sup> Al-Qaradawi, *Priorities of the Islamic Movement in the Coming Phase*.

<sup>857</sup> Destacam-se a *Union des Organisations Islamiques de France* (UOIF), fundada em 1983, a *Muslim Association of Britain* (MAB), fundada em 1997, e a *Unione delle Comunità ed Organizzazioni Islamiche in Italia* (UCOII). (Para mais sobre estas organizações, ver Roy, *L'Islam Mondialisé*, p. 55; Alison Pargeter, “North African Immigrants in Europe and Political Violence”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 29, n.º 5, September-October 2006, p. 739; Farhad Khosrokhaver, “The Muslim Brotherhood in France”, in Barry Rubin (ed.), *The Muslim Brotherhood: The Organization and Policies of a Global Islamist Movement*, New York, Palgrave Macmillan, 2010, pp. 137-147.) A nível europeu, destacam-se a Federação das Organizações Islâmicas da Europa (FOIE), estrutura fundada em 1989, e que é responsável pelo *European Institute of Human Sciences*, em Paris, entidade que se dedica ao treino de imãs e líderes religiosos, e pelo *European Council for Fatwa and Research* (ECFR), em Dublin, o qual junta teólogos de todo o mundo e que tem como objetivo a definição de normas religiosas no contexto europeu, numa tentativa de tornar a lei islâmica relevante para a vida dos Muçulmanos europeus. (Boubekeur, “Political Islam in Europe”, p. 22) Embora esta entidade emita opiniões jurídicas não vinculativas e que visam apenas aconselhar os Muçulmanos europeus na sua vivência diária, alguns críticos acusaram-na de constituir a primeira etapa para a introdução da *Sharia* entre as comunidades muçulmanas na Europa. (Lorenzo Vidino, “Aims and Methods of Europe’s Muslim Brotherhood”, in Hillel Fradkin, Husain Haqqani e Eric Brown (ed.), *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 4, Washington, D.C., Hudson Institute, 2006, p. 23.) Juntamente com a FEMYSO – *Forum of European Muslim Youth and Student Organizations* –, a FOIE é a principal referência sobre o Islão e ponto de contacto com as instituições europeias. (Sara Silvestri, “Moderate Islamist groups in Europe: The Muslim Brothers”, in Khaled Hroub (ed.), *Political Islam: Context versus Ideology*, London, Saqi, 2010, pp. 265-286.)

<sup>858</sup> Autores como Vidino defendem a tese de que estas redes dão forma a um movimento ideológico global sustentado por complexas redes de financiamento e relações pessoais. Para este, estas organizações procuram assumir-se como representantes privilegiadas das comunidades muçulmanas ocidentais, existindo uma probabilidade elevada de que, quando os países ocidentais procuram interlocutores para discutir temas do interesse das comunidades muçulmanas, as organizações que se envolvem naqueles debates com as autoridades pertençam à rede da Irmandade Muçulmana. (Lorenzo Vidino, *The New Muslim Brotherhood in the West*, New York, Columbia University press, 2010, pp. 39-40, 81.) Por sua vez, Klausen realça a tendência errada existente para classificar todas as organizações representativas dos Muçulmanos que combinem religião e temas políticos como pertencendo à esfera da Irmandade. (Klausen, *The Islamic Challenge*, p. 12.)

sociedade europeia, assim como uma alternativa viável a discursos mais radicais.<sup>859</sup> Outros sustentam que estas organizações funcionam como forças alienadoras e radicalizadoras, promovendo um Islão com um carácter intolerante, e posicionamentos sociais, morais e religiosos conservadores, os quais são contrários aos valores que vigoram nas sociedades europeias.<sup>860</sup> Estes vão mais longe ao sustentarem que a Irmandade, com a sua postura e linguagem ambígua, tem como objetivo conduzir uma campanha de conquista da Europa a longo prazo pela *da'wa*.<sup>861</sup>

A *Jamaat-i-Islami* também tem ramificações na Europa, em especial no Reino Unido, onde a primeira organização ligada a este movimento, a *U.K. Islamic Mission*, foi fundada no final da década de 1960. Em 1973, aquela organização cede lugar à *Islamic Foundation*, atualmente uma das maiores instituições de Estudos Islâmicos na Europa.

Outra organização desta tendência é o *Milli Görüs*, o qual atrai membros europeus da diáspora turca, estando presente sobretudo na Alemanha, França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suíça e Áustria.<sup>862</sup> O *Milli Görüs* considera que é através da criação de um Islão indígena na Europa que pode aumentar as oportunidades de se tornar mais ativo nas comunidades muçulmanas e junto dos Estados europeus. Em meados da década de 1990, esta organização reposicionou-se para atrair as gerações turcas nascidas na Europa, modernizando o seu modo de ação e baseando o seu discurso na necessidade das populações muçulmanas se integrarem na sociedade europeia.<sup>863</sup>

---

<sup>859</sup> Leiken and Brooke, *op. cit.*; Robert Lambert, “Empowering Empowering Salafis and Islamists against Al-Qaeda: A London Counterterrorism Case Study”, *Political Science & Politics*, vol. 41, n.º 1, 2008, pp. 31-35. Com efeito, autores como Graham Fuller defendem que, apesar dos evidentes desafios que colocam e das suas posições ambíguas, os grupos islamistas não violentos apresentam maior probabilidade de sucesso na eliminação do apelo jihadista, pois serão os únicos com credibilidade para desafiar aquela narrativa junto de certos segmentos populacionais. (Graham Fuller citado em John Mintz and Douglas Farah, “In Search of Friends Among the Foes”, *The Washington Post*, 11 September 2004, <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A12823-2004Sep10.html> (data de último acesso: 25 de agosto de 2011).) Tal acontece porque, na maioria das vezes, as organizações islâmicas oficiais sofrem de uma deficiência inultrapassável: não são vistas como legítimas entre os jovens, sobretudo os mais impressionáveis ou já em processo de radicalização. Para estes indivíduos, estas organizações dificilmente poderão ser consideradas representativas, pois dialogam com governos europeus e os seus líderes nem sempre são eleitos. Quanto aos imãs mais liberais, aqueles raramente conseguem exercer influência no modo de pensar de indivíduos em vias de se tornarem potenciais radicais, pois “a sua narrativa – por exemplo incentivando a integração na sociedade europeia que, muitas vezes, os rejeita por motivos racistas e xenófobos – não é credível para os indivíduos que estão já em processo de radicalização, pois não responde aos seus anseios, nem traduz a realidade por eles vivida.” Edwin Bakker, “Islamism, radicalization and jihadism in the Netherlands”, in Magnus Ranstorp (ed.), *Understanding Violent Radicalisation*, p. 178.

<sup>860</sup> Refira-se que o líder da Transatlantic Plot, em Agosto de 2006, Abdullah Ahmed Ali, era um ativista islamista quando frequentava a universidade, mas ficou desiludido com aquela tendência. Lorenzo Vidino, “Europe’s New Security Dilemma”, *The Washington Quarterly*, vol. 32, n.º 4, 2009, p. 63; Marc Lynch, “Veiled Truths. The Rise of Political Islam in the West”, *Foreign Affairs*, vol. 89, n.º 4, 2010, pp. 138-147, <http://www.foreignaffairs.com/articles/66468/marc-lynch/veiled-truths> (data de último acesso: 3 de julho de 2010); Abdelwahab El-Affendi, “On the State, Democracy and Pluralism”, in Taji-Farouki e Nafi, *op. cit.*, pp. 180-186.

<sup>861</sup> Os promotores desta tese aludem a uma *fatwā* de 2002 de al-Qaradawi, onde este afirma que o Islão “irá regressar à Europa como conquistador e vitorioso, após ter sido expulso daquela duas vezes”, adicionando que desta vez a conquista “não será pela espada, mas pela pregação e ideologia.” Ver Vidino, *The Muslim Brotherhood in the West*, p. 92.

<sup>862</sup> Em 1971, o Tribunal Constitucional turco lançou na ilegalidade o partido islamista *Refah*, de Necmettin Erbakan. Em 1973, alguns apoiantes daquele formaram o movimento *Milli Görüs*, com sede em Colónia, na Alemanha. Para uma comparação entre as diferentes estratégias concebidas pelas autoridades nacionais para lidar com esta organização, ver Ahmet Yukleyen, “State Policies and Islam in Europe: Milli Görüs in Germany and the Netherlands”, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 36, n.º 3, 2010, pp. 445-463.

<sup>863</sup> A eleição de Recep Tayyip Erdogan, do Partido da Justiça e Desenvolvimento, em 2002, poderá ter contribuído para uma aproximação entre o *Milli Görüs* e o *Diyanet*. Klausen, *The Islamic Challenge*, p. 32.



As comunidades muçulmanas europeias também sofrem a influência de atores islamistas com carácter missionário, destacando-se o *Tabligh Jamaat* e grupos salafistas. Estes movimentos assumem um ativismo orientado para a transformação da sociedade e para a correção das crenças e das práticas religiosas através da *da'wa* e de uma educação islâmica. O *Tabligh Jamaat* chegou à Europa na década de 1960, por intermédio da comunidade indo-paquistanesa a residir no Reino Unido, e dali expandiu-se para a Bélgica, França, Holanda e Alemanha.<sup>864</sup> Países como a Espanha, Itália, Suíça e Portugal receberam missões *tablighis* após o início da década de 1980. Com frequência, este movimento transnacional de natureza quietista é considerado e tratado como uma seita, no sentido em que transforma os seus novos adeptos em Muçulmanos “renascidos” e os leva a cortar os laços com o espaço envolvente. Em alguns países, aquele foi acusado de fomentar um ambiente propício à divulgação de ideais mais extremistas, por defender uma atitude de isolamento, renúncia e separação do mundo circundante.<sup>865</sup> A preocupação das autoridades com o movimento também é justificada pelo facto de antigos seguidores deste movimento terem transitado para grupos promotores da violência, acabando envolvidos em conspirações terroristas.<sup>866</sup>

Em conversa com a autora, o académico do King's College, Peter Neumann, defendeu que o *Tabligh Jamaat* dificilmente poderá ser acusado de meio fértil para terroristas, pois não assume nenhuma posição política, nem se envolve em debates com outros movimentos de cariz islâmico.<sup>867</sup> Com efeito, não existe qualquer prova de que a radicalização política dos indivíduos mencionados tenha ocorrido durante a sua

---

<sup>864</sup> Para a difusão do *Tabligh Jamaat*, por exemplo, em França, ver Kepel, *Les Banlieues de l'Islam*, especialmente pp. 179-209; para a difusão deste movimento na Bélgica, consultar Felice Dassetto, “The Tabligh Organization in Belgium”, in T. Gerhold and Y. G. Lithman (ed.), *The New Islamic Presence in Western Europe*, London, Mansell, 1988, pp. 159-173; para o caso britânico, ver John King, “Tablighi Jamaat and the Deobandi Mosques in Britain”, in Steven Vertovec and Ceri Peach (ed.), *Islam in Europe: The Politics of religion and Community*, Basingstoke, Macmillan, 1997, pp. 129-146 e S. Y. Sikand, “The Origin and Growth of the Tablighi Jamaat in Britain”, in *Islam and Christian-Muslim Relations*, vol. 9, n.º 2, June 1998, pp. 171-192.

<sup>865</sup> Ao discutir a relação entre os *Tabligh* e a política, Metcalf refere duas posições comuns entre os críticos e estudiosos do movimento: de um lado, estão aqueles que exprimem a crença que os *tablighi* afastam da política setores significativos da população que poderiam, de outro modo, envolver-se em posicionamentos orientados para o Islamismo; do outro lado, encontram-se aqueles que acreditam que os *tablighis* contribuem para o separatismo étnico, o qual tem consequências sociais destrutivas. (Metcalf, “New Medinas”, p. 120.) Um dos defensores desta última tese é Khaled Abou El Fadl, professor de jurisprudência islâmica, para quem o *Tabligh Jamaat* ensina “as pessoas a auto-excluírem-se, a não se integrarem”, inculcando-lhes a ideia de “que o mundo moderno é uma aberração, uma ofensa, uma forma de blasfémia.” Para este académico, esta estratégia prepara as pessoas “para estarem em estado de guerra contra o mundo.” (Khaled Abou El Fadl citado in Susan Sachs, “A Muslim Missionary Group draws New Scrutiny in U. S.,” *The New York Times*, 14 July 2003, <http://www.nytimes.com/2003/07/14/national/14ISLA.html?ex=1173416400&en=c5b2146797f478fb&ei=5070>.)

<sup>866</sup> Em França, onde foi proeminente durante a década de 1980, acredita-se o grupo serviu de plataforma para alguns indivíduos evoluírem para grupos extremistas, nomeadamente Zacarias Moussaoui, condenado nos EUA pelo envolvimento no atentado de 11 de Setembro de 2001, e Djamel Beghal, condenado por uma tentativa de atentado contra a embaixada norte-americana em Paris. (Craig S. Smith, “French Islamic group offers rich soil for militancy”, *The New York Times*, 29 April 2005, <http://www.nytimes.com/2005/04/28/world/europe/28iht-muslim.html>.) De igual modo, dois dos elementos suspeitos de estarem envolvidos no plano para fazer explodir vários voos transatlânticos, em agosto de 2006, tinham sido membros do grupo. Também Shehzad Tanweer, um dos bombistas de 7 de julho em Londres, fez trabalho social para este movimento. (Neumann, *Joining Al-Qaeda*, p. 33.)

<sup>867</sup> Entrevista com a autora, Londres, 27 de maio de 2008. Por exemplo, o grupo já foi alvo de críticas precisamente por se recusar comentar questões relacionadas com Israel, Caxemira ou a Chechénia. Rachel Briggs e Jonathan Birdwell, *Radicalisation among Muslims in the UK*, Microcon Policy Working Paper 7, Brighton, Microcon, 2009, p. 16.

associação com os *Tabligh*. Porém, tal como o próprio Neumann reconheceu, aquela abertura política, aliada à criação de um enquadramento religioso rígido no que se refere às interpretações teológicas, pode revelar-se propícia ao desenvolvimento de uma determinada atitude, a qual pode ser explorada por outros militantes extremistas. Em suma, podendo existir indivíduos que estiveram em determinada altura das suas vidas envolvidos com este tipo de grupos e que acabaram por se tornar radicais violentos, não existem dados incontestáveis que corroborem a tese de que foi a participação naqueles que os conduziu a tais comportamentos. Nos últimos anos, o movimento tem visto a sua influência decrescer, sobretudo em resultado da difusão do Salafismo.

No início da década de 1990, a homogeneidade doutrinal e organizacional de movimentos como a Irmandade Muçulmana e o *Tabligh Jamaat* foi desafiada pelo surgimento do Salafismo, o qual assume várias formas organizacionais. Este teve grande sucesso na sua forma apolítica, devido ao forte apelo identitário e contributo para a emergência de novas formas de religiosidade, sobretudo entre os jovens que recusavam o tipo de religiosidade comunitária praticada pela família. Este difundiu-se pelas comunidades muçulmanas europeias devido às forças da globalização, por intermédio dos Sauditas e através do proselitismo de militantes argelinos da Frente Islâmica de Salvação (FIS). O Salafismo missionário está bem implementada na Holanda, Bélgica e França, onde entrou por intermédio da imigração magrebina, enquanto a sua vertente política, promovida pela Liga Islâmica Mundial, está presente em muitos dos países onde as mesquitas e centros islâmicos tiveram financiamento saudita.

Em território europeu, este movimento difuso tornou-se um importante vetor de reislamização: os princípios salafistas oferecem soluções simples para os desafios e dilemas políticos, económicos, sociais e culturais que aos Muçulmanos encontram enquanto minoria em contextos seculares. Como acreditam na soberania absoluta de Deus e que a identidade islâmica está ameaçada pela hegemonia ocidental e por uma conspiração que tem como objetivo manter os Muçulmanos numa posição de dominados, estes movimentos rejeitam qualquer perspectiva de coexistência com a restante população, o que é justificado com recurso ao princípio *al-wala' wa-l-bar'a*. Este serve para apelar aos Muçulmanos europeus que se abstenham de manter qualquer relação ou interação com não crentes, embora algumas redes façam uma interpretação mais pragmática desta teoria, considerando que aquela apenas se aplica a não crentes que lutem contra os

Muçulmanos.<sup>868</sup> O primado do Islão sobre todos os outros sistemas impede-os de se considerarem participantes de um sistema político não muçulmano, pelo que os apelos à *hijra* para países onde possam viver de acordo com as normas islâmicas, fizeram-se ouvir, por exemplo, entre a comunidade salafista francesa.<sup>869</sup>

Na prática, esta rejeição não se traduz em desobediência à autoridade democrática e verifica-se algumas variações no modo como algumas redes interagem com a sociedade. Embora as suas atividades visem fazer regressar os crentes às práticas islâmicas originais, caso surja a oportunidade, estes movimentos tentarão influenciar o poder político em questões como a aplicação da lei islâmica entre as comunidades muçulmanas ou a imposição de valores mais conservadores.

Assim, a emergência do Salafismo na Europa pode ser interpretada como uma recusa da politização do Islão segundo padrões europeus, e uma crítica à integração de certos valores considerados estranhos ao Islão na herança islâmica. Os salafistas recusam a apropriação da modernidade ocidental proposta por organizações ligadas ao Islamismo político, por tal conduzir à fragmentação da *ummah*.<sup>870</sup> A “normalização” do discurso dos proponentes do Islamismo político pode ter contribuído para abrir caminho ao movimento salafista, o qual seduziu os grupos marginalizados e excluídos de toda a participação política e social.

### 6.3.1. Perceções da Europa: conceptualização jurídica e perseguição das agendas islamistas

Os vários atores islamistas presentes na Europa percebem e apresentam este território de diferente maneira. Apesar de esta ser essencialmente uma questão de natureza teórica, a conotação jurídica dos espaços onde os Muçulmanos desenvolvem as suas vivências na condição de minorias vem adquirindo importância no pensamento islâmico, em resultado da globalização do Islão e do estabelecimento definitivo das comunidades em solo europeu.<sup>871</sup> Apesar da permanência de Muçulmanos fora de território islâmico

---

<sup>868</sup> Uriya Shavit, “Can Muslims Befriend Non-Muslims? Debating *al-wala’ wa-l-bar’a* (Loyalty and Disavowal) in Theory and Practice”, *Islam and Christian-Muslim Relations*, vol. 25, n.º 1, 2014, p. 67.

<sup>869</sup> Mohamed-Ali Adraoui, “Salafism in France: Ideology, Practices and Contradictions”, in Meijer (ed.), *Global Salafism*, p. 376.

<sup>870</sup> As organizações na esfera da Irmandade Muçulmana ou o *Milli Görüs* são criticadas por recorrerem a categorias políticas ocidentais e por negociarem com os Estados a institucionalização do Islão, e acusadas de fazerem demasiadas concessões ao Ocidente, provocando alterações inaceitáveis na mensagem corânica e na tradição do Profeta. De acordo com alguns autores, o Salafismo é um novo modo de regenerar a mitologia do Islamismo e de investir na participação política. Samir Amghar, “Le Salafisme en Europe: la mouvance polymorphe d’une radicalisation”, *Politique Étrangère*, n.º 1, 2006, pp. 67-78.

<sup>871</sup> Da última vez que a questão relativa à relação entre Islão e Europa tinha sido colocada com algum vigor foi durante a época colonial, quando se discutiu a subjugação das populações muçulmanas a governos não muçulmanos e as leis que permitiam adquirir a cidadania dos países colonizadores. Allievi, *Musulmani D’Occidente*, p. 171.

ter sido, desde sempre, tema contestado entre juristas, na atualidade estima-se que cerca de um terço dos Muçulmanos vivem em condição minoritária.<sup>872</sup> Esta realidade tem implicações a vários níveis, nomeadamente no que se refere ao discurso normativo islâmico relativo à lealdade a governos não muçulmanos. Tal levou alguns académicos a considerarem que a divisão legal e conceptual do mundo em dois domínios opostos – *dar al-harb* e *dar al-Islam* – era inválida na atualidade e que a obrigatoriedade daqueles que se encontram no primeiro emigrarem para o segundo se tinha tornado irrelevante. Devemos, contudo, realçar que para a perda de relevância desta dicotomia pode ter contribuído o próprio processo de radicalização do Islamismo, com o qual muitos governos muçulmanos passaram a ser considerados ilegítimos, o que transformava os seus países em *dar al-harb*: perante a inexistência de um país onde o Estado seja verdadeiramente islâmico e onde a *Sharia* seja aplicada de modo integral não existe *dar al-Islam*.

Recorrendo à terminologia legal islâmica, cada corrente islamista adota diferentes termos para representar este continente a nível político e religioso, os quais refletem *grosso modo* os seus objetivos, estratégias e métodos de atuação. Apesar das visões negativas que a grande maioria dos islamistas tem do Ocidente – por motivos históricos, culturais ou morais<sup>873</sup> –, existe um consenso quase geral entre as correntes não radicais de que a Europa não deve ser considerada *dar al-harb*, pois não preenche os critérios definidores daquela categoria territorial e os Muçulmanos podem praticar livremente a sua religião sem sofrerem perseguições. Contudo, como a *Sharia* não é aplicada neste território, a Europa também não é *dar al-Islam*.<sup>874</sup>

Os islamistas da orientação da Irmandade Muçulmana preferem destacar o potencial da Europa e das suas liberdades para a disseminação pacífica do Islão, pelo que os teólogos criaram a categoria legal de *dar al-da'wa* – território da pregação –, para designar este território.<sup>875</sup> Reconhecendo o carácter definitivo da presença islâmica e a tendência das comunidades muçulmanas europeias para crescerem, esta designação

---

<sup>872</sup> *Id.*, p. 40.

<sup>873</sup> Cesari, *L'Islam à L'Épreuve de L'Occident*, p. 146. Apesar da visão negativa que os islamistas mantêm dos países ocidentais em geral – de que o anti-americanismo é a expressão mais evidente –, estes distinguem entre diferentes países. Esposito e Mogahed salientam, por exemplo, que os islamistas tendem a ter uma opinião mais desfavorável da Grã-Bretanha do que da Alemanha. John Esposito and Dalia Mogahed, “Battle for Muslims’ Hearts and Minds: The Road Not (Yet) Taken”, *Middle East Policy*, vol. XIV, n.º 1, Spring 2007, pp. 35-36.

<sup>874</sup> Uma das raras ocasiões em que este continente foi declarado *dar al-Islam* aconteceu durante o congresso anual da UOIF, em 1989, quando Rashid al-Ghannouchi, líder do partido *al-Nahda* tunisino, defendeu que a França não mais poderia ser considerada *dar al-harb*, mas deveria ser considerada *dar al-Islam*, em reconhecimento do estabelecimento definitivo dos Muçulmanos em solo francês. Pargeter, *The Muslim Brotherhood*, p. 141; Allievi, *Musulmani D'Occidente*, p. 174.

<sup>875</sup> Ver, por exemplo, al-Qaradawi, *Priorities of the Islamic Movement in the Coming Phase*, sobretudo os capítulos “The Movement and Muslim Minorities” e “The Movement and Expatriates.”

traduz a ambição destes islamistas de expandirem a sua influência através da disseminação das suas ideias e concepções do Islão, assumindo-se como representantes dos Muçulmanos europeus. Al-Qaradawi, por exemplo, defende a necessidade da presença islâmica no Ocidente “para disseminar a mensagem do Islão... entre os não muçulmanos através da palavra, do diálogo racional e da conduta exemplar”, “para assimilar os novos Muçulmanos, a fim de acompanhar o seu comportamento e nutrir a sua crença num ambiente islâmico”, “para defender as causas da Nação muçulmana e da terra muçulmana contra o antagonismo e desinformação de forças não muçulmanas.”<sup>876</sup>

A Europa pode, ainda adquirir outras conotações jurídicas. Receando que a própria palavra *da'wa* fosse inaceitável para as audiências ocidentais por colocar a ênfase no carácter missionário do Islão, Tariq Ramadan defendeu que o termo *dar al-shahada* (terra de testemunho), sendo mais aceitável para as sensibilidades europeias, é o que melhor descreve o estatuto da Europa na atualidade.<sup>877</sup> Neste espaço, os Muçulmanos devem testemunhar a mensagem islâmica, contribuindo para promover o bem e a equidade. Para o xeque Faysal Mawlawi, membro do ECFR, os países não muçulmanos como aqueles que formam a Europa devem ser designados por *dar al-'ahd*, território do pacto ou aliança, devido à existência de um acordo entre os Estados e as comunidades muçulmana residentes.<sup>878</sup>

Apesar da variedade no interior do Salafismo, tanto a vertente missionária como a vertente jihadista consideram a Europa *dar al-kufr*, ou seja, terra de descrença. Porém, os salafistas pertencentes à tendência pietista designam este território de *dar al-sulh*, ou seja, a relação entre Muçulmanos e descrentes não se pauta pela violência, pois existe um tratado entre as comunidades.<sup>879</sup> Alguns salafistas recorrem abusivamente à noção de *hisba* para difundirem entre as comunidades muçulmanas, os comportamentos, valores e normas islâmicas que consideram apropriados. Note-se que estes posicionamentos são controversos e estão na base das acusações dirigidas a alguns grupos salafistas de que constituem grupos de transição para organizações violentas (*gateway groups*), na medida em que criam um ambiente propício à difusão de determinadas ideias, propiciam simpatias radicais e alimentam uma mentalidade predisposta a aceitar determinados comportamentos.

---

<sup>876</sup> *Ibid.*

<sup>877</sup> Tariq Ramadan, *Western Muslims and the Future of Islam*, Oxford, Oxford University Press, 2004, pp. 63-65; Andrew F. March, “Reading Tariq Ramadan: Political Liberalism, Islam, and ‘Overlapping Consensus’”, *Ethics & International Affairs*, vol. 21, n.º 4, 2007, pp. 408-409; Nicholas Tampio, “Constructing the Space of Testimony: Tariq Ramadan’s Copernican Revolution”, *Political Theory*, vol. 39, n.º 5, 2011, pp. 600-629.

<sup>878</sup> Allievi, *Musulmani D’Occidente*, p. 174.

<sup>879</sup> Kepel, *Fitna: Guerre au cœur de l’islam*, p. 300.

#### 6.4. As diferentes faces do Islamismo radical na Europa

Uma das questões mais polêmicas nesta área de estudo é a tentativa de estabelecer uma relação entre radicalização e terrorismo. Apesar de ser usualmente aceite que a radicalização é um dos motores do terrorismo islamista, a transição da radicalização ao ativismo violento não é uma inevitabilidade e, quando acontece, o trajeto pode assumir múltiplas formas.<sup>880</sup> Na Europa, o radicalismo islamista é um fenómeno complexo, o qual nem sempre tem como produto final o terrorismo. A diversidade de estratégias adotadas pelos grupos radicais complexifica a formulação de políticas para lidar com esta questão.

Alguns grupos conduzem ações políticas e sociais polémicas, defendem posicionamentos controversos e têm opiniões que não estão em consonância com os valores liberais e normas democráticas europeias, não raras vezes atuando nos limites das regras constitucionais de cada país. Aquelas hesitam em condenar o recurso à violência por parte de outras organizações (ou fazem-no raramente, em condições excecionais e tendo em mente questões tático-estratégicas), defendem a utilização desta tática noutras zonas do globo ou o direito de recorrer àquela com a justificação de que a comunidade e os territórios muçulmanos se encontram sob ataque. Podendo representar desafios à coesão social, as autoridades enfrentam alguns dilemas em lidar com estes grupos, os quais não constituem uma ameaça terrorista imediata num determinado território, pois não se envolvem, nem ameaçam envolver-se, em atos de violência no interior daquele.

À semelhança do que aconteceu com as outras correntes islamistas, a partir do final da década de 1980, indivíduos e células com tendências radicais, alguns dos quais apologistas da violência, aproveitaram a diáspora muçulmana na Europa e uma política de asilo tolerante por parte de alguns países para se deslocarem para este continente. Este passou a ser refúgio, palco de propaganda e propagação ideológica, centro logístico e de recolha de fundos e local de recrutamento de combatentes. Nesta fase, a luta destes indivíduos era nacionalista (visando os regimes domésticos) ou irredentista (o combate contra a ocupação externa de terras muçulmanas, como na Bósnia e Chechénia), pelo que a violência era direcionada aos seus países de origem, aos interesses daqueles no exterior

---

<sup>880</sup> Ver, por exemplo, as conclusões do estudo conduzido por Bartlett, Birdwell e King, o qual distingue entre radicais não violentos e radicais violentos ou terroristas e conclui que nem sempre as ideias radicais conduzem à violência. Jamie Bartlett, Jonathan Birdwell, Michael King, *The Edge of Violence: A Radical Approach to Extremism*, London, Demos, 2010.

ou um instrumento para influenciar o rumo dos acontecimentos em determinados territórios.

#### 6.4.1. A postura radical não violenta do *Hizb ut-Tahrir*

O interesse em analisar o HuT está relacionado com o seu eventual papel como veículo de transição para movimentos violentos e a sua postura perante a declaração de Califado pela organização Estado Islâmico. O HuT tem uma presença consolidada em países como o Reino Unido, Alemanha, Holanda, Dinamarca e Suécia, onde os seus membros se começaram a estabelecer a partir da década de 1980 para fugir da repressão no Médio Oriente.<sup>881</sup> A organização desenvolveu estratégias e táticas específicas a cada um dos países onde está presente, apesar da existência de uma base ideológica central.<sup>882</sup>

No continente europeu, a organização explora sobretudo questões relacionadas com a identidade, discriminação, assimilação e integração na sociedade. No Reino Unido, país europeu onde a presença da organização é mais forte, o HuT atrai sobretudo jovens da classe média, originários de meios seculares e com formação superior. Neste país, o grupo está ativo em universidades e em escolas secundárias,<sup>883</sup> onde tenta cativar uma segunda geração de Muçulmanos britânicos que revelem problemas pessoais e questões existenciais, às quais o HuT se propõe dar uma resposta.<sup>884</sup> O grupo insiste que a sua estratégia consiste no cultivo de “uma comunidade muçulmana que viva segundo o Islão em pensamento e em ação ... preservando uma forte identidade islâmica.”<sup>885</sup> Os seus críticos acusam-no de tentar unir todos os Muçulmanos com base na sua identidade islâmica e de impedirem a sua assimilação na cultura ocidental.<sup>886</sup>

---

<sup>881</sup> Com o declínio da organização e a sua ilegalização em vários países do Médio Oriente, alguns dos seus membros apelaram às autoridades europeias, sobretudo às britânicas, para que lhe fossem concedido asilo. Taji-Farouki, *A Fundamental Quest*, pp. 27-28; ICG, *Radical Islam in Central Asia*, p. 3.

<sup>882</sup> Baran, “Fighting the War of Ideas”, p. 73; ICG, *Radical Islam in Central Asia*, p. 10. Note-se que o HuT tem mais sucesso em locais onde a competição no campo das ideias islamistas é menor, como na Ásia Central e no Reino Unido. No caso do Paquistão, por exemplo, o grupo (relativamente recente) teve impacto limitado, pois é obrigado a competir com outros com profundas raízes naquela sociedade e pelas mesmas classes sociais, sendo o caso da *Jamaat-i-Islami* o exemplo mais flagrante. O mesmo aconteceu no Egípto, onde a influência da Irmandade Muçulmana na oposição ao antigo regime nunca deixou espaço para as ideias do HuT, e na Turquia, onde as ideias do HuT se tornaram obsoletas em comparação com as ideias, valores e instituições geradas pelo Islamismo turco, o qual acabaria integrado no sistema democrático. (Yilmaz, *op. cit.*, pp. 507-508).

<sup>883</sup> A atuação do HuT em escolas secundárias do Reino Unido tende a ser negligenciada pela maioria dos analistas. Contudo, segundo um antigo membro do partido entrevistado pela autora, ele terá sido recrutado aos 16 anos, enquanto frequentava o ensino secundário. Entrevista com R. Ali, Londres, 28 de maio de 2008.

<sup>884</sup> Observação feita por R. Ali, em Londres, 28 de maio de 2008.

<sup>885</sup> HuT Britain, *Media Information Pack*, p. 2.

<sup>886</sup> Baran, “Fighting the War of Ideas”, p. 73. Para estas críticas contribuem opiniões como aquelas proferidas durante uma conferência internacional organizada pelo HuT, com o título *Arab Uprising: a Manifesto for Change* (em Londres e em Manchester, respetivamente a 30 de junho e a 7 de julho de 2012), onde Imran Waheed, porta-voz do movimento no Reino Unido, defendeu a superioridade da *Sharia* relativamente ao sistema político e legal ocidental com base nos seguintes pressupostos: a *Sharia* oferece soluções políticas, económicas e sociais superiores; as soluções da *Sharia* são extremamente eficientes na resolução de problemas contemporâneos; as soluções da *Sharia* mobilizam terra, trabalho e recursos de uma forma que não pode ser igualada pelas soluções ocidentais. Note-se que durante este evento, o HuT propôs-se demonstrar “como apenas verdadeiras soluções políticas islâmicas

O HuT tem como objectivo o derrube dos governos no mundo muçulmano e a sua substituição por um Califado – *Khilafat* – governado pela *Sharia*, a qual seria implementada completa e imediatamente.<sup>887</sup> A estratégia concebida para a recriação do Califado consiste na implementação de um Estado islâmico num único país, expandindo-se a partir desse território até incorporar todos os Estados muçulmanos e, posteriormente, os Estados não muçulmanos.<sup>888</sup> A questão da *jihad* na ideologia do HuT apresenta algumas especificidades: o poder para promulgar e conduzir a *jihad* pertence ao Estado islâmico dirigido pelo Califa, pois esta constitui “um método para disseminar o Islão, ... [e] para concretizar os objetivos da política externa” daquele Estado.”<sup>889</sup> Como na atualidade não existe qualquer Estado digno de tal rótulo, tal impossibilita a prossecução e legitimação de tal obrigação.<sup>890</sup>

A ideologia promovida pelo HuT é semelhante à da al-Qaeda, com uma diferença: o grupo diz rejeitar o recurso à violência, porque utiliza a metodologia do Profeta.<sup>891</sup> Alguns autores sublinham que por razões táticas e estratégicas, os líderes deste partido não acreditam que o recurso à violência, no momento atual, seja adequado.<sup>892</sup> Baran defende que este posicionamento pode contribuir para atrair indivíduos que, sendo apoiantes dos objetivos dos jihadistas globais, condenem a morte de civis inocentes.<sup>893</sup> Esta hipótese contraria a asserção mais comum de que o HuT cumpre as as funções de doutrinação, socialização e subversão próprias das plataformas de transição para grupos violentos, criando as condições mentais e um ambiente favorável à aceitação de ideias que posteriormente serão levadas às suas consequências extremas por organizações terroristas.<sup>894</sup>

---

podem desbloquear o potencial no interior do mundo muçulmano ao oferecer soluções práticas genuínas para criar um Médio Oriente independente e próspero, livre da dependência política e económica dos poderes ocidentais.” Ver <http://www.uprising2012.co.uk/dr-imran-waheed/> (data de último acesso: 24 de abril de 2013).

<sup>887</sup> ICG, *Radical Islam in Central Asia*, p. 3; Sadek Hamid, “Islamic Political Radicalism in Britain: The Case of Hizb-ut-Tahrir”, p. 146.

<sup>888</sup> Mayer, *op. cit.*, p. 15; Vitaly V. Naumkin, *Radical Islam in Central Asia: Between Pen and Rifle*, Lanham, MD, Rowman & Littlefield Publishers, 2005, p. 129.

<sup>889</sup> Zahid-Ivan Salam, *Jihad and the Foreign Policy of the Khilafah State*, London, Khilafah Publications, 2001, p. 62. Segundo al-Nabhani, a *jihad* constitui um apelo ao Islão que envolve a luta ou uma contribuição monetária, com opiniões ou literatura. (Karagiannis e McCauley, *op. cit.*, p. 327. )

<sup>890</sup> Taji-Farouki destaca, por exemplo, a ambivalência do apelo à *jihad* contra Israel por parte do HuT: o partido não evolui no sentido da militância, esperando que a *jihad* seja conduzida pelos países e massas muçulmanas. Suha Taji-Farouki, “Islamists and the threat of Jihad: Hizb ut-Tahrir and al-Muhajiroun on Israel and the Jews”, *Middle Eastern Studies*, vol. 36, n.º 4, October 2000, p. 29.

<sup>891</sup> Karagiannis e McCauley, *op. cit.*, p. 325.

<sup>892</sup> Observação feita à autora pelo Dr. Peter R. Neumann, em Londres, a 27 de maio de 2008. Também Karagiannis e McCauley destacam os objetivos políticos idênticos do HuT e dos jihadistas globais, ou seja, a unificação de todas as terras muçulmanas sob um Califado. Karagiannis e McCauley, *op. cit.*, p. 331.

<sup>893</sup> Baran, *Hizb ut-Tahrir: Islam's Political Insurgency*, p. 11.

<sup>894</sup> Baran, “Fighting the War of Ideas”, p. 68 e 71; Mayer, *op. cit.*, p. 9. Mayer realça que desde a criação do HuT já foram identificados casos de pessoas que, tendo pertencido ao partido, acabaram por se tornar ativas em organizações terroristas. Porém, estes casos não são suficientes para tirar conclusões definitivas sobre o fenómeno. A dissidência entre alguns membros do HuT, desiludidos com a política de não violência, cansados de retórica e vulneráveis a manipulações é encarado com realismo pelas autoridades. Afinal, aqueles movem-se em meios onde também se encontram militantes adeptos da violência, os quais, frequentam as reuniões do grupo para tentar identificar os elementos que se mostrem frustrados pela falta de ação do HuT. Peter R. Neumann and Brooke Rogers,



Na Europa, a organização reconhece a importância de focar a sua atenção em classes com impacto na opinião pública, como jornalistas, advogados, juízes e professores.<sup>895</sup> O HuT é muito ativo na organização de conferências, debates e seminários, eventos abertos a toda a população, onde as suas ideias são apresentadas com recurso a uma imagem e linguagem modernas.<sup>896</sup> O HuT também incita à desordem civil através da organização de manifestações e boicotes e realiza trabalho prisional junto da população detida.<sup>897</sup>

A literatura produzida pelo HuT fornece quer explicações sobre acontecimentos mundiais, quer interpretações teológicas. Estas obras diferem daquelas produzidas por outros movimentos islamistas, na substância e na linguagem: os temas abordados podem ir das ditaduras sul-americanas das décadas de 1970/80 ao sistema eleitoral americano.<sup>898</sup> Os seus autores têm conhecimentos históricos e políticos e elaboram análises e comentários que poderiam ter sido redigidos por qualquer comentador, apesar da narrativa ir adquirindo um tom conspiracional.<sup>899</sup> As citações de jornais como o *The Washington Post* e de autores como Edward Said e Noam Chomsky pretendem dar credibilidade ao movimento.

A organização coloca desafios distintos a diferentes países. Por exemplo, no Reino Unido a combatividade do grupo reside predominantemente na sua retórica.<sup>900</sup> O maior desafio que coloca deriva do seu apoio à existência de um sistema legal islâmico paralelo ao sistema legal nacional. Os sentimentos antiamericanos e antiocidentais que o caracterizam, assim como a sua natureza conspiracional, são consideradas potencialmente perigosas para a paz social e estabilidade política por algumas autoridades europeias.<sup>901</sup>

O grupo também é acusado de anti-semitismo, motivo evocado pela Alemanha para a sua ilegalização em janeiro de 2003, num ato sobretudo simbólico destinado a servir de aviso a movimentos semelhantes.<sup>902</sup> Apesar de muitos defenderem a proscricção do HuT noutros países, devemos assinalar que ao ser banido, o grupo passaria a operar

---

*Recruitment and Mobilization for the Islamist Militant Movement in Europe*, London, study carried out by King's College London for the European Commission, December 2007, p. 54.

<sup>895</sup> Neumann, *Joining Al-Qaeda*, p. 33; Ed Husain, *op. cit.*, p. 78.

<sup>896</sup> Dados fornecidos pelo Dr. Peter R. Neumann, Londres, a 27 de maio de 2008.

<sup>897</sup> David J. Kilcullen, "Subversion and Countersubversion in the Campaign against Terrorism in Europe", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 30, n.º 8, 2007, p. 650; Karagiannis e McCauley, *op. cit.*, p. 326.

<sup>898</sup> Um bom exemplo é o panfleto do HuT, *The West's Weapons of Mass Destruction and Colonialist Foreign Policy*.

<sup>899</sup> Ver por exemplo a obra mencionada na nota anterior e Salam, *Jihad and the Foreign Policy of the Khilafah State*, pp. 21-39.

<sup>900</sup> Silvetri, "Radical Islam: Threats and Opportunities", p. 120.

<sup>901</sup> ICG, *Radical Islam in Central Asia*, p. ii; Silvetri, "Radical Islam: Threats and Opportunities", p. 120.

<sup>902</sup> Renate Dieterich, "The Perception of Radical Islam in Germany: A case study of *hizb ut-tahrir al-islami*", paper presented at the *Seventh Mediterranean Social and Political Research Meeting*, European University Institute, Florence, 22-26 March 2006.

de modo clandestino, aumentando o secretismo em seu redor e dificultando a sua monitorização.

Ainda que o partido tenha sido afetado por poucas cisões, no interior do HuT podem ocorrer disputas entre membros, como se comprova pela formação de grupos dissidentes no Reino Unido. A maioria daqueles que abandonaram o partido pertence à geração mais antiga. Estas dissensões em número limitado podem ficar-se a dever às características ideológicas, mas também à dinâmica do próprio grupo, o qual sai fortalecido pelos vínculos estreitos criados entre os seus membros em resultado, por exemplo, da eliminação de formas alternativas de socialização.<sup>903</sup>

A evolução do HuT depende, em grande medida, da evolução do ambiente em cada país. A declaração de Califado na Síria e no Iraque, em 2014, representa um desafio direto à sua ideologia. Os representantes deste no Reino Unido consideraram a “declaração de *Khilafah* vazia e sem substância, sem fundamento ou os componentes necessários”: no território onde foi declarado o Califado não existe “uma autoridade clara que salvaguarde a segurança interna e externa”, nem os “componentes fundamentais” ao funcionamento de um Estado.<sup>904</sup> O HuT considera que aquele ato por parte da organização Estado Islâmico serve apenas para denegrir a imagem da instituição Califado perante o mundo: não tendo seguido a metodologia do Profeta, aquela não exerce autoridade no território da Síria e Iraque, não tem capacidade para manter a segurança e a paz, nem para lidar com as questões inerentes à gestão de um território.

Apesar de não se tratar de um movimento violento, dificilmente poderemos dizer que é um movimento pacífico, devido às ideias que promove.

---

<sup>903</sup> Seguindo o exemplo do Profeta (o qual organizava os seus companheiros em pequenos círculos de estudo para ouvirem as Revelações por si recebidas), o HuT organiza-se em pequenas células de cinco ou seis elementos, designadas *halaqa*, as quais desempenham um papel importante no processo de doutrinação e mobilização de membros. Cada célula tem um líder, que por sua vez é membro de outra célula num nível imediatamente acima, e assim sucessivamente. Estas têm uma existência clandestina e secreta, reunindo-se uma ou duas vezes por semana para estudar a ideologia e a estratégia do grupo – bem como questões políticas, sociais e geográficas – e obedecendo a uma rígida disciplina interna. (Ver, por exemplo, Frank Hairgrove e Douglas M. Mcleod, “The Use of *Usroh* and *Halaqa* in Islamist Radical Movements”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 31, n.º 5, 2008, pp. 399-411.) Apenas os indivíduos que, ao fim de um período de estudo percorrendo diferentes *halaqa* aceitem inquestionavelmente os princípios, o pensamento e a estratégia do HuT são recrutados pelo grupo. (Karagiannis e McCauley, *op. cit.*, p. 320.) Entrevistado pela autora, um ex-membro do HuT no Reino Unido, mencionou que o período de estudo necessário para aderir em pleno ao HuT ronda os dois anos. De acordo com Ed Husain, esta demora em convidar os indivíduos para aderirem ao partido terá como objetivo avaliar o nível de compromisso existente com o HuT. (Husain, *op. cit.*, p. 99.) Afinal, a obediência aos líderes centrais do partido é fundamental para evitar a infiltração de elementos externos e manter a coerência ideológica. (Hairgrove e Mcleod, *op. cit.*, p. 400; Karagiannis e McCauley, *op. cit.*, p. 317.) O *al-Muhajiroun* adotou a mesma estrutura para propagar os seus princípios ideológicos, formando indivíduos intelectualmente afiliados ao grupo. (Ver Wiktorowicz, *Radical Islam Raising*, pp. 190-192.) Estes vínculos facilitam o apoio emocional e social mútuo, o desenvolvimento de uma identidade comum e o encorajamento para a adoção de um novo tipo de fé. (Sageman, *Understanding Terror Networks*, p. 135.)

<sup>904</sup> HuT Britain, *Media Statement Regarding ISIS’s Declaration in Iraq*, 1 July 2014, <http://www.hizb.org.uk/current-affairs/media-statement-regarding-isis-declaration-in-iraq> (data de último acesso: 23 de outubro de 2014). Para os representantes do HuT no Líbano, “a ressurreição do Califado não deve ser feita através de sangue, acusações de apostasia e explosões”, mas através da “abordagem profética – apelando a um Estado que abra os seus braços a todas as pessoas, Muçulmanos... Cristãos e Judeus.” Abdel Kafi al-Samad, “Lebanon’s Islamists View Declaration of Caliphate as Heresy”, *Al-Akhbar English*, 1 July 2014, <http://english.al-akhbar.com/node/20384> (data de último acesso: 23 de outubro de 2014).

#### 6.4.2. Génese das redes islamistas jihadistas na Europa

Os jihadistas compõem o fim da análise à comunidade de ativistas islamistas na Europa. Desde o final da década de 1980 que este continente conta com indivíduos e redes que utilizam este território como santuário e base de apoio a insurreições e lutas de libertação noutras regiões. A Europa representava uma base segura para protegerem as suas vidas e organizações das perseguições empreendidas pelas autoridades dos seus países de origem. Chegados como imigrantes ou exilados, aqueles aproveitaram a oportunidade para promoverem as suas causas através da disseminação de propaganda, e utilizaram os países europeus como base de apoio logístico, para a recolha de fundos, recrutamento, contrabando de armas e para acederem a documentos falsos, os quais eram utilizados para iludir as autoridades europeias e dos países de origem. Assim, apesar dos ressentimentos causados pelo passado colonial, considerações estratégicas obrigam estes islamistas a recorrerem à Europa para prosseguirem o seu ativismo.

A formação de estruturas jihadistas na Europa foi impulsionada sobretudo por três fatores: pela chegada dos “Árabes afegãos” a vários países europeus após o final daquele conflito; pelo conflito na Bósnia-Herzegovina, o qual alimentaria a crescente politização, radicalização e posterior mobilização de Muçulmanos europeus; e pelas redes argelinas que utilizaram a Europa como base de apoio à guerra civil naquele país. Com efeito, os conflitos afegão, bósnio e argelino foram determinantes para a fabricação ou, em alguns casos, solidificação de alianças entre indivíduos de proveniência e com experiências diferentes, para a disseminação das ideias sobre a *jihad* no sentido militar e para dar início ao processo de radicalização de uma franja populacional muçulmana. A interligação entre estes eventos mostra a complexidade e extensão das redes e células jihadistas que se formaram em solo europeu ao longo de uma década: o conflito afegão foi alimentado por indivíduos pertencentes a várias organizações nacionalistas, como as egípcias *Jamaat Islamiyya* e *al-Jihad*, e foi o palco da formação de outros grupos, como o LIFG; o GIA contava entre os seus membros com muitos veteranos daquela luta; a partir de 1992, alguns daqueles indivíduos deslocaram-se para a frente bósnia.<sup>905</sup>

---

<sup>905</sup> A complexidade destas estruturas e redes na Europa é salientada, por exemplo, por Pargeter, *The New Frontiers of Jihad*; Michael Taarnby Jensen, *Jihad in Denmark: An Overview and Analysis of Jihadi Activity in Denmark 1996-2006*, DIIS Working Paper 2005/35, Copenhagen, Danish Institute for International Studies, 2006; Javier Jordan, “The Evolution of the Structure of Jihadist Terrorism in Western Europe: The Case of Spain”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 37, n.º 8, 2014, pp. 654-673; Claude Moniquet, *Le Djihad, Histoire Secrète des Hommes et des Réseaux en Europe*, Paris, Éditions Ramsay, 2004; Petter Nesser, “Chronology of Jihadism in Western Europe 1994-2007”.

Os Árabes afegãos, designação dada aos combatentes provenientes do mundo árabe que participaram na luta contra o invasor soviético no Afeganistão, constituíam um conjunto de indivíduos desenraizados, brutalizados pela participação no conflito, com uma extensa rede de contactos e, em simultâneo, produto e veículo de uma ideologia radical. A participação naquele conflito tinha sido uma experiência pungente para estes indivíduos. O final das hostilidades e o início da guerra civil, em 1992, criaram um ambiente desfavorável à sua presença em território afegão, enquanto o Paquistão também desejava dispersar os elementos que ali se encontravam. Como já referimos, muitos destes indivíduos estavam impedidos de regressar aos seus países, pelo que alguns se juntaram aos islamistas que já se encontravam na Europa.<sup>906</sup> Esta geração foi determinante para a difusão das ideias relativas à legitimidade de recorrer à violência para a defesa do Islão e da comunidade, e para a formação e desenvolvimento das redes de recrutamento jihadista que se desenvolveriam no continente. Estes jihadistas tinham essencialmente preocupações nacionalistas e, apesar de criticarem a permissividade ocidental e a conivência dos países europeus com os regimes que pretendiam derrubar, a Europa não era o alvo da sua luta.

No mundo muçulmano, o conflito na Bósnia nunca exerceu a mesma atração daquele que se tinha desenrolado no Afeganistão, não tendo mobilizado um número tão elevado de combatentes.<sup>907</sup> A lidar com as consequências do regresso dos Árabes afegãos, os países árabes mostraram-se pouco interessados em encorajar uma guerra civil que acontecia às portas da Europa e com características diferentes do conflito afegão. Apesar de países como a Arábia Saudita e o Irão canalizarem fundos para a região, sob o pretexto de ajuda humanitária, o desconhecimento do palco do conflito e as características do Islão bósnio que o aproximava da cultura secular europeia, causavam muitas reservas entre os potenciais combatentes árabes.<sup>908</sup> Muitos dos que se deslocaram para os Balcãs para participar no conflito acabariam desiludidos, regressando aos seus países ou partindo para territórios como a Chechénia, Filipinas ou Somália.<sup>909</sup>

---

<sup>906</sup> Note-se que, ainda durante a década de 1980, o conflito afegão tinha mobilizado alguns indivíduos residentes na Europa, a maioria dos quais apresentava ligações prévias a organizações islamistas. Tal como aqueles que partiam do mundo árabe, também estes eram motivados sobretudo pelo sofrimento do povo afegão ou pelos discursos de Abdullah Azzam. Os governos europeus nunca empreenderam um esforço para desencorajar estas deslocações, as quais se destinavam a combater o inimigo soviético comum. Pargeter, *The New Frontiers of Jihad*, pp. 32-33.

<sup>907</sup> Pargeter, *The New Frontiers of Jihad*, p. 43. Kohlmann discorda desta teoria, defendendo que se verificou uma imigração significativa de Árabes afegãos na fase inicial do movimento al-Qaeda, o que teve efeitos ideológicos e práticos duradouros para a organização, e que a localização geográfica da Bósnia foi decisiva para a expansão daquele movimento para vários países europeus. Kohlmann, *Al-Qaida's Jihad in Europe*.

<sup>908</sup> Para o envolvimento árabe na Bósnia, e em particular dos Sauditas, ver Hegghammer, *Jihad in Saudia Arabia*, pp. 48-52.

<sup>909</sup> *Id.*, p. 52.

Porém, o conflito nos Balcãs despoletaria a simpatia de muitos Muçulmanos na Europa e, neste sentido, teve um impacto importante naquelas comunidades: a hesitação ou incapacidade dos países ocidentais em socorrer os Muçulmanos vítimas das forças sérvias contribuiu para o aumento da politização dos Muçulmanos neste continente e para o crescimento da ansiedade daqueles relativamente à sua integração na Europa.<sup>910</sup> Aludindo à pronta intervenção ocidental no Iraque após a invasão do Kuwait, em 1990, muitos acusaram o Ocidente de desinteresse em salvar as vidas dos Muçulmanos. De certa maneira, esta guerra representaria para as populações muçulmanas europeias aquilo que o Afeganistão representou para as populações árabes uma década antes: devido à proximidade geográfica, a uma consciência política mais profunda e à intensa exposição mediática motivada pelos novos meios de comunicação, a Bósnia funcionou como catalisador para a radicalização de muitos jovens europeus. O choque causado pelas imagens dos horrores infligidos aos Muçulmanos dos Balcãs levou muitos Muçulmanos europeus a sentir, pela primeira vez, que “algo tinha de ser feito” e que era dever deles contribuir para colocar um final naquela situação.<sup>911</sup> Os efeitos do conflito fez-se sentir sobretudo no Reino Unido, devido à ação de várias organizações islamistas ali existentes.

Assim, revoltados pelos acontecimentos e, por vezes, influenciados por ideólogos a residirem na Europa, alguns jovens deslocaram-se para os Balcãs, quer para fornecer ajuda humanitária, quer a fim de participar ativamente na defesa dos Bósnios. Contudo, tal como aconteceu previamente no Afeganistão, nem todos se envolveram em ações de combate, visto a falta de aptidões militares os tornarem um fardo para as forças mais experientes.<sup>912</sup> De igual modo, a tendência dos combatentes estrangeiros (sobretudo árabes) para representar o conflito em termos religiosos e para cometerem excessos no campo de batalha não eram do agrado da população local, o que esteve na origem de um choque cultural.<sup>913</sup>

Alguns dos que tinham partido com o objetivo inicial de prestar auxílio humanitário acabariam por se tornar combatentes, sendo o caso mais notável o de Omar

---

<sup>910</sup> Os Muçulmanos foram quem mais sofreram com o conflito, como constitui prova os eventos conhecidos por “Massacre de Srebrenica”, em 1995, durante os quais ao longo de cinco dias cerca de 8000 homens e rapazes foram chacinados. Os Sérbios também tentaram eliminar todos os símbolos de identidade islâmica existente no território. Os cálculos feitos no final do conflito por um centro de investigação estabeleceram que a guerra causou pelo menos 92,200 vítimas mortais, 65% das quais eram Muçulmanos bósnios. O procurador da ONU no tribunal de Haia eleva o número de mortos para 110,000. “Bosnia War Dead Figure Announced”, *BBC News*, 21 June 2007, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/6228152.stm> (data de último acesso: 14 de maio de 2014).

<sup>911</sup> Ver o relato de Ed Husain sobre a importância do tema da Bósnia para os Muçulmanos britânicos, muitos dos quais, quando expostos aos relatos e vídeos dos acontecimentos naquele território, vivenciaram um despertar ou aprofundar da consciência política. O autor destaca também o modo como vários grupos islamistas no Reino Unido, nomeadamente o HuT, organizaram eventos de consciencialização para aqueles acontecimentos, nomeadamente em universidades, e instrumentalizaram este conflito para difundirem as suas mensagens e recrutar novos membros. Ed Husain, *op. cit.*, pp. 74-75, 91.

<sup>912</sup> Taarnby, *Recruitment of Islamist terrorists in Europe*, p. 14; Kohlmann, *Al-Qaida's Jihad in Europe*, p. 8.

<sup>913</sup> Taarnby, *Recruitment of Islamist terrorists in Europe*, p. 12.

Saeed Sheikh, um dos responsáveis pelo rapto e assassinio do jornalista Daniel Pearl, em 2002.<sup>914</sup> Neste sentido, o papel das várias organizações não governamentais e caridades islâmicas que atuavam no terreno foi controverso: algumas foram acusadas de patrocinar a chegada de voluntários, fornecer visas e documentos falsos aos combatentes estrangeiros, transferir armamento para o terreno e angariar fundos para apoiar o esforço de guerra.<sup>915</sup> Embora os eventos na Bósnia tivessem sido importantes para desencadear processos de radicalização doméstica, não se verificou uma campanha de ataques em solo europeu motivada por aqueles acontecimentos.

Já os acontecimentos motivados pela interrupção do processo eleitoral na Argélia, em 1991, fizeram-se sentir de diferentes maneiras no continente europeu. Uma das suas consequências foi a fuga de muitos islamistas argelinos pertencentes ao FIS para a Europa e, em especial para França, país com ligações históricas à Argélia.<sup>916</sup> Se o FIS tentou utilizar o território francês como lugar de refúgio e centro de propaganda para tentar influenciar os eventos na Argélia, o GIA – o qual se tornou dominante a partir de 1994, beneficiando da desestabilização da estrutura de apoio ao FIS conduzida pelas autoridades francesas – aproveitou a liberdade de movimentação e ação para angariar fundos e armamento, e para recrutar Muçulmanos franceses de origem argelina para conduzirem uma campanha de violência neste país.<sup>917</sup> O grupo foi, assim, responsável pelo extravasar da guerra civil argelina para território francês e belga, uma decisão controversa e que se revelaria custosa para a organização.<sup>918</sup> O recurso à violência contra o país que os tinha recebido tinha o intuito de pressionar o governo francês a retirar o apoio ao regime argelino, assim como responder à crescente repressão por parte das autoridades francesas, especialmente após 1993.<sup>919</sup>

---

<sup>914</sup> “Profile: Omar Saeed Sheikh”, *BBC News*, 16 July 2002, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk/1804710.stm> (data de último acesso: 14 de maio de 2014); Simon Jeffery, “Omar Sheikh”, *The Guardian*, 15 July 2002, <http://www.theguardian.com/world/2002/jul/15/pakistan.simonjeffery> (data de último acesso: 14 de maio de 2014). Kohlmann destaca também o caso do jovem britânico recém-licenciado, Abu Mujahid al-Britani, como outro exemplo de um trabalhador humanitário que se tornou combatente ao contactar com a realidade no terreno. Kohlmann, *Al-Qaida's Jihad in Europe*, pp. 138-139.

<sup>915</sup> Hegghammer, *Jihad in Saudi Arabia*, p. 49.

<sup>916</sup> Aquando a interrupção do processo eleitoral que o FIS estava bem posicionado para vencer e com o irromper da guerra civil, alguns dos seus membros acabaram por fugir do país, estabelecendo-se sobretudo em França, onde consideravam a sua estadia temporária. Neste país, acabariam por controlar a associação denominada por *Fraternité Algérienne de la France* (FAF). Sendo uma organização heterogénea, o FIS contava com elementos moderados e alguns mais radicais de tendência salafista, os quais defendem o recurso à violência para combater o regime e como meio de defesa, especialmente após o conflito se ter tornado mais brutal, em 1993. A literatura publicada pela FAF era profundamente antiocidental e anti-francesa, porque o colonialismo continuava a ser uma referência para os islamistas. O FIS nunca conseguiu cativar o apoio dos Muçulmanos em França. Ver Pargeter, *The New Frontiers of Jihad*, pp. 78-83.

<sup>917</sup> Ainda antes de atacar diretamente em solo francês, o GIA tinha conduzido ataques contra cidadãos franceses na Argélia, em 1993, e foi o responsável pelo sequestro do avião da Air France que, a 24 de dezembro de 1994, partiu de Argel com destino a Paris. Pargeter, *The New Frontiers of Jihad*, pp. 84-85.

<sup>918</sup> Entre o FIS e o GIA havia diferenças importantes, o que provocou a divisão do movimento islamista na Argélia. O GIA opôs-se à orientação política do FIS, rejeitando a participação em eleições e a ideia de reconciliação nacional com o regime argelino.

<sup>919</sup> Para mais informações sobre as considerações estratégicas e políticas relativas à adoção da violência em santuários externos e o recurso à diáspora muçulmana e às redes de apoio à insurgência argelina em França, ver Brynjar Lia, Áshild Kjøk, *Islamist*

Outra teoria defende que a decisão de internacionalizar a luta argelina visava levar a França a apoiar abertamente o regime argelino (até essa altura, a França dava apoio de modo velado), conduzindo “à unificação da Nação Islâmica em torno da *jihād* na Argélia tal como a que tinha unificado.... contra os Soviéticos.”<sup>920</sup> Porém, a onda de atentados e conspirações que atingiu França em 1995-1996 expôs uma infraestrutura de apoio ao GIA não só naquele país, mas também na Bélgica, Reino Unido, Alemanha, Dinamarca e Canadá.<sup>921</sup> Esta rede tinha como objetivo a recolha de fundos para financiamento da campanha de violência, a captação de recrutas e o envio de armas para a Argélia.<sup>922</sup>

Londres funcionou como sede e centro de comunicação do GIA na Europa, entre 1994 e 1996.<sup>923</sup> Um grupo de simpatizantes da organização era responsável pela publicação *al-Ansar*, com propaganda e relatos sobre as campanhas conduzida pelo grupo na Argélia. Entre estes, destacam-se Abu Qatada, o qual justificava religiosamente as ações do GIA no terreno, e al-Suri, o qual colocava as suas capacidades táticas e estratégicas ao serviço do grupo. O modo como a guerra civil se desenrolou naquele território e as táticas a que o GIA recorreu estiveram na origem da rutura entre estas duas importantes figuras do meio jihadista europeu.<sup>924</sup> No final da década de 1990, o GIA era uma organização desacreditada, sendo acusada de estar infiltrada pelos serviços de segurança argelinos.<sup>925</sup> A estrutura que lhe sucedeu, o GSPC, nunca conseguiria vingar entre as redes islamistas europeias, devido, em parte, ao aumento da vigilância por parte das autoridades europeias.<sup>926</sup>

Se analisarmos os indivíduos, as células e as conspirações islamistas na Europa ao longo da década de 1990 chegamos a algumas conclusões relevantes: durante aqueles anos, a força determinante do Jihadismo em solo europeu foram as células ligadas ao GIA, organização que contava com antigos voluntários da guerra no Afeganistão e

---

*Insurgencies, Diasporic Support Networks, and Their Host States: The Case of the Algerian GIA in Europe 1993-2000*, FFI Report, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2001.

<sup>920</sup> Abu Musab al-Suri, “Text of Audio Communiqué by Shaykh Umar Abd al-Hakim Addressing the British and the Europeans Regarding the London Explosions, and the Practices of the British Governments”, August 2005, p. 5, citado em Lia, *Architect of Global Jihad*, p. 156.

<sup>921</sup> Ver Taarnby Jensen, *Jihad in Denmark*, pp. 25-27; Lia and Kjøk, *Islamist Insurgencies, Diasporic Support Networks, and Their Host States*, pp. 26-34.

<sup>922</sup> Entre os métodos adotados por esta rede, destacam-se os assaltos a instituições bancárias (por exemplo, em França e Dinamarca), o contrabando de vários produtos, o tráfico de droga e documentos falsos, o desvio de donativos recolhido para ações de caridade e a cobrança coerciva de um “imposto de guerra” a comerciantes de origem argelina.

<sup>923</sup> Lia, *Architect of Global Jihad*, pp. 152-158. Outros grupos utilizavam Londres para publicarem os seus boletins, nomeadamente o LIFG que publicava o *Majallat al-Fajr*, e a Jihad Islâmica egípcia que publicava a revista *al-Mujahidun*.

<sup>924</sup> Lia, *Architect of Global Jihad*, pp. 182-189; Pargeter, *The New Frontiers of Jihad*, pp. 65-70.

<sup>925</sup> Lia and Kjøk, *Islamist Insurgencies, Diasporic Support Networks, and Their Host States*, p. 19. Estas acusações são recorrentes e baseiam-se, por exemplo, na obstrução do governo argelino a uma investigação independente aos massacres conduzidos pelo GIA; da escassez de informação sobre estes eventos; no comportamento das forças de segurança, nomeadamente na demora em intervir durante massacres que se desenrolaram ao longo de horas e eram audíveis a longas distâncias; da orientação islamista de muitas das vítimas; e das declarações de antigos membros das forças de segurança que confirmam o envolvimento do exército em alguns dos massacres atribuídos ao GIA. Kalyvas, *op. cit.*, pp. 252-253.

<sup>926</sup> *Id.*, p. 93.

participantes do conflito na Bósnia; os alvos inimigos eram facilmente identificáveis e os discursos eram homogêneos; as redes islamistas provenientes do Norte de África e, em especial, os Argelinos e os Egípcios, desempenharam um papel de destaque na difusão das ideias relativas à *jihad* para derrubar os líderes apóstatas e defender os territórios muçulmanos; o conflito na Bósnia foi decisivo para difundir os conceitos de *jihad* e de *ummah* entre os Muçulmanos europeus, contribuindo para a criação de um sentimento de solidariedade islâmica e estando na origem do fenómeno da radicalização doméstica; até 2001, a Europa não foi alvo da luta global da al-Qaeda, embora fosse palco de conspirações para atacar interesses norte-americanos e israelitas.

Assim, a infraestrutura social e os aspetos culturais do Jihadismo na Europa foram desenvolvidos na década que antecedeu os ataques de 2001. Algumas mesquitas, centros islâmicos e instituições de caridade foram utilizados por alguns grupos e clérigos radicais para difundir ideias e fazer propaganda à *jihad* no Afeganistão, Bósnia, Chechénia e Caxemira. Por norma, as mesquitas e centros islâmicos na Europa eram importantes centros de socialização e de contacto entre os Muçulmanos que estavam longe dos seus países e que no seio daquelas encetavam relações e formavam grupos de amigos. Pela importância do ambiente social que se vivia em alguns destes locais, destacam-se a mesquita de Finsbury Park, em Londres, a mesquita Abu Bakr, em Madrid, o Centro Cultural Islâmico, em Milão e a mesquita al-Quds, em Hamburgo.<sup>927</sup> Nestas cidades, a comunidade de islamistas residentes encontrava os recursos materiais e humanos necessários à manutenção de um conjunto de atividades fundamentais à militância na Europa.<sup>928</sup> Londres era considerada o centro intelectual do Jihadismo na Europa, dada a concentração de importantes figuras com ligações ao GIA, à *Jamaat Islamiyya*, à *al-Jihad* egípcia e ao LIFG.<sup>929</sup>

## 6.5. Considerações finais

Neste capítulo, traçamos a génese do Islamismo jihadista na Europa, o qual exige a compreensão dos acontecimentos fora deste território, mas também dos contextos mais

---

<sup>927</sup> Taarnby, *Recruitment of Islamist terrorists in Europe*, p. 40; Sageman, *Understanding Terror Networks*, p. 114.

<sup>928</sup> Para além de Abu Qatada, Abu Hamza al-Masri e Omar Bakri Muhammad, destacam-se o Egípcio Adil Abd al-Bary (ou adil Abd al-Majid), o qual foi acusado pelos EUA de estar envolvido nos bombardeamentos das embaixadas americanas em África; o Líbio Noman Benotman (ou Nu'man bin Uthman), o qual abandonou a militância islamista radical e se transformou em ativista político; os dissidentes sauditas Saad al-Faqih e Khalid Fawwaz; o Sírio Abu Musab al-Suri, o qual não tinha qualquer afiliação, e o seu associado Muhammad Bahayah (Abu Khalil al-Suri), falecido na Síria em fevereiro de 2014.

<sup>929</sup> Al-Suri mostra a importância da cidade londrina e o fascínio que nutre por esta quando declara que “estar em Londres neste período coloca qualquer um no centro dos acontecimentos.” Al-Suri, “Meeting with the Kuwaiti Newspaper”, March 1999, in Lia, *op. cit.*, p. 121.



amplios em que se movem os jihadistas e os *milieus* radicais internos. Assim, exploramos as raízes e manifestações do Islamismo na Europa e as dinâmicas que favoreceram, direta ou indiretamente, a implementação de organizações e redes de várias tendências neste território. Analisamos, também, as condições sociais, económicas, culturais e legais em que se encontram as populações muçulmanas europeias, as quais podem dar origem a sentimentos passíveis de serem explorados por aquelas organizações, assim como as suas raízes históricas, as quais marcam a relação com o país onde residem.

O conhecimento da história e das tendências demográficas das comunidades muçulmanas europeias permitem identificar os padrões de chegada de muitos islamistas à Europa, pois, regra geral, aqueles seguiram os movimentos migratórios das populações do seu país de origem. Neste continente, o contexto existencial dos Muçulmanos – privação económica, discriminação social, marginalização política, conflitos identitários, ao que é ainda possível adicionar questões e crises pessoais – é importante para compreender os sentimentos de humilhação, angústia, alienação e as crises que contribuem para tornar alguns indivíduos recetivos a um conjunto de ideias em oposição aos valores e à ordem democrática, e por vezes os leva a encarar como legítimo o recurso a táticas extremas para provocar mudanças. De igual modo, estas condições domésticas constituem o cenário de fundo de dinâmicas e processos sociais entre grupos de jovens marginalizados no interior daquelas comunidades, facilitando o estabelecimento de vínculos a organizações transnacionais, em especial quando aqueles estão sob alçada de determinadas figuras influentes do meio extremista europeu. Estes pregadores esforçam-se por ligar o contexto desfavorável em que vivem os Muçulmanos europeus com a situação nos países muçulmanos, de modo a acentuar aqueles sentimentos, explorar vulnerabilidades e canalizá-las para a violência. Não explicando o fenómeno por si só, os fatores de ordem estrutural são uma causa subjacente e um dos níveis a ter em conta no processo de radicalização e mobilização para o Jihadismo.

A Europa assume-se como um mercado competitivo a nível de ideias islamistas, com vários projetos a serem propostos por diferentes atores. À semelhança do que acontece no mundo muçulmano, a paisagem islamista europeia sofre de divisões no seu seio no que se refere a estratégias, *modus operandi* e objetivos, e a competição entre as várias correntes é visível, por exemplo, nos debates sobre o papel da Europa na ideologia islamista, nas críticas mútuas e nas tentativas empreendidas para conter as ações de grupos rivais pertencentes a outras tendências.

Muitos dos grupos presentes neste continente estão ligados ao conservadorismo religioso e moral e não ao radicalismo político. O desafio que estes colocam não é necessariamente de ordem legal e não tem carácter conspiracional ou confrontacional, mas está relacionado com alguns dos valores e ideias propagadas, as quais podem apresentar diferentes graus de oposição aos europeus. Algumas organizações são acusadas – com ou sem fundamento – de serem potenciais causadoras de tensões sociais e étnicas no interior das sociedades europeias, na medida em que podem aumentar a resistência à integração das comunidades muçulmanas, prejudicando a paz e a coesão social. Outros grupos são acusados de facilitarem o acesso a organizações jihadistas, na medida em que tornam os seus membros mais permeáveis a discursos radicais, levando-os, em casos extremos, a aceitarem o recurso à violência. Com efeito, existem vários exemplos de indivíduos que transitaram de organizações políticas e apolíticas para grupos jihadistas e que estiveram envolvidos em conspirações terroristas. Não sendo possível estabelecer um nexo de causalidade inequívoco entre as duas realidades, também não é possível descartar por completo a existência de uma relação, por um lado, entre determinadas formas ativistas não violentas e a difusão de determinadas práticas e valores morais e, por outro lado, algumas trajetórias de violência.

A ideologia islamista radical foi inicialmente sustentada por dinheiro saudita, e promovida por um conjunto de imãs e intelectuais radicais que aqui encontraram asilo, os quais tinham ligações a redes externas. Ao longo dos últimos anos, o Jihadismo global tem sido a corrente islamista mais visível em palco europeu, tendo beneficiado da implementação de estruturas de apoio a indivíduos envolvidos em lutas contra os regimes internos e ocupações externas ao longo da década de 1990. Outro fator que alimentou o fenómeno nos anos que antecederam 2001 foi a deslocação de alguns jovens muçulmanos europeus para o Afeganistão e Paquistão, a fim de receberem doutrinação religiosa ou treino em técnicas de guerrilha ou terrorismo urbano.<sup>930</sup> A infraestrutura composta pelos campos de treino no Afeganistão desempenhou uma importante função na estratégia jihadista antes do início do século, na medida em que permitiu a criação e agregação de grupos de várias nacionalidades, a globalização do alcance operacional jihadista e a mobilização de novos indivíduos e simpatizantes.

---

<sup>930</sup> Ver House of Commons, *Report of the official account of the bombings in London on 7th July 2005*, 11 May 2006, p. 29, [http://news.bbc.co.uk/2/shared/bsp/hi/pdfs/11\\_05\\_06\\_narrative.pdf](http://news.bbc.co.uk/2/shared/bsp/hi/pdfs/11_05_06_narrative.pdf) (data de último acesso: 3 de maio de 2013). Como ressalva este relatório, convém ter presente que estes “campos de treino” em zonas remotas do Paquistão e do Afeganistão que muitos jovens muçulmanos frequentaram ao longo das últimas duas décadas são, com frequência, apenas grupos de pessoas que se reúnem em locais de difícil deteção a fim de conduzirem as suas atividades. *Id.*, p. 20.

## **7. As fases do Jihadismo global na Europa**

### **7.1. Questões introdutórias**

O Jihadismo global na parte ocidental da Europa caracteriza-se pela fragmentação, sendo composto por vários grupos, células e indivíduos, os quais partilham da mesma ideologia. Embora seja possível retirar ilações sobre as motivações daqueles que aderem ao Jihadismo através dos seus comunicados que circulam na Internet, das declarações feitas por aqueles que conspiram para cometer atos de terrorismo e das escolhas dos jihadistas no que se refere aos seus alvos e palcos onde desenvolvem o seu ativismo, nem sempre é possível avaliar com rigor este conjunto de atividades e manifestações radicais.

Ao longo dos últimos anos, os incidentes relacionados com Jihadismo tiveram consequências relevantes para as relações entre diferentes comunidades étnicas e religiosas. As pessoas envolvidas nestas conspirações apresentam uma rede de ligações sociais nem sempre fáceis de identificar e têm um conjunto complexo de motivações. A razão que conduz alguns indivíduos ao ativismo num determinado momento, e a razão pela qual optam por uma determinada tática em detrimento de outras opções disponíveis são evidentes em alguns casos, mas não noutras situações. Assim, temos de considerar algumas questões.

Primeiro, considerando a variedade e diversidade de comunidades muçulmanas na Europa torna-se difícil falar de processo de radicalização: o mais correto será falar no plural já que diferentes processos decorrem em diferentes países, atendendo às características das comunidades em questão e às condições existenciais em cada um desses países.

Segundo, estes processos também variam de acordo com o período histórico, pelo que alguns fatores podem desempenhar um papel mais determinante num momento do que noutro. Assim, não é possível explicar o ativismo jihadista da mesma maneira ao longo do tempo.

Terceiro, o caso da Europa evidencia como nem sempre a radicalização conduz necessariamente a atos terroristas e que um radical não se transforma inevitavelmente num terrorista. Assim, temos de incluir na nossa análise quer episódios de violência, quer formas de ativismo não violento que possam constituir um incentivo ao terrorismo ou uma base de recrutamento para redes extremistas. Estes apresentam diferentes dinâmicas, mas considerados em conjunto permitem obter uma perspetiva mais completa do

fenómeno a nível europeu. Esta observação tem, ainda, uma segunda dimensão: para que a radicalização se traduza em conspirações jihadistas muitas vezes é necessário uma estrutura, formal ou informal, que sirva de veículo para o ativismo violento.

Em quarto lugar, a análise dos processos de radicalização exige estudos ao nível individual e, neste âmbito, para além das questões metodológicas já referidas, também nos deparamos com alguns constrangimentos. Como muitos autores reconhecem, os perfis jihadistas são muito diversificados e os caminhos tomados até à adoção de crenças e/ou comportamentos extremistas são variados; os fatores que conduzem à radicalização e, em especial, à radicalização violenta diferem de caso para caso. As análises de nível micro obrigam também à existência de uma amostra significativa para que seja possível proceder a uma generalização dos resultados obtidos e validar as conclusões alcançadas. Assim, o conceito de radicalização pode ter algumas limitações enquanto instrumento analítico, sendo fundamental a sua compreensão num contexto. Vários autores têm empreendido esforços no sentido de construir modelos da radicalização islamista na Europa, mas, em última análise, aqueles têm-se revelado insatisfatórios.

Este capítulo tem como objetivo caracterizar o Jihadismo global em solo europeu. Assim, vamos definir e caracterizar os atores jihadistas globais na Europa e, através da análise das características das várias conspirações e atentados jihadistas, da sua distribuição temporal e espacial, vamos traçar o desenvolvimento do fenómeno e as principais tendências observadas. Com base na análise feita, argumentamos ser possível distinguir três fases na evolução da militância jihadista europeia, cada uma das quais com características e dinâmicas de mobilização próprias. Nos capítulos seguintes, oferecemos possíveis explicações para esta evolução, à luz dos contextos internacionais e locais e da evolução ideológica e estratégica das organizações transnacionais.

## 7.2. Delimitação e explicação do objeto de estudo: o *milieu* jihadista europeu

Em primeiro lugar, devemos estabelecer e enquadrar o objeto de estudo em solo europeu. O Jihadismo global na Europa tem algumas dinâmicas específicas e varia de acordo com os cenários nacionais, o que complica a formulação de políticas de contraradicalização e contraterrorismo. Neste território, é possível identificar um conjunto de atores que partilham da ideologia salafista jihadista, participam em ações de propaganda, apoiam de modo declarado as estratégias e táticas das organizações jihadistas transnacionais e alguns conspiram para cometer atos de terrorismo. Contudo, no interior

da Europa estes têm diferentes modos de atuação. O meio jihadista europeu é complexo e composto por vários tipos de atores. Em primeiro lugar, existem os militantes sunitas que se envolvem em conspirações para conduzir atentados terroristas neste território ou fora deste, contra alvos ocidentais. Muitos destes nasceram, foram criados ou são detentores de estatuto de residente de longa duração neste continente.<sup>931</sup>

A compor este *milieu* radical existem outro tipo de atores, cuja designação e caracterização do seu modo de atuação causam controvérsia, mas que são parte essencial deste meio social.<sup>932</sup> Estes indivíduos e estruturas são responsáveis por alimentar uma cultura radical, incentivam ações violentas, podem servir de apoio logístico a células com carácter operacional e, em alguns casos, têm ligações a indivíduos ou organizações jihadistas no mundo muçulmano. Estes partilham com os indivíduos que se tornam terroristas as mesmas crenças e perspetivas políticas, concedendo apoio moral e político às ações daqueles. Apesar da dificuldade frequente que existe em ligar estes indivíduos a conspirações concebidas ou conduzidas na Europa, em termos legais, a linha que separa estes indivíduos do terrorismo pode ser ténue. Em termos teóricos, este tipo de grupos alimenta a discussão em torno da utilidade ou exequibilidade em distinguir entre radicalização e radicalização violenta.<sup>933</sup>

A dificuldade em caracterizar estes grupos pode começar na sua conceptualização. Alguns autores classificam estas estruturas de redes ativistas da *da'wa*, destacando a faceta principal do seu modo de atuação;<sup>934</sup> outros referem-se àquelas como organizações islamistas semi-radicais, pois “falam muito, mas abstêm-se da violência, embora existam exemplos de apoiantes que enveredaram pela violência”;<sup>935</sup> outros autores defendem que estas são parte essencial do *milieu* jihadista, consistindo em portas de entrada para aquele mundo e oferecendo oportunidades para estabelecer ligações com a *jihad* violenta;<sup>936</sup>

---

<sup>931</sup> De acordo com a diretiva 2003/109/CE da UE, tem estatuto de residente de longa duração os “nacionais de países terceiros que tenham residência legal e ininterrupta no território de um dos países da UE durante um período de cinco anos.” Diretiva 2003/109/CE do Conselho, de 25 de novembro de 2003, relativa ao estatuto dos nacionais de países terceiros residentes de longa duração, <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=uriserv:l23034> (data de último acesso: 23 de abril de 2015).

<sup>932</sup> Para o conceito de *milieu* radical ver Stefan Malthaner and Peter Waldmann (eds.), *Radikale Milieus: Das Soziale Umfeld Terroristischer Gruppen*, Frankfurt am Main, Campus Verlag, 2012.

<sup>933</sup> Se Bartlett, Birdwell e King defendem a utilidade em distinguir entre radicalização e radicalização violenta (Bartlett, Birdwell e King, *op. cit.*), para Schmid a ideia de que alguém possa ter crenças extremistas sem ter inclinação para recorrer a métodos extremistas para as concretizar quando a oportunidade surgir “é naive e perigosa”. Para este autor, “o extremismo islamista é um fenómeno unitário, onde o extremismo violento e não violento constituem dois lados da mesma moeda”. Alex P. Schmid, *Violent and Non-Violent Extremism: Two Sides of the Same Coin?*, ICCT Research Paper, International Centre for Counter Terrorism, The Hague, May 2014, p. 20.

<sup>934</sup> Martijn De Koning et al., *Eilanden In Een Zee Van Ongeloof – Het Verzet Van Activistische Da'wa-Netwerken in België, Nederland en Duitsland*, IMES Series Report, December 2014. Os Serviços de Informação da Holanda chamam a este fenómeno *da'wa* radical. Ver General Intelligence and Security Services (AIDV), *The Radical Dawa in Transition*.

<sup>935</sup> Nesser, *Jihad in Europe*, p. 85; Petter Nesser, “Jihad in Europe: Recruitment for Terrorist Cells in Europe”, in Bokhari et al., *Paths to Global Jihad*, p. 13.

<sup>936</sup> Peter R. Neumann and Ryan Evans, “Operation Crevice in London”, in Bruce Hoffman and Fernando Reinares (eds.), *op. cit.*, p. 65.

outra opinião é que este tipo de grupos oferecem algo “entre a violência do Jihadismo global e o proselitismo de grupos ativistas islamistas.”<sup>937</sup> Para distinguir estes atores daqueles que enveredam pela violência, nesta tese designamos estas estruturas de pró-jihadistas, devido às ideias que defendem e à sua propaganda ativa em favor da *jihad* violenta.

Este tipo de grupos tem uma presença especialmente forte no Reino Unido desde meados dos anos de 1990, mas, ao longo da última década, e em especial a partir de 2009, assistimos ao surgimento de redes semelhantes em vários países europeus. Entre os grupos salafistas radicais pertencentes a esta galáxia destacamos os britânicos *al-Muhajiroun* e os *Supporters of Sharia*, fundados respetivamente por Omar Bakri Mohammed e pelo clérigo Abu Hamza al-Masri;<sup>938</sup> o *Millatu Ibrahim, Die Wahre Religion* e *Dawa FFM*, na Alemanha; aquilo que podemos denominar o universo organizacional *Sharia4* em vários países europeus, ou seja, o *Sharia4Belgium*, *Sharia4Holland*, *Sharia4Denmark*, *Sharia4Spain*, *Sharia4Italy* e *Sharia4Poland*; o *Forsane Alizza*, em França (também conhecido por *Sharia4France*); o *Prophet's Umma*, na Noruega; e *Street Dawah*, na Holanda. O modo como os vários países lidam com estas estruturas no seu território reflete as diferentes conceções de radicalização que aqueles utilizam e as diferentes abordagens políticas e securitárias à ameaça do Islamismo radical.

### 7.3. As fases do Jihadismo global na Europa

No capítulo introdutório desta parte da dissertação descrevemos os primórdios do Jihadismo no continente europeu na última década do século passado, desde a altura em que a Europa servia de base de apoio a insurreições no mundo muçulmano até se ter transformado numa plataforma fornecedora de combatentes a conflitos como aqueles que aconteceram na Bósnia e na Chechénia. Nessa altura não era ainda possível falar em Jihadismo global, pois as atividades islamistas neste território eram motivadas por questões nacionalistas e irredentistas e a Europa, podendo causar repulsa e rejeição pelo seu passado colonial e por algumas das normas e valores que regem as suas sociedades, não era considerada inimiga.

---

<sup>937</sup> Brachman, *Global Jihadism*, p. 171.

<sup>938</sup> Abu Hamza foi o imã da mesquita de Finsbury Park, também conhecida por North London Mosque, entre 1997 e 2003. Sob sua alçada esta tornou-se um importante centro de radicalização, recrutamento e planeamento de atividades relacionadas com terrorismo, pelo que na literatura sobre o tema é frequente apenas a referência à rede de Abu Hamza. (Ver Taarnby, *Recruitment of Islamist terrorists in Europe*, p. 41.) O grupo de Abu Hamza atraiu principalmente indivíduos com raízes no Norte de África, enquanto os seguidores de Abu Bakri Mohammed eram sobretudo de origem paquistanesa. Contudo, as ideias pregadas pelos dois eram idênticas, pelo que entre os dois grupos existiam pontos de contacto e fronteiras porosas.

O Jihadismo global neste continente passou por várias fases. Estas estão relacionadas com a evolução ideológica, estratégica e estrutural da comunidade jihadista a nível global, mas também com transformações ocorridas a nível europeu, as quais estão relacionadas com o ambiente político, social e cultural. Com base nas evidências reunidas sobre as conspirações e atentados ocorridas em solo europeu desde 1998 e suas motivações (quando conhecidas), identificamos três fases da militância islamista global na Europa e, apesar de não se ter verificado uma rutura entre aquelas, cada uma apresenta características específicas. Contudo, devemos reter que os incidentes relacionados com Jihadismo global no interior da Europa são um dos indicadores que permitem avaliar o nível e o tipo de ameaça que cada país enfrenta; para uma visão mais completa e a longo-prazo devemos considerar, por exemplo, os indivíduos que regressam aos seus países após um período junto de organizações jihadistas; os simpatizantes destes grupos na Europa; os indivíduos que promovem ideias extremistas e incitam à violência no mundo real ou virtual; e aqueles que são responsáveis por transações financeiras que beneficiam ações terroristas.

### 7.3.1. 1998 – 2003: difusão ideológica e contenção comportamental

A primeira fase decorreu entre 1998 e 2003. Esta fase é caracterizada pelo predomínio ideológico e social dos militantes árabes, muitos deles com ligações à al-Qaeda. Muitos tinham participado na luta afegã contra os Soviéticos, enquanto outros tinham frequentado os campos de treino instalados no Afeganistão ao longo da década de 1990.<sup>939</sup> Estes veteranos tornaram-se líderes dos islamistas radicais na Europa ou, tendo contribuído para o estabelecimento das redes da *jihad* global neste território, ocuparam posições de intermediários entre aquelas e as infraestruturas externas do Jihadismo global.<sup>940</sup> De igual modo, aqueles contribuíram para a radicalização de muitos jovens muçulmanos europeus e alguns assumiram também a função de guias religiosos, como aconteceu com Abu Qatada al-Filistini e Abu Hamza al-Masri.

Após 1998, ano da *Declaração de Jihad contra Judeus e Cruzados*, alguns indivíduos tentam cooptar as estruturas jihadistas já existentes na Europa e as redes de

---

<sup>939</sup> Petter Nesser, “How Did Europe’s Gopal Jihadis Obtain Training for Their Militant Causes?”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 20, n.º 2, 2008, p. 235; Jarret Brachman, *Global Jihadism*, p. 8.

<sup>940</sup> Por norma, podemos definir estes intermediários (*middle managers*) como uma espécie de tecnocratas, os quais desenvolvem atividades relacionadas com o recrutamento, treino, expedição/envio dos voluntários jihadistas e fornecedor de material logístico; em alguns casos, estes também se debruçam sobre questões estratégicas.

apoio aos conflitos externos. Estas tentativas aconteceram, por exemplo, com as infraestruturas da *Jamaat Islamiyya*, da *al-Jihad*, do GIA e, posteriormente, do GSPC, as quais alimentaram as redes da al-Qaeda na Europa.<sup>941</sup> Várias conspirações descobertas entre 1998 e 2001 evidenciam a sobreposição de lealdades quer a estruturas nacionalistas como o GIA ou o GSPC, quer a elementos ligados à al-Qaeda. Durante este período, o Jihadismo na Europa ainda se manifestava na sua forma clássica, mas com a consolidação da sua dimensão global passaram a coexistir estruturas com agendas locais e redes que defendiam propósitos estratégicos globais.<sup>942</sup> Algumas células tinham motivações nem sempre claras, conspirando para atingir simultaneamente alvos americanos e israelitas de acordo com a ideologia global da al-Qaeda; e alvos franceses ou russos devido à sua herança argelina ou à identificação com a causa chechena.<sup>943</sup>

Com efeito, até 2002, verificou-se uma gradual transformação das estruturas jihadistas na Europa, as quais começaram a alterar as suas estratégias, alvos e objetivos. Apesar das visões negativas que tinham da Europa devido às Cruzadas, ao passado colonial e ao secularismo que caracterizava a sociedade, a ideia de atacar alvos europeus era causadora de algumas fricções entre líderes e ideólogos jihadistas: a nível ideológico aquela era uma ideia controversa, carecendo de legitimidade; a nível estratégico, tal ação dependia dos recursos existentes, tinha custos elevados associados (ações punitivas por parte dos governos) e não trazia benefícios evidentes. Nesta altura, a Europa não era ainda alvo legítimo da luta jihadista transnacional, embora fosse palco da guerra global da al-Qaeda contra os símbolos e as infraestruturas dos EUA e de Israel.

Durante esta fase, clérigos como Abu Hamza, Abu Qatada, Omar Bakri Mohammed e Abdullah al-Faisal promoviam, a partir de Londres e de forma mais ou menos pública, campanhas de violência noutras regiões, procurando radicalizar e mobilizar jovens muçulmanos, enquanto transmitiam uma mensagem de rejeição das sociedades europeias e do Ocidente. Estes tentavam manipular e instrumentalizar os temas e as tensões sociais que afetavam os Muçulmanos europeus, as frustrações e as

---

<sup>941</sup> Beneficiando do clima de ruptura entre os jihadistas do GIA, a al-Qaeda tentou recrutar Argelinos residentes na Europa e as suas redes de apoio. Para mais informações sobre os islamistas egípcios na Europa durante a década de 1990 ver Brachman, *Global Jihadism*, pp. 165-166.

<sup>942</sup> Apesar da existência de redes de apoio na Europa do GSPC à al-Qaeda, Hassan Hattab, o líder do grupo até 2003, priorizava a luta argelina e não ataques contra este continente.

<sup>943</sup> Ver anexo, sobretudo a caracterização das designadas célula Abu Doha, célula de Frankfurt e rede chechena. Abu Doha era um dos líderes principais do GSPC, mas teria ligações ao núcleo central da al-Qaeda, recrutando indivíduos para campos de treino no Afeganistão e no Paquistão. Em troca de apoio logístico e financeiro, a sua rede deveria executar ataques terroristas na Europa em nome da al-Qaeda. A célula de Frankfurt era composta por extremistas argelinos. Embora tivesse sido ordenado a esta célula para conduzir ataques contra alvos americanos e israelitas (o que a al-Qaeda definiu como seus inimigos principais), os seus membros escolheram atacar alvos franceses – a Catedral e o mercado de natal de Estrasburgo –, de acordo com a sua própria perceção de inimigo.



questões identitárias dos jovens que se sentiam vítimas de exclusão e sem oportunidades. Em simultâneo, estes clérigos viam os conflitos no mundo muçulmano – como a questão palestina, a Chechénia, o Kosovo, Caxemira – como uma oportunidade para difundirem as ideias do Salafismo jihadismo e reunirem seguidores, com base numa suposta relação entre as condições e problemas sociais enfrentados pelos Muçulmanos europeus e as injustiças sofridas pelos Muçulmanos noutras partes do globo. Contudo, estes evitavam apelar à violência no interior das sociedades europeias.

Embora nesta fase as iniciativas de recrutamento partissem de facilitadores – ou o que vários autores chamam de *entrepreneurs*<sup>944</sup> –, ou seja, indivíduos com ligações a organizações jihadistas externas, como Djamel Beghal e Abu Doha, também é possível observar a adesão espontânea daqueles que se identificavam com as ideias difundidas por estes pregadores radicais. Assim, a questão da radicalização doméstica está presente no Jihadismo europeu desde o seu início, assim como o fenómeno dos convertidos.<sup>945</sup> De igual modo, demonstrando a importância dos laços sociais no recrutamento para o Jihadismo, existem numerosos exemplos da adesão ao movimento através das ligações sociais ou das relações de parentesco.<sup>946</sup>

A resposta aos ataques de 2001 e a campanha da Guerra Global ao Terror contribuíram para colocar a Europa na mira dos jihadistas globais, como comprova o aumento das ameaças dirigidas aos países que participaram nas coligações que se seguiram àquele acontecimento. Para além do apoio a células já existentes em solo europeu, a al-Qaeda tenta criar células dirigidas por elementos seus no Afeganistão. Em outubro de 2002, al-Zawahiri ameaça diretamente dois países europeus – França e Alemanha –, aos quais avisa para sair do mundo muçulmano.<sup>947</sup> Com efeito, o número de incidentes aumentou após aquele ano, o que pode ser indicativo do aumento da militância, assim como da importância da Europa para a estratégia dos jihadistas. Entre 2001 e 2003, a conceção de ataques no interior de Itália, Alemanha e França, sobretudo contra alvos fora do seu território ou interesses internacionais, mostra a existência de importantes estruturas e células de apoio nestes países.<sup>948</sup> Porém, para compreender o aumento da

---

<sup>944</sup> Para o papel desempenhado pelos *entrepreneurs* ver Taarnby, *Recruitment of Islamist Terrorists in Europe*, pp. 21-23; Nesser, “Joining jihadi terrorist cells in Europe”, in Ranstorp (ed.), *Understanding Violent Radicalisation*, pp. 92-93.

<sup>945</sup> Ver, por exemplo, o caso dos irmãos Courtailler.

<sup>946</sup> Por exemplo, a rede Beghal e a rede chechena.

<sup>947</sup> Para excertos do comunicado de al-Zawahiri ver Hegghammer, *Dokumentasjon Om Al-Qa'ida*, pp. 184-185.

<sup>948</sup> Em Itália foram concebidas cinco conspirações, sobretudo, para atacar alvos dos EUA e da NATO; a Alemanha foi palco da preparação de cinco atentados, sendo uma delas os próprios ataques de setembro de 2001, mas apenas num caso é que os alvos estavam no interior do próprio país; na França conceberam-se três conspirações, mas só num dos casos é que os alvos eram franceses.

ameaça à Europa devemos também considerar as medidas colocadas em prática nos EUA, as quais tornaram aquele país num alvo mais difícil de atingir.

Durante estes anos, era possível identificar a existência de células jihadistas com uma estrutura mais ou menos hierárquica, onde cada indivíduo desempenhava uma função específica, a qual determinava o seu papel e estatuto. Estas eram constituídas por elementos de diferentes meios, com formação variada e de várias nacionalidades, muitos dos quais mantinham vínculos a indivíduos ligados a grupos islamistas do Norte de África ou noutros países da Europa, o que era vital para facilitar a sua deslocação no espaço europeu.<sup>949</sup> As células tinham membros formais e afiliados, os quais cumpriam funções de apoio às atividades do núcleo da célula. Alguns indivíduos estavam ligados a várias células e conspirações, evidenciando a importância dos aspetos organizacionais e das relações pessoais no panorama jihadista europeu nesta fase.<sup>950</sup> Estas ofereciam objetivos e propósitos comuns, assim como uma identidade partilhada. Esta primeira geração de militantes tem em atenção questões securitárias, evitando colocar os seus planos em risco, e recorrem ao fabrico de bombas caseiras e ao uso de substâncias tóxicas, nomeadamente em conspirações descobertas no Reino Unido, França e Itália.

### 7.3.2. 2003 – 2011: radicalização ideológica e ativismo de alto-risco

A segunda fase do Jihadismo na Europa, durante a qual a Europa se tornou alvo dos jihadistas globais, foi marcada pelo conflito no Iraque e, a nível interno, pela ocorrência de várias crises, sobretudo a crise dos *cartoons* dinamarqueses. Estes eventos foram interpretados como uma confirmação das injustiças cometidas pelo Ocidente contra os Muçulmanos, contribuindo para a disseminação de visões e ideias de carácter extremista, e permitindo à al-Qaeda encontrar novos recrutas para as suas fileiras. Alguns destes consideraram mesmo ser uma obrigação agir para defender os seus irmãos de fé, no interior da Europa ou em palco externos de conflito. Assim, as várias conspirações e os ataques contra a Europa e interesses europeus são justificados como sendo uma retaliação pelos crimes cometidos pelos países europeus contra os Muçulmanos, em terras muçulmanas, assim como no interior deste continente.

---

<sup>949</sup> Um exemplo deste carácter multinacional de algumas células é a al-Tawhid, na Alemanha. Ver Nesser, “How Did Europe’s Global Jihadis Obtain Training for Their Militant Causes?”, p. 238.

<sup>950</sup> Ver o anexo para as evidências que apoiam esta afirmação, nomeadamente a rede de Djamel Beghal, a célula de Frankfurt responsável pela conspiração de Estrasburgo, a célula al-Tawhid, a rede de Abu Dahdah em Espanha e a própria célula responsável pelos ataques de Madrid de 2004. Nesta fase, Beghal era uma figura central, estando ligado a várias redes.

No testamento em vídeo de Muhammed Siddique Khan, um dos bombistas de Londres em 2005, aquele traduziu as suas motivações nos seguintes termos: “Os *vossos governos* eleitos democraticamente continuam a perpetrar atrocidades contra o *meu povo*, em todo o mundo. E o vosso apoio àqueles torna-vos diretamente responsáveis, tal como eu sou responsável por proteger e vingar *os meus irmãos e irmãs muçulmanas*. [...] Estamos em guerra e eu sou um soldado.”<sup>951</sup> Além de identificar a motivação para os seus atos, esta declaração traduz um sentimento que afeta muitos Muçulmanos europeus: a não identificação com o local onde nascem e/ou crescem, o qual é definido como o inimigo e os seus povos como cúmplices dos crimes cometidos contra Muçulmanos, e a partilha de uma identidade baseada na pertença à *ummah*.

Refletindo os debates estratégicos entre a comunidade internacional de jihadistas, nesta fase verifica-se quer a deslocação de jihadistas europeus para conflitos a decorrer em países muçulmanos, quer a decisão estratégica por parte de alguns indivíduos de iniciar a *jihad* no interior da Europa. Com efeito, verifica-se a consolidação da ideologia da *Jihad* global promovida pela al-Qaeda ao se justificar a morte de civis na Europa como decorrendo do apoio destes às ações dos seus governos contra o mundo islâmico. Ultrapassando algumas das restrições anteriores, alguns ideólogos preocuparam-se em fornecer justificações para atacar em solo europeu e, na Internet, circularam vários documentos de natureza estratégica onde se teciam considerações que incentivavam tais ações.<sup>952</sup>

A prossecução de atentados neste território visava não apenas aproveitar supostas fraquezas a nível de segurança e vigilância, mas também instigar a ideia de confronto entre comunidades; obrigar os governos que tinham enviado tropas para o Afeganistão e Iraque a retirar os seus contingentes daqueles cenários de conflito sob pressão popular; fazer propaganda e divulgar os ideais jihadistas. As ações das autoridades em vários países acabariam por lançar para a clandestinidade as atividades jihadistas e fragmentar o movimento, o qual tomou um rumo mais independente.

Ao longo desta fase ocorreram importantes transformações no Jihadismo europeu, em resultado de fatores nacionais e internacionais e dos desenvolvimentos que afetaram o movimento global. Tal tem impacto na atuação e composição das células jihadistas, as

---

<sup>951</sup> House of Commons, *Report of the official account of the bombings in London on 7th July 2005*, p. 19. Itálico adicionado pela autora.

<sup>952</sup> Por exemplo, o documento da Abu Hafs al-Masri Brigades, *The Roadmap for the Mujahideen* ou o texto *Jihadi Iraq – Hopes and Risks: Analysis of the Reality, Overview of the Future and Practical Steps on the Way of the Blessed Jihad*, (www.mil.no/multimedia/archive/00038/\_Jihadi\_Iraq\_\_Hopes\_\_38063a.pdf), com data de julho de 2003, analisado por Brynjar Lia e Thomas Hegghammer. Estes autores defendem que este oferece a lógica estratégica na base dos ataques de Madrid. Ver Lia e Hegghammer, “Jihadi Strategic Studies: The Alleged Al Qaida Policy Study Preceding the Madrid Bombings.”

quais passam a incluir um leque mais abrangente de nacionalidades, nomeadamente Paquistaneses, e muitos convertidos, quais constituem uma vantagem tática para as organizações que pretendem atingir a Europa. Até 2003, a ameaça tinha essencialmente raízes fora do continente, e era dirigida por elementos com ligações às redes internacionais da *jihad*. Com o assassinato de Theo Van Gogh, em 2004, e o atentado de Londres, em 2005, constatou-se que o perigo jihadista passou a ter, também, uma origem interna, sendo produto da radicalização de indivíduos nascidos ou criados nas sociedades europeias, ligados por relações de parentesco ou de amizade.<sup>953</sup> As relações sociais e a propaganda obtida através da Internet, onde a *jihad* é retratada como uma aventura e o caminho para a glória e os veteranos de conflitos são descritos como modelos de comportamento a seguir, ganham proeminência no processo de radicalização e no envolvimento em atividades jihadistas de indivíduos mais jovens do que a geração que antecedeu setembro de 2001.<sup>954</sup> Tal não exclui, porém, a participação de elementos mais velhos neste tipo de atividade, como é o caso da célula que engendrou o atentado falhado de Oslo, em 2010, e a célula que pretendia atacar alvos em Copenhaga relacionados com as caricaturas de Maomé, descoberta em outubro de 2009, nos EUA.<sup>955</sup> Se compararmos os dados relativos às detenções por crimes relacionadas com terrorismo ao longo destes anos constatamos que os indivíduos mais jovens se dedicam sobretudo à produção e disseminação de propaganda, enquanto uma geração mais velha fica encarregue de questões de financiamento e atividades relacionadas com treino terrorista.<sup>956</sup>

Alguns autores defendem que estas atividades, às quais se convencionou designar de terrorismo doméstico, são uma evidência de que o enfraquecimento operacional das redes transnacionais da *jihad* não impediam o *milieu* radical de continuar a prosperar na Europa.<sup>957</sup> A ameaça, contudo, revelar-se-ia mais complexa do que o pressuposto dos indivíduos auto-radicalizados e organizados de modo independente e a nível local deixa

---

<sup>953</sup> Bakker, *Jihadi Terrorists in Europe*, pp. 52-53.

<sup>954</sup> Ver, por exemplo, Javier Jordán e Manuel R. Torres, “El Yihadismo en Europa: tendencias y evolución”, *VII Congreso Español de Ciencia Política y de la Administración*, Madrid, 21-23 septiembre 2005; Lorenzo Vidino, “The Hofstad Group: The New Face of Terrorist Networks in Europe”, *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 30, n.º 7, 2007, pp. 579-592. O estudo de Bakker conclui que os jihadistas analisados e dos quais obteve dados relativos à data de nascimento tinham uma média de idades de 27,3 anos. (Bakker, *Jihadi Terrorists in Europe*, p. 41). De acordo com os dados reunidos com a Europol, em 2007, a média de idade dos detidos por ofensas relacionadas com terrorismo islamista era de 33 anos. Em 2010, a idade baixou para 32 anos e em 2011 era 30 anos. Em 2012, a idade média era 25 anos. (Europol, *TE-SAT 2008: EU Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2008, p. 20; Europol, *TE-SAT 2013: EU Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2013, p. 17.) Scott Atran em “Who Becomes a Terrorist Today?” realça a importância da cultura juvenil, do acesso à Internet e das relações sociais na mobilização para o Jihadismo. Também Sageman salienta a importância do grupo e a necessidade de impressionar os amigos, mostrando coragem e heroísmo, como motivação para aderir ao Jihadismo. (Marc Sageman, *Radicalisation of Global Islamist Terrorists*, Testimony to the U.S. Senate Homeland Security and Governmental Affairs Committee, Washington, DC, 2007.)

<sup>955</sup> Para uma análise detalhada da conspiração de Oslo, ver Petter Nesser e Brynjar Lia, “Lessons Learned from the July 2010 Norwegian Terrorist Plot”, *CTC Sentinel*, vol. 3, n.º 8, Combating Terrorism Center at West Point, August 2010, pp. 13-17.

<sup>956</sup> Europol, *TE-SAT 2009*, p. 19.

<sup>957</sup> Por exemplo, Sageman, *Leaderless Jihad*, pp. 133-136; Precht, *Homegrown terrorism and Islamist radicalisation in Europe*; Vidino, “The Hofstad Group: The New Face of Terrorist Networks in Europe”.

anter, já que muitos daqueles procuraram ativamente ligações a grupos em zonas de conflito, e as redes de recrutamento *top-down* nunca desapareceram totalmente, como a célula responsável pelo ataque de Madrid e as redes de recrutamento para o conflito iraquiano comprovam.<sup>958</sup>

É possível identificar dois períodos, durante os quais as ameaças da al-Qaeda e grupos afiliados ou associados a esta são especialmente intensas. Entre 2003 e outubro de 2005, as autoridades descobrem várias conspirações para atacar a Europa, as quais estão relacionadas com alterações estratégicas motivadas pelo conflito no Iraque e pela evolução da situação no Afeganistão. Entre 2006 e o final de 2008, apesar da narrativa sobre a decadência da al-Qaeda ganhar força, o ativismo jihadista voltou a aumentar, correspondendo à complexificação da situação no Afeganistão, à crescente mobilização de ocidentais para as regiões tribais do Paquistão, sobretudo oriundos do Reino Unido e da Alemanha, e ao aumento das ameaças contra os respetivos países. A partir daquele ano, a al-Qaeda iniciou uma campanha de relações públicas, com recurso a indivíduos familiarizados com o Ocidente e à tradução de textos e declarações em língua inglesa, alemã e outras línguas ocidentais, visando atrair jovens para o movimento. De igual modo, começou a apelar a ataques individuais neste território.<sup>959</sup>

Ao longo desta fase, a Europa, e em especial os países que participaram nas coligações formadas para invadir o Afeganistão e o Iraque, elevaram o seu estatuto internacional e tornaram-se alvo dos jihadistas globais. O Reino Unido, país que desempenhou um importante papel como aliado dos EUA na Guerra ao Terror, foi o mais afetado por conspirações, apesar das ações das autoridades e do desaparecimento público dos pregadores que tinham dominado o panorama jihadista na fase anterior. A maioria das conspirações planeadas neste país tinha uma raiz doméstica, embora alguns dos seus elementos tenham recebido treino terrorista, em especial no Paquistão, país de origem das famílias de muitos destes indivíduos.<sup>960</sup> Seguiram-se a Alemanha, sobretudo após 2006, quando o país aumentou a sua contribuição para as forças da NATO no Afeganistão;<sup>961</sup> a

---

<sup>958</sup> Um dos principais canais de recrutamento de voluntários para o conflito iraquiano da década passada foi a AQMI e sobretudo o seu antecessor, o GSPC. Se Nabil Sahaoui, líder desta organização entre 2003 e 2004, disse apoiar a al-Qaeda na sua luta contra os EUA e aliados, aquele também defendeu que a questão argelina tinha prioridade em relação ao inimigo longínquo. Em 2004, Abdelmalik Droukdel assume a liderança da organização e estabelece ligações à AQI, enviando combatentes do Norte de África e das comunidades europeias para aquele palco. Assim, se existem poucas conspirações atribuídas à AQMI em solo europeu, este grupo e o seu antecessor foram importantes para canalizar combatentes para o conflito iraquiano da década passada.

<sup>959</sup> Europol, *TE-SAT 2007: EU Terrorism and Trend Report 2007*, The Hague, March 2007, p. 25; Europol, *TE-SAT 2008*, p. 22.

<sup>960</sup> Este elemento revela uma descontinuidade com a fase anterior, a qual era sobretudo dominada por indivíduos com origem no Norte de África. Estes indivíduos de origem paquistanesa, regra geral, provinham de meios socioeconómicos mais favoráveis do que aqueles do Norte de África, como se constata pelos envolvidos na *Fertilizer bomb plot* e na *Transatlantic airline bomb plot*. Ver, por exemplo, Robin Simcox et al., *Islamist Terrorism: The British Connection*, 2<sup>nd</sup> ed., London, The Henry Jackson Society and The Centre for Social Cohesion, 2011, p. xxix.

<sup>961</sup> Steinberg, *German Jihad*, pp. 176-177.

Dinamarca, após a publicação das caricaturas de Maomé; a Espanha, devido ao apoio às coligações que invadiram o Iraque e o Afeganistão; a França, quase sempre envolvendo indivíduos com ligações a grupos jihadistas no Norte de África, onde os sentimentos antifranceses são fortes; a Itália e a Holanda.<sup>962</sup> Assim, durante esta fase observou-se não só o aumento, mas também a expansão do ativismo de alto-risco para novos territórios, alguns dos quais tinham até então estado resguardados de ameaças jihadistas, como os países nórdicos.

Os alvos preferenciais continuaram a ser os locais públicos, como os meios de transporte, edifícios governamentais e serviços do Estado. Começa também a ser notória a preferência por ataques contra figuras públicas (como caricaturistas ou políticos tidos por inimigos dos Muçulmanos), pessoal militar ou membros das forças de autoridade, o que está relacionado com o pensamento ideológico, como a tentativa de evitar fazer vítimas entre Muçulmanos e vingar supostos insultos ao Islão; questões tático-estratégicas, nomeadamente o incentivo concedido a ataques jihadistas individuais; e a necessidade de adaptação aos limites impostos por regras de segurança mais rígidas, as quais impedem ataques coordenados e muito elaborados.

A invasão e o conflito no Iraque teve um impacto importante na ameaça à Europa e no desenvolvimento do Jihadismo europeu. Vários autores consideraram-no um fator motivacional significativo para os ataques de Madrid, Amsterdão e Londres, assim como para várias conspirações mal sucedidas.<sup>963</sup> A intervenção naquele país foi condenado por todas as tendências islamistas na Europa em termos semelhantes e, durante algum tempo, substituiu a causa palestina nos discursos daquelas.<sup>964</sup> Apesar da oposição popular a este conflito em quase todos os países da Europa, a intervenção naquele território terá sido determinante para convencer alguns jovens muçulmanos de que o Ocidente estava efetivamente a travar uma guerra com o Islão e a tentar submeter o mundo muçulmano.<sup>965</sup>

---

<sup>962</sup> No caso holandês, os três incidentes ocorridos no país estavam relacionados com indivíduos pertencentes à mesma rede: o grupo Hofstad.

<sup>963</sup> Ver, por exemplo, Hegghammer, "Global Jihadism after the Iraq War"; Steinberg, *German Jihad*, p. 248; Petter Nesser, "Jihadism in Western Europe after the Invasion of Iraq: Tracing Motivational Influences from the Iraq War on Jihadist Terrorism in Western Europe", *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 29, n.º 5, 2006, pp. 323-342; Sageman, *Leaderless Jihad*, p. 139. Os perpetradores do ataque de Londres e vários outros conspiradores referiram o Iraque como motivação para as suas ações, pelo que iria contra a própria lógica do terrorismo assumir que aqueles teriam outras intenções. Com efeito, e tal como salienta Nesser, os terroristas foram bem-sucedidos ao estabelecerem uma ligação entre a questão iraquiana e a perceção das injustiças cometidas contra os Muçulmanos na Europa e a nível global

<sup>964</sup> Esta, contudo, não desaparece da retórica jihadista. Por exemplo, vários membros do grupo Hofstad, entre os quais Bouyeri, referiram a Palestina como motivação.

<sup>965</sup> Entrevista com Peter Neumann, em Londres, 27 de maio de 2008. Ver, também, Peter R. Neumann, "Europe's Jihadist Dilemma", *Survival*, vol.48, n.º 2, 2006, pp. 75-76; Precht, *Homegrown terrorism and Islamist radicalisation in Europe*, pp. 50-52. A atribuição de um papel de relevo na radicalização e mobilização de algumas faixas populacionais ao conflito no Iraque levanta alguma controvérsia. Alguns autores, como Olivier Roy, rejeitam tal asserção, assim como a ideia de que aquela guerra tenha colocado a Europa na mira dos jihadistas. (Roy, "Al-Qaeda: A True Global Movement", in Coolsaet, *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*, p. 19.) Também Tony Blair contestou a existência de uma relação entre a intervenção no Iraque e o ataque em Londres, em 2005, afirmando que os "terroristas utilizam o Iraque como desculpa" para justificar tais ações. (Mark Oliver, "Blair calls for task

A indignação levou alguns Europeus a voluntariarem-se para participar na luta contra os invasores ocidentais do Iraque, embora este número não tenha sido muito significativo. A deslocação de combatentes europeus para lutarem ao lado dos jihadistas ou para receberem treino paramilitar junto da al-Qaeda ou grupos afiliados também se verificou para a região entre o Paquistão e o Afeganistão, a qual nunca deixou de exercer atração entre esta comunidade, e para a Somália, onde muitos se juntaram à al-Shabaab.

Apesar das ações das autoridades, no final desta fase observa-se o aumento das estruturas salafistas jihadistas em vários países europeus, nomeadamente na Alemanha, Bélgica, Holanda, Noruega e França. Inspiradas pelo *al-Muhajiroun*, no Reino Unido, aquelas são responsáveis pela radicalização e mobilização de muitos jovens muçulmanos europeus para o Jihadismo. O crescimento deste tipo de grupos é uma das tendências mais importantes observadas a nível europeu e vai influenciar os desenvolvimentos da fase seguinte.

A partir sensivelmente de 2008, é possível assinalar outra evolução estratégica importante, a qual se acentuou a partir de 2010: o aumento do número de jihadistas solitários. Observamos a existência de casos de terroristas solitários na Europa,<sup>966</sup> assim como de indivíduos que agindo a solo, contaram com qualquer tipo de orientação ou colaboração por parte de uma organização ou de outros indivíduos, numa das fase de elaboração do seu plano.<sup>967</sup> Entre os fatores que podem explicar o aumento do recurso a esta estratégia está a incapacidade das organizações jihadistas dirigirem ou enviarem os seus elementos mais aptos para solo europeu a fim de desencadear operações, o que torna aceitável o recurso a indivíduos que vivem neste território.<sup>968</sup> Estes são incentivados a atacar com os meios que estiverem ao dispor, já que o único requisito para participar na *jihad* “é a vontade de dar a vida por Allah”.<sup>969</sup> Para explicar esta alteração também

---

force to combat ‘evil ideology’”, *The Guardian*, 19 July 2005, <http://www.theguardian.com/uk/2005/jul/19/politics.july72> (data de último acesso: 14 de novembro de 2005)). Outras personalidades, porém, não hesitam em atribuir a deriva de muitos jovens para o extremismo ao envolvimento de países europeus no Iraque. Por exemplo, para Stella Rimington, antiga diretora do MI5, “as pessoas entretanto detidas ou que fizeram vídeos antes de operações suicidas atribuem ao conflito iraquiano um papel significativo” no seu processo de radicalização. (Decca Aitkenhead, “Free agente”, *The Guardian*, 18 October 2008, <http://www.theguardian.com/commentisfree/2008/oct/18/iraq-britainand911> (data de último acesso: 19 de outubro de 2008)).

<sup>966</sup> Ver, por exemplo, o caso de Roshonara Choudhary, a qual em maio de 2010 atacou um membro do parlamento britânico após alegadamente ter-se sentido inspirada pelos sermões de al-Awlaki obtidos através da Internet. Vikram Dodd, “Roshonara Choudhary: Police interview extracts”, *The Guardian*, 3 November 2010, <http://www.theguardian.com/uk/2010/nov/03/roshonara-choudhary-police-interview> (data de último acesso: 4 de novembro de 2010).

<sup>967</sup> Ver, por exemplo, os casos de Mohammed Gelle, em janeiro de 2010, o qual tinha ligações à al-Shabaab; Rajib Karim, em fevereiro de 2010, o qual tinha recebido instruções de al-Awlaki para conduzir um atentado; e Taimour Abdulwaha al-Abdaly, em dezembro de 2010, o qual teria frequentado um campo de treino no Iraque.

<sup>968</sup> Esta incapacidade fica a dever-se à crescente utilização dos *drones* e à entrada do exército paquistanês nas áreas tribais do país, diminuindo as opções da al-Qaeda. Nesta fase, a AQI também se encontra em decadência.

<sup>969</sup> Ver o artigo (já mencionado) da revista da AQPA, “Interview with Shaykh Abu Basir”, *Inspire*, p. 17. Veja-se como no segundo número da *Inspire*, o autor de um dos artigos apela aos Muçulmanos de vários países ocidentais que transformem os seus veículos (referindo especificamente carrinhas *pickup*) em “máquinas de cortar relva... mas para cortar os inimigos de Allah.” Os leitores são aconselhados a escolherem cuidadosamente o local e momento para o ataque, devendo dar preferência a “locais apinhados de gente... locais estreitos, pois dão menos oportunidades para as pessoas fugirem, e evitar locais onde outros veículos possam interceptar” a

contribuiu o crescente recurso à Internet por parte dos jihadistas, e o surgimento de uma nova geração de pregadores radicais conhecedores do mundo ocidental, os quais utilizam de modo eficiente os novos meios de comunicação para apelarem e legitimarem a ideia de *jihad* individual no Ocidente. Anwar al-Awlaki é o caso mais emblemático desta geração e a *Inspire*, publicada pela AQPA, a partir de 2010, faz repetidos apelos a esta forma de terrorismo individual contra os países ocidentais, colocando em prática a teoria de al-Suri sobre a descentralização da *jihad*. Entre 2010 e 2012, identificamos pelo menos quatro casos em que é possível estabelecer uma relação entre o indivíduo que procurou conduzir o atentado e o material ideológico de al-Awlaki, o qual terá servido de inspiração.<sup>970</sup>

Em 2009, verifica-se um decréscimo do número de conspirações na Europa, o que alguns autores atribuíram à profunda crise estrutural e existencial que afetava o núcleo da al-Qaeda e suas redes na Europa, e à perda de atratividade do Jihadismo.<sup>971</sup> Esta diminuição coincide com o interesse renovado por parte de grupos ligados à al-Qaeda, em especial a AQPA e grupos paquistaneses, em atingir o território dos EUA.<sup>972</sup>

Ainda assim, em 2010 foi possível contabilizar um novo aumento das conspirações para cometer atos terroristas na Europa. Nesse ano, dos 179 detidos por ofensas relacionadas com terrorismo jihadista, 89 daqueles foram por tentativa de

---

operação, concluindo que “a localização ideal é um lugar onde há um número máximo de peões e o menor número de veículos.” O autor sugere, ainda, que caso o leitor tenha acesso a armas, deve levá-las com ele para “terminar o trabalho caso o veículo fique imobilizado”, e que dada a dificuldade em fugir do local esta deve ser encarada como uma operação de martírio. Ibrahim, “The Ultimate Mowing Machine”, *op. cit.*, p. 54.

<sup>970</sup> Ainda assim, é bastante difícil estabelecer um nexo de causalidade inequívoco entre a exposição a este material e a elaboração de um atentado, sem atendermos a outros fatores que dizem respeito à vida do perpetrador.

<sup>971</sup> Gerges, *The Rise and Fall of al-Qaeda*, pp. 164-165.

<sup>972</sup> O interesse em atacar os EUA no seu território pode ter um conjunto de motivações: pode ser uma tentativa de explorar a crise financeira e económica e a diminuição dos recursos financeiros destinados à luta contra o terrorismo; a crença que a mentalidade americana era então menos resiliente do que na era imediatamente após aos atentados do 11 de setembro; a radicalização a nível doméstico afigurava-se como um recurso que as organizações estavam dispostas a explorar; o santuário inimigo tinha-se transferido do Afeganistão para o Paquistão, o que fez aumentar as operações norte-americanas naquele palco, nomeadamente com recurso a aviões telecomandados (*drones*); a eleição de Barack Obama, em 2008, o que contribuiu para uma melhoria relativa da imagem dos EUA no estrangeiro; as próprias transformações do universo al-Qaeda com os processos de afiliação do grupo no Líbano e na Somália. Assim, em 2009 aumenta a tendência para a idealização de atentados em solo norte-americano por parte de Americanos, alguns de origem estrangeira e outros naturalizados, de imigrantes de longa data e de convertidos ao Islão. À semelhança do que aconteceu na Europa, muitos indivíduos de origem somali, afegã e paquistanesa viajam para estes países, a fim de participarem nos conflitos que ali se desenrolam ou receberem treino em táticas militares. De acordo com o Centro de Direito e Segurança da Escola de Direito da Universidade de Nova Iorque, desde 11 de setembro de 2001 até setembro de 2009, 25 cidadãos ou residentes americanos tinham sido acusados de se terem deslocado para campos de treino ou zonas de conflito. (Peter Bergen, “The Terrorists Among Us”, *Foreign Policy*, November 19, 2009, [http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/11/18/the\\_terrorists\\_among\\_us](http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/11/18/the_terrorists_among_us) (data de último acesso: 23 de novembro de 2009)) Este número sofreu um agravamento após aquele ano, embora tenhamos de assumir que esse número possa ser ainda mais elevado, pois nem todos que enveredaram por tal caminho são identificados, apanhados ou acusados pelas autoridades. De igual modo, não é possível verificar se este agravamento que se verificou no outono de 2009 – traduzido no aumento das detenções e acusações relacionadas com terrorismo – resulta de um crescente sentimento de oposição aos EUA acompanhado de ações concretas, ou se é consequência do culminar de uma série de investigações concluídas nessa altura que levaram alguns indivíduos perante a justiça. Assim, ao contrário do que era comum pensar-se após os ataques de Nova Iorque e Washington – que o perigo jihadista era uma ameaça externa –, concluímos que os EUA também se debatem com o fenómeno da radicalização e extremismo interno. Segundo um relatório publicado no final de 2010, dos 156 acusados de estarem envolvidos nos 50 planos de atentado mais importantes desde Setembro de 2001, 127 viviam nos EUA há mais de dez anos, sendo que 80 destes viveram naquele país durante toda a vida ou quase. (Center on Law and Security, *Terrorist Trial Report Card: September 11, 2001 – September 11, 2010*, New York University School of Law, New York, 2010, p. 14.)



preparação de atentados (um aumento relativamente a anos anteriores), e embora muitos fossem membros de células semi autónomas ou considerados atores auto radicalizados, 20% tinham ligações a grupos jihadistas transnacionais, nomeadamente à al-Shabaab, AQAP e TTP.<sup>973</sup> De igual modo, algumas redes de apoio logístico mantinham-se ativas na Europa, enviando voluntários para o Afeganistão, Paquistão, Somália, Cáucaso e Iémen.<sup>974</sup>

Assim, é possível concluir que ao aumento de importância das redes locais autónomas não correspondeu necessariamente uma perda de relevância das estruturas organizacionais externas, as quais continuam a ser uma fonte de inspiração para a mobilização jihadista. Constatamos, também, que as alianças da al-Qaeda com outros grupos se refletiram na Europa, sendo que estes tentaram abraçar os objetivos estratégicos da organização de Bin Laden, enquanto tentavam elevar o seu próprio estatuto internacional.

### 7.3.3. Após 2011: complexificação ideológica e diversificação do ativismo

Nesta última fase, a Europa assume um papel mais proeminente no pensamento jihadista devido a um conjunto de fatores. As dinâmicas relativas à terceira fase do Jihadismo global começaram a ser visíveis a partir de 2011, ano a partir do qual esta corrente foi sujeita a impulsos contraditórios. Refletindo os processos ideológicos e sociais que se vinham desenrolando ao longo dos últimos anos, o Jihadismo na Europa apresenta-se como uma ameaça mais complexa, difusa e colocando desafios a longo-prazo. Esta heterogeneidade é visível nos perfis diversificados dos jihadistas, nos diferentes graus de sofisticação das conspirações, no *modus operandi*, na estrutura das redes, na dispersão geográfica e no tipo de ameaças que colocam. A estes fatores devemos adicionar o ativismo externo, o qual é particularmente intenso durante esta fase: se a deslocação de combatentes europeus para outros palcos não coloca um risco securitário imediato para o país que abandonam, o seu regresso após a participação em conflitos pode ter diferentes consequências para a Europa.

A nível internacional, esta etapa é marcada pelas Revoltas árabes; pelo desaparecimento de importantes figuras do movimento, nomeadamente Osama Bin Laden

---

<sup>973</sup> Europol, *TE-SAT 2011: EU Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2011, p. 16.

<sup>974</sup> *Ibid.*

e Anwar al-Awlaki,<sup>975</sup> pela guerra na Síria e no Iraque, e pelos tumultos no Iémen e em vários pontos do Norte de África; pela ascensão da organização Estado Islâmico e a declaração de Califado; e pelo crescimento do sectarismo no Médio Oriente.

A nível interno, verificaram-se profundas transformações nas redes jihadistas e nas dinâmicas de grupo; a difusão do Salafismo e o crescimento de estruturas salafistas em vários países europeus; a diversificação do panorama social jihadista e das trajetórias de radicalização; e uma crescente polarização da sociedade e do discurso político em vários países, colocando em risco as relações entre diferentes comunidades. Igualmente importante para as dinâmicas desta fase, foram os desenvolvimentos de alguns fatores que facilitaram a mobilização individual e a adesão a este fenómeno, sobretudo a maior facilidade em viajar no interior da Europa e o crescente recurso às novas plataformas de comunicação e informação.

Ao longo de 2011 verificou-se uma diminuição do ativismo jihadista na Europa.<sup>976</sup> Quando interpretado em conjunto com os processos revolucionários em vários países árabes, este facto levou alguns autores a declararem que apenas “um milagre iria ressuscitar o Jihadismo transnacional”<sup>977</sup> ou que “as comunidades de protesto violento vão desaparecendo quando a sua contracultura falhar em atrair novos elementos ... os jovens de todo o mundo juntaram-se às fileiras de movimentos seculares não violentos e estão a abandonar o vulgar Islão político.”<sup>978</sup> Contrariando estas opiniões, as atividades ligadas ao Jihadismo aumentaram nos anos seguintes. Em vários países, as autoridades conduziram operações tendo em vista interromper conspirações, desmantelar redes facilitadoras e logísticas, e deter indivíduos por suposta pertença a organizações terroristas ou pela participação em conflitos externos ao lado de forças jihadistas.<sup>979</sup> Sendo demonstrativo do aumento dos desafios securitários com que se depara o território europeu, em 2012 e 2013, as detenções relacionadas com terrorismo islamista voltaram a

---

<sup>975</sup> Várias figuras de relevo da al-Qaeda desapareceram da região entre o Afeganistão e o Paquistão, nomeadamente Atiya Abdul Rahman, um dos líderes da al-Qaeda, e Ilyas Kashmiri, em 2011; Abu Yahya al-Libi e Abu Zaid al-Kuwaiti, em 2012. Se estas perdas tiveram impacto sobretudo a nível operacional, a morte de Anwar al-Awlaki e Samir Khan, em setembro de 2011, no Iémen, teve consequências para a propaganda que visava audiências ocidentais e parou temporariamente a publicação da *Inspire*.

<sup>976</sup> Apesar de várias promessas de vingança pela morte de Bin Laden, ao longo de 2011 verificou-se a diminuição das detenções relacionadas com terrorismo islamista na Europa. Em 2011 foram detidas 122 pessoas por ofensas relacionadas com terrorismo, sendo que mais de metade foi por suspeitas de filiação a organizações terroristas, como a al-Shabaab e a AQMI, e apenas 17 por suspeitas de preparação de atentados. (Europol, *TE-SAT 2012*, p. 16.) Ocorreram apenas quatro conspirações com algum nível de seriedade e um ataque bem-sucedido contra alvos norte-americanos na Alemanha. Ainda assim, alguns indivíduos continuaram a viajar para zonas de conflito com a finalidade de se juntarem a organizações jihadistas, tendo-se verificado o aumento das detenções relacionadas com esta prática. *Ibid.*

<sup>977</sup> Gerges, *The Rise and Fall of al-Qaeda*, pp. 191-200.

<sup>978</sup> Sageman “The Turn to Political Violence in the West”, pp. 128-129.

<sup>979</sup> Ver, por exemplo, as várias operações das autoridades francesas ao longo de 2012 para deter indivíduos por associação terrorista ou desmantelar conspirações, assim como as várias investigações judiciais relacionadas com o financiamento de organizações como a al-Qaeda, AQMI, IMU e Forsane Alizza. Ver U.S. Department of State, *Country Reports on Terrorism 2013*, Office of the Coordination for Counterterrorism, April 2014, <http://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2013/index.htm> (data de último acesso: 15 de maio de 2015).

aumentar para 159 e 216 indivíduos, respetivamente.<sup>980</sup> Em 2014, este número aumentou para 395 indivíduos, sendo que 188 dessas detenções ocorreram em França.<sup>981</sup> Entre 2011 e julho de 2015, o Reino Unido e, em especial, a França continuaram a ser o centro da atividade radical na Europa, mas verificou-se o aumento das ameaças contra a Alemanha, a Dinamarca e a Bélgica.<sup>982</sup> Este aumento reflete o impacto do conflito sírio em palco europeu.

Aos apelos à *hijra* por parte da al-Shabaab e da organização Estado Islâmico, juntaram-se os apelos à *jihad* no interior da Europa promovida por vários líderes, os quais fornecem justificações ideológicas para tais atos.<sup>983</sup> Os jihadistas incitam a ataques individuais no Ocidente, porque acreditam ser “impossível de conter e parar” atos relacionados com a *jihad* solitária, “exceto quanto os ingredientes básicos para cozinhar e os materiais de construção se tornarem ilegais.”<sup>984</sup> Com efeito, o terrorismo individual e os ataques por parte de simpatizantes jihadistas aumentaram durante esta fase. Os atentados (e conspirações) de pequena escala conduzidos por grupos de dois ou três indivíduos revelam-se taticamente relevantes, não só pelos desafios que colocam às autoridades e pela sua eficácia operacional, mas também porque tendem a inspirar futuros eventos terroristas. Assim, atentados como o de Mohammed Merah, em 2012, de Woolwich, em 2013, e o ataque ao Charlie Hebdo, em 2015, têm potencial para produzir um efeito de contágio.<sup>985</sup>

---

<sup>980</sup> Em 2013, foram detidos 143 indivíduos em França, 20 em Espanha, 19 na Bélgica, 12 na Bulgária, 5 na Alemanha, 5 em Itália e 3 na Holanda. O Reino Unido não disponibilizou o número de detidos por atividades relacionadas com terrorismo islamista, mas foram detidos 77 pessoas naquele território por questões relacionadas com terrorismo. (Europol, *TE-SAT 2014: European Union Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2014, p. 47.) Em outubro de 2014, a Scotland Yard revelou ter feito 218 detenções desde janeiro desse ano, um número bastante mais elevado do que em anos anteriores, sendo que 16 daquelas pessoas foram acusadas de ofensas terroristas após regressarem da Síria. (“Hundreds of UK Terror Arrests This Year”, *Sky News*, 17 October 2014, <http://news.sky.com/story/1354762/hundreds-of-uk-terror-arrests-this-year> (data de último acesso: 23 de janeiro de 2015)).

<sup>981</sup> Europol, *TE-SAT 2015*, p. 18.

<sup>982</sup> Por exemplo, em agosto de 2013, a Bélgica teve de aumentar o seu nível de alerta devido a ameaças ao país. Em março do mesmo ano, as autoridades holandesas também aumentaram o nível de ameaça para substancial, por considerarem “existir uma possibilidade real de um ataque acontecer o país”. (Ver National Coordinator for Security and Counterterrorism, *Current threat level for the Netherlands: Substantial*, Ministry of Security and Justice, The Hague, July 2013, [http://english.nctv.nl/currenttopics/press\\_releases/2013/nctv-maintains-threat-level-at-substantial.aspx](http://english.nctv.nl/currenttopics/press_releases/2013/nctv-maintains-threat-level-at-substantial.aspx) (data de último acesso: 15 de maio de 2015)). Em julho de 2014, a Noruega também aumentou o nível de alerta, devido a notícias sobre um grupo de indivíduos que estariam a chegar da Síria com o objetivo de conduzir ataques. (“Day 2: Norway terror warning”, *The Local*, 24 July 2014, <http://www.thelocal.no/20140724/warning-norway-faces-imminent-terror-attack> (data de último acesso: 21 de maio de 2015)).

<sup>983</sup> A edição de maio de 2013 da *Inspire* é dedicada à glorificação dos atentados de Boston, em abril de 2013, e de Woolwich, em maio do mesmo ano. 8Ver AQPA, *Inspire*, n.º 11, al-Malahem Media, Spring 2013). A edição de abril/maio de 2013 da revista *Azan*, publicada a partir do Afeganistão, também encoraja este tipo de ataques “até a paz ser uma realidade em terras [islâmicas].” (Ver Taliban in Khorasan, *Azan*, n.º 2, April/May 2013).

<sup>984</sup> AQPA, *Inspire*, n.º 13, p. 31.

<sup>985</sup> Por exemplo, Alexandre Dhaussy atacou um soldado francês, em maio de 2013, no que pareceu ser uma tentativa de imitar o ataque ocorrido em dias anteriores contra um soldado britânico em Woolwich. Em março de 2013, a polícia francesa deteve três pessoas em Marignane, as quais tinham planos para conduzir um ataque terrorista; aquelas desejariam emular os atos de Mohammed Merah, autor dos ataques em Toulouse e Montauban, em 2012. Merah também era admirado por Mehdi Nemmouche, autor do atentado no Museu Judaico de Bruxelas, em maio de 2014, o qual teria expressado a sua intenção de superar os seus atos perante reféns que vigiava na Síria. Para uma análise das teorias sobre o fenómeno de contágio e de como os terroristas tendem a imitar o comportamento uns dos outros, ver Brigitte L. Nacos, “Revisiting the Contagion Hypothesis: Terrorism, News Coverage, and Copycat Attacks”, *Perspectives on Terrorism*, vol. 3, n.º 3, 2009, pp. 3-13.

Após a adoção do inimigo longínquo por parte da organização iraquiana, em setembro de 2014, intensificaram-se os apelos a ataques contra a Europa. É possível constatar a existência de uma relação entre a declaração de 21 de setembro de al-Adnani a incentivar tais atos – em especial em França – e o aumento de conspirações jihadistas em vários países europeus.

O treino e a experiência em palcos externos continua a ser valorizado. Aliás, uma das características definidoras desta era é a deslocação de um número elevado de Muçulmanos europeus para participarem em conflitos ou procurarem treino em países como a Somália, Iémen, Mali ou na região tribal entre o Paquistão e Afeganistão, juntando-se a grupos como a AQPA, a al-Shabaab e a AQMI e MUJAO.<sup>986</sup> A partir do final de 2012, a guerra civil na Síria começou a atrair voluntários da Europa, motivados inicialmente pelo choque e indignação causado por aquele conflito e pelo desejo de lutar contra o regime sírio.<sup>987</sup> Foi no final de 2013, que o número de Europeus a lutar ao lado do JaN e do ISIS começou a dar indicações de que a Síria era um importante motor de mobilização para o Jihadismo na Europa e o novo centro de gravidade do movimento.<sup>988</sup> Contudo, é necessário não menosprezar locais como a Líbia, Egito (em especial a região do Sinai), Argélia e Mali, os quais se poderão tornar um refúgio jihadista importante, especialmente com o intensificar da situação na Síria e o aumento dos entraves às viagens para aquele território.

As deslocações de indivíduos para palcos externos são facilitadas pela existência de redes, cujo objetivo é identificar, incentivar e auxiliar aqueles que desejem partir.<sup>989</sup> Nalguns casos, foram estabelecidos contactos prévios através da Internet com facilitadores que se encarregam de preparar a entrada em território sírio; noutros casos,

---

<sup>986</sup> Apesar da crescente importância de outras regiões, a zona que se convencionou designar de AfPak nunca perdeu relevância como destino de recrutas jihadistas oriundos da Europa (embora goze, hoje, de menos destaque nos meios de comunicação). Aliás, em 2012, alguns cidadãos europeus terão morrido naquela região. Também existem dados relativos a viagens de pequenos grupos de Europeus para a África ocidental, com o objetivo de se juntarem a grupos jihadistas no norte do Mali. Alguns deles foram detidos em áreas controladas pelo governo ou em países vizinhos. Europol, *TE-SAT 2013*, pp. 22-23; Europol, *TE-SAT 2015*, p. 23.

<sup>987</sup> Embora a maioria dos combatentes estrangeiros oriundos da Europa alinhem com grupos jihadistas sunitas, alguns Europeus optam por lutar ao lado de forças rebeldes seculares, forças curdas, milícias xiitas e mesmo milícias cristãs. Existem referências a Curdos e Xiitas a deslocarem-se da Europa para a Síria e Iraque para participarem na luta ao lado das respetivas comunidades. Europol, *TE-SAT 2015*, p. 23.

<sup>988</sup> Em abril de 2013, o International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence (ICSR) calculou que desde o início do conflito, em 2011, se tinham deslocado para o território sírio entre 135 e 590 indivíduos da Europa ocidental para lutar contra as forças rebeldes. Em dezembro desse ano, o mesmo instituto procedeu a uma revisão dos números, referindo que teriam viajado para a Síria entre 396 e 1937 combatentes da Europa ocidental, o que representava 18% da população de combatentes estrangeiros naquele território. Apesar de apenas ser possível verificar a afiliação de 20% desses combatentes, a vasta maioria aderiu à JaN e ao ISIS. Aaron Y. Zelin, *Up to 11,000 foreign fighters in Syria; steep rise among Western Europeans*, ICSR Insight, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, 17 December 2013, <http://icsr.info/2013/12/icsr-insight-11000-foreign-fighters-syria-steep-rise-among-western-europeans/> (data de último acesso: 24 de junho de 2014).

<sup>989</sup> Os relatórios da Europol e do Departamento de Estado norte-americano referem a existência e o desmantelamento de várias redes que facilitam a deslocação de combatentes europeus para a Somália e para o palco sírio. Ver, também, a história do antigo membro da organização Estado Islâmico detido na Alemanha em Melanie Hall, “German Isil fighter who returned from Syria denounces group as un-Islamic”, *The Telegraph*, 17 July 2015, <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/islamic-state/11747243/German-Isil-fighter-who-returned-from-Syria-denounces-group-as-un-Islamic.html> (data de último acesso: 18 de julho de 2015).

esses contactos são feitos já na fronteira.<sup>990</sup> Contudo, este é um processo com uma natureza desorganizada, existindo casos de indivíduos que se preparam sozinhos para as viagens e assumem os seus custos, através de meios legais ou atividades criminosas, sobretudo em países com raízes menos profundas de radicalização; outros utilizam como pretexto a vontade de fazer trabalho humanitário.<sup>991</sup> Ainda assim, os dados empíricos recolhidos nesta fase continuam a salientar a relevância das relações sociais entre indivíduos provenientes das mesmas áreas e com trajetos de vida semelhantes no processo de socialização, mobilização e deslocação jihadista.

Uma das novidades desta fase do Jihadismo na Europa é o facto desta realidade afetar a generalidade dos países deste continente, mesmo aqueles que tradicionalmente estavam mais resguardados do apelo jihadista, como a Finlândia, a Noruega, a Áustria ou Portugal.<sup>992</sup> De igual modo, verificou-se a mobilização de indivíduos de todas as classes sociais e de diferentes origens étnicas. Estas deslocações têm consequências sociais e psicológicas para as sociedades europeias, independentemente do impacto a nível securitário e político que o eventual regresso desses indivíduos aos respetivos países possa produzir.

Apesar do papel de destaque que lhe é atribuída na fase anterior, consideramos que é nesta fase que a Internet se assume realmente importante no processo de mobilização para o Jihadismo, devido ao papel desempenhado pelas novas plataformas e redes sociais virtuais na criação de uma estratégia de comunicação descentralizada e horizontal. Embora as relações sociais e as interações presenciais se mantenham vitais para a adesão ao movimento, o mundo virtual tem sido utilizado de modo altamente eficaz para persuadir e mobilizar indivíduos, em especial os mais jovens.<sup>993</sup> Ao alterarem o padrão de comunicação, estes meios permitem o contacto direto e imediato entre militantes em diferentes regiões e uma maior rapidez na circulação de mensagens. De

---

<sup>990</sup> Ver o relato do combatente francês que decidiu partir com a família para a Síria sem ter nenhum contacto na região e tendo-se preparado sozinho para a viagem após um período de conscientização através da Internet. Charlotte Boitiaux, “Confessions of a French jihadist in Syria”, *France24.com*, 13 February 2014, <http://www.france24.com/en/20140212-france-24-exclusive-syria-french-jihadist-foreign-fighter-confessions> (data de último acesso: 2 de abril de 2015).

<sup>991</sup> Europol, *TE-SAT 2014*, p. 23; Europol, *TE-SAT 2015*, p. 10.

<sup>992</sup> Calcula-se que se tenham deslocado para a Síria e Iraque entre 50 e 70 Finlandeses, 60 Noruegueses, entre 100 e 150 Austríacos e por volta de 10 e 15 Portugueses. Peter R. Neumann, *Foreign Fighters in Syria/Iraq now exceeds 20,000; surpasses Afghanistan conflict in the 1980s*, The International Centre for the Study of Radicalization and Political Violence, London, 26 January 2015, <http://icsr.info/2015/01/foreign-fighter-total-syria-iraq-now-exceeds-20000-surpasses-afghanistan-conflict-1980s/> (data de último acesso: 27 de janeiro de 2015).

<sup>993</sup> Em 2012 e 2013, aumentaram os detidos por práticas extremistas na Internet, como disseminação de propaganda jihadista e instruções para o fabrico de dispositivos explosivos, em países como França, Espanha e Itália. Alguns destes indivíduos revelavam excelentes capacidades técnicas, utilizavam vários pseudónimos *online* e eram responsáveis pela gestão de fóruns de discussão. Em alguns dos casos observados pelas autoridades, foi possível constatar uma transição do mundo virtual para a preparação de atos de terrorismo. Europol, *TE-SAT 2013*, pp. 18-19; Europol, *TE-SAT 2014*, pp. 21-22.

igual modo, foi possível observar manifestações de apreço mais abertas pela nova organização jihadista e pela restauração do Califado.

Uma evolução que se vinha verificando desde o final da fase anterior relaciona-se com o tipo de ataques planeados, os quais envolvem o recurso a dispositivos explosivos, ataques armados e assassinatos.<sup>994</sup> O *modus operandi* dos jihadistas torna-se mais complexo: aqueles conspiram quer para conduzir ataques mais sofisticados (inspirados no atentado de Bombaim, em 2008), quer para desencadear ataques mais simples com recurso a armas e meios acessíveis, como facas; e optam ora por alvos de natureza indiscriminada (locais públicos), ora por alvos discriminados, como militares, membros das forças da autoridade, representantes dos governos e certas individualidades, como críticos do Islão, e símbolos judaicos. De igual modo, continua a verificar-se a ocorrência de atos de terrorismo individual e de ataques solitários inspirados por uma organização. Esta variedade reflete não apenas adaptações táticas, devido às limitações operacionais dos jihadistas, ao aumento das restrições securitárias europeias e à maior ou menor facilidade em aceder a determinadas armas, mas também à tentativa de captar simpatizantes entre os Muçulmanos europeus, enquanto se minimiza o risco de fazer vítimas entre aqueles.<sup>995</sup> Os apelos ideológicos de determinados atores a incentivarem ataques com recurso a determinadas táticas também contribui para explicar esta diversidade de modos de atuação. No atual contexto em que existem novos atores jihadistas, também devemos considerar questões identitárias e estratégicas, pois os conspiradores podem escolher alvos que respondam à estratégia e à hierarquia de inimigos das organizações com as quais simpatizam, visto a situação na Europa ser fortemente condicionada por fatores externos.<sup>996</sup> Assim, num futuro próximo não é de desconsiderar as tentativas para atingir alvos xiitas, curdos e mesmo símbolos cristãos.<sup>997</sup>

A avaliação da ameaça revela-nos uma realidade heterogénea, pois é composta por radicais domésticos que nunca saíram da Europa; por indivíduos que tentaram sair,

---

<sup>994</sup> Ver anexo. Para uma análise mais profunda da evolução do *modus operandi* dos jihadistas na Europa, entre 1994 e 2013, ver Nesser and Stenersen, *op. cit.*, pp. 2-24.

<sup>995</sup> Note-se que a generalidade dos Muçulmanos sente-se genuinamente ofendida quando acreditam que a sua fé e o seu Profeta são alvo de insultos; muitos sentem-se perseguidos e discriminados pelas autoridades do país onde vivem; e a questão palestina continua a gerar emoções fortes, enquanto outros conflitos, como a Chechénia e Caxemira, continuam a alimentar a ideia da *jihad*.

<sup>996</sup> Um dos temas referido várias vezes pela *Inspire* são as caricaturas do Profeta e a necessidade de cumprir o dever individual de castigar os blasfemos. Ora, as várias conspirações contra o *Jyllands-Posten* e o ataque ao Charlie Hebdo devem ser compreendidos como uma resposta a estes apelos. Na edição de março de 2014, a revista publicada no Iémen identificou algumas datas relevantes e alvos específicos no interior dos EUA, Reino Unido e França, os quais deveriam ser considerados para futuras ações jihadistas. Destacam-se eventos e recintos desportivos, locais frequentados por turistas ou por membros importantes da sociedade. AQAP, "Car-Bomb: Field Data", *Inspire*, n.º 12, Al-Malahem Media, Spring 2014, pp. 70-71.

<sup>997</sup> Apesar de termos considerado este cenário antes de outubro de 2015, tal acabou efetivamente por se concretizar, a 26 de julho de 2016, quando dois simpatizantes da organização Estado Islâmico, respondendo aos apelos para conduzir ataques nos seus países de origem, assassinaram um padre no interior de uma igreja em França.

mas não conseguiram; por veteranos de conflitos anteriores; e por indivíduos que regressaram de conflitos atuais, onde receberam treino militar ou combateram junto de organizações radicais. A nível estrutural, continua a ser possível identificar conspirações por parte de atores que têm ligações a organizações internacionais; células domésticas sem ligações externas, mas inspiradas pela ideologia; e atores solitários. Verificou-se uma tendência para a formação de pequenos grupos, por norma constituídos por menos de cinco elementos e com uma organização flexível.

Outras das tendências observadas nesta última fase é a proliferação de grupos radicais pró-jihadistas e o reforço dos ideais salafistas. No final de 2012, alguns daqueles são ilegalizados ou assumem uma postura mais discreta no interior da Europa, mas beneficiam do ativismo que até então tinham desenvolvido e que lhes permitiu difundir a sua mensagem. Surgem indícios que grupos como o *Sharia4Belgium* e o *Millatu Ibrahim* terão desempenhado um papel fundamental no processo de radicalização de muitos indivíduos e na deslocação de vários combatentes para o Iémen – onde foram detidos por suspeitas de tentarem juntar-se ao ramo local da al-Qaeda – e para o conflito sírio, onde aderiram a grupos jihadistas.

A heterogeneidade do Jihadismo europeu também é evidente na atual geração jihadista. Sendo impossível traçar um perfil daqueles que se envolvem neste conjunto de atividades, constata-se que a maioria são homens na faixa etária entre os 18 e os 30 anos. Tal como tinha acontecido na década anterior, verifica-se a adesão de muitos convertidos e de muitos indivíduos com um passado de delinquência e com fraco nível de formação.<sup>998</sup> Contudo, outros pertencem à classe média, têm educação superior e nunca antes tinham mostrado sinais de rutura com as respetivas sociedade. Existem duas características que distinguem esta geração das anteriores: a adesão de adolescentes e o aumento da mobilização de mulheres, assim como a evolução das motivações e das funções assumidas por estas.<sup>999</sup> Muitos dos voluntários que se deslocam para a Síria são casados

---

<sup>998</sup> De acordo com oficiais de informações europeus, calcula-se que 1 em 6 Europeus que se juntam à organização Estado Islâmico seja convertidos ao Islão; em França este número é de 1 para 4. Ver Anthony Faiola and Souad Mekhennet, “From hip-hop to jihad, how the Islamic State became a magnet for converts”, *The Washington Post*, May 6, 2015, [http://www.washingtonpost.com/world/europe/from-hip-hop-to-jihad-how-the-islamic-state-became-a-magnet-for-converts/2015/05/06/b1358758-d23f-11e4-8b1e-274d670aa9c9\\_story.html?hpid=z1](http://www.washingtonpost.com/world/europe/from-hip-hop-to-jihad-how-the-islamic-state-became-a-magnet-for-converts/2015/05/06/b1358758-d23f-11e4-8b1e-274d670aa9c9_story.html?hpid=z1) (data de último acesso: 7 de maio de 2015).

<sup>999</sup> A mobilização de mulheres não é uma novidade no Islamismo e no Jihadismo: estas são especialmente ativas no contexto palestino e checheno. De igual modo, estas também têm desempenhado um papel desde a formação da al-Qaeda e os primórdios do Jihadismo global, sobretudo como apoiantes e responsáveis pela criação e educação das próximas gerações de jihadistas, e em atividades de recrutamento e propaganda, como é exemplo Malika El-Aroud, viúva de um dos assassinos de Ahmad Shah Massoud e a qual era responsável por uma rede de envio de voluntários para o Afeganistão. Existem, também, exemplos de mulheres que desempenharam papéis operacionais, como a belga Muriel Degauque, a primeira bombista suicida ocidental no Iraque, a neurocientista paquistanesa Aafia Siddique, detida pelos EUA por ser considerada uma operacional de alto nível da al-Qaeda, e a jovem estudante britânica Roshonara Choudhary, a qual esfaqueou um deputado britânico a 14 de maio de 2010. A al-Shabaab e os nigerianos do Boko Haram também se destacam por recorrer a figuras femininas para perpetrar ataques contra populações, alvos militares e governamentais. Para outros papéis desempenhados por mulheres no âmbito das redes europeias da *jihad* ver, por exemplo, Katharina Von Knop, “The Female Jihad: Al Qaeda’s Women”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 30, n.º 5, 2007, pp. 397-414; Janny Groen

e têm filhos, levando as famílias para o recém-criado Califado, o que contribuiu para o crescimento da tendência para a deslocação de mulheres e crianças, sobretudo a partir de outubro de 2014. Contudo, por si só tal não fornece uma explicação para os números observados entre os elementos femininos. Apesar da deslocação para a Síria se desenrolar em torno de novas redes, alguns veteranos conhecidos pelo seu ativismo no interior da Europa também desempenharam um papel neste processo.

#### 7.4. Considerações finais

O conjunto de dados que consideramos – dimensão geográfica, ligações a organizações externas ou a grupos radicais internos, estratégias e táticas, alvos, alterações estruturais, e ativismo interno vs ativismo externo – justifica a divisão do Jihadismo global na Europa em três fases. Tal não supõe uma rutura entre as diferentes etapas, mas uma transformação das condições responsáveis pela produção de diferentes dinâmicas de radicalização e mobilização para o ativismo jihadista. As transformações e tendências observadas serão explicadas nos próximos capítulos.

No que se refere à expansão geográfica do Jihadismo, identificamos um conjunto de países mais atingidos por conspirações, nomeadamente o Reino Unido (38), a França (23), a Alemanha (14), a Itália (12), a Dinamarca (11) e a Espanha (10). Estes países também são os mais afetados por fenómenos de radicalização e pela existência de estruturas de mobilização quer a nível interno, quer para conflitos externos. A importância que os jihadistas atribuem à França e ao Reino Unido tem várias razões. Estes são países muito ativos a nível internacional: as intervenções inglesa e francesa no mundo muçulmano, primeiro como colonizadores e arquitetos do Médio Oriente moderno, depois como apoiantes (a nível político, militar e económico) dos regimes pós-coloniais e, mais recentemente, com as intervenções militares em vários cenários contribuíram para a maior exposição destes à ameaça jihadista. O Reino Unido foi o principal apoiante dos EUA na invasão do Iraque, em 2003, o que contribuiu para o colocar na mira dos jihadistas durante a segunda fase; o alvo principal nesta terceira fase, a França, não apoiou este conflito, mas enviou tropas para o Afeganistão e a sua imagem no mundo muçulmano continua fortemente influenciada pela guerra de independência argelina. As conspirações

---

and Annieke Kranenberg, *Women Warriors for Allah: An Islamist Network in the Netherlands*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2010; e Martijn De Koning, "Changing Worldviews and Friendship: An Exploration of the Life Stories of Two Female Salafists in the Netherlands," in Meijer (ed.), *Global Salafism*, pp. 404-423, para uma análise do papel das mulheres no grupo Hofstad. A inovação está na dimensão atual do fenómeno no contexto sírio e nas motivações que aquelas revelam.



jihadistas na Alemanha e Itália visavam sobretudo alvos e símbolos americanos e, mais recentemente, alvos militares. No caso de Espanha, a manutenção das cidades de Ceuta e Melilla, as quais os jihadistas consideram território ocupado, e a existência de indivíduos com ligações a estruturas jihadistas em vários países do Norte de África constitui um importante fator para o ativismo observado.

Contudo, uma das tendências que observamos ao longo das três fases foi a crescente diversificação e expansão do fenómeno para novas áreas, nomeadamente para os países escandinavos. Tal pode ser explicado pelo episódio das caricaturas de Maomé e pela presença de forças militares daqueles países no Afeganistão. A contínua expansão do fenómeno na fase atual está relacionada com a deslocação de muitos indivíduos para palcos de conflito para se juntarem a organizações jihadistas. Esta realidade afeta, de diferentes maneiras, todos os países da Europa ocidental, mas de modo especial a França, Alemanha, Reino Unido e Bélgica.

Porém, tendo-se observado esta tendência para a deslocação de Muçulmanos europeus para regiões onde decorrem conflitos ou onde possam receber instrução militar, tal não significou uma redução do ativismo na Europa. As conspirações continuaram a acontecer, mas após 2008 verificou-se uma alteração das estruturas internas com o surgimento de grupos mais pequenos e de atores individuais, o que pode estar relacionado com questões táticas e securitárias decorrentes do ambiente de atuação na Europa, e com questões ideológicas, como os apelos e justificações à *jihad* individual por parte de ideólogos ligados à al-Qaeda.

Também foi possível constatar que muitos dos indivíduos envolvidos em conspirações mantêm, ou mantiveram algures no passado, um qualquer tipo de ligação a organizações internacionais ligadas à al-Qaeda no Iémen, Somália, Paquistão e no Norte de África – nomeadamente aos Talibãs, ao IJU e ao LeT –, e mais recentemente à organização Estado Islâmico. Estas ligações eram evidentes, na primeira fase, com os indivíduos oriundos do Norte de África; depois com os Britânicos de origem paquistanesa; e posteriormente com indivíduos de várias nacionalidades e origens étnicas.

Adicionalmente, várias conspirações foram concebidas por indivíduos influenciados por grupos pró-jihadistas e por figuras carismáticas pertencentes ao meio radical europeu. Após 2003 foram contabilizados treze incidentes em que foram identificadas uma ligação (passada ou contemporânea ao evento) entre os suspeitos e este tipo de grupos, sendo que quatro ocorreram já após 2011. Este fator deve ser interpretado como sendo demonstrativo da importância para o panorama jihadista europeu quer dos

desenvolvimentos ideológicos, quer das relações sociais engendradas no interior deste tipo de estruturas.

A evolução ideológica e estratégica do movimento também influenciou a escolha das táticas utilizadas e dos alvos adotados no interior da Europa. Após 2004, constata-se que a Europa e os interesses europeus se tornaram em importantes alvos jihadistas após a intervenção no Iraque. A existência de células neste território permitiu a condução de ataques no período imediato àquela intervenção. Apesar dos jihadistas nunca terem deixado de aspirar a ataques sofisticados e em larga escala, observou-se o aumento da tendência para a conceção de ataques de violência limitada e contra símbolos e pessoas específicas, tendo em vista adaptarem-se às restrições securitárias e às suas próprias limitações técnicas, enquanto respondem aos apelos de organizações jihadistas para ações no seu próprio país.

O elemento mais marcante da fase atual é o conflito na Síria e no Iraque, o qual veio introduzir novos padrões no ativismo jihadista europeu. Os efeitos deste conflito fazem-se sentir na preferência por formas de ativismo externo, já que aquele palco se assumiu como um íman de voluntários europeus de várias nacionalidades; e no aumento de ameaças contra a Europa, em especial contra França, Bélgica, Alemanha e Reino Unido. O impacto deste conflito em solo europeu é profundo a nível político, social, psicológico e securitário, e apesar de ainda não ser possível aferir totalmente as suas consequências futuras, aquele constitui uma oportunidade e o contexto que influenciará conflitos e fluxos mobilizacionais futuros.

Nos próximos capítulos, tentamos demonstrar como estes desenvolvimentos na Europa são o resultado, por um lado, de questões normativas e ideológicas, de questões estratégicas e mecanismos organizacionais e de circunstâncias globais que afetam a militância e são uma oportunidade para o ativismo violento (os quais expusemos em capítulos anteriores); e, por outro lado, de transformações no interior da própria Europa, relacionadas com questões e dinâmicas sociopolíticas e culturais.

## 8. Evolução do Jihadismo global na Europa: oportunidades internas e externas para a militância jihadista

### 8.1. Nota introdutória: a importância das oportunidades

A adoção de comportamentos violentos é um percurso com obstáculos, obrigando à reunião de um conjunto de condições. Para compreender o envolvimento das pessoas em atividades violentas ou com carácter radical é fundamental analisar a interação entre o movimento e o contexto em que aquele se desenvolve, ou seja, as variáveis como questões socioeconómicas e culturais, a política e as instituições domésticas, as configurações dos atores, as condições do sistema internacional e estratégias organizacionais. Estes elementos pode fornecer incentivos ou colocar limites ao ativismo, definir a forma e a extensão que este assume e estabelecer o momento para a ação.

Esta relação entre o contexto e o movimento tem uma natureza dinâmica, ou seja, sempre que se verifica uma alteração das condições contextuais, existe uma resposta estratégica por parte dos grupos e indivíduos tendo em vista a adequação do seu comportamento à nova realidade: as condições influenciam o *milieu* e o ativismo jihadista e estes, por sua vez, influenciam a transformação dessas condições. Esta abordagem ultrapassa a ênfase que a *strain theory* coloca nas tensões decorrentes dos problemas estruturais e do colapso da ordem social, tidas como responsáveis pelo recurso à violência, centrando-se nos sinais fornecidos pelo ambiente e na interação entre este e os vários atores sociais.<sup>1000</sup>

No sexto capítulo caracterizamos as condições e as dificuldades que as comunidades muçulmanas enfrentam em solo europeu. Este contexto desfavorável é fundamental para facilitar a aceitação de determinadas narrativas e a adoção de visões radicais, podendo constituir uma motivação para a adesão ao movimento de alguns dos seus elementos. Contudo, apesar destas condições serem, mais ou menos, uniformes ao longo do tempo – verificando-se, obviamente, alterações relacionadas com os contextos pessoais e especificidades locais – o ativismo não é constante a nível temporal ou espacial, sendo observável variação da atividade em alguns locais e durante alguns períodos.

A este nível analítico devemos acrescentar as questões globais relacionadas com os conflitos e problemáticas que afetam o mundo muçulmano, as quais são exploradas

---

<sup>1000</sup> A strain theory ou

por importantes figuras jihadistas, dentro e fora da Europa. Como vimos, aquelas provocaram não só importantes alterações ideológicas e estratégicas no Jihadismo global como, ao contribuírem para fortalecer a narrativa sobre a humilhação e vitimização dos Muçulmanos e a indiferença e conivência ocidental com o seu sofrimento, forneceram incentivos à militância jihadista. Com efeito, cada vez que se verifica a alteração das dinâmicas locais, regionais ou globais, os jihadistas reagem através do recurso a mecanismos ideológicos e sociais, tendo em vista interpretar e enquadrar as novas condições e criar oportunidades para a mobilização coletiva e individual.

Como qualquer movimento, o Jihadismo global precisa de oportunidades políticas, sociais e culturais para que o pensamento se possa traduzir em atos concretos. Os movimentos tendem a mobilizar-se quando se verifica a conjugação de dinâmicas externas que, influenciando positivamente as suas perceções para obter sucesso, os encorajam a mobilizar recursos; ou podem restringir a sua militância quando o contexto coloca limites decorrentes de atividades de carácter repressivo. Os teóricos dos movimentos sociais defendem que o aumento das restrições aos movimentos pode potenciar formas de ativismo de alto risco e, conduzindo à perceção de que aqueles são alvo de repressão pode, por sua vez, alimentar processos de radicalização.<sup>1001</sup> Ao contrário do que acontece nos regimes autoritários, nos países democráticos europeus, onde a expressão de opiniões políticas não é reprimida, algumas formas de ativismo podem, de facto, desencadear respostas mais enérgicas por parte das autoridades.<sup>1002</sup> Este tipo de respostas levou Della Porta a considerar as formas de policiamento como um barómetro das oportunidades políticas de um país.<sup>1003</sup>

A situação europeia é complexa, na medida em que o Jihadismo resulta de condições locais e internacionais e da interseção entre experiências históricas, sociais e políticas, as quais variam segundo o país. Aquelas podem estar relacionadas com a relação Estado-sociedade ou com a ligação entre as crises internacionais e as políticas de países individuais. O Jihadismo global pode traduzir-se na mobilização doméstica ou na deslocação para palcos externos. A escolha entre estas duas formas de ativismo resulta de

---

<sup>1001</sup> Olesen, *op. cit.*, p. 24. Na Europa, esta tentativa de restringir e limitar a ação dos movimentos radicais jihadistas teve outra consequência paradoxal: em países, como o Reino Unido, França, Holanda e Dinamarca, conduziu à discussão nos meios políticos e entre as forças da autoridade sobre a conveniência de encetar parcerias com movimentos islamistas não violentos com o objetivo de conter os grupos mais radicais. Para mais sobre este processo ver Costa e Pinto “A problemática da radicalização islamista”.

<sup>1002</sup> Temendo que a repressão possa gerar mais agravos entre os Muçulmanos e contribuir para alargar a atração da ideologia jihadista, as autoridades britânicas adotaram uma abordagem em que rejeitam a condução de ações policiais e legais em larga escala contra os radicais – ao contrário da abordagem das autoridades francesas –, mesmo quando aqueles exprimem publicamente o seu apoio a ataques contra soldados ingleses estacionados em locais como o Afeganistão. Para uma comparação das políticas de combate ao terrorismo britânica e francesa ver Frank Foley, *Countering Terrorism in Britain and France: Institutions, Norms and the Shadow of the Past*, Cambridge, Cambridge University Press, 2013.

<sup>1003</sup> Della Porta, *Social Movements, Political Violence and the State*, pp. 55-58.

debates ideológicos e normativos, da relação entre oportunidades no interior da Europa e a criação de estruturas de oportunidade externas (restrição do ativismo interno *vs* abertura de oportunidades externas), assim como de questões mais subjetivas como os objetivos e motivação individual.

Neste capítulo exploramos o modo como os jihadistas globais exploram as condições internas e internacionais não só para a radicalização do discurso, mas também como oportunidades para o ativismo violento e para reforçarem o movimento. Vamos, ainda, analisar a transformação das redes da *jihad* europeias e a relação, por um lado, entre combatentes europeus em conflitos externos e, por outro lado, o extremismo e a atividade terrorista no seio da Europa, tentando compreender se existe um fio condutor entre a participação naquilo que é percecionado como uma *jihad* defensiva e o terrorismo na Europa.

## 8.2. A permanência em território de descrentes e a legitimidade em atacar alvos europeus

Neste ponto, vamos analisar a influência da ideologia nas ameaças à Europa. Em solo europeu, os jihadistas enfrentam dilemas ideológicos e estratégicos importantes relacionados com o papel que a Europa representa no pensamento jihadista, com a permissibilidade em permanecer em território de descrentes, com a condução de campanhas violentas no país onde residem e a transformação da Europa em alvo inimigo. Estes debates no seio da comunidade jihadista europeia vão evoluindo em resposta a novos condicionalismos que o movimento enfrenta nos países europeus.

A Europa e os EUA desempenham diferentes papéis no pensamento islamista e jihadista, e no interior da Europa, os vários países são percecionados de modo diverso.<sup>1004</sup> As visões que os jihadistas têm do velho continente estão relacionadas, por exemplo, com o colonialismo europeu em terras islâmicas e com o secularismo que caracteriza estas sociedades.<sup>1005</sup> Reconhecendo a importância em justificar os seus atos e os ataques na

---

<sup>1004</sup> Para uma interpretação jihadista da história dos EUA e do seu papel no Médio Oriente após o declínio europeu ver Taliban in Khorasan, *Azan*, n.º 6, Summer 2014, pp. 10-15.

<sup>1005</sup> Para críticas ao secularismo europeu ver revista publicada pelos Taliban in Khorasan, *Azan*, n.º 2, April/May 2013, pp. 37-40. As referências à Europa / Europeus são mais numerosas na revista *Resurgence*, onde nos dois números publicados no Outono de 2014 e no início do Verão de 2015 aparecem 23 e 8 referências, respetivamente. (Al-Qaeda no Subcontinente, *Resurgence*, n.º 1, As-Sahab Media, Autumn 2014; Al-Qaeda no Subcontinente, *Resurgence*, Special issue, As-Sahab Media, Summer 2015.) A revista *Dabiq* fez várias referências a este continente no seu quarto e oitavo número, onde por exemplo, refere a questão dos combatentes estrangeiros oriundos de vários países. (Islamic State, *Dabiq*, n.º 4, al-Hayat Media Center, Dhul-Hijjah 1435 (setembro 2014); Islamic State, *Dabiq*, n.º 8, al-Hayat Media Center, Jumada Al-Akhirah 1436 (março de 2015)). No décimo número da revista, a qual foi publicada durante o mês do Ramadão de 2015, aparecem três referências aos “Estados cruzados europeus”. (Islamic State, *Dabiq*, n.º 10, al-Hayat Media Center, Ramadan 1436 (junho 2015)).

Europa, os jihadistas esforçam-se por conjugar justificações ideológicas para as suas ações com questões estratégicas relacionadas com a condução da luta em palco europeu.

Nos meios jihadistas sempre existiu controvérsia relativamente à vivência em território de descrentes.<sup>1006</sup> Abdullaz Azzam foi um dos autores que defendeu a necessidade de emigrar das sociedades europeias, embora na base deste apelo estivesse a sua tentativa de mobilizar voluntários para a *jihad* afegã e para outros conflitos que se seguiriam.<sup>1007</sup> Contudo, utilizando a tese de que a Europa era uma zona de conciliação, onde existia um pacto que garantia a segurança e a proteção destes países e das comunidades muçulmanas residentes, vários militantes islamistas e jihadistas estabeleceram-se neste território, nas últimas duas décadas do século passado.

A partir do final da década de 1990, alguns ideólogos e militantes jihadistas começaram a debater os pactos de segurança existentes entre as comunidades muçulmanas e os anfitriões europeus e a legitimidade para conduzir campanhas violentas na Europa. A transformação deste território em *dar al-harb* tornou-se relevante sobretudo a partir de 1998, aquando a alteração ideológica e estratégica que se verificou no interior do Jihadismo. Até àquela data, existia algum consenso entre os jihadistas relativamente à permanência neste território, onde se mantinham seguros enquanto apoiavam as insurreições noutras partes do globo e propagavam a sua ideologia através da *da'wa*, mesmo que muitos, como Abu Hamza, rejeitassem a ideia de uma permanência definitiva entre os infieis.<sup>1008</sup> Omar Bakri Mohammed, por exemplo, dizia ser apoiante da *jihad* violenta, mas apenas nos países muçulmanos sob ocupação.<sup>1009</sup>

Com a adoção do inimigo longínquo e a defesa de operações fora de áreas típicas da *jihad*, o debate em torno da legitimidade ou do interesse em perpetrar ataques na Europa contra alvos ocidentais adquiriu nova dimensão. Como vimos, numa primeira fase, a Europa representava um espaço para atacar interesses norte-americanos e israelitas e os jihadistas procuravam justificar as suas posturas não violentas contra alvos europeus.

Após a invasão do Afeganistão em 2001, os jihadistas globais começaram a fazer referência aos países que participavam na coligação internacional, como o Reino Unido, Alemanha e França. Porém, até 2003, a comunidade jihadista europeia caracterizava-se

---

<sup>1006</sup> Para uma perspetiva jihadista sobre a divisão do mundo em dois campos ver, por exemplo, Omar Bakri Muhammed, “*The World is Divided into Two Camps...*” *Daar ul-Kufr and Daar ul-Islam*, London, Ad-Da’wah Publications, 2004, disponível em [https://archive.org/stream/theWorldIsDividedIntoTwoCampsDaarUl-kufrAndDaarUl-islam/Kitaab\\_Dar\\_Islaam#page/n1/mode/2up](https://archive.org/stream/theWorldIsDividedIntoTwoCampsDaarUl-kufrAndDaarUl-islam/Kitaab_Dar_Islaam#page/n1/mode/2up) (data de último acesso: 24 de novembro de 2014).

<sup>1007</sup> Azzam classifica a *hijra* como a primeira etapa para atingir o auge do Islão, ou seja, a *jihad*.

<sup>1008</sup> Ver, por exemplo, Nesser, *Ideologies of Jihad in Europe*.

<sup>1009</sup> Jamal Khashuqi and Mohammad Salah, “Omar Bakri Tells *al-Hayah*: The Uproar Surrounding the London Conference is a Victory for Muslims”, *al-Hayah*, September 5, 1996, citado em Brachman, *Global Jihadism*, p. 171.

pelas divisões ideológicas e estratégicas, o que se refletia nos seus posicionamentos relativamente à seleção de alvos europeus. Alguns ideólogos continuavam a considerar problemática a ideia de atingir alvos do local onde se encontravam protegidos e gozavam de liberdade. Por exemplo, Abu Basir al-Tartusi foi um crítico feroz dos ataques de Londres, em 2005, os quais, nas suas palavras, “mataram Muçulmanos, crianças, mulheres, idosos, e outros inocentes, cuja inviolabilidade está protegida pela *Sharia*”. Para este autor, “a reciprocidade [no ataque ao inimigo] nem sempre é permitida”, devido à “forte ênfase da *Sharia* na santidade dos pactos e na garantia de proteção.”<sup>1010</sup>

Abu Bakri Mohammed considerava que, não existindo um *dar al-Islam* para onde os Muçulmanos espalhados pelo mundo pudessem emigrar, “cada Muçulmano tem uma relação específica no que diz respeito à sua segurança com o país no qual reside”, ressaltando, contudo, que “se uma pessoa tem um contrato de segurança (*Aqd Amaan*) com o Reino Unido, tal não significa que esse indivíduo também tem um pacto com os Estados Unidos ou outro país *kuffar*.” Abu Bakri define *dar al-Amin* como o “país do *dar al-Kufr*... que protege e dá segurança aos Muçulmanos que fogem da perseguição.” Neste território cada Muçulmano individual “não pode prejudicar a riqueza ou vidas das pessoas daquela nação.”<sup>1011</sup> Os pactos de segurança acabavam, assim, por funcionar como uma restrição à violência contra alvos europeus: os islamistas continuavam o seu ativismo político, mas não empreendiam ações armadas contra os países de refúgio.

De acordo com as normas legais da *jihad*, o ataque contra alvos europeus não é permissível, por não discriminar entre alvos civis e militares e por não responder à noção da proporcionalidade. Por exemplo, Peters sublinha como a questão da ilegitimidade em atacar alvos na Europa terá sido problemática para o grupo Hofstad, quando, em 2004, alguns dos seus membros começaram a considerar enveredar por ações violentas no interior da Holanda, mas não encontravam justificações religiosas para tal. Para ultrapassar a questão da ilegalidade do recurso à violência, aqueles optaram por ataques contra indivíduos por alegados crimes e insultos contra o Islão e consideraram que o tratado de segurança que existia entre o Estado holandês e os Muçulmanos daquele país tinha sido revogado. Tal argumento foi reforçado pelo apoio da Holanda aos EUA e ao envio de tropas para o Iraque.<sup>1012</sup>

---

<sup>1010</sup> Ver, por exemplo, Abu Basir al-Tartusi, *Covenants & Security in Islam*, <http://www.en.altartosi.com/Convenants-eng.pdf> (data de último acesso: 8 de janeiro de 2010). Ver, também, Abu Basir al-Tartusi, “Passion for Revenge or Sharia-based Judgement?”, July 2005, citado em David Aaron, *In Their Own Words: Voices of Jihad*, Santa Monica, CA, RAND Corporation, 2008, p. 226.

<sup>1011</sup> Abu Bakri Muhammed, *The World is Divided into Two Camps...*, pp. 66-67.

<sup>1012</sup> Rudolph Peters, “Dutch Extremist Islamism: Van Gogh’s Murdered and his Ideas”, in Coolsaet, *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*, pp. 155-156.

Em consequência da invasão do Iraque e do reforço das medidas legislativas e securitárias impostas por vários governos europeus para restringir o espaço e as capacidades das redes islamistas radicais, os debates ideológicos intensificaram-se e muitos jihadistas começaram a por em causa a validade dos pactos de não agressão entre Muçulmanos e as outras comunidades. Omar Bakri Mohammed, por exemplo, defendeu que o pacto existente entre um país e os Muçulmanos que aí residiam terminava quando esse “Estado começava a prender os Muçulmanos em larga escala sem culpa formada, ou declarava publicamente a sua animosidade ou ódio em relação aos Muçulmanos e ao Islão” e quando “os países... declaram o seu apoio físico, verbal e financeiro contra as terras muçulmanas, espalhando o sangue dos seus habitantes, violando as suas mulheres e roubando os seus recursos.”<sup>1013</sup> Neste último caso, estes países tornavam-se territórios da *jihad*, anulando os tratados de segurança existentes e existindo um estado de guerra declarado com os seus povos e governos. A defesa de que os pactos de segurança tinham sido violados por parte dos países europeus implicava que se tornava legítimo a execução de ataques na Europa. Ao apoiarem por atos, através de eleições, ou por palavras, as guerras conduzidas no Afeganistão e no Iraque, os povos europeus transformaram-se gradualmente em inimigos e alvos da *jihad*, descrita como dever individual.<sup>1014</sup> A distinção entre alvos civis e militares e a proteção devida a categorias protegidas pelas próprias regras da *jihad* tornavam-se irrelevantes, com base no argumento da culpabilidade individual em democracia e na noção de proporcionalidade. Porém, a vitimização de civis é uma questão controversa entre os clérigos islamistas contemporâneos e mesmo entre alguns ideólogos jihadistas, como al-Maqdisi, o qual rejeita a transformação de civis em alvos intencionais, embora aceite que estes possam ser danos colaterais.

Os desacordos relativamente às estratégias a adotar permaneceram, mas em 2004, quando se verificou a confluência entre oportunidade política e disponibilidade de meios, a Europa tornou-se palco da *jihad* global com o atentado em Espanha.

De igual modo, os insultos ao Islão e ao seu Profeta e as medidas que restringiram o uso de determinadas peças de roupa femininas em alguns países, ao serem apresentadas como uma forma de impedir a livre prática da religião, também reforçam os argumentos dos jihadistas sobre a invalidade dos pactos. Por exemplo, o episódio das caricaturas de

---

<sup>1013</sup> Abu Bakri Muhammed, *The World is Divided into Two Camps...*, pp. 68-69.

<sup>1014</sup> Como demonstram as declarações do líder da célula que conduziu o ataque de Londres e 2005, referidas no ponto 7.3.2. Ver Hegghammer, “Global Jihad after the Iraq War”, pp. 30-31.



Maomé também contribuiu para fomentar os debates ideológicos e os dilemas estratégicos entre a comunidade jihadista europeia. Esta crise conduziu a discussões sobre a estratégia a seguir – boicote económico ou recurso à violência – e os alvos a atingir – a Dinamarca, os países onde aquelas foram reproduzidas ou a totalidade dos países que compõem a aliança cruzada-sionista.<sup>1015</sup>

A perspetiva que os jihadistas têm do território europeu assume, ainda, outra dimensão: algumas partes da Europa constituem um dos elementos do pensamento irredentista, o que, ideologicamente, a pode tornar mais vulnerável a conspirações.<sup>1016</sup> A Península Ibérica, designada historicamente por al-Andaluz, algumas partes da Europa de Leste e a Sicília têm um significado importante na história islâmica e fazem parte da visão da reconstrução do Califado.<sup>1017</sup> De acordo com o legado do pensamento de Azzam, estes territórios muçulmanos tinham sido perdidos para os infiéis, impondo-se a sua reconquista e devolução ao domínio islâmico.

Nesta última fase do Jihadismo, a declaração do Califado por parte da organização Estado Islâmico adiciona novos elementos a este debate. Como vimos, a estratégia inicial daquela organização foi o apelo à emigração dos Muçulmanos para o território que controla tendo em vista a expansão territorial e fortalecimento organizacional. Posteriormente, aquela defendeu que os Muçulmanos no Ocidente tinham apenas duas opções: emigrar para o Califado ou tornarem-se apóstatas. Este argumento sugere que, perante a existência do Califado, não mais seria possível aos Muçulmanos alegarem que a ausência de um Estado islâmico e o carácter repressivo e apóstata dos regimes do Médio Oriente impossibilitava a deslocação do *dar al-kufr* para o *dar al-Islam*.<sup>1018</sup> Debatendo-se com o aumento das pressões militares, os membros da organização intensificaram os apelos e a fundamentação ideológica a ataques no Ocidente por parte dos seus simpatizantes.

---

<sup>1015</sup> Ver Truls Tønnessen, *Jihadist Reactions to the Muhammad Cartoons*, OMS Seminar, Oslo, March 2006.

<sup>1016</sup> Omar Bakri Muhammed utiliza o termo *dar al-kufr Taari'* para designar “os territórios que costumavam estar sob autoridade do *dar al-Islam*, mas que foram roubadas ou ocupadas pelas forças *kuffar*.” *Taari'* pode significar crise temporária e é utilizada nesta obra para indicar que o território está sob autoridade do *dar al-kufr* apenas temporariamente e irá regressar à autoridade islâmica em breve. Exemplos incluem a Península Ibérica, Grécia, Índia, Roménia, Bulgária, Filipinas, Kosovo, Jugoslávia, Israel, etc. Estas terras não terão qualquer tratado ou pacto com a autoridade islâmica e “serão conquistadas na primeira oportunidade disponível.” Abu Bakri Muhammed, *The World is Divided into Two Camps...*, p. 64.

<sup>1017</sup> Apesar da presença muçulmana histórica no sul de Itália e em especial na Sicília, este território não parece despertar o mesmo interesse entre todos os grupos jihadistas. Veja-se, por exemplo, o mapa que tem circulado em vários sítios da Internet com a representação do Califado pela organização Estado Islâmico, onde a Península Ibérica está incluída no suposto plano de expansão territorial do grupo, mas não a Sicília, apesar das constantes referências do grupo à conquista de Roma (sem explicitar o significado que atribui a esta). Mapa disponível em <http://www.momkn.net/?p=25672> (data de último acesso: 12 de janeiro de 2015.) A organização também faz referência ao Al-Andaluz no segundo número da revista *Dabiq*, p. 10.

<sup>1018</sup> Islamic State, *Dabiq*, n.º 7, al-Hayat Media Center, Rabi' Al-Akhir 1436 (fevereiro 2015), pp. 54-55, <https://azelin.files.wordpress.com/2015/02/the-islamic-state-e2809cdc481biq-magazine-722.pdf> (data de último acesso: 23 de fevereiro de 2015).

### 8.3. As crises internas como motivação e oportunidade para a militância jihadista

A narrativa jihadista é oportunista e inclusiva, esforçando-se por refletir os dilemas e as queixas comuns a muitos Muçulmanos europeus. Estes mostram-se inquietos com as suas condições existenciais, com o racismo e a discriminação, com a falta de oportunidades e com as questões relacionadas com o culto islâmico. Quando os jihadistas globais referem a Europa e fazem ameaças a este território, por norma, centram as suas críticas em três fatores: nos conflitos e nas intervenções militares ocidentais no mundo muçulmano; nos insultos ao Islão, ao Profeta e à sua comunidade; e nas perseguições sofridas pelos Muçulmanos nas sociedades europeias, com frequência, utilizando como evidência desta acusação a repressão policial aos membros do próprio grupo no qual se inserem.

Estas acusações tornaram-se evidentes em especial a partir de 2003, momento a partir do qual se verificou uma transformação das oportunidades para o Jihadismo no interior da Europa, assim como uma tendência para a sobreposição de motivações e uma maior ambiguidade na definição de alvos inimigos. Um dos desenvolvimentos mais importantes a partir daquele ano foi a ocorrência de um conjunto de crises relacionadas com a vivência do Islão e as comunidades islâmicas, as quais contribuíram para alimentar ressentimentos e críticas às sociedades europeias. Aquelas ocorrências, tendo antecedentes em décadas anteriores e não podendo ser dissociadas das questões internacionais cujos efeitos se fazem sentir na Europa, são também o resultado da crescente polarização social e, em simultâneo, contribuem para aprofundar essas mesmas divisões. Procurando alimentar perceções negativas da sociedade europeia, os líderes jihadistas enquadram estes episódios em termos ideológicos, apresentando-os como um impedimento ao livre exercício da religião, o que implica o dever de empreender ações violentas em defesa do Islão e da sua comunidade.

Muitas destas crises foram despoletadas pela discussão em torno dos símbolos e das ofensas religiosas em vários países da Europa, as quais são apresentadas pelos jihadistas como uma das manifestações da guerra ao Islão, de islamofobia e da opressão dos Muçulmanos no Ocidente. Em 2010, o ramo da al-Qaeda na Península Arábica escrevia: “Mas não é claro que as ações da França e Bélgica ‘democrática’ de banir o *niqab* provam que eles têm uma enorme repulsa pelo próprio Islão? O consentimento

tácito de Obama evidentemente transmite a sua ‘nova relação’ com os Muçulmanos.”<sup>1019</sup> Neste excerto, a organização tenta não só demonstrar que estas medidas são uma manifestação de ódio à religião islâmica, como tenta estabelecer uma suposta relação entre medidas internas em dois países europeus e a política norte-americana para o Médio Oriente, de modo a demonstrar a hipocrisia destas políticas.

A questão dos símbolos religiosos e a proibição do véu islâmico nas escolas francesas, em 2004, e a proibição do véu integral na Bélgica, em 2011, são apenas alguns exemplos das crises que afetaram a discussão em torno do Islão europeu.<sup>1020</sup> A maioria dos Muçulmanos sente este tipo de medidas como uma ofensa à sua identidade e um sinal de perseguição.

Outro fator que amplificou a noção de perseguição aos Muçulmanos na Europa foram os esforços de contraterrorismo e as medidas legislativas aprovadas em alguns países, conduzindo àquilo que Cesari apelidou de “securitização do Islão na Europa.”<sup>1021</sup> Muitas das medidas implementadas em vários países europeus são consideradas discriminatórias pela maioria dos Muçulmanos. Esta questão atinge de modo especial o Reino Unido, um dos países mais afetados pela problemática do extremismo jihadista. A iniciativa governamental para conter a radicalização, impedindo “as pessoas de se tornarem terroristas ou apoiarem o terrorismo e o extremismo violento”, causou polémica desde a sua criação, por supostamente estigmatizar e alienar os Muçulmanos.<sup>1022</sup> Esta iniciativa foi acusada de se focar demasiado nos Muçulmanos, incentivando a espionagem no interior daquelas comunidades, olhando para a questão da integração e coesão comunitária sob o prisma securitário e desrespeitando as liberdades civis daqueles cidadãos.<sup>1023</sup> Durante a revisão deste programa, em 2011, uma das alterações introduzidas foi precisamente a proibição de utilização de fundos destinados a iniciativa de contra-radicalização em projetos cujo objetivo é promover a integração comunitária – medida

---

<sup>1019</sup> AQPA, *Inspire*, n.º1, p. 7. Ver também o artigo escrito na mesma publicação por Yahya Ibrahim, “The West should ban the Niqab covering its real face”, pp. 19-20.

<sup>1020</sup> O uso do véu integral no Ocidente é considerado símbolo da submissão e do silenciamento da mulher, vítima de uma cultura machista e subjugada às vontades dos elementos masculinos da sua família.

<sup>1021</sup> Joselyne Cesari, *The Securitisation of Islam in Europe*, Research Paper n.º 15, CEPS Challenge Programme, Brussels, April 2009.

<sup>1022</sup> Esta iniciativa é um dos pilares da estratégia britânica de contraterrorismo designada CONTEST. Government of the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland, *The Prevent Strategy: A Guide for Local Partners in England*, London, 2008, p. 4.

<sup>1023</sup> Algumas das críticas dirigidas à iniciativa estavam relacionadas, por exemplo, com os métodos a adotar para obter resultados e com os seus objetivos, pois não era claro se se deveria combater a violência ou a ideologia subjacente. Para críticas quer à estratégia original de 2007, quer à sua versão de 2011 ver, por exemplo, Government of the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland, *Preventing Violent Extremism: Sixth Report of Session 2009-10*, House of Commons, 16 March 2010, <http://www.publications.parliament.uk/pa/cm200910/cmselect/cmcomloc/65/65.pdf>; Dominic Casciani, “Analysis: The Prevent Strategy and its Problems”, *BBC News*, 26 August 2014, <http://www.bbc.com/news/uk-28939555> (data de último acesso: 28 de agosto de 2014); Nigel Morris, “Cabinet split on Islamic extremist crackdown”, *The Guardian*, 6 June 2011, <http://www.independent.co.uk/news/uk/politics/cabinet-split-on-islamic-extremist-crackdown-2293493.html> (data de último acesso: 8 de junho de 2011); Ryan Gallagher and Rajeev Syal, “University staff asked to inform on ‘vulnerable’ Muslim students”, *The Guardian*, 29 August 2011, <http://www.guardian.co.uk/education/2011/aug/29/university-inform-vulnerable-muslim-students> (data de último acesso: 30 de agosto de 2011).

pelo grau de aceitação dos valores ocidentais liberais e democratas –, visto tal criar a impressão de que o apoio àqueles tinha apenas objetivos relacionados com a segurança.<sup>1024</sup> A estratégia continua a ser controversa e alvo de fortes críticas e, atendendo aos dados empíricos, a sua eficácia e capacidade para atingir os objetivos propostos são fortemente contestadas.

Outro tema que causou muita celeuma ao longo da última década foi a construção de locais de culto. Um destes episódios foi a proibição de construção de novos minaretes na Suíça, cuja visibilidade na paisagem urbana era interpretada como um símbolo da crescente islamização da sociedade.<sup>1025</sup> Outro projeto que gerou controvérsia e que acabaria mesmo por ser interrompido foram os planos do *Tabligh Jamaat*, anunciados em 2007, para a construção de um complexo, em Londres, a qual se tornaria na maior mesquita da Europa.<sup>1026</sup> Embora a oposição à construção desta mesquita também possa ter na sua base preconceitos religiosos, no contexto securitário das sociedades europeias pós-2001 existe uma tendência para interpretar projetos como o dos *Tabligh* em moldes políticos, evidenciando os receios existentes de que aquele tipo de espaços possa servir os propósitos de uma suposta agenda secreta do movimento.

Contudo, houve uma crise que contribuiu de modo significativo para a propaganda, recrutamento e mobilização jihadista em solo europeu: a publicação, em 2005, das caricaturas de Maomé pelo jornal *Jyllands-Posten* e a sua re-publicação em vários jornais europeus, em 2006. Ao ser interpretado como um insulto ao Islão e ao seu Profeta, atos que, de acordo com os jihadistas devem ser puníveis com a morte, esta crise constituiu um incentivo para ações jihadistas e transformou a Dinamarca num alvo jihadista a partir de 2006, tendo também afetado a Noruega e a Suécia.<sup>1027</sup> Com exceção de um caso, as várias ameaças e conspirações desmanteladas contra aquele país foram justificadas como represália pela publicação das caricaturas, consideradas um crime

---

<sup>1024</sup> Government of the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland, *Prevent Strategy*, June 2011, p. 30, <http://www.homeoffice.gov.uk> (data de último acesso: 30 de setembro de 2011).

<sup>1025</sup> “Swiss voters back ban on minarets”, *BBC News*, 29 November 2009, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/8385069.stm> (data de último acesso: 3 de dezembro de 2009).

<sup>1026</sup> Fiona Hamilton, “Islamic sect’s plan to build mega-mosque next to Olympics site collapses”, *The Times*, 18 January 2010, <http://www.timesonline.co.uk/tol/comment/faith/article6991808.ece> (data de último acesso: 21 de setembro de 2010); Riazat Butt, “Tablighi Jamaat mosque accused of encouraging Muslim isolationism”, *The Guardian*, 18 February 2011, <http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/18/tablighi-jamaat-mosque-row> (data de último acesso: 19 de fevereiro de 2011).

<sup>1027</sup> Não sendo possível ignorar o facto destes países terem contribuído com contingentes militares para as coligações que invadiram o Afeganistão e o Iraque – o que pode ter levado os jihadistas a desenvolverem um raciocínio estratégico e considerar o ataque a estes países um meio de forçar a retirada daquelas tropas –, as caricaturas têm maior força explicativa quando tentamos analisar as várias conspirações que afetaram a Dinamarca. No caso do ataque perpetrado na Suécia em dezembro de 2010, o seu autor invoca explicitamente como motivação as caricaturas de Maomé e a presença de soldados suecos no Afeganistão. Note-se como al-Abdaly foi posteriormente glorificado na sua condição de *shahīd* pela al-Qaeda na Península Arábica, a qual frisa que aquele “cumpru o seu dever individual para com Deus numa operação há muito esperada para lembrar a Suécia da blasfémia contra o Mensageiro de Deus e que a sua participação na ocupação do Afeganistão não ficará sem castigo.” Muhammad al-Sana’ani, “Roshonara & Taimour: Followers of the borderless loyalty”, *Inspire*, n.º 4, Al-Malahem Media, Winter 2010, p. 24

contra o mundo islâmico não só pelos islamistas e jihadistas, mas por vários representantes de países muçulmanos.<sup>1028</sup>

Para avaliarmos a importância deste evento, podemos utilizar como evidência as próprias publicações dos jihadistas. O primeiro número da revista publicada pelo ramo da al-Qaeda na Península Arábica, traçando a cronologia dos eventos que se seguiram à publicação das caricaturas, diz que se a difamação de Maomé faz parte da liberdade de expressão, então a luta contra aqueles que o fazem também faz parte do Islão e que tal esforço deve ser conduzido por toda a *ummah*.<sup>1029</sup> De acordo com al-Awlaki, o autor do artigo, a obrigação de executar todos os envolvidos neste episódio torna-se ainda mais urgente, pois “o pó nunca vai assentar” e os insultos contra o Islão irão continuar o que, na sua perspectiva, constitui um fator mobilizador de cada vez mais Muçulmanos para a luta contra o Ocidente.<sup>1030</sup> Al-Awlaki acrescenta que os responsáveis pelas blasfêmias contra o Islão atuam no “seio de um sistema que lhes oferece apoio e proteção”, do qual faz parte o governo, as autoridades, as redes sociais, os meios de comunicação e as leis que protegem este tipo de discurso.<sup>1031</sup> Fica aqui implícito que a luta contra todo o sistema também é uma obrigação.

Com efeito, é a partir deste período que se começa a observar uma tendência para conceber atentados mais discriminados, em especial dirigidos a figuras públicas críticas do Islão ou que, alegadamente, tenham insultado o Profeta. Na narrativa jihadista aqueles são alvos legítimos pelos crimes cometidos contra a religião islâmica e o seu Profeta.<sup>1032</sup> Esta foi a lógica e o enquadramento do ataque contra Theo van Gogh, em novembro de 2004, e contra o jornal satírico Charlie Hebdo, em janeiro de 2015. Os perpetradores dos dois atentados foram motivados pela ideia de defender o Islão e o seu Profeta, castigando os blasfemos. A adoção de ataques mais discriminados resulta de considerações normativas, ideológicas e instrumentais, e não se verificando uma escalada da violência, estes episódios são relevantes porque causam impacto psicológico significativo em toda a sociedade.

Este conjunto de eventos contribuiu para agravar as crises identitárias e os sentimentos de alienação e desenraizamento que afetam muitos Muçulmanos europeus e para fomentar posturas críticas da sociedade europeia. Ao aprofundarem a perceção de

---

<sup>1028</sup> Ver anexo para consultar as várias conspirações contra os países nórdicos motivadas pelo episódio das caricaturas. Para mais sobre as reações às caricaturas de Maomé por parte de vários países muçulmanos e pregadores ver Pargeter, *The New Frontiers of Jihad*, pp. 190-197.

<sup>1029</sup> Shaykh Anwar al-Awlaki, “The Dust Will Never Settle Down”, *Inspire*, nº 1, pp. 26-27.

<sup>1030</sup> *Ibid.*

<sup>1031</sup> *Id.*, p. 28.

<sup>1032</sup> Peters, “Dutch Extremist Islamism”, in Coolsaet, *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*, p. 156.

guerra ao Islão disseminada e explicada pela ideologia salafista jihadista, algumas destas crises, em especial o episódio das caricaturas, serviram de catalisadores ou aceleradores de processos de radicalização a nível individual, incentivando o envolvimento em atividades de alto-risco. Porém, no seio da minoria que adota atitudes radicais, nem todos enveredam por comportamentos violentos.<sup>1033</sup> Neste sentido, as ligações sociais a outros indivíduos oriundos de meios extremistas podem ter um papel importante, fomentando a confiança e solidariedade necessárias ao envolvimento e participação no movimento.<sup>1034</sup>

A agravar a situação, o modo como as entidades responsáveis tentam contrariar estes problemas identitários nem sempre é o mais adequado ou é fonte de fortes críticas por parte dos próprios Muçulmanos. Muitos líderes muçulmanos na Europa consideram – justa ou injustamente – as discussões em torno da questão dos valores nacionais e do modo como estes devem ser promovidos junto das audiências muçulmanas como tentativas mal disfarçadas de engendrar uma nova forma de Islão, a qual seria moderada, pacífica e adaptada às características e necessidades dos países europeus.

A questão da integração como meio de prevenir a radicalização é controversa. Se alguns apontam para a falta de evidências empíricas para estabelecer uma ligação entre a ausência de integração e o radicalismo e a violência, o Gabinete para a Proteção da Constituição da Alemanha defende que “uma integração bem-sucedida contribui substancialmente para a prevenção do extremismo e do terrorismo.”<sup>1035</sup> Como constatamos pela nossa análise de várias conspirações em solo europeu, considerando que muitos jihadistas são provenientes de meios sociais estáveis e de famílias (aparentemente) integradas, a nossa posição sobre esta questão é que, sendo desejável para tornar a sociedade mais coesa e evitar a sua polarização, a integração não constituiu uma barreira totalmente eficaz contra a adoção de certas ideias e comportamentos radicais.<sup>1036</sup> Afinal, a integração não protege contra o racismo existente em determinados segmentos populacionais, sentimentos de injustiça social ou problemas identitários mais profundos, os quais podem constituir motivações importantes para o ativismo radical.

Devemos, ainda, referir que não foram apenas as redes extremistas militantes que aproveitaram e exploraram estes episódios para tentar mobilizar simpatizantes ou instigar

---

<sup>1033</sup> As autoridades de alguns países defendem que a radicalização sendo um processo contínuo e preocupante em solo europeu, não conduz necessariamente a um aumento da violência no interior da Europa, embora possa funcionar como um terreno de recrutamento para redes extremistas. Ver General Intelligence and Security Services (AIDV), *The Radical Dawa in Transtion*.

<sup>1034</sup> Wiktorowicz, *Radical Islam Rising*, p. 17.

<sup>1035</sup> Bundesamt für Verfassungsschutz, *Integration as a Means to Prevent Extremism and Terrorism: Typology of Islamist Radicalisation and Recruitment*, Köln, January 2007, p. 7.

<sup>1036</sup> Por exemplo, os membros da *Fertilizer bomb plot*; os atacantes de Londres, em 2005; os membros da designada *Doctors cell*; Roshonara Choudhary que atacou um parlamentar britânico;

a rejeição do Ocidente. Estas crises constituíram também oportunidades políticas e culturais para redes ativistas não violentas, quer aquelas com agendas políticas explícitas, quer aquelas que têm por objetivo a disseminação do Islão. Não raras vezes, estas aproveitam para estabelecer ou consolidar a sua influência no interior das respetivas comunidades, acusando de decadência e hipocrisia o Ocidente, cujos países se dizem defensores da liberdade de expressão, da igualdade, da justiça e dos Direitos Humanos, mas restringem as liberdades e os direitos dos Muçulmanos, permitindo todo o tipo de insultos contra a sua fé.

#### 8.4. Os líderes e as personalidades carismáticas: contributos para a transformação do ativismo jihadista na Europa

Outro aspeto fundamental para a análise da evolução do Jihadismo a nível social e estratégico no interior da Europa é a passagem ou presença neste território de pregadores e personalidades de grande carisma que reúnem e mobilizam grupos de indivíduos à sua volta. A mensagem transmitida por aqueles, o modo como estes articulam as ideias, a linguagem e símbolos utilizados para enquadrar as circunstâncias que afetam os Muçulmanos e a escolha do momento para o fazerem contribuem para o processo de socialização e aculturação de novos membros. Bjørge destaca como estes indivíduos têm capacidade para traduzir problemas estruturais em causas motivacionais, procurando pressionar e manipular os membros do grupo, de modo a obterem dividendos políticos.<sup>1037</sup>

O estudo da autoridade carismática e do carisma no contexto das organizações terroristas é uma área ainda pouco desenvolvida a nível teórico, apesar de ser objeto de um interesse crescente por parte do mundo académico.<sup>1038</sup> Como fizemos referência no capítulo sobre a AQI, os líderes carismáticos são considerados importantes para o processo de radicalização e recrutamento dos grupos terroristas, embora seja difícil quantificar e qualificar a sua influência exata e o modo como esta acontece. Na sociedade devem existir condições favoráveis à sua mensagem e uma audiência predisposta a aceitá-la.<sup>1039</sup> Estes desempenham um importante papel no Jihadismo europeu, não só a nível ideológico, mas também social e cultural.

---

<sup>1037</sup> Bjørge, *op. cit.*, pp. 3-4.

<sup>1038</sup> Ver, por exemplo, David C. Hoffmann and Lorne L. Dawson, "The Neglected Role of Charismatic Authority in the Study of Terrorist Groups and Radicalization", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 37, n.º 4, 2014, pp. 348-368.

<sup>1039</sup> *Id.*, pp. 352-353.

Os líderes e ideólogos carismáticos têm-se revelado importantes para atrair novos elementos e para influenciar o comportamento e os valores de alguns indivíduos e o rumo de algumas organizações. Aqueles são responsáveis por enquadrar os motivos do protesto individual em termos religiosos e fomentar uma identidade coletiva, com o objetivo de canalizar o pensamento e/ou a ação dos indivíduos sob sua influência num sentido radical ou violento. No caso europeu, onde o Jihadismo é marcado pelas relações sociais e afetivas e pela existência de pequenos grupos, estes exercem especial fascínio entre os mais jovens e os convertidos, assim como entre aqueles com conhecimentos religiosos mais deficientes. Por norma, o contacto com estas personalidades é uma experiência intensa e ao mesmo tempo subjetiva, podendo despoletar emoções complexas: o elemento carismático tenta que os seus seguidores se sintam especiais e, de certo modo, eleitos para fazerem parte de um grupo de vanguarda, tentando provocar a rutura daqueles com o meio envolvente. Como a mensagem e a narrativa tem mais ressonância se for articulada por uma personalidade com carisma ou com credibilidade, os contactos com aqueles podem desencadear e acelerar processos de radicalização, embora dificilmente possam ser considerados o fator determinante do processo. Se a credibilidade provir de uma educação religiosa, a ideologia propagada pelos líderes carismáticos será mais convincente, o que contribui para a construção de grupos mais coesos e motivados.

Os indivíduos que marcaram mais profundamente a primeira fase do Jihadismo na Europa foram Abu Qatada al-Filistini, Abu Hamza e Omar Bakri Mohammed, assim como o estratega Abu Mus'ab al-Suri. Abu Qatada, cujo nome verdadeiro é Omar Othman, nasceu na Palestina e no final da década de 1980 foi para Peshawar, onde terá entrado em contacto com elementos que viriam a formar a al-Qaeda. Em 1993 foi expulso do Paquistão, tendo vindo para o Reino Unido, onde pediu asilo. Neste território estabeleceu-se como um dos representantes principais do Salafismo jihadismo, tendo exercido influência em importantes elementos deste movimento na Europa, nomeadamente Djamel Beghal e Abdullah al-Faisal. Foi detido em 2005 e lutou durante oito anos para evitar a extradição para a Jordânia, mas esta acabou por se concretizar em julho de 2013.

Enquanto a credibilidade de Abu Qatada derivava em grande parte dos seus conhecimentos teológicos, os quais eram essenciais para atrair seguidores, Abu Hamza tinha um conhecimento deficitário sobre os preceitos e leis islâmicas. Contudo, o seu carisma, os seus sermões inflamados e a sua passagem pelo Afeganistão durante a década de 1990 ajudaram-no a ganhar muitos seguidores. Abu Hamza tinha ligações ou, pelo



menos, terá desempenhado um papel importante na radicalização de Richard Reid, conhecido por bombista do sapato, e Kamel Bourgass, membro da conspiração para atacar com rícino locais públicos no Reino Unido. Detido em 2004, Abu Hamza foi deportado para os EUA em outubro de 2012, onde enfrenta acusações de terrorismo.

O Sírio Omar Bakri Muhammed, líder do *al-Muhajiroun* e a terceira figura de destaque no Reino Unido durante esta fase, ganhou credibilidade como profundo conhecedor do Islão, pelo domínio da língua árabe e, de acordo com os seus seguidores, pela sua compreensão das condições contemporâneas e do contexto local, o que lhe permitia responder a todas as questões que constantemente lhe era colocadas pelos Muçulmanos britânicos.<sup>1040</sup> Em 2005 partiu para o Líbano, não tendo sido autorizado a regressar ao Reino Unido. Alguns dos membros da *Fertilizer bomb plot* teriam ligações, em simultâneo, a Abu Hamza e a Omar Bakri Mohammed.

Entre 1998 e 2006, quase todas as células descobertas no Reino Unido tinham ligações passadas ou presentes a estes três pregadores (apenas num caso essas ligações não são evidentes), enquanto entre 2007 e 2013, várias conspirações apresentavam ligações a organizações sucessoras do *al-Muhajiroun* e a Anjem Choudary, discípulo de Omar Bakri. Porém, a influência destas três figuras não se fez sentir apenas em solo britânico, já que muitas conspirações a nível europeu foram incentivadas ou legitimadas por estes, através do contacto direto ou via Internet com os conspiradores.

Apesar destas serem as personalidades mais visíveis do Jihadismo global na Europa, é possível destacar outras, nomeadamente o clérigo Abdullah al-Faisal, o qual terá sido uma influência decisiva em Germaine Lindsay da célula que cometeu o atentado de Londres em 2005, e que foi deportado para a Jamaica após a sua detenção; os egípcios Yassir al-Sirri e Hani al-Sibai; os sauditas Muhammed al-Massari e Saad al-Faqih, os quais restringiram as suas atividades aos meios de comunicação em língua árabe; e o sírio Abu Basir al-Tartusi.<sup>1041</sup>

Alguns destes retiravam a sua credibilidade dos seus conhecimentos teológicos, enquanto outros da sua condição de veteranos do conflito afegão, ou dos conflitos na Bósnia, Chechénia e Caxemira.<sup>1042</sup> Estes tinham ligações a redes transnacionais, promoviam atos de violência fora do território europeu com a justificação do dever da

---

<sup>1040</sup> Para mais sobre a importância da credibilidade, da reputação e da autoridade religiosa das fontes da mensagem jihadista, ver Wiktorowicz, *Radical Islam Rising*, capítulo 3.

<sup>1041</sup> Para mais sobre a biografia e ideologia de alguns destes indivíduos ver Brachman, *Global Jihadism*, 166-174; Costa, “As Novas Tendências do Pensamento Islamista”, pp. 205-208.

<sup>1042</sup> Nesser, “Jihadism in Western Europe after the Invasion of Iraq”, p. 326.

*jihad*, e tentavam explorar as desigualdades, os sentimentos de exclusão e as crises identitárias dos jovens muçulmanos europeus para disseminar sentimentos antiocidentais.

Embora a sua produção textual continue disponível na Internet, o desaparecimento daquelas figuras da arena pública diminuiu a sua influência sobre o processo de radicalização e mobilização para o Jihadismo, embora como veremos, Abu Bakri Mohammed, a partir do Líbano, tenha contribuído para a passagem de vários jovens europeus para a Síria. O efeito restritivo inicial que aqueles tinham no interior da Europa sobre alguns dos seus seguidores que eram adeptos de abordagens mais violentas também desapareceu, o que a par com a invasão do Iraque, coincidiu com o aumento das justificações para atacar alvos europeus e com a complexificação da situação securitária na Europa.

Contudo, existiam outras figuras que, não tendo conhecimentos doutrinários, tinham um estatuto entre a comunidade jihadista que lhes permitiu desempenhar uma função importante no desenvolvimento do Jihadismo na Europa, nomeadamente o argelino Djamel Beghal, o sírio Abu Dahdah e a belga Malika El-Aroud (os quais cumpriram ou ainda cumprem penas de prisão).<sup>1043</sup> Estes funcionaram como facilitadores entre o processo de radicalização e recrutamento de vários indivíduos, tendo sido responsáveis por fornecer informações sobre o modo de aderir ao movimento, como e onde procurar treino e, por vezes, colocando-os em contacto com as organizações externas.

Os pregadores radicais e as personalidades capazes de reunir grupos de indivíduos à sua volta continuaram a existir: por exemplo, Anjem Choudary, no Reino Unido, Fouad

---

<sup>1043</sup> Beghal teria sido radicalizado sob influência de bu Qatada, em Londres, na década de 1990. Foi um dos mais importantes recrutadores da al-Qaeda durante essa década, na Europa. Em 2000 terá ido para o Afeganistão para receber treino. Foi detido no Dubai, antes de dar início a uma campanha de ataques contra alvos americanos, como a embaixada norte-americana em Paris e o consulado em Marselha. Abu Dahdah ou Imaz Eddin Barakat Yarbas era o líder de uma importante célula de recrutamento e apoio logístico, à qual também pertencia Amir Azizi, um veterano do conflito afegão, que terá sido instrutor em campos de treino naquele país e num campo de treino na Bósnia e era associado de al-Suri. A rede de Dahdah, a qual fornecia documentos falsos a voluntários e radicais que iam para o Afeganistão, Bósnia, Chechénia e Indonésia, tinha ligações a células londrinas e à célula de Hamburgo que concebeu os ataques de setembro de 2001. Abu Khalil al-Suri era o responsável pelas transações financeiras desta rede. Na literatura académica sobre Jihadismo, Abu Dahdah é considerado como um exemplo de "gestor intermédio", responsável pela ligação entre os líderes da al-Qaeda e os militantes de base. A sua rede foi desmantelada em novembro de 2001 durante a Operation Dátil. Malika El-Aroud dirigia com o seu marido, Moez Garsallaoui, aquela que ficou conhecida por rede El-Aroud, desmantelada na Bélgica. El-Aroud era viúva de um dos assassinos de Ahmad Shah Massoud, a 9 de setembro de 2001, no Afeganistão, cultivando o seu estatuto de "viúva de mártir". Estava no Afeganistão em 2001. Aquela divulgava propaganda jihadista na Internet e fazia apologia do terrorismo, tentando recrutar voluntários para o Afeganistão através do sítio web Minbar-sos.com. Detida (com os sete membros da sua rede) em dezembro de 2008 por suspeitas de preparar atentados terroristas na Bélgica e julgada em 2010, foi condenada a oito anos de prisão por pertença a grupo terrorista. Apesar das ligações internacionais, esta rede era pequena e operacionalmente independente da al-Qaeda. Para mais sobre esta rede ver Paul Cruickshank, "The 2008 Belgium Cell and FATA's Terrorist Pipeline," *CTC Sentinel*, vol.2, n.º 4, Combating Terrorism Center at West Point, 2009, pp. 4-8, <https://www.ctc.usma.edu/sentinel/CTCSentinel-Vol2Iss4.pdf>. Note-se que num documento com o título *10 Main Reasons for Brussels Attacks*, o qual foi divulgado a 25 de março de 2016 por um meio de comunicação afiliado à organização Estado Islâmico na plataforma Telegram, o autor acusava a Bélgica de prender as suas "mulheres virtuais, como Malika, apenas porque ela se casou com um *mujahid* e disse a verdade. Se vocês se esqueceram, nós não e nunca esqueceremos." Ver <https://pietervanostaeyen.com/2016/09/20/al-wafa-10-main-reasons-for-brussels-attacks/>.

Belkacem, na Bélgica, e o ativista austríaco Mohamed Mahmoud. As ações destes indivíduos revelam-se importantes para compreender o Jihadismo na fase atual, já que contribuíram para a radicalização da mais recente geração e para a mobilização para a *jihad* na Síria. Estes não retiram credibilidade dos seus conhecimentos teológicos, nem têm reputação adquirida em frentes de combate, mas destacam-se pelas suas formas de protesto. Apesar de demonstrarem capacidades organizativas, de atraírem seguidores, de compreenderem o funcionamento e explorarem a seu favor a sociedade da informação, as personalidades da primeira fase nunca foram substituídas por outras com igual credibilidade e estatuto no interior da Europa, nem com o nível de sofisticação intelectual de Abu Qatada e Al-Suri.

Apesar dos indivíduos emblemáticos do Jihadismo na Europa terem saído da cena europeia, alguns daqueles não desapareceram totalmente do panorama jihadista. Com efeito, na terceira fase do Jihadismo europeu voltamos a ouvir referências a Abu Qatada, Abu Bakri, al-Tartousi e Djamel Beghal, embora em contextos e funções diversas.

#### 8.4.1. A promoção da *jihad* individual no Ocidente

O desaparecimento destes pregadores foi atenuado pelo aparecimento de um conjunto de ideólogos ou propagandistas noutras partes do globo, os quais eram conhecedores do pensamento e modo de vida no Ocidente, articulavam o seu pensamento em línguas ocidentais e comunicavam com o mundo através da Internet. Entre estes “ocidentais na *jihad*”, todos já desaparecidos, destacam-se o clérigo Anwar al-Awlaki; o propagandista e porta-voz norte-americano do núcleo central da al-Qaeda, Adam Yahiyeh Gadahn; e Omar Shafik Hammami, norte-americano que se juntou à al-Shabaab, onde ocupou um lugar de proeminência e foi um dos seus principais recrutadores de outros ocidentais. Estes indivíduos incentivaram uma nova forma de ativismo jihadista na Europa e nos EUA: ao contrário dos anteriores que aceitavam condições para o recurso à violência na arena europeia, estes apelavam à *jihad* individual e ao terrorismo doméstico nos países ocidentais, contribuindo para a alteração estratégica e tática que se verificou no ativismo jihadista na Europa.

Anwar al-Awlaki desempenhou um papel importante na radicalização para a violência de indivíduos no Ocidente, oferecendo uma versão simples e acessível dos preceitos ideológicos e teológicos do Salafismo Jihadismo, propagando a ideia de uma *jihad* defensiva e convencendo-os dos méritos de participar no movimento jihadista

global.<sup>1044</sup> Nos seus textos e discursos, al-Awlaki faz um apelo eloquente aos Muçulmanos no Ocidente para que ataquem os seus próprios países, misturando episódios da história do Islão com temas do discurso político ocidental.<sup>1045</sup> Com efeito, alguns dos indivíduos que planearam ou perpetraram ataques em solo americano e europeu revelaram ter mantido contacto com a AQPA ou referiram al-Awlaki como inspiração.<sup>1046</sup> As suas declarações e produção escrita contêm temas comuns a outros ideólogos, como por exemplo, críticas à política externa dos EUA<sup>1047</sup> e a promoção da *jihad* global, mas também apresentam elementos que refletem o seu conhecimento da cultura e do modo de vida ocidental, o que contribuiu para dar um carácter intemporal aos seus discursos. Al-Awlaki tenta mobilizar os Muçulmanos ocidentais através do apelo à luta contra as mentiras da imprensa ocidental e à formação daquilo que designa de “*mujahideen* da Internet”; reconhecendo a importância dos *nasheeds* para inspirar a juventude e para a criação de uma cultura da *jihad*, encorajando a sua escrita em inglês; instigando aqueles que sejam fluentes em línguas estrangeiras para que traduzam a literatura sobre a *jihad* a partir do Árabe, explicando que todas as mudanças são precedidas de uma mudança intelectual.<sup>1048</sup>

Um dos aspetos fundamentais da sua mensagem para mobilizar apoiantes no Ocidente é a tentativa de fomentar uma identidade entre os Muçulmanos, por oposição àquela dos não Muçulmanos. Para acentuar as diferenças sectárias e a lealdade obrigatória dos crentes para com outros Muçulmanos, este clérigo promove o princípio salafista *al-wala' wa-l-bar'a* para impedir os contactos com outras comunidades.<sup>1049</sup> A mensagem que transmite é cuidadosamente moldada às condições culturais e sociais dos seus ouvintes no Ocidente, pelo que a sua influência no mundo muçulmano é limitada. O facto de não ter experiência em combate também não é benéfico para a sua credibilidade entre

---

<sup>1044</sup> Para mais sobre o modo como al-Awlaki adaptou a mensagem jihadista ao Ocidente, ver Alexander Meleagrou-Hitchens, *As American as Apple Pie: How Anwar al-Awlaki Became the Face of Western Jihad*, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, 2011.

<sup>1045</sup> Ver, por exemplo, Anwar al-Awlaki, *The Dust Will Never Settle Down*, Dar Al-Murabiteen Publications, 2008. Este texto foi publicado pelo primeiro número da *Inspire*.

<sup>1046</sup> Por exemplo, Carlos Leon Bledsoe, o Americano convertido ao Islão que atacou com uma arma um centro de recrutamento militar em Little Rock, esteve no Iémen entre 2007 e 2009, e reclamou ligações à AQPA; o psiquiatra do exército norte-americano que, em novembro de 2009, conduziu um ataque na base militar de Fort Hood, no Texas, teria trocado emails com al-Awlaki; em dezembro do mesmo ano, o nigeriano Umar Abdulmutallab tentou fazer explodir um avião que fazia a ligação entre Amsterdão e Detroit; em maio de 2010, a jovem britânica Roshonara Choudary tentou matar um parlamentar britânico após ter tido acesso aos discursos de al-Awlaki na Internet, referindo-o como inspiração para o seu ato.

<sup>1047</sup> Anwar al-Awlaki, *Message to the American People*, The Global Islamic Media Front, s.d. Esta mensagem foi originalmente enviada para a CNN e posteriormente incorporada na primeira edição da revista *Inspire*.

<sup>1048</sup> Al-Awlaki, *44 Ways to Support Jihad*.

<sup>1049</sup> Segundo al-Awlaki, os Muçulmanos eram ignorantes no que se refere a este princípio, sendo que muitos defendem a tolerância e o amor entre todos. Anwar al-Awlaki, *Allah is Preparing us for Victory*, edited by Mujahid fe Sabeelillah, d.l., s.d., p. 28.

a restante comunidade jihadista.<sup>1050</sup> Contudo, o seu papel em algumas das conspirações em que esteve envolvido para atacar o Ocidente, nomeadamente dirigindo aquela conduzida por Umar Abdulmutallab, lançam dúvidas sobre se este não teria tido um papel mais operacional do que aquele que lhe foi atribuído. A difusão desta narrativa jihadista de identidade e pertença foi favorecida pela habilidade do autor em utilizar os novos meios de comunicação, recorrendo a canais como o *Youtube* para colocar os seus sermões *online*, e à escrita de um *blog*, a partir de 2008.<sup>1051</sup> Neste sentido, a sua influência perdura, pois a sua mensagem e ideias continuam presentes na Internet.

Em junho de 2011, a al-Shahab divulgou um vídeo onde Adam Yahiyeh Gadahn surge a incitar a ações jihadistas individuais e ao apoio aos *mujahideen*. Aquele defende que “a oportunidade para realizar a obrigação divina de lutar contra os inimigos de Deus está disponível a todos que tenham vontade”, sendo simplesmente “uma questão de tomar as devidas precauções, trabalhar em sigilo total e fazer uso de todos os meios aos dispor para causar danos ao inimigo.”<sup>1052</sup> No vídeo, Gadahn acrescenta que “realizar ataques no próprio país dos descrentes tem um importante papel em repelir o inimigo...”, advertindo que “muitos dos irmãos que vieram do estrangeiro estão agora a considerar regressar aos países dos Cruzados.”<sup>1053</sup> Deve, ainda, ser referido o simbolismo do próprio título desta comunicação: a declaração de que cada um é responsável por si próprio é um mecanismo que elimina a necessidade de autorização parental, evidenciando o carácter obrigatório e individual do dever da *jihad*. Na segunda parte deste vídeo, existe um segmento dedicado à *jihad* eletrónica, onde se apela aos Muçulmanos com conhecimentos de informática para que ataquem os *websites* de agências governamentais e das grandes corporações dos países inimigos dos Muçulmanos.<sup>1054</sup>

Omar Shafik Hammami, conhecido por Abu Mansoor al-Amriki, juntou-se à al-Shabaab em 2006, tendo-se transformado num dos seus principais instrutores militares, propagandistas e recrutadores. Hammami defendia que o objetivo da *jihad* era a criação de um Califado e declarou os EUA como alvo legítimo da luta. Os seus vídeos visavam claramente as audiências ocidentais mais jovens, a quem apelava para que se juntassem à

---

<sup>1050</sup> Combating Terrorism Center, *Letter from Usama Bin Laden to 'Atiyatullah Al-Libi (English Translation)*, SOCOM-2012-0000006, West Point, New York, January 2011, p. 2, <https://www.ctc.usma.edu/v2/wp-content/uploads/2013/10/Letter-from-Usama-Bin-Laden-to-Atiyatullah-Al-Libi-Translation.pdf> (data de último acesso: 14 de maio de 2014).

<sup>1051</sup> Meleagrou-Hitchens, *As American as Apple Pie*, pp. 69-70

<sup>1052</sup> Al-Shahab, “Thou Are Only Responsible Only for Yourself – Part 1”, *al-Sahab Media*, 3 June 2011, disponível em <http://thesis.haverford.edu/dspace/bitstream/handle/10066/7254/ASM20110603.1.pdf?sequence=5> (data de último acesso: 14 de janeiro de 2015).

<sup>1053</sup> *Ibid.* Ver, também, Al-Shahab, “Thou Are Only Responsible Only for Yourself – Part 2”, *al-Sahab Media*, 3 June 2011, disponível em <http://thesis.haverford.edu/dspace/bitstream/handle/10066/7255/ASM20110603.2.pdf?sequence=1> (data de último acesso: 14 de janeiro de 2015).

<sup>1054</sup> Al-Shahab, “Thou Are Only Responsible Only for Yourself – Part 2”.

luta somali.<sup>1055</sup> Em 2012, Hammami criticou publicamente a al-Shabaab, mencionando as desavenças entre os líderes do grupo e os membros estrangeiros, o que conduziu ao seu assassinato no ano seguinte.<sup>1056</sup>

As alterações estratégicas verificadas no final desta fase do Jihadismo europeu correspondem a um reconhecimento tardio das teorias formuladas por Abu Mus'ab al-Suri no contexto securitário e geopolítico após 2001.<sup>1057</sup> De acordo com aquele, o terrorismo individual beneficia da participação em frentes de combate, as quais servem de instrumento de recrutamento, oferecem uma oportunidade de treino militar e inspiram simpatizantes a agirem no local onde residem, caso sejam impedidos de viajar a fim de participarem nas hostilidades.<sup>1058</sup> Esta evolução também é demonstrativa da adoção de um espírito mais realista por parte dos jihadistas.

Concluimos que existe uma relação entre a condução de ataques no interior da Europa e os apelos e justificações ideológicas oferecidas por autores e organizações jihadistas noutras regiões do globo. Por exemplo, devido às pressões a que a organização estava sujeita no Iémen, a AQPA aconselhou todos aqueles que pensassem viajar para zonas de combate a conduzirem a *jihad* nos seus países, pois tal “ajuda a causa global”: “atacar o Ocidente... é uma das melhores maneiras de ajudar a *jihad*. [...] Eles (os *mujahideen*) não vão forçar-te a ir embora, mas vão deixar essa opção em aberto para o caso de mudares de ideias e decidas atacar o inimigo em casa. [...] Eles têm consigo um indivíduo que não é procurado pelos serviços de segurança e podem utilizar essa pessoa para aprofundar a causa islâmica. Essa pessoa és tu.”<sup>1059</sup>

Assim, o carisma, a credibilidade, o treino teológico ou a experiência em campo de batalha de certas personalidades são características importantes para que aqueles

---

<sup>1055</sup> Michael Taarnby and Lars Hallundbaek, *Al Shabaab: The Internationalization of Militant Islamism in Somalia and the Implications for Radicalisation Processes in Europe*, Danish Ministry of Justice, February 2010, p. 49.

<sup>1056</sup> Ver Abu Mansur al-Amriki, *The Story of An American Jihaadi Part one*, May 2012, <http://azelin.files.wordpress.com/2012/05/omar-hammami-abc5ab-mane1b9a3c5abr-al-amrc4abkc4ab-22the-story-of-an-american-jihc481dc4ab-part-122.pdf>. Este documento é a sua autobiografia, onde o autor conta a sua trajetória até à al-Shabaab. Ver, também, um dos vídeos onde Hammami diz correr perigo, devido às suas denúncias contra a al-Shabaab em <http://www.youtube.com/watch?v=GAr2srINqks>, 16 de março de 2012 (data de último acesso: 4 de dezembro de 2012); The Middle East Media Research Institute, *In Second 'Urgent Message,' American Al-Shabab Commander 'Omar Hammami Confirms Major Schism Between Somali And Foreign Al-Shabab Fighters, Urges Al-Qaeda Leadership To Intervene*, Special Dispatch, n.º 5020, October 19, 2012, <http://www.memri.org/report/en/0/0/0/0/0/6766.htm> (data de último acesso: 13 de setembro de 2013).

<sup>1057</sup> Brynjar Lia, “Abu Mus’ab al-Suri: Profile of a Jihadist Leader”, *Conference The Changing Faces of Jihadism*, London, 28 April 2006, p. 3; Paul Cruickshank and Mohannad Hage Ali, “Abu Musab Al-Suri: Architect of the New Al-Qaeda”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 30, n.º 1, 2007, p.8.

<sup>1058</sup> As ideias de al-Suri e a sua tendência para citar teorias militares de autores ocidentais não lhe granjearam muitos seguidores no início da década de 2000. A este propósito, Noman Benotman, dissidente do LIFG a residir em Londres, tendo privado com al-Suri nesta cidade, tenta explicar a falta de capacidade daquele para reunir um séquito de seguidores com a sua tendência para elaborar análises críticas e estudos teóricos. Para Benotman “o recrutamento para grupos jihadistas começa sempre com questões espirituais, não com obras estratégicas à la *Apelo à Resistência Islâmica Global*. O que inspira os jovens a participar em grupos jihadistas são “grandes eventos” que enfurecem a opinião muçulmana, e ensinamentos religiosos. Após esta fase, é a tática do grupo específico que conta, não a literatura de um autor não-alinhado.” Noman Benotman citado em Lia, *Architect of Global Jihad*, pp. 226-227.

<sup>1059</sup> Mukhtar Hassan, “What to Expect in Jihad”, *Inspire*, n.º 2, p. 24.

consigam traduzir sentimentos individuais de frustração em mobilização coletiva e em alguns casos para gerar impulso operacional.

Refira-se, ainda, que a opção pelo ativismo no interior da Europa também pode resultar do impedimento em viajar para palcos externos por lacunas pessoais, falta de recursos, inexistência de oportunidades ou por ação das autoridades.

### 8.5. A militância internacional e os combatentes europeus da *jihad*

Um dos elementos mais importantes para avaliar a ameaça do Jihadismo na Europa é o ativismo internacional por parte dos jovens europeus que aderem ao movimento. Com efeito, a partir do momento em que um indivíduo envereda por uma trajetória de violência, aquele pode optar pelo ativismo interno ou pela militância externa. A escolha dos palcos depende de vários fatores: a situação no interior da Europa e as oportunidades políticas e sociais noutras áreas do globo, fatores organizacionais e estruturas de mobilização, a disponibilidade de recursos, pressões sociais, fatores facilitadores, motivações pessoais, para além dos apelos e justificações ideológicas que legitimem a estratégia e modo de atuação. Se por um lado, os números referentes aos indivíduos envolvidos parecem sugerir uma preferência pelo ativismo internacional – uma realidade europeia desde a década de 1990 –, por outro lado, devemos ressaltar que nem todos os combatentes estrangeiros se tornam jihadistas globais, pois nem todos regressam com a intenção de atacar os países ocidentais. Existe, efetivamente, uma diferença entre o desejo de combater num conflito interpretado como uma *jihad* defensiva, logo legítimo, na condição de *mujahid*, e atos de terrorismo internacional.

À semelhança da dificuldade existente em compreender o motivo que conduz jovens muçulmanos europeus a aderirem ao Jihadismo, as motivações que os levam a participar em frentes de combate são complexas, subjetivas e difíceis de avaliar.<sup>1060</sup> Aquelas podem basear-se em interesses ou incentivos imediatos, como as relações sociais (a deslocação prévia de amigos ou conhecidos) ou a pertença a um grupo, assim como refletir quadros ideológicos e políticos, valores, normas e identidades. Outros autores têm

---

<sup>1060</sup> À semelhança do que acontece com os fatores que conduzem à radicalização e ao ativismo doméstico, existem dificuldades metodológicas significativas quando se trata de analisar os motivos que levam indivíduos a envolverem-se em conflitos nos quais não têm um interesse direto. Por exemplo, é difícil reunir dados biográficos fiáveis que nos permitam inferir o modo e a razão da opção escolhida por aqueles. O acesso a antigos combatentes estrangeiros ou a indivíduos que fazem preparativos para viajar é limitado, devido ao secretismo que envolve aquelas atividades. Os poucos que, regressados de palcos de conflitos, aceitam falar das suas experiências, poderão esforçar-se por dar uma imagem mais benigna das suas ações no terreno, de modo a não atrair a atenção das autoridades e para tornar a sua experiência mais aceitável para si e para os outros. Porém, devemos reconhecer que as novas plataformas de comunicação social introduziram importantes dinâmicas neste processo durante os últimos anos, já que alguns daqueles que foram para a Síria falam abertamente sobre a sua experiência pessoal.

avançado com razões pessoais, sociais e religiosas para explicar o fenómeno. Outras motivações regularmente referidas são a busca identitária, o desejo de abandonar uma sociedade corrupta e viver uma vida que imita as primeiras gerações de Muçulmanos, demonstrações de solidariedade e altruísmo,<sup>1061</sup> choque moral, procura de justiça, sentido de vingança e a necessidade de aventura.<sup>1062</sup>

É importante compreender o que determina a escolha dos palcos externos, ou seja, porque alguns conflitos atraem mais combatentes estrangeiros do que outros; a razão pela qual alguns países exportam mais combatentes; e qual a relação entre as experiências externas destes combatentes e a militância doméstica.

Embora em décadas recentes este seja um fenómeno que afeta principalmente Muçulmanos sunitas, a questão dos combatentes estrangeiros não se resume a indivíduos que partilham uma identidade religiosa ou ideológica.<sup>1063</sup> Apesar de nem todos os combatentes estrangeiros serem islamistas ou jihadistas, são estes que na atualidade constituem o foco da preocupação ocidental. A mobilização individual de Muçulmanos sunitas para participarem em conflitos pela defesa da comunidade islâmica esteve na origem do próprio processo de globalização da *jihad* e contribuiu para a emergência e aquisição de capacidades por parte de grupos com agendas transnacionais.<sup>1064</sup>

O debate sobre os combatentes muçulmanos ocidentais, um dos aspetos mais visíveis da militância jihadista nesta última fase, assume várias dimensões: o motivo que os leva a tornarem-se voluntários em conflitos, sem que sejam diretamente afetados por aqueles; como e em que condições ocorre o regresso destes indivíduos aos seus países de origem; o eventual efeito radicalizador dos veteranos e as consequências da experiência operacional e das ligações organizacionais adquiridas; a sua utilização como instrumento de propaganda por parte de grupos terroristas; as relações com os combatentes indígenas

---

<sup>1061</sup> Thomas Hegghammer, *The Foreign Fighter Phenomenon: Islam and Transnational Militancy, Policy Brief*, Belfer Center for Science and International Affairs, Harvard Kennedy School, January 2011, [http://belfercenter.ksg.harvard.edu/files/Hegghammer\\_policy\\_brief\\_feb\\_2011.pdf](http://belfercenter.ksg.harvard.edu/files/Hegghammer_policy_brief_feb_2011.pdf).

<sup>1062</sup> Algumas teorias do âmbito da psicologia explicam o envolvimento em atividades violentas com aspetos relacionados com o temperamento, como por exemplo a procura de novidade e as emoções despoletadas pela ação. Ver Jeff Victoroff, “The Mind of the Terrorist: A Review and Critique of Psychological Approaches”, *The Journal of Conflict Resolution*, vol. 49, n.º 1, 2005, p. 28.

<sup>1063</sup> Ver David Malet, “Foreign Fighters Playbook. What the Texas Revolution and the Spanish Civil War Reveal about al-Qaeda”, *Foreign Affairs*, 8 April 2014, <http://www.foreignaffairs.com/articles/141107/david-malet/foreign-fighters-playbook> (data de último acesso: 15 de março de 2015). Ver, também, Malet, *Foreign Fighters, Transnational Identity and Civil Conflict*, onde o autor refere que 71 dos 331 conflitos civis que analisou contou com a presença de combatentes estrangeiros.

<sup>1064</sup> Como referimos no terceiro capítulo, foi com o fluxo de voluntários que se juntaram à luta afegã contra os Soviéticos, sobretudo a partir de 1984, que nasceu a tendência para os Sunitas se mobilizarem a fim de combater pela defesa do Islão e da sua comunidade e pela recuperação das terras islâmicas sob ocupação, tendo Abdullah Azzam fornecido os fundamentos teóricos e ideológicos que incentivavam esta prática e que seriam utilizados em mobilizações posteriores. Como referimos, a participação em conflitos que visam defender as terras e os povos islâmicos encontra justificação na doutrina legal islâmica sobre a *jihad*, ao contrário da matança indiscriminada de civis no Ocidente, pelo que existe uma distinção fundamental entre o *mujahid* e o terrorista, no que se refere aos alvos e à legitimidade das suas ações. Scott Atran, por exemplo, escreveu que os voluntários que, após 2003, em Espanha, “partiram para o Iraque... respeitavam a coragem dos conspiradores de Madrid, mas discordavam relativamente aos alvos civis e acreditavam que a ação no Iraque seria mais justa e soldadesca do que na Europa.” Scott Atran, “Who Becomes a Terrorist Today??”



e o impacto que os estrangeiros podem ter nos países em conflito, nomeadamente no aumento das atrocidades cometidas; as consequências para os próprios grupos que aceitam o auxílio de elementos estrangeiros, sobretudo no que se refere a uma possível perda de apoio e afastamento de bases locais.<sup>1065</sup> Por fim, devemos constatar o desafio que os combatentes estrangeiros representam para o próprio sistema internacional e para o monopólio estatal do recurso legítimo à força num território, o qual representa um dos pilares do Estado moderno, “a única fonte com direito a utilizar a violência.”<sup>1066</sup>

Com efeito, os conflitos que envolvem populações muçulmanas constituem oportunidades para os jihadistas globais e têm importantes consequências para a Europa: 1) sendo utilizados como evidência de que os Muçulmanos são perseguidos e oprimidos por líderes ilegítimos e pelos países ocidentais que os apoiam, aqueles contribuem para a radicalização de uma determinada faixa populacional; 2) no caso de envolvimento de forças militares ocidentais, observa-se o reforço da narrativa da *jihad* global e das justificações para conceber atentados nos países envolvidos; 3) a mobilização de Muçulmanos para a defesa da comunidade islâmica contribui para o surgimento de redes de veteranos e para a promoção de uma identidade coletiva. Neste sentido, ao longo da última década, os conflitos no Afeganistão, Iraque, Somália e, mais recentemente, na Síria e no Iraque tiveram – e continuam a ter – importantes consequências, tendo contribuído para o aumento quer dos indivíduos que aderiram ao movimento, quer das conspirações nos países europeus.

Existem dois elementos fundamentais para avaliar a deslocação de voluntários para zonas de instabilidade fora da Europa. Em primeiro lugar, temos de considerar o próprio indivíduo e o ciclo de vida do combatente estrangeiro, ou seja, a fase antes da mobilização, a participação no conflito e a fase após a guerra.<sup>1067</sup> Cada uma destas apresenta desafios próprios e deve ser analisada em separado para compreender o fenómeno na sua totalidade. Assim, a primeira fase pode esclarecer sobre o conjunto de motivações que conduz à mobilização do indivíduo para um conflito externo, os fatores que explicam a escolha de determinados palcos e o modo como este tem acesso àquele.

---

<sup>1065</sup> Ver, por exemplo, Malet, *Foreign Fighters, Transnational Identity and Civil Conflict*; Cilluffo, Ranstorp and Cozzens, *Foreign Fighters: Trends, Trajectories and Conflict Zones*; Barak Mendelsohn, “Foreign Fighters – Recent Trends”, *Orbis*, vol. 55, n.º 2, 2011, pp. 189-202; Paul Cruickshank, *The Militant Pipeline: Between the Afghanistan-Pakistan Border Region and the West*, Washington, DC, New America Foundation, 2010.

<sup>1066</sup> Ver Max Weber, *Politics as a Vocation*, um ensaio com origem numa palestra dada pelo autor em 1919, em Munique, perante o “Free Students Union”. Ensaio disponível em <http://anthropos-lab.net/wp/wp-content/uploads/2011/12/Weber-Politics-as-a-Vocation.pdf>. Também Charles Tilly enquadró o monopólio da violência por parte do Estado não apenas como uma função da soberania, mas como um instrumento da sua criação: para este, “a guerra fez o Estado e o Estado fez a guerra.” Charles Tilly, “Reflections on the History of European State Making,” in Charles Tilly (ed.), *The Formation of National States in Western Europe*, Princeton, Princeton University Press, 1975, p. 42.

<sup>1067</sup> Mendelsohn, “Foreign Fighters – Recent Trends”, p. 194.

A segunda fase centra-se na experiência individual no palco de conflito e pode ajudar a compreender os fatores que orientam a escolha de determinados grupos em detrimento de outras opções existentes, a cultura política e social dessa organização, as funções que o indivíduo desempenha no seio daquela e o seu papel no decorrer da guerra. A última fase é o produto da combinação das motivações iniciais e da experiência no palco de guerra: estas são fundamentais para compreender as diferentes trajetórias que cada indivíduo segue após o conflito.

O segundo elemento fundamental para compreender estas deslocções são as dinâmicas próprias de cada conflito e o modo como aquele é enquadrado em termos ideológicos e narrativos. Regra geral, os conflitos decorrem por fases, as quais são marcadas por determinados acontecimentos que influenciam o rumo futuro daqueles, nomeadamente: a predominância de certos grupos, os sucessos e retrocessos operacionais, as alterações estratégicas, a adoção ou modificação de táticas ou a entrada em cena de novos atores. Estes fatores podem ter impacto na decisão de um indivíduo se voluntariar para participar naquele. À medida que aqueles se desenrolam, as motivações dos indivíduos podem sofrer alterações: um indivíduo que numa fase é um mero observador dos acontecimentos pode ser levado a pensar que deve intervir em resultado, por exemplo, de uma alteração de forças no terreno, da intervenção de novos atores ou de um acontecimento particular que influencie considerações e interesses pessoais.

Tendo aumentado o interesse sobre esta questão em anos recentes, o corpo teórico existente debate sobretudo a existência de uma relação causal entre, por um lado, as experiências internacionais e, por outro lado, o nível de empenho individual ou o seu envolvimento a longo-prazo no Jihadismo. Aqueles que participam em conflitos ou campos de treino paramilitar têm, por norma, experiências mais fortes e “mais duradouras”, as quais podem resultar numa intensificação das crenças radicais e do compromisso ideológico.<sup>1068</sup> Assim, importa analisar as motivações para a participação destes indivíduos em conflitos, mas também o seu percurso na fase pós-conflito. Vários autores destacam como os combatentes estrangeiros no Afeganistão, não tendo desempenhado um papel de grande relevo na luta contra os Soviéticos, foram fundamentais em vários conflitos posteriores.<sup>1069</sup>

---

<sup>1068</sup> Hegghammer, “Should I Stay or Should I Go?”, p. 6.

<sup>1069</sup> Como mencionamos anteriormente, autores como Sageman, Hegghammer, Burke, Wright, Mendelsohn e Kohlmann destacam que a maioria dos voluntários árabes que, ao longo da década de 1980, viajaram para o Afeganistão nunca participaram ativamente naquele conflito ou desempenharam um papel marginal no seu resultado. Aliás, a relação entre estes e os *mujahideen* afegãos sempre foi conturbada. Ainda assim, a sua presença naquele palco contribuiu para alimentar uma narrativa que descreve as façanhas e bravura dos Árabes, os quais com a ajuda divina derrubaram uma superpotência, criando um mito com pesadas consequências futuras.

Antes de analisarmos o impacto do ativismo externo na evolução dos acontecimentos em território europeu devemos distinguir os indivíduos que participam em conflitos fora deste território daqueles que frequentam campos de treino paramilitar.<sup>1070</sup> A distinção entre estes processos pode ser problemática, pois as motivações e o comportamento nem sempre coincidem, devido às ambiguidades inerentes ao ser humano e às circunstâncias que o afetam. Alguns autores optam por não proceder a uma distinção prévia entre os dois processos, devido à existência de obstáculos metodológicos e teóricos que dificultam esta tarefa.<sup>1071</sup> Porém, esta opção pode conduzir a conclusões erradas quando avaliamos o impacto do regresso destes indivíduos, pois aquelas atividades podem ter diferentes consequências na atividade jihadista no interior da Europa e na avaliação da ameaça terrorista.

Tendo em mente a nossa definição de combatente estrangeiro, quando nos referirmos àqueles que são oriundos de países europeus consideramos todos os que nasceram na Europa ou que têm o estatuto de residente de longa duração neste território, ou seja, os nacionais de países terceiros que aqui residam de modo legal e ininterrupto há cinco anos.<sup>1072</sup>

O conceito de treino jihadista é mais problemático. Mendelsohn, por exemplo, define aquele que frequenta campos de treino paramilitar como um indivíduo “que vai para outra área, recebe treino, e regressa para executar atentados noutros locais, normalmente no seu próprio país”.<sup>1073</sup> Com efeito, é importante distinguir entre os indivíduos que saem deste continente a fim de se juntarem a conflitos contra um inimigo definido e aqueles que viajam para adquirirem competências militares junto de determinados grupos, tendo em vista a posterior participação em conflitos ou a condução

---

<sup>1070</sup> Quando nos referimos a campos de treino é importante notar que estes são, com frequência, um grupo de pessoas que se juntam nalguma área de difícil deteção para as autoridades ou caracterizada pela ausência de uma autoridade governativa (como na região tribal do Paquistão e na Somália), a fim de conduzirem treino físico juntas, treino com armas e em técnicas de assalto armado e fabricação de bombas. Não se trata, portanto, de uma estrutura formal, já que após a invasão do Afeganistão, em 2001, os campos de treino criados pela rede de Bin Laden e outros grupos foram desmantelados. É neste contexto que, em anos recentes, muitos têm recorrido à Internet para descarregarem instruções para fabricar bombas e preparar ataques, o que tem um evidente impacto negativo a nível técnico, aumentando o amadorismo deste tipo de ações.

<sup>1071</sup> Por exemplo, no artigo de 2013, Hegghammer opta por agregar sob a categoria de “combatente estrangeiro” todos os indivíduos que se deslocam para fora do Ocidente a fim de combater ou receber treino, embora reconheça que esta consiste num desvio às definições até então existentes. (Hegghammer, “Should I Stay or Should I Go?”, p. 1) Em 2011, o mesmo autor definia combatente estrangeiro como um agente que: 1) se juntou e opera dentro dos limites de uma insurgência, 2) não tem cidadania do Estado em conflito ou laços de parentesco com as fações em guerra, 3) carece de filiação a uma organização militar oficial, e 4) não é pago. (Hegghammer, “The Rise of Muslim Foreign Fighters”, pp. 57-58.) De igual modo, o Conselho de Segurança da ONU definiu recentemente que um combatente estrangeiro é um “indivíduo que viaja para um Estado que não o seu Estado de residência ou nacionalidade com o objetivo de perpetrar, planejar, preparar ou participar em atos terroristas, ou fornecer ou receber treino terrorista, incluindo em relação com um conflito armado.” Conselho de Segurança das Nações Unidas, Resolução 2178 (2014), 24 September 2014, p. 2, [http://www.un.org/en/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=S/RES/2178%20\(2014\)](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/2178%20(2014)) (data de último acesso: 10 de outubro de 2014).

<sup>1072</sup> Por exemplo, de acordo com esta definição, um membro da diáspora somali que vive num país da Europa ocidental há mais de cinco anos que procure participar no conflito na Síria é considerado um combatente europeu.

<sup>1073</sup> Mendelsohn, “Foreign Fighters – Recent Trends”, p. 193.

de ataques terroristas no Ocidente.<sup>1074</sup> Por norma, o estabelecimento de contactos com organizações transnacionais e a tentativa de obter treino militar ou orientação junto daquelas é considerado um bom indicador da predisposição para enveredar pela violência. Tal pode elevar as probabilidades de ver estes indivíduos transformarem-se em terroristas no Ocidente em comparação com aqueles que participam em conflitos, os quais podem ter um conjunto complexo de motivações.<sup>1075</sup>

Contudo, esta questão é mais complexa, pois alguns indivíduos que viajam com o intuito de participarem em conflitos podem ser desviados para campos de treino e depois enviados para o Ocidente para perpetrar ataques. Por exemplo, os membros da célula de Sauerland, Fritz Gelowicz e Adam Yilmaz, tinham como objetivo juntarem-se à resistência sunita no Iraque, mas como não falavam árabe tal impediu de o fazerem. Então, decidiram participar na luta chechena, mas acabaram a receber instrução militar no Waziristão, tendo sido enviados enviados para a Europa pelo IJU para perpetrarem um ataque.<sup>1076</sup> Assim, a motivação e objetivos iniciais, sendo importantes, nem sempre são os responsáveis pela trajetória que estes indivíduos seguem. Contudo, esta trajetória é fundamental para analisar as consequências que estes indivíduos envolvidos em atividades externas têm no interior da Europa, e para o desenvolvimento de medidas de combate ao terrorismo.

A questão do treino não deve ser menosprezada e agregada com outras formas de militância por outras razões. Alguns ideólogos e estrategas, entre os quais Abdullah Azzam e Abu Mus'ab al-Suri, reconheceram a necessidade de preceder a aquisição de capacidades militares e o treino físico de um processo de preparação espiritual e doutrinação ideológica tendo em vista reforçar a determinação, paciência e desejo de combater o inimigo com recurso a métodos brutais.<sup>1077</sup> Deste modo, a participação neste tipo de atividades pode ser uma forma de endurecer mentalmente o indivíduo através da

---

<sup>1074</sup> Alguns autores referem, ainda, a existência de infraestruturas utilizadas pelos jihadistas no interior da Europa para realizarem atividades de treino físico, consolidar a coesão e o espírito de grupo e difundir a mensagem ideológica como, por exemplo, em áreas rurais do Reino Unido, regiões montanhosas de França e Itália. Por exemplo, Cilluffo, Ranstorp and Cozzens, *Foreign Fighters: Trends, Trajectories and Conflict Zones*, p. 11; Vidino, *Al-Qaeda in Europe*, p. 78.

<sup>1075</sup> Vários estudos também destacam a maior perigosidade e severidade da ameaça no caso das conspirações com ligação a organizações jihadistas externas ou cujos membros tenham recebido treino militar em comparação com aquelas concebidas por células independentes e terroristas solitários, as quais tendem a agir com auxílio de material encontrado na Internet e revelam amadorismo operacional. Sobre a diferença qualitativa entre conspirações terroristas ligadas a organizações jihadistas externas e conspirações engendradas por indivíduos e células independentes ver Nesser, "How Did Europe's Global Jihadis Obtain Training for Their Militant Causes?", p. 250; Lorenzo Vidino, *Radicalization, Linkage and Diversity. Current Trends in Terrorism in Europe*, Santa Monica, CA, RAND Corporation, 2011, pp. 17-18.

<sup>1076</sup> Steinberg, *German Jihad*, pp. 67-69. Também Najibullah Nazi, cidadão afegão residente nos EUA que tinha planeado ataques ao sistema de metro de Nova Iorque, viajou para o Afeganistão para se juntar aos Talibãs, mas foi treinado no Waziristão e instruído para regressar e cometer um atentado no seu país de residência. Cilluffo, Ranstorp and Cozzens, *Foreign Fighters: Trends, Trajectories and Conflict Zones*, p. 4.

<sup>1077</sup> Para mais sobre doutrina relativas a treino terrorista ver Brynjar Lia, "Doctrines for Jihadi Terrorist Training", *Terrorism and Political Violence*, vol. 20, n.º 4, 2008, pp. 518-542; para mais sobre a importância do treino ideológico ver Brian Fishman, *Dysfunction and Decline: Lessons Learned From Inside Al Qaeda in Iraq*, p. 28.

sua separação física do mundo, fomentar um sentimento de irmandade entre os aprendizes e aumentar a sua lealdade para com o grupo, ajudando-o a encontrar um meio eficaz de traduzir para ações violentas as suas ideias radicais. Os campos de treino têm ainda a vantagem de fornecer instrução em técnicas militares (embora, na maioria das vezes, rudimentares), poupando os indivíduos do contacto direto com os horrores da guerra, os quais podem ter diferentes efeitos no combatente.<sup>1078</sup>

Por exemplo, os campos de treino estabelecidos no Afeganistão pela geração de Árabes afegãos, ao longo da década de 1990, revelaram-se fundamentais para a formação e socialização de uma geração de jihadistas, alguns dos quais provenientes de países europeus, tendo-se posteriormente deslocado para locais como a Bósnia, Chechénia ou Tadjiquistão.<sup>1079</sup> Mais tarde, alguns daqueles estariam no centro das redes transnacionais que mobilizaram voluntários para o Iraque, contribuindo para a implementação de táticas brutais como os atentados suicidas.<sup>1080</sup> Este exemplo atesta a importância do treino físico e mental, já que naqueles campos se promovia a cultura da *jihad* violenta e do martírio.

## 8.6. Os combatentes europeus nos palcos da *jihad* entre 2001 e 2011

É impossível saber com exatidão o número de indivíduos que sai da Europa para participar em conflitos externos ou para receber treino paramilitar. A quantificação deste fenómeno é um dos maiores obstáculos ao seu estudo, já que os dados existentes em fonte aberta são incompletos e, por vezes, contraditórios.

Entre 2001 e 2011, os militantes jihadistas europeus foram atraídos sobretudo para três regiões: Iraque, região entre o Paquistão e o Afeganistão e Somália. Alguns indivíduos que viriam a desempenhar um papel operacional em solo europeu, em 2002, tinham experiência de combate na Chechénia, país que exerceu algum fascínio entre aspirantes a combatentes, como aconteceu com dois elementos da célula Hofstad que

---

<sup>1078</sup> Ao entrarem em combate sem ou com pouca preparação física ou mental, os combatentes estrangeiros podem ter de lidar com traumas e problemas psicológicos, e a falta de preparação física para o conflito transforma-os num perigo para si e para os combatentes locais. Outros problemas relacionados com os combatentes estrangeiros são a dificuldade em adaptarem-se às condições de vida duras no terreno, a falta de conhecimentos linguísticos e a possibilidade de entrar em choque cultural com as combatentes e as populações nativas, devido ao seu desconhecimento e falta de respeito pelas tradições e costumes locais. (Mendelsohn, “Foreign Fighters – Recent Trends”, pp. 195-196.) Nas primeiras cinco edições, entre 2010 e 2011, a revista *Inspire* publicou uma secção designada por “What to Expect in *Jihad*”, onde eram dados conselhos práticos aos indivíduos que pretendiam viajar para zonas de conflito, alertando sobre a dureza das condições no terreno.

<sup>1079</sup> Durante o conflito afegão, entre 1979 e 1992, poucos Ocidentais se deslocaram para participar na luta contra os Soviéticos. Ainda assim, os esforços de Azzam levaram para aquele cenário alguns Norte-americanos, embora sejam pouco conhecidos casos de Europeus a participar naquele conflito. O caso dos Americanos que lutaram contra os Soviéticos foram documentados, por exemplo, por J. M. Berger, *Jihad Joe: Americans who go to war in the name of Islam*, Washington, DC, Potomac Books, 2011.

<sup>1080</sup> Hafez, *Suicide Bombers in Iraq*, pp. 165-166.

tentaram alcançar aquele cenário sem sucesso.<sup>1081</sup> Porém, este nunca se assumiria como um destino de eleição, pelas razões que referimos anteriormente.

No caso do Iraque, várias fontes forneceram números diferentes sobre os vários contingentes nacionais a lutar naquele território entre 2003 e 2008.<sup>1082</sup> Regra geral, entre 2003 e 2005 deslocaram-se mais combatentes do que durante a fase seguinte, devido à facilidade em entrar naquele território durante o primeiro período, e à crescente violência dos métodos da AQI, à ofensiva das forças da coligação e à oposição das tribos aos insurgentes jihadistas na segunda fase do conflito.<sup>1083</sup> Apesar da visibilidade do fenómeno e dos receios que provocou entre as autoridades, os Muçulmanos europeus nunca representaram um grupo muito significativo no universo dos combatentes estrangeiros que ali se encontravam a lutar contra as forças da coligação.<sup>1084</sup> De acordo com as estimativas conservadoras de Hegghamer, partiram de países europeus para aquele destino cerca de cem voluntários.<sup>1085</sup> Com pouca ou nenhuma experiência em atividades militares, muitos destes foram utilizados pela organização insurgente como bombistas suicidas, contribuindo para a brutalização do conflito. Entretanto, na Europa aumentaram as detenções de cidadãos europeus relacionadas com o auxílio à deslocação de voluntários para o Iraque.<sup>1086</sup>

As nacionalidades europeias mais representadas eram a francesa e britânica, o que reflete a importância das ligações organizacionais e sociais e a existência de redes de mobilização para aquele território.<sup>1087</sup> Note-se que estruturas ligadas a outros grupos contribuíram para o recrutamento de Europeus, nomeadamente o GSPC, o Grupo Islâmico Combatente Marroquino (GICM) e o *Ansar al-Islam*, sendo que este último atuou sobretudo na Alemanha, Itália, Suécia e Holanda.

As autoridades britânicas acreditavam que, em junho de 2005, se encontravam no Iraque aproximadamente 70 combatentes britânicos a lutar contra as forças da coligação; em 2006, as autoridades aumentaram as estimativas para 120 a 150 indivíduos.<sup>1088</sup> Hoje,

---

<sup>1081</sup> No caso de Caxemira, encontramos dados relativos a dois jovens holandeses de origem marroquina – Ahmed el-Bakiouli e Khalil el-Hassnaoui –, os quais, radicalizados através de contactos estabelecidos em algumas mesquitas e através da Internet, decidem partir para o Afeganistão para lutar contra a coligação, mas impedidos de entrar naquele país decidem ir para Caxemira, onde foram mortos em janeiro de 2002. Um dos elementos da conspiração conhecida por *Fertilizer bomb plot*, em março de 2004, também terá frequentado um campo de treino do LeT naquele território. O mesmo terá acontecido com o principal elemento da célula que conduziu o atentado de Londres, em 2005.

<sup>1082</sup> Ver Felter and Fishman, *Al-Qa'ida's Foreign Fighters in Iraq: A First Look at the Sinjar Record*, pp. 30-31.

<sup>1083</sup> Hafez, "Jihad after Iraq: Lessons form the Arab Afghans", p. 86.

<sup>1084</sup> Alison Pargeter e Ahmed al-Baddawy, "North Africa's radical diaspora in Europe shift focus to Iraq war", *Jane's Intelligence Review*, April 2006.

<sup>1085</sup> Hegghammer, "Should I Stay or Should I Go?", p. 5

<sup>1086</sup> Europol, *TE-SAT 2008*, p. 20.

<sup>1087</sup> Steven Simon, "The Iraq War and the War on Terror: The Global Jihad after Iraq", in John Duffield and Peter Dombrowski (eds.), *Balance Sheet: The Iraq War and U.S. National Security*, Stanford, Stanford University Press, 2009, p. 21.

<sup>1088</sup> Simcox et al., *Islamist Terrorism: The British Connection*, p. xxix.

estes números parecem-nos algo irrealistas se olharmos para as estimativas de Hegghamer e de outros autores.

Relativamente aos Franceses que ali se encontravam, aqueles estavam ligados a várias células desmanteladas pelas autoridades a partir de 2004, e eram provenientes de um meio radical onde proliferava uma cultura jihadista, o que foi determinante para a mobilização para o Iraque.<sup>1089</sup> A principal era conhecida por *19th Arrondissement*, com referência ao bairro parisiense onde desenvolvia as suas atividades. Desmantelada em 2005, alguns membros desta célula continuariam ligados ao meio radical durante o tempo em que permaneceram na prisão ou após cumprirem as penas a que tinham sido condenados, acabando por enveredar pelo ativismo doméstico. A relevância desta rede chega à atualidade: foram elementos desta célula, entre os quais Cherif Kouachi, que tentaram provocar a fuga da prisão de um antigo membro do GIA envolvido nos atentados ao metro de Paris, seguindo um plano traçado por Djamel Beghal; Kouachi, o qual tentava viajar para o Iraque quando foi detido em janeiro de 2005, foi um dos dois responsáveis pelo ataque contra o Charlie Hebdo, em janeiro de 2015.

Destaca-se, também, a presença de Belgas no terreno, fruto da atividade de duas redes envolvidas no auxílio à deslocação de recrutas para aquele palco. Em 2004, foi descoberta a rede de Maaseik, a qual era formada por indivíduos com ligações ao GICM e à célula que perpetrou o ataque em Madrid. O seu líder, Abdelkader Hakimi, um veterano dos campos afegãos recentemente libertado da prisão, era considerado o representante daquele grupo na Europa. A rede era composta por alguns veteranos do Afeganistão e por alguns elementos recrutados na Bélgica. A nível de nacionalidades alguns eram Marroquinos e outros eram Belgas descendentes de Marroquinos.<sup>1090</sup> Em 2006, foi desmantelada uma rede de recrutamento, a célula Kari, a qual foi responsável pelo envio de, entre outros, Muriel Degauque, a primeira bombista suicida ocidental naquele conflito.<sup>1091</sup>

Em 2007, o Iraque ainda terá atraído um número importante de voluntários europeus. Após aquela data, aquele palco perdeu atratividade, devido à derrota da

---

<sup>1089</sup> Destacam-se as redes de *19th Arrondissement*, a célula de Montpellier, a célula de Nice, a célula de Tours, o grupo de Ansar al-Fath e a rede Artigat. Ver Timothy Holman, “Belgian and French Foreign Fighters in Iraq 2003-2005: A Comparative Case Study”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 38, n.º 8, 2015, pp. 603-621.

<sup>1090</sup> Europol, *TE-SAT 2007*, p. 3; Europol, *TE-SAT 2008*, pp. 18-19; Europol, *TE-SAT 2009*, p. 18.

<sup>1091</sup> É impossível saber quanto voluntários belgas foram – ou tentaram ir – para o Iraque. Contudo, são conhecidos pelo menos nove indivíduos, sendo que cinco deles morreram durante o conflito. A célula responsável pela deslocação de Dugauque também recrutou Issam Goris e Kotob Soughir (ambos mortos), Younes Loukili (ferido, regressou à Bélgica) e Nabil Karmun (aparentemente terá mudado de ideias a caminho do Iraque). Aquela que é conhecida por rede Tabich era constituída por Ali Tabich (regressou à Bélgica) e Rachid Arouch (morto durante o conflito). Também podemos referir Fathi Somrani, morto num ataque suicida perto de Bagdade em julho de 2006, e Hafid El-Bahri, designado por Abu Talhah nos Sinjar records, e cujo destino é desconhecido. Dados partilhados com a autora por Guy Van Vlieden, em email de 1 de julho de 2015. Ver também, Holman, *op. cit.*, pp. 607-609.

insurreição, à melhoria da situação securitária no Iraque e à crescente oposição ao ramo da al-Qaeda naquele país. Em 2008, é possível constatar que o Iraque foi substituído pelo Afeganistão e pela Somália nos discursos jihadistas. Devemo-nos, contudo, questionar porque é que o Iraque nunca foi capaz de atrair um número muito elevado de combatentes europeus, considerando que contribuiu para a radicalização de uma faixa importante de jovens muçulmanos na Europa.

Entre 2001 e 2006, não se verificou a deslocação de muitos combatentes estrangeiros para o Afeganistão ou para a região tribal paquistanesa, onde os elementos do núcleo da al-Qaeda e os Talibãs se refugiaram após 2002.<sup>1092</sup> Contudo, em 2008, aqueles países assumem-se como o destino preferido da maioria dos combatentes oriundos da Europa, devido, entre outros fatores, à reorganização e consolidação de posições dos Talibãs nas áreas tribais paquistanesas e à propaganda da al-Qaeda que apelava a uma campanha violenta no Paquistão.<sup>1093</sup> Alguns Europeus deslocaram-se para as áreas tribais à procura de treino militar para participarem na luta afegã ou para conceberem atos de terrorismo nos seus países de origem.

Com efeito, algumas conspirações concebidas em países europeus envolveram indivíduos que frequentaram campos de treino paramilitar situados na fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão e/ou indivíduos com ligações a grupos associados à al-Qaeda na região tribal daquele país, mais concretamente, ao IJU, IMU, LeT e TTP.<sup>1094</sup> No caso alemão, muitos convertidos ou indivíduos de origem turca juntaram-se aos Talibãs paquistaneses, ao IMU, ao IJU e outros grupos jihadistas a fim de combaterem as forças da NATO na região.<sup>1095</sup> A deslocação de indivíduos deste país para a região intensificou-se a partir de 2006, quando a Alemanha aumentou a sua contribuição militar para a coligação no Afeganistão. Em 2007, alguns daqueles formaram uma unidade designada de German Taliban Mujahideen (GTM), a qual fazia parte do IJU e que desapareceu quando os seus membros foram mortos pelas forças paquistanesas em 2010.<sup>1096</sup> Embora

---

<sup>1092</sup> Anne Stenersen, "Al Qaeda's Foot Soldiers: A Study of the Biographies of Foreign Fighters Killed in Afghanistan and Pakistan Between 2002 and 2006", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 34, n.º 3, 2011, p. 175. 187

<sup>1093</sup> Os serviços de Segurança britânicos revelaram, em novembro de 2008, acreditarem que cerca de 4000 Muçulmanos Britânicos tinham frequentado campos de treino terrorista naqueles territórios, desde a década de 1990. Ver Kim Sengupta, "British Muslims have become a mainstay of the global jihad", *The Independent*, 29 November 2008, <http://www.independent.co.uk/news/world/asia/british-muslims-have-become-a-mainstay-of-the-global-jihad-1040232.html> (data de último acesso: 23 de dezembro de 2008).

<sup>1094</sup> Por exemplo, a operação Crevice, em março de 2004; o atentado de Londres, em 2005; a conspiração designada por *Transatlantic airline bomb*, em agosto de 2006; a célula de Sauerland e caso Glasvej, em setembro de 2007; e a Operación Cantata, em janeiro de 2008. A designada "Europlot", conspiração inspirada pelos ataques a Bombaim, descoberta em outubro de 2010 e que estaria planeada para fevereiro ou março de 2011, tem uma lógica diferente, pois foi concebida pelos Talibãs paquistaneses (TTP), em retaliação aos ataques de *drones* no Paquistão e para forçar a retirada das forças alemãs do Afeganistão.

<sup>1095</sup> As autoridades afirmavam ter evidências de, pelo menos, setenta Alemães a frequentar campos de treino nas regiões tribais do Paquistão e trinta a participar em operações de combates, tendo impedido vinte e seis de viajar para aquele palco. Cilluffo, Ranstorp and Cozzens, *Foreign Fighters: Trends, Trajectories and Conflict Zones*, p. 9.

<sup>1096</sup> Steinberg, *German Jihad*, pp. 152-174.



desempenhassem atividades militares, este grupo foi especialmente ativo na disseminação de propaganda através da Internet, apelando a ataques na Alemanha e, em conjunto com a consolidação do meio salafista alemão, foi responsável pela mobilização de muitos jovens alemães para o Jihadismo.<sup>1097</sup> O número de Europeus naquele território começou a decrescer a partir de 2011.

A Somália surgiu como destino alternativo para os aspirantes europeus a jihadistas a partir de 2007, especialmente na Escandinávia e no Reino Unido – duas regiões com diásporas somalis significativas –, mas também na Holanda e Alemanha.<sup>1098</sup> Em 2008, existiam fortes indícios de combatentes europeus nas fileiras da al-Shabaab, a qual estando alinhada com a al-Qaeda, ainda não tinha uma ligação formal àquela organização.<sup>1099</sup>

É possível distinguir entre duas vagas de voluntários estrangeiros para aquele país, os quais têm diferentes motivações. A primeira vaga de combatentes eram de etnia somali e terão sido motivados principalmente por questões nacionalistas e pela ideia de lutar uma *jihad* defensiva após a invasão etíope, em 2006. Não é de todo claro até que ponto aqueles se identificavam com a ideologia da al-Shabaab.<sup>1100</sup> Com a retirada das tropas invasoras, em 2009, tem início a chegada de uma segunda vaga de combatentes, muitos dos quais não são de origem somali. A existência de combatentes não somalis no interior do grupo pode ser uma evidência de que existem elementos movidos pela ideologia do Jihadismo global e pela ideia de lutarem pela defesa da *ummah* e não tanto por fervor patriótico.

Em 2010, as autoridades europeias estimavam que existiam cerca de trezentos combatentes ocidentais junto daquela organização, o que fez aumentar as preocupações com aquele destino.<sup>1101</sup> Muitos destes ocuparam posições de destaque no interior da al-

---

<sup>1097</sup> *Id.*, p. 29.

<sup>1098</sup> Taarnby and Hallundbaek, *op. cit.*, pp. 39-42. Por volta de 2007/2008, as autoridades britânicas expressaram a sua preocupação com as informações de que na Somália tinha lugar o treino de indivíduos e o planeamento de atentados com ênfase no Reino Unido. Por volta daquela data, mais de noventa combatentes estrangeiros foram capturados ou mortos na Somália, entre os quais Britânicos e Suecos. Europol, *TE-SAT 2008*, pp. 25-26; ver, também, Simcox et al., *Islamist Terrorism: The British Connection*, p. xxx.

<sup>1099</sup> A al-Shabaab também procurou influenciar as atividades jihadistas em solo europeu, como é possível concluir pelos recentes apelos a ataques no Reino Unido, EUA e Canadá, através de um vídeo narrado por um militante que se exprimia com sotaque britânico. (Jon Swaine, “Terror Threats Issued Against British, American and Canadian Shopping Malls”, *The Guardian*, 22 February 2015, <http://www.theguardian.com/world/2015/feb/22/terror-threats-issued-against-british-american-and-canadian-shopping-malls> (data de último acesso: 23 de fevereiro 2015)) Já em 2012 aquela organização tinha ameaçado o Reino Unido devido à decisão de extraditar Abu Qatada – demonstrando a hipocrisia e inconsistências do seu pensamento, pois acusando o Ocidente de ser corrupto e imoral, os jihadistas preferem estes países a serem entregues a países muçulmanos – e, alegadamente, terá participado numa conspiração da al-Qaeda para atacar durante os Jogos Olímpicos de 2012. A informação disponível sobre esta conspiração indica que aquela teria sido ordenada pelo próprio Bin Laden antes da sua morte, mas que teria sido coordenada pelos líderes da al-Shabaab e deveria ser operacionalizada por um grupo de jovens britânicos de origem somali, os quais alegadamente teriam recebido treino junto da al-Shabaab. The Middle East Media Research Institute, *Al-Shabaab Al-Mujahideen Threaten UK over Abu Qatada Extradition*, 16 April 2012, <http://www.memrijtm.org/al-shabab-al-mujahideen-threaten-uk-over-abu-qatada-extradition.html> (data de último acesso: 17 de abril de 2012); Nesser, “Towards an Increasingly Heterogeneous Threat”, 447.

<sup>1100</sup> Taarnby and Hallundbaek, *op. cit.*, pp. 51-52.

<sup>1101</sup> Europol, *TE-SAT 2010: EU Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2010, p. 25. Em 2009, os serviços britânicos contabilizavam cerca de cem cidadãos britânicos naquele país, enquanto existiriam por volta de oitenta escandinavos, incluindo quinze dinamarqueses. Em 2010, os serviços de informação Suecos SÄPO acreditavam que tinham viajado para a Somália entre 20 e 30

Shabaab: com conhecimentos técnicos e linguísticos, estes indivíduos acabaram a desempenhar atividades relacionadas com propaganda, tendo um papel determinante no processo de recrutamento de elementos ocidentais, através de inúmeros vídeos destinados especificamente a estas audiências.<sup>1102</sup> Contudo, os combatentes estrangeiros enfrentavam algumas dificuldades para se integrarem com as forças locais, em parte devido às suas menores capacidades de combate.<sup>1103</sup>

#### 8.6.1. A escolha dos palcos externos: alguns fatores explicativos

Os palcos externos são oportunidades para o ativismo, sobretudo quando estas são diminutas no interior da Europa. A escolha de um palco em detrimento de outro resulta da conjugação de vários fatores, nomeadamente do contexto, das estruturas mobilizacionais e da mensagem propagada por figuras carismáticas.

As estruturas de oportunidade, ou seja, o ambiente político, sistemas ou alinhamentos que criam oportunidades para a ação coletiva anteriormente não existentes,<sup>1104</sup> são importantes para compreender a preferência de alguns palcos, em determinados períodos, pois os combatentes europeus deslocam-se tendo em atenção questões como as ameaças e as oportunidades. Assim, quando se verificou o enfraquecimento da insurgência no conflito iraquiano, aumentou a mobilização para o Afeganistão e região tribal paquistanesa, onde se verificava um reforço dos ataques às forças da coligação e ao governo paquistanês e o aumento da instabilidade, o que abria as oportunidades para o envolvimento em ações armadas. O aumento dos ataques com veículos telecomandados na região tribal do Paquistão, a partir de 2009, mas sobretudo em 2010, aumentaram os riscos da deslocação para aquela área e pode ter contribuído para aumentar a atratividade do território somali: chamando menos a atenção dos serviços de segurança ocidentais, aquele apresentava menos riscos securitários. Adicionalmente, os combatentes para aquela área também beneficiaram da maior exposição global da al-Shabaab em resultado quer do esforço para promover uma consciência e identidade

---

Suecos para lutarem ou se juntarem à al-Shabaab e que três ou quatro indivíduos tinham morrido naquele palco. O sueco-somali Fuad Muhammed Qalad, também conhecido por Fuad Shangole, um operativo sénior da al-Shabaab terá facilitado este processo. Ver Magnus Ranstorp, "Terrorist Awakening in Sweden?", *CTC Sentinel*, vol. 4, n.º 1, Combating Terrorism Center at West Point, January 2011, p. 5.

<sup>1102</sup> Europol, *TE-SAT 2014: European Union Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2014, p. 25.

<sup>1103</sup> Cilluffo, Ranstorp and Cozzens, *Foreign Fighters: Trends, Trajectories and Conflict Zones*, p. 16. Apesar de expulsos das principais cidades da Somália em 2013 e das fraturas internas, a al-Shabaab continuou as suas atividades terroristas, nomeadamente nos países vizinhos, contando com elementos europeus nas suas fileiras. Por exemplo, um cidadão norueguês de origem somali participou no ataque ao centro comercial de Westgate, em setembro de 2013, o qual constituiu um marco em termos táticos.

<sup>1104</sup> Hafez, *Suicide Bombers in Iraq*, p. 18.

comum entre os Muçulmanos, quer das tentativas para internacionalizar a causa da organização através de apelos à *hijra*, à *jihad* e à reconstrução do Califado.<sup>1105</sup>

A deslocação para estas zonas beneficiou da existência de redes informais de mobilização e de determinados indivíduos que funcionaram como empreendedores sociais e ideológicos. Aliás, um fator importante para explicar a variação das preferências são a existência de laços étnicos e as questões emocionais resultantes de ligações familiares e pessoais a alguns territórios. Com efeito, algumas regiões atraem mais combatentes de certa origem étnica: no Reino Unido, muitos voluntários deslocaram-se para o Paquistão e Caxemira para combater ou treinar, ora porque tinham antecedentes familiares naquele território, ora porque tinham ligações a grupos que atuavam em Caxemira;<sup>1106</sup> na Somália, encontramos muitos membros da diáspora somali nos EUA e Europa.

A existência de estruturas de mobilização e a deslocação prévia de elementos da rede social para um determinado palco de conflito também influencia a escolha e a tomada de decisão de enveredar pela ação. Durante a mobilização para o Iraque confirmou-se a importância das ligações sociais e das dinâmicas de grupo, pois as redes de apoio e de promoção à *jihad* naquele país foram construídas em torno de grupo de amigos de longa data e elementos da mesma família. Tal foi observável, por exemplo, com as células francesas e belgas. Com efeito, a mobilização de combatentes europeus para este território beneficiou da existência de redes transnacionais, sendo que muitas destas estavam interligadas e tinham raízes nos campos de treino do Afeganistão, Bósnia, Chechénia ou outros palcos nacionais.<sup>1107</sup> No estudo conduzido por Hafez, este identifica redes europeias lideradas por dissidentes da Argélia e Marrocos como sendo uma das fontes mais importantes de voluntários para o Iraque.<sup>1108</sup> Em países como a Alemanha, Itália e França foram descobertas redes logísticas, cujo objetivo era apoiar a insurgência, através da canalização de combatentes e de fundos para o Iraque. A célula *al-Tawhid*, na Alemanha, e a rede ligada à *Ansar al-Islam*, grupo jihadista curdo formado em 2001, a

---

<sup>1105</sup> Meleagrou-Hitchens, Maher and Sheehan, *Lights, Camera, Jihad: Al-Shabaab's Western Media Strategy*, pp. 13-19.

<sup>1106</sup> James Brandon, "British Muslims Providing Foot Soldiers for Global Jihad", *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 11, Combating Terrorism Center at West Point, 2008, pp. 7-8.

<sup>1107</sup> Hafez, *Suicide Bombers in Iraq*, p. 23.

<sup>1108</sup> As restantes redes salafistas-jihadistas que alimentaram a deslocação de voluntários para o Iraque foram: a rede jordana associada à cidade de al-Zarqa; redes sauditas e kuwaitianas associadas à al-Qaeda na Península Arábica; redes sírias e libanesas associadas com os salafistas das cidades de Hums, Dayr al-Zayr e al-Ladhikiyah, e Majdal Anjar e os campos de refugiados de Ayn al-Hilwa. Significativamente, todas estas redes tinham ligações à geração de jihadistas que tinham marcado presença no Afeganistão e Paquistão ao longo da década de 1990. *Id.*, p. 166.

qual operava em vários países europeus com o objetivo de enviar indivíduos para o norte do Iraque, através da Síria, tinham ligações à organização de al-Zarqawi.<sup>1109</sup>

Outross fatores facilitadores contribuem para explicar a variação da escolha dos conflitos, por exemplo: a maior ou menor facilidade em entrar num determinado território, a existência de redes logísticas, a disponibilidade de recursos, os avanços tecnológicos na área das comunicações, a facilidade nas deslocções internacionais e a maior ou menor aceitação de voluntários estrangeiros no país.

Por último, o modo como o conflito é apresentado à audiência alvo e o recurso a determinados símbolos e quadros culturais e ideológicos também são importantes para compreender a mobilização individual e coletiva. Por exemplo, analisando a mobilização de estrangeiros em vários conflitos ao longo da história, Malet defende que a mobilização de combatentes estrangeiros de qualquer tendência ideológica é feita através da promoção de uma mensagem que enquadra um conflito local como uma ameaça existencial a uma comunidade transnacional, enfatizando a obrigatoriedade de ações defensivas para defender essa comunidade.<sup>1110</sup> Esta perceção de ameaça a uma identidade transnacional facilita a aceitação e o desempenho de atos mais brutais, pois a vitória nesta luta é apresentada como “uma necessidade para os interesses dos elementos externos.”<sup>1111</sup> A ênfase colocada na obrigação de defesa é fundamental para despertar a mobilização de combatentes estrangeiros, os quais sentem ter o dever de fazer algo, com frequência perante a inação dos seus governos e do mundo.<sup>1112</sup>

Em consonância com a teoria de Malet, os conflitos no Iraque, Afeganistão e Somália, são apresentados pelos jihadistas globais como lutas pela defesa da comunidade transnacional dos crentes (a *ummah*), a qual está sob ameaça do Ocidente e das forças apóstatas locais (o inimigo), sendo um dever individual participar na luta pela sua defesa (*jihad* defensiva), o que contribuiu para a mobilização de Muçulmanos sunitas. O enquadramento destes conflitos locais como uma ameaça à própria *ummah* e o recurso à noção de *jihad* defensiva fornece uma justificação para o ativismo e uma legitimação do modo de atuação, independentemente dos indivíduos externos serem afetados pelos seus resultados.<sup>1113</sup>

---

<sup>1109</sup> Nesser, “Jihadism in Western Europe after the Invasion of Iraq”, p. 324.

<sup>1110</sup> Malet, *Foreign Fighters, Transnational Identity and Civil Conflict*, p. 4.

<sup>1111</sup> *Ibid.*

<sup>1112</sup> Note-se que os combatentes locais têm por norma motivações nacionais, locais ou com uma natureza mais pragmática, como se verificou no Afeganistão e na Bósnia, pois a sua vida e futuro dependem do desenrolar do conflito: eles lutam pelo país, os estrangeiros pela comunidade global. Assim, os estrangeiros são mais ideológicos.

<sup>1113</sup> No terceiro capítulo, elaboramos sobre a interpretação deste conceito ao longo dos tempos e sob influência de vários ideólogos, e como este foi utilizado como instrumento para apelar a mobilizações coletivas. O Afeganistão provou o poder deste conceito enquanto

Ao apelar à solidariedade e consciência transnacional fundada na *ummah*, os jihadistas demonstram grande capacidade de enquadramento das frustrações e problemas identitários e sociais que muitos Muçulmanos enfrentam no Ocidente como “oportunidades para o ativismo, fomentando a formação de redes entre ativistas e de uma identidade coletiva, motivando os indivíduos para assumirem custos mesmo que não se ofereçam muitos benefícios.”<sup>1114</sup> Adicionalmente, aqueles tentam despertar choques morais, os quais estão ligados a emoções reativas, através de uma narrativa do sofrimento e da humilhação dos Muçulmanos causados pelos regimes locais e pelo Ocidente. Por exemplo, este mecanismo foi observável durante o conflito iraquiano, o qual beneficiou do sentimento de perseguição que afetava os Muçulmanos desde o anúncio da Guerra ao Terror, e dos escândalos relacionados com os episódios de tortura e métodos de interrogação. Estes contribuíram para a contínua radicalização de muitos Muçulmanos e foram utilizados em mensagens que visavam o recrutamento para o movimento.

#### 8.6.2. Como regressam? O que nos dizem os padrões históricos

As autoridades receiam que o regresso de combatentes europeus de conflitos externos, dotados de capacidades operativas, contactos organizacionais, endurecidos por práticas violentas e pelo contacto com ideologias radicais conduzam a um aumento do terrorismo ou da radicalização na Europa. Para analisar o impacto do regresso destes indivíduos na atividade terrorista na Europa, sendo importante compreender a razão inicial que os levou a participar num conflito longínquo, tal não nos esclarece sobre as intenções destes ao regressar, sendo necessário considerar as experiências vividas no terreno, nomeadamente as ligações a elementos mais radicais, processos de doutrinação e traumas sofridos. Outra questão a ter em conta é que a ameaça não depende diretamente da quantidade de indivíduos que se deslocam para um determinado terreno de conflito, mas sobretudo das capacidades que os poucos que viajam possam adquirir e estejam dispostos a aplicar em território europeu. Se nem todos aqueles com experiência externa evoluem no sentido de se tornarem parte do movimento jihadista global, é cada vez mais evidente que é suficiente a existência de um único indivíduo com predisposição e meios disponíveis para que se concretize um ataque terrorista.

---

instrumento de mobilização e este foi uma das razões que levou Bin Laden a enquadrar a luta contra o Ocidente numa perspetiva defensiva.

<sup>1114</sup> Hafez, *Suicide Bombers in Iraq*, p. 16.

No caso do conflito no Iraque, a partir de 2003, acredita-se que muitos daqueles que se deslocaram para aquele cenário estiveram efetivamente envolvidos em tarefas militares, adquiriram competências táticas e técnicas, estiveram em contacto com indivíduos mais experientes e participaram em atos de extrema violência.<sup>1115</sup> Porém, nunca se observou uma ligação operacional entre a participação naquele conflito e conspirações na Europa. Para esta ausência de atentados por parte de antigos combatentes naquele palco terá contribuído o facto de muitos terem morrido no terreno, por falta de experiência militar ou no âmbito de operações suicidas.<sup>1116</sup> Outros dos que se deslocaram para aquele país ou que o tentaram fazer foram detidos, como se verificou com alguns aspirantes a combatentes franceses.<sup>1117</sup> O facto da insurgência iraquiana ter sido dada como derrotada por volta de 2008 também contribuiu para a diminuição das ambições por parte desta segunda geração de jihadistas e para diminuir o alarmismo das autoridades europeias no que se refere à ameaça eventual que aqueles representavam.

Contudo, a questão iraquiana foi um fator motivacional importante para aumentar a militância jihadista e para inspirar a conceção de ataques na Europa, como comprovam, entre outras, os ataques de Madrid, Londres e Amesterdão e a conspiração para assassinar o primeiro-ministro iraquiano, em dezembro de 2004.

Um modo de analisar o impacto das experiências externas no ativismo doméstico é considerar os incidentes jihadistas mais significativos ocorridos em solo europeu, e analisar quantos é que contam com antigos combatentes estrangeiros ou indivíduos com treino paramilitar. Entre março de 2003 e julho de 2015, consideramos as cinquenta e uma conspirações mais graves, com base na seriedade da ameaça, na sofisticação dos métodos, no estado avançado da sua preparação ou na sua execução.<sup>1118</sup> Destas, vinte e nove eram formadas por, pelo menos, um indivíduo com experiência externa, o que representa 57% dos casos considerados; em cinco casos, ou 10% das conspirações, existiam contactos com organizações transnacionais, embora não se confirme a participação em qualquer tipo de atividade militar;<sup>1119</sup> e, no caso de duas conspirações, pelo menos um dos seus elementos tinha tentado entrar em territórios de conflito. Num destes casos o indivíduo foi detido e enviado para o país de origem, acabando por

---

<sup>1115</sup> Hafez, “Jihad after Iraq: Lessons form the Arab Afghans”, pp. 87-88.

<sup>1116</sup> Souad Mekhennet, Michael Moss, “In Jihadist Haven, a Goal: To Kill and Die in Iraq”, *The New York Times*, 4 May 2007, [http://www.nytimes.com/2007/05/04/world/middleeast/04bombers.html?pagewanted=1&\\_r=1&th&emc=th](http://www.nytimes.com/2007/05/04/world/middleeast/04bombers.html?pagewanted=1&_r=1&th&emc=th) (data de último acesso: 25 de maio de 2008).

<sup>1117</sup> Holman, *op. cit.*, p. 606.

<sup>1118</sup> No anexo, os eventos considerados ameaças mais sérias têm um asterisco junto ao nome da conspiração.

<sup>1119</sup> A célula de Madrid 11-M; a conspiração para assassinar o Primeiro-ministro iraquiano (2004) e a conspiração para atacar comboios regionais (2006), ambas na Alemanha; a conspiração para atacar a Direction de la Surveillance du Territoire, em Paris, em 2008; e a designada “Poppy plot”, no Reino Unido, em 2013.

enveredar pelo ativismo violento (ataque de Woolwich, em 2013); no segundo caso não é claro se os envolvidos conseguiram cumprir os seus objetivos, apesar de terem alcançado o território tribal paquistanês (a conspiração de Natal, em 2010).

Contudo, a participação em conflitos verificou-se em apenas seis casos, enquanto as restantes vinte e três conspirações tinham entre os seus membros indivíduos que participaram em campos de treino. Em dezanove casos, aquele treino decorreu em território entre o Paquistão e Afeganistão. Daqui retiramos duas conclusões: as zonas sob administração tribal do Paquistão são um palco importante para obter treino físico e ideológico e um desafio importante em termos securitários;<sup>1120</sup> a frequência de campos de treino paramilitar apresenta maior probabilidade de participação em conspirações internas do que a participação em conflitos.

Deste modo, os nossos dados sustentam a importância em distinguir entre aqueles que procuram frequentar campos de treino para a aquisição de capacidades militares ou que, não tendo sido esse o seu objetivo inicial o tenham feito; e os indivíduos que participam em insurgências. Os primeiros parecem mostrar uma maior predisposição para perpetrarem um ataque após regressarem ao Ocidente; os segundos têm como intenção original lutar contra um inimigo definido, sejam os ocupantes externos de terras muçulmanas ou um regime apóstata. Os campos de treino servem não só para adquirir capacidades técnicas e de combate, mas também são úteis para forjar relações sociais entre indivíduos e inculcar-lhes um sentido de obrigação e missão, o que pode ser um fator explicativo importante para o seu maior ativismo a nível doméstico.<sup>1121</sup> Os que participam em conflitos podem ter motivações diversas, mas as viagens para os designados palcos de *jihād*, uma iniciativa que, por norma, parte do aspirante a jihadista, podem aprofundar o processo de radicalização através do contacto com outros indivíduos, do isolamento físico do resto do mundo e da criação de uma nova identidade.

A experiência de combate e o treino paramilitar não transformam inevitavelmente um indivíduo em terrorista, pois regressado ao seu país aquele pode seguir múltiplas trajetórias: abandonar a militância, aproveitar para radicalizar outros indivíduos, recrutar

---

<sup>1120</sup> Alguns autores dizem existir uma visão romantizada do conflito naquele território, pois muitos indivíduos têm tendência a considerar-se herdeiros dos *mujahideen* que lutaram contra os Soviéticos. (Cilluffo, Ranstorp and Cozzens, *Foreign Fighters: Trends, Trajectories and Conflict Zones*, pp. 12-13). Cruickshank demonstra que existe uma correlação forte entre os conspiradores que viajam para a fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão e conspirações terroristas no Ocidente. O autor defende que aquela é a região que produz mais terroristas: das vinte e uma conspirações que analisou entre 2004 e 2010, em metade dos casos verificou-se existir uma ligação com a al-Qaeda ou grupos aliados no Paquistão através do treino ou instruções recebidas. Contudo, as operações da al-Qaeda naquela região tem capacidade operacional limitada, pelo que as operações de insurgência são conduzidas por grupos associados, como os TTP e o LeT. Cruickshank, *The Militant Pipeline*, p. 8.

<sup>1121</sup> Ver, por exemplo, a importância atribuída à frequência de campos de treino terrorista pelos membros da designada *Fertilizer bomb plot*, em Neumann e Evans, *op. cit.*, pp. 68-71.

novos elementos para o movimento ou transformarem-se em terroristas ao enveredar por atos de violência no seio dos seus países.<sup>1122</sup> Alguns morrem durante o conflito, enquanto outros optam por não regressar aos países ocidentais, permanecendo naquele palco ou deslocando-se para outros cenários de conflito.

A condição de veterano de um conflito, a frequência de campos de treino paramilitar e as ligações a organizações jihadistas globais dão credibilidade e uma certa reputação aos indivíduos que regressam aos seus países de origem ou de acolhimento, como vários exemplos na Europa demonstram. Muitos são olhados com admiração o que lhes permite exercer a função de radicalizadores junto de indivíduos com quem mantêm algum tipo de ligação social ou de parentesco. Outros desempenham o papel de facilitadores na mobilização de outros indivíduos já radicalizados, devido ao conhecimento das redes logísticas existentes e das rotas a percorrer.<sup>1123</sup>

Aqueles que tendo regressado, conduzem operações com algum impacto ou simbolismo são alvo de reverência na comunidade jihadista, podendo conduzir a um efeito de imitação. Mohammed Merah, o terrorista individual que, em março de 2012, conduziu um ataque contra alvos militares e judaicos em França, surge como figura inspiradora para vários conspiradores.<sup>1124</sup>

## 8.7. O papel das organizações jihadistas na militância na Europa

Uma das questões de maior contenção quando se analisa a evolução do Jihadismo na Europa é a importância e o papel que as infraestruturas jihadistas externas desempenham neste território e a sua capacidade para mobilizar indivíduos. Se alguns autores defendem a perda de relevância destas em detrimento das relações sociais entre jovens alienados de segunda e terceira geração de Muçulmanos no interior da Europa, outros argumentam que as organizações continuam relevantes para o ativismo no espaço europeu.

---

<sup>1122</sup> Para uma análise das trajetórias seguidas por alguns dos combatentes estrangeiros que participarem nos conflitos do Afeganistão (década de 1980), Bósnia e Somália (década de 2000) ver Jeanine de Roy van Zuijdewijn and Edwin Bakker, *Returning Western Foreign Fighters: The Case of Afghanistan, Bosnia and Somalia*, ICCT Background Note, International Centre for the Counter-Terrorism, The Hague, June 2014.

<sup>1123</sup> Cilluffo, Ranstorp and Cozzens, *Foreign Fighters: Trends, Trajectories and Conflict Zones*, p. 5. Por exemplo, os já mencionados documentos recuperados em Sinjar pelas forças norte-americanas, em 2007, sugerem a importância dos combatentes veteranos no processo de recrutamento de novos combatentes e ajudam a compreender porque determinadas cidades enviam mais combatentes do que outras.

<sup>1124</sup> Por exemplo, Mohammed Echaabi, detido em Valencia, em fevereiro de 2003; Mehdi Nemmouche, o responsável pelo ataque de Bruxelas, em maio de 2014 (este terá referido a sua admiração por Merah quando estava na Síria); Mohammed Ouharani, detido pela conspiração de Creteil /Paris, em julho de 2014.



Como veremos no próximo capítulo, a adesão ao Jihadismo é por norma um processo social, ou seja, acontece em grupo e por influência desse grupo e pode ser motivada por questões sociais. Porém, após analisarmos as conspirações ocorridas em território europeu desde 1998 até à atualidade, constatamos que as organizações jihadistas transnacionais continuam a ter capacidade para influenciar o desenvolvimento do ativismo e as ameaças neste território. Com efeito, muitas das conspirações na Europa apresentam ligações à al-Qaeda, a uma das suas afiliadas ou associadas, ou à organização Estado Islâmico, ainda que em alguns casos não tenhamos conseguido identificar qual o tipo ou o nível de envolvimento daquelas.

Os objetivos estratégicos daquelas organizações nos respetivos palcos de atuação afetam o nível de ameaça e o comportamento das células na Europa. De igual modo, os indivíduos que conduzem atentados em solo europeu mostram preocupação em justificar as suas ações em linha com a ideologia proposta por aquelas organizações, como constatamos com os atacantes de Londres e os indivíduos responsáveis pela “Transatlantic plot”. Após 2004, a Europa transformou-se num importante palco jihadista, em resultado das considerações estratégicas das organizações jihadistas no palco iraquiano e afegão, as quais pretendiam punir os países com presença militar naqueles territórios e provoar a retirada daquelas tropas. Mesmo quando não se verificava um envolvimento operacional daqueles atores, estes davam orientação, treino ou incentivavam aquelas ações com recurso a justificações ideológicas. Na fase atual, a ascensão da organização Estado Islâmico e a globalização da sua luta teve como consequência o aumento das conspirações terroristas na Europa. Várias conspirações dirigidas ou inspiradas por aquela, sobretudo após 2014, evidenciam, uma vez mais, como os fatores organizacionais produzem importantes dinâmicas no Jihadismo europeu, com impacto no nível da violência, nas táticas utilizadas e nos alvos escolhidos, assim como no meio social jihadista.

No que se refere ao modo de atuação e recurso a determinadas táticas, os jihadistas europeus refletem os posicionamentos das organizações transnacionais com as quais se identificam e a abordagem daquelas à violência. Neste sentido, em resultado da lógica estratégica de duas organizações diferentes, na atualidade observamos uma complexificação da ameaça em solo europeu, a qual se traduz quer na ocorrência de ataques indiscriminados e sofisticados, quer em ataques mais simples e mais seletivos no que se refere ao grau de violência; quer contra alvos civis, quer contra alvos militares e forças da autoridade; quer com recurso a explosivos e metralhadoras, quer utilizando

armas de fogo e facas. As células e indivíduos ligados ou inspirados pelos grupos da esfera da al-Qaeda, não tendo abandonado a concepção de ataques mais complexos – por exemplo, a designada “Euro plot”, em 2010, e a “Birmingham rucksack plot”, em 2011 –, têm mostrado uma tendência maior para atingir alvos discriminados, recorrendo a um grau de violência mais limitado, embora podendo causar um número elevado de vítimas. O objetivo é facilitar a formulação de uma justificação ideológica e evitar vítimas entre Muçulmanos. A organização Estado Islâmico apela a ataques contra uma gama abrangente de alvos, com recurso a operações de grande dimensão ou ações mais simples, pois considera que todos os que se encontram nos países dos Cruzados são um alvo legítimo de ataque.

De igual modo, a tendência para o aumento de operações de terrorismo solitário, resultando de uma necessidade de adaptação às restrições securitárias e às limitações operacionais dos jihadistas no interior da Europa, está relacionada com a promoção deste modo de atuação por parte de organizações externas e seus líderes, nomeadamente a AQPA, em especial através de al-Awlaki, e a organização Estado Islâmico, através de al-Adnani.

Neste sentido, os desenvolvimentos ideológicos, estratégicos e táticos das organizações transnacionais que abordamos em capítulos anteriores tendem a refletir-se em solo europeu.

Ainda no que se refere à galáxia al-Qaeda, concluímos que os processos de afiliação e associação com outras estruturas locais foram benéficos para os seus objetivos na Europa: os “serviços” fornecidos pelos grupos afiliados ou associados permitiram colmatar a degradação e enfraquecimento operacional e logístico do núcleo da organização e contrabalançar a sua influência decrescente entre a comunidade jihadista europeia.<sup>1125</sup> Entre 2004 e 2010, identificamos várias conspirações ligadas operacionalmente ou inspiradas pela AQI, AQMI, AQPA, al-Shabaab e TTP. De igual modo, aquelas oferecem aos jovens voluntários deste continente motivação (através de ações de propaganda), elementos ideológicos e emocionais e espaços de conflito para

---

<sup>1125</sup> Steinberg, *German Jihad*, pp. 247-248; Nesser, “How Did Europe’s Global Jihadis Obtain Training for Their Militant Causes?”, pp. 234-256. Ver, por exemplo, o estudo realizado por Javier Jórdan sobre a estrutura terrorista jihadista em Espanha na perspetiva da existência ou ausência de ligações entre, por um lado, células e militantes de base e, por outro, organizações como a al-Qaeda e afiliadas regionais. Das 64 operações anti-terroristas analisadas pelo autor (entre 1995 e dezembro de 2013), 46 casos apresentavam ligações a pelo menos uma organização, o que corresponde a uma percentagem de 71%. Na fase que compreende os anos entre 1995 e 2004, todas as células analisadas (15 casos) apresentavam qualquer tipo de ligação a organizações externas; na fase entre 2004 e 2013, as organizações tiveram um papel importante em 63% dos casos analisados, ou seja, em 31 dos 49 casos. Javier Jórdan, “Structural Evolution of the Structure of Jihadist Terrorism in Western Europe: The Case of Spain”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 37, n.º 8, 2014, pp. 654-673.

aprofundar o compromisso ideológico com o Jihadismo, algo que o núcleo central da al-Qaeda, sem recursos e sem uma base territorial, não poderia fazer.

Outra função que aqueles grupos cumprem é o fornecimento de treino paramilitar ou aconselhamento em questões tático-estratégicas a indivíduos que estejam dispostos a traduzir o seu ativismo em atos terroristas no Ocidente em nome do movimento. Ao fazê-lo, por um lado, aqueles tentam aumentar a eficácia operacional daqueles indivíduos, e por outro lado, contribuem para reforçar os laços sociais e culturais entre potenciais terroristas.<sup>1126</sup>

Esta situação também é benéfica para os grupos de natureza local, os quais tentam aumentar os seus recursos e maximizar as suas capacidades através do enquadramento dos seus conflitos em termos globais, ou seja, como uma ameaça à própria *ummah*. Quando sentem a pressão das medidas de retaliação ocidentais, como a política dos *drones* no Paquistão e no Iémen, apelam a ataques contra o Ocidente, alimentando a estratégia e uma das ideias fundamentais do Jihadismo global: a deslocalização da luta para solo ocidental.

Mesmo quando as organizações jihadistas não lideraram as conspirações, aquelas continuam a inspirar e motivar indivíduos na Europa e os esforços destes para estabelecerem contactos – tendo em vista a frequência de campos de treino, a participação em conflitos ou a obtenção de apoio logístico para desenvolverem o seu ativismo no Ocidente – com estruturas no Paquistão, Somália, Iémen, Cáucaso e Síria é uma prova da sua relevância.<sup>1127</sup> Estes contactos são valorizados, seja por questões operacionais, seja pelo aspeto social do Jihadismo, como a consolidação de uma identidade comum e do sentido de camaradagem.<sup>1128</sup>

## 8.8. As transformações das redes da *jihad* global na Europa

---

<sup>1126</sup> Nesser e Stenersen destacam que, embora a maioria dos voluntários ocidentais recebam um treino básico, os indivíduos que frequentam programas de treino mais avançados adquirem competências táticas e técnicas, adquirem capacidades operativas e introduzem novas técnicas na Europa no que se refere às armas e aos métodos a utilizar, favorecendo a conceção de ataques domésticos mais letais e imprevisíveis. Nesser and Stenersen, *op. cit.*, pp. 11-12. Para a falta de eficácia operacional dos jihadistas na Europa sem treino em técnicas e táticas terroristas ver, também, Michael Kenney, “Dumb Yet Deadly: Local Knowledge and Poor Tradeecraft Among Islamist Militants in Britain and Spain”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 33, n. 10, October 2010, pp. 911-932.

<sup>1127</sup> Klausen realça que, com frequência, a ausência de uma ligação a estas redes demonstra a incapacidade dos jovens europeus auto radicalizados organizarem conspirações, o que na perspetiva da autora significa que a radicalização *per se* não conduz a um aumento incomensurável do terrorismo. Klausen, *Public Policy for European Muslims*, p. 31.

<sup>1128</sup> Apesar do tema do terrorismo doméstico ter sido dominante a partir de 2005, de acordo com um relatório publicado em 2008, na Holanda, a investigação às redes jihadistas ativas ou com base naquele país revelou que a ameaça do terrorismo era proveniente cada vez mais das redes transnacionais e das redes locais com orientação internacional do que de redes locais autónomas. General Intelligence and Security Service (AIDV), *Annual Report 2008*, Ministry of the Interior and Kingdom Relations, The Hague, April 2009, p. 20.

A partir de 2001, o conjunto de ações de vigilância colocadas em prática por parte das autoridades conduziram ao encerramento e rutura de muitos dos espaços e estruturas tradicionais de divulgação da mensagem, recrutamento e socialização para o Jihadismo. As próprias comunidades muçulmanas europeias desenvolveram uma maior resistência ao fenómeno, fruto da uma maior consciencialização sobre as narrativas extremistas. Tal elevou os custos associados à adesão e formação de células radicais e a mobilização para o ativismo passou a ser uma atividade de alto-risco.

Em consequência destas restrições, foi possível constatar uma transformação dos padrões de recrutamento e de formação deste tipo de células e grupos, os quais passam a acontecer na clandestinidade. Os debates e reuniões entre elementos que se encontrem em processo de radicalização ou de mobilização para o Jihadismo passam a decorrer em casas privadas, em ginásios, outros locais desportivos, ou mesmo em locais públicos insuspeitos.<sup>1129</sup> O ambiente mais hostil em que estes grupos se encontravam contribuiu também para a migração de algumas das suas atividades para a Internet, conduzindo à criação de comunidades virtuais e fomentando laços entre grupos locais e o movimento global.

A partir de 2004 verificou-se uma crescente fragmentação do panorama jihadista na Europa e a disrupção de algumas das redes que canalizavam voluntários para o Afeganistão e Iraque, surgindo células mais pequenas e com uma natureza independente. Nos países mais afetados por conspirações, as células são compostas sobretudo por imigrantes de segunda e terceira geração e convertidos, com laços sociais ou familiares entre si.<sup>1130</sup> A noção de radicalização e terrorismo doméstico ganha proeminência entre a

---

<sup>1129</sup> Por exemplo, alguns dos indivíduos que faziam parte do grupo Hofstad foram vistos a reunirem-se em parques públicos de Amsterdão. Bart Schuurman, Quirine Eijkman, Edwin Bakker, “A History of the Hofstadgroup”, *Perspectives on Terrorism*, vol. 8, n.º 4, August 2014, pp. 74-75.

<sup>1130</sup> A questão do envolvimento de muitos convertidos em atividades jihadistas é curiosa e, em alguns casos, parece resultar de uma necessidade de provar a sua *muçulmanidade* ao seu círculo de amigos e aos restantes Muçulmanos. Ao se envolverem em atividades de alto-risco, aqueles pretendem afirmar o seu compromisso para com a nova religião. De igual modo, estes indivíduos crescem fora de um contexto muçulmano, carecem de elementos culturais e tradicionais que complementem e relativizem a experiência religiosa, o que os pode predispor a aceitar determinadas interpretações religiosas e mensagens mais extremistas. Ao constatar o número de convertidos que fazem parte de células jihadistas nos últimos anos, Olivier Roy defende que esta se tornou uma questão estrutural e uma forma de protesto. (Roy, *L'islam Mondialisé*, pp. 198-199) Pargeter concebe a questão da conversão ao Islão como resultando de várias motivações, indo de questões práticas como o casamento, a uma procura espiritual, até à rejeição de determinados valores sociais. Porém, a autora ressalva que a adesão dos convertidos ao Islamismo radical é sobretudo um fenómeno com origem na década de 1990 e que nessa altura, não podendo ser interpretado como uma oposição ao imperialismo ocidental, alguns convertidos eram movidos por uma “noção romântica de ajudar os oprimidos e defender as populações do mundo em desenvolvimento”, enquanto outros viram na conversão e adesão a uma forma militante de Islão um escape para os vários problemas que afetavam as respetivas vidas. A autora refere, ainda, como alguns convertidos eram encorajados a afastarem-se das respetivas culturas e estruturas familiares por alguns elementos mais extremistas, o que os tornava mais vulneráveis à manipulação. (Ver Pargerer, *The New Frontiers of Jihad*, pp. 166-187.) Do ponto de vista dos grupos jihadistas, os convertidos europeus apresentam várias vantagens, pois têm maior capacidade de passarem despercebidos perante as autoridades e de se movimentarem livremente se não tiverem qualquer marcador étnico ou religioso que os identifique. Para uma reflexão sobre os mecanismos de radicalização dos Europeus convertidos ao Islão, ver Emmanuel Karagiannis, “European Converts to Islam: Mechanisms of Radicalizations”, *Politics, Religion & Ideology*, vol. 13, n.º 1, March 2012, pp. 99-113.

comunidade académica e as autoridades, sendo que esta noção supõe a inexistência de qualquer orientação, comunicação ou apoio logístico por parte de grupos externos.

Não invalidando a teoria formulada por Sageman, os dados que reunimos dizem-nos que a realidade é mais complexa. Existindo conspirações concebidas de modo completamente independente e cujas células validem a tese de Sageman, à medida que as investigações foram revelando novos elementos relativos a alguns casos tornou-se evidente que este fenómeno é mais complicado do que a definição deixa antever. Na Europa, é possível constatar que indivíduos e células com algum tipo de ligação (passada ou presente) a organizações jihadistas noutras partes do globo coexistem com células independentes que apenas partilham o espírito da *jihad* global. A maioria das redes e células descobertas são compostas quer por indivíduos que valorizam as ligações organizacionais e para quem as questões ideológicas são importantes, fatores que os levam a procurar participar em conflitos, obter treino e receber orientação no exterior; quer por indivíduos que desvalorizam tais fatores ou que têm limitações que os impedem de seguir a mesma trajetória. Assim, para a maioria das células os aspetos transnacionais são relevantes e estas procuram refletir as agendas ideológicas das organizações externas.

Tomemos como exemplo o grupo Hofstad, considerado por Vidino como “a nova face das redes terroristas na Europa.”<sup>1131</sup> Inspirado pelo Salafismo jihadismo, este grupo era composto sobretudo por Muçulmanos holandeses descendentes de imigrantes (sobretudo Marroquinos), socialmente alienados, a maioria dos quais tinha sido exposto a racismo e xenofobia e alguns vivendo crises pessoais profundas, nomeadamente o assassino de Theo van Gogh.<sup>1132</sup> O grupo era composto por homens e mulheres e era ativo no mundo real e virtual. Desiludidos com a vida na Holanda, aqueles indivíduos estabeleceram uma ligação entre o modo injusto como os Muçulmanos eram tratados pela sociedade holandesa e questões internacionais, como a invasão do Iraque. Apesar de na literatura sobre o tema este ser considerado como um dos melhores exemplos de um grupo auto-radicalizado sem qualquer interferência externa, na sua fase inicial, este contou com a orientação ideológica de Abu Khaled el-Issa, um antigo oficial do exército sírio que vivia na Alemanha. Este terá sido fundamental para apresentar as ideias de Qutb e Mawdudi aos elementos desta rede, as quais terão produzido algum impacto no seio do

---

<sup>1131</sup> Lorenzo Vidino “The Hofstad Group: The New Face of Terrorist Networks in Europa”.

<sup>1132</sup> Para mais sobre o perfil de alguns dos membros do grupo Hofstad ver, por exemplo, Petter Nesser, *The Slaying of the Dutch Filmmaker – Religiously Motivated Violence or Islamist Terrorism in the Name of Global Jihad?*, FFI Rapport, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2005; Peters, “Dutch Extremist Islamism”, pp. 145-159.

grupo e, em especial, em Muhammed Bouyeri, o assassino de Theo van Gogh.<sup>1133</sup> Este recorreu aos argumentos de Ibn Taymiyya para realizar o primeiro ataque em solo europeu justificado como sendo vingança por insultos ao Islão.<sup>1134</sup>

Alguns elementos do grupo tinham experiência externa. Em 2003, três dos seus membros mais importantes – Jason Walters, Ismail Akhnikh e Zakaria Taybi – deslocaram-se ao Paquistão, alegadamente para procurarem treino paramilitar (um deles em duas ocasiões diferentes). Entretanto, dois outros elementos, um dos quais Samir Azzouz, tentaram participar no conflito na Chechénia, mas foram detidos na Ucrânia e regressaram à Holanda, comprovando a maior dificuldade em enveredar pelo ativismo externo após 2004. Adicionalmente, alguns daqueles mantinham ligações a militantes islamistas do GICM em Espanha, na Bélgica, na Suíça e em Marrocos, embora a natureza destas não sejam totalmente claras para nós.<sup>1135</sup>

Este grupo manteve-se em atividade entre 2002 e 2005, os seus membros estiveram envolvidos em três conspirações distintas no interior da Holanda e eram inspirados por questões globais.<sup>1136</sup> Estes dados demonstram a ambivalência de algumas das premissas nas quais assenta a noção de terrorismo doméstico, pois os elementos centrais deste grupo – Mohammed Bouyeri, Samir Azzouzz, Jason Walters e Ismail Akhnikh – procuraram ativamente orientação externa para prosseguir com a sua militância na Holanda.

Deste modo, o conceito de terrorismo doméstico pode ter algumas limitações, não demonstrando, por exemplo, como os radicais europeus dão importância às experiências externas e às ligações com indivíduos noutras regiões do globo. Com efeito, algumas das mais importantes conspirações descobertas neste continente ao longo da última década tiveram origem neste tipo de estruturas híbridas: resultam de processos de radicalização domésticos, mas procuram o ativismo internacional; misturam motivações locais e globais; são compostas por indivíduos com experiência externa e por indivíduos que nunca saíram do país onde residem.<sup>1137</sup>

No que se refere ao processo de recrutamento e adesão ao movimento, ao longo da última década as evidências sustentam a predominância do modelo ascendente.

---

<sup>1133</sup> Ver Peters, “Dutch Extremist Islamism”, in Coolsaet, *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*, p. 148.

<sup>1134</sup> *Id.*, p. 145.

<sup>1135</sup> Um dos indivíduos com quem alguns membros do grupo manteria contacto era um Marroquino residente em Espanha, Abdeladim Akoudad, membro do GICM, o qual acabou por ser detido pelas autoridades deste país por suposto envolvimento nos atentados de 2003, em Casablanca. Ver Schuurman, Eijkman, Bakker, *op. cit.*, p. 67.

<sup>1136</sup> Ver anexo para mais sobre estas conspirações. Alegadamente, o grupo também conspirou para perpetrar um atentado em Portugal, em 2004. Contudo, as informações sobre este episódio são contraditórias e escassas.

<sup>1137</sup> Para mais perspetivas sobre este tipo de estruturas híbridas ver Steinberg, *German Jihad*, p. 54; Neumman, *Joining Al-Qaeda*, pp. 17-18.

Contudo, nunca se verificou uma substituição do modelo *top-down* pelo modelo *bottom-up*, pelo que não é possível excluir totalmente o modelo oposto, como comprova a atuação de alguns indivíduos e redes com ligações à al-Shabaab junto das comunidades somali nos EUA e em alguns países europeus, em especial no Reino Unido e nos países escandinavos. A partir sobretudo de 2007, aqueles desenvolveram um conjunto de atividades relacionados com a propaganda, o recrutamento e o financiamento das deslocações de muitos jovens para a Somália, contribuindo para aumentar a mobilização para aquele palco.<sup>1138</sup> Como salientamos previamente, após 2003, também se constata a existência de redes de recrutamento para o conflito iraquiano em vários países europeus, nomeadamente na França, Reino Unido, Bélgica, Alemanha e Espanha.

## 8.9. Considerações finais

Dependendo das oportunidades e das motivações, o Jihadismo global na Europa pode manifestar-se em ativismo interno ou na militância externa. Apesar da Europa se ter assumido como palco da *jihad* sobretudo em resultado de considerações estratégicas motivadas pelos conflitos no Afeganistão e no Iraque, por razões pragmáticas e normativas os aspirantes a jihadistas privilegiam o ativismo fora deste território: por um lado, a resistência à opressão e a luta contra ocupações externas encontram legitimidade na lei islâmica (a *jihad* defensiva) e são temas que recebem o apoio da generalidade dos Muçulmanos; por outro lado, as oportunidades para o ativismo no interior da Europa também são menores e comportam riscos e custos mais elevados em comparação com as oportunidades externas existentes. A maioria dos jihadistas europeus procura iniciar ou desenvolver o seu ativismo num contexto externo, porque a orientação internacionalista também parece ser uma opção mais satisfatória para muitos membros da diáspora muçulmana que buscam numa identidade coletiva comum um meio de combater as ameaças que acreditam pairar sobre a comunidade muçulmana.

A evolução do Jihadismo na Europa é indissociável do contexto e acontecimentos internacionais e as atividades jihadistas refletem e ilustram dinâmicas globais. Mesmo

---

<sup>1138</sup> Taarnby and Hallundbaek, *op. cit.*, pp. 57-58; Ranstorp, “Terrorist Awakening in Sweden?”, pp. 1-5; James Brandon, “Islamist Movements Recruitment in the West for the Somali Jihad”, *Terrorism Monitor*, vol. 7, n.º 1, 9 January 2009, [http://www.jamestown.org/programs/tm/single/?tx\\_ttnews%5Btt\\_news%5D=34321&cHash=2bd5cf7802#.Velyk9FRFdg](http://www.jamestown.org/programs/tm/single/?tx_ttnews%5Btt_news%5D=34321&cHash=2bd5cf7802#.Velyk9FRFdg) (data de último acesso: 15 de janeiro de 2015); Lorenzo Vidino, *Homegrown Jihadism in Italy: Birth, Development and Radicalization Dynamics*, Milano, Istituto per gli Studi di Politica Internazionale, 2014, p. 27. Face à tendência para, com frequência, se descrever o processo de recrutamento *top-down* no sentido de um aparelho que tenta captar indivíduos para a sua causa através de intensas campanhas de doutrinação ou lavagem cerebral, convém salientar que, quando ocorre, os líderes ou membros do *milieu* jihadista aproximam-se de indivíduos que demonstrem algum tipo de interesse prévio ou suscetibilidade ao movimento ou às suas atividades.

quando as ações domésticas são despoletadas por crises internas consideradas como evidências dos insultos ao Islão e das perseguições aos Muçulmanos, estas são incentivadas e glorificadas por organizações transnacionais e pelo pensamento e ação de alguns líderes e ideólogos jihadistas. Estes indivíduos desempenham um importante papel no Jihadismo na Europa, não só a nível ideológico, mas também a nível social e cultural ao contribuírem para aprofundar as ligações entre indivíduos de uma rede ou grupo.

A participação em conflitos externos e a frequência de campos de treino paramilitar são importantes oportunidades políticas e sociais, revelando-se fundamentais para compreender o processo de radicalização e a mobilização. Aquelas atividades também fornecem indicações sobre o nível de ameaça ao território, já que várias conspirações aconteceram na sequência da frequência de campos de treino geridos por organizações jihadistas e, em menor grau, após a participação em conflitos. As experiências externas também possibilitam o aparecimento de redes de antigos combatentes que inspiram, contribuem para a radicalização de outros indivíduos e facilitam os contactos com organizações externas. Esta forma de ativismo contribui para a construção de uma identidade coletiva e o aprofundamento do sentido de *ummah*. As intervenções ocidentais em territórios muçulmanos fortalecem a narrativa da *jihad* global e a conceção de ações de propaganda, acentuando as dinâmicas anteriores. Assim, observa-se uma forte interconexão entre ativismo doméstico e militância internacional.

Na atualidade, o fluxo de combatentes para o palco sírio e iraquiano transformou a participação naquele conflito no principal motor de mobilização para o Jihadismo na Europa. Considerando a importância dos conflitos externos para o desenvolvimento do meio jihadista europeu, a situação na Síria coloca importantes questões relativas ao futuro do Jihadismo global neste território.



## 9. A terceira fase do Jihadismo global na Europa e a caravana da *jihad* para a Síria

### 9.1. Objetivo do capítulo

Após ter sido declarado moribundo, sem capacidade de atração, desacreditado pela onda de protestos do Médio Oriente a partir de 2011,<sup>1139</sup> o Jihadismo global ganhou novo vigor, devido ao surgimento de novas oportunidades políticas e sociais, em especial o conflito sírio e iraquiano, de transformações organizacionais, como a ascensão da organização Estado Islâmico, e de desenvolvimentos tecnológicos. A terceira fase do Jihadismo global na Europa reflete esta evolução ideológica, estratégica e organizacional.

Embora não seja possível excluir a importância dos desenvolvimentos noutros locais – como a Líbia, o Egipto, o Iémen, a Somália, a Nigéria, o Mali, a Argélia, o Paquistão e Afeganistão –, o conflito na Síria e no Iraque é fundamental para compreender o Jihadismo atual na Europa. Porém, a natureza e a escala da nova caravana jihadista para o território sírio, a partir de 2012, não pode ser explicada apenas pela oportunidade política aberta naquela região. A deslocação de muitos voluntários europeus para participar no conflito beneficiou também de um conjunto de dinâmicas que vinham sendo edificadas ao longo dos últimos anos no interior das sociedades europeias e que contribuíram para a transformação do meio radical europeu. Assim, observou-se o surgimento de uma nova geração de jihadistas a nível europeu, a qual reflete novos processos de adesão à *jihad*, a influência de novas personalidades e a transformação das redes jihadistas europeias. O fenómeno dos combatentes europeus na Síria encontra-se na confluência de questões ideológicas, desenvolvimentos organizacionais, processos sociais e fatores facilitadores.

Este capítulo tem dois objetivos. O primeiro objetivo é compreender os mecanismos internos que contribuíram para a mobilização para o Jihadismo nos últimos anos, ou seja, a mutação dos processos sociais e as dinâmicas de grupo; a expansão do Salafismo e das estruturas salafistas-jihadistas em vários países europeus. A estes devemos acrescentar os desenvolvimentos tecnológicos, os quais se têm revelado importantes para alimentar o fenómeno. Assim, a adesão ao Jihadismo nesta fase beneficia da existência de recursos sociais e ideológicos na Europa, as quais favorecem a formação de estruturas de mobilização

---

<sup>1139</sup> Sageman “The Turn to Political Violence in the West”, in Coolsaet, *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*, pp. 128-129.

O segundo objetivo refere-se à complexificação da ameaça à Europa e ao impacto do conflito sírio. Este impacto sente-se na mobilização sem precedentes de indivíduos para aquele palco e cujo regresso poderá ter repercussões nos países europeus; e na complexidade da ameaça a este continente em resultado da divisão organizacional do movimento jihadista em duas esferas de influência, ambas instigando os seus simpatizantes neste território para que conduzam ataques em nome da causa.

## 9.2. Os combatentes europeus na Síria

O Jihadismo global, dando primazia à luta contra o Ocidente, é profundamente dependente das questões locais/regionais para sobreviver e se regenerar, enquanto ideologia e movimento. Após 2011, a Síria e o Iraque assumiram-se como o novo palco do Jihadismo, atraindo um número sem precedentes de combatentes estrangeiros, nomeadamente da Europa. Embora nem todos estes sejam jihadistas, a maioria daqueles aderiu a grupos militantes sunitas (os quais têm mais fontes de financiamento e mais sucesso operacional). De igual modo, o conceito de combatente pode ser problemático, já que nem todos desempenham funções militares; mesmo assim, aqueles estão em contacto com grupos, indivíduos e ideias que podem vir a colocar desafios à Europa. Assim, este conflito foi a oportunidade que permitiu a recuperação do Jihadismo e que marcará o futuro do movimento nos próximos anos.

Embora os vários governos nacionais tentassem exercer obstrução (com maior ou menor sucesso) em relação às deslocações para a região do Afeganistão e Paquistão, Somália e Iraque, no caso sírio verificou-se um completo fracasso em prever o fenómeno, em parte devido ao discurso sobre a decadência do Jihadismo global, visto existir a percepção de que este fenómeno estava em declínio em vários países europeus.<sup>1140</sup> Apenas a partir do final de 2012 se constatou a seriedade desta nova tendência.<sup>1141</sup>

Algumas das explicações para a mobilização para a Síria podem ser encontradas nas dinâmicas do próprio conflito e nas transformações que afetaram o próprio movimento jihadista no interior da Europa. Além de considerarmos o número absoluto dos indivíduos que viajaram para aquele palco, também é importante analisar o período em que o fazem, de modo a estabelecer uma eventual relação com eventos concretos no

---

<sup>1140</sup> Ver, por exemplo, General Intelligence and Security Services (AIDV), *The Transformation of Jihadism in the Netherlands – Swarm Dynamics and New Strength*, The Hague, 2014, p. 11.

<sup>1141</sup> General Intelligence and Security Services (AIDV), *Annual Report 2013*, The Hague, 2014, p. 9; Europol, *TE-SAT 2013*, p. 19.

terreno, contribuindo para aferir as motivações de alguns; e o país europeu de onde partem, para tentarmos procurar possíveis razões ao nível local.

Num curto espaço de tempo, o conflito sírio mobilizou mais indivíduos estrangeiros do que o conflito afegão, ao longo da década de 1980. Assim, em dezembro de 2014, os cálculos *do International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence*, uma organização que monitorizou a deslocação de Europeus para aquele território desde o início do conflito, indicavam a existência de cerca de 20,000 combatentes estrangeiros na Síria / Iraque, sendo que a maioria era proveniente dos países da região e do Norte de África. Cerca de 4,000 daqueles eram oriundos da Europa ocidental.<sup>1142</sup> Este número representa quase o dobro das estimativas que aquela organização tinha apresentado em dezembro de 2013, quando colocou o número em cerca de 11,000 combatentes de todo o mundo e entre 396 e 1937 Europeus.<sup>1143</sup> Em abril desse mesmo ano, esta organização tinha identificado na Síria entre 135 a 590 indivíduos da Europa, e entre 2000 e 5500 de todo o mundo.<sup>1144</sup> De acordo com as Nações Unidas, o número de combatentes estrangeiros a deslocar-se para a Síria para se juntar à organização Estado Islâmico e a outros grupos radicais terá aumentado 70%, entre meados de 2014 até março de 2015.<sup>1145</sup>

O contingente francês rondou os 1200 indivíduos, seguindo-se a Alemanha e Reino Unido com 500-600 combatentes e a Bélgica com cerca de 440. Se os países com mais população contribuem com contingentes maiores, é de destacar que na Bélgica se observou uma mobilização superior a todas as mobilizações anteriores em conjunto. Se compararmos com o total da população, este foi o país ocidental que mobilizou o maior contingente em termos relativos (cerca de 40 indivíduos por milhão de habitantes), seguindo-se a Dinamarca e a Suécia.

Os atuais combatentes na Síria complicaram ainda mais os esforços daqueles que há anos tentam explicar a adesão ao Jihadismo, identificar os indicadores de radicalização

---

<sup>1142</sup> Neumann, *Foreign Fighters in Syria/Iraq now exceeds 20,000*. Estes números referem-se ao total de indivíduos que passaram pelo palco de conflito e não representa aqueles que, no momento da publicação, estavam no terreno: alguns daqueles morreram, outros já regressaram aos seus países e outros podem estar em trânsito entre o país de origem e a Síria ou vice-versa. Estes números são superiores às estimativas da UE, estando sujeitos a constantes revisões.

<sup>1143</sup> Zelin, *Up to 11,000 foreign fighters in Syria*. Recentemente, o Secretário-geral da ONU afirmou que, até setembro de 2015, teriam viajado para a Síria cerca de 30,000 pessoas de 104 países (em agosto esse número era de 25,000 pessoas). The Soufan Group, *Failing to Stem the Flow of Foreign Fighters*, TSG InterBrief, October 1, 2015, <http://soufangroup.com/tsg-intelbrief-failing-to-stem-the-flow-of-foreign-fighters/> (data de último acesso: 2 de outubro de 2015); Eric Schmitt and Somini Sengupta, “Thousands Enter Syria to Join ISIS Despite Global Efforts”, *The New York Times*, 26 September 2015, [http://www.nytimes.com/2015/09/27/world/middleeast/thousands-enter-syria-to-join-isis-despite-global-efforts.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2015/09/27/world/middleeast/thousands-enter-syria-to-join-isis-despite-global-efforts.html?_r=0) (data de último acesso: 26 de setembro de 2015).

<sup>1144</sup> Zelin, *European Foreign Fighters in Syria*.

<sup>1145</sup> Secretary-General Ban Ki-moon, “Secretary-General’s remarks to Security Council Meeting on Threats to International Peace and Security Caused by Terrorist Acts (Foreign Terrorist Fighters)”, United Nations, New York, 29 May 2015, <http://www.un.org/sg/statements/index.asp?mid=8689> (data de último acesso: 22 de junho de 2015).

e traçar um perfil dos indivíduos mais suscetíveis ao fenómeno. Não existe um perfil típico dos indivíduos que partem para a Síria, embora exista a predominância de algumas características entre aqueles. Apesar de não existirem estudos comparativos sobre as características, através da leitura de relatórios das autoridades nacionais e europeias e das notícias em vários jornais europeus, sabemos que alguns dos que partem da Europa têm formação superior, são provenientes de famílias de classe média e estão integrados nas suas sociedades.<sup>1146</sup> Outros enfrentam problemas socioeconómicos e vivem em bairros problemáticos; muitos são provenientes famílias disfuncionais e têm um passado de criminalidade.<sup>1147</sup> Alguns têm ligações prévias a redes ativistas, mas outros nunca antes demonstraram qualquer interesse naquelas ou sinais de radicalização. Muitos partem por pressão dos pares, outros porque acreditam numa causa. Muitos são casados e têm filhos, enquanto alguns são adolescentes ou muito jovens. Através da sua dupla abordagem de propaganda e da sua tentativa de projetar força e sucesso, a organização Estado Islâmico atraiu todos estes indivíduos, oferecendo-lhes uma alternativa e uma solução para todos os problemas que os afetam, sejam frustrações pessoais, questões identitárias, discriminação ou exclusão socioeconómica. Basicamente, a mensagem que a organização tenta passar é: na Europa vocês não são ninguém; no Califado podem ser alguém. A média de idades dos combatentes europeus é bastante mais baixa do que as gerações anteriores, rondando pouco mais de vinte anos.<sup>1148</sup>

### 9.2.1. As etapas de mobilização e a evolução da narrativa sobre o conflito

A afluência destes combatentes obedece a um conjunto complexo de motivações, as quais evoluíram com o próprio conflito. A deslocação da Europa para a Síria desenrolou-se ao longo de três etapas, às quais podemos atribuir, de um modo geral, diferentes motivações: a primeira vaga de combatentes acontece a partir de 2012; a segunda vaga tem início por volta do verão de 2013, quando aumenta o sectarismo em resultado da intervenção do *Hizballah*, e dura até ao Verão de 2014, aquando a declaração de Califado; a terceira vaga tem início após essa data e a intervenção aérea da coligação internacional.

---

<sup>1146</sup> Ver Mary Anne Weaver, “Her Majesty’s Jihadists”, *The New York Times*, 14 April 2015, [http://mobile.nytimes.com/2015/04/19/magazine/her-majestys-jihadists.html?referrer&\\_r=2](http://mobile.nytimes.com/2015/04/19/magazine/her-majestys-jihadists.html?referrer&_r=2) (data de último acesso: 16 de abril de 2015).

<sup>1147</sup> Rik Coolsaet, *What Drives Europeans to Syria, And to IS? Insights from the Belgian Case*, Egmont Papers 75, Royal Institute for International Relations, Brussels, March 2015.

<sup>1148</sup> Em conflitos anteriores, a média de idade rondava os 27.7 anos. Ver Edwin Bakker, “Characteristics of jihadi terrorists in Europe (2001-2009)”, in Coolsaet (ed.), *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*, p. 141.

Os primeiros indivíduos que procuraram participar no conflito sírio, considerado como uma luta justa, teriam a intenção de combater o regime de Assad, motivados pelas imagens e relatos das atrocidades cometidas por aquele. Estes causaram empatia com o povo sírio e despoletaram choques morais, levando os indivíduos a considerar ter o dever de prestar assistência aos seus irmãos de fé quando aqueles estão a ser vítimas de repressão. Estes eventos inspiraram o envolvimento no ativismo, mesmo de pessoas que não têm qualquer ligação social ou organizacional à causa.<sup>1149</sup> À semelhança do que aconteceu em conflitos anteriores, muitos dos indivíduos que partiam para o local eram movidos por genuínos sentimentos humanitários. Nesta fase, ainda não existiam muitas das rotas e das redes logísticas que depois viriam a ser estabelecidas, pelo que alguns procuravam um modo de chegarem ao país sem qualquer apoio.<sup>1150</sup>

O aumento das deslocações de combatentes estrangeiros, nomeadamente da Europa, a partir do Verão de 2013, coincide com o anúncio formal por parte do *Hizballah* de que iria juntar-se ao conflito ao lado do regime de Assad. Esta notícia faz com que vários clérigos, entre os quais muitos salafistas, apelem aos Muçulmanos de todo o mundo para que participem nesta *jihad* legítima pela defesa da comunidade sunita, a qual era uma obrigação religiosa.<sup>1151</sup> O crescente sectarismo, habilmente explorado pelo então ISIS, parece ter contribuído para a radicalização e mobilização de muitos Muçulmanos europeus. Nesta fase, estes viajam sozinhos ou em grupo de amigos até à Turquia e dali atravessam a fronteira para a Síria, após terem estabelecido uma ligação com algum elemento já no terreno, muitas vezes através das suas ligações sociais.<sup>1152</sup>

De acordo com o Observatório Sírio de Direitos Humanos, o recrutamento para a organização Estado Islâmico aumentou a partir do final de julho de 2014, após a declaração do Califado e, com o início dos ataques aéreos por parte da coligação internacional, este número terá sofrido um novo aumento.<sup>1153</sup> A narrativa da construção

---

<sup>1149</sup> Olesen, *op. cit.*, p. 26.

<sup>1150</sup> Ver, por exemplo, o caso de Ifthekar Jaman, um dos primeiros britânicos a deslocar-se para a Síria, em maio de 2013, onde se tentou aliar ao JaN para combater o regime. Tendo sido recusado pelo grupo, porque não tinha uma “carta de recomendação”, acabou por se juntar ao então ISIS. Oriundo de Portsmouth, frequentou escolas privadas e estava integrado na comunidade. Nas plataformas e redes sociais encorajava os outros a seguir o seu exemplo e relatava a sua experiência aos meios de comunicação social. Jaman foi fundamental para influenciar a decisão de um grupo de cinco amigos também de Portsmouth, um deles seu primo, de viajarem para a Síria alguns meses mais tarde. Jaman, o qual chegou a chefe de um batalhão, morreu em dezembro de 2013 durante um assalto a um depósito de armas. Weaver, “Her Majesty’s Jihadists”.

<sup>1151</sup> General Intelligence and Security Services (AIDV), *The Transformation of Jihadism in the Netherlands*, p. 33.

<sup>1152</sup> Shiraz Maher, *British Foreign Fighters in Syria*, ICSR Insight, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, 15 October 2013, <http://icsr.info/2013/10/british-foreign-fighters-in-syria/> (data de último acesso: 12 de agosto de 2014).

<sup>1153</sup> Syrian Observatory for Human Rights, *New combatants joined the Islamic state*, 26 September 2014, <http://www.syriahr.com/en/2014/09/new-combatants-joined-the-islamic-state/> (data de último acesso: 23 de maio de 2015); Sylvia Westfall, “New recruits join Islamic state in Syria’s Aleppo: monitor”, *Reuters*, 26 September 2014, <http://www.reuters.com/article/2014/09/26/us-mideast-crisis-aleppo-idUSKCN0HL0V120140926> (data de último acesso: 23 de maio de 2015).

de um verdadeiro estado islâmico constituiu um incentivo para que mais indivíduos respondessem aos apelos à emigração e à *jihad* contra os inimigos do Califado. Os ataques por parte da coligação internacional reforçaram a narrativa da guerra ao Islão, permitindo aos jihadistas globais enquadrar este conflito como mais uma manifestação da opressão da comunidade de Muçulmanos. Assim, apesar das maiores restrições às deslocações para aquele território nos respetivos países de origem, a entrada de combatentes estrangeiros aumentou, o que estará relacionado com o enquadramento do conflito.

Assim, verificou-se uma evolução da narrativa e do modo como o conflito foi enquadrado pelos jihadistas e por outras forças, tendo em vista incentivar as deslocações para o seu território. Ao contrário da década anterior em que os voluntários ocidentais que foram para o Iraque eram motivados pela ideia de lutar contra os ocupantes do país, a primeira vaga de estrangeiros a chegarem ao palco sírio não eram movidos por sentimentos antiocidentais (apesar destes poderem existir) e não desejavam atacar alvos ocidentais, mas lutar contra o regime sírio. À medida que o conflito foi evoluindo, muitos dos combatentes que iam chegando eram motivados pela ideia de lutar pela defesa pela comunidade sunita, a qual se encontrava sob ameaça existencial, o que requer a mobilização de toda a comunidade tendo em vista fazer prevalecer a justiça. O sofrimento da *ummah* desperta as consciências e faz reviver as identidades baseadas na religião.

Após a construção do Califado, uma terceira vaga de jihadistas mobilizou-se tendo em vista defender e expandir aquele território, o qual foi apresentado pela organização Estado Islâmico como o cumprir de uma promessa divina a todos os Muçulmanos. Na declaração de Califado, o porta-voz do grupo opõe a desgraça, a humilhação, a desonra da vida entre os infiéis à honra, ao triunfo e aos sinais de vitória que a criação do Califado representa.<sup>1154</sup> Os apelos à *hijra* para o território do Califado e à *jihad* no Ocidente intensificaram-se após o início da campanha ocidental contra os territórios controlados por aqueles, alimentando a perceção da *ummah* sob ataque do Ocidente e a imagem da organização como defensora da comunidade islâmica.

Esta evolução da narrativa também se refletiu na diversificação dos grupos mobilizados e nas dinâmicas de mobilização. Os aspirantes a jihadistas deslocam-se para a Síria sozinhos (o menos comum), através de contactos com facilitadores ou de relações

---

<sup>1154</sup> “Chegou a hora para aquelas gerações que se afogavam em oceanos de desgraça, sendo nutridas no leite da humilhação, e governadas pelas pessoas mais desprezíveis, após o seu longo sono na escuridão da negligência – chegou a hora para aqueles se elevarem. O tempo chegou para a *ummah* de Maomé (a paz esteja com ele) acordar do seu sono, despir as vestes da desonra e sacudir o pó da humilhação e da vergonha, pois a era das lamentações terminou e o alvorecer da honra emergiu novamente. O sol da *jihad* elevou-se. As boas novas do bem brilham. O triunfo aparece no horizonte. Os sinais da vitória aparecem.” *The Islamic State, This is the Promise of Allah*, p. 3.

sociais pré-existentes. Àqueles que viajam com a intenção de se tornarem combatentes, devemos acrescentar o aumento das deslocações de mulheres, adolescentes e famílias a partir do Outono de 2014.<sup>1155</sup>

Para além de compreendermos as dinâmicas e o contexto dos conflitos e o papel dos seus principais atores na mobilização de indivíduos europeus, é fundamental compreender como as narrativas são ouvidas na Europa e como é que conseguem atrair simpatizantes e mobilizar apoiantes entre os jovens ocidentais.

### 9.3. A importância das redes sociais e das dinâmicas de grupo para a mobilização

Vários desenvolvimentos ao longo da última década contribuíram para as atuais características do Jihadismo global na Europa. Durante este período confirmou-se a importância das redes sociais e das dinâmicas que regem os pequenos grupos, os quais se assumem como estruturas de mobilização fundamentais no Jihadismo global.

Apesar da adesão à *jihad* partir de uma decisão voluntária, aquela é, regra geral, um processo social. As ligações sociais e pessoais assumem particular relevância sobretudo no caso do ativismo de alto-risco. Ao longo dos últimos anos vários estudos sublinharam que, por um lado, os membros de um grupo tendem a ter comportamentos e atitudes idênticas, pois os indivíduos procuram relacionar-se com outros com os quais partilham interesses e ideias; e, por outro lado, o comportamento individual é influenciado pelas suas relações pessoais e pelo contexto social em que aquelas acontecem.<sup>1156</sup>

O contexto social é explorado por certos líderes como oportunidades para estabelecerem redes entre si, forjarem identidades coletivas, criarem organizações informais ou semiformais, iniciarem processos de socialização e aculturação às ideias do salafismo jihadismo entre indivíduos que demonstrem alguma vulnerabilidade, e encorajarem os seus membros a fazerem sacrifícios em prol da causa da *ummah*. No seio destas redes, estes indivíduos encontram igualdade de tratamento, respeito e um novo significado existencial. Esta questão pode ajudar a explicar o envolvimento de muitos

---

<sup>1155</sup> Se algumas famílias acompanham familiares que participam na luta – como aconteceu com Jermaine Walters, um dos antigos membros da célula Hofstad –, outros são movidos pela ideia da terra prometida por Deus e pela possibilidade de viver uma verdadeira vida islâmica no Califado. Ver o caso da família inglesa constituída por doze pessoas e três gerações que decidiram abandonar a Inglaterra para se instalarem na Síria. Vikram Dodd and Nadia Khomami, “Luton family of 12 feared to have gone to Syria”, *The Guardian*, 1 July 2015, <http://www.theguardian.com/world/2015/jul/01/luton-family-of-12-feared-gone-syria> (data de último acesso: 2 de julho de 2015).

<sup>1156</sup> Veldhuis and Staun, *op. cit.*, pp. 42-44; Bakker, *Jihadi Terrorists in Europe*; Neumann and Rogers, *op. cit.*, pp. 33-39.

antigos delinquentes e de pessoas com passados problemáticos no Jihadismo, muitos dos quais passam primeiro por um processo de conversão ao Islão.<sup>1157</sup>

As interações e as redes sociais ilustram o modo como o movimento ganha novos membros e recursos, ajuda a explicar o seu padrão de mobilização e o processo através do qual as críticas, os agravos, ressentimentos históricos e políticos e um eventual interesse ou partilha de concepções ideológicas se traduzem em comportamento coletivo. A análise da composição das estruturas jihadistas na Europa demonstra que os indivíduos que têm ligações pessoais ou sociais a outros que estão envolvidos na militância têm uma maior tendência para se envolverem naquele meio.<sup>1158</sup> Por exemplo, os indivíduos que em 2008 conspiraram para atacar a *Direction de la Surveillance du Territoire*, em Paris, tinham ligações estreitas a uma das principais redes de recrutamento de indivíduos para o conflito no Iraque, a rede de *19th Arrondissement*; Ibrahim Boudina, o qual alegadamente se preparava para efetuar atentados após ter regressado da Síria, em janeiro de 2014, fazia parte do mesmo grupo dos indivíduos que em setembro de 2012 estiveram envolvidos no ataque a um supermercado em Sarcelles, França.<sup>1159</sup>

Esta tendência também é visível quando discutimos as deslocações para o território sírio, as quais tendem a acontecer em grupos formados por indivíduos provenientes do mesmo bairro ou cidade ou pertencendo à mesma família, existindo casos de vários irmãos que viajam juntos.<sup>1160</sup> A pressão dos pares tem desempenhado um papel fundamental: muitos dos que partiram, fizeram-no após terem visto os seus amigos partirem.<sup>1161</sup> No caso belga, este processo revelou-se bastante eficaz: muitos dos voluntários que foram primeiro para a Síria contactaram os amigos na Bélgica,

---

<sup>1157</sup> Um dos casos mais proeminentes da atualidade é o já mencionado Denis Cuspert, o antigo *rapper* alemão com um passado de delinquência conhecido por Deso Dogg. Este adotou o nome de Abu Talha al-Almani e juntou-se ao então ISIS, em 2012, passando a dedicar-se sobretudo a atividades que visam recrutar outros combatentes de língua alemã, nomeadamente através da produção de *nasheeds*. Cuspert foi designado terrorista pelo Departamento de Estado norte-americano em fevereiro de 2015, comprovando a sua importância no seio daquela organização. Ver U.S. Department of State, *Terrorist Designation of Denis Cuspert*, Media Note, Washington DC, February 9, 2015, <http://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2015/02/237324.htm> (data de último acesso: 20 de março de 2015).

<sup>1158</sup> Sageman, *Understanding Terror Networks*, pp. 107-113; Taarnby, *Recruitment of Islamist Terrorists in Europe*, pp. 22-23. Ver, por exemplo, o estudo conduzido por Jytte Klausen sobre a evolução do Jihadismo no Reino Unido, entre 1999 e 2010. Neste, a autora identifica quatro fases distintas e, recorrendo à teoria das redes sociais (numa tentativa de compreender as relações entre os indivíduos que compõem o movimento jihadista britânico), demonstra que 80% dos jihadistas do Reino Unido conhecia alguém – ou conhecia alguém que conhecia – indivíduos envolvidos noutras conspirações. (Klausen, *Al Qaeda-Affiliated and 'Homegrown' Jihadism in the UK: 1999-2010*, London, Institute for Strategic Dialogue, 2010.) Por exemplo, Siddique Khan e Shehzad Tanweer conheciam e foram vistos em três ocasiões diferentes com Omar Khyam, o qual fez parte da célula responsável pela *Fertilizer bomb plot*. Muktar Ibrahim, membro da conspiração para atacar Londres a 21 de julho de 2005, esteve em contacto com indivíduos no Paquistão que também contactaram com os membros da conspiração de 7 de julho, nomeadamente Rashid Rauf. Ver, por exemplo, James Brandon, “Al-Qaida’s Involvement in Britain’s ‘Homegrown’ Terrorist Plots”, *CTC Sentinel*, vol. 2., n.º 3, Combating Terrorism Center at West Point, March 2009, pp. 10-12; Nic Robertson, Paul Cruickshank and Tim Lister, “Documents give new details on al-Qaeda’s London bombing”, *CNN.com*, April 30, 2012, <http://edition.cnn.com/2012/04/30/world/al-qaeda-documents-london-bombings/#> (data de último acesso: 30 de abril de 2012).

<sup>1159</sup> Ver anexo para mais informações sobre estes incidentes.

<sup>1160</sup> Por exemplo, no Reino Unido existe o caso de três irmãos que decidiram partir para a Síria: Abdullah, Jaffar e Amer Deghaves. Este último tinha 19 anos quando partiu em 2013, com o conhecimento da família para supostamente prestar assistência humanitária. Os dois irmãos mais novos, de 18 e 16 anos, partiram em fevereiro de 2014, sem conhecimento da família. Ambos morreram em 2014.

<sup>1161</sup> General Intelligence and Security Services (AIDV), *The Transformation of Jihadism in the Netherlands*, p. 22.



incentivando-os a seguirem o mesmo caminho.<sup>1162</sup> Em muitos casos, os processos de radicalização aconteceram de modo rápido – num espaço de poucos meses – e, por vezes, passando despercebido à própria família, o que se revela uma das novidades desta fase.<sup>1163</sup>

O meio social jihadista e as conspirações mais recentes descobertas na Europa tendem a ser cada vez mais obra de pequenos grupos e de terroristas individuais, embora também se verifiquem conspirações mais sofisticadas inspiradas pelos acontecimentos em Bombaim, envolvendo um número considerável de envolvidos. A crescente tendência para a formação de grupos menores apresenta várias vantagens. Por um lado, refletindo o ambiente securitário europeu, a falta de oportunidades e a necessidade de adaptação a este, este tipo de estruturas atrai menos atenção, dificultando a monitorização das suas atividades por parte das autoridades. Por outro lado, este é um recurso de socialização e doutrinação importante, pois os grupos menores facilitam a tarefa de consciencialização ideológica, a interiorização de determinados valores e normas que desafiam os códigos culturais dominantes, a disseminação de táticas e aceitação das formas de ativismo, permitindo ultrapassar eventuais limitações resultantes da falta de recursos. Estes grupos não se limitam a instrumentalizar os agravos dos potenciais novos membros, mas fomentam a criação de uma nova identidade baseada na fraternidade e solidariedade para com o grupo, e na desumanização e promoção do ódio contra grupos externos.

Os pequenos grupos despoletam dinâmicas de mobilização importantes em movimentos de alto-risco, podendo eliminar a necessidade daquilo que os economistas e os teóricos dos movimentos sociais chamam de “incentivos seletivos” para a participação nas atividades do grupo.<sup>1164</sup> Analisando a lógica destes grupos, Olson defendeu que o mais importante para estes é precisamente o facto de serem capazes de se dotarem de um bem coletivo simplesmente “por causa da atração desse bem coletivo para os membros individuais” do grupo.<sup>1165</sup> A pressão social no interior deste tipo de grupos alimenta o radicalismo mútuo e fomenta um sentido de camaradagem mais forte, constituindo uma

---

<sup>1162</sup> Pieter Van Ostaeyen chamou a atenção da autora para o modo como funcionou a pressão dos pares no caso das deslocações para a Síria de combatentes belgas. Pieter Van Ostaeyen, via Skype, 13 de junho de 2015.

<sup>1163</sup> Ver, por exemplo, Donna Abu-Nasr, “How Berlin’s Muslims Are Tackling Jihad”, *Bloomberg Business*, 18 May 2015, <http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-05-18/berlin-muslims-battle-potential-jihadists-in-their-midst> (data de último acesso: 20 de maio de 2015).

<sup>1164</sup> De acordo com a teoria da mobilização de recursos, a participação em movimentos sociais que impliquem riscos elevados para os atores individuais resulta de um cálculo entre custos e benefícios: é a capacidade dos participantes receberem incentivos que não obteriam se não participassem nesses movimentos que conduz à decisão de participar nas atividades de um grupo. Esses incentivos seletivos podem ser de natureza material, mas também de natureza social ou psicológica, como o desejo de prestígio, respeito, estatuto social ou amizade. Ver Mancur Olson, *The Logic of Collective Action: Public Goods and the Theory of Groups*, 20ª ed., Cambridge, Harvard University Press, 2002, p. 60, 133-134.

<sup>1165</sup> Para Olson, “quanto maior o grupo, menos aquele irá promover os seus interesses comuns.” Este autor defende que apesar do poder latente e da capacidade para o ativismo dos grandes grupos e organizações, esse poder apenas se realiza ou mobiliza com a ajuda de “incentivos seletivos.” *Id.*, p. 36, 51.

forma de encorajamento para que os membros individuais ajam em prol do objetivo comum. Este é um mecanismo eficaz na medida em que promove os laços sociais, o prestígio pessoal e a autoestima.<sup>1166</sup> Outras vantagens deste tipo de grupos é o desencorajar de outras formas de socialização, pois os indivíduos são encorajados a cortar com tudo o que é exterior ao grupo, e evitar a infiltração do grupo por elementos externos.

Por último, devemos referir o impacto das novas tecnologias de comunicação nas redes e processos sociais jihadistas. As redes e relações sociais também se configuram no mundo virtual, permitindo aos indivíduos exprimir as suas identidades e fazer parte de uma comunidade. A partir de 2004, a Internet começou a ser apontada como importante fator mobilizador e catalisador do fenómeno, ao contribuir para que muitos simpatizantes ou militantes divulgassem as suas opiniões de um modo anónimo e entrassem em contacto com indivíduos que expressassem iguais opiniões em fóruns específicos.<sup>1167</sup> Embora seja impossível determinar o processo através do qual a exposição à propaganda e os contactos encetados via Internet são responsáveis pela conceção de conspirações terroristas, em alguns casos, as autoridades apontaram aquele meio como tendo sido importante a nível estratégico, sobretudo após 2008, ao contribuir para fomentar o fenómeno dos atacantes solitários.

Apesar do importante papel da Internet ao longo da última década, recentemente começou-se a observar a transformação das estruturas jihadistas na Europa por ação das novas tecnologias e plataformas de comunicação, as quais permitem o contacto direto e em tempo real entre emissor e recetor das mensagens. Esta interação entre, por um lado, aqueles que se encontram em palcos de conflitos e, por outro lado, a sua audiência na Europa pretende conduzir estes últimos à adoção de um determinado comportamento. Pode-se, ainda, verificar a criação e aprofundamento de relações entre indivíduos que não se conhecem fisicamente, mas que, em algumas circunstâncias, se podem transferir para o mundo real. Embora não substituam as interações no mundo real, no caso da mobilização para a Síria, a Internet e as relações sociais virtuais assumem particular relevância.

### 9.3.1. Uma aliança entre novas e velhas redes?

---

<sup>1166</sup> *Id.* p. 60.

<sup>1167</sup> General Intelligence and Security Service (AIDV), *The Radical Dawā in Transition*, pp. 18-19.

Na atualidade, o Jihadismo na Europa gira em torno de novas redes, mais flexíveis e socialmente diversificadas, muitas das quais são o motor de mobilização para o palco sírio. Este é um fenómeno que resulta tanto de transformações demográficas e sociais no seio da comunidade de radicais, como do desmantelamento de muitas das velhas estruturas em solo europeu, e traduzem-se na formação de grupos que recorrem às novas tecnologias como meio privilegiado de contacto e disseminação ideológica.<sup>1168</sup>

Como vimos, as antigas redes eram compostas e lideradas por indivíduos pertencentes às primeiras gerações de imigrantes provenientes de países como a Argélia, Marrocos e Tunísia. Alguns tinham ligações ao GSPC (posteriormente AQMI), ao GICM ou a outros grupos islamistas, muitos dos quais foram o produto dos laços forjados entre islamistas da mesma nacionalidade nos campos afegãos. Muitas das dinâmicas destes grupos na Europa estavam diretamente relacionadas com os seus países de origem, embora tivessem adotado a agenda global da al-Qaeda. Estas redes dominaram o cenário jihadista em alguns países até meados da década passada, acabando por desaparecer ou ficar operacionalmente enfraquecidas, sobretudo devido à ação das forças de segurança. Porém, na atualidade, muitos dos elementos condenados no passado por pertença a estes grupos já saíram, ou estão em vias de sair da prisão, sendo que muitos continuaram o seu ativismo durante aquele período. Outros regressaram recentemente à Europa e voltaram ao ativismo islamista, após alguns anos de ausência ou fora do radar das autoridades. Muitos destes mantêm relações de amizade entre si e estão unidos por laços de parentesco, por vezes, estabelecidos através de casamentos entre membros das suas famílias. Estes factos complexificam ainda mais o panorama jihadista europeu atual.

Embora a questão da cooperação entre redes de diferentes gerações necessite de mais investigação, em alguns países é possível vislumbrar a colaboração entre indivíduos da velha guarda jihadista com as novas redes. No que se refere à mobilização para participar no conflito sírio, apesar deste constituir um fenómeno que se desenvolve em torno de redes sem relação com o passado – ou seja, sem ligações ao movimento ideológico e organizacional que teve origem na luta afegã da década de 1980 –, foi possível constatar não só a mobilização de alguns veteranos de conflitos anteriores e indivíduos envolvidos em conspirações que remontam à década anterior, mas também o papel que alguns daqueles desempenharam ao incentivar a deslocação de indivíduos mais jovens para aquele palco.

---

<sup>1168</sup> Vidino, *Homegrown Jihadism in Italy*, p. 4.

Por exemplo, em fevereiro de 2013, Slimane Hadj Abderrahmane, antigo prisioneiro em Guantánamo após ter sido capturado enquanto fugia do Afeganistão em 2001, tornou-se no primeiro combatente dinamarquês a morrer na Síria.<sup>1169</sup>

Jermaine Walters, o qual, ao contrário do irmão Jason, tinha sido absolvido de pertencer à célula Hofstad, ter-se-á deslocado com a mulher e os três filhos (de 2, 4 e 6 anos) para a Síria em outubro de 2014.<sup>1170</sup> Antes de se instalar com a família naquele território, Walters já tinha visitado o país como membro de uma organização de caridade. Terá morrido no início de junho de 2015, quando lutava nas fileiras da organização Estado Islâmico. A sua morte foi confirmada pelo irmão, libertado em maio de 2013 após ter cumprido dois terços da pena a que fora condenado e após ter renunciado ao radicalismo enquanto esteve detido.<sup>1171</sup>

Na Bélgica, alguns antigos membros da rede de Maaseik terão reaparecido como combatentes na Síria, em 2014.<sup>1172</sup> Entre estes estão Abdelkader Hakimi, o qual está envolvido em atividades jihadistas desde a década de 1980, terá recebido treino no Afeganistão, participado no conflito bósnio e é suspeito de cumplicidade nos atentados de Casablanca, em 2003, e de Madrid, em 2004. Hakimi foi preso na Bélgica em 2004 e condenado em 2006, por alegadamente ser o líder europeu do GICM, tendo sido libertado em 2011.<sup>1173</sup> Rachid Iba, condenado a três anos de prisão (com dois de pena suspensa) por pertencer ao GICM, foi reconhecido em território sírio junto com indivíduos pertencentes ao grupo *Sharia4Belgium*.<sup>1174</sup> Note-se que Iba estabeleceu uma ligação àquela rede através do casamento com a irmã de um antigo membro e responsável pelo sítio na Internet daquele grupo, Brahim El Mimouni, o qual também viajou para a Síria.<sup>1175</sup>

---

<sup>1169</sup> Helen Russel, “From techno DJ in Denmark to martyrdom fighting Assad in Syria: the life and death of Slimane Hadj Abderrahmane”, *The Independent*, 25 March 2013, <http://www.independent.co.uk/news/world/europe/fromtechno-dj-in-denmark-to-martyrdom-fighting-assad-in-syria-the-life-and-death-of-slimane-hadj-abderrahmane-8548987.html> (data de último acesso: 10 de junho de 2015); Para mais sobre a detenção em Guantanamo ver “The Guantánamo Docket”, *The New York Times*, <http://projects.nytimes.com/guantanamo/detainees/323-slimane-hadj-abderrahmane> (data de último acesso: 10 de junho de 2015).

<sup>1170</sup> Jenny Groen, “Hofstadverdachte Jermaine W. met gezin naar Syrië”, *de Volkskrant*, 5 September 2014, <http://www.volkskrant.nl/buitenland/hofstadverdachte-jermaine-w-met-gezin-naar-syrie-a3741048/> (data de último acesso: 10 de junho de 2015); “Two more Dutch families head for Syria, taking their children”, *DutchNews.nl*, 6 September 2014, <http://www.dutchnews.nl/news/archives/2014/09/two-more-dutch-families-head-f/> (data de último acesso: 10 de junho de 2015).

<sup>1171</sup> A morte de Jermaine foi confirmada através de uma mensagem escrita por Jason Walters e colocada na sua página de facebook. A autora desta tese teve acesso a esta missiva através de Guy Van Vlierven, investigador belga e jornalista do *Het Laatste Nieuws*, tendo o cuidado de verificar a veracidade da mesma através da rede facebook.

<sup>1172</sup> Ver anexo para algumas informações sobre esta rede.

<sup>1173</sup> Carlos Echeverría Jesús, “The Current State of the Moroccan Islamic Group”, *CTC Sentinel*, vol. 2, n.º 3, Combating Terrorism Center at West Point, March 2009, p. 23.

<sup>1174</sup> Guy Van Vlierven, “Convicted European top terrorist Abdelkader Hakimi has traveled to Syria”, *Emmejjihad*, 7 June 2014, <https://emmejjihad.wordpress.com/2014/06/07/convicted-european-top-terrorist-abdelkader-hakimi-has-traveled-to-syria/> (data de último acesso: 5 de junho de 2015); Guy Van Vlierven, “IS fighters from the Belgian town of Maaseik: A rare connection between actual networks and old school terrorists”, *Emmejjihad*, 4 January 2015, <https://emmejjihad.wordpress.com/2015/01/04/is-fighters-from-the-belgian-town-of-maaseik-a-rare-connection-between-actual-networks-and-old-school-terrorists/> (data de último acesso: 5 de junho de 2015). Guy Van Vlierven confirmou estas informações à autora via email a 1 de julho de 2015.

<sup>1175</sup> Informação obtida através de Guy Van Vlierven em email de 1 de julho de 2015.

Outro nome que ressurgiu recentemente foi o de Farid Melouk, um francês com 50 anos de origem argelina que terá recebido treino militar num dos campos no Afeganistão, no início da década de 1990. Melouk tinha ligações a uma célula do GIA em França – a rede de Chasse-sur-Rhône –, tendo sido julgado *in absentia* e condenado a sete anos de prisão, em fevereiro de 1998, pelo seu papel na onda de atentados que atingiu aquele país em 1995. Apesar de ter fugido após estes ataques, acabou por ser detido em março de 1998, em Bruxelas. Condenado na Bélgica a nove anos de prisão, em 2004 foi extraditado para França para cumprir a sua pena naquele país, tendo sido libertado em 2009. Melouk continuou a manter contactos com elementos do meio jihadista, nomeadamente Djamel Beghal, e ter-se-á deslocado para território sírio.<sup>1176</sup> Neste país terá reencontrado dois antigos associados, os quais também regressaram ao ativismo após terem passado pela prisão na década passada por ligação a redes jihadistas: Ahmed Laidouni, o qual viajou para a Síria com a família para apoiar a Jabhat al-Nusra, tendo sido preso em Marrocos após ter regressado à Europa por um breve período; e Slimane Khalfaoui, alegadamente cunhado deste último, e que ainda poderá estar naquele território.<sup>1177</sup>

Contudo, nem todos os veteranos regressam ao ativismo por intermédio da questão síria: alguns utilizam o seu estatuto no seio da comunidade jihadista para radicalizar outros indivíduos e sancionarem ataques contra alvos europeus. Um dos exemplos mais conhecidos é Djamel Beghal, um dos elementos e recrutadores mais importantes da al-Qaeda no início do novo século, o qual conspirou para atacar alvos americanos em solo europeu. Beghal foi condenado a dez anos de prisão em março de 2005, colocado em prisão domiciliária em 2009, mas novamente levado para a cadeia em 2010, devido ao seu papel na conspiração para libertar da prisão Aït Ali Belkacem, um dos envolvidos nos ataques ao metro de Paris, em 1995. O nome de Beghal surgiu ligado aos atacantes do jornal Charlie Hebdo e ao atacante à mercearia *kosher*, em janeiro de 2015, tendo supostamente funcionado como figura inspiradora e responsável pela radicalização de Cherif Kouachi e de Amedy Coulibaly no contexto prisional.<sup>1178</sup> Isto revela que algumas

---

<sup>1176</sup> Patrick Mennucci, *Rapport fait Au Nom de la Commission D'Enquête sur la surveillance des filières et des individus djihadistes*, Assemblée Nationale Française, Paris, 2 de Juin 2015, p. 359.

<sup>1177</sup> Para o papel desempenhado por Laidouni, ver U.S. Department of State, *Patterns of Global Terrorism 1999*, Office of the Coordinator for Counterterrorism, April 2000, <http://www.state.gov/www/global/terrorism/1999report/europe.html#France> (data de último acesso: 26 de agosto de 2015). Para mais informação sobre Khalfaoui e suas ligações à al-Qaeda, ver “La police investit la filière pakistanaise”, *Libération*, 27 novembre 2002, [http://www.liberation.fr/societe/2002/11/27/la-police-investit-la-filiere-pakistanaise\\_422891](http://www.liberation.fr/societe/2002/11/27/la-police-investit-la-filiere-pakistanaise_422891) (data de último acesso: 26 de agosto de 2015).

<sup>1178</sup> Ver, por exemplo, Michael Bimbaum and Souad Mekhennet, “Djamel Beghal, the charming and chilling mentor of paris jihadist attackers”, *The Washington Post*, 6 February 2015, [http://www.washingtonpost.com/world/europe/the-charming-and-chilling-mentor-of-the-paris-attackers/2015/02/06/2870f13c-a7dd-11e4-a162-121d06ca77f1\\_story.html?hpid=z1](http://www.washingtonpost.com/world/europe/the-charming-and-chilling-mentor-of-the-paris-attackers/2015/02/06/2870f13c-a7dd-11e4-a162-121d06ca77f1_story.html?hpid=z1) (data de último acesso: 7 de fevereiro de 2015).

destas personalidades históricas do movimento jihadista na Europa podem continuar a ter algum peso e a serem capazes de exercer influência entre os mais jovens.

#### 9.4. As estruturas pró-jihadistas: na convergência do Salafismo e do ambiente social

Uma das tendências observáveis em vários países europeus, nomeadamente na Alemanha, Bélgica e Holanda foi a expansão do Salafismo, nas suas várias vertentes, ao longo dos últimos anos. Naqueles observou-se quer o crescimento da influência dos salafistas e das ligações sociais forjadas neste meio, como o aparecimento de novas personalidades que exercem alguma influência entre os mais jovens.

Devido à defesa inabalável da crença pura e do Islão autêntico, o Salafismo atrai muitos jovens muçulmanos europeus que tentam encontrar um sentido para a informação contraditória sobre o Islão que lhes chega de diferentes fontes. Como referimos, algumas das ideias defendidas por esta tendência podem ser consideradas problemáticas: ao opôr-se às outras seitas e religiões, ao defender o regresso à comunidade islâmica inicial, ao renunciar à igualdade entre os géneros, esta corrente pode criar condições para a aceitação de mensagens mais intolerantes, como por exemplo, a rejeição do sistema político democrático (com base na crença na *tawhid*). Os Salafistas e os jihadistas referem-se ao Ocidente nos mesmos termos (*dar al-kufr*) e, com frequência, frequentam os mesmos locais.<sup>1179</sup> Apesar de rejeitarem a *jihad* violenta em território europeu, as redes salafistas são mais ambivalentes relativamente à ideia de *jihad* defensiva no mundo muçulmano, embora tenham em atenção as restrições legais para a participação na luta.<sup>1180</sup> Em suma, a aceitação dos princípios salafistas não conduzem à violência, mas em determinadas circunstâncias podem dar azo a uma mentalidade pronta a ser explorada por redes jihadistas.

Até 2010, por exemplo, as autoridades holandesas defendiam que os salafistas que se dedicavam à *da'wa* poderiam ser uma alternativa para prevenir o recrutamento para o Jihadismo. Atendendo aos desenvolvimentos ocorridos nos últimos anos, hoje aqueles são considerados um terreno fértil para aquela corrente, em parte devido ao surgimento de novos pregadores fora das tradicionais estruturas salafistas e com uma postura mais isolacionista; e aos posicionamentos relativos ao conflito sírio, a qual é considerada uma

---

<sup>1179</sup> General Intelligence and Security Services (AIDV), *Annual Report 2014*, The Hague, April 2015, p. 19. Por exemplo, no conterxto inglês, elementos pertencentes a círculos jihadistas frequentavam os mesmos espaços de membros do HuT. Peter Neumann, Londres, 27 de maio de 2008.

<sup>1180</sup> General Intelligence and Security Services (AIDV), *The Transformation of Jihadism in the Netherlands*, pp. 32-33.

*jihad* legítima, embora os salafistas afirmem que os Muçulmanos holandeses não devam participar naquela luta.<sup>1181</sup> Com efeito, muitos dos que partem para a Síria são oriundos de *milieus* salafistas, mas não de círculos jihadistas.<sup>1182</sup> Convém não esquecer que os salafistas consideram a Europa terra de descrença e aspiram à *hijra* para um território onde a *Sharia* seja aplicada na sua totalidade, o que não existia até há pouco tempo. Assim, muitos dos salafistas que viajam para a Síria podem fazê-lo com base nesta crença e não no desejo de combater: convencidos que o Califado representa um verdadeiro estado islâmico, a deslocação para aquele território é consequência lógica do seu desejo de viver uma verdadeira vida islâmica.

As autoridades alemãs também referem o aumento das redes salafistas no país, o movimento mais dinâmico na Alemanha, em 2014, com cerca de 7,000 membros.<sup>1183</sup> Estas redes estabeleceram-se como subculturas – ou culturas juvenis alternativas – e ao afirmarem que representam a forma correta de Islão, criam um ambiente social propício para a radicalização. Tal como na Holanda, estas são consideradas um terreno de recrutamento importante para o Jihadismo, sobretudo a partir de 2005, ano em que se verificou a consolidação daquela corrente naquele país.<sup>1184</sup> De acordo com as autoridades, a maioria dos indivíduos que aderiram à *jihad* global e a redes internacionais estiveram em contacto com meios salafistas ou emergiram a partir destas.<sup>1185</sup>

Em estreita relação com a expansão do Salafismo, uma das evoluções mais importantes na Europa ao longo da última década foi o desenvolvimento de uma constelação de grupos com uma relação ambígua com o Jihadismo global. Os grupos pró-jihadistas tornaram-se visíveis sobretudo após 2009, seguindo o modelo de ativismo da congénere inglesa *al-Muhajiroun*. De um modo geral, estes consistem em estruturas semiformais constituídas por membros e pelas ligações sociais que resultam das suas atividades, são modeladas à imagem umas das outras e têm uma ideologia semelhante. Os indivíduos que as compõem apresentam laços entre si e forjam uma identidade coletiva comum. Não sendo estruturas isoladas, verifica-se a existência de elos de ligação que vão além da ideologia e da mensagem que propagam, sendo possível falar de uma rede de salafistas jihadistas que atuam em vários países europeus, colaboram entre si, utilizam as

---

<sup>1181</sup> *Id.*, p. 33.

<sup>1182</sup> General Intelligence and Security Services (AIDV), *Annual Report 2014*, p. 19.

<sup>1183</sup> Bundesamt für Verfassungsschutz, *2014 Annual Report on the Protection of the Constitution: Facts and Trends*, Berlin, 2015, p. 23.

<sup>1184</sup> *Ibid.*

<sup>1185</sup> Bundesamt für Verfassungsschutz, *Jihadism as an ideology of violence – the abuse of Islam for terrorist purposes*, <http://www.verfassungsschutz.de/en/fields-of-work/islamism-and-islamist-terrorism/what-is-islamism/jihadism-as-an-ideology-of-violence> (data de último acesso: 3 de junho de 2015).

mesmas táticas e a mesma linguagem relativamente a certos temas políticos e questões doutrinárias.<sup>1186</sup>

Muito se especula sobre o verdadeiro papel desempenhado por estas redes extremistas europeias na radicalização e na mobilização individual para a violência política, assim como o eventual apoio logístico ao terrorismo que aquelas oferecem. Embora estes não estejam diretamente envolvidos em conspirações e os seus líderes rejeitem ser responsabilizados por supostamente servirem de inspiração a indivíduos que cometem atos terroristas, vários elementos que estiveram ligados a estes grupos enveredaram pela violência ou funcionaram como facilitadores de tais ações, entre os quais Michael Adebolajo, Michael Adebowale e Mohammed Merah.<sup>1187</sup> Assim, é possível concluir que a pertença formal ou a ligação social a um grupo desta natureza não limita a progressão a nível individual para outras estruturas organizacionais ou modelos de ativismo mais arriscados. Contudo, também não é possível estabelecer sem qualquer dúvida a existência de um elo de transição entre este tipo de grupos e formas ativistas violentas no interior da Europa.

Estas estruturas são responsáveis por ações de propaganda onde difundem os princípios mais rígidos do Salafismo, fazem a glorificação do terrorismo e promovem as suas táticas, nomeadamente o recurso ao martírio, e são adeptos da metodologia *takfir*. As mensagens que promovem alimentam o ódio e promovem a subversão da ordem estabelecida, semeiam a discordância e intolerância entre comunidades e o ressentimento para com os países e sociedades ocidentais. No seu estudo sobre o *al-Muhajiroun*, por exemplo, Wiktorowicz demonstrou como este grupo ultrapassa conscientemente os

---

<sup>1186</sup> Um exemplo deste tipo de ligação é o vídeo de apoio ao *Sharia4Belgium* da autoria do islamista britânico ligado a um dos grupos sucessores do *al-Muhajiroun*, Anjem Choudary, colocado no Youtube: [https://www.youtube.com/watch?v=0AimT4g1\\_yk](https://www.youtube.com/watch?v=0AimT4g1_yk) (data de último acesso: 22 de abril de 2011). Entre outras coisas, Choudary defende que “a democracia e a liberdade provaram ser um fracasso no suprir das necessidades básicas das pessoas.” (“Democracy and freedom has proven to be a failure to provide the basic needs for the people.”). Este vídeo produzido pela al-Tawheed Productions encontra-se indisponível em 2015. Maher e Neumann também identificaram ligações entre o grupo *Millat Ibrahim* e os grupos extremistas britânicos que sucederam ao *al-Muhajiroun*. (Shiraz Maher and Peter R. Neumann, *German Arrests and the Rise of Megaphone Jihadists*, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, 14 June 2012, <http://icsr.info/2012/06/icsr-insight-german-arrests-the-rise-of-the-megaphone-jihadists-2/> (data de último acesso: 23 de maio de 2014)). Também existem relatos que dão conta de contactos entre o *Sharia4Belgium* e o *Street Dawah*, cujas atividades cessarem no final de 2012, coincidindo com as primeiras partidas de jovens holandeses para a Síria.

<sup>1187</sup> Antes de 2001, raramente existiam referências a membros destes grupos com ligações a atos de terrorismo; após aquela data surgiram vários casos de indivíduos que tinham passado pelo *al-Muhajiroun* e que se envolveram em conspirações, viajaram para palcos de conflito ou frequentaram campos de treino. Por exemplo, em 2003, Omar Bakri Mohammed terá supostamente recrutado voluntários muçulmanos para campos de treino paramilitares no Líbano. (Taarnby, *Recruitment of Islamist terrorists in Europe*, p. 42.). Em 2007, o mesmo pregador terá feito apelos para a participação na *jihād* na Somália, descrevendo o apoio aos Muçulmanos naquele território como um dever fraternal. (Europol, *TE-SAT 2008*, p. 25; Taarnby and Hallundbaek, *op. cit.*, p. 40). Asif Hanif e Omar Khan Sharif, os dois ingleses que em abril de 2003 conduziram o ataque em Telavive contra o café Mike’s Place teriam pertencido ao *al-Muhajiroun*, assim como alguns dos elementos que fizeram parte da conspiração conhecida por *The Fertilizer bomb plot*, em 2004. Michael Adebolajo e Michael Adebowale, os perpetradores do ataque a um soldado britânico, em Woolwich, Londres, em maio de 2013, também tinham ligações prévias ao *al-Muhajiroun* e a Omar Bakri Mohammed, o seu líder. Mohammed Merad, o francês que assassinou três polícias e quatro cidadãos judeus, em março de 2012, em França, teria ligações ao grupo *Forsane Alizza*. Arid Uka, responsável pela morte de dois soldados norte-americanos e pelo ferimento de dois outros no aeroporto de Frankfurt, na Alemanha, em março de 2011, supostamente teria sido influenciado pela organização *Dawa FFM*, apesar de não ter uma ligação forma àquela. Ver anexo para mais informação sobre estas conspirações.



limites da liberdade de expressão, com recurso a táticas confrontacionais e a declarações controversas.<sup>1188</sup> Este tipo de ativismo desenrola-se na fronteira da legalidade e, com frequência, ultrapassa o que é aceitável do ponto de vista constitucional.<sup>1189</sup> Com efeito, a ligação entre estes grupos e os jihadistas que desencadeiam ações de violência é caracterizada pela promiscuidade.

Assim, estes grupos desempenham funções ideológicas, sociais e culturais, as quais contribuem para a criação de uma mentalidade e identidade coletiva, fomentam a coesão interna do grupo e socializam os seus membros para o extremismo. Defendendo a criação de espaços próprios e formas de regulação alternativas para os Muçulmanos,<sup>1190</sup> estes manifestam posicionamentos antidemocráticos e contestam o sistema constitucional, recusando a acomodação entre Islão e Democracia e incentivando uma identidade muçulmana distinta da restante sociedade europeia. Os indivíduos envolvidos com estes grupos consideram-se combatentes na guerra do Ocidente com o Islão, acreditam que os Muçulmanos são alvo de injustiças e condenam as intervenções ocidentais no mundo muçulmano.<sup>1191</sup> De acordo com as declarações do perpetrador de um atentado em solo britânico com ligações ao *al-Muhajiroun*, “Devemos combatê-los, tal como nos combatem. Olho por olho, dente por dente. [...] Lamento que as mulheres tenham testemunhado isto hoje, mas na *nossa terra* as nossas mulheres têm de ver o mesmo. Vocês nunca estarão a salvo. Derrubem o *vosso governo*, eles não se importam com vocês.”<sup>1192</sup>

Os desenvolvimentos políticos externos, a exclusão e islamofobia sofrida pelos Muçulmanos no espaço europeu, a desconfiança existente em relação aos governos europeus são instrumentalizados por aqueles para provocar aberturas cognitivas e como oportunidades políticas e culturais para o ativismo. Este tipo de grupos distinguem-se das redes e células jihadistas, porque enveredam por um processo de evangelização ativa no espaço público, tentando recrutar e atrair membros através da indução de crises

---

<sup>1188</sup> Wiktorowicz, *Radical Islam Rising*, p. 151.

<sup>1189</sup> Ver, por exemplo, Kylie Connor, “Islamism in the West? The Life-Span of the Al-Muhajiroun in the United Kingdom”, *Journal of Muslim Minority Affairs*, vol. 25, n.º 1, 2005, pp. 119-135; Catherine Zara Raymond, *Al-Muhajiroun and Islam4UK: The Group behind the Ban*, The International Centre for the Study of Radicalisation, London, 2010.

<sup>1190</sup> Para uma perspetiva mais profunda relativamente à criação de formas alternativas de auto-regulação e de contra-conduta em relação ao Estado ver Martijn De Koning et al., *Eilanden In Een Zee Van Ongeloof*.

<sup>1191</sup> Ver, por exemplo, como alguns dos membros da designada *Fertilizer bomb plot* referem a necessidade de “deter aqueles que desejam destruir o Islão e os Muçulmanos”. Neumann e Evans destacam a evolução das ideias dos membros desta célula, os quais deixaram de apoiar a *jihad* no Paquistão, onde frequentaram campos de treino, para tentar conduzir ataques no Reino Unido em resultado da invasão do Iraque. Neumann e Evans, *op. cit.*, p. 64.

<sup>1192</sup> Declarações de um dos atacantes a um soldado britânico em Londres, a 22 de maio de 2013, os quais justificaram os seus atos com a intenção de vingar a morte de Muçulmanos pelas forças armadas britânicas. “Woolwich Machete Attack Leaves Man Dead”, *BBC News*, 23 May 2013, <http://www.bbc.com/news/uk-22630303> (data de último acesso: 23 de maio de 2013). Itálico acrescentado pela autora.

identitárias que possam conduzir a uma alteração das suas preferências.<sup>1193</sup> A sua visão estratégica é limitada e até recentemente reduzia-se à defesa da imposição da *Sharia* entre as comunidades muçulmanas europeias, a promoção do Bem e a proibição do vício (princípio da *hisba*), a implementação de Estados islâmicos no mundo muçulmano, se necessário por intermédio de golpes, e a recriação do Califado. Alguns dos membros destes grupos também se dedicam à distribuição de textos jihadistas que traduzem do árabe para línguas europeias, através do recurso à Internet e outros meios de comunicação modernos.<sup>1194</sup>

Estes indivíduos reconhecem a importância da Internet e de outras plataformas de comunicação para efeitos de propaganda e de interação com simpatizantes. Uma das suas estratégias é o recurso a plataformas como o *Facebook* e a canais como o *Youtube* para estabelecerem amplas redes de contactos sociais.<sup>1195</sup> Em simultâneo, também recorrem a formas tradicionais de *da'wa* e a métodos e técnicas de protesto, como a organização de manifestações e eventos controversos, a ostentação de posturas provocatórias e o recurso a uma retórica inflamada, os quais são uma garantia de atenção por parte dos meios de comunicação social tradicionais e permitem a divulgação da sua ideologia em público.<sup>1196</sup>

A atitude destes grupos em relação aos meios de comunicação é ambivalente: aqueles ora são considerados um recurso para o movimento, ora são enquadrados como competidores a nível discursivo.<sup>1197</sup> As suas lideranças carismáticas são um recurso importante para a sua tentativa de ganhar um espaço no seio do movimento islamista europeu e participar no debate em torno do Islão na Europa. Ao tentarem provocar reações nos opositores, aqueles contribuem para moldar as perceções dos Muçulmanos enquanto grupo e, conseqüentemente alimentar a hostilidade contra estes. De igual modo, estes são os responsáveis por fornecerem os argumentos ideológicos para o ativismo jihadista e para a luta contra o Ocidente.

---

<sup>1193</sup> Entre os métodos a que estes indivíduos recorrem para atrair membros está a organização de manifestações, distribuição de panfletos e colocação de tendas no centro das cidades, onde distribuem manifestos e outro material com vista à *da'wa*. Para mais sobre este processo ver Wiktorowicz, *Radical Islam Rising*, p. 27, 207.

<sup>1194</sup> Por exemplo, a plataforma Global Islamic Media Front, liderado pelo carismático islamista austríaco Mohamed Mahmoud, a qual divulgava vídeos e textos da al-Qaeda e grupos afiliados após serem traduzidos para alemão. Souad Mekhennet, "Austrian Returns, Unrepentant, to Online Jihad", *The New York Times*, 15 November 2011, [http://www.nytimes.com/2011/11/16/world/europe/austrian-returns-to-online-jihad.html?\\_r=4](http://www.nytimes.com/2011/11/16/world/europe/austrian-returns-to-online-jihad.html?_r=4) (data de último acesso: 18 de dezembro de 2011).

<sup>1195</sup> Ver, por exemplo, Jytte Klausen et al., "The Youtube Jihadists: A Social Network Analysis of Al-Muhajiroun's Propaganda Campaign", *Perspectives on Terrorism*, vol. 6, n.º 1, March 2012, pp. 36-53.

<sup>1196</sup> O seu modo de atuação, como a organização de manifestações e sermões públicos, a utilização a certos *slogans*, e o recurso frequente a megafones para promover as suas ideias e causar agitação, levou a que alguns autores apelidassem estes grupos de "jihadistas megafone". Ver, por exemplo, Maher and Neumann, *German Arrests and the Rise of Megaphone Jihadists*. Não podemos deixar de notar que esta expressão pode ter contribuído, no passado, para menosprezar a importância real de alguns destes grupos.

<sup>1197</sup> Por exemplo, após 2001, o *al-Muhajiroun* viu a cobertura mediática do grupo aumentar na sequência dos seus comunicados sobre a Guerra ao Terrorismo, os conflitos no Afeganistão e no Iraque e a questão israelo-palestina. Ver, por exemplo, Wiktorowicz, *Radical Islam Rising*, p. 152.

Estes grupos têm também uma importante função cultural, difundindo um estilo de vida próprio através do recurso a símbolos, termos linguísticos, músicas, vídeos, vestuário e aspetos iconográficos, os quais misturam aspetos do Jihadismo com elementos típicos da cultura juvenil ocidental.<sup>1198</sup> Estes aspetos socioculturais permitem não só atrair elementos mais jovens que se identificam com esta subcultura, como contribuem para aumentar a fiabilidade dos elementos do grupo em caso de progressão para outras formas de militância. Como a adesão à *jihad* é, por norma, um processo ascendente, tal coloca problemas relacionados com a segurança das organizações e redes jihadistas em locais como o Paquistão ou a Síria, as quais não conseguem verificar a identidade dos Europeus que as procuram, nem têm modo de pedir referências sobre aqueles para eliminar possíveis infiltrações. Neste sentido, as estruturas pró-jihadistas em palco europeu desempenham um papel que ultrapassa a sua contribuição para a radicalização individual enquanto processo cognitivo; a ligação a estruturas pró-jihadistas serve não só como “carta de recomendação”, como também é importante para a aculturação dos potenciais combatentes estrangeiros, pois permitem que os seus membros adquiram determinadas características linguísticas e comportamentais e utilizem determinados produtos culturais, como roupas, músicas (*nasheeds*) e vídeos, quando imiscuídos no ambiente do grupo. Assim, através da participação nas atividades de alto-risco destas estruturas os indivíduos ganham reputação, fiabilidade e conhecimentos culturais, os quais podem ser fundamentais para ganhar acesso a organizações jihadistas. É possível estabelecer uma relação entre as práticas e os produtos culturais consumidos por este tipo de grupos na Europa e aqueles difundidos pela organização Estado Islâmico, tendo em vista incrementar uma cultura juvenil.

A maioria destas organizações foi banida nos seus respetivos países, pelo que estes grupos costumam ter um carácter temporário, embora na maioria das vezes tal não signifique o final do ativismo.<sup>1199</sup> A crescente pressão por parte das autoridades no interior das sociedades europeias e a sua passagem para a clandestinidade favorece uma alteração das formas de ativismo. Alguns tentam encontrar estratégias de adaptação para garantirem a sua sobrevivência, as quais podem ir da alteração de nome até à limitação

---

<sup>1198</sup> Para mais sobre estas questões ver, por exemplo, Ministerium für Inneres und Kommunales des Landes Nordrhein-Westfalen, *Extremistischer Salafismus als Jugendkultur – Sprache, Symbole und Style*, Dusseldorf, 2015.

<sup>1199</sup> Note-se que o *Terrorism Act 2000* permite ao ministro responsável pela Administração Interna no Reino Unido banir organizações quando existirem dúvidas relativas ao envolvimento daquelas em atos de terrorismo, ou seja, quando aquela: cometa ou participe em atos terroristas; prepare atos de terrorismo; promova ou encoraje o terrorismo (incluindo a glorificação do terrorismo); ou mantenha outro tipo de relação com terrorismo. (Ver Home Office, *Proscribed Terrorist Organisations*, Government of the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland, 23 January 2015, [https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment\\_data/file/400902/Proscription-20150123.pdf](https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/400902/Proscription-20150123.pdf).)

temporária das atividades mais polémicas, de modo a não chamar a atenção sobre si. Outros podem mobilizar-se para a *jihad*, como aconteceu com alguns elementos ao longo da segunda fase do Jihadismo na Europa, ou procurar um local onde possam afirmar a sua identidade alternativa.

Estes grupos são fenómenos típicos das segundas e terceiras gerações de Muçulmanos, pois alimentam-se das crises de identidade daquelas e das experiências que vivem a nível local e nacional. Assim se explica a tentativa de criar, pela primeira vez, este tipo de estruturas em Itália e em Espanha, com a criação do *Sharia4Italy* e do *Sharia4Spain*, tornando o fenómeno jihadista nestes países mais imprevisível.<sup>1200</sup>

#### 9.4.1. Do *al-Muhajiroun* à constelação *Sharia4*

O *al-Muhajiroun*, grupo desmantelado em outubro de 2004, foi o precursor e o modelo para a formação destas estruturas organizacionais a nível europeu. Estabelecido em 1996 pelo clérigo Omar Bakri Muhammed, um dissidente do HuT, o grupo assumiu desde logo a postura provocatória e agressiva que viria a caracterizar todos os grupos deste género que se seguiram.<sup>1201</sup> Porém, o desmantelamento do grupo não significou o seu desaparecimento: um núcleo duro de seguidores viria a formar novos grupos com diferentes designações, dando lugar a consecutivas proibições por parte das autoridades britânicas.<sup>1202</sup> Em 2005, Omar Bakri abandonou o Reino Unido, o que contribuiu para

---

<sup>1200</sup> Anas El Abboubi, o qual tentou formar o *Sharia4Italy* sem que a sua iniciativa tivesse vingado, foi detido pelas autoridades em 2013. Libertado pelo tribunal, acabaria por viajar para a Síria, em outubro desse ano, onde se juntou à organização Estado Islâmico.

<sup>1201</sup> Entre as ações mais problemáticas do *al-Muhajiroun* estão a aprovação dos ataques de 11 de setembro de 2011 e o incitamento a ataques contra soldados ocidentais no Afeganistão. (Neumann, *Joining Al-Qaeda*, p. 33.) Omar Bakri supostamente também terá afirmado ser permitido decapitar os inimigos do Islão. Ver Kim Sengupta, “Exclusive: Woolwich killing suspect Michael Adebolajo was inspired by cleric banned from UK after urging followers to behead enemies of Islam”, *The Independent*, 24 May 2013, <http://www.independent.co.uk/news/uk/crime/exclusive-woolwich-killings-suspect-michael-adebolajo-was-inspired-by-cleric-banned-from-uk-after-urging-followers-to-behead-enemies-of-islam-8630125.html> (data de último acesso: 25 de maio de 2013).

<sup>1202</sup> Em julho de 2006, o Home Office baniu dois daqueles grupos, o *Al Ghurabaa* e *The Saved Sect*, com recurso a legislação anti-terrorismo. Os acólitos de Omar Bakri assumiram temporariamente uma postura mais discreta, mas reapareceram agrupados em várias organizações, uma das quais com a denominação *Islam4UK*, o qual acabaria banido em janeiro de 2010. Esta medida também produziu efeitos limitados. Outras versões do grupo incluíram a *Call for Submission*, *Islamic Path* e *London School of Sharia*, mas o governo entendeu que estes nomes eram apenas alternativas à organização já proscribida. Ainda em 2010 surgiu um novo grupo, *Muslims Against Crusades*, na mesma linha de pensamento e de comportamento dos anteriores, embora se declarassem sem qualquer ligação àqueles. Na página da Internet do grupo, este definia-se como um movimento islâmico que adere rigorosamente aos ensinamentos das primeiras gerações do Islão, tendo como objetivos a propagação do Islão por todo o mundo e o restabelecimento do Califado e defendendo, entre outras coisas, que as leis derivadas da atividade humana constituem a maior ameaça ao progresso da humanidade. (Muslims Against Crusades, *About Us*, <http://www.muslimsagainstcrusades.com/index.php> (data de último acesso: 5 de abril de 2011). Esta página já não se encontra disponível em 2015. O grupo considerava a *jihad* uma parte importante do Islão, pois “ao contrário dos Cristãos, os Muçulmanos não acreditam na ideia de ‘amar o inimigo’ ou dar a outra face quando atacados.” Assim, o grupo dizia acreditar “no princípio divino ‘luta contra aqueles que lutam contra ti’.” (*Ibid.*) O grupo ostentou posturas provocatórias e defendeu posições polémicas nas várias manifestações que organizaram, acabando por ser banido em novembro de 2011. A filiação e apoio ao grupo passaram a ser considerados ofensa criminal. (Dominic Casciani, “Muslims Against Crusades Banned by Theresa May”, *BBC News*, 10 November 2011, <http://www.bbc.com/news/uk-15678275> (data de último acesso: 12 de novembro de 2011). Em 2014, o governo britânico entendeu que *Need4Khilafah*, o *Sharia Project* e o *Islamic Dawah Association* consistiam em novas versões do grupo e como tal, também deveriam ser consideradas banidas. (Home Office, *Proscribed Terrorist Organisations*, pp. 5-6.) Para mais sobre este grupo ver Raymond, *Al Muhajiroun and Islam4UK*.

uma maior visibilidade de Anjem Choudary, co-fundador do *al-Muhajiroun*, o qual na atualidade se assume como propagandista da organização Estado Islâmico.<sup>1203</sup>

As autoridades alemãs também baniram algumas organizações salafistas radicais, como o *Millatu Ibrahim*, *Die Wahre Religion* e a *Pierre Vogel network*, com base na acusação de que aquelas agem em oposição à ordem constitucional e ao multiculturalismo e que promovem a violência. As autoridades acreditam que organizações como o *Millatu Ibrahim* mantêm ligações a combatentes jihadistas no Afeganistão, e mais recentemente na Síria, e que são responsáveis pela conversão de muitos jovens alemães ao Islão e sua posterior adoção de uma versão salafista extremista.<sup>1204</sup> Em 2012, vários elementos pertencentes ao *Millatu Ibrahim* deslocaram-se da Europa para o Egito e para a Líbia, a partir de onde divulgaram mensagens a apelar a atos de terrorismo. Em 2013, muitos daqueles partem para a Síria, onde alguns se tornaram figuras proeminentes no aparelho de propaganda da organização Estado Islâmico, difundindo mensagens para a audiência alemã.<sup>1205</sup> Mohamed Mahmoud, o líder do grupo há muito envolvido na militância e conhecido das autoridades, é um dos elementos do grupo que se encontra na Síria.

Em França, o ministro do Interior deu ordens para dissolver o *Forsane Alizza*, em março de 2012, grupo ao qual estaria ligado Mohammed Merah. Contudo, este continuou ativo na Internet onde formou a *Force de Defense Musulmane sur Internet*.<sup>1206</sup> Este fazia a defesa do restabelecimento do Califado e da implementação da *Sharia*. Recentemente, o líder deste grupo foi detido por supostamente estar envolvido em conspirações para cometer atentados.<sup>1207</sup>

---

<sup>1203</sup> Numa tentativa por parte das autoridades de romper as redes de apoio ideológico a jovens britânicos que viajam a fim de combater em conflitos estrangeiros, Choudary foi detido em setembro de 2014 juntamente com mais nove elementos da sua rede, por supostamente apoiarem um grupo terrorista e fornecerem apoio logístico a indivíduos que se deslocam para a Síria, nomeadamente a elementos do Sharia4Belgium. Libertado no dia seguinte, a acusação contra si por apoio à organização Estado Islâmico foi formalizada em agosto de 2015. Jamie Grierson and Shiv Malik, “Preacher Anjem Choudary charged with encouraging support for Islamic State”, *The Guardian*, 5 August 2015, <http://www.theguardian.com/uk-news/2015/aug/05/cleric-anjem-choudary-charged-with-encouraging-support-for-islamic-state> (data de último acesso: 6 de agosto de 2015).

<sup>1204</sup> “Major Police Raids: Salafist Organization Banned in Germany”, *Spiegel Online*, 14 June 2012, <http://www.spiegel.de/international/germany/germany-bans-salafist-organization-and-stages-police-raids-a-838832.html> (data de último acesso: 23 de maio de 2014).

<sup>1205</sup> Ver Europol, *TE-SAT 2013*, p. 21; Europol, *TE-SAT 2014*, 2014, p. 25; Bundesministerium des Innern, *Verfassungsschutzbericht 2013*, Deutschland, 2014, pp. 196-197. Um dos membros mais ativos desta organização foi o já mencionado Denis Cuspert, o qual conduzia ações de proselitismo em nome daquela antes de ir para a Síria, em 2012. Já antes de viajar para este território era considerado perigoso pelas autoridades alemãs, responsável pelo incitamento à violência e glorificação do terrorismo no Ocidente em nome do dever da *jihad*. Souad Mekhennet, “German Officials Alarmed by Ex-Rapper’s New Message: Jihad”, *The New York Times*, 21 August 2011, <http://www.nytimes.com/2011/09/01/world/europe/01jihadi.html?pagewanted=all> (data de último acesso: 18 de dezembro de 2013).

<sup>1206</sup> Stéphanie Le Bars, “Claude Guéant dissout un groupe islamiste radical”, *Le Monde*, 29 Février 2012, [http://www.lemonde.fr/societe/article/2012/02/29/claude-gueant-dissout-un-groupe-islamiste-radical\\_1649660\\_3224.html](http://www.lemonde.fr/societe/article/2012/02/29/claude-gueant-dissout-un-groupe-islamiste-radical_1649660_3224.html) (data de último acesso: 3 de abril de 2012); Peter Neumann, Alexander Hitchens, Scott Kleinmann, *Toulouse Gunman’s Link to UK Extremists*, ICSR Insight, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence London., 21 March 2012, <http://icsr.info/2012/03/icsr-insight-toulouse-gunmans-link-to-uk-extremists/> (data de último acesso: 3 de abril de 2012).

<sup>1207</sup> Soren Seelow, “Forsane Allizza, entre terrorisme et mégalomanie”, *Le Monde*, 06 Juin 2015, [http://www.lemonde.fr/police-justice/article/2015/06/08/atorze-membres-de-forsane-alizza-juges-pour-terrorisme\\_4649228\\_1653578.html](http://www.lemonde.fr/police-justice/article/2015/06/08/atorze-membres-de-forsane-alizza-juges-pour-terrorisme_4649228_1653578.html) (data de último acesso: 7 de junho de 2015).

Entre os grupos extremistas que mais atenção atraíram em vários países europeus estão aqueles designados por *Sharia4*, nomeadamente o *Sharia4Belgium*, o *Sharia4Holland*, o *Sharia4Denmark* e outros. O *Sharia4Belgium*, grupo radical criado em 2010, assumiu uma postura muito ativa, sobretudo em manifestações, interrupções de eventos públicos e outras provocações que visavam captar a atenção mediática.<sup>1208</sup> O grupo tinha uma composição variada: a maioria tinha origem marroquina, mas também existiam muitos convertidos, descendentes de turcos e Chechenos.

Inicialmente tolerado pelas autoridades, estas acabaram por pressionar o grupo, o qual enfrentando crescentes dificuldades para mobilizar recursos, acabou por ser desmobilizado em outubro de 2012. Porém, apesar de não existir a nível formal, aquele manteve-se em atividade: a desmobilização foi uma estratégia de adaptação que permitiu não só continuar a propagar a ideologia de modo clandestino, visto ser mais difícil de monitorizar para as autoridades, como também promover a ideia de *jihad* e a promoção da violência em palcos externos entre os seguidores. À semelhança dos grupos congéneres, também este glorificava grupos e atos terroristas, embora se afirmasse oposto ao terrorismo. Se algum membro cometesse atos violentos no interior da Europa ou em palcos de conflito, o grupo não existindo, não lhe poderia ser imputado a responsabilidade por tais atos: aqueles teriam de ser considerados apenas resultado de uma decisão individual.

Outras das suas principais características era a defesa da implementação da lei islâmica na Bélgica e a recusa do sistema democrático.<sup>1209</sup> Fazendo amplo uso da utilização das plataformas virtuais, o *Sharia4Belgium* disponibilizava várias vídeos na Internet sobre as suas atividades e iniciativas públicas. Num desses vídeos, gravado em frente ao Atomium de Bruxelas, o carismático líder do grupo, Fouad Belkacem (também conhecido por Abu Imran), expõe a sua visão para o futuro da Bélgica.<sup>1210</sup> O vídeo começa em frente ao palácio real belga, onde Belkacem dirige uma mensagem ao rei, ao governo e ao povo da Bélgica e, especificamente aos Muçulmanos daquele país, afirmando que a bandeira negra que exibem será em breve “colocada no topo daquele edifício (o palácio) em substituição da bandeira dos *Taghut*, dos infieis, assim como em todos os palácios da Europa até chegarem à Casa Branca”. Aquele promete que não descansará, nem parará

---

<sup>1208</sup> Por exemplo, o grupo interrompeu a conferência do autor holandês Beno Barnard na Universidade de Antuérpia, em março de 2010. “Un Entretien avec le porte-parole de Sharia4Belgium”, *Vice*, 15 Juin 2011, <http://www.vice.com/fr/read/un-entretien-avec-le-porte-parole-de-sharia4belgium?Contentpage=3> (data de último acesso: 24 de maio de 2014).

<sup>1209</sup> Europol, *TE-SAT 2013*, p. 18.

<sup>1210</sup> “Taking over Belgium”, <https://www.youtube.com/watch?v=cZpYUMTr9KU> (data de último acesso: 23 de maio de 2013). O vídeo terá sido gravado a 11 de dezembro de 2011.

até atingir tal objetivo. Numa parte posterior do vídeo, já em frente ao Atomium, Belkacem diz que em breve a Bélgica irá “dispersar-se” e que o Atomium – o seu símbolo – será inútil para eles. Belkacem faz ainda referência à destruição dos símbolos da idolatria no Afeganistão pelo Mullah Omar na década de 1990, acrescentando que também “nós devemos destruir estes monumentos.” “Como podemos nós demonstrar que somos Muçulmanos?”, questiona-se. A sua resposta é: “devemos libertarmo-nos desta idolatria”, prognosticando que, em breve, a Bélgica estará livre do politeísmo, pois promete limpar o país do sistema idólatra. Contudo, não querendo “ver as suas palavras deturpadas”, Belkacem promete destruir o Atomium, símbolo da idolatria, não por causa do ódio, mas porque “a comunidade belga poderia utilizar os milhões da renovação daquele monumento... não precisamos destas coisas... o que precisamos é água, eletricidade e gás gratuito para o povo belga. Precisamos assegurar a segurança dos Muçulmanos e não muçulmanos belgas no Estado Islâmico que irá substituir este *Taghut*. *Inshallah*, quantos mais Muçulmanos participarem, mais rapidamente atingiremos o nosso objetivo de libertar a Bélgica da injustiça, da tirania e da idolatria, implementando a forma mais pura de *tahwid* das nossas vidas. Deixem-nos viver num Estado Islâmico, no qual não existe idolatria e onde não existe outro Deus senão Allah e Muhammed é o seu Profeta.” O vídeo termina com uma espingarda e uma espada cruzadas sobre um fundo negro. Por baixo pode ler-se: “Apoiem as nossas tropas” (“Support Our Troops”). Este vídeo é demonstrativo das ideias propagadas pelo grupo, as quais contribuíram para a aceitação da luta violenta entre os seus membros, podendo ser consideradas o ponto de partida para que muitos daqueles aceitassem a ideologia e comportamento da organização Estado Islâmico na Síria.

Para além da ligação que o líder do grupo mantinha com Anjem Choudary, aquele terá alegadamente procurado orientação junto de al-Maqdisi. Este terá desaconselhado ataques no interior da Bélgica, enquanto aqueles ainda estivessem num estado de fraqueza, mas incentivado o apoio aos *mujahideen* nos vários campos de batalha com fundos, homens, orações.<sup>1211</sup>

As autoridades belgas consideraram que estas atividades contribuíam para expor indivíduos vulneráveis a ideias radicais, e afirmaram ter identificado indícios suficientes para classificar este grupo de terrorista – o que constituiu um passo qualitativo relevante

---

<sup>1211</sup> The Middle East Media Research Institute, *Radical Belgian Muslims Turn to Jihadist Cleric Abu Muhammad Al-Maqdisi for Guidance*, Inquiry & Analysis Series Report n.º 605, 3 May 2010, <http://www.memri.org/report/en/0/0/0/0/0/4130.htm> (data de último acesso: 22 de junho de 2013).

na abordagem a este tipo de estruturas.<sup>1212</sup> Com efeito, em fevereiro de 2015 vários membros do grupo, incluindo o seu líder, foram condenados por um tribunal de Antuérpia por crimes relacionados com terrorismo e por incitamento à violência contra não muçulmanos. Apenas sete dos quarenta e cinco membros acusados estiveram presentes em tribunal, pois a maioria encontrava-se na Síria.<sup>1213</sup>

Com efeito, apesar de alguns antigos membros terem abandonado o ativismo após o desmantelamento do grupo, outros deslocaram-se para o palco sírio, contribuindo para transformar o contingente de combatentes belgas no mais elevado se considerado em proporção à população do país. Com efeito, em tribunal também foi dado como provado que o grupo tinha ligações a muitos dos combatentes belgas na Síria<sup>1214</sup> e que foi responsável pela radicalização de muitos jovens, de modo a prepará-los para aquilo que o juiz designou de “luta salafista, a qual na sua essência não tem lugar para valores democráticos.”<sup>1215</sup>

#### 9.4.2. *Hijra, jihad* e a promessa de Allah aos Muçulmanos

A Síria representou um ponto de viragem para estes grupos, permitindo a transição da retórica para a ação: muitos indivíduos envolvidos com estas estruturas partiram para aquele território, sobretudo entre 2012 e 2013.<sup>1216</sup> Deste modo, a abordagem àqueles passou a ser feita não só sob o prisma da radicalização, mas também sob o prisma securitário. A deslocação para a Síria destes militantes pode ter diferentes interpretações: aquele país ofereceu uma oportunidade política aos indivíduos pertencentes a este tipo de grupos para se mobilizarem em prol da defesa daqueles que vivem reprimidos pelos regimes muçulmanos; esta dinâmica aconteceu em paralelo com o encerramento das oportunidades para o ativismo a nível doméstico e, neste sentido, foi um meio de fuga daquilo que designam de opressão, desigualdade e rejeição identitária na Europa; estes

---

<sup>1212</sup> Mathilde Carton, “Sharia4Belgium, le groupe terroriste à l’origine de l’envoi de combattants belges en Syrie”, *Le Monde*, 11 mai 2013, [http://www.lemonde.fr/europe/article/2013/05/11/sharia4belgium-le-groupe-terroriste-a-l-origine-de-l-envoi-de-combattants-belges-en-syrie\\_3173035\\_3214.html](http://www.lemonde.fr/europe/article/2013/05/11/sharia4belgium-le-groupe-terroriste-a-l-origine-de-l-envoi-de-combattants-belges-en-syrie_3173035_3214.html) (data de último acesso: 24 de maio de 2014); “Des indications permettent de qualifier Sharia4Belgium de mouvement terroriste”, *DH.be*, 16 avril 2013, <http://www.dhnet.be/actu/belgique/des-indications-permettent-de-qualifier-sharia4belgium-de-mouvement-terroriste-51b73c69e4b0de6db97665c6> (data de último acesso: 24 de maio de 2014).

<sup>1213</sup> “Sharia4Belgium Trial: Belgian Court Jails Members”, *BBC News*, 11 February 2015, <http://www.bbc.com/news/world-europe-31378724> (data de último acesso: 13 de fevereiro de 2015).

<sup>1214</sup> Em dezembro de 2013, as autoridades belgas desmantelaram uma rede de encaminhamento de jovens combatentes para a Síria, a qual era próxima desta organização. Jean-Pierre Stroobants, “Une filière d’acheminement de combattants vers la Syrie démantelée à Bruxelles”, *Le Monde*, 10 décembre 2013, [http://www.lemonde.fr/europe/article/2013/12/10/une-filiere-d-acheminement-de-combattants-vers-la-syrie-demantelee-a-bruxelles\\_3528326\\_3214.html](http://www.lemonde.fr/europe/article/2013/12/10/une-filiere-d-acheminement-de-combattants-vers-la-syrie-demantelee-a-bruxelles_3528326_3214.html) (data de último acesso: 24 de maio de 2014); Europol, *TE-SAT 2013*, p. 18.

<sup>1215</sup> *Ibid.*

<sup>1216</sup> General Intelligence and Security Services (AIDV), *The Transformation of Jihadism in the Netherland*.



juntaram-se à luta em território sírio em busca de um sistema de vida islâmico baseado na *Sharia* e da sociedade idealizada que propagavam.<sup>1217</sup>

Na Bélgica, muitos membros do *Sharia4Belgium* partiram para a Síria nos meses que se seguiram à sua desmobilização, aos quais se juntaram posteriormente outros indivíduos que circulavam em torno do grupo. O iniciador destas movimentações foi Nabil Kasmi, o qual estabeleceu contactos com Omar Bakri Mohammed através de visitas àquele no Líbano, em 2011. Omar Bakri, aproveitando a sua posição geográfica, parece ter desempenhado um papel na organização de uma rede para facilitar a passagem de combatentes europeus para território sírio, alegadamente colocando-os em contacto com grupos ligados à al-Qaeda. As autoridades libanesas sustentam que Abu Bakri desempenhou a função de facilitador com auxílio de Kasmi, e referem pelo menos dois Britânicos e um Sueco como tendo feito parte deste canal.<sup>1218</sup>

Já os documentos judiciais belgas relativos ao julgamento do *Sharia4Belgium*, apesar de mencionarem as várias viagens que Kasmi fez ao Líbano para visitar Abu Bakri a partir de novembro de 2011, não estabeleceram uma ligação explícita entre estes encontros e a organização de viagens de combatentes para a Síria.<sup>1219</sup> Não é possível saber com exatidão quantos dos combatentes belgas na Síria têm ligações a este grupo. Porém, de acordo com algumas estimativas, em agosto de 2015, dos 502 indivíduos que passaram por aquele conflito cerca de 78 (ou 17,5%) estavam diretamente ligados ao grupo, sendo que 14 daqueles eram mulheres.<sup>1220</sup> Chegados a território sírio, a maioria destes indivíduos adere a grupos sunitas militantes. No caso belga, cálculos independentes indicam que, em meados de 2014, cerca de 70% dos combatentes tinham aderido à organização Estado Islâmico, embora as afiliações e as lealdades se possam alterar ao longo dos tempos.<sup>1221</sup>

Contudo, é fundamental termos em atenção que a ida para a Síria de muitos membros pertencentes a estes grupos não é uma questão organizacional, mas ideológica e social. Por exemplo, o *Sharia4Belgium*, dificilmente recrutou indivíduos para a Síria,

---

<sup>1217</sup> Esta última é a hipótese avançada por Koning et al, *Eilanden In Een Zee Van Ongeloof*.

<sup>1218</sup> Ver, por exemplo, Anne Barnard, “Lebanon Arrests Radical Cleric Who Backed Militants”, *The New York Times*, 25 May 2014, [http://www.nytimes.com/2014/05/26/world/middleeast/lebanon-arrests-radical-omar-bakri-muhammad.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2014/05/26/world/middleeast/lebanon-arrests-radical-omar-bakri-muhammad.html?_r=0) (data de último acesso: 26 de maio de 2014).

<sup>1219</sup> Informação fornecida à autora por Guy Van Vlierden através de contacto email a 1 de julho de 2015. De acordo com as autoridades belgas, Nabil Kasmi, o primeiro elemento do *Sharia4Belgium* a entrar na Síria, em maio de 2012, terá contactado com Omar Bakri por intermédio de Anjem Choudary, discípulo daquele em Londres. Matthew Dalton and Margaret Coker, “How Belgium Became a Jihadist-Recruiting Hub”, *The Wall Street Journal*, 28 September 2014, <http://www.wsj.com/articles/how-belgium-became-a-jihadist-recruiting-hub-1411958283> (data de último acesso: 20 de outubro de 2014).

<sup>1220</sup> Pieter Van Ostaeyen, *Belgium Fighters in Syria and Iraq – August 2015*, 15 August 2015, <https://pietervanostaeyen.wordpress.com/2015/08/15/belgian-fighters-in-syria-and-iraq-august-2015/> (data de último acesso: 2 de setembro de 2015).

<sup>1221</sup> Guy Van Vlierden, “How Belgium Became a Top Exporter of Jihad”, *Terrorism Monitor*, vol. XIII, n.º 11, May 29, 2015, p. 3

na condição de grupo; contudo, este difundiu determinadas ideias sobre a identidade muçulmana e explorou certos temas, criando as condições para a aceitação não só de narrativas mais radicais, como também o recurso a ações violentas.<sup>1222</sup>

Assim, a passagem para o ativismo violento por parte de indivíduos pertencentes a estes grupos é produto da sua ideologia e das relações entre os membros do grupo e destes com a sociedade exterior, e depende do surgimento de oportunidades. Este tipo de grupos por norma beneficia da presença de líderes carismáticos, os quais organizam as formas de ativismo e atraem e mobilizam potenciais novos apoiantes.

### 9.5. A competição entre organizações jihadistas na Europa

Devido às transformações que afetaram o movimento jihadista global dentro e fora da Europa, durante a década passada verificou-se a tendência para se atribuir menos importância às organizações no apelo e mobilização para o Jihadismo global, as quais passaram a ser substituídas pelas relações sociais, consideradas as responsáveis pelo envolvimento no ativismo jihadista de muitos jovens europeus. A evolução das organizações jihadistas depende de estímulos externos, da sua composição organizacional interna e da existência de lideranças carismáticas. A ascensão da organização Estado Islâmico e as capacidades e recursos que aquela foi capaz de mobilizar foi importante para desenvolver interesse pelo conflito sírio: aquela tinha uma causa e sabia dar esperança às pessoas. A publicidade ao modo de vida no Califado ofereceu algo que estes voluntários não têm na Europa: identidade, poder e pertença. O Ocidente exclui, o Estado Islâmico inclui; o Ocidente representa incertezas, o Califado dá certezas. Esta organização contribuiu para revitalizar a mensagem jihadista, ofereceu uma narrativa que encontrou eco entre muitos jovens e desempenhou um papel importante na mobilização de combatentes através das estratégias já mencionadas. Os voluntários foram doutrinados, treinados e incorporados na estrutura do grupo, como combatentes, propagandistas ou desempenhando outro tipo de funções menos apelativas. Aquela difundia a ideia de que aqueles, como cidadãos do Califado, são parte essencial da construção de um novo Estado e do regresso da glória ao Islão, fortalecendo a lealdade ao grupo.

No palco sírio e iraquiano a organização Estado Islâmico foi aquela que atraiu mais combatentes. Embora para analisarmos os fatores que orientam a escolha de um

---

<sup>1222</sup> Por exemplo, durante o julgamento em Antuérpia dos elementos pertencentes ao grupo que foram para a Síria, Fouad Belkacem, o líder do grupo, insistiu em afirmar que nunca tinha mandado ninguém ir para a Síria. Anjem Choudary utiliza o mesmo argumento.

grupo em detrimento de outro seja necessário analisar o próprio conflito e o conjunto dos atores envolvidos, e tal esteja fora do âmbito deste projeto, podemos apontar algumas potenciais razões para esta preferência. Aludindo a estudos sobre atividades de protesto e revolta, Wiktorowicz refere que os cálculos individuais sobre eficácia da ação e perspectivas de sucesso pesam como fatores na decisão de aderir a um grupo, ou seja, a percepção de poder e sucesso por parte de um grupo contribui para a adesão àquele.<sup>1223</sup> Outros motivos para a escolha de um grupo em detrimento de outro relaciona-se com os incentivos não materiais recebidos: poder, identidade, camaradagem, privilégios decorrentes da categorização como membro de um determinado grupo e fazer parte de um projeto novo. As relações sociais também podem influenciar a decisão relativa à organização à qual aderir, assim como a maior facilidade em ser aceite por aquela.

Embora os apelos à mobilização em conflitos civis anteriores não tenham salientado a existência de compensações materiais, no caso sírio não podemos menosprezar as promessas materiais decorrentes da construção de um Estado. A propaganda da organização Estado Islâmico não só oferecia a oportunidade de viver uma verdadeira vida islâmica, como prometia um salário e fazia publicidade às comodidades que se podiam encontrar no Califado.

A competição entre a al-Qaeda e aquela organização contribuiu para a complexificar o panorama jihadista na Europa, visto ambas apelarem aos Muçulmanos “na terra dos Cruzados” para que se juntem ao grupo ou para ataquem o Ocidente.<sup>1224</sup> Para atingir o inimigo longínquo, a organização Estado Islâmico adotou um modo de atuação complexo: não só mobiliza recursos tendo em vista a realização de um atentado, mas faz apelos genéricos ao seu reservatório de simpatizantes neste território, o que em termos de custos-benefícios tem inúmeras vantagens. Por sua vez, estes funcionam como propagandistas da organização e são inspirados pela ideia de pertencerem àquele projeto, mesmo sem estarem no seu território, mas obtendo benefícios sociais e espirituais.

Se nos palcos de conflito se consegue aferir mais claramente as consequências da competição entre organizações, ainda é demasiado cedo para se saber como é que esta dinâmica se vai refletir na agenda e estrutura dos jihadistas europeus atuais. Esta é uma realidade nova no meio jihadista europeu, pelo que existem vários cenários possíveis: uma escalada de violência entre simpatizantes ou membros da organização Estado

---

<sup>1223</sup> Wiktorowicz, *Radical Islam Rising*, p. 155.

<sup>1224</sup> Ver, por exemplo, o apelo da organização Estado Islâmico: “Juntem-se à Caravana dos Cavaleiros do Estado Islâmico nas terras dos Cruzados”. Islamic State, *Dabiq*, n.º 10, al-Hayat Media Center, Ramadan 1436 (junho 2015), p. 5, <https://azelin.files.wordpress.com/2015/07/the-islamic-state-e2809cdc481biq-magazine-1022.pdf>.

Islâmico e simpatizantes e elementos da al-Qaeda e organizações associadas; a competição entre as organizações nos palcos de conflito (Síria, Iraque, Iémen, Somália, Paquistão), mas a cooperação por questões ideológicas ou estratégicas entre simpatizantes daquelas nos países ocidentais. Contudo, caso a al-Qaeda consiga encontrar oportunidades e meios operacionais para conduzir um ataque em solo europeu, atendendo aos seus mais recentes posicionamentos estratégicos e ideológicos, aquele possivelmente seguiria o exemplo do Charlie Hebdo: a adoção de alvos discriminados fáceis de justificar com recurso à ideologia e, de preferência, evitando fazer vítimas entre Muçulmanos.

Não é possível prever a futura relação entre elementos das duas organizações neste território. No que se refere aos combatentes europeus na Síria que faziam parte dos grupos pró-jihadistas na Europa, aquando a divisão do movimento jihadista, aqueles dividiram-se entre a organização Estado Islâmico e o JaN, embora a maioria tenha acabado por aderir à primeira daquelas. Indivíduos que na Europa tinham ligações entre si e pertenciam ao mesmo meio enveredaram por uma “guerra virtual” trocando acusações e sendo denunciados como *kuffar* por antigos colegas, através das plataformas sociais.<sup>1225</sup> Na Europa será importante determinar se as relações sociais, nas quais se baseia muito do ativismo, se vai sobrepor à questão das lealdades organizacionais ou o contrário. Neste momento, o único exemplo que temos são os atentados de Paris, em janeiro de 2015, em que, apesar de pertencerem ao mesmo círculo social, os irmãos Kouachi disseram agir em nome da al-Qaeda no Iémen e Amedy Coulibaly jurou lealdade à organização Estado Islâmico.

Outra questão relevante relaciona-se com as consequências que a eventual derrota militar da organização Estado Islâmico na Síria possa ter na Europa e nesta lógica de competição, já que aquela passará a atuar num cenário semelhante ao da al-Qaeda, embora ainda beneficiando dos recursos propagandísticos que desenvolveu.

#### 9.6. Consequências do conflito sírio na ameaça à Europa

Os eventos na Síria (e no Iraque, em menor grau) podem ter diferentes consequências para a Europa, nomeadamente no nível e na imprevisibilidade da ameaça e na coesão social no interior deste continente. A nível social, uma das consequências deste conflito e das alterações ideológicas que provocou no seio do Jihadismo global

---

<sup>1225</sup> Pieter Van Ostaeyen foi um dos autores que seguiu este conflito no mundo virtual entre antigos companheiros pertencentes às mesmas redes na Europa. Pieter Van Ostaeyen, via Skype, 13 de junho de 2015.

poderá relacionar-se com o aumento da tensão entre diferentes comunidades na Europa. Ao ter-se transformado numa ideologia mais sectária, excluindo uma parte da população muçulmana – ao contrário daquilo que Osama Bin Laden e outros sempre tinham defendido ao apelar à unidade da *ummah* –, poder-se-á verificar ataques contra alvos xiitas e curdos; o mesmo poderá acontecer contra símbolos cristãos, conduzindo à fragmentação de uma sociedade já fortemente polarizada.<sup>1226</sup>

Outra tendência observável está relacionada com a deslocação para a Síria de indivíduos residentes na Europa, ligados a movimentos radicais centrados em causas nacionais, o que significa uma crescente identificação com a ideologia jihadista de tendência internacionalista. As redes chechenas existentes em países como a Áustria e a Bélgica são exemplos desta dinâmica. Cerca de metade dos combatentes que saíram da Áustria para a Síria – entre 100 e 150 – têm origem no Cáucaso.<sup>1227</sup> A Bélgica, país com uma comunidade chechena significativa,<sup>1228</sup> também assistiu à partida de muitos Chechenos (e outros indivíduos com origem na região do Cáucaso e Rússia), embora não seja possível quantificar o número de pessoas envolvidas, devido à dissimulação que caracteriza estas redes.<sup>1229</sup> Alegadamente, existem na Bélgica indivíduos oriundos daquela região que tentam recrutar para a *jihad* síria, alguns dos quais tendo ligações ao JaN.<sup>1230</sup>

No que se refere ao aumento das ameaças à Europa, apesar do atual enfoque na questão do eventual regresso dos combatentes estrangeiros ao continente, a ameaça é muito mais abrangente. O conflito sírio tem potencial para produzir um efeito *spillover*, conduzindo ao aumento de campanhas terroristas na Europa. Porém, o extravasamento da situação para palco europeu não depende apenas dos veteranos que decidam praticar atos de violência na Europa. Com o aumento da pressão internacional no terreno, cresceram os apelos por parte de membros da organização Estado Islâmico aos seus simpatizantes

---

<sup>1226</sup> Apesar de termos colocado esta possibilidade antes de outubro de 2015, verificou-se um ataque a uma igreja em França, o qual vitimou um padre católico, a 26 de julho de 2016. Este foi perpetrado por dois simpatizantes da organização Estado Islâmico e reivindicado por aquela.

<sup>1227</sup> Europol, *TE-SAT 2015*, p. 21.

<sup>1228</sup> A Bélgica tem uma comunidade chechena constituída por cerca de 10.000 pessoas, os quais chegaram a partir do início da década de 1990, em diferentes vagas. Muitos daqueles que chegaram na vaga mais recente revelaram simpatias pelo Emirado do Cáucaso. Em novembro de 2010, foi desmantelada uma rede chechena, a qual operava desde 2009 como instrumento de propaganda e rede de recrutamento para aquela organização. Coolsaet, “The Rise and Demise of Jihadi Terrorism in Belgium”, in Coolsaet (ed.), *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*, pp. 167-168.

<sup>1229</sup> O checheno Magomed Saralapov deslocou-se para a Síria, mas estava ligado à rede *Sharia4Belgium*. Foi condenado no julgamento deste grupo que terminou em fevereiro de 2015. Outros juntaram-se à *jihad* na Síria através de redes etnicamente mais definidas, tal como Khongr Matsakov, o qual terá morrido durante o conflito. Dinislam Duduev, um indivíduo com origem no Dagestão, terá aderido à organização Estado Islâmico e aparentemente é um dos sete indivíduos que fazem parte de uma lista de sete combatentes estrangeiros que foram despojados dos seus direitos de residência legal na Bélgica. Dados obtidos através de Guy Van Vliervan, via email, a 1 de julho de 2015.

<sup>1230</sup> “Belgium arrests in anti-terror raids targeting Chechens”, *BBC News*, 8 June 2015, <http://www.bbc.com/news/world-europe-33046258> (data de último acesso: 18 de junho de 2015). Ostend, uma cidade costeira no norte do país, tem sido considerada um foco de atração para as redes chechenas.

na Europa para que conduzam atentados nos seus países: o objetivo será conduzir a uma rutura entre governos e populações afetadas por atos de terrorismo, tendo em vista aliviar as pressões sobre si no seu território e, em simultâneo, incendiar as relações entre comunidades. As organizações transnacionais tentam utilizar os seus simpatizantes não afiliados como instrumentos para contornarem as suas próprias limitações operacionais, incentivando ao início de múltiplas campanhas de violência no Ocidente. Tal poderá confirmar o potencial deste conflito para aumentar os atentados motivados por aquele e pode traduzir-se no aumento de atacantes solitários e em redes menos tangíveis em termos de afiliação formal, mas igualmente motivadas.<sup>1231</sup>

Estes simpatizantes também são fundamentais para a estratégia de comunicação, em especial da organização Estado Islâmico, ao reproduzirem nas várias plataformas virtuais os conteúdos gerados por aqueles, permitindo a esta organização aumentar os recursos que tem à sua disposição.<sup>1232</sup> Neste sentido, o problema não são aqueles que regressam, mas aqueles que nunca saíram da Europa.

Com base em exemplos passados questionamo-nos se será possível derivar um modelo para os desafios e as trajetórias prováveis daqueles que dizem ir travar uma *jihad* defensiva (alguns dos quais cometem atrocidades no palco de conflito) e depois regressam à Europa. Embora a história não possa ditar o futuro, como vimos no capítulo anterior é possível elaborar uma grelha com algumas possibilidades para a fase após o conflito sírio, a partir de comportamentos pós-conflito de jihadistas anteriores. Os indivíduos partem com diferentes motivações, vivem diferentes experiências e, portanto, seguem caminhos divergentes após o fim da guerra.

Muitos dos voluntários europeus que estão na Síria participam ativamente no conflito, têm experiência no manuseamento de armas e explosivos, são socializados numa ideologia radical e são recursos valiosos para as organizações jihadistas. Se considerarmos a atual dimensão deste contingente, o fenómeno assume proporções sem precedentes e faz reear o nascimento de uma nova geração de jihadistas globais semelhante aos Árabes afegãos de há duas décadas atrás: Europeus endurecidos pela batalha, dotados de experiência em combate, com conhecimentos técnicos e táticos e defensores de uma ideologia radical com características antiocidentais. Muitos já

---

<sup>1231</sup> O aumento de conspirações a partir de outubro de 2014 parece estar relacionado com a mensagem de al-Adnani, de 21 de setembro, a apelar ataques no Ocidente como retaliação pela ações da coligação internacional.

<sup>1232</sup> Para mais sobre a estratégia de comunicação social da organização Estado Islâmico ver J. M. Berger, "How ISIS Games Twitter", *The Atlantic*, 16 June 2014, <http://www.theatlantic.com/international/archive/2014/06/isis-iraq-twitter-social-media-strategy/372856/> (data de último acesso: 15 de janeiro de 2015).

regressaram à Europa e esforçam-se por não chamar a atenção das autoridades; outros regressaram desiludidos com a experiência.<sup>1233</sup> É difícil avaliar se ou que tipo de ameaça estes representam e as consequências do seu regresso para as sociedades europeias, em geral, e para o meio jihadista, em particular. Contudo, a questão dos combatentes estrangeiros do conflito na Síria é sobretudo um problema a médio e longo-prazo: as consequências e os problemas mais intensos poderão ser sentidos alguns anos após o final do conflito.

Em relação aos que ainda se encontram naquele território, em primeiro lugar, devemos considerar aqueles que não vão regressar. Alguns não vão sobreviver ao conflito e, neste sentido, não representando qualquer perigo para as sociedades europeias, podem tornar-se mártires para os seus pares nos países de origem. Outros afirmam não querer regressar à Europa e inclusive renunciaram à sua nacionalidade, motivados pela utopia do Califado ou por pragmatismo, sabendo que estarão na mira das autoridades.<sup>1234</sup> Estes não são um perigo imediato para a Europa, mas podem ser um perigo a médio e longo prazo, caso se tornem jihadistas itinerantes: tendo começado a carreira de combatente na Síria seguem depois para outros palcos, onde prosseguem o seu ativismo. Na atualidade não faltam espaços para onde estes se podem dirigir: Líbia, Sinai, Mali, Iémen, Somália e regiões tribais do Paquistão. Aliás, a organização Estado Islâmico já recomendou a *hijra* para a Líbia, reconhecendo a importância deste palco e a crescente dificuldade em alcançar a Síria.<sup>1235</sup> A permanência no terreno sírio e iraquiano é uma possibilidade problemática, visto as relações entre, por um lado, as populações locais e combatentes nativos e, por outro lado, os elementos estrangeiros terem tendência para se caracterizar pela tensão, visto os dois grupos terem diferentes motivações para participar no conflito.

Relativamente aos que regressam, à semelhança dos Árabes afegãos e de outros antigos combatentes, os atuais voluntários na Síria podem ser percebidos como heróis em determinados meios, contribuindo para que exerçam um papel radicalizador de indivíduos mais suscetíveis. Mesmo aqueles que nunca antes consideraram atacar no

---

<sup>1233</sup> Note-se que ao longo de 2014 aumentou o número de indivíduos a regressar sobretudo à Finlândia, França, Itália, Reino Unido e Holanda. Europol, *TE-SAT 2015*, p. 22; General Intelligence and Security Services (AIDV), *Annual Report 2014*, p. 16.

<sup>1234</sup> Vários vídeos colocados no canal do Youtube mostram Europeus, Norte-Americanos e Canadianos a queimarem os respetivos passaportes e a declararem a sua intenção de permanecer no al-Shams. O simbolismo de tal ato é evidente, constituindo uma renúncia do Ocidente e uma rejeição de tudo aquilo que lhes é familiar. Ver, por exemplo, Shiv Malik, “French ISIS fighters filmed burning passports and calling for terror at home” *The Guardian*, 20 November 2014, <http://www.theguardian.com/world/2014/nov/20/french-isis-fighters-filmed-burning-passports-calling-for-terror> (data de último acesso: 21 de novembro de 2014); “European ISIS Foreign Fighters Burn their Passports after Arriving in Syria”, *Live Leak*, 27 June 2014, [http://www.liveleak.com/view?i=509\\_1403900374&use\\_old\\_player=0](http://www.liveleak.com/view?i=509_1403900374&use_old_player=0) (data de último acesso: 21 de novembro de 2014). Abu Fidaa, jihadista holandês na Síria, disse que muitos dos combatentes belgas e holandeses que se encontram naquele território não pretendem regressar aos seus países, mas partir para a Palestina após a queda de Assad. Ver S. Batrawi, “The Dutch Foreign Fighter Contingent in Syria”, *CTC Sentinel*, vol. 6, n.º 10, Combating Terrorism Center at West Point, October 2013, p. 9.

<sup>1235</sup> The Islamic State, “The Libyan Arena”, *Dabiq*, n.º 8, al-Hayat Media Center, Jumada Al-Akhirah 1436 (março de 2015), p. 26.

Ocidente, ao contactarem com indivíduos portadores de ideologias mais radicais durante o conflito, podem perder as suas inibições iniciais, começando a ver como legítimo o ataque a alvos ocidentais. Alguns regressam com experiência operacional, o que significa que, se decidirem passar ao ativismo violento, podem-se revelar mais competentes.

Por fim, estes regressam com ligações a um movimento global, o que lhes permitirá incorporar redes que se imiscuem em conflitos posteriores e contribuir para o recrutamento de outros indivíduos, ajudando-os a ganhar acesso a campos de treino, através do apoio logístico e da produção de justificações ideológicas para a participação em conflitos.

Outra questão que não devemos menosprezar é que da Síria podem sair os futuros líderes jihadistas na Europa. Aqueles indivíduos desenvolvem as suas capacidades de liderança durante o conflito e ganham credibilidade como antigos combatentes. Alguns voluntários europeus que participam na guerra exercem fascínio entre a comunidade salafista jihadista europeia, ora devido ao seu ativismo nas redes sociais, ora porque conseguem ascender ao posto de comandantes militares ou ocupar um lugar de destaque no seio dos grupos a que aderem (embora seja pouco comum entre os combatentes estrangeiros). Neste sentido, aqueles podem influenciar a viragem de alguns indivíduos para o ativismo interno ou externo.<sup>1236</sup>

Contudo não podemos deixar de salientar que o recurso à Internet e às plataformas de comunicação virtuais tornam menos relevante a questão do regresso físico dos antigos combatentes e do possível impacto que estes possam ter na radicalização e mobilização para o Jihadismo na Europa. Os indivíduos no Ocidente têm meios para entrar em contacto com outros fora da Europa, os quais aproveitam para disseminar as suas ideias, atrair para o movimento e incentivar ataques nos países ocidentais. Com efeito, neste momento, existem na Europa muitos indivíduos que não tendo aderido formalmente a redes jihadistas, fornecem incentivo, disseminam a ideologia e dão apoio à mobilização de outros elementos.<sup>1237</sup>

---

<sup>1236</sup> Da Holanda chegam dois exemplos: Abu Muhammad al-Hullandi transformou-se num importante líder militar e emir no JaN, até ser morto em Aleppo no início de agosto de 2015 Pieter Van Ostaeyan chamou a atenção da autora para a importância deste indivíduo em entrevista via Skype, a 13 de junho de 2015. A morte de al-Hullandi foi confirmada por várias contas de twitter, assim como por alguns meios de comunicação social holandeses. “Bekende Nederlandse jihadist omgekomen in Syrië”, de *Volkscrant*, 12 August 2015, <http://www.volkscrant.nl/buitenland/-bekende-nederlandse-jihadist-omgekomen-in-syrie-a4119014/> (data de último acesso: 14 de agosto de 2015). Israfil Yilmaz, um antigo soldado holandês de origem turca assumiu proeminência ao fornecer treino a combatentes, embora só recentemente se tenha juntado à organização Estado Islâmico. Antes de maio de 2015, Yilmaz lutava ao lado do grupo *Jund Al-Aqsa*, o qual já teve ligações ao JaN. Ver carta do próprio confirmando ter aderido à organização Estado Islâmico em <https://haralddoornbos.wordpress.com/here-statement-yilmaz-confirming-he-indeed-has-joined-islamic-state-admits-he-earlier-was-with-jund-al-aqsa/> (data de último acesso: 8 de junho de 2015). A autenticidade da mensagem não pode ser confirmada pela autora.

<sup>1237</sup> General Intelligence and Security Services (AIDV), *The Transformation of Jihadism in the Netherland*, p. 19.



## 9.7. Considerações finais

Neste capítulo exploramos os desenvolvimentos internos que contribuíram para explicar a transformação e complexidade do Jihadismo global na Europa, o qual coloca sérios desafios às autoridades. A realidade europeia atual está intrinsecamente ligada à mobilização para a guerra na Síria, mas é também o resultado de um conjunto de desenvolvimentos no seu interior ao longo dos últimos anos.

A mobilização para a Síria aconteceu por etapas, correspondendo aos próprios desenvolvimentos no terreno e às narrativas oferecidas sobre o conflito. A influência das redes sociais e a descentralização do movimento aumentou o poder mobilizador do Jihadismo neste continente, contribuindo para explicar o fluxo e a rápida deslocação de indivíduos para o palco sírio. Não existe um perfil típico daquele que procura tornar-se combatente. O contexto atual confirmou o que vários estudos têm demonstrado ao longo dos anos: questões como o nível educacional ou o estatuto económico são indicadores insuficientes para determinar a decisão de um indivíduo se envolver na militância jihadista. Porém, nesta fase, não podemos deixar de notar a prevalência de indivíduos com passados problemáticos e oriundos de meios desfavorecidos.

Adicionalmente, a afirmação, a partir do final da década passada, de estruturas pró-jihadistas contribuiu para consolidar um *milieu* que se viria a revelar importante para delinear as trajetórias de alguns indivíduos que acabaram por enveredar pela violência dentro e fora da Europa. Isto é demonstrativo da importância de estar inserido num ambiente social radical, onde a própria ideologia funciona como ligação entre os membros do grupo.

A questão do regresso dos combatentes europeus e da maneira mais adequada para lidar com o fenómeno é especialmente problemática, devido ao receio que estes indivíduos se transformem em jihadistas globais, tendo o Ocidente como alvo. Esta questão é exacerbada pela utilização que os jihadistas fazem da Internet e das novas plataformas de comunicação, as quais podem funcionar como um acelerador do processo de radicalização. Se o acesso a textos ou imagens raramente produzem um efeito radicalizador por si só, a reconstrução das dinâmicas sociais no mundo virtual e a existência de uma predisposição para ouvir e se apropriar da mensagem transmitida é decisivo neste processo.

Tendo-se verificado uma descentralização da tomada de decisão no que se refere a atacar o Ocidente, a ameaça à Europa é hoje mais difusa. Estes são feitos quer por elementos ligados aos aparelhos de propaganda dos grupos jihadistas, quer por elementos ocidentais que se juntaram àqueles. Tal pode resultar num maior número de conspirações para atacar o Ocidente por parte de simpatizantes jihadistas, sozinhos ou em pequenos grupos, com ou sem qualquer tipo de apoio por parte das organizações, conduzindo a uma escalada de violência de baixo nível na Europa. Uma questão fundamental é a inspiração: não é necessário uma ligação direta com líderes ou membros destacados das organizações transnacionais, mas apenas partilhar a sua mensagem, as suas ideias e as suas motivações para desencadear ataques.

## 10. Conclusão

Nesta parte vamos expor as nossas conclusões e destacar quais as suas implicações teóricas. Sugerimos, também, alguns caminhos futuros de investigação, em resultado da identificação de áreas deficientemente estudadas, mas que se assumem de vital importância para o futuro do Jihadismo global na Europa.

Este trabalho teve como objetivo analisar o Jihadismo global e a sua evolução na Europa, entre 1998 e 2015. Neste sentido, investigamos como é que neste continente esta corrente reflete questões externas, e mais concretamente a ideologia e a estratégia de organizações jihadistas transnacionais em palcos de conflito e instabilidade, e de que modo é condicionada por dinâmicas e processos próprios das sociedades europeias. Dito de outro modo, como é que fatores e atores externos influenciam o panorama jihadista nos países europeus e quais as questões internas que contribuem para alimentar este fenómeno?

Para identificar o impacto dos fatores externos no cenário jihadista europeu e na variação do ativismo começamos por analisar o contexto internacional e a evolução ideológica e estratégica do Jihadismo global desde 1998 até julho de 2015. Tentamos perceber como é que o movimento interpretou e enquadrou ideologicamente aqueles acontecimentos e como adaptou o seu comportamento a novas circunstâncias. Posteriormente, investigamos como e quais as questões internas que contribuíram para fomentar processos de radicalização, para a adesão de Muçulmanos europeus ao Jihadismo e para facilitar a sua mobilização para formas de ativismo violento. De seguida, expomos as nossas conclusões relativamente aos vários aspetos analisados, para tornar evidente como questões globais e internas, de natureza ideológica e de carácter social, confluíram de modo a contribuir para a evolução do cenário jihadista europeu. Ao interpretarmos o Jihadismo global na Europa como resultado da conjugação destes fatores, questionamos a tendência para explicar o ativismo jihadista com recurso a uma única causa em detrimento de outras que possam ajudar a esclarecer outros aspetos desse fenómeno, contribuindo de modo original para a área científica em que este estudo se insere.

A nossa investigação sustenta que as condições e questões externas afetam de modo decisivo o desenvolvimento do Jihadismo global na Europa e contribuem para a promoção da ideia de *jihad* global entre os jovens muçulmanos europeus. Conflitos, intervenções militares ocidentais em países muçulmanos e instabilidade sociopolítica

naquela região do globo, assim como a estratégia e a ideologia promovida por organizações jihadistas nesses palcos têm uma influência determinante no que acontece na Europa. Por um lado, este tipo de eventos contribui, quer para a radicalização de novos membros, quer para a mobilização individual para formas de ativismo internas ou externas, ao alimentar a narrativa da guerra e perseguição ao Islão e a obrigação de lutar pela defesa do território e da comunidade. Neste sentido, estes constituem uma oportunidade para a militância e um aspeto motivacional importante para a viragem para o ativismo violento.

Na Europa, constatamos que em períodos de conflitos, ingerência militar externa e maior instabilidade em países muçulmanos aumenta a mobilização jihadista, o que se traduz quer no aumento de conspirações no interior deste continente, quer na deslocação para aqueles palcos a fim de participar na luta como combatentes estrangeiros ao lado de organizações jihadistas. Desde a década de 1990 que é prática frequente a deslocação para zonas de conflito a fim de combater junto daquele tipo de organizações. Durante o conflito no Iraque, e em especial entre 2003 e 2007, esta forma de ativismo ganhou algum relevo, tendo esta tendência aumentado exponencialmente entre 2012 e o início de 2016, no contexto do conflito sírio. Outra manifestação desta tendência internacionalista é a frequência de campos de treino – possivelmente, um termo pouco adequado para designar as atuais estruturas – geridos por aquelas organizações ou grupos associados, com o objetivo de receberem treino em táticas de guerrilha e métodos terroristas. Durante estas experiências externas, os indivíduos forjam relações e reforçam os laços entre si, geram-se lealdades entre algumas figuras e, ao serem socializados numa ideologia que explica a vitimização e as humilhações sentidas pelos Muçulmanos como sendo consequência de uma perseguição por parte dos países ocidentais, interiorizam normas que defendem a permissibilidade em atacar alvos ocidentais. Ao analisarmos as 51 conspirações mais graves em território europeu entre 2003 (data de início do conflito iraquiano) e julho de 2015, concluímos que 57% daquelas envolveram um ou mais indivíduos que experimentaram uma destas duas situações, sendo que na maioria dos casos os indivíduos tinham frequentado campos de treino.

Por outro lado, o contexto geopolítico é fundamental para compreender o desenvolvimento da ideologia, da estratégia, do comportamento tático e das alterações organizacionais dos jihadistas globais, tendo em vista a adaptação às novas realidades e capacidades. Como demonstramos, os conflitos no Iraque e Afeganistão da década passada, as Revoltas Árabes, o conflito na Síria e a proclamação do Califado, assim como

o desaparecimento de importantes figuras jihadistas e as dinâmicas de cooperação e competição no interior do movimento após 2004, transformaram de modo decisivo o Jihadismo global. A necessidade de interpretar e enquadrar aqueles acontecimentos conduziu à inclusão de elementos contraditórios no pensamento ideológico e provocou importantes alterações estratégicas.

As principais alterações ideológicas e estratégicas começaram a tomar forma após a invasão do Iraque, em 2003 e afirmaram-se com a guerra na Síria. Uma das inconsistências ideológicas que identificamos refere-se à identificação dos alvos inimigos, já que observamos que as linhas entre o inimigo interno e longínquo tendem a tornar-se mais desfocadas, em consequência da reviravolta estratégica vivenciada pelo movimento a partir de 2003. A al-Qaeda tinha identificado os EUA, Israel e países aliados como inimigos prioritários. Porém, ao deslocar a luta do mundo ocidental para o coração do mundo islâmico, os jihadistas passam a combater, em simultâneo, o inimigo longínquo e o inimigo interno, ou seja, os regimes do Médio Oriente e todos aqueles que colaboram com as forças ocupantes. Para esbater destas linhas também contribuíram as alianças e cooperação da al-Qaeda com grupos jihadistas de natureza local, a partir de 2004, os quais tinham agendas e objetivos nacionais ou regionais, e só adotaram a retórica global da al-Qaeda por oportunismo. Ainda assim, a al-Qaeda beneficiou destas alianças, na medida em que identificamos algumas conspirações na Europa ligadas operacionalmente ou inspiradas pela AQI, AQMI, AQPA, al-Shabaab e TTP, entre dezembro de 2004 e 2012.

A AQI também foi responsável pela introdução de outro elemento contraditório no seio do Jihadismo global, refletindo a postura profundamente anti-xiita do seu fundador, assim como o ambiente em que a organização teve origem. Contrariando um dos seus princípios fundamentais que apela à união da *ummah*, a qual é promovida como fonte de identidade e de solidariedade entre os Muçulmanos, os jihadistas adotaram uma postura sectária, adotando os Xiitas como alvos inimigos e procurando assumir-se como defensores desta comunidade. Após ter sido dada como derrotada em 2009, esta organização reemergiu em 2011, aproveitando as condições sociopolíticas que afetaram a comunidade sunita iraquiana e explorando a ideia de vitimização daquela. Estes sentimentos beneficiam de um ambiente regional caracterizado por um profundo sectarismo e pela rivalidade entre Xiitas e Sunitas, a qual é alimentada pela oposição entre Irão e Arábia Saudita. Entretanto, a rutura com a al-Qaeda, em 2014, deu origem à organização Estado Islâmico, dividindo o Jihadismo global em duas correntes, as quais têm o mesmo objetivo final, mas estratégias e métodos de atuação diferentes.

A concentração da luta no interior do mundo muçulmano, o ataque contra alvos xiitas e o recurso a táticas de violência extrema, provocando o aumento de vítimas entre Muçulmanos, contribuíram para aprofundar os dilemas ideológicos e os debates estratégicos entre a comunidade jihadista. Como explicamos, reconhecendo os danos provocados à imagem do movimento pela violência indiscriminada contra civis muçulmanos e, em simultâneo, procurando responder aos desafios e aproveitar as oportunidades oferecidas aos jihadistas pelas revoltas de 2011, a al-Qaeda repensou o modo como recorre à violência e adotou uma abordagem mais estratégica, tendo em vista não alienar as populações muçulmanas e alargar a base de apoio à organização. Sem renunciar à violência, a organização e suas afiliadas evitam cometer excessos, e sobretudo, publicitá-los, pensando numa perspetiva a longo-prazo e sem correr riscos demasiado elevados.

Pelo contrário, a sua concorrente pela liderança da comunidade jihadista global, recorre a táticas brutais e a métodos repressivos para consolidar o seu poder, os quais difunde na sua intensa atividade de propaganda, e adotou um leque alargado de inimigos. Seguindo o trajeto da sua antecessora e distinguindo-se da al-Qaeda que sempre mostrou alguma contenção neste aspeto, esta expandiu a interpretação da doutrina *takfir*, a qual legitima a utilização da violência contra outros Muçulmanos, aplicando-a aos Xiitas, Curdos e a todos aqueles que desafiem e discordem do grupo.

As organizações jihadistas também aplicam uma interpretação radical dos princípios salafistas *al-wala' wa-l-bar'a*, utilizado como meio para obrigar os Muçulmanos a aderir à sua causa e impedir o contacto com membros de outras comunidades, e *hisba*, tendo em vista impor uma ordem moral e normas religiosas rígidas. Porém, a al-Qaeda e afiliadas, sobretudo o ramo no Iémen e no Magrebe, assim como a JaN (agora *Jabhat Fath Al Sham*), reconheceram a necessidade de adotar um certo gradualismo na implementação da *Sharia* e na imposição de princípios religiosos, mostrando-se sensíveis às normas e costumes locais. De igual modo, quando em contextos de conflito civil, como sucede no Iémen e na Síria, estas organizações têm mostrado pragmatismo, combatendo e colaborando com outros grupos insurgentes.

Estes desenvolvimentos ideológicos, estratégicos, táticos e organizacionais que descrevemos são importantes para compreender a ameaça e a evolução do ativismo na Europa e refletem-se no comportamento dos jihadistas neste continente. O próprio papel que a Europa desempenha na ideologia jihadista evoluiu: de refúgio e centro de apoio, a Europa transformou-se em alvo após 2003, até que nesta terceira fase se assume como

palco privilegiado das ações destes atores, sobretudo devido à organização Estado Islâmico.

Com efeito, a ideologia desempenha um papel na compreensão da ameaça à Europa. Quando analisamos a radicalização individual – a qual não foi o objetivo deste trabalho – a ideologia tem um papel contestado: a maioria dos autores aceita que a ideologia ocupa um lugar neste processo ao atribuir um significado às *grievances*, ou seja, a percepção de abusos e injustiças sentidas pelos membros do grupo, mas discordam em relação ao seu lugar exato. Contudo, ao definir os objetivos, os princípios e os alvos do Jihadismo global, fornecendo uma base para o ativismo e apelando à cognição e à emoção, a ideologia é importante para compreender a evolução da ameaça à Europa. A essência da *jihad* global reside na deslocação da luta para o território dos inimigos. Apesar das visões negativas que tinham de alguns países europeus, a ideia de atacar as sociedades europeias sempre foi problemática em vários aspetos, sobretudo entre a geração de Árabes afegãos que utilizavam este continente como base de apoio à luta contra os regimes dos seus países de origem. Mesmo os pregadores radicais mais influentes na Europa durante a primeira fase do Jihadismo global, apoiando os objetivos estratégicos da al-Qaeda, restringiam-se de apelar à violência no interior das suas sociedades de acolhimento. Como procuramos demonstrar, os jihadistas preocupam-se em justificar ideologicamente e oferecer um enquadramento religioso para as suas ações; assim, mesmo considerando a Europa *dar al-kufr*, aqueles defendiam que um ataque contra o local onde se encontravam protegidos não era permitido pela lei islâmica, pois tal violava os pactos de segurança existentes entre diferentes comunidades. Apesar das evidentes motivações estratégicas deste posicionamento – salvar a sua vida na Europa, onde gozavam de liberdade e segurança –, aqueles inspiraram-se na história islâmica inicial e nos vários exemplos de pactos estabelecidos entre comunidades muçulmanas e não muçulmanas tendo em vista garantir a segurança e proteção daquelas, e utilizaram a ideologia para restringir o ativismo violento no interior das sociedades europeias.

As primeiras conspirações com ligações à al-Qaeda em solo europeu aconteceram na viragem do milénio e tinham como alvo interesses norte-americanos e israelitas, conforme à hierarquia de inimigos definidos por aquela. O contexto após 2001 veio alterar esta situação. O apoio de vários países europeus às políticas da Guerra ao Terror e a participação na invasão do Iraque levou os jihadistas a considerarem que os pactos existentes entre Muçulmanos e não muçulmanos naqueles países deixavam de ser válidos, pelo que os Muçulmanos europeus não tinham o dever de os respeitarem. Após 2004,

constata-se que a Europa se tornou em importante alvo jihadista em resultado da eliminação daquelas restrições ideológicas, assim como de considerações estratégicas por parte das organizações jihadistas para atacar este território, nomeadamente punir os países que tinham enviado tropas para o Afeganistão e Iraque e forçar a retirada daquelas sob pressão popular. Deste modo, entre 2004 e maio de 2010, alguns ataques – nomeadamente em Madrid e em Londres – e várias conspirações desmanteladas pelas autoridades tiveram como principal motivação o conflito iraquiano. Tal é evidente nos vídeos e notas de martírio deixados por alguns dos indivíduos que conspiraram para cometer terrorismo como, por exemplo, os atacantes de Londres ou os elementos que deram origem à “Transatlantic plot”. Estas declarações permitem aferir as motivações dos indivíduos envolvidos nas conspirações, mostram a importância que aqueles atribuem à lealdade a uma determinada organização e a sua preocupação em justificar os seus atos em linha com as justificações oferecidas por aquelas.

Nesta terceira fase do Jihadismo global na Europa, a organização Estado Islâmico explora a seu favor a proximidade geográfica e a existência de um contingente significativo de combatentes e voluntários europeus nas suas fileiras (e de potenciais simpatizantes no Ocidente) para ameaçar e ordenar ataques a este continente, dando especial ênfase a França nas suas declarações. Com efeito, desde outubro de 2013 que, com exceção do ataque ao Charlie Hebdo, todas as conspirações que identificamos em solo europeu estão relacionadas com o conflito na Síria e são influenciadas pelos jihadistas desta organização.

Também se verificou uma evolução estratégica no que se refere à conceção de inimigo prioritário por parte desta organização. Tendo originalmente um carácter transnacional, como demonstra o seu objetivo de expansão territorial – o lema do grupo é *‘baqiyah wa-tatammadad*, ou seja, “Permanecer e Expandir” –, esta começou por se focar no inimigo interno e só depois no inimigo externo. O alargamento das suas ações para o palco global teve um duplo objetivo: fazer o inimigo “pagar o preço” pelos ataques aéreos conduzidos pela coligação internacional contra os territórios controlados pela organização na Síria, tentando dissuadir futuros ataques e aprofundar as discórdias entre diferentes comunidades no interior das sociedades europeias; e consolidar a sua posição no seio do movimento jihadista, sinalizando as suas capacidades organizativas numa tentativa de relegar grupos rivais para as margens do movimento e atrair o apoio de potenciais simpatizantes.



A investigação que conduzimos também nos permitiu concluir que o ativismo e o panorama jihadista europeu é condicionado por questões intrínsecas à Europa, relacionadas com os problemas e dificuldades que os Muçulmanos enfrentam neste continente e com certas crises que afetaram esta comunidade. Algumas destas contribuíram para a remoção das restrições a ataques jihadistas em solo europeu, em especial os episódios interpretados como ofensas ao Islão e ao seu Profeta, questões relacionadas com o culto islâmico ou símbolos religiosos e a pressão que os jihadistas enfrentam por parte das autoridades e que conduziu alguns daqueles à prisão. Enquadrados por ideólogos e líderes jihadistas como evidências da perseguição e opressão dos Muçulmanos e da incapacidade para praticar a sua religião livremente em solo europeu, estas crises, em especial aquelas interpretadas como blasfémias, serviram de incentivo para ataques à Europa. Como demonstramos, após 2006, várias conspirações tiveram como motivação principal a ideia de vingar os crimes cometidos contra o Islão, o seu Profeta e a sua comunidade, fenómeno que afetou em especial os países nórdicos, devido às caricaturas de Maomé. Esta também foi a lógica que motivou o ataque ao Charlie Hebdo, em França, em janeiro de 2015.

Relacionado com o aspeto apenas referido, outra conclusão que a nossa investigação nos permitiu alcançar refere-se ao papel desempenhado por determinados pregadores e líderes jihadistas. As funções exercidas por estas figuras influentes do movimento servem não só para reforçar o nosso argumento de que fatores ideológicos e o recurso a determinados conceitos teológicos e ideias políticas podem influenciar a ameaça à Europa, como também para provar a importância do carisma e da reputação na mobilização para o Jihadismo e na transformação das formas ativistas. Como vimos, é possível estabelecer uma ligação entre, por um lado, vários indivíduos responsáveis por atos e conspirações terroristas no interior da Europa entre 1998 e 2010 e, por outro lado, os pregadores radicais que aqui se estabeleceram durante a década de 1990, nomeadamente Abu Qatada al-Filistini, Abu Hamza al-Masri e Omar Bakri Mohammed e o meio radical a que eles deram origem. Ao promover a participação em lutas externas e ao explorarem os problemas identitários e as tensões internas das sociedades europeias, enquadrando os ressentimentos individuais em termos religiosos, estes pregadores foram bem-sucedidos em acelerar processos de radicalização e influenciar o comportamento de alguns jovens europeus. Como tentamos demonstrar através da nossa análise da evolução da interpretação do conceito de *jihad*, as ideias ganham força em determinadas condições históricas, políticas e sociais. Estas são utilizadas por líderes e pregadores,

presencialmente ou via Internet, para socializarem grupos de jovens provenientes de variados meios socioeconómicos, fomentarem a criação de grupos domésticos que partilhem as mesmas razões de queixa e visões, promover a sua identificação com atores jihadistas externos, de modo a produzir um efeito mobilizador. Foram estas figuras que impuseram restrições ideológicas à violência no interior da Europa e, posteriormente, forneceram justificações religiosas para ataques contra civis neste continente. O seu desaparecimento do cenário europeu abriu caminho a alguns dos seus discípulos, os quais foram responsáveis pela continuação do ativismo de grupos como o *al-Muhajiroun*.

Alguns pregadores fora da Europa também influenciaram o panorama jihadista interno. Destacamos Anwar al-Awlaki, cuja promoção da ideia de *jihad* descentralizada contribuiu para o aumento do terrorismo solitário no interior deste continente. Através dos seus sermões difundidos via Internet, este clérigo desempenhou um papel relevante na radicalização de alguns indivíduos e na decisão destes de conspirar para cometer atos de terrorismo no interior da Europa. Al-Awlaki, com os seus apelos e justificações ideológicas para tais ataques e pela sua compreensão do mundo e da cultura ocidental, contribuiu para a formação de uma nova geração de jihadistas.

Outra tendência interna que merece ser assinalada refere-se à expansão do credo salafista em vários países europeus e a adoção dos seus princípios por parte de muitos jovens muçulmanos neste continente, a partir da segunda fase do Jihadismo na Europa. Em vários países europeus observou-se, também, o surgimento de estruturas defensores de ideais salafistas jihadistas, a partir de 2009, as quais foram moldadas a partir do grupo *al-Muhajiroun*, comportam-se da mesma maneira e mantêm elos entre si. Estes grupos cumprem uma importante função social, cultural e ideológica: no seu interior, os indivíduos são exortados à lealdade para com os seus pares e a cortar com o mundo exterior; moldam uma identidade e mentalidade coletiva; adotam um estilo de vida próprio, com recurso a determinados símbolos e termos linguísticos; e interiorizam os conceitos ideológicos promovidos pelo grupo, os quais também servem para reforçar os laços entre os seus membros, devido à sua dimensão cognitiva, social e emocional. Na Europa, estes mantêm uma postura ambígua no que se refere à violência, mas a Síria foi o momento catalisador da transição para o ativismo violento de muitos dos elementos que giravam em torno daquelas redes radicais. Assim, quando as oportunidades para o ativismo nos seus países diminuíram em resultado da ação das autoridades e, em simultâneo, se abriam oportunidades externas verificou-se a mobilização daqueles indivíduos. Tal resultou de uma combinação entre dinâmicas sociais, como a pressão dos

pares, e ideologia, a qual propaga uma interpretação rígida dos princípios do Salafismo, a doutrina *takfir*, a legitimidade de um Estado islâmico governado pela *Sharia* e a defesa do recurso ao martírio e de táticas terroristas. Ao preparar mentalmente estes indivíduos, estes grupos criaram uma abertura para a aceitação do projeto da organização Estado Islâmico, para a necessidade de o defender através do recurso à luta, da obrigação de responder ao apelo da *hijra* e do dever da *jihad* para a expansão territorial. A ida para a Síria, onde poderiam viver uma verdadeira vida islâmica, acabou por ser uma consequência óbvia das suas ideias e das suas relações sociais. A expansão do Salafismo e das organizações pró-jihaditas são um dos fatores de sustentação da radicalização e envolvimento no Jihadismo de uma nova geração de Europeus.

A transformação das redes da *jihad* global e o comportamento dos jihadistas no interior da Europa refletem quer as alterações táticas e estratégicas das organizações transnacionais, os seus interesses e objetivos, quer as alterações no interior da Europa. Devido à ação das autoridades, a partir de 2005 verificou-se a crescente fragmentação da paisagem jihadista europeia e o surgimento de grupos e células menores e mais flexíveis, em resposta ao encerramento do espaço interno para o ativismo e à maior dificuldade em prosseguir o ativismo externo. A partir de então, observamos um cenário misto, com a ocorrência de conspirações concebidas por células ligadas ou inspiradas por organizações internacionais – nomeadamente ao núcleo da al-Qaeda, do TTP, do LeT, do IJU e à al-Shabaab –, e de células domésticas auto radicalizadas, as quais aderem ao movimento sem apresentarem ligações externas. Estas organizam-se em torno de um grupo de amigos ou conhecidos, os quais, regra geral, partilham inquietações relacionadas com o seu lugar na sociedade europeia, enfrentam dúvidas identitárias e são vítimas de discriminação. As tensões sociais contribuem para o surgimento do grupo e para a adoção de visões extremistas e podem ser uma motivação para a decisão de se envolverem no ativismo violento. Porém, mesmo no caso destas células independentes, concluímos que os aspetos internacionais são fundamentais, já que os seus membros são inspirados por ressentimentos políticos e questões globais, os quais são determinantes para a decisão de enveredar pelo Jihadismo. Demonstrando a importância que atribuem ao ativismo externo, em muitos casos, aqueles procuraram orientação e ligações externas para prosseguirem a sua militância, quer através da Internet, quer através de viagens para se tentarem juntar a organizações jihadistas. Como referimos, o grupo Hofstad, com frequência interpretado como o paradigma da radicalização doméstica, é o melhor exemplo desta tendência.

Complexificando ainda mais o panorama europeu, a partir de 2008 aumentam as conspirações por parte de atores solitários, refletindo uma necessidade de adaptação ao encerramento das oportunidades no interior da Europa, devido às restrições securitárias e às limitações operacionais dos jihadistas europeus. Este tipo de ataque pode envolver conspirações mais simples ou mais sofisticadas, e visar alvos discriminados ou indiscriminados. Neste sentido, estes indivíduos – agindo sozinhos, mas regra geral imiscuídos numa cultura de militância – respondem aos apelos difundidos por ideólogos e membros do movimento, os quais utilizam como argumentos a necessidade de vingar os insultos contra o Islão e o Profeta ou as políticas ocidentais no mundo muçulmano. A partir de 2010, o ramo da al-Qaeda no Iémen revelou-se particularmente ativo neste tipo de apelos, sobretudo através da sua publicação *Inspire*. Com efeito, encontramos referência a esta e aos sermões e textos do principal ideólogo daquela organização, Al-Awlaki, em várias conspirações. Estes atos têm grande relevância para a organização, a qual assumiu uma estratégia mais descentralizada fruto de considerações realistas. Quando são bem-sucedidos, estes tendem a gerar um efeito de contágio, como vimos com o caso de Mohammed Merad.

A alteração das redes jihadistas acompanha a diversificação dos modos de atuação dos jihadistas europeus e da escolha dos alvos. Desde 2008, encontramos exemplos da conceção de ataques de violência limitada contra alvos discriminados, como figuras críticas do Islão, forças da autoridade e membros do governo, e com recurso a armas de fácil acesso; e exemplos de ataques mais complexos, envolvendo um elevado nível de violência, contra alvos civis e em locais públicos, inspirados pelos acontecimentos em Bombaim. Esta variação depende de adaptações táticas às medidas de contraterrorismo europeias, dos apelos e justificações ideológicas por parte de atores transnacionais incentivando o recurso a determinadas táticas e a adoção de determinados alvos, e do envolvimento de novos atores jihadistas no cenário jihadista europeu. A ameaça à Europa também reflete diferentes abordagens à violência por parte das duas organizações jihadistas. Nos últimos anos, os grupos e indivíduos ligados ou inspirados pela al-Qaeda têm sobretudo enveredado por alvos discriminados, concebendo ataques com um grau de violência mais limitado, embora podendo causar um número de vítimas considerável, como o ataque de Paris, em janeiro de 2015. Tal não significa, contudo, que tenham abandonado a conceção de ataques mais complexos, como demonstram a denominada “Euro plot”, desmantelada no final de 2010, e a “Birmingham rucksack plot”, descoberta em setembro de 2011, mas simplesmente uma maior ênfase em atingir alvos que sejam

ideologicamente fácil de justificar perante a sua audiência. Tal é o reflexo dos novos posicionamentos ideológicos e estratégicos da al-Qaeda, o qual refere a necessidade de evitar vítimas entre os Muçulmanos e captar a simpatia da comunidade.

Aqueles que são inspirados ou têm ligações à organização Estado Islâmico apresentam um modo de atuação mais variado, o que é observável nas táticas, nos alvos e nos próprios atores. Os apelos para atacar os países ocidentais são feitos não só pelos representantes da organização, mas também pelos voluntários europeus nas suas fileiras, os quais incentivam os seus conterrâneos a atacarem os próprios países. É possível estabelecer uma relação entre o apelo a atos terroristas nos países ocidentais lançado por esta organização a 21 de setembro de 2014 e a intensificação de conspirações jihadistas em vários países europeus a partir de outubro daquele ano. Esta organização promove atentados contra alvos militares, forças de segurança, serviços de informações e civis, quer com recurso a operações de grande envergadura e que exigem algum grau de preparação, quer através de ações mais simples ou espontâneas, como assassinatos. A organização justifica ideologicamente o ataque contra civis, pois defende a permissibilidade e legitimidade em atacar todos aqueles que vivem nos países dos Cruzados, devido à noção de culpabilidade individual em democracia, um argumento utilizado por jihadistas anteriores para justificar a adoção de alvos civis.

Seguindo a mesma trajetória da AQPA após 2010 (a qual ordenou aos seguidores para atacarem no Ocidente em vez de se deslocarem para o Iémen), mais recentemente a organização deixou de se focar tanto nos apelos à *hijra*, para incentivar ataques contra os infiéis nos países europeus. Esta parece ser uma reação à diminuição do fluxo de combatentes estrangeiros, ao aumento das deserções por parte de membros da organização e à perda de território na Síria, no Iraque e na Líbia, com a organização a acusar as pressões a que está sujeita.

Compondo esta realidade heterogénea, na atualidade, a intenção para conduzir atentados na Europa encontra-se em indivíduos que nunca saírem da Europa, mas sentem-se inspirados pela ideologia e propaganda das organizações jihadistas; em indivíduos que tentaram deslocar-se para zonas de conflito, mas foram impedidos ou não encontraram meios para o fazer; e por indivíduos com experiência estrangeira.

Apesar da ameaça atual ser dominada por indivíduos que manifestam frustrações sociais, problemas identitários, com histórias de vida problemáticas e sem grande cultura ideológica, muitos dos jihadistas europeus são provenientes de meios privilegiados, têm formação superior e nunca experimentaram problemas de integração ou exclusão

socioeconómica. Nesta terceira fase, também se observa a adesão de um crescente número de convertidos, mulheres e adolescentes.

No que se refere ao modo como os indivíduos aderem à *jihad*, a nossa investigação confirma que este resulta de dinâmicas sociais e acontece, sobretudo, através de um processo ascendente e por influência das relações de parentesco e de amizade. As redes sociais e ligações entre indivíduos que partilham uma origem geográfica, étnica ou linguística, assim como as dinâmicas internas desse grupo confirmam-se como os principais meios através dos quais os indivíduos se juntam a grupos jihadistas, dentro ou fora da Europa. De igual modo, os indivíduos ligados a outros envolvidos na militância têm maior propensão para se envolverem no meio radical. Esta é uma tendência observável na Europa desde os primórdios do Jihadismo neste continente, embora se tenha tornado especialmente visível nesta última fase.

Porém, devemos salientar que o recrutamento para a *jihad* nunca desapareceu completamente em países como França, Bélgica, Reino Unido e Alemanha, os quais contam com a presença de ativistas no seu território desde a década de 1990. Estas redes assumiram especial relevância no contexto do conflito iraquiano da década passada, sendo responsáveis pela canalização de voluntários para aquele palco. A partir de 2004, as autoridades conseguiram dismantelar muitas daquelas redes, sendo que alguns dos seus membros manteriam o seu ativismo no interior da prisão. De igual modo, após 2007 foram identificados indivíduos responsáveis por aliciar jovens para a al-Shabaab entre as comunidades somali no Reino Unido e países escandinavos.

No caso das deslocações para participar na guerra síria, um elemento importante do atual ativismo jihadista, aquelas acontecem em pequenos grupos de amigos ou familiares e a pressão dos pares é fundamental para a tomada de decisão em passar à ação, tendo como consequência imediata a dissimulação e redução do período de radicalização individual. Contudo, devemos assinalar a existência de indivíduos na Europa que funcionam como mentores e instigadores deste processo de adesão, assim como de redes formadas em torno daqueles, as quais têm como função auxiliar e facilitar a deslocação para zonas de conflito ou, em última instância, incentivar o ativismo interno. Estes são os responsáveis por fornecer informação e recursos, e colocar os aspirantes a combatentes em contacto com elementos no palco de conflito, criando uma oportunidade para a aceitação daqueles na organização. Alguns destes mentores são veteranos dos conflitos anteriores ou pertencem à velha guarda jihadista em solo europeu, estabelecendo-se deste modo uma ligação entre uma geração mais antiga e mais ideológica e a nova geração,

menos conhecedora dos debates ideológicos e teológicos, mais emocional e, com frequência, com passados ligados à criminalidade.

Outra novidade desta última fase relaciona-se com a interação através das plataformas de comunicação em rede. Apesar das relações pessoais e presenciais explicarem a grande maioria dos casos, o contacto entre indivíduos em duas localizações distintas com recurso aos novos meios de comunicação também tem funcionado para que alguns jovens europeus sejam persuadidos a juntar-se à causa, ganhem acesso a informação sobre como aderir a uma organização e como alcançar um palco de conflito. Tal sugere que as formas e estruturas de mobilização para o ativismo jihadista na Europa também sofrem alguma variação.

A originalidade deste trabalho reside no facto de termos demonstrado como o desenvolvimento do Jihadismo global na Europa é o resultado de fatores externos e internos, de motivações ideológicas e de questões sociais, da estratégia de organizações jihadistas transnacionais e do ativismo de certos grupos e indivíduos neste continente. Apenas a consideração deste conjunto de elementos e a compreensão de como estes interagem entre si permite explicar porque o Jihadismo Europeu é hoje um fenómeno mais complexo, heterogéneo, descentralizado e imprevisível do que em fases anteriores.

Em resumo, vimos como eventos externos e questões internas contribuem para explicar a variação temporal e espacial do ativismo jihadista em solo europeu e para a emergência de células jihadistas. Os conflitos, sobretudo aqueles em que participam forças militares ocidentais, a perceção de que o Islão e o Profeta estão sob ataque, os símbolos de injustiças, sofrimento e opressão dos Muçulmanos, assim como as ofensas e insultos à sua identidade contribuem para o processo de radicalização e são uma importante motivação para a decisão de enveredar pela violência. Estes casos são explicados pela ideologia jihadista como ameaças e agressões à comunidade islâmica e ao Islão. Neste sentido, os apelos à *jihad* por parte de pregadores ou líderes de organizações jihadistas transnacionais são particularmente eficazes na produção de dinâmicas de mobilização. A ideia de *jihad* defensiva não é controversa, traduz uma causa justificada religiosamente, daí que os jihadistas globais tenham conceptualizado a sua luta nestes termos, de modo a legitimá-la e a atrair simpatizantes. Assim, em períodos de conflitos e de crises internas verifica-se quer um incremento de conspirações na Europa, quer o aumento das deslocações para palcos externos. Os países mais afetados são aqueles com uma postura internacional mais ativa ou diretamente envolvidos com contingentes

militares nos conflitos em curso, ou aqueles onde têm lugar os episódios relacionados com insultos ao Islão ou à identidade dos Muçulmanos.

A ideologia e estratégia das organizações jihadistas transnacionais influenciam a ameaça à Europa e afetam o modo de atuação e as táticas dos jihadistas europeus. A evolução daquelas reflete-se no comportamento das células terroristas neste território, embora estas também se adaptem ao encerramento de oportunidades e às restrições securitárias internas. Os jihadistas adotaram uma categoria de inimigos mais alargada, embora considerações estratégicas e limitações operacionais por parte da al-Qaeda se tenham traduzido em campanhas de violência mais desorganizadas e na adoção de alvos mais discriminados. A dissensão do ramo iraquiano da organização, porém, deu azo a campanhas de violência de maior intensidade, refletindo os objetivos estratégicos da organização e as suas justificações ideológicas para a adoção de alvos civis. Consequentemente, este continente passou a desempenhar um papel mais relevante na ideologia e nas estratégias dos jihadistas globais, sendo que as ameaças se tornaram mais complexas e imprevisíveis.

Na Europa, células ligadas a militantes e organizações externas coexistem com células auto organizadas e sem ligações a elementos estrangeiros, o que torna o cenário europeu mais descentralizado e composto por redes menos tangíveis. De igual modo, muitas das conspirações analisadas revelaram a interação prévia dos seus membros com redes extremistas europeias e com pregadores radicais neste continente, os quais influenciaram as formas ativistas dos jihadistas.

Questões ideológicas e sociais contribuem para explicar as motivações que conduzem muitos indivíduos de diferentes meios e origens sociais, com diferentes recursos intelectuais e com biografias tão diferentes para o Jihadismo, nomeadamente para a participação no conflito sírio, na atualidade, o que resulta num cenário heterogéneo. O processo através do qual estes aderem ao Jihadismo resulta sobretudo de dinâmicas sociais, como pressão de amigos e familiares, ou o contacto com alguém já envolvido na militância, sem ser possível excluir outros mecanismos de mobilização mais estruturados.

A leitura que fizemos da evolução do Jihadismo global e das suas manifestações na Europa permitem esboçar possíveis tendências sobre o futuro do movimento. Este futuro está intimamente ligado ao palco sírio, o qual se assume como uma nova oportunidade para o Jihadismo global e o ponto de partida que alimentará ameaças, mobilizações e insurgências em algumas partes do globo. Ao ser apresentada como uma guerra pela sobrevivência da comunidade, a Síria permitiu recuperar a mística jihadista e



foi capaz de mobilizar mais indivíduos do que o Iraque em 2003, apesar deste conflito corresponder perfeitamente à narrativa sobre as intenções maléficas do Ocidente no mundo muçulmano. Para aferir as consequências desta guerra devemos considerar, sobretudo, três elementos: o surgimento de um novo ator jihadista, cuja evolução futura naquele palco continuará a influenciar a sua estratégia global; as dinâmicas de competição entre a al-Qaeda e a organização Estado Islâmico; e o fenómeno dos combatentes estrangeiros. Todos estes terão impacto no nível de ameaça e no tipo de violência na Europa.

Sob pressão no palco sírio, a organização Estado Islâmico tem lançado apelos à *jihad* no Ocidente. O fluxo de combatentes estrangeiros para a organização diminuiu substancialmente desde o início de 2016, as perdas de território são significativas e o dito Estado revela-se insustentável. Contudo, a derrota da organização a nível militar dificilmente conduzirá ao seu desaparecimento. Como no futuro próximo não se prevê a formação de uma solução política para a Síria e Iraque que conduza à correção das situações que estiveram na base da contestação àqueles regimes, esta organização poderá ressurgir ou dar origem a novas organizações. Entretanto, a campanha internacional contra aquela na Síria e no Iraque corre o risco de reforçar a ideia proposta por al-Zawahiri de que sem uma derrota prévia dos patrocinadores ocidentais dos regimes locais, nunca seria possível implementar um Estado islâmico no mundo muçulmano. Tal poderá dar novo vigor ao projeto de atacar os EUA e países europeus (tal como a Rússia) entre os jihadistas, independentemente da organização com a qual se identificam.

Relacionado com este aspeto temos de considerar a competição entre a organização Estado Islâmico e a al-Qaeda pelo domínio do movimento jihadista global e impacto provável na Europa e, em especial, no meio radical europeu. Como vimos, a al-Qaeda procedeu a uma revisão estratégica que a levou a ofuscar as ligações a certos grupos em alguns países e a inverter alguns posicionamentos anteriores, por exemplo, sendo mais seletiva na aplicação da violência, tendo em vista ganhar o apoio da população. Tal levou a organização Estado Islâmico a apresentá-la como uma organização obsoleta e a tentar ganhar a lealdade das suas afiliadas e dos seus simpatizantes. A al-Qaeda dificilmente reverterá a sua nova abordagem no interior dos países muçulmanos, até porque esta a torna menos vulnerável a ataques militares por parte daqueles países e de potências estrangeiras. Contudo, como vimos, a AQMI aumentou os seus ataques contra alvos ocidentais em alguns países africanos em resultado desta lógica de competição. Na Europa, caso surja a oportunidade e os meios operacionais, os

eventuais membros ou simpatizantes que a al-Qaeda possa ter neste continente poderão tentar suplantar a sua concorrente através de um ataque sofisticado, mas o mais certo é que este siga o exemplo do ataque de janeiro de 2015, tendo em vista justificar ideologicamente tal conduta.

Pelo contrário, a organização Estado Islâmico dificilmente procederá a uma revisão da sua ideologia e comportamentos a curto-prazo, apesar da história expor os efeitos gravosos que o recurso abusivo à metodologia *takfir* e a violência indiscriminada contra Muçulmanos têm para estas organizações. Como demonstraram os casos do GIA e da AQI, as organizações acabam inevitavelmente por sofrer as consequências da aplicação de métodos brutais contra a população dos seus territórios, pelo que a estratégia atual desta organização é contraproducente e apresenta óbvios limites à sua capacidade de atração. No que se refere à Europa, e independentemente do rumo dos acontecimentos no seu território, a sua estratégia continuará idêntica, até porque tem mais apoiantes e simpatizantes do que a sua concorrente direta. Tal permitir-lhe-á manter o controlo, direto ou indireto, do movimento no interior deste continente.

O futuro do movimento na Europa também depende do papel que os atuais combatentes e voluntários jihadistas na Síria possam vir a desempenhar a médio e longo-prazo. Os desafios que estes colocam neste continente vai além da possível perpetração de atos violentos em caso de regresso aos seus países. À semelhança da função desempenhada pelos veteranos do conflito afegão em território europeu na década de 1990, muitos daqueles que regressarem e escaparem às autoridades irão transformar-se em futuros radicalizadores e facilitadores para o movimento. Porém, face ao dilema da escolha entre enfrentar uma pena de prisão ou continuar fora dos seus países, outros poderão escolher não regressar e, neste caso, podemos estar perante uma nova geração de jihadistas itinerantes, os quais se deslocam entre zonas de conflito ou palcos de instabilidade, aprofundando a sua radicalização. No futuro, estes colocarão perigos específicos à segurança do território europeu.

Na atualidade, é legítimo falar num Jihadismo europeu, composto por indivíduos nascidos e criados neste continente e produto das suas virtudes e fragilidades. Estes expressam-se em línguas ocidentais, têm um pensamento formatado pelo Ocidente e são profundamente conhecedores desta realidade e mentalidade, o que os torna especialmente eficazes, pois sabem como transmitir a sua mensagem de modo a chegar aos jovens europeus em busca de certezas. Estes indivíduos não têm conhecimentos teológicos, nem são conhecedores profundos dos princípios ideológicos como a geração mais antiga, mas

contribuem para transformar a adesão ao Jihadismo num processo mais emocional. A geração de homens e mulheres que aderiram ao projeto da organização Estado Islâmico serão os futuros líderes deste movimento, responsáveis pela sobrevivência dos meios radicais e jihadistas na Europa e pela exportação da *jihad* para o resto do globo.

#### 10.1. Implicações teóricas e observações políticas

As conclusões alcançadas com a investigação que conduzimos permitem-nos tecer algumas considerações de carácter teórico e discutir a adequação de outras abordagens utilizadas para estudar o Jihadismo na Europa.

Perante as transformações significativas do cenário internacional e a evolução contínua do fenómeno jihadista global, as nossas conclusões demonstram a vantagem em tratar o Jihadismo europeu com recurso a uma abordagem que combina a análise de elementos ideológicos, a perspetiva organizacional e o contexto e dinâmicas sociais na Europa. Estes fatores afetam o comportamento dos atores no interior deste continente, pelo que esta abordagem combinada contribui para uma melhor compreensão dos motivos na base da flutuação do ativismo jihadista europeu, do nível e tipo de ameaça que a Europa enfrenta, da variação das opções táticas e do *modus operandi*, da distribuição temporal e geográfica das conspirações e dos diferentes processos de mobilização, assim como a adesão de indivíduos com diferentes perfis ao movimento. Tal permite-nos ultrapassar algumas deficiências de outros modelos teóricos, os quais ora se concentram nas condições estruturais que afetam os indivíduos em processo de radicalização, sem explicar a adesão ao movimento; ora explicam o processo de adesão ao movimento sem dar atenção às razões na base do comportamento adotado ou da escolha de determinados alvos; ora consideram os objetivos estratégicos das organizações externas, ignorando eventuais motivações individuais dos seus membros.

Constatamos que a procura das causas deste fenómeno e do terrorismo unicamente em condições estruturais causadoras de tensões sociais não fornece uma explicação satisfatória para os processos de mobilização, para a calendarização de campanhas de violência e para a sua distribuição geográfica: apesar destas causas se manterem mais ou menos constantes ao longo dos tempos, a intensidade do ativismo varia e a atividade terrorista passa por ciclos, tendo tendência a escalar ou diminuir;<sup>1238</sup> os problemas sociais,

---

<sup>1238</sup> Ver, por exemplo, Club de Madrid, *op. cit.*, p. 13.

econômicos e políticos são comuns a várias sociedades e afetam as comunidades muçulmanas em vários países europeus, embora nem todas sejam afetadas por um nível idêntico de radicalização ou experimentem episódios terroristas.<sup>1239</sup> Mesmo entre a camada de Muçulmanos mais jovem afetada de modo particularmente intenso por sentimentos de alienação e frustração causados pelas *grievances*, as quais são potenciais fontes de protesto e de radicalização, aqueles sentimentos não se traduzem necessariamente em episódios de violência. Aliás, o argumento que defende que a discriminação e exclusão conduz ao aumento da violência carece de validade empírica: aqueles tornam os indivíduos recetivos à mensagem extremista jihadista, mas por si só não são condição suficiente para a transição para comportamentos violentos. De igual modo, a falta de integração social dos imigrantes nas sociedades europeias também não consegue explicar o envolvimento no Jihadismo de indivíduos integrados social e culturalmente, e de Europeus convertidos ao Islão.

A teoria que defende a centralidade das relações sociais na adesão ao Jihadismo também tem algumas fraquezas. A tese proposta por Sageman gozou de uma vantagem relativa após 2005, na medida em que reuniu consenso entre vários autores, alguns dos quais aplicaram a abordagem teórica e a metodologia utilizada por aquele autor nos seus próprios trabalhos. Este explica a adesão ao Jihadismo como sendo o resultado de um processo e questões sociais. Porém, a interpretação da atividade jihadista no interior da Europa como decorrendo unicamente de um processo ascendente por parte de jovens atraídos pelas redes sociais, tende a menosprezar outros elementos que podem ser relevantes para compreender um panorama tão complexo como o atual: a eventual função das ideias, o modo como as organizações transnacionais tentam influenciar o ativismo na Europa através de apelos constantes via plataformas na Internet, assim como o papel desempenhado por determinados líderes e pregadores na atração de elementos para o movimento, na facilitação de determinadas redes e no fornecimento de justificações para certos comportamentos. Adicionalmente, este tipo de análises nem sempre nos fornecem uma resposta satisfatória relativamente ao motivo que leva os indivíduos a decidir recorrer à violência num momento específico ou à escolha de determinados alvos. Explicando o processo que conduziu muitos indivíduos às fileiras da organização Estado Islâmico, esta teoria não explica o envolvimento daquela organização em algumas conspirações na Europa, nomeadamente dirigindo-as a partir do território sírio.

---

<sup>1239</sup> Neumann and Rogers, *op. cit.*, p. 14.

A tendência para interpretar a ameaça jihadista em solo europeu apenas como consequência das considerações estratégicas de organizações jihadistas transnacionais também tem limites, na medida em que algumas organizações podem manifestar comportamentos complexos em resultado de uma tendência para se tornarem mais descentralizadas. Dependendo das situações que enfrentam no local onde encontram abrigo, os líderes das organizações podem ser obrigados a dar autonomia tática aos membros das camadas mais baixas, de modo a salvaguardar a existência do próprio grupo. De igual modo, as organizações são heterogêneas: se as camadas superiores têm motivações políticas e ideológicas e podem procurar orientar o comportamento do grupo de acordo com uma estratégia definida, os seus seguidores nem sempre têm consciência dos objetivos mais vastos do movimento ou o seu ativismo pode ter outras motivações, como por exemplo, frustrações e problemas pessoais. Neste sentido, esta teoria não explica as razões que conduzem alguns indivíduos para o Jihadismo, como é que eles aderem ao movimento ou o que os torna recetivos à sua mensagem. Em algumas das conspirações ocorridas na Europa não foi possível identificar com clareza qual o tipo ou o nível de envolvimento da al-Qaeda ou da organização Estado Islâmico.

Devemos fazer uma última referência à tendência recente para estudar o Jihadismo global na perspetiva dos movimentos sociais. Se esta abordagem tem a virtude de integrar vários níveis de análise – macro, meso e micro – na tentativa de oferecer uma visão da natureza dinâmica, multifacetada e relacional da violência, nem sempre é claro o modo como aqueles níveis interagem e se influenciam mutuamente.<sup>1240</sup> Uma crítica feita a esta abordagem é a tendência para a desvalorização das questões ideológicas, culturais e emocionais enquanto variáveis do processo de mobilização, não explicando adequadamente porque é que os indivíduos se envolvem em comportamentos de alto risco sem uma recompensa material aparente. Os movimentos sociais são considerados atores racionais nos seus processos de tomada de decisão e na mobilização de recursos, sendo que o modo como o grupo se organiza é visto como fonte imediata de ação política. Deste modo, esta teoria não fornece uma explicação convincente para a razão segundo a qual os movimentos optam por enquadrar a sua ação de um modo específico, entre as várias opções existentes ao seu dispor. Katerina Dalacoura defende que se a teoria dos movimentos sociais explica o processo que dá origem à emergência do terrorismo islamista, aquela não é capaz de explicar as razões porque os indivíduos se envolvem em

---

<sup>1240</sup> Donatella Della Porta, *Social Movement Studies and Political Violence*, Centre for the Study of Islamism and Radicalisation, Aarhus University, Aarhus, September 2009, p. 8.

atos de violência política em vez de optarem por outros métodos de contestação que possam estar disponíveis.<sup>1241</sup> Assim, esta teoria pode ser uma grelha analítica eficaz para explicar o processo de mobilização, o modo como as pessoas aderem e participam em movimentos radicais, o surgimento e a calendarização de campanhas terroristas, mas não explica totalmente as razões subjacentes à radicalização, ao recrutamento e ao comportamento adotado, nem a escolha dos alvos.

Deste modo, as teorias que analisam o Jihadismo global na Europa através das *root causes*, das dinâmicas de grupo, das ameaças estratégicas e dos movimentos sociais, ao concentrarem-se apenas numa causa ou fator ou ao desconsiderarem variáveis que possam ser relevantes, não conseguem explicar a totalidade do fenómeno.

O objetivo desta tese nunca foi fazer recomendações políticas. Contudo, no contexto atual existe um tema que tem dominado a atenção dos académicos, legisladores e sociedade em geral: o regresso dos combatentes europeus que passaram pela Síria e Iraque. Como este foi um dos aspetos que abordamos nesta tese, podemos fazer duas observações sobre esta questão, ambas em tom crítico das medidas atualmente discutidas.

Em primeiro lugar, qualquer política para lidar com estes indivíduos tem de ser formulada numa perspetiva a longo-prazo, tentando avaliar o impacto futuro dos acontecimentos atuais. Impedir o regresso destes indivíduos aos seus países ou retirar-lhes a nacionalidade pode resolver o problema a curto prazo, mas agravá-lo ainda mais no futuro. Como destaca Malet, os Árabes afegãos foram a única geração de combatentes estrangeiros que não desmobilizou após o término das hostilidades, devido às restrições que os impediram de regressar aos seus países. As consequências chegaram aos nossos dias.

Outra observação refere-se à utilização dos indivíduos que abandonaram o ativismo jihadista em programas de sensibilização contra a radicalização. Esta abordagem pode não resultar em todos os casos: como acontece com frequência com aqueles que abandonam a militância, estes podem não ter credibilidade junto do público alvo, ou seja, indivíduos em risco de se tornarem extremistas; ou, então, serem considerados instrumentos ao serviço dos governos. Contudo, e apesar desta ser uma questão problemática, os Estados europeus devem utilizar estes antigos extremistas como recursos para desenvolverem contra narrativas, e podem e devem trabalhar com estes com o objetivo de adquirirem conhecimentos sobre o modo como os grupos jihadistas

---

<sup>1241</sup> Dalacoura, *op. cit.*, p. 37.

funcionam, recrutam e captam novos elementos, desde que fique provado que estes não violaram a lei do país onde vivem.

## 10.2. Investigação futura

Como todos os trabalhos de investigação, esta tese tem um objeto delimitado. Contudo, identificamos algumas áreas deficientemente investigadas ou que assumem, no momento atual, grande relevância, pelo que merecem atenção por parte da comunidade académica. Neste sentido gostaríamos de apontar alguns possíveis caminhos para futuras investigações.

Uma área sensível onde é necessário aprofundar o conhecimento refere-se à crescente adesão de mulheres e adolescentes ao Jihadismo. A teorização destas duas realidades coloca alguns desafios. Sageman sustenta que terá sido o incremento das atividades *online* que fez com que estes dois grupos se tornassem mais visíveis no meio jihadista.<sup>1242</sup> Outros buscam uma explicação para o envolvimento dos adolescentes em fatores psicológicos e mentais, como a imaturidade, característica que os torna menos propensos a problematizarem determinadas temáticas, mais suscetíveis de sucumbirem perante certos elementos da cultura jihadista – sobretudo aqueles que exercem maior atração emocional e se inspirem em símbolos da cultura juvenil ocidental – e de cederem à coerção psicológica por parte daqueles que os tentam atrair para uma causa extremista.

No caso das mulheres, é fácil cair na tentação de explicar a deslocação destas para o território do Califado através de uma perpetuação dos papéis de género socialmente construídos, os quais representam as mulheres como passivas e sujeitas a noções romantizadas de luta, o que as torna alvos fáceis de supostas imagens de glória e de combatentes *viris*. Deste modo, é-lhes negada agência nas suas tomadas de decisão, impedindo que se procurem os processos e o conjunto de motivações que as conduzem a tais movimentos. Contudo, o envolvimento de mulheres na militância islamista radical não é uma novidade e estas podem ter várias motivações. Tal como acontece com os homens, a adesão ao Jihadismo por parte de mulheres pode resultar dos contextos, de uma busca identitária, da tentativa de superar restrições que pendem sobre si ou do desejo de participarem na construção de uma identidade comum. Estas também podem ser motivadas pela perceção de que a comunidade muçulmana é vítima de perseguição e

---

<sup>1242</sup> Marc Sageman, “The Turn to Political Violence in the West”, p. 122.

opressão e que é uma obrigação religiosa mobilizarem-se pela sua defesa. O atual fluxo de mulheres que viajam para a Síria causa estupor, porque desafia todas as expectativas racionais sobre o comportamento daquelas: muitas estudantes, incluindo universitárias ou com curso superior, abandonaram a vida na Europa onde se proclama a igualdade entre os géneros e a liberdade de escolha em prol de uma vida onde, aparentemente, abdicam da sua capacidade de tomar decisões e são obrigadas ao cumprimento de normas rígidas. Contudo, esta escolha também pode ser interpretada como um meio daquelas afirmarem a sua identidade e de se afirmarem contra o modo de vida ocidental.

Nelly Lahoud assinala que um dos aspetos onde os jihadistas contemporâneos entram em contradição é nas suas atitudes no que respeita à participação das mulheres na *jihad*, pois na prática estas estão excluídas de combater ao lado dos homens, deste modo minando a validade da *jihad* defensiva que reclamam.<sup>1243</sup> No caso sírio, as mulheres que vão para aquele território cumprem, sobretudo, funções domésticas e são consideradas as responsáveis por criarem a próxima geração do Califado; de igual modo, aquelas desempenham uma importante função a recrutar e disseminar propaganda através da Internet, apelando à emigração para o Califado de mais ocidentais. As mulheres estão alegadamente excluídas da luta, embora existam informações contraditórias sobre esta questão.<sup>1244</sup> Assim, existe uma necessidade premente em compreender melhor o processo e as motivações da adesão de mulheres ao movimento jihadista, tendo em vista desenvolver medidas de contenção adequadas e a prevenção do fenómeno. Afinal, à semelhança do que acontece com os homens, as mulheres podem optar pelo ativismo violento no interior deste continente em caso de se identificarem com a causa ou a organização – como aconteceu com Roshonara Choudhary, em 2010 –, ou caso se vejam

---

<sup>1243</sup> Nelly Lahoud, “The Neglected Sex: The Jihadis’ Exclusion of Women From Jihad”, *Terrorism and Political Violence*, February 2014, pp. 1-23.

<sup>1244</sup> Assim confirmou uma Muçulmana inglesa na Síria e tida como responsável por atrair outras Muçulmanas para aquele território, a qual relatava o seu quotidiano num blogue: “Não há absolutamente nada para as irmãs participarem na *qital*. Sheikh Omar Shishani (importante comandante da organização Estado Islâmico, entretanto falecido) foi bastante claro na sua resposta e enfatizou que não há nada para as irmãs ainda. Não há *istishihadiya Amalia* (operações de martírio) ou uma *katiba* (batalhão) secreta de irmãs. São tudo rumores... de momento *qital* não é *fardh ayan* (obrigatório) para as irmãs. [...] *Hijra* não é só para a *jihad*, mas também com a intenção de viver honradamente sob a lei de *Shariah*. [...] O nosso papel é ainda mais importante como mulheres no Islão, pois se não tivermos irmãs com a compreensão e o *'aqidah* correto (credo islâmico) que estejam dispostas a sacrificar todos os seus desejos e desistir de suas famílias e vidas no Ocidente a fim de fazer a *hijra* e agradar Allah, então quem irá educar a próxima geração de Leões? "E acrescenta: "Um dia normal para um *Muhajirah* (aquela que faz a *hijra*) gira em torno das mesmas funções como uma dona de casa normal... o seu dia consiste em cozinhar, limpar, cuidar e às vezes até educar as crianças." (“There is absolutely nothing for sisters to participate in *qital*. Sheikh Omar Shishani has been quite clear on his answer and has emphasized that there is nothing for sisters of yet. No *amalia istishihadiya* (martyrdom operations) or a secret sisters *katiba*. There are all rumours... For the time being *qital* is not *fardh ayan* upon the sisters.[...] *Hijrah* is not just for Jihad but also with the intention of living honourably under the law of *Shariah*.[...] Our role is even more important as women in Islam, since if we don't have sisters with the correct *'aqida* and understanding who are willing to sacrifice all their desires and give up their families and lives in the west in order to make *hijra* and please Allah, then who will raise the next generation of Lions?” E acrescenta: “A normal day for a *Muhajirah* revolves around the same duties as a normal housewife... your day will revolve around cooking, cleaning, looking after and sometimes even educating children.”) Umm Layth, *Diary of a Muhajirah*, blog pessoal, 9 April 2014, <http://fababalighuraba.tumblr.com/post/82181535227/diary-of-a-muhajirah> (data de último acesso: 24 de abril de 2014).



impedidas de sair da Europa para emigrar para outros territórios (ou, em último caso, se regressarem do território do Califado, sendo que poucas o fizeram até ao momento).<sup>1245</sup>

Igualmente importante será analisar a interação entre as diferentes correntes islamistas e o modo como estas influenciam os comportamentos umas das outras. Em contexto de fracasso do Estado ou de instabilidade, a militância islamista tende a aumentar. No contexto pós-revoltas árabes, é importante avaliar o impacto que, por exemplo, a perda de poder por parte da Irmandade Muçulmana e a nova era de repressão no Egito pode produzir, já que estes acontecimentos podem radicalizar os setores mais jovens no interior daquele movimento – como, de facto, já se verifica –, fortalecer a narrativa daqueles sobre a inutilidade em participar em eleições e, conseqüentemente, revitalizar os movimentos jihadistas.

---

<sup>1245</sup> Apesar de termos colocado a possibilidade de mais mulheres enveredarem pelo ativismo violento na Europa antes de outubro de 2015, no início de setembro de 2016 provou-se efetivamente o papel cada vez mais ativo das mulheres no Jihadismo europeu, com o desmantelamento de uma conspiração, em França, implementada apenas por mulheres. Este episódio também mostrou os posicionamentos contraditórios existentes entre os jihadistas no que se refere à participação de mulheres neste tipo de operações: a organização Estado Islâmico afirmou que, em certas circunstâncias, a lei islâmica permite às mulheres participarem ativamente na *jihad*; a AQPA disse ser proibido às mulheres participarem nestas operações no Ocidente.



## Bibliografia

### A) Documentos primários

Abu Hafis al-Masri Brigades, *The Roadmap for the Mujahideen*, 1 July 2004, disponível em <http://www.sflistteamhouse.com/Misc/mujahideen/roadmap.htm> (data de último acesso: 14 de maio de 2014).

*Alcorão*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2002.

AL-ADNANI ASH-SHĀMĪ, Abū Muhammad, *Say “Die in Your Rage!”*, Al-Hayat, 26 January 2015, <https://pietervanostaeyen.files.wordpress.com/2015/01/al-adnani-say-die-in-your-rage.pdf>.

AL-AMRIIKI, Abu Mansur, *The Story of An American Jihaadi Part one*, May 2012, <http://azelin.files.wordpress.com/2012/05/omar-hammami-abc5ab-mane1b9a3c5abr-al-amrc4abkc4ab-22the-story-of-an-american-jihc481dc4ab-part-122.pdf>.

AL-AWLAKI, Anwar, “Targeting the Populations of Countries that are at War with the Muslims”, *Inspire*, n.º 8, Al-Malahem Media, Autumn 2011, pp. 41-47.

AL-AWLAKI, Anwar, *44 Ways to Support Jihad*, Victorious Media, s.l., s.d.

AL-AWLAKI Anwar, *Allah is Preparing us for Victory*, Edited by Mujahid fe Sabeelillah, d.l., s.d.

AL-AWLAKI, Anwar, *Message to the American People*, The Global Islamic Media Front, s.d.

AL-AWLAKI, Anwar, *The Dust Will Never Settle Down*, Dar Al-Murabiteen Publications, 2008.

AL-BAGHDADI, Abu Bakr “Announcement of the Islamic State of Iraq and al-Sham”, *al-Furqan Media*, April 9, 2013, <http://azelin.files.wordpress.com/2013/04/shaykh-abc5ab-bakr-al-e1b8a5ussaync4ab-al-qurayshc4ab-al-baghd481dc4ab-e2809cannouncment-of-the-islamic-state-of-iraq-and-al-shc481m22-en.pdf> (data de último acesso: 13 de abril de 2013).

AL-BAGHDADI, Abu Bakr, “Remaining in Iraq and al-Shām”, *al-Furqan Media*, June 15, 2013, <http://www.youtube.com/watch?v=AS77jfttxkc> (data de último acesso: 16 de junho de 2013)

AL-BANNA, Hassan, “On Jihad”, in Jim Lacey (ed.), *The Canons of Jihad: Terrorists’ Strategy for Defeating America*, Annapolis, Maryland, Naval Institute Press, 2008, pp. 4-10.

AL-FAHD, Shaykh Nasir ibn Hamad, *Ruling on Fighting Americans Outside Iraq*, At-Tibyân Publications, 10 April 2003.

AL-FAHD, Nasir, *Treatise on the Use of Weapons of Mass Destruction against the Infidels*, May 2003.

AL-FILISTINI, Abu Qatada et al., *Fatwa by some of the scholars of Jihad regarding the IS group's attack on the Mujahideen*, 3 June 2015, <https://pietervanostaeyen.wordpress.com/author/pietervanostaeyen/> (data de último acesso: 4 de junho de 2015).

AL-FILISTINI, Abu Qatada, *The Cloak of the Caliph*, July 2014, [https://twitter.com/nukhba\\_alfeker/status/48858152547126067](https://twitter.com/nukhba_alfeker/status/48858152547126067), traduzido por I.I.S.C.A. Security Group, <http://iisca-blog.blogspot.gr/2015/01/wolves-divided-ulama-is-in-dispute-with.htm> (data de último acesso: 21 de janeiro de 2015).

AL-FILISTINI, Abu Qatada, *The Legality of martyrdom operation and the proof that they are not killing oneself*, 1995, disponível em <http://sayfullaah.blogspot.pt/2011/01/legality-of-martyrdom-operations-and.html> (data de último acesso: 23 de dezembro de 2013).

AL-JARBŪ', Shaykh 'Abd al-'Azīz bin Sālih, *A Call to Migrate From the Lands of the Disbelievers to the Lands of the Muslims*, At-Tibyân Publications, s.l., s.d..

AL-JAWLĀNĪ, Abu Muhammed, "About the Fields of al-Shām", *al-Manarah al-Bayda Foundation for Media Production*, April 10, 2013, <http://jihadology.net/2013/04/10/al-manarah-al-bay%E1%B8%8Da-foundation-for-media-production-presents-a-new-audio-message-from-jabhat-al-nu%E1%B9%A3rahs-abu-mu%E1%B8%A5ammad-al-jawlani-al-golani-about-the-fields-of-al-sham/> (data de último acesso: 16 de junho de 2013).

AL-MAQDISI, Abu Muhammad, *Why did I not name them Khawarij even until now?*, June 2015, disponível em <https://pietervanostaeyen.wordpress.com/2015/06/25/shaykh-abu-muhammad-al-maqdisi-why-did-i-not-name-them-khawarij-even-until-now/> (data de último acesso: 25 de junho de 2015).

AL-MAQDISI, Abu Muhammed, *A Call to the Ummah & Mujahideen*, 2014, <http://justpaste.it/jppdf/Maqdisi-ISIS> (pdf).

AL-MAQDISI, Abu Muhammed, *Millat Ibrāhīm*, At-Tibyân Publications, 1984.

AL-NABHANI, Taqiuddin, *The Islamic State*, Londres, Al-Khilafah Publications, 1998.

AL-NABHANI, Taqiuddin, *Concepts of Hizb ut-Tahrir*, Londres, Al-Khilafah Publications, s.d..

Al-Qaeda no Magrebe Islâmico, *To Our People Tunisia: The Tyrant has Fled but the Infidel and Tyrannical System Remains*, 26 January 2011, <http://jihadology.net/2011/01/28/new-statement-from-al-qa%e2%80%99idah-in-the-islamic-maghreb-to-our-people-in-tunisia-the-tyrant-has-fled-but-the-infidel-and-tyrannical-system-remains/> (data de último acesso: 11 de janeiro de 2013).

Al-Qaeda na Península Arábica, *Inspire*, n.º 1, Al-Malahem Media, Summer 2010.

Al-Qaeda na Península Arábica, *Inspire*, n.º 2, al-Malahem Media, Autumn 2010.

Al-Qaeda na Península Arábica, *Inspire*, n.º 4, al-Malahem Media, Winter 2010.

Al-Qaeda na Península Arábica, *Inspire*, n.º 10, Al-Malahem Media, Spring 2013.

Al-Qaeda na Península Arábica, *Inspire*, n.º 11, al-Malahem Media, Spring 2013.

Al-Qaeda na Península Arábica, *Inspire*, n.º 12, Al-Malahem Media, Spring 2014.

Al-Qaeda no Subcontinente, *Resurgence*, Special issue, As-Sahab Media, Summer 2015.

Al-Qaeda no Subcontinente, *Resurgence*, n.º 1., As-Sahab Media, Autumn 2014.

AL-QARADAWI, Shaykh Yusuf, *Priorities of the Islamic Movement in the Coming Phase*, Swansea, Awakening Publications, 2000.

AL-SHAHAB, “Thou Are Only Responsible Only for Yourself – Part 1”, *al-Sahab Media*, 3 June 2011, disponível em <http://thesis.haverford.edu/dspace/bitstream/handle/10066/7254/ASM20110603.1.pdf?sequence=5> (data de ultimo acesso: 14 de janeiro de 2015).

AL-SHAHAB, “Thou Are Only Responsible Only for Yourself – Part 2”, *al-Sahab Media*, 3 June 2011, disponível em <http://thesis.haverford.edu/dspace/bitstream/handle/10066/7255/ASM20110603.2.pdf?sequence=1> (data de ultimo acesso: 14 de janeiro de 2015).

AL-SHINQITI, Sheikh Abu Mundhir, “Question about who we are”, *Minbar al-Tawhid wa-l-Jihad*, 2012, <http://www.tawhed.ws/dl/?i18061202> (data de último acesso: 12 de setembro de 2012).

AL-SHU’AYBI, Hāmūd al-Uqla’, *The Clarification of What Occurred in America*, s.l., At-Tibyān Publications, September 2001.

AL-SURI, Abu Mus’ab, “The Jihadi Experiences – The Most Important Enemy Targets Aimed at by the Individual Jihad”, *Inspire*, n.º 9, Al-Malahem Media, Winter 2012.

AL-SURI, Abu Musab, “The Global Islamic Resistance Call” (Key Excerpts) in Brynjar Lia, *Architect of Global Jihad: The Life of Al-Qaida Strategist Abu Mus’ab al-Suri*, Londres, Hurst & Company, 2007, pp. 383-386.

AL-SURI, Abu Musab, “Text of Audio Communiqué by Shaykh Umar Abd al-Hakim Addressing the British and the Europeans Regarding the London Explosions, and the Practices of the British Governments”, August 2005, p. 5, citado em Lia, *Architect of Global Jihad*, p. 156.

AL-SURI, Abu Mus’ab, “Meeting with the Kuwaiti Newspaper”, March 1999, in Lia, *op. cit.*, p. 121.

AL-TARTUSI, Abu Basir, *Covenants & Security in Islam*, <http://www.en.altartosi.com> (pdf), (data de último acesso: 8 de janeiro de 2010).

AL-TARTUSI, Abu Basir, “Passion for Revenge or Sharia-based Judgement?”, CTC, July 2005, citado em Aaron, *In Their Own Words: Voices of Jihad*, p. 226.

AL-ZARQAWI, Abu Mus’ab, *Bay’ah to Usamah Bin Laden*, 18 October 2004, <http://jihadology.net/2004/10/18/statement-from-jamaat-al-taw%e1%b8%a5id-wa-l-jihads-abu-mu%e1%b9%a3ab-al-zarqawi-bayah-to-usamah-bin-laden/> (data de último acesso: 12 de maio de 2014).

AL-ZAWAHIRI, Ayman, *On the Relationship of Qā’idat al-Jihād and the Islamic State of Iraq and al-Shām*, February 3, 2014, <http://jihadology.net/2014/02/02/as-sa%e1%b8%a5ab-media-presents-a-new-statement-from-al-qaidah-on-the-relationship-of-qaidat-al-jihad-and-the-islamic-state-of-iraq-and-al-sham/> (data de último acesso: 24 de fevereiro de 2014).

AL-ZAWAHIRI, Ayman, *General Guidelines for Jihad*, As-Sahab Media, 2013, <http://jihadology.net/2013/09/14/as-sa%e1%b8%a5ab-media-presents-a-new-release-from-al-qaidahs-dr-ayman-al-%e1%ba%93awahiri-general-guidelines-for-the-work-of-a-jihadi/> (data de último acesso: 25 de março de 2014).

AL-ZAWAHIRI, Ayman, *A Message of Hope and Glad Tidings to our People in Egypt, Episode 5*, 14 April 2011, <http://jihadology.net/2011/04/14/as-sa%e1%b8%a5ab-media-presents-a-new-video-message-from-ayman-a-%e1%ba%93-%e1%ba%93awahiri-%e2%80%9cfifth-installment-of-a-message-of-hope-and-glad-tidings-to-our-people-in-egypt%e2%80%9d/> (data de último acesso: 27 de junho de 2011).

AL-ZAWAHIRI, Ayman, “From Kabul to Mogadishu”, *Minbar of Tawheed and Jihad*, 22 February 2009, disponível em <http://azelin.files.wordpress.com/2010/08/ayman-al-zawahiri-from-kabul-to-mogadishu.pdf> (data de último acesso: 14 de maio de 2014).

AL-ZAWAHIRI, Ayman, *The Exonerations*, 2008, <http://www.fas.org/irp/dni/osc/exonerations.pdf>.

AL-ZAWAHIRI, Ayman, *The Open Meeting with Shaykh Ayman al-Zawahiri*, Part One, As-Sahab Media, 2008.

AL-ZAWAHIRI, Ayman, *al-Zawahiri letter to al-Zarqawi* (Tradução Inglesa), 9 July 2005, The Combating Terrorism Center at West Point, New York, outubro de 2005, disponível em <https://www.ctc.usma.edu/posts/zawahiris-letter-to-zarqawi-english-translation-2> (data de último acesso: 9 de novembro de 2010).

AL-ZAWAHIRI, Ayman, “America defeat a matter of time”, *aljazeera.net*, 9 September 2004, <http://www.aljazeera.net/news/pages/38e78f94-0986-4fd9-9341-87d37ebe0242> (data de último acesso: 10 de dezembro de 2004).

AL-ZAWAHIRI, Ayman, “Knights under the Prophet’s Banner”, *al-Sharq al-Awsat*, 2-12 December 2001.

AZZAM, Abdullah, *Join the Caravan*, s.l., April 1987, [http://archive.org/stream/JoinTheCaravan/JoinTheCaravan\\_djvu.txt](http://archive.org/stream/JoinTheCaravan/JoinTheCaravan_djvu.txt) (data de último acesso: 8 de novembro de 2013).

AZZAM, Abdullah, *Defence of the Muslim Lands*, s.l., 1984, [http://www.religioscope.com/info/doc/jihad/azzam\\_defence\\_1\\_table.htm](http://www.religioscope.com/info/doc/jihad/azzam_defence_1_table.htm) (data da último acesso: 12 de janeiro de 2014).

AZZAM, Abdullah, *Martyrs: The Building Blocks of Nations*, [www.religioscope.com/info/doc/jihad/azzam\\_martyrs.htm](http://www.religioscope.com/info/doc/jihad/azzam_martyrs.htm) (data de último acesso: 8 de novembro de 2013).

AZZAM, Abdullah, *The Signs of ar-Rahmaan in the Jihad of Afghanistan*, Birmingham, Maktabah Booksellers and Publishers, s.d..

BIN LADEN, Osama, “Letter from UBL to ‘Atiyatullah all-Libi’”, Office of the Director of National Intelligence, sem data (possivelmente 2010), <http://www.dni.gov/files/documents/ubl/english/Letter%20Addressed%20to%20Atiyah.pdf>.

BIN LADEN, Osama, “Message to the American People”, 18 October 2003, in Thomas Hegghammer, *Al-Qaida Statements 2003-2004 - A compilation of translated texts by Usama bin Ladin and Ayman al-Zawahiri*, FFI Report, Kjeller, 2005.

BIN LADEN, Osama, “Bin Laden audiotape calling for suicide attacks”, 8 April 2003, in Hegghammer, *Al-Qaida Statements 2003-2004*.

BIN LADEN, Osama, “The Solution”, *Minbar of Tawheed and Jihad*, s.d., disponível em <http://www.tawhed.net/>.

BIN LADEN, Osama, “Letter to America”, *The Guardian*, 24 de Novembro de 2002, <http://www.guardian.co.uk/world/2002/nov/24/theobserver> (data de último acesso: 26 de janeiro de 2005).

BIN LADEN, Osama, *Jihad Against the Jews and Crusaders*, 23 February 1998, <http://www.fas.org/irp/world/para/docs/980223-fatwa.htm> (data de último acesso: 28 de março de 2014).

BIN LADEN, Osama, “Declaration of War against the Americans Occupying the Land of the Two Holy Places”, *Al-Quds Al-Arabi*, August 1996, [http://www.pbs.org/newshour/terrorism/international/fatwā\\_1996.html](http://www.pbs.org/newshour/terrorism/international/fatwā_1996.html) (data de último acesso: 19 de outubro de 2012).

IBN TAYMIYYA, Taqī al-Din Ahmed, *The Religious and Moral Doctrines of Jihad*, Birmingham, Maktabah Al Ansaar Publications, 2001.

DROUKEL, Abdel-Malek, *Mali-Al-Qaida’s Sahara Playbook*, Associated Press, February 2013.

Himam News Agency, *Report 93: Activities of the Da’wah Forum for Jabhat al-Nusrah in Darkūsh – Idlib Countryside*, 21 August 2014, disponível em <http://jihadology.net/2014/08/21/new-video-message-from-himam-news-agency-report-93-activities-of-the-dawah-forum-for-jabhat-al-nu%e1%b9%a3rah-in-darkush-idlib-countryside/> (data de último acesso: 23 de outubro de 2014).

Hizb ut-Tahrir Britain, *Media Statement Regarding ISIS’s Declaration in Iraq*, 1 July 2014, <http://www.hizb.org.uk/current-affairs/media-statement-regarding-isiss-declaration-in-iraq> (data de último acesso: 23 de outubro de 2014).

Hizb ut-Tahrir, *About Us*, <http://english.hizbuttahrir.org/index.php/about-us> (data de último acesso: 11 de julho de 2012).

Hizb ut-Tahrir Britain, *Media Information Pack*, London, s.d., <http://www.hizb.org.uk>.

Hizb ut-Tahrir, *The Inevitability of the Clash of Civilizations*, London, Al-Khilafah Publications, 2002.

Hizb ut-Tahrir, *The West’s Weapons of Mass Destruction and Colonialist Foreign Policy: The Assessment of the Muslim Community in Britain*, London, Al-Khilafah Publications, November 2002.

IBRAHIM, Nagib et. al., *Guidance of People between Means and Ends*, Cairo, al-Abikan, 2005.

Jabhat al-Nuṣrah, “Some Da’wah and Service Work Carried Out By Jabhat al-Nuṣrah in the City of al-Atārib and Its Surrounding Area”, 31 March 2015, disponível em



<http://jihadology.net/2015/03/31/new-video-message-from-jabhat-al-nu%e1%b9%a3rah-some-dawah-and-service-work-carried-out-by-jabhat-al-nu%e1%b9%a3rah-in-the-city-of-al-atarib-and-its-surrounding-area/> (data de último acesso: 23 de abril de 2015).

Jabhat al-Nusra, “Aspects of a Da’wah Forum in the Town of Turmānīn in Rural Western Aleppo”, 24 January 2015, disponível em <http://jihadology.net/2015/01/24/new-video-message-from-jabhat-al-nu%e1%b9%a3rah-aspects-of-a-dawah-forum-in-the-town-of-turmanin-in-rural-western-aleppo/> (data de último acesso: 23 de abril de 2015).

MAWDUDI, Abul A’la, *Essential Features of the Islamic Political System*, tradução de palestra proferida pelo autor na Radio Pakistan, Lahore, 20 January 1948, <http://www.islam101.com/politics/politicalsystem.htm> (data de último acesso: 11 de julho de 2012).

MAWDUDI, Abul A’la, *Jihad in Islam*, Beirut, The Holy Koran Publishing House, 2006.  
MAWDUDI, Abul A’la, *Tafhim al-Qur’an*, disponível em <http://www.searchtruth.com/tafsir/tafsir.php?chapter=4>.

MUHAMMED, Khalid Sheikh, *Statement to the Crusaders of the Military Commissions in Guantanamo*, disponível em <http://s3.documentcloud.org/documents/1004897/khalid-sheikh-Muhammeds-statement.pdf> (data de último acesso: 22 de janeiro de 2014).

MUHAMMED, Omar Bakri, “*The World is Divided into Two Camps...*” *Daar ul-Kufr and Daar ul-Islaam*, London, Ad-Da’wah Publications, 2004, disponível em [https://archive.org/stream/theWorldIsDividedIntoTwoCampsDaarUl-kufrAndDaarUl-islam/Kitaab\\_Dar\\_Islaam#page/n1/mode/2up](https://archive.org/stream/theWorldIsDividedIntoTwoCampsDaarUl-kufrAndDaarUl-islam/Kitaab_Dar_Islaam#page/n1/mode/2up) (data de último acesso: 24 de novembro de 2014).

Muslims Against Crusades, *About Us*, <http://www.muslimsagainstcrusades.com/index.php> (data de último acesso: 5 de abril de 2011).

NAJI, Abu Bakr, *The Management of Savagery: The Most Critical Stage Through Which the Umma Will Pass*, 2004, traduzida por William McCants, John M. Olin Institute for Strategic Studies, Harvard University, May 2006.

Qaedat al-Jihad, *A Statement from qaidat al-jihad regarding the mandates of the heroes and the legality of the operations in New York and Washington*, 24 April 2002, in Global Terrorism Research Project, Haverford College, <http://gtrp.haverford.edu/aqsi/aqsi-statement/563> (data de último acesso: 15 de abril de 2014).

QUTB, Sayyid, *Milestones*, s.l., American Trust Publications, 2005.

SALAM, Zahid-Ivan, *Jihad and the Foreign Policy of the Khilafah State*, Londres, Al-Khilafah Publications, 2001.

“Series on the Biography of the Life of Abū Muḥammad al-Maqdisī #18: Post-release and Staying in the Country For Da’wah and the Installing its Bases and the Issue Of the Millenium”, *Minbar at-Tawḥīd wa-l-Jihād*, 11 June 2014, disponível em <http://jihadology.net/2014/06/11/minbar-at-taw%e1%b8%a5id-wa-l-jihad-presents-a-new-video-message-series-on-the-biography-of-the-life-of-abu-mu%e1%b8%a5ammad-al-maqdisi-18-post-release-and-staying-in-the-country-for-daw/> (data de último acesso: 23 de outubro de 2014).

“Series on the Biography of the Life of Abū Muḥammad al-Maqdisī #16: Spreading the Da’wah In the Courts”, *Minbar at-Tawḥīd wa-l-Jihād*, 17 May 2014, disponível em <http://jihadology.net/2014/05/17/minbar-at-taw%e1%b8%a5id-wa-l-jihad-presents-a-new-video-message-series-on-the-biography-of-the-life-of-abu-mu%e1%b8%a5ammad-al-maqdisi-16-spreading-the-dawah-in-the-courts/> (data de ultimo acesso: 23 de outubro de 2014).

“Series on the Biography of the Life of Abū Muḥammad al-Maqdisī #14: Beginning of the Da’wah and Authorship in Prison”, *Minbar at-Tawḥīd wa-l-Jihād*, 18 April 2014, disponível em <http://jihadology.net/2014/04/18/minbar-at-taw%e1%b8%a5id-wa-l-jihad-presents-a-new-video-message-series-on-the-biography-of-the-life-of-abu-mu%e1%b8%a5ammad-al-maqdisi-14-beginning-of-the-dawah-and-authorship-in-prison/> (data de último acesso: 23 de outubro de 2014).

Taliban in Khorasan, *Azan*, n.º 6, Summer 2014.

Taliban in Khurasan, *Azan*, n.º 2, April / May 2013.

The 9/11 Shura Council, *The Islamic Response to the Government’s Nine Accusations*, Commission Order, United States of America v. Khalid Sheikh Muhammed, Walid Muhammed Salih Mubarak Bin ‘Attash, Ramzi Bin Al Shibh, Ali Abdul-Aziz Ali, Mustafa Ahmed Adam Al Hawsawi, Guantanamo Bay, Cuba, March 2009, disponível em <http://image.guardian.co.uk/sys-files/Guardian/documents/2009/03/10/gitmofiling.pdf?guni=Article:manual-trailblock%20package:Position1> (data de último acesso: 22 de janeiro de 2014).

The Islamic State, *Loyalty to Islām, Not the Nation-State!*, New da’wah literature, 30 August 2015, disponível em <http://jihadology.net/2015/08/30/new-dawah-literature-from-the-islamic-state-loyalty-to-islam-not-the-nation-state/> (data de último acesso: 1 de setembro de 2015).

The Islamic State, *Message To Those Who Fail To Come To Jihād*, New da'wah literature, 8 August 2015, disponível em <http://jihadology.net/2015/08/08/new-dawah-literature-from-the-islamic-state-message-to-those-who-fail-to-come-to-jihad/> (data de último acesso: 1 de setembro de 2015).

The Islamic State, *Marriage Contracts Office – Wilayat Nīnawā*, 2 August 2015, disponível em <http://jihadology.net/2015/08/02/new-video-message-from-the-islamic-state-marriage-contracts-office-wilayat-ninawa/> (data de último acesso: 3 de agosto de 2015)

The Islamic State, *Health Services in The Islamic State – Wilāyat al-Raqqah*, 24 April 2015, disponível em <http://jihadology.net/2015/04/24/new-video-message-from-the-islamic-state-health-services-in-the-islamic-state-wilayat-al-raqqah/> (data de último acesso: 27 de abril de 2015).

The Islamic State, *Da'wah Convoy for the Cubs of the Caliphate – Wilāyat Nīnawā*, 20 April 2015, disponível em <http://jihadology.net/2015/04/20/new-video-message-from-the-islamic-state-dawah-convoy-for-the-cubs-of-the-caliphate-wilayat-ninawa/> (data de último acesso: 23 de abril de 2015).

The Islamic State, “The ‘Ā’ishah Hospital Massacre Committed By the Nuṣayrī-Crusader Alliance – Wilāyat al-Furāt”, *Jihadology.net*, mensagem de vídeo, 8 March 2015, <http://jihadology.net/2015/03/08/new-video-message-from-the-islamic-state-the-aishah-hospital-massacre-committed-by-the-nu%E1%B9%A3ayri-crusader-alliance-wilayat-al-furat/> (data de último acesso: 9 de março de 2015).

The Islamic State, mapa Califado, <http://www.momkn.net/?p=25672> (data de último acesso: 12 de janeiro de 2015.)

The Islamic State, *Storming the Gate of Murshid Bīnār By the Army of the Caliphate – Wilāyat al-Raqqah*, 30 November 2014, disponível em <http://jihadology.net/2014/11/30/new-video-message-from-the-islamic-state-storming-the-gate-of-murshid-binar-by-the-army-of-the-caliphate-wilayat-al-raqqah/> (data de último acesso: 15 de dezembro de 2014).

The Islamic State, *Mujatweets Episode #8*, al-Ḥayāt Media Center, 25 July 2014, disponível em <http://jihadology.net/2014/07/25/al-%e1%b8%a5ayat-media-center-presents-a-new-video-message-from-the-islamic-state-mujatweets-episode-8/> (data de último acesso: 2 de agosto de 2014).

The Islamic State of Iraq and al-Shām, *Mujatweets Episode #1*, al-Ḥayāt Media Center, 31 May 2014, disponível em <http://jihadology.net/2014/05/31/al-%e1%b8%a5ayat->

[media-center-presents-a-new-video-message-from-islamic-state-of-iraq-and-al-sham-mujatweets-episode-1/](#) (data de último acesso: 2 de agosto de 2014).

The Islamic State, *Dabiq*, n.º 10, al-Hayat Media Center, Ramadan 1436 (junho 2015), <https://azelin.files.wordpress.com/2015/07/the-islamic-state-e2809cdc481biq-magazine-1022.pdf>.

The Islamic State, *Dabiq*, n.º 8, al-Hayat Media Center, Jumada Al-Akhirah 1436 (março de 2015), <https://azelin.files.wordpress.com/2015/03/the-islamic-state-e2809cdc481biq-magazine-8e280b3.pdf>.

The Islamic State, *Dabiq*, n.º 7, al-Hayat Media Center, Rabi' Al-Akhir 1436 (fevereiro 2015), <https://azelin.files.wordpress.com/2015/02/the-islamic-state-e2809cdc481biq-magazine-722.pdf>.

The Islamic State, *Dabiq*, n.º 4, al-Hayat Media Center, Dhul-Hijjah 1435 (setembro 2014), <https://azelin.files.wordpress.com/2015/02/the-islamic-state-e2809cdc481biq-magazine-422.pdf>.

The Islamic State, *Dabiq*, n.º 2, al-Hayat Media Center, Ramadan 1435 (julho 2014), <https://azelin.files.wordpress.com/2014/07/islamic-state-e2809cdc481biq-magazine-2e280b3.pdf>.

The Islamic State, *Dabiq*, n.º 1, al-Hayat Media Center, Ramadan 1435 (julho 2014), <https://azelin.files.wordpress.com/2014/07/islamic-sate-e2809cdc481.biq-magazine-2e280b3.pdf>.

The Islamic State, *This is the Promise of Allah*, al-Hayat Media Center, 29 June 2014, [https://ia902505.us.archive.org/28/items/poa\\_25984/EN.pdf](https://ia902505.us.archive.org/28/items/poa_25984/EN.pdf).

ZUHDI, Karam et. al., *The Strategy and the Bombings of al-Qa'ida: The Mistakes and the Dangers*, Cairo, al-Turath al-Islami, 2002.

## B) Livros

ABBAS, Tahir (Ed.), *Islamic Political Radicalism: An European Perspective*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 2007.

AFSARUDDIN, Asma, *Striving in the Path of God: Jihad and Martyrdom in Islamic Thought*, Oxford, Oxford University Press, 2013.

AHMED, Akbar S., *O Islão*, Lisboa, Bertrand Editora, 2002.

ALBRIGHT, Madeleine, *Os Poderosos e o Todo-Poderoso. Reflexões sobre a América, Deus e o Mundo*, Algés, Difel, 2006.

- AL-DAWOODY, Ahmed, *The Islamic law of war: justifications and regulations*, New York, Palgrave Macmillan, 2011.
- ALLIEVI, Stefano, *Musulmani D'Occidente: Tendenze dell'Islam Europeo*, Roma, Carocci Editore, 2002.
- ALLIEVI, Stefano and NIELSON, Jørgen S. (eds), *Muslim Networks and Transnational Communities in and across Europe*, Leiden, Brill, 1993.
- ALMEIDA E SILVA, Teresa de, *Islão e Fundamentalismo Islâmico: Das Origens ao Século XXI*, Lisboa, Pactor, 2011.
- AL-RASHEED, Madawi, *Contesting the Saudi State. Islamic Voices from a New Generation*, Cambridge, Cambridge University Press, 2007.
- AL-ZAYYAT, Montasser, *The Road to Al-Qaeda: The Story of Bin Lāden's Right-Hand Man*, London, Pluto Press, 2004.
- ARENDRT, Hannah, "*The Origin of Totalitarianism*, 7<sup>a</sup> ed., Cleveland, Meridian Books, 1962.
- ARMSTRONG, Karen, *Islam: A Short History*, London, Phoenix Press, 2000.
- ASHOUR, Omar, *The De-Radicalization of Jihadists*, New York, Routledge, 2010.
- AYUBI, Nazih N., *Political Islam, Religion and Politics in the Arab World*, London, Routledge, 1991.
- BAR, Schmucl, *Warrant for Terror: Fatāwā of Radical Islam and the Duty of Jihad*, Lanham, Rowman & Littlefields Publishers, 2006.
- BELL, Daniel, *The End of Ideology: On the Exhaustion of Political Ideas in the Fifties*, Glencoe, IL, Free Press, 1960.
- BERGEN, Peter L., *The Osama bin Laden I Know: An Oral History of al-Qaeda's Leader*, New York, Free Press, 2006.
- BERGEN, Peter, *Holy War, Inc. – Inside the Secret World of Osama Bin Laden*, New York, The Free Press, 2001.
- BERGER, J. M., *Jihad Joe: Americans who go to war in the name of Islam*, Washington, DC, Potomac Books, 2011.
- BJØRGO Tore (ed.), *Root Causes of Terrorism: myths, reality and ways forward*, New York, Routledge, 2005.
- BLOOM, Mia, *Dying to Kill: The Allure of Suicide Terror*, New York, Columbia University Press, 2005.
- BONNER, Michael, *Jihad in Islamic History. Doctrines and Practice*, Princeton, Princeton University Press, 2006.

- BONNEY, Richard, *Jihād. From Qur'ān to bin Laden*, New York, Palgrave Macmillan, 2004.
- BOUBEKEUR, Amel, ROY, Olivier, *Whatever Happened to the Islamists? Salafis, Heavy Metal Muslims and the Lure of Consumerist Islam*, London, Hurst and Company, 2012.
- BRACHMAN, Jarret M., *Global Jihadism. Theory and Practice*, London and New York, Routledge, 2009.
- BRISARD, Jean-Charles, MARTINEZ, Damien, *Zarqawi: The New Face of Al-Qaeda*, Cambridge, Polity Press, 2005.
- BURGAT, François, *L'Islamisme a L'Heure D'Al-Qaida*, Paris, Éditions La Decouverte, 2005.
- BURGAT, François, *Face to Face with Political Islam*, London, I. B. Tauris, 2003.
- BURKE, Jason, *Al-Qaeda: A História do Islamismo Radical*, Lisboa, Quetzal Editores, 2004.
- CALVERT, John, *Islamism: a documentary and reference guide*, Westport, Connecticut, Greenwood Press, 2008.
- CANTWELL SMITH, Wilfred, *Islam in Modern History*, Princeton, Princeton University Press, 1977.
- CESARI, Jocelyne, *L'Islam à L'Épreuve de L'Occident*, Paris, Le Découverte, 2004.
- CESARI, Jocelyne, *When Islam and Democracy Meet. Muslims in Europe and the United States*, New York, Palgrave Macmillan, 2004.
- CHOUËIRI, Youssef M., *Islamic Fundamentalism*, London, Continuum, 1997.
- COOK, David, *Understanding Jihad*, Berkeley, University of California Press, 2005.
- COOK, Michael Cook, *Commanding Right and Forbidding Wrong in Islamic Thought*, New York, Cambridge University Press, 2000.
- COOLSAET, Rik (ed.), *Jihadi Terrorism and the Radicalisation Challenge*, 2.<sup>a</sup> ed., Surrey, Ashgate, 2011.
- CORBIN, Jane, *Al Qaeda: The Terror Network that Threatens the World*, New York, Thunder's Mouth Press, 2002.
- CORDESMAN, Anthony H., *Saudi Arabia Enters the Twenty-First Century: The Political, Foreign Policy, Economic, and Energy Dimension*, Westport, Praeger Publishers, 2003.
- COSTA, Hélder Santos, *O Revivalismo Islâmico*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2001.

- CRONE, Patricia, *Medieval Islamic Political Thought*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 2004.
- DALACOURA, Katerina, *Islamist Terrorism and Democracy in the Middle East*, Cambridge, Cambridge University Press, 2011.
- DASSETTO, Felice, *La construction de l'islam européen*, Paris, L'Harmattan, 1996.
- DAVIDSON, Lawrence, *Islamic Fundamentalism*, Westport, Connecticut, Greenwood Press, 1998.
- DEKMEJIAN, R. Hrair, *Islam in Revolution: Fundamentalism in the Arab World*, 2.<sup>a</sup> Ed., New York, Syracuse University Press, 1995.
- DELLA PORTA, Donatella, *Social Movements, Political Violence and the State: A Comparative Analysis of Italy and Germany*, New York, Cambridge University Press, 1995.
- DESSOUKI, Hillal, *Islamic Resurgence in the Arab World*, New York, Praeger Publishers, 1982.
- DEVJI, Faisal, *Landscapes of Jihad. Militancy, Morality and Modernity*, London, Hurst & Company, 2005.
- DONNER, Fred, *The Early Islamic Conquests*, Princeton, Princeton University Press, 1981.
- EAGLETON, Terry, *Ideology: An Introduction*, London, Verso, 1991.
- EICKELMAN, Dale e PISCATORI, James, *Muslim Politics*, Princeton, Princeton University Press, 1996.
- EL- AFFENDI, Abdelwahab, *Who Needs an Islamic State?*, London, Grey Seal Books, 1991.
- ENAYAT, Hamid, *Modern Islamic Political Thought*, London, I.B. Taurus, 2005.
- ESPOSITO, John L., *The Oxford Dictionary of Islam*, New York, Oxford University Press, 2003.
- ESPOSITO, John L., *Unholy War: Terror in the Name of Islam*, New York, Oxford University Press, 2002.
- ESPOSITO, John L., *The Islamic Threat. Myth or Reality?*, New York, Oxford University Press, 1999.
- ESPOSITO, John, *Islam and Politics*, New York, Syracuse University press, 1984.
- ÉTIENNE, Bruno, *L'Islamisme Radical*, Paris, Hachette, 1987.

- EUBEN, Roxanne L. e ZAMAN, Muhammed Qasim, *Princeton Readings in Islamist Thought: Texts and Contexts from al-Banna to Bin Laden*, Princeton, Princeton University Press, 2009.
- FELDMAN, Noah, *The Fall and Rise of the Islamic State*, Princeton, Princeton University Press, 2008.
- FENSTERMACHER, Laurie, LEVENTHAL, Todd (eds.), *Countering Violent Extremism: Scientific Methods and Strategies*, Washington, D.C., NSI Inc., 2011.
- FERNANDES, José Pedro Teixeira, *Islamismo e Multiculturalismo: As Ideologias após o Fim da História*, Coimbra, Edições Almedina, 2006.
- FILIU, Jean-Pierre, *The Arab Revolution. Ten Lessons From The Democratic Uprising*, London, Hurst & Company, 2011.
- FIRESTONE, Reuven, *Jihad. The Origin of Holy War in Islam*, New York, Oxford University Press, 1999.
- FOLEY, Frank, *Countering Terrorism in Britain and France: Institutions, Norms and the Shadow of the Past*, Cambridge, Cambridge University Press, 2013
- FOREST, James J. F. (ed.), *The Making of a Terrorist: Recruitment, Training, and Root Causes*, vol. I-III, Westport, CT, Praeger Security International, 2006.
- FULLER, Graham E., *The Future of Political Islam*, New York, Palgrave Macmillan, 2003.
- GAMBETTA, Diego, *Making Sense of Suicide Missions*, Oxford, Oxford University Press, 2005.
- GEERTZ, Clifford, *The Interpretation of Cultures*, New York, Basic Books, 1973.
- GERGES, Fawaz, *Journey of the Jihadist. Inside Muslim Militancy*. Orlando, Harcourt, 2007.
- GERGES, Fawaz A., *The Far Enemy: Why Jihad Went Global*, New York, Cambridge University Press, 2005.
- GROEN, Janny and KRANENBERG, Annieke, *Women Warriors for Allah: An Islamist Network in the Netherlands*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2010.
- GOODY, Jack, *Islam ed Europa*, Milano, Raffaello Cortina Editore, 2004.
- GOZLAN, Martin, *Pour Comprendre L'Intégrisme Islamique*, Paris, Albin Michel, 1998.
- GUAZZONE, Laura (ed.), *Il dilemma dell' Islam: politica e movimenti islamisti nel mondo arabo contemporaneo*, Roma, Franco Angeli, 1995.



- GUEDES, Armando Marques, *Ligações Perigosas –Conectividade, Coordenação e Aprendizagem em Redes Terroristas*, Coimbra, Almedina, 2007.
- GUNARATNA, Rohan, *No Interior da al-Qaeda, Rede Global de Terror*, Lisboa, Relógio D'Água, 2004.
- GUOLO, Renzo, *Avanguardie della Fede: L' Islamismo tra ideologia e política*, Milano, Guerine e Associati, 1999.
- HADDAD, Yvonne (ed.), *Muslims in the West: From Sojourners to Citizens*, Oxford, Oxford University Press, 2002.
- HAENNI, Patrick, *L'Islam de marche*, Paris, Seuil, 2005.
- HAFEZ, Muhammed M., *Suicide Bombers in Iraq: The Strategy and Ideology of Martyrdom*, Washington, DC, United States Institute of Peace, 2007.
- HAINES, Herbert H., *Black Radicals and the Civil Rights Mainstream, 1954-1970*, Knoxville, The University of Tennessee Press, 1988.
- HEGGHAMMER, Thomas, *Jihad in Saudi Arabia. Violence and Pan-Islamism since 1979*, Cambridge, Cambridge University Press, 2010.
- HELLMICH, Christina, *Al-Qaeda: From Global Network to Local Franchise*, Londres e New York, Zed Books, 2011.
- HEYWOOD, Andrew, *Political Ideologies: An Introduction*, 4<sup>a</sup> ed., New York, Palgrave Macmillan, 2007.
- HOFFMAN, Bruce, REINARES, Fernando (eds.), *The Evolution of the Global Terrorist Threat*, New York, Columbia University Press, 2014.
- HOFFMAN, Bruce, *Inside Terrorim*, 2.<sup>a</sup> ed., New York, Columbia University Press, 2006.
- HORGAN, John, *The Psychology of Terrorism*, London, Routledge, 2005.
- HOURANI, Albert, *Arabic Thought in the Liberal Age 1798-1939*, Cambridge, Cambridge University press, 1983.
- HUNTER, Shireen T. (ed.), *Islam, Europe's Second Religion: The New Social, Cultural, and Political Ladscape*, Westport, Praeger, 2002.
- HUNTINGTON, Samuel P., *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*, 2<sup>a</sup> ed., Lisboa, Gradiva, 2001.
- HUSAIN, Ed, *The Islamist*, London, Penguin Books, 2007.
- HUSAIN, Mir Zohair, *Global Islamic Politics*, New York, Harper Collins, College Publishers, 1995.

- INGRAM, Haroro J., *The Charismatic Leadership Phenomenon in Radical and Militant Islamism*, Surrey, Ashgate, 2013.
- ISMAEL, Salwa, *Rethinking Islamist Politics. Culture, the State and Islamism*, New York, I. B. Taurus, 2006.
- JANSEN, Johannes J. G., *The Neglected Duty. The Creed of Sadat's Assassins and Islamic Resurgence in the Middle East*, New York, Macmillan Publishing Company, 1986.
- JUERGENSMEYER, Mark, KITTS, Margo, JERRYSON, Michael (eds.), *The Oxford Handbook of Religion and Violence*, Oxford, Oxford University Press, 2013.
- JUERGENSMEYER, Mark, *Terror in the Name of God: The Global Rise of Religious Violence*, Berkeley, University of California Press, 2003.
- KELSAY, John and JOHNSON, James Turner (eds.), *Just War and Jihad: Historical and Theoretical Perspectives on War and Peace in Western and Islamic Traditions*, Westport, Connecticut, Greenwood Press, 1991.
- KENDALL, Elisabeth, STEIN, Ewan (eds.), *Twenty-First Century Jihad: Law, Society and Military Action*, London, I.B. Tauris, 2015.
- KEPEL, Gilles, *Al-Qaida Dans Le Texte*, Paris, PUF, 2005.
- KEPEL, Gilles, *The Roots Of Radical Islam*, London, Saqi, 2005.
- KEPEL, Gilles, *Fitna: Guerre au cœur de l'islam*, Paris, Gallimard, 2004.
- KEPEL, Gilles, *Jihad: The Trail of Political Islam*, 3<sup>a</sup> ed., Massachusetts, Harvard University Press, 2003.
- KEPEL, Gilles, *Les Banlieues de l'Islam: Naissance d'une Religion en France*, Paris, Éditions du Seuil, 1991.
- KHADDURI, Majid, *The Islamic Law of Nations: Shaybani's Siyar*, Baltimore, John Hopkins University Press, 1966.
- KHOSROKHAVAR, Farhad, *Jihadist Ideology: The Anthropological Perspective*, Aarhus, Aarhus University, 2011.
- KHOSROKHAVAR, Farhad, *Inside Jihadism: Understanding Jihadi Movements Worldwide*, Boulder, Paradigm Publishers, 2009.
- KHOSROKHAVAR, Farhad, *Quand Al-Qaida parle*, Paris, Éditions Grasset, 2006.
- KHOSROKHAVAR, Farhad, *Suicide Bombers: Allah's New Martyrs*, London, Pluto Press, 2005.
- KLAUSEN, Jytte, *The Islamic Challenge: Politics and Religion in Western Europe*, Oxford, Oxford University Press, 2005.

- KOHLMANN, Evan F., *Al-Qaida's Jihad in Europe. The Afghan-Bosnian Network*, Oxford, Berg, 2004.
- KORANY, Bahgat (ed.), *The Changing Middle East: A New Look at Regional Dynamics*, Cairo, The American University of Cairo Press, 2010.
- LACEY, Jim (ed.), *The Canons of Jihad: Terrorists' Strategy for Defeating America*, Annapolis, Maryland, Naval Institute Press, 2008.
- LAHOUD, Nelly, *The Jihadis' Path to Self-destruction*, New York, Columbia University Press, 2010.
- LAWRENCE, Bruce, *Messages to the World: The Statements from Osama Bin Laden*, London, Verso, 2005.
- LEWIS, Bernard, *A Crise do Islão – Guerra Santa e Terror Ímpio*, Lisboa, Relógio D'água, 2006.
- LEWIS, Bernard, *O Médio Oriente e o Ocidente: O Que correu Mal?*, Lisboa, Gradiva, 2003.
- LEWIS, Bernard, *The Political Language of Islam*, Chicago, The University of Chicago Press, 1998.
- LIA, Brynjar, *The Society of the Muslim Brothers in Egypt: The Rise of an Islamic Mass Movement, 1928-1942*, Reading, Ithaca Press, 1998.
- MALET, David, *Foreign Fighters, Transnational Identity in Civil Conflicts*, Oxford, Oxford University Press, 2013.
- MALTHANER, Stefan, WALDMANN, Peter (eds.), *Radikale Milieus: Das Soziale Umfeld Terroristischer Gruppen*, Frankfurt am Main, Campus Verlag, 2012.
- MANDAVILLE, Peter, *Global political Islam*, London, Routledge, 2007.
- MARÉCHAL, Brigitte, *The Muslim Brothers in Europe: Roots and Discourse*, Leiden, Brill, 2008.
- MARÉCHAL, Brigitte, ALLIEVI, S., DASSETTO, F. and NIELSON J. S. (eds.), *Muslims in the Enlarged Europe. Religion and Society*, Leiden, Brill, 2003.
- McCAULEY, Clark, MOSKALENKO, Sophia, *Friction: How Radicalization Happens to Them and Us*, New York, Oxford University Press, 2011.
- MEIJER, Roel, BAKKER, Edwin (eds.), *The Muslim Brotherhood in Europe*, New York, Columbia University Press, 2013.
- MEIJER, Roel (ed.), *Global Salafism. Islam's New Religious Movement*, London, Hurst & Company, 2009.

- METCALF, Barbara D. (ed.), *Making Muslim Space in North America and Europe*, Berkeley, University of California Press, 1996.
- METCALF, Barbara D., *Islamic Revival in British India: Deoband, 1860-1900*, Princeton, Princeton University Press, 1982.
- MILTON-EDWARDS, Beverly, *Contemporary Politics in the Middle-East*, 2<sup>a</sup> ed., Cambridge, Polity Press, 2006.
- MITCHELL, Richard P., *The Society of the Muslim Brothers*, New York, Oxford University Press, 1993.
- MONIQUET, Claude, *Le Djihad, Histoire Secrète des Hommes et des Réseaux en Europe*, Paris, Éditions Ramsay, 2004.
- MORABIA, Alfred, *Le Gihâd dans l'Islam medieval: Le "combat sacré" des origines au XII<sup>ème</sup> siècle*, Paris, Albin Michel, 1993.
- MOREIRA, Adriano (ed.), *Terrorismo*, Coimbra, Almedina, 2004.
- MUÑOZ, Gema Martín, *El Estado Árabe: Crisis de legitimidad y contestación islamista*, Biblioteca del Islam Contemporâneo / 12, Barcelona, Editions Bellaterra, 2000.
- MUSALLAM, Adnan A., *From Secularism to Jihad: Sayyid Qutb and the Foundations of Radical Islamism*, Westport, Praeger, 2005.
- NAUMKIN, Vitaly V., *Radical Islam in Central Asia. Between Pen and Rifle*, Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2005.
- NEUMANN, Peter R., *Old and New Terrorism*, Cambridge, Polity Press, 2009.
- NEUMANN, Peter R., *Joining Al-Qaeda. Jihadist Recruitment in Europe*, London, The International Institute for Strategic Studies/Routledge, 2008.
- NIELSON, Jørgen S., *Muslims in Western Europe*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 1992.
- NOGUEIRA PINTO, Jaime, *O Islão e o Ocidente – A Grande Discórdia*, Alfragide, D. Quixote, 2015.
- NONNEMANN, Gerd, NIBLOCK, Tim and SZAJKOWSKY, B. (eds.), *Muslim Communities in the New Europe*, Berkshire, Ithaca Press, 1996.
- NOTH, Albrecht, *Heiliger Krieg und heiliger Kampf in Islam und Christentum*, Bona, Ludwig Röhrscheid Verlag, 1966.
- OLSON, Mancur, *The Logic of Collective Action: Public Goods and the Theory of Groups*, 20<sup>a</sup> ed., Cambridge, Harvard University Press, 2002.
- PARGETER, Alison, *The Muslim Brotherhood. The Burden of Tradition*, London, Saqi, 2010.

- PARGETER, Alison, *The New Frontiers of Jihad. Radical Islam in Europe*, London, I.B. Tauris, 2008.
- PETERS, Rudolph, *Islam and Colonialism. The Doctrine of Jihad in Modern History*, The Hague, Mouton, 1979.
- PETERS, Rudolph, *Jihad in Classical and Modern Islam*, 2.<sup>a</sup> ed., Princeton, Markus Wiener Publishers, 2005.
- PINTO, Maria do Céu (coord.), *O Islão na Europa face ao Islão Global: Desafios e Tensões*, Lisboa, Ed. Diário de Bordo, 2012.
- PINTO, Maria do Céu (coord.), *O Islão na Europa*, Lisboa, Prefácio, 2006.
- PINTO, Maria do Céu, “*Infiéis na Terra do Islão*”: *Os Estados Unidos, o Médio Oriente e o Islão*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003.
- POST, Jerrold M., *The Mind of the Terrorist: The Psychology of Terrorism from the IRA to Al Qaeda*, New York, Palgrave Macmillan, 2007.
- PRUTHI, R. K. (Ed.), *Enciclopaedia of Jihad*, Nova Deli, Anmol Publications PVT, 2002.
- RAMADAN, Tariq, *Western Muslims and the Future of Islam*, Oxford, Oxford, University Press, 2004.
- RANSTORP, Magnus (ed.), *Understanding Violent Radicalisation. Terrorist and Jihadist Movements in Europe*, London and New York, Routledge, 2010.
- RANSTORP, Magnus (ed.), *Mapping Terrorism Research: State of the Art, Gaps and Future Direction*, New York, Routledge, 2006.
- RAPOPORT, David (ed.), *Inside Terrorist Organizations*, London, Frank Cass & Co., 2001.
- RASHID, Ahmed, *Jihad – Ascensão do Islão Militante na Ásia Central*, Lisboa, Terramar, 2003.
- RASHID, Ahmed, *Taliban: Militant Islam, Oil and Fundamentalism in Central Asia*, New York, I.B. Tauris & Co. Ltd, 2000.
- REICH, Walter (ed.), *Origins of Terrorism: Psychologies, Ideologies, Theologies, State of Mind*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990.
- REJWAN, Nissim, *The many faces of Islam: Perspectives on a Resurgent Civilization*, Gainesville, University Press of Florida, 2000.
- RIEDEL, Bruce, *The Search for A Qaeda: its Leadership, Ideology, and Future*, Washington, D.C., Brookings Institution Press, 2010.

- ROSHANDEL, Jalil, CHADHA Sharon, *Jihad and International Security*, New York, Palgrave Macmillan, 2006.
- ROY, Olivier, *L'Islam Mondialisé*, Paris, Éditions du Seuil, 2002.
- ROY, Olivier, *Généalogie de l'islamisme*, Paris, Hachette Littératures, 2001.
- ROY, Olivier, *The Failure of Political Islam*, Massachusetts, Harvard University Press, 1996.
- RUBIN, Barry (ed.), *Guide to Islamist Movements*, New York, M.E. Sharpe, 2010.
- RUBIN, Barry (ed.), *The Muslim Brotherhood: The Organization and Policies of a Global Islamist Movement*, New York, Palgrave Macmillan, 2010.
- SAGEMAN, Marc, *Leaderless Jihad*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2008.
- SAGEMAN, Marc, *Understanding Terror Networks*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2004.
- SCHEUER, Michael, *Through Our Enemies' Eyes: Osama Bin Laden, Radical Islam, and the Future of America*, Virginia, Potomac Books, 2006.
- SCHMID, Alex (ed.), *The Routledge Handbook of Terrorism Research*, New York, Routledge, 2011.
- SCHMID, Alex and JONGMAN, Albert, *Political Terrorism: A New Guide to Actors, Authors, Concepts, Data Bases, Theories and Literature*, 2<sup>a</sup> ed., New Jersey, Transaction Publishers, 2005.
- SHEHATA, Samer, *Islamist Politics in the Middle East: Movements and Change*, New York, Routledge, 2012.
- SIDAHMED, Abdel Salam, EHTESHAMI, Anoushiravan, *Islamic Fundamentalism*, Boulder, Colorado, Westview Press, 1996.
- SILKE, Andrew (ed.), *Prisons, Terrorism and Extremism: Critical issues in Management, Radicalisation and Reform*, London, Routledge, 2013.
- SILKE, Andrew (ed.), *The Psychology of Counter-Terrorism*, London, Routledge, 2011.
- SILKE, Andrew (ed.), *Research on Terrorism: Trends, Achievement and Failures*, Oxon, Frank Cass, 2004.
- SILKE, Andrew (ed.), *Terrorists, Victims and Society: Psychological Perspectives on Terrorism and its Consequences*, Wiley, West Sussex, 2003.
- SIMCOX, Robin et al., *Islamist Terrorism: The British Connection*, 2<sup>nd</sup> ed., London, The Henry Jackson Society and The Centre for Social Cohesion, 2011.

- SIVAN, Emmanuel, *Radical Islam. Medieval Theology and Modern Politics*, New Haven, Yale University Press, 1985.
- SOHAIL, Mahmood, *The Concept of an Islamic State*, Lahore, Progressive Publishers, 1989.
- SPECKHARD, Anne, *Talking to Terrorists: Understanding the Psycho-social Motivations of Militant Jihadi Terrorists, Mass Hostage Takers, Suicide Bombers & "Martyrs"*, McLean, VA, Advances Press, 2012.
- STEGER, Manfred B., *The Rise of the Global Imaginary. Political Ideologies from the French Revolution to the Global War on Terror*, Oxford, Oxford University Press, 2009.
- STEINBERG, Guido W., *German Jihad: On the Internationalization of Islamist Terrorism*, New York, Columbia University Press, 2013.
- STERN, Jessica, *Terror in the Name of God. Why Religious Militants Kill*, New York, Harper Collins, 2003
- TAJI-FAROUKI, Suha, NAFI, Basheer M. (ed.), *Islamic Thought in the Twentieth Century*, London, I. B. Tauris, 2004.
- TAJI-FAROUKI, Suha, *A Fundamental Quest: Hizb ut-Tahrir and the Search for the Islamic Caliphate*, London, Grey Seal, 1996.
- TIBI, Bassam, *Political Islam, World Politics and Europe: Democratic Peace and Euro-Islam Versus Global Jihad*, New York, Routledge, 2008.
- TIBI, Bassam, *The Challenge of Fundamentalism. Political Islam and the New World Disorder*, Berkeley, University of California Press, 2002.
- TILLY, Charles, *Coersion, Capital and European States*, Cambridge, MA, Basil Blackwell, 1990.
- VATIKIOTIS, P. J., *Islam and the State*, London, Routledge, 1987.
- VERTOVEC, Steven and PEACH, Ceri (eds.), *Islam in Europe. The Politics of Religion and Community*, London, Macmillan Press Ltd., 1996.
- VIDINO, Lorenzo, *The New Muslim Brotherhood in the West*, New York, Columbia University Press, 2010.
- VIDINO, Lorenzo, *Al Qaeda in Europe: The New Battleground of International Jihad*, New York, Prometheus Books, 2006.
- VINCENT, Andrew, *Modern Political Ideologies*, 3<sup>a</sup> ed., West Sussex, Wiley-Blackwell, 2010.
- WALI, Farhaan, *Radicalism Unveiled*, Farham, Surrey & Burlington, VT, Ashgate, 2013.

WEBER, Max, *The Theory of Economics and Social Organization*, New York, Free Press, 1964.

WIKTOROWICZ, Quintan (ed.), *Islamic Activism: A Social Movement Theory Approach*, Bloomington, Indiana University Press, 2004.

WIKTOROWICZ, Quintan, *Radical Islam Rising*, Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, 2005.

WILSON, John, *Introduction to Social Movements* New York, Basic Books, 1973.

WINKLER, Carol, *In the Name of Terrorism: Presidents on Political Violence in the Post-World War II Era*, Albany, State University of New York Press, 2006.

WRIGHT, Lawrence, *A Torre do Desassossego*, Cruz Quebrada, Casa das Letras, 2007.

ZAKARIYYA, Fouad, *Myth and reality in the Contemporary Islamist Movement*, London, Pluto Press, 2005.

#### C) Artigos em Livros e em Revistas Científicas

AHMED, Rumea, “Book Review ‘Jihad: From Qur’na to Bin Laden’”, *The American Journal of Islamic Social Sciences*, vol. 22, n.º 3, 2005, pp. 131-134.

ALI, Ameer, “Islamism: Emancipation, Protest and Identity”, *Journal of Muslim Minority Affairs*, vol. 20, n.º 1, 2000, pp. 11-28.

ALI, Jan, “Islamic Revivalism: The Case of the Tablighi Jamaat”, *Journal of Muslim Minority Affairs*, vol. 23, n.º 1, 2003, pp. 173-181.

ALI, Shaheen Sardar e REHMAN, Javaid, “The concept of Jihad in Islamic International Law”, *Journal of Conflict & Security Law*, vol. 10, n.º 3, 2005, pp. 321-343.

ALLIEVI, Stefano, “How & Why ‘Immigrants’ Became ‘Muslims’”, *ISIM Review*, vol. 18, Autumn 2006, p. 37, [https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/10078/Review\\_18.pdf?sequence=1](https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/10078/Review_18.pdf?sequence=1) (data de último acesso: 10 de janeiro de 2010).

AMGHAR, Samir, “Le Salafisme en Europe: la mouvance polymorphe d’une radicalisation”, *Politique Étrangère*, n.º 1, 2006, pp. 67-78.

ANWAR, Muhammad, “Muslims in Western Countries: The British Experience and the Way Forward”, *Journal of Muslim Minority Affairs*, vol. 28, n.º 1, 2008, pp. 125-137.

ARMSTRONG, Hannah, “The In Amenas Attack in the Context of Southern Algeria’s Growing Social Unrest”, *CTC Sentinel*, vol. 7, n.º 2, Combating Terrorism Center at West Point, February 2014, pp. 14-16.



ASAL, Victor, ACKERMAN, Gary and RETHEMEYER, R. Karl, “Connections Can Be Toxic: Terrorist Organizational Factors and the Pursuit of CBRN Weapons”, *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 35, n.º 3, 2012, pp. 229-254.

ASAL, Victor, RETHEMEYER, R. Karl, “The Nature of the Beast: Organizational Structures and the Lethality of Terrorist Attacks”, *The Journal of Politics*, vol. 70, n.º 2, 2008, pp. 437-449.

ASHOUR, Omar, “Egypt’s democratic Jihadists?”, *Foreign Policy*, 13 de Julho de 2011, [http://mideast.foreignpolicy.com/posts/2011/07/13/egypt\\_s\\_democratic\\_jihadists](http://mideast.foreignpolicy.com/posts/2011/07/13/egypt_s_democratic_jihadists) (data de acesso: 16 de julho de 2011).

ASHOUR, Omar e ÜNLIÜCAYAKLI, Emre, “Islamists, Soldiers, and Conditional Democrats: Comparing the Behaviors of Islamists and the Military in Algeria and Turkey”, *The Journal of Conflict Studies*, vol. 26, n.º 2, Winter 2006, pp. 104-132.

ATRAN, Scott, “Who Becomes a Terrorist Today?”, *Perspectives of Terrorism*, vol. 2, n.º 5, March 2008, pp. 3-10.

AYOOB, Muhammed, “The Future of Political Islam: the importance of external variables”, *International Affairs*, vol. 81, n.º 5, 2005, pp. 951-961.

BANDURA, Albert, “Selective Moral Disengagement in the Exercise of Moral Agency”, *Journal of Moral Education*, vol. 31, n.º 2, 2002, pp. 101-119.

BANKS, William C., “Alternative Views of the Terrorist Threat”, *International Studies Review*, vol. 7, n.º 4, December 2005, pp. 669-684.

BARAN, Zeyno, “Fighting the War of Ideas”, *Foreign Affairs*, vol. 84, n.º 6, November/December 2005.

BARBER, Benjamin, “Democracy and Terror in the Era of Jihad vs McWorld”, in Ken Booth and Tim Dune (eds.), *Worlds in Collision: Terror and the Future of Global Order*, New York, Palgrave Macmillan, 2002, pp. 245-262.

BAROUDI, Sami E., “In the Shadow of the Qur’an: Recent Islamist Discourse on the United States and US Foreign Policy”, *Middle Eastern Studies*, vol. 46, n.º 4, July 2010, pp. 569-594.

BATRAWI, S., “The Dutch Foreign Fighter Contingent in Syria”, *CTC Sentinel*, vol. 6, n.º 10, Combating Terrorism Center at West Point, October 2013.

BAYAT, Asef, “The Post-Islamic Revolutions”, *Foreign Affairs*, 26 April 2011, <http://www.foreignaffairs.com/articles/67812/asef-bayat/the-post-islamist-revolutions> (data do último acesso: 27 abril de 2011).

BAYAT, Asef, “What is Post-Islamism?”, *ISIM Review*, n.º 16, Autumn 2005, p.5.

BAYAT, Asef, "The Coming of a Post-Islamist Society", *Critique: Critical Middle East Studies*, n.º 9, Autumn 1996, pp. 43-52.

BERGEN, Peter, HOFFMAN Bruce and TIEDEMANN Katherine, "Assessing the Jihadist Terrorist Threat to America and American Interests", *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 34, n.º 2, 2011, pp. 65-101.

BERGEN, Peter, "The Terrorists Among us", *Foreign Policy*, 19 de November 2009, [http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/11/18/the\\_terrorists\\_among\\_us](http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/11/18/the_terrorists_among_us) (data do último acesso: 14 de maio de 2012).

BERGEN, Peter L. and PANDEY, Swati, "The Madrassa Scapegoat", *The Washington Quarterly*, vol. 29, n.º 2, March 2006, pp. 117-125.

BLAYDES, Lisa, RUBIN, Lawrence, "Ideological Reorientation and Counterterrorism: Confronting Militant Islam in Egypt", *Terrorism and Political Violence*, vol. 20, n.º 4, 2008, pp. 461-479.

BLOOM, Mia, "Palestinian Suicide Bombing: Public Support, Market Share, and Outbidding", *Political Science Quarterly*, vol. 119, n.º 1, Spring 2004.

BORUM, Randy, "Rethinking Radicalization", *Journal of Strategic Security*, vol. 4, n.º 4, 2011, pp. 1-5.

BRACHMAN, Jarret e WARIUS, Abdullah, "Abu Yahya al-Libi's 'Human Shields in Modern Jihad'", *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 6, Combating Terrorism Center at West Point, May 2008, pp. 1-4.

BRACHMAN, Jarret, "High-Tech Terror: Al-Qaeda Use of New Technology", *Fletcher Forum of World Affairs*, vol. 30, n.º 2, 2006, pp.149-64.

BRANDON, James, "Al-Qaida's Involvement in Britain's 'Homegrown' Terrorist Plots", *CTC Sentinel*, vol. 2, n.º 3, Combating Terrorism Center at West Point, March 2009, pp. 10-12.

BRANDON, James, "Islamist Movements Recruitment in the West for the Somali Jihad", *Terrorism Monitor*, vol. 7, n.º 1, 9 January 2009, [http://www.jamestown.org/programs/tm/single/?tx\\_ttnews%5Btt\\_news%5D=34321&cHash=2bd5cf7802#.Velyk9FRFdg](http://www.jamestown.org/programs/tm/single/?tx_ttnews%5Btt_news%5D=34321&cHash=2bd5cf7802#.Velyk9FRFdg) (data de último acesso: 15 de janeiro de 2015);

BRANDON, James, "British Muslims Providing Foot Soldiers for Global Jihad", *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 11, Combating Terrorism Center at West Point, 2008, pp. 7-10.

BROOKE, Steven, "Jihadist Strategic Debates before 9/11", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 31, n.º 3, 2008, pp. 201-226.

BUECHLER, Steven M., "Strain and Breakdown Theories", *The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social & Political Movements*, Wiley Blackwell, January 2013, <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9780470674871.wbespm205/abstract> (data de último acesso: 2 de dezembro de 2013).

BYMAN, Daniel, "The Dangers of Success", *Foreign Policy*, September 27, 2013, [http://www.foreignpolicy.com/articles/2013/09/27/the\\_dangers\\_of\\_success\\_counter\\_terrorism\\_al\\_shabab\\_qaeda](http://www.foreignpolicy.com/articles/2013/09/27/the_dangers_of_success_counter_terrorism_al_shabab_qaeda) (data de último acesso: 30 de setembro de 2013).

CALVERT, John, "Sunni Islam: What Students Need to Know", *Foreign Policy Research Institute*, vol. 15, n.º 1, April 2010, <http://www.fpri.org/footnotes/1501.201004.calvert.sunniislam.html> (data de último acesso: 10 de julho de 2012).

CALVERT, John, "The Striving Shaykh: Abdullah Azzam and the Revival of Jihad", *Journal of Religion & Society*, Supplement Series 2, 2007, pp. 83-102.

CALVERT, John, "The Mythic Foundation of Radical Islam", *Orbis*, vol. 48, n.º 1, Inverno de 2004, pp. 29-41.

CARUSO, Raul and SCHNEIDER, Friedrich, "The Socio-economic determinants of terrorism and political violence in Western Europe (1994-2007)", *European Journal of Political Economy*, vol. 27, n.º S1, 2011, pp. 37-49

CHAKRABARTI, Anindita, "Soteriological journeys and discourses of self-transformation: the Tablighi Jamaat and Svadhyaya in Gujarat", *South Asian History and Culture*, vol. 1, n.º 4, October 2010, pp. 597-614.

CHATRATH, Nick, "Fighting the unbeliever: Anjem Choudary, Musharraf Hussain and pre-modern sources on *sūra* 9.29, abrogation and jihad", *Islam and Christian-Muslim Relations*, vol 21, n.º 2, April 2010, pp. 111-126.

CHAUDET, Didier, "Hizb ut-Tahrir: An Islamist Threat to Central Asia?", *Journal of Muslim Minority Affairs*, vol. 26, N.º 1, 2006, pp. 113-125.

COLLIER, David et al, "Essentially contested concepts: Debates and applications", *Journal of Political Ideologies*, vol.11, n.º 3, 2006, pp. 211-246.

CONNOR, Kylie, "Islamism in the West? The Life-Span of the Al-Muhajiroun in the United Kingdom", *Journal of Muslim Minority Affairs*, vol. 25, n.º 1, 2005, pp. 119-135;

COOK, David, "Islamism and Jihadism: The transformation of Classical Notions of Jihad into an Ideology of Terrorism", *Totalitarian Movements and Political Religions*, vol. 10, n.º 2, June 2009, pp. 177-187.

- COSTA, Sandra Liliana, PINTO, Maria do Céu, “A problemática da radicalização islamista: desafios conceptuais e dificuldades práticas no contexto europeu”, *Nação e Defesa*, n.º 132, 2012, pp. 171-191.
- COSTA, Sandra Liliana, “As Novas Tendências do Pensamento Islamista e as Redes Radicais Jihadistas”, in Maria do Céu Pinto, *O Islão na Europa Face ao Islão Global: Dinâmicas e Desafios*, Loures, Diário de Bordo Editores, 2012, pp. 167-218.
- COSTA, Sandra “O Islão em Espanha”, in Maria do Céu Pinto, *O Islão na Europa*, Lisboa, Editora Prefácio, 2006, pp. 149-150.
- COZZENS, Jeffrey B., “Al-Takfir wa’l Hijra: Unpacking an Enigma”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 32, n.º 6, 2009, pp. 489-510.
- CRENSHAW, Martha, “The Psychology of Terrorism: An Agenda for the 21st Century”, *Political Psychology*, vol. 21, n.º 2, 2000, pp. 405-420.
- CRENSHAW, Martha, “Theories of Terrorism: Instrumental and Organizational Approaches”, in *Journal of Strategic Studies*, vol. 10, n.º 4, December 1987, pp. 13-31.
- CRENSHAW, Martha, “The Causes of Terrorism”, *Comparative Politics*, vol. 13, n.º 4, July, 1981, pp. 379-399.
- CRUICKSHANK, Paul, “The 2008 Belgium Cell and FATA’s Terrorist Pipeline”, *CTC Sentinel*, vol.2, n.º 4, Combating Terrorism Center at West Point, 2009, pp. 4-8.
- CRUICKSHANK, Paul, ALI, Mohannad Hage, “Abu Musab Al-Suri: Architect of the New Al-Qaeda”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 30, n.º 1, 2007, pp 1-14.
- CZWARNO, Monica, “Misjudging Islamic Terrorism: The Academic Community’s Failure to Predict 9/11”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 29, n.º 7, 2006, pp. 657-678.
- DALTON, Russel J., “Social Modernization and the End of Ideology Debate: Patterns of Ideological Polarization”, *Japanese Journal of Political Science*, vol. 7, n.º 1, 2006, pp. 1-22.
- DASSETTO, Felice, “The Tabligh Organization in Belgium”, in T. Gerhold and Y. G. Lithman (ed.), *The New Islamic Presence in Western Europe*, Londres, Mansell, 1988, pp. 159-173.
- DAVIS, Eric, “Ideology, Social Class and Islamic Radicalism in Modern Egypt”, in Said Amir Arjomand (ed.), *From Nationalism to Revolutionary Islam*, Oxford, Macmillan, 1984, pp. 134-157.
- DAVIS, Eric, “The Concept of Revival and the Study of Islam and Politics”, in Barbara Freyer Stowasser (ed.), *The Islamic Impulse*, London, Croom Helm, 1987, pp. 37-58.

- DENOEUX, Guilain, "The Forgotten Swamp: Navigating Political Islam", *Middle East Policy*, vol. IX, n.º 2, June 2002, pp. 56-81.
- DENTICE, Giuseppe, "Sinai: Next Frontier of Jihadism?", in Andrea Plebani (ed.), *New (and Old) Patterns of Jihadism: al-Qai'da, the Islamic State and Beyond*, Istituto per gli Studi di Politica Internazionale, Milan, 2014, pp. 73- 94.
- DORAN, Michael Scott, "Palestine, Iraq, and the American Strategy", *Foreign Affairs*, vol. 82, n.º 1, January/February 2003.
- DOWD, Caitriona, RALEIGH, Clionadh, "The Myth of Global Islamic Terrorism and Local Conflict in Mali and the Sahel", *Africa Affairs*, vol. 112, n.º 448, May 2013, pp. 498-509.
- DRENNAN, Shane, "Constructing Takfir: From 'Abdullah' Azzam to Djamel Zitouni", *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 7, Combating Terrorism Center at West Point, June 2008, pp. 15-18.
- DUNNE, Michele, "The Baby, the Bathwater, and the Freedom Agenda in the Middle East", *The Washington Quaterly*, vol. 32, n.º 1, pp. 129-141.
- DUYVESTHEYEN, Isabelle, FUMERTON, Mario, "Insurgency and Terrorism: Is there a difference?", in Caroline Holmqvist-Jonsäter and Christopher Coker (eds.), *The Character of War in the 21st Century*, London, Routledge, 2009, pp. 27-41.
- DUYVESTHEYN, Isabelle, "How New is the New Terrorism?", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 27, n.º 5, 2004, pp. 439-454.
- ESPOSITO, John, MOGAHED, Dalia, "Battle for Muslims' Hearts and Minds: The Road Not (Yet) Taken", *Middle East Policy*, vol. XIV, n.º 1, Spring 2007, pp. 35-36.
- EUBEN, Roxanne L., "In Praise of Disorder: The Untidy Terrain of Islamist Political Thought", in Romand Coles, Mark Reinhardt, George Shulman (Eds.), *Radical Futures Past: Untimely Essays in Political Theory*, Lexington, KY, The University of Kentucky Press (forthcoming in 2014).
- EUBEN, Roxanne L., "Jihad and Political Violence", *Current History*, vol. 101, n.º 658, November 2002, pp. 365-376.
- FISHMAN, Brian, "At a Loss for Words", *Foreign Policy*, 15 February 2011, [http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/02/15/at\\_a\\_loss\\_for\\_words](http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/02/15/at_a_loss_for_words) (data de último acesso: 1 de março de 2011).
- FLOOD, Derek Henry, "The Caucasus Emirate: From Anti-Colonialist Roots to Salafi-Jihad", *CTC Sentinel*, vol. 7, n.º 3, Combating Terrorism Center at West Point, 26 March 2014, pp. 13-17.

FUKUYAMA, Francis, "The End of History?", *The National Interest*, Verão de 1989, pp. 3-16.

FULLER, Graham E., "The Future of Political Islam", *Harvard International Review*, 02 de Maio de 2007.

GERTZ, Steven, "Permission to Stay in 'Enemy' Territory? Hanbalī juristic thinking on whether Muslims must emigrate from non-Muslim lands", *The Muslim World*, vol. 103, n.º 1, January 2013, pp. 94-106.

GILBERT, Achcar, "Maxime Rodinson: sur l'intégrisme islamique", *Mouvements*, n.º 36, 2004, pp. 72-76, [www.cairn.info/revue-mouvements-2004-6-page-72.htm](http://www.cairn.info/revue-mouvements-2004-6-page-72.htm) (data de último acesso: 22 de novembro de 2012).

GILL, Paul, HORGAN, John, DECKERT, Paige, "Bombing Alone: Tracing the Motivations and Antecedents Behaviors of Lone-Actor Terrorists", *Journal of Forensics Sciences*, vol. 59, n.º 2, March 2014, pp. 425-435.

GORKA, Sebastian, "The Surge that Could Defeat al Qaeda", *Foreign Policy*, 10 August 2009,

[http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/08/10/the\\_one\\_surge\\_that\\_could\\_defeat\\_al\\_qaeda](http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/08/10/the_one_surge_that_could_defeat_al_qaeda) (data de último acesso: 13 de maio de 2013).

HABECK, Mary, "Al-Qa'ida and Hamas: The Limits of Salafi-Jihadi Pragmatism", *CTC Sentinel*, vol. 3, n.º 2, Combating Terrorism Center at West Point, February 2010, pp. 5-7.

HAFEZ, Mohammed M., "Jihad after Iraq: Lessons form the Arab Afghans", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 32, n.º 2, 2009, pp. 73-94.

HAFEZ, Muhammed M., "Martyrdom Mythology in Iraq: How Jihadists Frame Suicide Terrorism in Videos and Biographies", *Terrorism and Political Violence*, vol 19, n.º 1, 2007, pp. 95-115.

HAMID, Sadek, "British Muslim Young People: Facts, Features and Religious Trends", *Religion, State and Society*, vol. 39, n.º 2-3, 2011, pp. 247-261.

HAMID, Sadek, "Islamic Political Radicalism in Britain: The Case of Hizb ut-Tahrir", in Tahir Abbas (ed.), *Islamic Political Radicalism. A European Perspective*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 2007, pp.145-159.

HANIF, Noman, "Hizb ut-Tahrir: Islam's Ideological Vanguard", *British Journal of Middle Eastern Studies*, vol. 39, n.º 2, August 2012, pp. 201-225.

HANSON, Victor Davis, "The Longest War", *American Heritage*, vol. 53, n.º 1, February/March 2002.

HAQQANI, Husain, “Afghanistan’s Islamist Groups”, in Hillel Frandkin, Husain Haqqani e Eric Brown (ed.), *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 5, Hudson Institute, Center on Islam, Democracy and The Future of the Muslim World, Washington, D.C., 2007.

HECK, Paul L., “Jihad Revisited”, *The Journal of Religious Ethics*, vol. 32, n.º 1, March 2004, pp. 95-128.

HEGGHAMMER, Thomas, “Syria’s Foreign Fighters”, *Foreign Policy*, 10 December 2013,

[http://mideastafrica.foreignpolicy.com/posts/2013/12/09/syrias\\_foreign\\_fighters#sthash.3AIKaZjZ.dpbs](http://mideastafrica.foreignpolicy.com/posts/2013/12/09/syrias_foreign_fighters#sthash.3AIKaZjZ.dpbs) (data de último acesso: 12 de dezembro de 2013).

HEGGHAMMER, Thomas and WAGEMAKERS, Joas, “The Palestine Effect: The Role of Palestinians in the Transnational Jihad Movement”, *Die Welt des Islams*, vol. 53, n.º 3-4, 2013, pp. 281-314.

HEGGHAMMER, Thomas, “Abdallah ‘Azzam and Palestine”, *Die Welt des Islams*, vol. 53, n.º 3-4, Leiden, Brill, 2013, pp. 353-387.

HEGGHAMMER, Thomas, ZELIN, Aaron Y., “How Syria’s Civil War Became a Holy War”, *Foreign Affairs*, 7 July 2013, <http://www.foreignaffairs.com/articles/139557/thomas-hegghammer-aaron-y-zelin/how-syrias-civil-war-became-a-holy-crusade?cid=soc-facebook-in-snapshots-how-syrias-civil-war-became-a-holy-crusade-070813> (data de último acesso: 10 de julho de 2013).

HEGGHAMMER, Thomas, “Should I Stay or Should I go? Explaining Variation in Western Jihadists’ Choice between Domestic and Foreign Fighting”, *American Political Science Review*, vol. 107, n.º 1, February 2013.

HEGGHAMMER, Thomas, “The Rise of Muslim Foreign Fighters. Islam and the Globalization of Jihad”, *International Security*, vol. 35, n.º 3, Winter 2010/11, pp. 53-94

HEGGHAMMER, Thomas, “The Ideological Hybridization of Jihadi Groups”, in Hillel Frandkin, Husain Haqqani, Eric Brown e Hassan Mneimneh (ed.), *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 9, Hudson Institute, Center on Islam, Democracy and the Future of the Muslim World, Washington, D.C., 2009, pp. 26-45.

HEGGHAMMER, Thomas, LACROIX, Stephane, “Rejectionist Islamism in Saudi Arabia: The Story of Juhayman al-‘Utaybi Revisited”, *International Journal of Middle East Studies*, vol. 39, n.º 1, 2007, pp.103-122.

- HEGGHAMMER, Thomas, “Global Jihadism after the Iraq War”, *Middle East Journal*, vol. 60, n.º 1, Winter 2006, pp. 11-32.
- HEGGHAMMER, Thomas, “Terrorist Recruitment and Radicalization in Saudi Arabia”, *Middle East Policy*, vol. 13, n.º 4, Winter 2006, pp. 39-60.
- HEGGHAMMER, Thomas, “Palestine og global jihad”, *Babylon*, vol. 2, n.º 2, October 2004.
- HERVIEU-LEGER, Danièle, “The Transmission and Formation of Socioreligious Identities in Modernity: An Analytical Essay on the Trajectories of Identification”, *International Sociology*, vol. 13, n.º 2, June 1998, pp. 213-228.
- HESS, Andrew C., “The Evolution of the Ottoman Seaborne Empire in the Age of the Oceanic Discoveries, 1453-1525,” *The American Historical Review*, vol. 75, n.º 7, 1970, pp. 1892–1919.
- HOFFMAN, Bruce, “The Leaderless Jihad’s Leader”, *Foreign Affairs*, 13 May 2011, <http://www.foreignaffairs.com/articles/67851/bruce-hoffman/the-leaderless-jihads-leader> (data de último acesso: 20 de maio de 2011).
- HOFFMAN, Bruce, “The myth of Grass-Roots Terrorism”, *Foreign Affairs*, May/June 2008, <http://www.foreignaffairs.com/articles/63408/bruce-hoffman/the-myth-of-grass-roots-terrorism>.
- HOFFMAN, Bruce, “The Global Terrorist Threat: Is Al-Qaeda in the Run or on the March?”, *Middle East Policy*, vol. xiv, n.º 2, Summer 2007.
- HOFFMANN, David C., DAWSON Lorne L., “The Neglected Role of Charismatic Authority in the Study of Terrorist Groups and Radicalization”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 37, n.º 4, 2014, pp. 348-368.
- HOLBROOK, Donald, “Using the Qur’an to Justify Terrorist Violence: Analysing Selective Application of The Qur’an in English-Language Militant Islamist Discourse”, *Perspectives on Terrorism*, vol. 4, n.º 3, 2010, pp. 15-28.
- HOLMAN, Timothy, “Belgian and French Foreign Fighters in Iraq 2003-2005: A Comparative Case Study”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 38, n.º 8, 2015, pp. 603-621
- HORGAN, John, “From Profiles to Pathways and Roots to Routes: Perspectives from Psychology on Radicalization into Terrorism”, *Annals of the American Academy of Political and Social Sciences*, vol. 618, 2008, pp. 80-94.
- HORGAN, John, “Deradicalization or Disengagement?”, *Perspectives on Terrorism*, vol. II, n.º 4, February 2008, pp. 3-8.



HOROWITZ, Michael C., “Nonstate Actors and the Diffusion of Innovation: The Case of Suicide Terrorism”, *International Organization*, vol. 64, n.º 1, 2010, pp. 33-64.

HORSTMANN, Alexander, “The Tablighi Jamaat, Transnational Islam, and the Transformation of the Self between Southern Thailand and South Asia”, *Comparative Studies of South Asia, Africa and the Middle East*, vol. 27, n.º 1, 2007, pp. 26-40.

HUNTINGTON, Samuel, “The Clash of Civilizations?”, *Foreign Affairs*, vol. 72, n.º 3, 1993, pp. 22-49.

JASPER, James M., “Social Movement Theory Today: Towards a Theory of Action?”, *Sociology Compass*, vol. 4, n.º 11, 2010, pp. 965-976.

JASPER, James M., “The Emotions of Protest: Affective and Reactive Emotions In and Around Social Movements”, *Sociological Forum*, vol. 13, n.º 3, 1998, pp. 397-424.

JASPER, James and PAULSON, Jane D., “Recruiting Strangers and Friends: Moral Shocks and Social Networks in Animal Rights and Anti-Nuclear Protests”, *Social Problems*, vol. 42, n.º 4, 1995, pp. 493-512.

JENKINS, Philip, “Demographics, Religion, and the Future of Europe”, *Orbis*, vol. 50, Issue 3, Verão de 2006, pp. 519-539.

JESÚS, Carlos Echeverría, “The Current State of the Moroccan Islamic Group”, *CTC Sentinel*, vol. 2, n.º 3, Combating Terrorism Center at West Point, March 2009, pp. 22-24.

JOHNSON, James Turner Johnson, “Jihad and Just War”, *First Things*, June/July 2002, <http://www.firstthings.com/article/2007/01/jihad-and-just-war-2> (data de último acesso: 22 de julho de 2010).

JORDÁN, Javier, “Structural Evolution of the Structure of Jihadist Terrorism in Western Europe: The Case of Spain”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 37, n.º 8, 2014, pp. 654-673.

JORDÁN, Javier, “Analysis of Jihadi Terrorism Incidents in Western Europe, 2001–2010”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 35, n.º 5, 2012, pp. 382-404.

JORDÁN, Javier, “Las nuevas insurgencias. Análisis de un fenómeno estratégico emergente”, *Anuario de Derecho Internacional*, vol. XXIV, 2008, pp. 271-298.

JORDAN, Jenna, “When Heads Roll: Assessing the Effectiveness of Leadership Decapitation”, *Security Studies*, vol. 18, n.º 4, 2009, p. 719-755.

JOSCELYN, Thomas, “Ansar al Sharia Tunisia leader says gains in Iraq should be cause for jihadist reconciliation”, *The Long War Journal*, June 14, 2014,

[http://www.longwarjournal.org/archives/2014/06/ansar\\_al\\_sharia\\_tuni\\_8.php](http://www.longwarjournal.org/archives/2014/06/ansar_al_sharia_tuni_8.php) (data de último acesso: 26 de agosto de 2014).

JUERGENSMEYER, Mark, “Is Religion the Problem?”, *Global and International Studies*, University of California Santa Barbara, 03 January 2004, <http://escholarship.org/uc/item/4n92c45q> (data de último acesso: 3 de maio de 2007).

KALYVAS, Stathis N., “Wanton and Senseless? The Logic of Massacres in Algeria”, *Rationality and Society*, vol.11, n.º 3, 1999, pp. 243-285.

KARAGIANNIS, Emmanuel, “European Converts to Islam: Mechanisms of Radicalizations”, *Politics, Religion & Ideology*, vol. 13, n.º 1, March 2012, pp. 99-113.

KARAGIANNIS, Emmanuel e McCAULEY, Clark, “Hizb ut-Tahrir al-Islami: Evaluating the Threat Posed by a Radical Islamic Group That Remains Nonviolent”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 18, n.º 2, 2006, pp. 315-334.

KAZIMI, Nibras, “Zarqawi’s Anti-Shi’a Legacy: Original or Borrowed?”, in Hillel Fradkin, Husain Haqqani, Eric Brown (eds.), *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 4, Washington, D.C., Hudson Institute, 2006, pp. 53-72.

KENDALL, Elisabeth, “Yemen’s al-Qa’ida and Poetry as a Weapon of Jihad”, in Elisabeth Kendall, Ewan Stein (eds.), *Twenty-First Century Jihad: Law, Society and Military Action*, London, I.B. Tauris, 2015, pp. 247-269.

KENNEY, Michael, “Beyond the Internet: Métis, Techne, and the Limitations of Online Artifacts for Islamists Terrorists”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 22, n.º 2, 2010.

KENNEY, Michael, “Dumb Yet Deadly: Local Knowledge and Poor Tradecraft Among Islamist Militants in Britain and Spain”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 33, n. 10, 2010, pp. 911-932.

KHATAB, Sayed, “*Hakimiyyah* and *Jahiliyyah* in the Thought of Sayyid Qutb”, *Middle Eastern Studies*, vol. 38, n. 3, July 2002, pp. 145-170.

KILBOURNE, Brock, RICHARDSON, James T., “Paradigm Conflict, Types of Conversion, and Conversion Theories”, *Sociology of Religion*, vol. 50, n.º 1, 1989, pp. 1-21.

KILCULLEN, David J., “Subversion and Countersubversion in the Campaign against Terrorism in Europe”, *Studies in Conflict & Terrorism*, 30:8, 2007, pp. 647-666.

KING, John, “Tablighi Jamaat and the Deobandi Mosques in Britain”, in Steven Vertovec and Ceri Peach (ed.), *Islam in Europe: The Politics of religion and Community*, Basingstoke, Macmillan, 1997, pp. 129-146.

- KLAUSEN, Jytte et al., "The Youtube Jihadists: A Social Network Analysis of Al-Muhajiroun's Propaganda Campaign", *Perspectives on Terrorism*, vol. 6, n.º 1, March 2012, pp. 36-53.
- KLEINMANN, Scott Matthew, "Radicalization of Homegrown Sunni Militants in the United States: Comparing Converts and Non-Converts", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 35, n.º 4, 2012, pp. 278-297.
- KRUEGER, Alan and MALEČKOVÁ Jitka, "Education, Poverty and Terrorism: Is There a Causal Connection?", *Journal of Economic Perspectives*, vol. 17, n.º 4, 2003, pp. 119-144.
- KRUGLANSKI, Arie et al., "Fully Committed: Suicide Bombers' Motivation and the Quest for Personal Significance", *Political Psychology*, vol. 30, n.º 3, 2009, pp. 331-357.
- LACROIX, Stéphane, "Post-Wahhabism in Saudi Arabia?", *ISIM Review*, n.º 15, Spring 2007, p. 17.
- LAHOUD, Nelly, "The Neglected Sex: The Jihadis' Exclusion of Women From Jihad", *Terrorism and Political Violence*, February 2014, pp. 1-23.
- LAHOUD, Nelly, "The Merger of Al-Shabab and Qa'idat al-Jihad", *CTC Sentinel*, vol.5, n.º 2, Combating Terrorism Center at West Point, February 2012, pp. 1-5.
- LAHOUD, Nelly, "Ayman al-Zawahiri's Reaction to Revolution in the Middle East", *CTC Sentinel*, vol. 4, n.º4, Combating Terrorism Center at West Point, 2011, pp.4-7.
- LAMBERT, Robert, "Empowering Salafis and Islamists against Al-Qaeda: A London Counterterrorism Case Study", *Political Science & Politics*, vol. 41, n.º 1, 2008, pp. 31-35.
- LANDAU-TASSERON, Ella, "Jihad", *Encyclopaedia of the Qur'ān*, Jane Dammen McAuliffe (ed.), Brill Online, 2013, [http://referenceworks.brillonline.com/entries/encyclopaedia-of-the-quran/jihad-COM\\_00101](http://referenceworks.brillonline.com/entries/encyclopaedia-of-the-quran/jihad-COM_00101) (data de último acesso: 14 de Setembro de 2013).
- LARRAN, Jorge, "Durkheim's Concept of Ideology", *The Sociological Review*, vol. 28, n.º 1, February 1980, pp.129-139.
- LEIKEN, Robert S., BROOKE, Steven, "The Moderate Muslim Brotherhood", *Foreign Affairs*, vol. 86, n.º 2, March/April 2007, <http://www.foreignaffairs.com/articles/62453/robert-s-leiken-and-steven-brooke/the-moderate-muslim-brotherhood> (data de último acesso: 10 de outubro de 2007).
- LEVITT, Matthew Levitt, "Al Qaeda Targeting Israel: Between Rhetoric and Reality", *Orbis*, vol. 54, n.º 3, 2010, pp. 413-425.

- LEVITT, Matthew, "Israel as an Al-Qa'ida Target: Sorting Rhetoric from Reality", *CTC Sentinel*, vol. 2, n.º 10, Combating Terrorism Center at West Point, 2009, pp. 12-15.
- LIA, Brynjar, "Doctrines for Jihadi Terrorist Training", *Terrorism and Political Violence*, vol. 20, n.º 4, 2008, pp. 518-542.
- LIA, Brynjar and HEGGHAMMER, Thomas, "Jihadi Strategic Studies: The Alleged al Qaeda Policy Study Preceding the Madrid Bombings," *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 27, n.º 4, 2004, pp. 355-375.
- LIEBL, Vernie, "The Caliphate", *Middle Eastern Studies*, vol. 45, N.º. 3, May 2009, pp. 373-391.
- LOFLAND, John, SKONOVD, Norman, "Conversion Motifs", *Journal for the Scientific Study of Religion*, vol. 20, n.º 4, 1981, pp. 371-385.
- LOIDOLT, Bryce, "Managing the Global and the Local: The Dual Agendas of the Al-Qaeda in the Arabian Peninsula", *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 34, n.º 2, 2011, pp. 102-123.
- LYNCH, Marc, "Islam Divided Between *Salafi-jihad* and the *Ikhwan*", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 33, n.º6, 2010, pp. 467-487.
- LYNCH, Marc, "Veiled Truths. The Rise of Political Islam in the West", *Foreign Affairs*, vol. 89, n.º 4, 2010, pp. 138-147, <http://www.foreignaffairs.com/articles/66468/marc-lynch/veiled-truths> (data de último acesso: 3 de julho de 2010).
- MAKARENKO, Tamara, "Takfiri Presence Grows in Europe", *Jane's Intelligence Review*, vol. 17, n.º 2, 2005.
- MAHER; Shiraz, "Jihadis React to Bin Laden's Death", *Foreign Affairs*, May 2011, <http://www.foreignaffairs.com/articles/67841/shiraz-maher/jihadis-react-to-bin-ladens-death> (data de último acesso: 8 de maio de 2011).
- MALET, David, "Foreign Fighters Playbook. What the Texas Revolution and the Spanish Civil War Reveal about al-Qaeda", *Foreign Affairs*, 8 April 2014, <http://www.foreignaffairs.com/articles/141107/david-malet/foreign-fighters-playbook> (data de último acesso: 15 de março de 2015).
- MANDAVILLE, Peter, "Globalization and the politics of religious knowledge: pluralizing authority in the Muslim world", *Theory, Culture and Society*, vol. 24, n.º 2, 2007, pp. 101-115.
- MANDAVILLE, Peter, "Islam and Exceptionalism in American Political Discourse", *PS: Political Science & Politics*, vol. 46, n.º 2, April 2013, pp. 235-239.

- MARCH, Andrew F., “Reading Tariq Ramadan: Political Liberalism, Islam, and ‘Overlapping Consensus’”, *Ethics & International Affairs*, vol. 21, n.º 4, 2007, pp. 399-413.
- MARECHÁL, Brigitte, “Universal Aspirations: The Muslim Brotherhood in Europa”, *ISIM Review*, n.º 22, 2008.
- MARRET, Jean-Luc, “Al-Qaeda in Islamic Maghreb: A ‘Glocal’ Organization,” *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 31, n.º 6, 2008, pp. 541-552.
- McCANTS, William, “The Source of Salafi Conduct”, *Foreign Affairs*, 19 September 2012, <http://www.foreignaffairs.com/articles/138129/william-mccants/the-sources-of-salafi-conduct?cid=nlc-this-week-on-foreignaffairs-co-092012-the-sources-of-salafi-conduct-4-092012> (data de último acesso: 8 de janeiro de 2013).
- McCANTS, William, “Al-Qaeda’s Challenge”, *Foreign Affairs*, September/October 2011, <http://www.foreignaffairs.com/articles/68160/william-mccants/al-qaedas-challenge?cid=nlc-this-week-on-foreignaffairs-co-050312-al-qaedas-challenge-2-050312> (data do último acesso: 6 de junho de 2012).
- McCANTS, William, “Al-Qaeda After Atiyya”, *Foreign Affairs*, 30 August 2011, <http://www.foreignaffairs.com/articles/68236/william-mccants/al-qaeda-after-atiyya> (data do último acesso: 6 de junho de 2012).
- McGREGOR, Andrew, “Jihad and the Rifle Alone: ‘Abdullah ‘Azzam and the Islamist Revolution’”, *Journal of Conflict Studies*, vol. 23, n.º 3, 2003, pp. 92-113.
- MENDELSON, Barak, “Foreign Fighters – Recent Trends”, *Orbis*, vol. 55, n.º 2, 2011, pp. 189-202.
- MESQUITA, Ethan Bueno de, DICKSON, Eric S., “The Propaganda of the Deed: Terrorism, Counterterrorism, and Mobilization”, *American Journal of Political Science*, vol. 51, n.º 2, April 2007, pp. 364-381.
- METCALF, Barbara, “Islam and Women. The case of the Tablighi Jamaat”, *SEHR*, vol. 5, n.º 1, 27 February 1996, <http://www.stanford.edu/group/SHR/5-1/text/metcalf.html> (data de último acesso: 4 de janeiro de 2013).
- MILI, Hayder, “Jihad without Rules: The Evolution of Al-Takfir Wa Al-Hijra”, *Terrorism Monitor*, vol. 4, n.º 13, 2006.
- MILLER, Judith, “The Challenge of Radical Islam”, *Foreign Affairs*, vol. 72, n.º 2, 1993, pp. 43-56.

- MISHAL, Shaul, ROSENTHAL, Maoz, “Al Qaeda as a Dune Organization: Towards a Typology of Islamist Terrorist Organizations”, *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 28, n.º 4, 2005, pp. 275-293.
- MOGHADAM, Assaf, “The Salafi-Jihad as a Religious Ideology”, *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 3, Combating Terrorism Center at West Point, February 2008, pp. 14-16.
- MOGHADAM, Assaf, “Motives for Martyrdom: Al-Qaida, Salafi Jihad, and the Spread of Suicide Attacks”, *International Security*, vol. 33, n.º 3, Winter 2008/09, pp. 46-78.
- MOGHADAM, Assaf, “Palestinian Suicide Terrorism in the Second Intifada: Motivations and Organizational Aspects”, *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 26, n.º 2, 2003, pp. 65-92.
- MOORE, Cerwyn, TUMELTY, Paul, “Foreign Fighters and the Case of Chechnya: A Critical Assessment”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 31, n.º 5, 2008, pp. 412-433.
- MOZAFFARI, Mehdi, “What is Islamism? History and Definition of a Concept”, *Totalitarian Movements and Political Religions*, vol. 8, n.º 1, March 2007, pp. 17-33.
- MUDD, Philip, “How the Arab Spring Could Embolden Extremists”, *CTC Sentinel*, vol. 4, n.º 4, Combating Terrorism Center at West Point, 2011, pp. 7-9.
- NACOS, Brigitte L., “Revisiting the Contagion Hypothesis: Terrorism, News Coverage, and Copycat Attacks”, *Perspectives on Terrorism*, vol. 3, n.º 3, 2009, pp. 3-13.
- NASSER, Gamal Abdel, “The Egyptian Revolution”, in *Foreign Affairs*, January 1955, <http://www.foreignaffairs.com/articles/71159/gamal-abdel-nasser/the-egyptian-revolution> (data de último acesso: a 19 de abril de 2013).
- NEMETH, Stephen, “The Effect of Competition on Terrorist Group Operations”, *Journal of Conflict Resolution*, vol. 58, n.º 2, March 2014, pp. 336-362.
- NESSER, Petter and STENERSEN, Anne, “The Modus Operandi of Jihadi Terrorists in Europe”, *Perspectives on Terrorism*, vol.8, n.º 6, December 2014, pp. 2-24.
- NESSER, Petter, “Towards an Increasingly Heterogeneous Threat: A Chronology of Jihadist Terrorism in Europe 2008-2013”, *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 37, n.º 5, 2014, pp. 440-456.
- NESSER, Petter, “Single Actor Terrorism: Scope, Characteristics and Explanations”, *Perspectives on Terrorism*, vol. 6, n.º 6, December 2012, pp. 61-73.
- NESSER, Petter, “Ideologies of Jihad in Europe”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 23, n.º 2, 2011, pp. 173-200.

NESSER, Petter, LIA, Brynjar, "Lessons Learned from the July 2010 Norwegian Terrorist Plot", *CTC Sentinel*, vol. 3, n.º 8, Combating Terrorism Center at West Point, 2010, pp. 13-17.

NESSER, Petter, "Chronology of Jihadism in Western Europe 1994-2007: Planned, Prepared, and Executed Terrorist Attacks", *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 31, n.º 10, 2008, pp. 924-946.

NESSER, Petter, LIA Brynja, "Lessons Learned from the July 2010 Norwegian Terrorist Plot", *CTC Sentinel*, vol. 3, n.º 8, August 2010, Combating Terrorism Center at West Point, pp. 13-17.

NESSER, Petter, "Lessons learned from the September 2007 German Terrorist plot", *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 4, Combating Terrorism Center at West Point, March 2008, pp. 7-10.

NESSER, Petter, "How Did Europe's Global Jihadis Obtain Training for Their Militant Causes?", *Terrorism and Political Violence*, vol. 20, n.º 2, 2008, pp. 234-256.

NESSER, Petter, "Jihadism in Western Europe after the Invasion of Iraq: Tracing Motivational Influences from the Iraq War on Jihadist Terrorism in Western Europe", *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 29, n.º 5, 2006, pp. 323-342.

NEUMANN, Peter R., "Europe's Jihadist Dilemma", *Survival*, vol.48, n.º 2, 2006, pp. 71-84.

NEWMAN, Edward, "Exploring the 'Root Causes' of Terrorism", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 29, n.º 8, 2006, pp. 749-772.

NICKELS, Henri C. et al., "De/Constructing 'Suspect' Communities", *Journalism Studies*, vol. 13, n.º 3, 2012, pp. 340-355.

PAPE, Robert A., "The Strategic Logic of Suicide Terrorism", *American Political Science Review*, vol. 97, n.º 3, August 2003, pp. 343-361.

PARGETER, Alison, "North African Immigrants in Europe and Political Violence", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 29, n.º 5, September-October 2006.

PARGETER, Alison, AL-BADDAWY, Ahmed, "North Africa's radical diaspora in Europe shift focus to Iraq war", *Jane's Intelligence Review*, April 2006.

PARIS, Jonathan S., "When to worry in the Middle East", *Orbis*, vol. 37, n.º 4, Autumn 1993, pp. 553-550.

PAZ, Reuven, "Arab volunteers killed in Iraq: an Analysis," *PRISM Series of Global Jihad*, vol. 3, n.º 1, March 2005.

- PAZ, Reuven, "The Impact of the War in Iraq on the Global Jihad", in Hillel Fradkin, Husain Haqqani e Eric Brown (eds.), *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 1, Washington, D.C., Hudson Institute, 2005, pp. 39-49.
- PAZ, Reuven, "Islamists and Anti-Americanism", *Middle East Review of International Affairs*, vol. 7, n.º 4, December 2003, pp. 53-61.
- PAZ, Reuven, "Middle East Islamism in the European Arena", *Middle East Review of International Affairs*, vol. 6, n.º 3, September 2002, pp. 67-76.
- PETTYGROVE, Margaret, "Conceptions of War in Islamic Legal Theory and Practice", *Macalester Islam Journal*, vol. 2, n.º 3, March 2007, pp. 34-42.
- PIAZZA, James A., "Is Islamist Terrorism More Dangerous?: An Empirical Study of Group Ideology, Organization, and Goal Structure", *Terrorism and Political Violence*, vol. 21, n.º1, 2009, pp. 62-88.
- PIAZZA, James A., "Rooted in Poverty?: Terrorism, Poor Economic Development, and Social Cleavages", *Terrorism and Political Violence*, vol. 18, n.º 1, 2006, pp. 159-177.
- PIERRET, Thomas, "External support and the Syrian insurgency", *Foreign Policy*, August 9, 2013, [http://mideastafrica.foreignpolicy.com/posts/2013/08/09/external\\_support\\_and\\_the\\_syrian\\_insurgency](http://mideastafrica.foreignpolicy.com/posts/2013/08/09/external_support_and_the_syrian_insurgency) (data de último acesso: 12 de agosto de 2014).
- PINTO, Maria do Céu Pinto, COSTA Sandra, "The Bush and Obama Administrations as Seen by Islamists", in Célia Belim and Patrícia Calca (eds.), *The Image of U.S. Presidential Administrations in Europe: the Cases of George W. Bush and Barack Obama*, Lanham, Lexington Books, 2013, p. 139-168.
- PINTO, Maria do Céu, "A Jihad Global e o Contexto Europeu", in Adriano Moreira (ed.), *Terrorismo*, Coimbra, Almedina, 2004, pp. 483-505.
- PISCATORI, James, "The turmoil within" (Book review), *Foreign Affairs*, vol. 81, nº 3, May-June 2002.
- PISCATORI James, "Accounting for Islamic Fundamentalism" in Martin E. Marty and R. Scott Appleby (eds.), *Accounting for Fundamentalism: The Dynamic Character of Movements*, Chicago, University of Chicago Press, 1994.
- PRUCHA, Nico, "Interview with Egyptian Islamist Scholar Abd al-Mun'im Moneep", *Perspectives on Terrorism*, vol. 6, n.º 3, August 2012, pp. 57-66.
- RACHIK, Hassan, "How religion turns into ideology", *The Journal of North African Studies*, vol. 14, n.º 374, September/ December 2009, pp. 347-358.



RANE, Halim, “Reformulating Jihad in the Context of the Israeli-Palestinian Conflict: A Theoretical Framework”, *Global Change, Peace & Security*, vol. 19, n.º 2, June 2007, pp. 127-147.

RANSTORP, Magnus, “Terrorist Awakening in Sweden?”, *CTC Sentinel*, vol. 4, n.º 1, Combating Terrorism Center at West Point, January 2011, pp. 1-5.

RANSTORP, Magnus, “Terrorism in the name of religion”, *Journal of International Affairs*, vol. 50, n.º 1, 1996, pp. 41-62.

RAPOPORT, David C., “Fear and Trembling: Terrorism in Three Religious Traditions”, *The American Political Science Review*, vol. 78, n.º 3, 1984, pp. 658-677.

RAPOPORT, David, “The Four Waves of Rebel Terror and September 11”, *Anthropoetics*, vol. 8, n.º 1, Spring/Summer 2002, <http://www.anthropoetics.ucla.edu/ap0801/terror.htm#b1> (data de último acesso: 6 de outubro de 2013).

RIEDEL, Bruce, “Al-Qaeda Strikes Back”, *Foreign Affairs*, May/June 2007, <http://www.foreignaffairs.com/articles/62608/bruce-riedel/al-qaeda-strikes-back#>.

ROALD, Anne Sofie, “‘Benevolent Patriarchy’: Palestinian Women between ‘Ideal’ and ‘Reality’”, *Islam and Christian-Muslim Relations*, vol. 24, n.º 3, 2013, pp. 333-347.

ROALD, Anne Sofie, “European Islamic gender discourse”, in David Cheetham et al. (eds.), *Interreligious Hermeneutics in Pluralistic Europe*, Amsterdão/New York, Rodopi, 2011, pp. 267-288.

ROALD, Anne Sofie, “Islamists in Jordan: Promoters of or obstacles to female empowerment and gender equality?”, *Religion and Human Rights*, vol. 4, n.º 1, 2009, pp. 41-63.

ROGEN, Hanna, “Violent Trends in Algeria Since 9/11”, *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 12, Combating Terrorism Center at West Point, November 2008.

ROGGIO, Bill, “On drones and their ability to defeat al-Qaeda”, *Long War Journal*, 6 June 2012, [http://www.longwarjournal.org/threat-matrix/archives/2012/06/on\\_drones\\_and\\_their\\_ability\\_to.php](http://www.longwarjournal.org/threat-matrix/archives/2012/06/on_drones_and_their_ability_to.php) (data do último acesso: 7 de junho de 2012).

SACHEDINA, Abdulaziz A., “The Development of Jihad in Islamic Revelation and History”, in James Turner Johnson e John Kelsay (ed.), *Cross, Crescent, and Sword – The Justification and Limitation of War in Western and Islamic Tradition*, Westport, Greenwood Press, 1990, pp. 35- 50.

SAGEMAN, Marc, "The Stagnation in Terrorim Research", *Terrorism and Political Violence*, vol. 0, 2014, pp. 1-16.

SAID, Benham, "Hymns (*Nasheeds*): A Contribution to the Study of the *Jihadist Culture*", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 35, n.º 12, 2012, pp. 863-879.

SALEM, Paul E., "Arab Political Currents, Arab-European Relations and Mediterraneanism", in Laura Guazzone (ed.), *The Middle East in Global Change. The Politics and Economics of Interdependence versus Fragmentation*, London, Macmillan Press, 1997.

SALZMAN, Philip Carl, "When They Proclaim "Islam is the Answer," What is the Question?: The Return of Political Islam", *The Journal of the Middle East and Africa*, vol. 2, n.º 2, 2011, p. 129-152.

SCHUURMAN, Bart, EIJKMAN, Quirine, BAKKER, Edwin, "A History of the Hofstadgroup", *Perspectives on Terrorism*, vol. 8, n.º 4, 2014, pp. 65-81.

SEDGWICK, Marc, "The Concept of Radicalization as a Source of Confusion", *Terrorism and Political Violence*, vol. 22, n.º 4, pp. 479-494.

SEDGWICK, Mark, "Jihad, Modernity and Sectarianism", *Nova Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions*, vol. 11, n.º 2, 2007, pp. 6-27.

SEDAGORTA, Fidel, "Jihad in Europe: The Wider Context", *Survival*, vol. 47, n.º 3, 2005.

SHAVIT, Uriya, "Can Muslims Befriend Non-Muslims? Debating *al-wala' wa-l-bar'a* (Loyalty and Disavowal) in Theory and Practice", *Islam and Christian-Muslim Relations*, vol. 25, n.º 1, 2014, pp. 67-88.

SHEPARD, William E., "Sayyid Qutb's Doctrine of *Jahiliyya*", *International Journal of Middle East Studies*, vol. 35, n.º 4, November 2003, pp. 521-545.

SIKAND, S.Y., "The Origin and Growth of the Tablighi Jamaat in Britain", in *Islam and Christian-Muslim Relations*, vol. 9, n.º 2, June 1998, pp. 171-192.

SILKE, Andrew, "Understanding Terrorist Target Selection", in Anthony Richards, Pete Fussey and Andrew Silke (eds.), *Terrorism and the Olympics: Major Events Security and Lessons for the Future*, Oxon, Routledge, 2011, pp. 49-71.

SILKE, Andrew, "Research on Terrorim. A Review of the Impact of 9/11 and the Global War on Terrorism", in Hsinchun Chen, Edna Reid, Joshua Sinai, Andrew Silke and Boaz Ganor (eds.), *Terrorism Informatics: Knowledge Management and Data Mining for Homeland Security*, New York, Springer, 2008, pp. 27-50.

- SILVESTRI, Sara, “Moderate Islamist groups in Europe: The Muslim Brothers”, in Khaled Hroub (ed.), *Political Islam: Context versus Ideology*, London, Saqi, 2010, pp. 265-286.
- SILVESTRI, Sara, “Radical Islam: Threats and Opportunities”, *Global Dialogue* (Thematic issue “Europe and Its Muslims”), vol. 9, n.º 3-4, 2007, pp. 118-126.
- SIMON, Steven, “The Iraq War and the War on Terror: The Global Jihad After Iraq”, in John Duffield and Peter Dombrowski (eds.), *Balance Sheet: The Iraq War and U.S. National Security*, Stanford, Stanford University, 2009.
- SINANOVIC, Ermin, “Post-Islamism: The Failure of Islamic Activism?”, *International Studies Review*, vol. 7, n.º3, October 2005, pp. 433-436.
- SJAH, Adlini Ilma Ghaisany, “Tracing Al Shabaab’s Decision to Cooperate with Al Qada in Somalia (2008)”, *Journal of Terrorism Research*, vol.5, n.º 1, February 2014, pp. 35-45.
- SPAAIJ, Ramón, “The Enigma of Lone Wolf Terrorism: An Assessment”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 33, n.º 9, September 2010, pp. 854-870.
- SPENCER, James, “A False Dawn for Yemen’s Militants”, *Foreign Affairs*, 8 June 2011, <http://www.foreignaffairs.com/articles/67883/james-spencer/a-false-dawn-for-yemens-militants> (data do último acesso: 4 de junho de 2012).
- SPENCER, James, “Al-Qa’ida in the Arabian Peninsula: Mos & Deductions”, *Small Wars Journal*, 19 August 2011, <http://smallwarsjournal.com/jrnl/art/al-qa%E2%80%99ida-in-the-arabian-peninsula-mos-deductions> (data do último acesso: 4 de junho de 2012).
- SPIELHAUS, Riem, “Is There a Muslim Community? Research among Islamic Associations in Germany”, in Ivan Sainsaulieu, Monika Salzbrunn e Laurent Amiotte-Suchet (eds.), *Faire Communauté en société. Dynamique des appartenances collectives*, Rennes, Presses Universitaire de Rennes, 2010, pp. 183-201.
- SPRINZAK, Ehud, “Irrational Fanatics”, *Foreign Policy*, n.º 120, September/October 2000, pp. 67-73.
- STEINBERG, Guido and WERENFELS, Isabelle, “Between the ‘Near’ and the ‘Far Enemy’: Al-Qaeda in the Islamic Maghreb”, *Mediterranean Politics*, vol. 12, n.º 3, 2007, pp. 407-413.
- STENERSEN, Anne, “Al Qaeda's Foot Soldiers: A Study of the Biographies of Foreign Fighters Killed in Afghanistan and Pakistan Between 2002 and 2006”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 34, n.º 3, 2011, pp. 171-198.

- STENERSEN, Anne, “The Internet: A Virtual Training Camp?”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 20, n.º 2, 2008, pp. 215-233.
- STREUSAND, Douglas E., “What does *Jihad* mean?”, *Middle East Quarterly*, vol. IV, n.º 3, September 1997, pp. 9-17 (<http://www.meforum.org/357/what-does-jihad-mean>).
- TAJI-FAROUKI, Suha, “Islamists and the threat of Jihad: Hizb ut-Tahrir and al-Muhajiroun on Israel and the Jews”, *Middle Eastern Studies*, vol. 36, n.º 4, October 2000, pp. 21-46.
- TAMPIO, Nicholas, “Constructing the Space of Testimony: Tariq Ramadan’s Copernican Revolution”, *Political Theory*, vol. 39, n.º 5, 2011, pp. 600-629.
- TAYLOR, Max and HORGAN, John, “A Conceptual Framework for Addressing Psychological Process in the Development of the Terrorist”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 18, n.º 4, 2006, pp. 585-601.
- TIBI, Bassam, “Major Themes in the Arabic Political Literature of Islamic Revivalism, 1970-1985: The Islamic System of Government (*al-nizām al-islāmī*), *shūrā* Democracy and the Implementation of the Sharī’a as opposed to Secularism (*‘ilmāniyya*)”, *Islam and Christian-Muslim Relations*, vol. 3, n.º 2, December 1992, pp. 183-210.
- TILLY, Charles, “Reflections on the History of European State Making,” in Charles Tilly (ed.), *The Formation of National States in Western Europe*, Princeton, Princeton University Press, 1975, pp. 3-83.
- VAISSÉ, Justin, “Eurabian Follies”, *Foreign Policy*, January/February 2010, [http://www.foreignpolicy.com/articles/2010/01/04/eurabian\\_follies](http://www.foreignpolicy.com/articles/2010/01/04/eurabian_follies) (data do último acesso: 25 de maio de 2012).
- VAN VLIERDEN, Guy, “How Belgium Became a Top Exporter of Jihad”, *Terrorism Monitor*, vol. XIII, n.º 11, May 29, 2015.
- VERTOVEC, Steven, “Conceiving and researching transnationalism”, *Ethnic and Racial Studies*, vol. 22, n.º 2, 1999, pp. 447-462.
- VICTOROFF, Jeff Victoroff, “The Mind of the Terrorist: A Review and Critique of Psychological Approaches”, *The Journal of Conflict Resolution*, vol. 49, n.º 1, 2005, pp. 3-42.
- VIDINO, Lorenzo, PANTUCCI, Raffaello e KOHLMANN, Evan, “Western Fighters, and the Sacralization of the Somali Conflict”, *African Security*, vol. 3, n.º 4, 2010, pp. 216-238.
- VIDINO, Lorenzo, “Europe’s New Security Dilemma”, *The Washington Quarterly*, vol. 32, n.º 4, 2009, pp. 61-75.

- VIDINO, Lorenzo, “The Hofstad Group: The New Face of Terrorist Networks in Europa”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 30, n.º 7, 2007, pp. 579-592.
- VIDINO, Lorenzo, “Aims and Methods of Europe’s Muslim Brotherhood”, in Hillel Fradkin, Husain Haqqani e Eric Brown (ed.), *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 4, Washington, D.C., Hudson Institute, 2006, p. 22-44.
- VIDINO, Lorenzo, “The Muslim Brotherhood’s Conquest of Europe”, *Middle East Quarterly*, vol. XII, n.º 1, 2005 (<http://www.meforum.org/article/687>).
- VON KNOP, Katharina, “The Female Jihad: Al Qaeda’s Women”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 30, n.º 5, 2007, pp. 397-414.
- WAGEMAKERS, Joas, “Salafi ideas on state-building before and after the rise of the Islamic State”, *Islamism in the IS Age*, POMEPS Studies, n.º 12, March 2015, pp. 31-33.
- WAGEMAKERS, Joas, “In Search of ‘Lions and Hawks’: Abū Muhammed al-Maqdisi’s Palestinian Identity”, *Die Welt des Islams*, vol. 53, Leiden, Brill, 2013, pp. 388-415.
- WAGEMAKERS, Joas, “Protecting Jihad: The Sharia Council of the Minbar al-Tawhid wa-l-Jihad”, *Middle East Policy*, Middle East Policy Council, vol. XVIII, n.º 2, 2011, <http://www.mepc.org/journal/middle-east-policy-archives/protecting-jihad>.
- WAGEMAKERS, Joas, “Reclaiming Scholarly Authority: Abu Muhammed al-Maqdisi’s Critique of *Jihadi* Practices”, *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 34, n.º 7, 2011, pp. 523-539.
- WAGEMAKERS, Joas, “Abu Muhammed al-Maqdisi: A Counter-Terrorist Asset?”, *CTC Sentinel*, vol. 1, n.º 6, Combating Terrorism Center at West Point, May 2008.
- WALSH, John, “Egypt’s Muslim Brotherhood. Understanding Centrist Islam”, *Harvard International Review*, *From Perspectives on the United States*, vol. 24, n.º 4, 2003 (<http://www.harvardir.org/articles/1048/1/>).
- WARD, Ken, “Non-violent extremists? Hizbut Tahrir Indonesia”, *Australian Journal of International Affairs*, vol. 63, n.º 2, June 2009, pp. 149-164.
- WERBNER, Pnina, “The Predicament of Diaspora and Millennial Islam: Reflections on September 11, 2001”, *Ethnicities*, vol. 4, n.º 4, 2004, pp. 451-476.
- WEIMANN, Gabriel, ‘Lone Wolves in Cyberspace’, *Journal of Terrorism Research*, vol. 3, n.º 2, 2012.
- WEIMANN, Gabriel, “Virtual Disputes: The Use of the Internet for Terrorist Debates”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 29, n.º 7, 2006, pp. 623-639.
- WIKTOROWICZ, Quintan, “Anatomy of the Salafi Movement”, *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 29, n.º 3, 2006, pp.207-239.

- WIKTOROWICZ, Quintan, "A Genealogy of Radical Islam", *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 28, n.º 2, 2005, pp. 75-97.
- WIKTOROWICZ, Quintan, "Conceptualizing Islamic Activism", *ISIM Newsletter*, 14, June 2004.
- WIKTOROWICZ, Quintan and KALTNER, John, "Killing in the Name of Islam: Al-Qaeda's Justifications for September 11", *Middle East Policy*, vol. X, n.º 2, 2003, pp. 76-92.
- WIKTOROWICZ, Quintan, "Centrifugal Tendencies in the Algerian Civil War," *Arab Studies Quarterly*, vol. 23, n.º 3, 2001, pp. 65-82.
- WILLIAMS, Brian G., 'Allah's Foot Soldiers. An Assessment of the Role of Foreign Fighters and Al-Qa'ida in the Chechen Insurgency', in Moshe Gammer (ed.), *Ethno-Nationalism, Islam and the State in the Caucasus: Post-Soviet Disorder*, London, Routledge, 2008, pp. 156-178.
- WILLIS, John Ralph, "Jihād fī Sabīl Allāh—its Doctrinal Basis in Islam and some Aspects of its Evolution in Nineteenth-Century West Africa," *The Journal of African History*, vol. 8, n.º 3, 1967, pp. 395-415.
- WILNER, Alex S., DUBOULOZ, Claire-Jehanne, "Homegrown terrorism and transformative learning: an interdisciplinary approach to understanding radicalization", *Global Change, Peace & Security*, vol. 22, n.º 1, February 2010, pp. 33-51.
- WINTER, Lucas, "The Ansar of Yemen: The Hutis and al-Qaeda", *The Small Wars Journal*, 1 May 2013, [http://smallwarsjournal.com/jrnl/art/the-ansar-of-yemen-the-huthis-and-al-qaeda?utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=the-ansar-of-yemen-the-huthis-and-al-qaeda](http://smallwarsjournal.com/jrnl/art/the-ansar-of-yemen-the-huthis-and-al-qaeda?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=the-ansar-of-yemen-the-huthis-and-al-qaeda) (data de último acesso: 24 de Outubro de 2013).
- WONG, Dennis H., "Reflections on the End of Ideology", in Chaim I. Waxman (Ed.), *The End of Ideology Debate*, New York, Funk & Wagnalls, 1968.
- YILMAZ, Ihsan, "The Varied Performance of Hizb ut-Tahrir: Success in Britain and Uzbekistan and Stalemate in Egypt and Turkey", *Journal of Muslim Minority Affairs*, vol. 30, N.º 4, 2010, pp.501-517.
- YUKLEYEN, Ahmet, "State Policies and Islam in Europe: Milli Görüs in Germany and the Netherlands", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 36, n.º 3, 2010, pp. 445-463.
- ZELIN, Aaron Y., "Know your Ansar al-Sharia", *Foreign Policy*, 21 September 2012, [http://www.foreignpolicy.com/articles/2012/09/21/know\\_your\\_ansar\\_al\\_Sharia](http://www.foreignpolicy.com/articles/2012/09/21/know_your_ansar_al_Sharia) (data de último acesso: 22 de janeiro de 2014).

ZELIN, Aaron Y., “A Review of: Yahya Michot. Muslims Under Non-Muslim Rule: Ibn Taymiyya”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 23, n.º 3, 2011, pp. 487-488.

ZIMMERMAN, John C., “Sayyid Qutb’s influence on the 11 September Attacks”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 16, nº 2, 2004, pp. 222-251.

#### D) Comunicações e Actas de Conferências

ALIBONI, Roberto, “Nationalism and Islamism: Identity in the Arab World”, Paper presented to the Conference *Europe, America and the Mediterranean in the aftermath of the 11th September: Identity, Fundamental Values and Security*, Lisboa, 8-9 de Novembro de 2001.

BOKHARI, Laila et al., *Paths to Global Jihad: Radicalisation and Recruitment to Terror Networks*, Proceedings from a FFI Seminar, Oslo, March 2006.

CHENOWETH, Erica, “The Inadvertent Effect of Democracy on Terrorist Group Emergence”, *BCSIA Discussion Paper 2006-06*, Kennedy School of Government, Harvard University, November 2006.

COSTA, Sandra L., “The Arab Uprisings and its impact on Islamist actors”, *Thinking Out of the Box: Devising New European Policies to Face the Arab Spring*, Braga, 21 de fevereiro de 2013.

CRENSHAW, Martha, “The Debate over ‘New’ vs. ‘Old’ Terrorism”, *Annual Meeting of the American Political Science Association*, Chicago, 30 August-2 September, 2007.

CRENSHAW, Martha, “How Terrorism Ends”, *American Political Science Association Annual Meeting*, Chicago, September, 1987.

DIETERICH, Renate, “The Perception of Radical Islam in Germany: A case study of *hizb ut-tahrir al-islami*”, paper presented at the *Seventh Mediterranean Social and Political Research Meeting*, Florence, organized by the Mediterranean Programme of the Robert Schuman Centre for Advanced Studies at the European University Institute, 22-26 March 2006.

FENNER, Lorry M., STOUT, Mark E., GOLDINGS, Jessica L. (eds.), *9/11 Ten Years Later: Insights on al-Qaeda’s Past & Future Through Captured Records*, Conference Proceedings, Washington, D.C., The John Hopkins University Center for Advanced Governmental Studies, 2012.

GALLIE, Walter Bryce, ““Essentially Contested Concepts”, *Proceedings of the Aristotelian Society*, vol. 56, 1956, pp. 167-198.

HEGGHAMMER, Thomas, BOKHARI Laila et al., *Path to Global Jihad: Radicalisation and Recruitment to Terror Network. Proceedings from a FFI Seminar, Oslo, 15 March 2006*, Kjeller, FFI/Rapport, 2006.

JORDÁN, Javier e TORRES, Manuel R., “El Yihadismo en Europa: tendencias y evolución”, *VII Congreso Español de Ciencia Política y de la Administración*, Madrid, 21-23 septiembre 2005.

LIA, Brynjar, “Abu Mus’ab al-Suri: Profile of a Jihadist Leader”, *Conference The Changing Faces of Jihadism*, London, 28 April 2006.

MENDELSON, Barak, “Islamist Infighting: Understanding al-Qaeda’s Critique of Hamas”, *50th Annual Convention of the International Studies Association*, New York, 15-18 February 2009.

MOGHADAM, Assaf, “The Roots of Suicide Terrorism: A Multi-Causal Approach”, Paper presented for the *Harrington Workshop on the Root Causes of Suicide Terrorism*, University of Texas at Austin, May 12-13, 2005

NEUMANN, Peter R., “Introduction”, in *Perspectives on Radicalisation and Political Violence: Papers from the First International Conference on Radicalisation and Political Violence*, London, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, 17-18 January 2008, p.3.

SAUNDERS, Robert A., “The Ummah as Nation: a Reappraisal in the Wake of the ‘Cartoons Affair’”, *Immigration, Minorities and Multiculturalism in Democracies Conference*, Montreal, Canada, 24-27 October 2007.

TØNNESEN, Truls, *Jihadist Reactions to the Muhammad Cartoons*, OMS Seminar, Oslo, March 2006.

WEBER, Max, *Politics as a Vocation*, palestra perante “Free Students Union”, Munique, janeiro de 1919, disponível em <http://anthropos-lab.net/wp/wp-content/uploads/2011/12/Weber-Politics-as-a-Vocation.pdf>.

#### E) Documentos governamentais e oficiais

BRANIFF, Bill, *Testimony before the United States House Armed Services Committee Hearing on the State of Al-Qaeda, its Affiliates, and Associated Groups: View from Outside Experts*, Washington, DC, United States House of Representatives, February 4, 2014,



[http://www.start.umd.edu/pubs/STARTCongressionalTestimony\\_StateofAQandAffiliates\\_WilliamBraniff.pdf](http://www.start.umd.edu/pubs/STARTCongressionalTestimony_StateofAQandAffiliates_WilliamBraniff.pdf).

Bundesministerium des Innern, *Verfassungsschutzbericht 2013*, Berlin, 2014.

Bundesamt für Verfassungsschutz, *Jihadism as an ideology of violence – the abuse of Islam for terrorist purposes*, <http://www.verfassungsschutz.de/en/fields-of-work/islamism-and-islamist-terrorism/what-is-islamism/jihadism-as-an-ideology-of-violence> (data de último acesso: 3 de junho de 2015).

Bundesamt für Verfassungsschutz, *2014 Annual Report on the Protection of the Constitution: Facts and Trends*, Berlin, 2015.

Bundesamt für Verfassungsschutz, *Integration as a Means to Prevent Extremism and Terrorism: Typology of Islamist Radicalisation and Recruitment*, Köln, January 2007.

Conselho de Segurança da ONU, Resolução 2178 (2014), 24 de setembro de 2014, p. 2, [http://www.un.org/en/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=S/RES/2178%20\(2014\)](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/2178%20(2014)) (data de último acesso: 10 de outubro de 2014).

“Council Decision 2012/333/CFSP of 25 June 2012 updating the list of persons, groups and entities subject to Articles 2,3 and 4 of Common Position 2001/931/CFSP on the application of specific measures to combat terrorism and repealing Decision 2011/872/CFSP”, *Official Journal L 165*, pp. 0072-0074, 26/06/2012, <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2012:165:0072:01:EN:HTML> (data do último acesso: 19 de dezembro de 2012).

Director of National Intelligence, *Trends in Global Terrorism: Implications for the United States*, Declassified Key Judgements of the National Intelligence Estimate, April 2006,

[http://www.dni.gov/files/documents/Special%20Report\\_Global%20Terrorism%20NIE%20Key%20Judgments.pdf](http://www.dni.gov/files/documents/Special%20Report_Global%20Terrorism%20NIE%20Key%20Judgments.pdf) (data de último acesso: 4 de maio de 2014).

General Intelligence and Security Services (AIDV), *The Transformation of Jihadism in the Netherlands – Swarm Dynamics and New Strength*, The Hague, 2014.

General Intelligence and Security Services (AIDV), *Annual Report 2013*, The Hague, 2014.

General Intelligence and Security Service (AIDV), *Annual Report 2008*, The Hague, 2009.

General Intelligence and Security Services (AIDV), *The Radical Dawa in Transition. The Rise of Islamic Neoradicalism in the Netherlands*, The Hague, Ministry of the Interior and Kingdom Relations, 2007.

General Intelligence and Security Services (AIDV), *Violent Jihad in the Netherlands. Current Trends in the Islamist Terrorist Threat*, The Hague, Ministry of the Interior and Kingdom Relations, 2006.

General Intelligence and Security Services (AIDV), *From Dawa to Jihad*, The Hague, Ministry of the Interior and Kingdom Relations, 2004.

Government of the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland, *Prevent Strategy*, June 2011, <http://www.homeoffice.gov.uk> (data de último acesso: 30 de julho de 2011).

Government of the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland, *Report into the London Terrorist Attacks on 7 July 2005*, Intelligence and Security Committee, London, May 2006.

Government of the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland, *Preventing Violent Extremism: Sixth Report of Session 2009-10*, House of Commons, 16 March 2010,

<http://www.publications.parliament.uk/pa/cm200910/cmselect/cmcomloc/65/65.pdf>.

Government of the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland, *Pursue Prevent Protect Prepare: The United Kingdom's Strategy for Countering International Terrorism*, London, 2009.

Government of the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland, *The Prevent Strategy: A Guide for Local Partners in England*, London, 2008.

Home Office, *Proscribed Terrorist Organisations*, Government of the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland, 23 January 2015, [https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment\\_data/file/400902/Proscription-20150123.pdf](https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/400902/Proscription-20150123.pdf).

Intelligence and Security Committee of Parliament, *Report on the Intelligence relating to the Murder of Fusilier Lee Rigby*, London, November 2014, <https://b1cba9b3-a-5e6631fd-s->

[sites.google.com/a/independent.gov.uk/isc/files/20141125\\_ISC\\_Woolwich\\_Report%28website%29.pdf?attachauth=ANoY7co8dWpabADP9tTZ1Lktdk15YUcPB87BYMbKNLxkGm3-9cqYBKrGDAvi9KZkyzNX0MeLx2441VuS097P5JFor2NemkrxfdSGsjZxWPMoZLPi pyHf9uIlsrYF9UfrbteSwTcaunoxICU-KpU3AT1-Xle803agvZnWUDf0Y9sZI\\_D2\\_JfL7o6Hf-r7IWjPk-](https://www.google.com/a/independent.gov.uk/isc/files/20141125_ISC_Woolwich_Report%28website%29.pdf?attachauth=ANoY7co8dWpabADP9tTZ1Lktdk15YUcPB87BYMbKNLxkGm3-9cqYBKrGDAvi9KZkyzNX0MeLx2441VuS097P5JFor2NemkrxfdSGsjZxWPMoZLPi pyHf9uIlsrYF9UfrbteSwTcaunoxICU-KpU3AT1-Xle803agvZnWUDf0Y9sZI_D2_JfL7o6Hf-r7IWjPk-)

[vhXdDHLk1x4EywvIobfOEjN4XsjkHLCJZR5twzsv1\\_aMIySJIOb9pH1FMFW27VXYoUZw\\_y4\\_Bx&attredirects=0](http://www.bbc.co.uk/news/health-11050606) (data de último acesso: janeiro de 2015).

House of Commons, *Report of the official account of the bombings in London on 7th July 2005*, 11 May 2006, p. 29, [http://news.bbc.co.uk/2/shared/bsp/hi/pdfs/11\\_05\\_06\\_narrative.pdf](http://news.bbc.co.uk/2/shared/bsp/hi/pdfs/11_05_06_narrative.pdf) (data de último acesso: 3 de maio de 2013).

LUND, Aaron, "Who Are the Foreign Fighters in Syria? An Interview with Aaron Y. Zelin", *Carnegie Endowment for International Peace*, 5 December 2013, <http://carnegieendowment.org/SYRIAINCRISIS/?FA=53811> (data de último acesso: 2 de janeiro de 2014).

MENNUCCI, Patrick, *Rapport fait Au Nom de la Commission D'Enquête sur la surveillance des filières et des individus djihadistes*, Assemblée Nationale Française, Paris, 2 de Juin 2015.

Ministerium für Inneres und Kommunales des Landes Nordrhein-Westfalen, *Extremistischer Salafismus als Jugendkultur – Sprache, Symbole und Style*, Dusseldorf, 2015.

National Commission on Terrorist Attacks upon the United States, *The 9/11 Commission Report*, New York, W.W. Norton & Co., 2004.

National Coordinator for Security and Counterterrorism (NCTV), *Current threat level for the Netherlands: Substantial*, Ministry of Security and Justice, 29 June 2015, [http://english.nctv.nl/themes\\_en/Counterterrorism/terrorist\\_threat\\_assessment\\_netherlands/current\\_threat\\_level/index.aspx](http://english.nctv.nl/themes_en/Counterterrorism/terrorist_threat_assessment_netherlands/current_threat_level/index.aspx) (data de último acesso: 10 de julho de 2015).

National Coordinator for Security and Counterterrorism (NCTV), *Current threat level for the Netherlands: Substantial*, Ministry of Security and Justice, The Hague, July 2013, [http://english.nctv.nl/currenttopics/press\\_releases/2013/nctv-maintains-threat-level-at-substantial.aspx](http://english.nctv.nl/currenttopics/press_releases/2013/nctv-maintains-threat-level-at-substantial.aspx) (data de último acesso: 15 de maio de 2015).

National Coordinator for Counterterrorism (NCTb), *Ideology and Strategy of Terrorism*, The Hague, December 2009.

SAGEMAN, Marc, *Radicalisation of Global Islamist Terrorists*, Testimony to the U.S. Senate Homeland Security and Governmental Affairs Committee, Washington, DC, 2007.

Secretary-General Ban Ki-moon, "Secretary-General's remarks to Security Council Meeting on Threats to International Peace and Security Caused by Terrorist Acts (Foreign Terrorist Fighters)", United Nations, New York, 29 May 2015,

<http://www.un.org/sg/statements/index.asp?nid=8689> (data de último acesso: 22 de junho de 2015).

União Europeia, diretiva 2003/109/CE do Conselho, de 25 de novembro de 2003, relativa ao estatuto dos nacionais de países terceiros residentes de longa duração, <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=uriserv:l23034> (data de último acesso: 23 de abril de 2015).

U.S. Department of State, *Terrorist Designation of Denis Cuspert*, Washington, DC, February 9, 2015, <http://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2015/02/237324.htm> (data de último acesso: 20 de março de 2015).

U.S. Department of State, *Terrorist designation of Ansar al-Sharia as an alias for al-Qaeda in the Arabia Peninsula*, 4 October 2012, <http://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2012/10/198659.htm> (data de última análise 22 de janeiro de 2014).

U.S. Department of State, *Foreign Terrorist Organizations*, Bureau of Counterterrorism, 28 September 2012, <http://www.state.gov/j/ct/rls/other/des/123085.htm> (data de último acesso: 19 de dezembro de 2012).

U.S. Department of State, *Country Reports on Terrorism 2013*, Office of the Coordination for Counterterrorism, April 2014, <http://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2013/index.htm> (data de último acesso: 15 de maio de 2015).

U.S. Department of State, *Country Reports on Terrorism 2012*, Office of the Coordination for Counterterrorism, 30 May 2013, <http://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2012/> (data de último acesso: 15 de maio de 2015).

U.S. Department of State, *Country Reports on Terrorism 2010*, Office of the Coordinator for Counterterrorism, 18 de agosto de 2011, <http://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2010/170264.htm> (data do último acesso: 27 de junho de 2012).

U.S. State Department, *Country Report on Terrorism 2007*, Washington, D.C., U.S. State Department, 2008, <http://www.state.gov/s/ct/rls/crt/2007/index.htm> (data de último acesso: 13 de maio de 2013).

U.S. Department of State, *Patterns of Global Terrorism 1999*, Office of the Coordinator for Counterterrorism, April 2000, <http://www.state.gov/www/global/terrorism/1999report/europe.html#France> (data de último acesso: 26 de agosto de 2015).

## F) Relatórios, Panfletos e Recursos da Internet

“A Conversation with Natana J. DeLong-Bas” in *Saudi-American Forum*, [http://www.saudi-american-forum.org/Newsletters2004/SAF\\_Item\\_Of\\_Interest\\_WahhabiIslam1.htm](http://www.saudi-american-forum.org/Newsletters2004/SAF_Item_Of_Interest_WahhabiIslam1.htm).

AARON, David, *In Their Own Words: Voices of Jihad*, Santa Monica, CA, RAND Corporation, 2008.

ALAMRI, Abdullah Sager, *The Doctrine of Jihad in Islam and its Implications in the Context of the Islamic Jihad Movement in Afghanistan, 1979-1988*, PhD Thesis, University of Idaho, 1990.

AL-DAWOODY, Ahmed Mohsen, *War in Islamic Law: Justifications and Regulations*, PhD Thesis, University of Birmingham, 2009.

AL-SAYYID, Mustapha Kamel, *The Other Face of the Islamist Movement*, Carnegie Endowment for International Peace, Democracy and Rule of Law Project, n.º 3, Washington, January 2003.

AMGHAR, Samir, BOUBEKEUR, Amel and EMERSON, Michael (eds.), *European Islam: Challenges for Public Policy and Society*, Brussels, Centre for European Studies, 2007.

Amnesty International, *Choice and Prejudice: Discrimination Against Muslims in Europe*, London, 2012.

Anti-Defamation League, *Backgrounder: Stop Islamization of America*, 25 March 2011, <http://www.adl.org/main/Extremism/sioa.htm> (data do último acesso: 25 maio de 2012).

ASHOUR, Omar, “From 9/11 to the Arab Spring”, *Project Syndicate*, 07 September 2011, <http://www.project-syndicate.org/commentary/ashour6/English> (data do último acesso: 12 de outubro de 2011).

BACHAR, Shmuel et al., “Establishment Ulama and Radicalism in Egypt, Saudi Arabia and Jordan”, *Center on Islam, Democracy, and the Future of the Muslim World*, Washington, DC, Hudson Institute, n.º 4, December 2006.

BAKKER, Edwin, PAULUSSEN, Christophe and ENTENMANN, Eva, *Dealing with European Foreign Fighters in Syria: Governance Challenges & Legal Implications*, ICCT Research Paper, The International Centre for Counter-Terrorism, The Hague, December 2013.

BAKKER, Edwin, *Jihadi terrorists in Europe – their characteristics and the circumstances in which they joined the jihad: an exploratory study*, The Hague, Netherlands Institute of International Relations Clingendael, December 2006.

BARAN, Zeyno, *Hizb ut-Tahrir: Islam’s Political Insurgency*, Washington, The Nixon Center, Dezembro 2004.

BARAN, Zeyno, *The Challenge of Hizb ut-Tahrir: Deciphering and Combating Radical Islamist Ideology*, Washington, D.C., The Nixon Center, 2004.

BARRETT, Richard, *Foreign Fighters in Syria*, The Soufan Group, New York, June 2014.

BARTLETT, Jamie, BIRDWELL, Jonathan, KING, Michael, *The Edge of Violence: A Radical Approach to Extremism*, London, Demos, 2010.

BERGEN, Peter, Al-Qaeda in Iraq: Leaderless Jihad or Well-Organized Insurgency?, June 12, 2008, <http://peterbergen.com/al-qaeda-in-iraq-leaderless-jihad-or-well-organized-insurgency/>.

BERGEN, Peter and CRUICKSHANK, Paul, “The Iraq Effect: War Has Increased Terrorism Sevenfold Worldwide”, *Mother Jones*, 1-6, March /April 2007, <http://www.motherjones.com/politics/2007/03/iraq-101-iraq-effect-war-iraq-and-its-impact-war-terrorism-pg-1> (data de último acesso: 13 de maio de 2010).

BERGER, J. M., “How ISIS Games Twitter”, *The Atlantic*, June 16, 2014, <http://www.theatlantic.com/international/archive/2014/06/isis-iraq-twitter-social-media-strategy/372856/> (data de último acesso: 15 de janeiro de 2015).

Berkley Center for Religion, Peace & World Politics, *Islamic Movement of Uzbekistan*, Resources on Faith, Ethics & Public Life, Georgetown University, <http://berkeleycenter.georgetown.edu/organizations/islamic-movement-of-uzbekistan> (data de último acesso: 14 de julho de 2014).

BJELOPERA, Jerome P., RANDOL, Mark A., *American Jihadist Terrorism: Combating a Complex Threat*, Washington D.C., Congressional Research Service, 2010.

BOEKE, Sergei, *Mokhtar Belmokhtar: A Loose Cannon?*, ICCT Commentaries, International Centre for Counter-Terrorism, The Hague, 3 December 2013, [http://www.icct.nl/publications/icct-commentaries/mokhtar-belmokhtar-a-loose-cannon-?dm\\_i=1ADT,24LIX,9JS7NJ,7OIFF,1](http://www.icct.nl/publications/icct-commentaries/mokhtar-belmokhtar-a-loose-cannon-?dm_i=1ADT,24LIX,9JS7NJ,7OIFF,1) (data de último acesso: 14 de janeiro de 2014).

BOUBEKEUR, Amel, *Salafism and Radical Politics in Postconflict Algeria*, Carnegie Endowment for International Peace, Washington D.C., September 2008.

BOUKHARS, Anour, “The Origins of Militancy and Salafism in Morocco”, *Terrorism Monitor*, vol. 3, n.º 12, The Jamestown Foundation, 17 June 2005, [http://www.jamestown.org/single/?no\\_cache=1&tx\\_ttnews%5Btt\\_news%5D=157](http://www.jamestown.org/single/?no_cache=1&tx_ttnews%5Btt_news%5D=157) (data de último acesso: 4 de fevereiro de 2013).

BRANDON, James, *Virtual Caliphate: Islamic extremists and their websites*, Centre for Social Cohesion, 2008.

BRIGGS, Rachel, FRENETT, Ross, *Foreign Fighters, The Challenge of Counter-Narratives*, London, Institute for Strategic Dialogue, 2014.

BRIGGS, Rachel, FEVE, Sebastien, *Review of Programs to Counter Narratives of Violent Extremism*, London, Institute for Strategic Dialogue, July 2013.

BRIGGS, Rachel, BIRDWELL, Jonathan, *Radicalisation among Muslims in the UK*. Microcon Policy Working Paper 7, Brighton, Microcon, 2009.

BROWN, Nathan J., DUNNE, Michele, *Unprecedented Pressures, Uncharted Course for Egypt's Muslim Brotherhood*, Carnegie Endowment for International Peace, July 29, 2015, [http://carnegieendowment.org/2015/07/29/unprecedented-pressures-uncharted-course-for-egypt-s-muslim-brotherhood/ie2g?mkt\\_tok=3RkMMJWWf9wsRoguKvIZKXonjHpfsX66%2B8sUKSg38431UFwdcjKpMjr1YUBTsB0aPyQA gobGp5I5FEIQ7XYTLB2t60MWA%3D%3](http://carnegieendowment.org/2015/07/29/unprecedented-pressures-uncharted-course-for-egypt-s-muslim-brotherhood/ie2g?mkt_tok=3RkMMJWWf9wsRoguKvIZKXonjHpfsX66%2B8sUKSg38431UFwdcjKpMjr1YUBTsB0aPyQA gobGp5I5FEIQ7XYTLB2t60MWA%3D%3) (data de último acesso: 2 de agosto de 2015).

BROWN, Nathan J., HAMZAWY, Amr, OTTOWAY, Marina, *Islamist Movements and the Democratic Process in the Arab World: Exploring the Gray Zones*, Carnegie Endowment for International Peace / Herbert-Quandt-Stiftung, n.º 67, March 2006.

BUNZEL, Cole, “Introducing the Islamic State of Iraq and Greater Syria”, *Jihadica*, 9 April 2013, <http://www.jihadica.com/introducing-the-islamic-state-of-iraq-and-greater-syria%E2%80%9D/> (data de último acesso: 13 de abril de 2013).

BURTON, Fred, STEWART, Scott, “Tablighi Jamaat: An Indirect Line to Terrorism”, *Stratfor*, 23 January 2008, [http://www.stratfor.com/weekly/tablighi\\_jamaat\\_indirect\\_line\\_terrorism](http://www.stratfor.com/weekly/tablighi_jamaat_indirect_line_terrorism) (Data de último acesso: 07 de Janeiro de 2013).

Center on Law and Security, *Terrorist Trial Report Card: September 11, 2001 – September 11, 2010*, Vova Iorque, New York University School of Law, 2010.

CESARI, Joselyne, *The Securitisation of Islam in Europe*, Research Paper n.º 15, CEPS Challenge Programme, Brussels, April 2009.

CILLUFFO, Frank, RANSTORP, Magnus, COZZENS, Jeffrey B., *Foreign Fighters: Trends, Trajectories and Conflict Zones*, Washington, DC, George Washington University, Homeland Security Policy Institute, 2010.

CLUB DE MADRID, *Addressing the Causes of Terrorism: The Club de Madrid Series on Democracy and Terrorism*, vol. 1, Madrid, 8-11 March 2005.

COOK, David, "Martyrdom (Shahada)", *Oxford Bibliographies Online*, <http://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780195390155/obo-9780195390155-0124.xml#>. (data de ultimo acesso: 22 de janeiro de 2014).

COOLSAET, Rik, *What Drives Europeans to Syria, And to IS? Insights from the Belgian Case*, Egmont Papers 75, Royal Institute for International Relations, Brussels, March 2015.

CRONE, Patricia, "Jihad: idea and history", *OpenDemocracy*, 30 April 2007, [http://www.opendemocracy.net/faith-europe-islam/jihad\\_4579.jsp](http://www.opendemocracy.net/faith-europe-islam/jihad_4579.jsp) (data de último acesso: 20 de novembro de 2009).

CRS Report for Congress, *Islamist Extremism in Europe*, Report RS22211, 29 July 2005.

CRS Report for Congress, *The Islamic Traditions of Wahhabism and Salafiyya*, Report RS21695, 17 January 2007.

CRUICKSHANK, Paul, *The Militant Pipeline: Between the Afghanistan-Pakistan Border Region and the West*, Washington, DC, New America Foundation, 2010.

DE KONING, Martijn et al., *Eilanden In Een Zee Van Ongeloof – Het Verzet Van Activistische Da'wa-Netwerken in België, Nederland en Duitsland*, IMES Series Report, December 2014.

DELLA PORTA, Donatella, *Social Movement Studies and Political Violence*, Centre for the Study of Islamism and Radicalisation, Aarhus University, Aarhus, September 2009.

DREVON, Jérôme, "How Syria's Is Dividing the Egyptian Jihadi Movement", *Carnegie Endowment for International Peace*, January 9, 2014, <http://carnegieendowment.org/syriaincrisis/?fa=54139> (data de último acesso: 25 janeiro de 2014).

EISENSTADT, Michael, WHITE Jeffrey and Michael Knights, *Insurgency in Iraq: Implications and Challenges*, Special Policy Forum Report 815, Washington DC, The Washington Institute for Near East Policy, December 2003, <http://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/insurgency-in-iraq-implications-and-challenges> (data de último acesso: 24 de janeiro de 2005).



ELAD-ALTMAN, Israel, *Strategies of the Muslim Brotherhood Movement 1928-2007*, Washington, D.C., Hudson Institute, January 2009, pp. 5-6.

EMERSON, Michael (ed.), *Ethno-Religious Conflict in Europe: Typologies of Radicalisation in Europe's Muslim Communities*, Brussels, Centre for European Policy Studies, 2009.

EMERSON, Michael, YOUNGS, Richard (eds.), *Political Islam and European Foreign Policy*, Brussels, Centre for European Policy Studies, 2007.

European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia, *Muslims in the European Union – Discrimination and Islamophobia*, Vienna, 2006, [http://fra.europa.eu/sites/default/files/fra\\_uploads/156-Manifestations\\_EN.pdf](http://fra.europa.eu/sites/default/files/fra_uploads/156-Manifestations_EN.pdf).

European Security Forum, *Between Suicide Bombings and the Burning Banlieues. The Multiple Crises of Europe's Parallel Societies*, Working Paper n.º 22, June 2006.

Europol, *TE-SAT 2015: European Union Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2015, <https://www.europol.europa.eu/content/european-union-terrorism-situation-and-trend-report-2015>.

Europol, *TE-SAT 2014: European Union Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2014, <https://www.europol.europa.eu/content/te-sat-2014-european-union-terrorism-situation-and-trend-report-2014>.

Europol, *TE-SAT 2013: EU Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2013, <https://www.europol.europa.eu/content/te-sat-2013-eu-terrorism-situation-and-trend-report>.

Europol, *TE-SAT 2012: EU Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2012, <https://www.europol.europa.eu/content/publication/te-sat-2012-eu-terrorism-situation-and-trend-report-1569>.

Europol, *TE-SAT 2011: EU Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2011, <https://www.europol.europa.eu/content/publication/te-sat-2011-eu-terrorism-situation-and-trend-report-1475>.

Europol, *TE-SAT 2010: EU Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2010, [https://www.europol.europa.eu/sites/default/files/publications/tesat2010\\_1.pdf](https://www.europol.europa.eu/sites/default/files/publications/tesat2010_1.pdf).

Europol, *TE-SAT 2009: EU Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2009, [https://www.europol.europa.eu/sites/default/files/publications/tesat2009\\_1.pdf](https://www.europol.europa.eu/sites/default/files/publications/tesat2009_1.pdf).

Europol, *TE-SAT 2008: EU Terrorism Situation and Trend Report*, The Hague, 2008, [https://www.europol.europa.eu/sites/default/files/publications/tesat2008\\_1.pdf](https://www.europol.europa.eu/sites/default/files/publications/tesat2008_1.pdf).

Europol, *TE-SAT 2007: EU Terrorism and Trend Report 2007*, The Hague, 2007, [http://www.europol.europa.eu/publications/EU\\_Terrorism\\_Situation\\_and\\_Trend\\_Report\\_TE-SAT/TESAT2007.pdf](http://www.europol.europa.eu/publications/EU_Terrorism_Situation_and_Trend_Report_TE-SAT/TESAT2007.pdf).

FELTER, Joseph, FISHMAN, Brian, *Al-Qa'ida's Foreign Fighters in Iraq: A First Look at the Sinjar Records*, The Combating Terrorism Center, West Point, New York, 2007.

FILIU, Jean-Pierre, *Al-Qaeda in the Islamic Maghreb: Algerian Challenge or Global Threat?*, Carnegie Papers, n.º 104, Washington, Carnegie Endowment for International Peace, October 2009.

FISHMAN, Brian, *Dysfunction and Decline: Lessons Learned From Inside Al Qa'ida in Iraq*, The Combating Terrorism Center, West Point, New York, March 2009.

FISHMAN, Shammai, "Fiqh al-Aqalliyat: A Legal Theory for Muslim Minorities", *Center on Islam, Democracy, and the Future of the Muslim World*, Washington, DC, Hudson Institute, Series n.º 1, paper n.º 2, October 2006.

Foreign Broadcast Information Service, *Compilation of Usama Bin Ladin Statements 1994-January 2004*, January 2004.

FOREST, James J., "Confronting the Terrorism of Boko Haram in Nigeria", *JSOU Report 12-5*, Tampa, Joint Special Operations University, May 2012.

GADE, Tine, *Fatah al-Islam in Lebanon: Between Global and Local Jihad*, FFI Report, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2007.

GANOR, Boaz, *The Rationality of the Islamic Radical Suicide attack phenomenon*, Interdisciplinary Center Herzliya, Israel, March 2007.

GARTENSTEIN-ROSS, Daveed, *Ayman al-Zawahiri on Jihadist Infighting and the Islamic State of Iraq and al-Shams*, 21 April 2014, <http://jihadology.net/2014/04/21/guest-post-ayman-al-zawahiri-on-jihadist-infighting-and-the-islamic-state-of-iraq-and-al-sham/> (data de último acesso: 22 de abril de 2014).

GARTENSTEIN-ROSS, Daveed, *Ansar al-Sharia Tunisia's Long Game: Dawa, Hisba, and Jihad*, ICCT Research Paper, The Hague, May 2013.

GARTENSTEIN-ROSS, Daveed, GROSSMAN, Laura, *Homegrown Terrorists in the U.S. and U.K.: An Empirical Examination of the Radicalization Process*, Washington D.C., Foundation for Defense of Democracies, April 2009.

Global Terrorism Database, *Overview: Terrorism in 2014*, START Background Report, National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism (START), University of Maryland, August 2015, [www.start.umd.edu](http://www.start.umd.edu).

HARRIS, Alistair, *Exploiting the Grievances – Al-Qaeda in the Arabian Peninsula*, Carnegie Endowment for International Peace, n.º 111, May 2010.

HEGGHAMMER, Thomas, *The Foreign Fighter Phenomenon: Islam and Transnational Militancy*, Policy Brief, Belfer Center for Science and International Affairs, Harvard Kennedy School, January 2011, [http://belfercenter.ksg.harvard.edu/files/Hegghammer\\_policy\\_brief\\_feb\\_2011.pdf](http://belfercenter.ksg.harvard.edu/files/Hegghammer_policy_brief_feb_2011.pdf).

HEGGHAMMER, Thomas, “Maqdisi Invokes McCants”, *Jihadica*, 8 April 2009, <http://www.jihadica.com/maqdisi-invokes-mccants/> (data de último acesso: 11 de fevereiro de 2013).

HEGGHAMMER, Thomas, *Al-Qaida Statements 2003-2004 - A compilation of translated texts by Usama bin Ladin and Ayman al-Zawahiri*, FFI Report, Kjeller, 2005.

HEGGHAMMER, Thomas, *Dokumentasjon Om Al-Qa'ida – Intervjuer, kommunikéers og andre primærkilder, 1990-2002*, FFI Report, Kjeller, 2002.

HOFFMAN, Bruce, REINARES, Fernando, *Al-Qaeda's continued core strategy and disquieting leader-led trajectory*, Madrid, Real Instituto Elcano, 10 September 2013.

HOROWITZ, Michael C., POTTER, Philip, *Allying to Kill: Terrorist Intergroup Cooperation and the Consequences for Lethality*, SSRN, November 2011, [http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1787599](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1787599).

HOVDENAK, Are, *Al-Qaida – a challenge for Hamas?*, Norwegian Research Establishment, 2009.

Infratest Dimap, *Der Islambild der Deutschen*, 24-25 September 2014, <http://www.infratest-dimap.de/umfragen-analysen/bundesweit/umfragen/aktuell/das-islambild-der-deutschen/> (data de último acesso: 23 de novembro de 2014).

International Crisis Group, *In Their Own Words: Reading the Iraqi Insurgency*, Middle East Report n.º 50, Amman/Brussels, 2006.

International Crisis Group, *Understanding Islamism*, Middle East and North Africa Briefing N.º 37, Cairo/ Brussels, March 2005.

International Crisis Group, *Saudi Arabia Backgrounder: Who are the Islamists?*, Middle East Report N.º 31, Amman/ Riyadh/ Brussels, September 2004.

International Crisis Group, *Islamism in North Africa I: The Legacies of History*, Middle East and North Africa Briefing N.º 12, Cairo/ Brussels, April 2004.

International Crisis Group, *Islamism in North Africa II: Egypt's Opportunity*, Middle East and North Africa Briefing N.º 12, Cairo/ Brussels, April 2004.

International Crisis Group, *Radical Islam in Central Asia: Responding to Hizb ut-Tahrir*, Asia Report n.º 58, Osh/ Brussels, June 2003.

Institute for the Study of Violent Groups, *Islamic Jihad Union*, University of New Haven, [http://vkb.isvg.org/Wiki/Groups/Islamic\\_Jihad\\_Union\\_\(IJU\)](http://vkb.isvg.org/Wiki/Groups/Islamic_Jihad_Union_(IJU)) (data de último acesso: 14 de julho de 2014).

JACKSON, Richard, “Religion, Politics and Terrorism: A Critical Analysis of Narratives of “Islamic Terrorism”, *Center for International Politics Working Paper Series*, University of Manchester, n.º 21, October 2006.

JENKINS, Brian Michael, *Al Qaeda in Its Third Decade: Irreversible Decline or Imminent Victory?*, RAND, Santa Monica, 2012.

“Jihadi Reactions to the ISIS Caliphate Declaration”, <https://storify.com/hegghammer/jihadi-reactions-to-isis-caliphate> (data de último acesso: 13 de setembro de 2014).

KHAN, M. A. Muqtedar, “A Constitucional Theory of the Islamic State”, *Mirror International*, May 30, 2001, <http://www.ijtihad.org/compact.htm> (data de último acesso: 8 de agosto de 2013).

KHAN, M. A. Muqtedar, “Shura and Democracy”, *Ijtihad.org*, January 2002, <http://www.ijtihad.org/shura.htm> (data de último acesso: 8 de agosto de 2013).

KJØK Åshild et al., *Restoring Peace or Provoking Terrorism? Exploring the Links Between Multilateral Military Interventions and International Terrorism*, FFI Report, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2003.

KLAUSEN, Jytte, *Al Qaeda-Affiliated and ‘Homegrown’ Jihadism in the UK: 1999-2010*, London, Institute for Strategic Dialogue, 2010.

KLAUSEN, Jytte, *Public Policy for European Muslims: Facts and Perceptions*, Institute for Strategic Dialogue, 2009.

KNUDSEN, Are, *Political Islam in the Middle East*, Chr. Michelsen Institute, Bergen, Janeiro de 2003.

LAHOUD, Nelly, Muhammed al-‘Ubaydi, *Jihadi Discourse in the Wake of the Arab Spring*, The Combating Terrorism Center, West Point, New York, December 2013.

LAHOUD, Nelly, *Beware of Imitators: al-Qa’ida Through the Lend of its Confidential Secretary*, The Combating Terrorism Center at West Point, New York, June 2012.

LAHOUD, Nelly et al., *Letters from Abbottabad: Bin Laden Sidelined?*, The Combating Terrorism Center, West Point, New York, 3 May 2012.

LIA, Brynjar, SKØLBERG, Katja, *Causes of Terrorism: An Expanded and Updated Review of the Literature*, FFI Rapport, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2004.

LIA, Brynjar, KJØK Åshild, *Islamist Insurgencies, Diasporic Support Networks, and Their Host States: The Case of the Algerian GIA in Europe 1993 - 2000*, FFI Report, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2001.

LIA, Brynjar, SKØLBERG Katja, *Why Terrorism Occurs – A Survey of Theories and Hypotheses on the Causes of Terrorism*, FFI Rapport, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2000.

LIGON, Gina, “The Organization and Leadership of Violence”, *START Research Brief*, National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism, August 2013,

[http://www.start.umd.edu/start/publications/research\\_briefs/START\\_OrganizationandLeadershipofViolence\\_ResearchBrief\\_Aug2013.pdf](http://www.start.umd.edu/start/publications/research_briefs/START_OrganizationandLeadershipofViolence_ResearchBrief_Aug2013.pdf).

LOWLES, Nick, “The Global Movement Feeding Anti-Muslim Hatred”, *Open Society Institute*, Bruxelles, 27 June 2012, <http://www.soros.org/voices/global-movement-feeding-anti-muslim-hatred> (data do último acesso: 17 de julho de 2012).

MAHADEVAN, Prem, *The Glocalisation of Al Qaedaism*, Center for Security Studies, Zurich, 22 March 2013, <http://www.isn.ethz.ch/isn/Digital-Library/Articles/SpecialFeature/Detail/?lng=en&id=161729&contextid774=161729&contextid775=161659&tabid=1454211886> (data de ultimo acesso: 24 de maio de 2013).

MAHER, Shiraz, *British Foreign Fighters in Syria*, ICSR Insight, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, 15 October 2013, <http://icsr.info/2013/10/british-foreign-fighters-in-syria/> (Data de último acesso: 12 de agosto de 2014).

MAHER, Shiraz, NEUMANN, Peter R., *German Arrests and the Rise of Megaphone Jihadists*, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, 14 June 2012, <http://icsr.info/2012/06/icsr-insight-german-arrests-the-rise-of-the-megaphone-jihadists-2/> (data de último acesso: 23 de maio de 2014).

Mapping Militant Organizations, *Caucasus Emirate*, Stanford University, <http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/255> (data de último acesso: 14 de julho de 2014).

Mapping Militant Organizations, *Lashkar-e-Taiba*, Stanford University, <http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/79> (data de último acesso: 14 de julho de 2014).

Mapping Militant Organizations, *Tehreek-e-Taliban Pakistan*, Stanford University, <http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/105> (data de último acesso: 14 de julho de 2014).

MASTERS, Jonathan, *Backgrounders: Al-Shabaab*, Council on Foreign Relations, September 5, 2014 <http://www.cfr.org/somalia/al-shabab/p18650> (data de último acesso: 7 de setembro de 2014).

MASTERS, Jonathan, LAUB, Zachary, *Backgrounders: Al-Qaeda in the Arabian Peninsula*, Council on Foreign Relations, 22 August 2013, <http://www.cfr.org/yemen/al-qaeda-arabian-peninsula-aqap/p9369> (data de último acesso: 10 de maio de 2014).

MAYER, Jean-François, *Hizb ut-Tahrir – The Next Al-Qaida, Really?*, PSIO Occasional Paper 4/2004, Geneva, 2004.

McCANTS, William, *The Lesser of Two Evils: The Salafi Turn to Party Politics in Egypt*, Saban Center at Brookings Institution, Washington, D.C., May 2012.

McCANTS, Will (ed.), *The Militant Ideology Atlas*, The Combating Terrorism Center, West Point, New York, November de 2006.

McCANTS, William BRACHMAN, Jarret (eds.), *The Militant Ideology Atlas – Research Compendium*, The Combating Terrorism Center, West Point, New York, November 2006.

MELEAGROU-HITCHENS, Alexander, MAHER, Shiraz, SHEEHAN, James, *Lights, Camera, Jihad: Al-Shabaab's Western Media Strategy*, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, 2012.

MELEAGROU-HITCHENS, Alexander, *As American as Apple Pie: How Anwar al-Awlaki Became the Face of Western Jihad*, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, 2011.

MOGHADAM, Assaf e FISHMAN, Brian (eds.), *Self-Inflicted Wounds: Debates and Divisions within al-Qa'ida and its Periphery*, The Combating Terrorism Center, West Point, New York, December 2010.

Munich Security Conference, *Munich Security Report 2015 “Collapsing Order, Reluctant Guardians?”*, Munich, Munich Security Conference Foundation, January 2015, <http://www.eventanizer.com/MSR2015/MunichSecurityReport2015.pdf>.

NEUMANN, Peter R., *Foreign Fighters in Syria/Iraq now exceeds 20,000; surpasses Afganistan conflict in the 1980*, The International Centre for the Study of Radicalization and Political Violence, London, 26 January 2015, <http://icsr.info/2015/01/foreign-fighter-total-syriairaq-now-exceeds-20000-surpasses-afghanistan-conflict-1980s/> (data de último acesso: 27 de janeiro de 2015).

NEUMANN, Peter R., *The New Jihadism: A Global Snapshot*, The International Centre for the Study of Radicalization and Political Violence, London, 2014.

NEUMANN, Peter, CARTER, Joseph A., MAHER, Shiraz, *#Greenbirds: Measuring Importance and Influence in Syrian Foreign Fighter Networks*, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, 2014.

NEUMANN, Peter, HITCHENS, Alexander, KLEINMANN, Scott, *Toulouse Gunman's Link to UK Extremists*, ICSR Insight, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, 21 March 2012, <http://icsr.info/2012/03/icsr-insight-toulouse-gunmans-link-to-uk-extremists/> (data de último acesso: 3 de abril de 2012).

NEUMANN, Peter R., ROGERS, Brooke, *Recruitment and Mobilization for the Islamist Militant Movement in Europe*, Study carried out by King's College London for the European Commission, London, 2007.

NESSER, Petter, *Chronology of Jihadism in Western Europe Update 2008-2010*, FFI Terrorism Research Group, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2010.

NESSER, Petter, *The Slaying of the Dutch Filmmaker – Religiously Motivated Violence or Islamist Terrorism in the Name of Global Jihad?*, FFI Rapport, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2005.

NESSER, Petter, *Jihad In Europe – A Survey of the Motivations for Sunni Islamist Terrorism in Post-Millennium Europe*, FFI/Report, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2004.

OLESEN, Thomas, *Social Movement Theory and Radical Islamic Activism*, Centre for Studies in Islamism and Radicalisation, Aarhus University, Aarhus, 2009.

Open Society Institute, *Muslims in Europe: A Report in 11 EU Cities*, Budapest, 2010, [https://www.opensocietyfoundations.org/sites/default/files/a-muslims-europe-20110214\\_0.pdf](https://www.opensocietyfoundations.org/sites/default/files/a-muslims-europe-20110214_0.pdf).

Open Society Foundation, *Muslims in the UK: Policies for Engaged Citizens*, Budapest, 2005, <https://www.opensocietyfoundations.org/sites/default/files/muslims-uk-policies-2005-20120119.pdf>.

OTTOWAY, Marina, *Egypt's Democracy: Between Military, Islamists, and Illiberal Democrats*, Carnegie Endowment for International Peace, 3 November 2011, <http://carnegieendowment.org/2011/11/03/egypt-s-democracy-between-military-islamists-and-illiberal-democrats/6lzl#> (data de acesso: 11 de novembro de 2011).

PAGE, Jacqueline, *Jihadi Arena Report: Somalia – Development of radical Islamism and Current Implications*, International Institute for Counter-Terrorism, Herzliya, March 2010, <http://www.ict.org.il/Articles/tabid/66/Articlsid/814/currentpage/3/Default.aspx> (data de último acesso: 7 de junho de 2011).

PANTUCCI, Raffaello, *A Typology of Lone Wolves: Preliminary Analysis of Lone Islamist Terrorists*, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, March 2011.

PEACH, Ceri, WINTER, Tim et al., *Muslim Integration: Challenging Conventional Wisdom in Europe and the United States*, Center for Strategic and International Studies, Washington, D.C., 2007.

Pew Global Attitudes Project, *Confidence in Obama Lifts U.S. Image Around the World*, Pew Research Center, 23 July 2009, <http://pewresearch.org/pubs/1289/global-attitudes-survey-2009-obama-lifts-america-image> (data do último acesso: 11 de maio de 2012).

Pew Global Attitudes Project, *Global Public Opinion in the Bush Years (2001-2008)*, Pew Research Center, 18 December 2008, <http://www.pewglobal.org/2008/12/18/global-public-opinion-in-the-bush-years-2001-2008/> (data do ultimo acesso: 11 de maio de 2012).

Pew Global Attitudes Project, *Muslims in Europe: Economic Worries Top Concerns About Religious and Cultural Identity*, Pew Research Center, July 6, 2006, <http://www.pewglobal.org/2006/07/06/muslims-in-europe-economic-worries-top-concerns-about-religious-and-cultural-identity/> (data de último acesso: 23 de junho de 2007).

President George W. Bush, *Remarks by President George W. Bush at the 20<sup>th</sup> Anniversary of the National Endowment for Democracy*, National Endowment for Democracy, Washington D.C., 6 November 2003, <http://www.ned.org/george-w-bush/remarks-by-president-george-w-bush-at-the-20th-anniversary> (data de último acesso: 29 de outubro de 2009).

PRECHT, Thomas, *Homegrown terrorism and Islamist radicalisation in Europe. From conversion to terrorism*, Research report funded by the Danish Ministry of Justice, December 2007.



RAYMOND, Catherine Zara, *Al-Muhajiroun and Islam4UK: The Group behind the Ban*, The International Centre for the Study of Radicalisation, London, 2010.

ROGAN, Hanna, *Al-Qaeda's Online Media Strategies: From Abu Reuter to Irhabi 007*, FFI Rapport, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2007.

ROGAN, Hanna, *Jihadism Online- A study of how al-Qaida and radical Islamist groups use the Internet*, FFI Rapport, Kjeller, Norwegian Defence Research Establishment, 2006.

SANDERSON, Thomas M., FELLMAN, Zack, *Closing Embassies in the Middle East and the Threat from al Qaeda*, Center for Strategic and International Studies, Washington DC, 6 August 2013, <http://csis.org/publication/closing-embassies-middle-east-and-threat-al-qaeda> (data de último acesso: 10 de maio de 2014).

SCHEUER, Michael, "Al Qaeda and Algeria's GSPC: Part of a Much Bigger Picture", *Terrorism Focus*, The Jamestown Foundation, Washington, D.C., 3 April 2007.

SCHMID, Alex P., *Violent and Non-Violent Extremism: Two Sides of the Same Coin?*, ICCT Research Paper, International Centre for Counter Terrorism, The Hague, May 2014.

SCHMID, Alex P., *Al-Qaeda's "Single Narrative" and Attempts to Develop Counter-Narratives: The State of Knowledge*, ICCT Research Paper, International Centre for Counter-Terrorism, The Hague, January 2014.

SCHMID, Alex P., *Radicalisation, De-Radicalization, Counter-Radicalization: A Conceptual Discussion and Literature Review*, ICCT Research Paper, International Centre for Counter-Terrorism, The Hague, March 2013.

SCHULTZ, Richard H., *Global Insurgency Strategy and the Salafi Jihad Movement*, INSS Occasional Paper 66, Colorado, USAF Institute for National Security Studies, April 2008.

SCHUURMAN, Bart and EIJKMAN, Quirine, *Moving Terrorism Research Forward: The Crucial Role of Primary Sources*, ICCT Background Note, International Centre for Counter-Terrorism, The Hague, June 2013.

SILBER, Mitchell, BHATT, Arvin, *Radicalization in the West: The Homegrown Threat*, New York, New York City Police Department, 2007.

STALINSKY, Steven, SOSNOW R., *Faces of Death Part II: On Twitter, Jihadis Disseminate Death Photos of Martyrs*, Middle East Media Research Institute, Inquiry & Analysis n.º 990, 1 July 2013.

STEWART, Scott, "Al Shabaab Threats Against the United States?", *Stratfor*, June 3, 2010,

[http://www.stratfor.com/weekly/20100602\\_al\\_shabaab\\_threats\\_united\\_states?utm\\_source=SWeekly&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=100603&utm\\_content=readmore&elq=eb66b5e61f404385be014479fe3f10d5](http://www.stratfor.com/weekly/20100602_al_shabaab_threats_united_states?utm_source=SWeekly&utm_medium=email&utm_campaign=100603&utm_content=readmore&elq=eb66b5e61f404385be014479fe3f10d5) (data de último acesso: 13 de setembro de 2013).

Syrian Observatory for Human Rights, *New combatants joined the Islamic state*, 26 September 2014, <http://www.syriahr.com/en/2014/09/new-combatants-joined-the-islamic-state/> (data de último acesso: 23 de maio de 2015).

Syrintel, *Jihadist Organizations' Reactions to Islamic State Announcement*, <http://rdnews.tumblr.com/post/90408384795/jihadist-organizations-reactions-to-islamic> (data de último acesso: 13 de setembro de 2014).

TAARNBY, Michael, HALLUNDBAEK, Lars, *Al Shabaab: The Internationalization of Militant Islamism in Somalia and the Implications for Radicalisation Processes in Europe*, Danish Ministry of Justice, Aarhus, February 2010.

TAARNBY JENSEN, Michael, *Jihad in Denmark: An Overview and Analysis of Jihadi Activity in Denmark 1996-2006*, DIIS Working Paper 2005/35, Copenhagen, Danish Institute for International Studies, 2006.

TAARNBY, Michael, *Recruitment of Islamist Terrorists in Europe: Trends and Perspectives*, Research Report funded by the Danish Ministry of Justice, Aarhus, January 2005.

TAWIL, Camille, "Al-Qaeda in the Islamic Maghreb Calls on North African Jihadists to Fight in Sahel, Not Syria", *Terrorism Monitor*, The Jamestown Foundation, vol. XI, n.º 6, 21 de Março de 2013.

TELHAMI, Shibley, *A View from the Arab World: A Survey in Five Countries*, The Brookings Institution, Washington, March 2003, <http://www.brookings.edu/~media/research/files/reports/2003/3/middleeast%20telhami/survey20030313> (data de último acesso: 24 de maio de 2011).

The Combating Terrorism Center, *Letter from Usama Bin Laden to 'Atiyatullah Al-Libi (English Translation)*, SOCOM-2012-0000006, West Point, New York, January 2011, <https://www.ctc.usma.edu/v2/wp-content/uploads/2013/10/Letter-from-Usama-Bin-Laden-to-Atiyatullah-Al-Libi-Translation.pdf> (data de último acesso: 14 de maio de 2014).

The Combating Terrorism Center, *Letter from Adam Gadahn (English Translation)*, West Point, New York, January 2011, <https://www.ctc.usma.edu/posts/letter-from-adam-gadahn-english-translation-2> (data de último acesso: 14 de maio de 2014).

The Combating Terrorism Center, *Harmony and Disharmony: Exploiting al-Qa'ida's Organizational Vulnerabilities*, West Point, New York, 14 February 2006.

The Combating Terrorism Center, *Militant Imagery Project*, West Point, New York, <http://www.ctc.usma.edu/posts/imagery/0386>. (data de último acesso: 3 de setembro de 2014).

The Middle East Media Research Institute, *On Facebook, French IS Supporters And Fighters Urge Attacks in France and Europe*, October 13, 2014, <http://www.memrijttm.org/on-facebook-french-is-supporters-and-fighters-urge-attacks-in-france-and-europe.html> (data de último acesso: 15 de outubro de 2014).

The Middle East Media Research Institute, *British ISIS Fighter Abu Saeed al-Baritani Calls on Muslims to Carry Out Terror Attacks in the West*, October 4, 2014, <http://www.memri.org/clip/en/0/0/0/0/0/0/4535.htm> (data de último acesso: 6 de outubro de 2014).

The Middle East Media Research Institute, *Senior Salafi-Jihadi Ideologue Al-Tartusi To World's Muslims: Do Not Heed Islamic State Spokesman's Call To Betray Those With Whom You Have Lived Peacefully Until Now*, October 1, 2014, <http://www.memrijttm.org/senior-salafi-jihadi-ideologue-al-tartusi-to-worlds-muslims-do-not-heed-islamic-state-spokesmans-call-to-betray-those-with-whom-you-have-lived-peacefully-until-now.html> (data de último acesso: 3 de outubro de 2014).

The Middle East Media Research Institute, *Responding to U.S.-Led Campaign, IS Spokesman Calls to Kill Westerners, Including Civilians, By Any Means Possible*, September 22, 2014, <http://www.memrijttm.org/responding-to-us-led-campaign-is-spokesman-calls-to-kill-westerners-soldiers-or-civilians-by-any-means-possible.html> (data de último acesso: 23 de setembro de 2014).

The Middle East Media Research Institute, *New Al-Shabab Video Calls For Westerners - 'Especially [Those In] Minnesota, Great Britain, [And] Germany' - To Emigrate To Muslim Lands*, August 28, 2014, <http://www.memrijttm.org/new-al-shabab-video-calls-for-westerners-especially-those-in-minnesota-great-britain-and-germany-to-emigrate-to-muslim-lands.html> (data de último acesso: 13 de setembro de 2014).

The Middle East Media Research Institute, *New Al-Shabaab Video Incites Lone-Wolf Attacks in the West, Calls for Westerners to Join the Group: 'Next Flight to Mogadishu, The Only One Missing is You'*, May 13, 2014, <http://www.memrijttm.org/new-al-shabab-video-incites-lone-wolf-attacks-in-the-west-calls-for-westerners-to-join-the-group-next>

[flight-to-mogadishu-the-only-one-missing-is-you.html](http://www.memrijttm.org/flight-to-mogadishu-the-only-one-missing-is-you.html) (data de último acesso: 13 de setembro de 2014).

The Middle East Media Research Institute, *Jihadis Debate Boko Haram Kidnapping of Girls: Calls For Releasing The Girls Alongside Justification of Kidnapping*, May 12, 2014, <http://www.memrijttm.org/jihadis-debate-boko-haram-kidnapping-of-girls-calls-for-releasing-the-girls-alongside-justification-of-kidnapping.html> (data de último acesso: 15 de maio de 2014).

The Middle East Media Research Institute, *ISI Confirms that Jabhat al-Nusra is its Extension in Syria, Declares 'Islamic State of Iraq and Al-Shams' as New Name of Merged Group*, Special Dispatch 5265, 8 April 2013, <http://www.memrijttm.org/isi-confirms-that-jabhat-al-nusra-is-its-extension-in-syria-declares-islamic-state-of-iraq-and-al-sham-as-new-name-of-merged-group.html> (data de último acesso: 13 de abril de 2013).

The Middle East Media Research Institute, *In Second 'Urgent Message,' American Al-Shabab Commander 'Omar Hammami Confirms Major Schism Between Somali And Foreign Al-Shabab Fighters, Urges Al-Qaeda Leadership To Intervene*, Special Dispatch, n.º 5020, October 19, 2012, <http://www.memri.org/report/en/0/0/0/0/0/6766.htm> (data de último acesso: 13 de setembro de 2013).

The Middle East Media Research Institute, *Pakistani Terror Mastermind Hafiz Muhammed Saeed Launches Website; Stresses Use Of Social Media And Prophet Muhammed's 'Practice Of Jihad*, Special Dispatch n.º 4808, 25 June 2012, <http://www.memri.org/report/en/0/0/0/0/0/6479.htm> (data de último acesso: 27 de junho de 2012).

The Middle East Media Research Institute, *Al-Shabaab Al-Mujahideen Threaten UK over Abu Qatada Extradition*, 16 April 2012, <http://www.memrijttm.org/al-shabab-al-mujahideen-threaten-uk-over-abu-qatada-extradition.html> (data de último acesso: 17 de abril de 2012).

The Middle East Media Research Institute, *Arab Columnists: Stop Talking about Offensive Jihad*, Special Dispatch n.º 3249, 21 September 2010, <http://www.memri.org/report/en/0/0/0/0/0/4622.htm> (data de último acesso: 24 de setembro de 2010).

The Middle East Media Research Institute, *Calls in the Muslim World to Intensify Jihad During Ramadan*, Inquiry & Analysis Series Report n.º 636, 13 September 2010,

<http://www.memri.org/report/en/0/0/0/0/0/4599.htm> (data de último acesso: 14 de setembro de 2010).

The Middle East Media Research Institute, *Radical Belgian Muslims Turn to Jihadist Cleric Abu Muhammad Al-Maqqdisi for Guidance*, Inquiry & Analysis Series Report n.º 605, 3 May 2010, <http://www.memri.org/report/en/0/0/0/0/0/4130.htm> (data de último acesso: 22 de junho de 2013).

The Middle East Media Research Institute, *Sheikh Yousuf al-Qaradhawi: Resistance in Iraq is a Duty of Every Muslim*, Special Dispatch n.º 828, 14 December 2004, <http://www.memri.org/report/en/0/0/0/0/0/1275.htm> (data de último acesso: 22 de maio de 2007).

The National Counterterrorism Center, *Central Asian Terrorism*, <http://www.nctc.gov/site/groups/iju.html> (data de último acesso: 14 de julho de 2014).

The Soufan Group, *Failing to Stem the Flow of Foreign Fighters*, TSG InterBrief, October 1, 2015, <http://soufangroup.com/tsg-intelbrief-failing-to-stem-the-flow-of-foreign-fighters/> (data de último acesso: 2 de outubro de 2015).

TIBI, Bassam, *Ballot and Bullet: The Politicisation of Islam to Islamism*, Centre for Studies in Islamism and Radicalisation, Aarhus University, Denmark, November 2009.

TURBIVILLE, Graham, MESERVEY, Josh, FOREST, James, “Countering the Insurgency in Somalia: Lessons for U.S. Special Operations Forces”, *JSOU Report 14-1*, Tampa, Joint Special Operations University, 2014.

VAN ZUIJDEWIJN, Jeanine de Roy, BAKKER, Edwin, *Returning Western Foreign Fighters: The Case of Afghanistan, Bosnia and Somalia*, ICCT Background Note, International Centre for the Counter-Terrorism, The Hague, June 2014.

VELDHUIS, Tinka, STAUN, Jørgen, *Islamist Radicalisation: a Root Cause Model*, The Hague, Netherlands Institute of International Relations Clingendael, 2009.

VIDINO, Lorenzo, *Homegrown Jihadism in Italy: Birth, Development and Radicalization Dynamics*, Milano, Istituto per gli Studi di Politica Internazionale, 2014.

VIDINO, Lorenzo, *Radicalization, Linkage and Diversity. Current Trends in Terrorism in Europe*, Santa Monica, CA, RAND Corporation, 2011.

WAGEMAKERS, Joas, “What’s in a Name? A Jihadi Labels Himself”, *Jihadica*, 11 September 2012, <http://www.jihadica.com/whats-in-a-name-a-jihadi-labels-himself/> (data de último acesso: 12 de setembro de 2012).

WITTES, Tamara Coffman, *The New U.S. Proposal for a Greater Middle East Initiative: An Evaluation*, Saban Center for Middle East Policy, Brookings Institution, Washington,

D.C., 10 May 2004, <http://www.brookings.edu/research/papers/2004/05/10middleeast-wittes> (data de último acesso: 11 de outubro de 2009).

ZELIN, Aaron Y., *Foreign Jihadists in Syria: Tracking Recruitment Networks*, Policy Analysis, The Washington Institute, 19 December 2013, <http://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/foreign-jihadists-in-syria-tracking-recruitment-networks> (data de último acesso: 12 de agosto de 2014).

ZELIN, Aaron Y., *Up to 11,000 foreign fighters in Syria; steep rise among Western Europeans*, ICSR Insight, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, 17 December 2013, <http://icsr.info/2013/12/icsr-insight-11000-foreign-fighters-syria-steep-rise-among-western-europeans/> (data de último acesso: 24 de junho de 2014).

ZELIN, Aaron Y., *European Foreign Fighters in Syria*, ICSR Insight, The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, London, April 2013, <http://icsr.info/2013/04/icsr-insight-european-foreign-fighters-in-syria-2/> (data de último acesso: 22 abril de 2013).

ZELIN, Aaron Y., *Al-Qaeda in Syria: A Closer Look at ISIS (Part I)*, Policy Watch 2137, The Washington Institute, 10 September 2013, <http://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/al-qaeda-in-syria-a-closer-look-at-isis-part-i> (data de último acesso: 20 de setembro de 2013).

ZELIN, Aaron, “Jihādī Reactions to the Death of Usāmah Bin Lāden”, *jihadology.net*, <http://jihadology.net/site-features/jihadi-reactions-to-the-death-of-usamah-bin-laden/> (data de último acesso: 4 de junho de 2012).

ZELIN, Aaron Y., KOHLMANN, Evan F., AL-KHOURI, Laith, *Convoy of Martyrs in the Levant*, Flashpoint Partners, June 2013.

ZELIN, Aaron Y., *Who is Jabhat al-Islah?*, Carnegie Endowment for International Peace, 18 July 2012, <http://carnegieendowment.org/2012/07/18/who-is-jabhat-al-islah/cuxg> (Último acesso: 8 de março de 2013).

ZIMMERMAN, Katherine, *The Al Qaeda Network: A New Framework For Defining The Enemy*, American Enterprise Institute, September 2013.

ZUHUR, Sherifa, *Egypt: Security, Political, and Islamist Challenges*, Strategic Studies Institute, U. S. Army War College, Carlisle, Pennsylvania, September 2007.

ZUHUR, Sherifa, *A Hundred Osamas: Islamist Threats and the Future of Counterinsurgency*, Strategic Studies Institute, U. S. Army War College, Carlisle, Pennsylvania, December 2005.

## G) Jornais e Periódicos

Al Jazeera  
Associated Press  
BBC News  
Bloomberg Business  
Commentary  
CNN World  
Financial Times  
Gulf News  
Le Monde  
Libération  
Los Angeles Times  
McClatchy DC  
MSNBC.com  
Reuters  
Slate Magazine  
The Boston Globe  
The Daily Beast  
The Daily Star  
The Guardian  
The Huffington Post  
The Independent  
The Nation  
The National  
The New York Times  
The New Yorker  
The Observer  
The Sunday Times  
The Times  
The Wall Street Journal  
The Washington Post  
Time

Vocativ.com

Voice of America

Wired.com

#### H) Vídeos e ficheiros audio

Al-Qā'idah in the Arabian Peninsula's Abū Hājir and Abū Fāris: "The Army Is Coming Upon You", nashīd, al-Bashā'ir Foundation for Audio Production, 4 de agosto de 2015, disponível em <http://jihadology.net/2015/08/04/al-bashair-foundation-for-audio-production-presents-a-new-nashid-from-al-qaidah-in-the-arabian-peninsulas-abu-hajr-and-abu-faris-the-army-is-coming-upon-you/> (data de último acesso: 10 de agosto de 2015).

"Report 92: A Tour of the Islamic Medical Complex in Taftanāz –Rural Idlib", *Himam News Agency*, 16 de agosto de 2014, <http://jihadology.net/2014/08/16/new-video-message-from-himam-news-agency-report-92-a-tour-of-the-islamic-medical-complex-in-taftanaz-rural-idlib/> (data de último acesso: 30 de setembro de 2014).

"Report 89: Jabhat al-Nusrah is Building Shelters to Protect People from the Bombings – Rural Homs", *Himam News Agency*, 17 de julho de 2014, <http://jihadology.net/2014/07/17/new-video-message-from-himam-news-agency-report-89-jabhat-al-nu%E1%B9%A3rah-is-building-shelters-to-protect-people-from-the-bombings-rural-%E1%B8%A5om%E1%B9%A3/> (data de último acesso: 30 de setembro de 2014).

"Report 87: Jabhat al-Nusrah Conducting a Vaccination Campaign Against Polio of the Children – Rural al-Qunaytrah", *Himam News Agency*, 7 de julho de 2014, <http://jihadology.net/2014/07/07/new-video-message-from-himam-news-agency-report-87-jabhat-al-nu%E1%B9%A3rah-conducting-a-vaccination-campaign-against-polio-of-the-children-rural-al-qunay%E1%B9%ADrah/> (data de último acesso: 30 de setembro de 2014).

"The End of Sykes-Picot", *Youtube*, 29 de junho de 2014, [www.youtube.com/watch?v=i357G1HuFcI](http://www.youtube.com/watch?v=i357G1HuFcI) (data de último acesso: 2 de julho de 2014).

The Islamic State, "The Path of Jihad", vídeo nashīd, al-Ḥayāt Media Center, 24 de junho de 2015, *Jihadology.net*, <http://jihadology.net/2015/06/24/al-%e1%b8%a5ayat-media-center-presents-a-new-video-nashid-from-the-islamic-state-the-path-of-jihad/> (data de último acesso: 10 de julho de 2015).



The Islamic State, “Come, Come”, nashīd, Ajnād Foundation For Media Production, 14 de junho de 2015, <http://jihadology.net/2015/06/14/ajnad-foundation-for-media-production-presents-a-new-nashid-from-the-islamic-state-come-come/> (data de último acesso: 10 de julho de 2015).

The Islamic State, “Come, My Friend”, video nashīd, al-Ḥayāt Media Center, 7 de julho de 2015, *Jihadology.net*, <http://jihadology.net/2015/07/07/al-%e1%b8%a5ayat-media-center-presents-a-new-video-nashid-from-the-islamic-state-come-my-friend/> (data de último acesso: 10 de julho de 2015).

The Islamic State, “We Reject To Bow Down”, nashīd, Ajnād Foundation For Media Production, 23 de maio de 2015, <http://jihadology.net/2015/05/23/ajnad-foundation-for-media-production-presents-a-new-nashid-from-the-islamic-state-we-reject-to-bow-down/> (data de último acesso: 10 de julho de 2015).

The Islamic State, “Extend Your Hand To Pledge Allegiance”, video nashīd, al-Ḥayāt Media Center, 18 de maio de 2015, <http://jihadology.net/2015/05/18/al-%e1%b8%a5ayat-media-center-presents-a-new-video-nashid-from-the-islamic-state-extend-your-hand-to-pledge-allegiance/> (data de último acesso: 10 de julho de 2015).

“Urgent Message”, Omar Hammami, *Youtube*, 16 de março de 2012, <http://www.youtube.com/watch?v=GAr2srINqks> (data de último acesso: 4 de dezembro de 2012).

#### I) Websites e blogs

<http://cir.au.dk/en/>

[http://davidmalet.com/The\\_Foreign\\_Fighter\\_Project.php](http://davidmalet.com/The_Foreign_Fighter_Project.php)

<https://emmejihad.wordpress.com>

<http://fa-tubalilghuraba.tumblr.com/>

<http://gtrp.haverford.edu/aqsi/>

<http://hdr.undp.org/en/countries>

<http://jamaat.org/beta/site/index>

<http://jihadology.net>

<http://muslimsagainstcrusades.com/>

<https://pietervanostaeyen.wordpress.com>

<http://Sunna.com/>

<http://web.youngmuslims.ca/>

<http://www.en.altartosi.com/>  
<http://www.encyclopedia.com>  
<http://www.islamicpopulation.com/>  
<http://www.islamicthinkers.com/index/index.php>  
<http://www.kavkazcenter.com/eng/>  
<http://www.migrationpolicy.org/>  
<http://www.shahamat-english.com/>  
<http://www.Sharia4belgium.com/index.html>  
<http://www.start.umd.edu/gtd>  
<http://www.tawhed.net>  
<http://www.tibyan.co.cc>  
<http://www.uprising2012.co.uk/>  
<http://www.usc.edu/org/cmje/>  
<http://www.worldvaluessurvey.org>

#### J) Entrevistas

Sheik Amade, Centro Cultural Islâmico do Porto, 6 de agosto de 2007.

Dr. Peter R. Neumann, King's College Londres, 27 de maio de 2008.

Rashad Ali, Londres, 28 de maio de 2008.

G. Hussein, Londres, maio de 2009.

Dr. Peter Nesser, via telefone, abril de 2009.

Dr. Edwin Bakker, Google Hangout, 7 de novembro de 2013.

Pieter Van Ostaeyen, via Skype, 13 de junho de 2015.

Guy Van Vlierven, vários contactos via email, junho/julho de 2015.

## Anexo: Incidentes jihadistas na Europa 1994-2015

Ano	País	Nome da célula ou conspiração	Tipo de ator: atores individuais ou célula / grupo	Experiências externas (participação em conflito ou treino paramilitar)	Ligações a organizações /ideólogos islamistas	Alvos	Sucesso	Informação adicional
1994-1996	França	Rede Chalabi	Rede com cerca de 138 indivíduos. Três ramos liderados por: Mohammed Chalabi, Mourad Tacine, Mohamed Kerrouche.	Argélia	GIA	Rede de apoio logístico: recolha de fundos, tráfico de armas, falsificação de documentos falsos.		Chalabi tinha passado criminal; reislamizado na prisão. Rede com extensos contactos internacionais.
1995 (julho-novembro)	França	Célula Vaul-en-Velin	Khaled Kelkal (líder); Karim Koussa, Ali Touchent, Rachid Ramda	Eventual participação de Kelkal em ações de guerrilha na Argélia (Inverno 1994-95); Eventual treino em campo na fronteira afegã-paquistanesa. Koussa também terá recebido treino no Afeganistão e Paquistão.	GIA	Metro de Paris - estação St. Michel (25/07/1995); Place L'Etoile (17/08/1995); linha TGV Lyon (Agosto 1995); mercados ao ar livre; escola judaica; <i>Arc de Triomphe</i>	Sim; Sim; Não; Não; Não; Não	Passado de delinquência; reislamizado na prisão.
1995 (julho - novembro)	França	Célula de Lille	Boualem Bensaid (líder); Ali Belkacem, ...	Argélia	GIA	Bombardeamento de estação subterrânea a 6 de outubro, e de um comboio sub-urbano; atentado à bomba em Maison Blanche. Provável participação em assassinato do xeque Sahraoui, simpaticante do FIS.		Inicialmente, rede de auxílio à célula de Vaulx-en-Velin; após descoberta desta célula, assumiu um papel mais ativo. Bensaid era membro do GIA na Argélia.
1995	França	Célula Chasse-sur-Rhône	Safe Bourada (líder), David Vallat, Joseph Jaime, ...	Vallat e Jaime, terão recebido treino paramilitar no Afeganistão e na Bósnia.	GIA			Rede de apoio logístico ao GIA constituída por indivíduos nascidos em França de pais norte-africanos.
1996	França	"Gang of Roubaix"	Christophe Caze, Lionel Dumont, ...	Caze e Dumont eram veterano do conflito na Bósnia.	GIA	Atentado com veículo armadilhado Reunião G7, Lille	Não	Atividades criminais para financiarem grupo. Rede composta por indivíduos argelinos, marroquinos e convertidos.
1998	Reino Unido	Célula Abu Doha cell	Abu Doha (líder)	Argélia	GIA al-Qaeda Abu Qatada			Abu Doha é tido como um dos líderes centrais do GSPC, tendo ligações ao núcleo duro da al-Qaeda no Afeganistão. Célula de recrutamento para campos de treino no Afeganistão e Paquistão; em troca de fundos e apoio logístico, a rede deveria executar ataques terroristas na Europa em nome da al-Qaeda.
2000 (dezembro)	Alemanha /França	Célula de Frankfurt ou "Strasbourg plot"	Salim Boukhari, Fouhad Sabour, Lamine Marouni, Aeroubi Beandali	Todos os membros tinham recebido treino no Afeganistão	GSPC rede de Abu Doha al-Qaeda	Catedral Notre Dame, Estrasburgo; Mercado de Natal em Estrasburgo; Tentativa não confirmada de atacar o Parlamento Europeu em Estrasburgo com um avião.	Não	A missão original consistia em bombardear alvos americanos e israelitas para a al-Qaeda; porém, optaram por alvos franceses de acordo com a percepção de inimigo dos radicais argelinos. Conspiração concebida na Alemanha para ser lançada em França.
2001 (setembro - outubro)	França	Rede Argelina ou rede Beghal	Djamel Beghal (líder); Kamel Daoud, Nizar Trabelsi, Johan Bonte.	Beghal e Daoudi receberam treino no Afeganistão. Trabelsi viajou para Afeganistão, onde terá contactado membros al-Qaeda.	GSPC Abu Doha al-Qaeda Abu Qatada Abu Hamza	Embaixada EUA em Paris; Base aérea dos EUA na Bélgica; Consulado EUA em Marselha; Eventual conspiração para conduzir um ataque suicida em Génova aquando a Cimeira do G8 em julho de 2001	Não	Beghal foi preso no Dubai antes de dar início à campanha de ataques suicidas contra alvos americanos na Europa. Trabelsi foi detido na Bélgica.

2001 (setembro)	Alemanha	Célula de Hamburgo	Mohammed Atta, Ziad Jarrah, Marwan al-Shehhi, Ramzi Bin-al-shibh. Nove elementos + dez nos EUA.	Treino no Afeganistão	al-Qaeda	Torres Gémeas e Pentágono, EUA	Sim	Célula formada em 1999. Plano concebido na Alemanha sendo o alvo os EUA no seu solo.
2001 (outubro)	Itália	Rede Varese ou "US Embassy plot"	Líder: Essid Sami Ben Khamis	Pelo menos dois dos membros da célula tinham recebido treino no Afeganistão	al-Qaeda GSPC	Embaixada EUA	Não	Recurso a bombas e gás venenoso paralançar ataque a alvo norte-americano. Recrutamento de indivíduos para campos no Afeganistão e Paquistão. Ligação a redes na Bélgica (Tarek Maaroufi) e Alemanha. Condenados por apoio material ao terrorismo.
2001 (novembro)	Itália		Domenico Quaranta	Não	Não	Locais públicos (Metro de Milão, templo grego, igreja e prisão em Agrigento)	Não	Planeou atentado com explosivos de fabrico doméstico. Convertido ao Islão na prisão. Desejo de vingar morte de Muçulmanos no Afeganistão. Agiu sozinho.
2001 (dezembro)	Reino Unido		Richard Reid "Shoe bomber"	Treino paramilitar no Afeganistão no final da década de 1990	Abu Hamza Djamel Beghal al-Qaeda	Tentativa de explodir voo Paris-Nova Iorque	Não	Inicialmente interpretado como atacante solitário, investigações revelaram estar a agir sob ordens da al-Qaeda para atingir alvo aviação norte-americano. Indivíduo tinha sido vítima de racismo e xenofobia.
2002 (abril)	Alemanha	Célula al-Tawhid	Nove membros presos, nomeadamente: Abderrazak Mahdjoub, Mohammed Abu Dhess, Shadi Abdalla, Aschraf al-Dagma, Ismail Shalabi, Djamel Moustafa, Yasser H.	Pelo menos três suspeitos terão frequentado campos de treino no Afeganistão	Abu Musab al-Zarqawi Abu Qatada (líder espiritual)	Alvos judeus e israelitas: restaurante e indivíduo de religião judaica	Não	Célula operacional que resultou da cooperação entre antigas células da al-Qaeda e membros da rede de al-Zarqawi na Europa. Inicialmente era uma célula de apoio logístico e recrutamento, composta por Jordanos, Iraquianos, Argelinos, Palestínios e Egípcios. Também marcava presença em Itália e no Reino Unido. Objetivos ambíguos: interseção entre questões locais e globais; ao tentar atingir alvos israelitas demonstrava sobretudo preocupações regionais.
2002 (outubro)	Itália	Célula de Milão	Formada por indivíduos oriundos do Norte de Africa. Líder: Faraj Hassan (Hamza the Libyan)	Pelo menos dois terão experiência no Afeganistão	GSPC Eventuais ligações a Islamistas na Malásia, no Irão e a al-Zarqawi	Representações EUA em Haia e em Bruxelas	Não	
2002	França	"Courtailler brothers"	David e Jerome Courtailler	David terá recebido treino no Afeganistão	Jerome foi convertido em Leicester sob influência de Beghal.			Ligações a extremistas noutras partes do mundo
2002 (dezembro)	França	Rede chechena	Merouane Benahmed, Chelali Benchellali, Maamar Ouazane, Menad Benchellali, Nourredine Merabat.	Alguns radicalizados e recrutados na Argélia. Pelo menos 4 elementos frequentaram campos de treino no Afeganistão e na Geórgia. Menad, Nourredine, Maamar, Merouane participaram na guerra na Chechénia. Chelali esteve na Bósnia como trabalhador humanitário.	al-Qaeda GSPC Abu Doha	Embaixada russa em Paris	Não	Célula operacional composta por cerca de vinte Argelinos, Franco-argelinos e Franceses. Motivações e alianças ideológicas complexas: rede de Argelinos dissidentes do GIA, treinados pela al-Qaeda para atacar alvos americanos e israelitas, identificam-se com a causa chechena e decidem atacar alvos russos em França, em dezembro de 2002. Eventual apoio logístico por parte da rede do GSPC em França.

2003 (janeiro)	Reino Unido	Célula de Wood Green, Norte de Londres ou "Ricin Plot"	Kamel Bourgass, Mohammed Meguerba e outros cinco indivíduos.	Autoridades britânicas acreditam que Bourgass e Meguerba terão treinado no Afeganistão.	Ligações à rede chechena e à rede italiana da Ansar al-Islam. Bourgass tinha ligações ao GIA. Abu Hamza	Conspiração para atacar com ricino lugares públicos no Reino Unido	Não	Bourgass, um Argelino que procurava obter asilo político, assassinou polícia que o tentou prender. No âmbito das investigações a esta célula tiveram lugar para de 100 detenções, sobretudo de indivíduos com origem no Norte de África, em Espanha, França, Reino Unido, Itália e Alemanha.
2003 (janeiro)	Itália	Célula de Rovigo	Cinco indivíduos não identificados (rede marroquina)			Possivelmente bases da NATO no norte de Itália	Não	Durante a rusga ao edifício encontraram explosivos C4 e mapas das bases da NATO e do centro de Londres.
2003 (janeiro)	Itália	Célula de Nápoles	Vinte e oito indivíduos não identificados (rede paquistanesa)			Possivelmente bases da NATO em Nápoles.	Não	Encontrados explosivos, fotografias de "mártires da jihad", documentos falsos, mapas de Nápoles com a identificação das bases da NATO, telemóveis e dados de contactos em todo o mundo. Libertados por juiz por "falta de evidências".
2003 (março)	Alemanha	Mesquita al-Nur Berlim	Líder: Ihsan Garnaoui. Composto por seis elementos.	Ihsan recebeu treino no Afeganistão.	Autoridades acreditam que Ihsan tinha estado em contacto com Osama Bin Laden.	Alvos não identificados	Não	Absolvida em tribunal por ligações a organização terrorista, mas culpado de outros crimes (posse de armas, evasão fiscal, falsificação). Rede que recrutava estudantes árabes para conduzir operações terroristas que deveriam coincidir com início da guerra no Iraque.
2003	Itália / Alemanha / Noruega / Espanha / França	Ansar al-Islam	Abdelhakim Badjoui, Mohammed Loqman, e outros.	Iraque	Mullah Krekar al-Zarqawi (Al-Tawhid) al-Qaeda	EUA e aliados no Iraque		Ansar al-Islam era um grupo curdo jihadista que resultou da fusão de vários grupos radicais. Rede que colaborada com a al-Tawhid na recolha de fundos, e no recrutamento e envio de combatentes para o Norte do Iraque, via Síria. Alegado destino era campo de treino perto de Kurmal, no nordeste do Iraque. Badjoui, francês, morre em Bagdade em novembro de 2004.
2003 (abril)	Reino Unido		Asif Hanif, Omar Khan Sharif		Al-Muhajiroun; Sharif também frequentou eventos do HuT durante os acontecimentos na Bósnia	Telavive, Mike's Place	Sim	Cidadãos britânicos que conduziram ataque suicida em Telavive, Israel. Estavam inseridos em ambiente radical no Reino Unido.
2003 (junho)	Alemanha		Christian Ganczarski	Afeganistão	al-Qaeda	Ligação à conceção de um ataque contra as ilhas Reunião.	Não	Convertidos, recrutados para a Chechenia. Ligação ao bombista que perpetró o ataque contra a sinagoga tunisina de Djerba, Tunísia, em abril de 2002
2003 (novembro)	França		Willie Virgile Brigitte	Treino no campo do LeT no Paquistão	GSPC al-Qaeda LeT Jamal al-Fuqra	Rugby World Cup.	Não	Convertido ao Islão. Autoridades acreditam em possível eliciação á conspiração para assassinar Ahmah Shah Massoud e Daniel Pearl. Envolvido num plano terrorista a ser executado na Austrália.
2003 (dezembro)	Reino Unido		Sanjit Badat	Possível treino paramilitar no Afeganistão e Paquistão		Avião comercial com partida de Amsterdão	Não	Potencial bombista suicida com ligações à al-Qaeda; alegadamente conhecia Richard Reid e Nizar Trabelsi, os quais terá encontrado no Afeganistão e Paquistão em duas ocasiões distintas entre 1999 e 2001. Polícia encontrou alguns explosivos no seu apartamento em Gloucester, mas autor teria desistido de contiuar com os planos de atentado.

2004 (fevereiro)	Itália	Célula Milão /Cremona	Maamari Rashid (clérigo argelino) e quatro Tunisinos.		Autoridades acreditam que Rashid e restantes membros pertenciam ao Ansar al-Islam.	Alvos em Milão (metro) e em Cremona (igreja).	Não	Conversas telefónicas também revelam as intenções do grupo em viajar para o Iraque, onde estariam dispostos a tornarem-se bombistas suicidas.
2004 (março)	Reino Unido	* "The Fertilizer bomb plot" ou Operação Crevice	Composta por cinco Britânicos, um Americano e um Canadano, nomeadamente: Omar Khyam, Anthony Garcia, Jawad Akbar, Waheed Mahmood, Salahuddin Amin.	Khyam frequentou campo de treino do LeT em Caxemira, no Verão de 2001. Akbar, Garcia, Mahmood e Amin frequentaram campos de treino no Paquistão, em 2003.	Al-Muhajiroun Omar Bakri Abu Hamza al-Qaeda	Discotecas, Parlamento Britânico e centro comercial. Recurso a bombas feitas com nitrato de amónio.	Não	Independente, mas com ligações a estruturas da al-Qaeda através de intermediários, os quais foram importantes para fornecer recursos como treino e aconselhamento durante conspiração. Abandonaram Al-Muhajiroun em 2002, devido às restrições em atacar Reino Unido. Alguns membros também terão forjado relações com separatistas de Caxemira. Internet utilizada de modo extensivo durante fase de radicalização e recrutamento. Khyam foi visto Khan e Tanweer, bombistas de 7 de julho, em três ocasiões diferentes em 2004. Provinham da classe média, tinham instrução, a maioria trabalhava ou estudava. Motivações relacionadas com invasão do Iraque, situação no Paquistão e Caxemira. Condenados a prisão perpétua em abril de 2007.
2004 (março)	Espanha	* Célula de Madrid (M-11)	Rabei Osman Sayed Ahmed, Sarhane Ben Abdelmajid Fakket, Jamal Zougam, Jamal Ahmidan, Otman el Ghanoui, Jose Emilio Suarez, Abdelmajid Bouchar, Basel Ghalyoun, Youssef Belhadj, Daoud Ouhmane, Hasan el-Haski, Fouad el-Morabit Amghar, Mohammed Larbi Bem Sellam, Rafa Zouhir, Antonio Toro, Sergio Alvarez, Antonio Reis, Hamid Ahmidan, Mohammed Bouharrat, Rachid Aglif, Saed el Harrak, Mahmiud Slimane, Allekema Lamari, Nasreddine Bousbaa, Rachid Oulad, Mohammed Oulad	Não especificado	Abu Qatada Célula Abu Dahdah GICM al-Qaeda	Estação de Atocha e comboios em Madrid	Sim	Composta essencialmente por Marroquinos, um Sírio, um Libanês, três Argelinos, um Tunisino e quatro Espanhóis. Alguns ligados a atividades criminosas, através das quais obtiveram financiamento para a campanha. Ligações indiretas à al-Qaeda através de Abu Qatada, Abu Dahdah e Amer Azizi, embora as ligações à organização não tivessem sido evidentes logo que o ataque aconteceu. As relações sociais – alguns eram antigos amigos oriundos da mesma área de Marrocos - e a conjuntura (realização de eleições, indivíduos com ligações em Marrocos encontraram-se em Espanha, disponibilidade financeira através de atividades criminosas, etc) foram importantes para a concretização do evento.
2004 (abril)	Espanha	Célula "parente" da M-11	Sem informação disponível	Sem informação disponível	al Qaeda GICM	Comboio de alta velocidade entre Madrid e Sevilha	Não	

2004 (junho)	Bélgica	Rede Maaseik (ou caso Asparagus)	Abdelkader Hakimi, Lahoussine el-Haski, Rachid Iba, etc.	Alguns eram veteranos afegãos.	GICM	Desconhecidos. Não foram encontrados planos para atacar no interior do país.	Não	Dois grupos de militantes que viviam perto de Antuérpia (em Maaseik) e em Bruxelas. Membros unidos por laços familiares e de amizade. Importante célula logística de apoio, com contactos internacionais, nomeadamente ligações à rede de Madrid e aos perpetradores do atentado em Casablanca, em 2003. Alguns dos suspeitos acabaram por ser libertados posteriormente. Hakimi foi considerado o líder do GICM na Europa. Rachid Iba foi reconhecido na Síria em 2014.
2004 (julho)	Holanda	* Célula Hofstad (conspiração Airport /AIDV)	Samir Azzouz, Ismail Akhnikh, Jason Walters, Zakaria Taybi, Ahmed Hamdi, Nouredine el Fahtni, Redouan al-Issar, Soumaya Sahla, Mohammed Chentouf, Salarh Bouali, Yehia Kadouri, Abida Kabbaj	Em 2003, Akhnikh, Walters e Taybi viajaram para o Paquistão para receber treino; no mesmo ano, Azzouz e outro membro do grupo tentaram viajar para a Chechénia para lutar/treinar, mas foram detidos na Ucrânia e enviados para Holanda.	Abu Khaled el-Issa GICM	Aeroporto Shipol, sede do AIDV, instalações militares e reator nuclear	Não	Célula composta principalmente por cidadãos holandeses, auto-radicalizados e identificando-se com a ideologia global da al-Qaeda. Envolveu cerca de 38 indivíduos. Motivados por questões globais, como conflito iraquiano, e questões domésticas, como tratamento dos Muçulmanos e críticas ao Islão. Interpretada como o paradigma das células domésticas e autónomas.
2004 (agosto)	Reino Unido	* Célula de Luton	Dhiren Barot, Mohammed Naveed Bhatti, Junade Feroze, Zia Ul Haq, Abdul Aziz Jalil, Omar Abdur Rehman, Nadeem Tarmohamed, Qaisar Shaffi.	Barot terá viajado para o Paquistão, em 1995, para receber treino; também terá participado na luta de Caxemira. Jalil também terá recebido treino no Paquistão	al-Qaeda Abu Hamza	Planos para atacar alvos britânicos e americanos: túneis de metro de Londres; World Bank, IMF, Bolsa de Nova Iorque, nos EUA.	Não	Barot foi condenado a prisão perpétua em novembro de 2007.
2004 (outubro)	Espanha	* Célula "Mártires para Marrocos" (Operação Nova)	Abdelkrim Besmail, Kamara Diadie, Hoari Jera, Addila Mimon, Baldomero Sánchez, Majid Sahouane, Taoufik Eddeboudi, Bachir Belhakem, Mustafa Farjani, Said Afif, Mohammed Amine, ...	Não.	Besmail tinha ligações ao GSPC e a um dos perpetradores do ataque de Madrid.	Audiência Nacional em Madrid	Não	A maioria tinha antecedentes criminais por vários tipos de delito e passagens pela prisão. Célula composta por Marroquinos, Argelinos, um Afegão, um Espanhol, um Libanês.
2004 (novembro)	Holanda	* Célula Hofstad (conspiração van Gogh)	Mohammed Bouyeri	Não	Abu Khaled el-Issa GICM	Theo Van Gogh	Sim	Outros alvos considerados pelo autor: políticos.
2004 (dezembro)	Alemanha	* Conspiração para assassinar Iyad Alawi	Três suspeitos presos: Ata R., Rafik Y., Mazen H.	Não	Ansar al Islam AQI	Primeiro-Ministro iraquiano	Não	Conspiração para assassinar o primeiro Ministro iraquiano de visita a Alemanha. Conspiradores eram iraquianos curdos; também recolhiam fundos e angariavam voluntários para a guerra no Iraque.

2005 (julho, 7)	Reino Unido	* Célula de Londres - 7/7	Líder: Muhammed Siddique Khan; Shehzad Tanweer, Germaine Lindsay, Hasib Mir Hussain.	Khan e Tanweer estiveram no Paquistão entre 19 de novembro de 2004 e 8 de fevereiro de 2005, onde receberam treino e contactaram com elementos da al-Qaeda. Supostamente, em 2001, Khan já teria frequentado um campo de treino em Caxemira e visitado o Afeganistão.	Al Qaeda Omar Bakri Al-Muhajiroun Abu Hamza Abdullah al-Faisal	Metro de Londres e autocarro	Sim	Todos os elementos eram cidadãos britânicos, nascidos ou educados no Reino Unido, mas três com famílias originárias do Paquistão. Khan e Lindsay eram casados e com filhos. Tanweer colaborou com os Tablighis. Definido como primeiro ato de terrorismo conduzido por jihadistas "domésticos". A nível socioeconómico, três provinham da mesma área de Leeds (bairro etnicamente diverso), mas de classe média. Lindsay era convertido, inteligente, proveniente de uma família disfuncional. Terão assistido a palestra de al-Awlaki, em 2003. Motivados pela invasão e conflito no Iraque, mas também pelo desenrolar dos eventos na região designada de AfPak e pela prisão de pregadores no Reino Unido.
2005 (julho, 21)	Reino Unido	* Célula de Londres - 21/7	Muktar Ibrahim, Yassin Omar, Hussein Osman, Ramzi Mohammed, Manfo Asiedu	Ibrahim frequentou campo de treino da al-Qaeda no Paquistão com elementos da célula 7/7 e recebeu treino no interior do Reino Unido.	al-Qaeda Abu Hamza Abdullah al-Faisal	Sistema de transportes londrino	Não	Todos com origem no Este de África, terão chegado ao Reino Unido na década de 1990. Ibrahim teve passado de delinquência. Dois deles eram casados e tinham filhos.
2005 (setembro)	França	* Conspiração Orly, DST	Safe Bourada, Mohammed Benyamina e mais seis elementos	Um dos membros teria experiência externa	GSPC	Metro de Paris, aeroporto Orly e agência de informações, DST, em Paris	Não	Bourada era antigo recrutador do GIA. Tinha sido libertado da prisão. Plano envolveria redes de apoio à al-Qaeda em França.
2005 (outubro)	Holanda	"Piranha Group" (Célula Hofstad)	Samir Azzouz e mais nove elementos		Abu Khaled el-Issa GICM	Políticos e edifícios governamentais; avião da companhia El Al	Não	Azzouz foi condenado em 2008 a nove anos de prisão. Em 2012, foi acusado pelas entidades prisionais de tentar influenciar e recrutar outros detidos para cometerem atentados.
2005 (outubro)	Bósnia / Dinamarca / Reino Unido	Caso Glostrup	Mirsad Bektasevic ("Maximus") e Abdulkader Cesur na Bósnia; Younis Tsouli, em Londres.	Tentativa de treinarem na Bósnia	HuT (Cesur) Pregadores radicais na Dinamarca e Reino Unido	Preparavam ataques suicidas contra alvos não identificados na Dinamarca e Bósnia; possivelmente embaixada EUA na Bósnia.	Não	Indivíduos muito jovens, entre 18 e 19 anos, detidos na Bósnia e na Dinamarca. Possuíam explosivos, armas, cintos suicidas. Internet teve enorme importância como plataforma de interação para os membros desta rede. O objetivo seria forçar a retirada das forças militares dos países da UE do Iraque e do Afeganistão e vingar as atrocidades cometidas contra os Muçulmanos.
2005 (novembro)	Itália	Célula de Nápoles e Bréscia	Três membros, nomes não revelados	Afeganistão Cáucaso	GSPC	Locais públicos; navios de cruzeiro e/ou locais turísticos na Tunísia	Não	Preparação de ataques dentro e fora de Itália.
2005 (novembro)	Espanha	Operación Gamo	Onze indivíduos de origem argelina: oito em Alicante, dois em Granada e um em Murcia.	Sem informação disponível	GSPC	Locais públicos	Não	Os indivíduos presos em Alicante foram colocados em liberdade pela Audiencia Nacional por falta de provas.
2006 (março)	Itália	* Conspiração San Petronio	Mohammed Benhedi Msahel e mais quatro suspeitos.	Alegado treino na Argélia	Ligações ao GSPC	Igreja em Bolonha e/ou comboio suburbano em Milão	Não	Ataque previsto para anteceder as eleições legislativas
2006 (março)	Alemanha		Amir Abdur Rehman Cheema	Sem informação disponível	Sem informação disponível	Alvo relacionado com caricaturas de Maomé: tentou assassinar indivíduo no jornal <i>Die Welt</i>	Não	Tentativa de ataque com arma branca jornalista do jornal por ter publicado as caricaturas de Maomé. Cheema morreu em centro de detenção enquanto aguardava julgamento.



2006 (julho)	Alemanha	* Conspiração dos comboios	Jihad Hamad, Youssef Mohammed Hajdid	Não.	Contactos com um membro do grupo al-Tawhid AQI	Comboios regionais em Colónia	Não	Estudantes de origem libanesa, provenientes de famílias com boas condições económicas e educados, colocaram duas malas com bombas em comboios regionais, mas aquelas falharam. Diziam agir em nome da AQI. Motivados pela publicação das caricaturas de Maomé, pela Guerra ao Terror e por eventos no mundo muçulmano. Este evento coincidiu com conflito entre Hizballah e Israel, em 2006.
2006 (agosto)	Reino Unido	* "Transatlantic airline bomb plot"	Oito cidadãos britânicos: Abdullah Ahmed Ali, Tanvir Hussain, Assad Sarwar, Umar Islam, Ibrahim Savat, Arafat Khan, Wahedd Zaman, Donald Stewart-Whyte.	Ali terá viajado várias vezes para Paquistão para treino, onde esteve com elementos das células 7/7, 21/7 e grupo que tentou atacar com fertilizante; Sarwar viajou para Paquistão em 2006.	al-Qaeda al-Muhajiroun Omar Bakri Abu Hamza Grupos de Caxemira	Conspiração para explodir em pleno voo aviões transatlânticos com recurso a explosivos líquidos caseiros. Durante julgamento, outros potenciais alvos foram revelados: túnel sob o Rio Tamisa, um gasoduto entre Reino Unido e Bélgica e plantas nucleares	Não	Indivíduos sem problemas de integração, oriundos de famílias moderadamente religiosas. Evocam como motivação para atacar os EUA e Reino Unido as intervenções destes países no Iraque, Afeganistão e Territórios Palestinianos, o apoio ocidental a regimes não islâmicos, assim como a opressão da <i>ummah</i> e tratamento injusto dos Muçulmanos. Na universidade, Ali envolveu-se no ativismo islamista.
2006 (setembro)	Noruega		três Noruegueses de origem paquistanesa e um Norueguês	Informação não disponível	Informação não disponível	Embaixadas EUA e Israel; sinagoga.	Não	Um detido por ter disparado contra uma sinagoga. Líder do grupo teria passado de criminalidade e pertença a gangues.
2006 (setembro)	Dinamarca	Caso Vollsmose	Nove indivíduos não identificados	Não	Não	Possivelmente políticos dinamarqueses e editor <i>Jyllands-Posten</i>	Não	Indivíduos descendentes de imigrantes com cidadania dinamarquesa e um convertido, suspeitos de prepararem ataque terrorista em solo dinamarquês. Motivações estariam relacionadas com a publicação das caricaturas de Maomé e conflito no Iraque.
2006 (dezembro)	Espanha	Operación Duna	Identidades não reveladas	Sem informação disponível	Sem informação disponível	Alvos em Ceuta	Não	Atacantes presos
2007 (janeiro)	Reino Unido	* Conspiração decapitação de soldado	Parviz Kahn, Amjad Mahmodd, Mohammed Irfan, Zahoor Iqbal, Hamid Elasmr	Não.	Abu Izzadeen Al-Ghurabaa	Rapto e decapitação de soldado Britânico que tinha servido no Afeganistão	Não	Célula independente sem aparentes ligações a organizações externas. Ataque deveria ser conduzido com arma branca, filmado, e posteriormente colocado a circular na Internet.
2007 (maio)	França	Conspiração alvos França / Luxemburgo	Kamel Bouchentouf (Mohammed M.)	Não	AQMI	Alvos militares e diplomáticos em França e Luxemburgo	Não	Cidadão francês descendente de argelinos. Contacta via email com líder da propaganda da AQMI. Fez vídeos de reconhecimento e tinha na sua posse componentes para fazer bombas quando foi detido.
2007 (junho)	Reino Unido	* "Doctors cell" ou conspiração aeroporto	Bilal Talal Abdul Samad Abdullah, Kafeek Ahmed, Mohammed Asha.	Não.	AQI Abu Qatada (influência) HuT (Abdullah)	Ataque com carro armadilhado no centro de Londres e no aeroporto de Glasgow	Não	Educados e com estatuto socioeconómico de prestígio. Ahmed morreu no hospital em resultado das queimaduras após embater com o carro cheio de cilindros de gás na porta do aeroporto de Glasgow. Iraquianos inspirados pela invasão e conflito no país. Abdullah esteve no Iraque em meados de 2006, onde se acredita terá interagido com AQI. Apesar de se ter concretizado um ato violento, o objetivo não foi atingido, daí considerarmos que este ataque terrorista não teve sucesso.

2007 (setembro)	Dinamarca	* Caso Glasvej	Oito indivíduos não identificados; apenas dois foram condenados	Um dos indivíduos de origem paquistanesa terá recebido treino em explosivos, vigilância e outras técnicas no Paquistão, em algures entre setembro 2006 e setembro de 2007.	Um dos condenados tinha ligações a uma figura importante da al-Qaeda no Paquistão	Não identificado, mas acredita-se que locais públicos; possivelmente ataque suicida em meio de transporte	Não	Autoridades dinamarquesas dizem que se tratou de uma conspiração dirigida por elementos da al-Qaeda. Possíveis motivações: presença militar no Afeganistão; publicação das caricaturas de Maomé em 2005. Suspeitos tinham entre 19 e 29 anos.
2007 (setembro)	Alemanha	* Célula Sauerland ou "Germany bomb plot"	Fritz Gelowicz, Daniel Schneider, Adam Yilmaz, Attila Selek	Receberam treino, apoio e instruções por parte do IJU, no Paquistão	IJU	Alvos americanos, como base aérea e discotecas frequentadas por Americanos (eventualmente também alvos alemães e uzbeques)	Não	Rede composta por dois convertidos ao Islão e dois imigrantes turcos, motivados por fortes sentimentos anti-americanos, pela invasão do Iraque, pela presença militar alemã no Afeganistão e pela percepção de guerra contra o Islão. Mantinham contactos com outros extremistas na Alemanha, Paquistão e Arábia Saudita. Gelowicz foi condenado em 2010 por planejar atacar instalações militares dos EUA, na Alemanha.
2007 (dezembro)	Reino Unido		Hassan Tabbakh			Não especificados	Não	Atacante sírio, vivia com estatuto de asilado político em Birmingham quando foi detido. Tinha componente para fabrico de bombas, ficheiros áudio com discursos de Bin Laden, Al-Zarqawi e Omar Abdul-Rahman.
2008 (janeiro)	Espanha	* Operación Cantata	Maroof Ahmed Mirza, Mohammed Ayub Elahi Bibi, Mohammed Tarik, Qadeer Malik, Hafeez Ahmed, Roshan Khan, Shaib Iqbal, Mohammed Shoaib, Mehmooh Khalid, Imran Cheema, Aqueel Ur Rahmnan Abassi	Alguns dos membros desta célula (pelo menos 3) tiveram treino no Paquistão (Waziristão).	TTP Baitullah Mehsud	Ataques suicidas contra rede pública de transportes de Barcelona	Não	Conspiração perto de se concretizar quando desmantelada. Rede composta por doze cidadãos do Paquistão e dois da Índia. Ao primeiro ataque suicida, seguir-se-iam outros na Alemanha, França, Portugal e Reino Unido. Motivação: estes países eram membros da coligação internacional no Afeganistão. Alguns membros tinham relações com <i>Tabligh Jamaat</i> . Seis destes eram imigrantes legais em Espanha; cinco tinham chegado ao país três meses antes de colocarem em prática a conspiração.
2008 (abril)	Reino Unido		Andrew Ibrahim	Não.		Centro Comercial em Brixton	Não	Atacante preso. Indivíduo com problemas sociais, antigo toxicod dependente. Convertido ao Islão em 2005.
2008 (maio)	Reino Unido		Nick Reilly	Não		Restaurante em Exeter	Não	Atacante ferido enquanto preparava as bombas. Convertido ao Islão, tinha distúrbios mentais. Influenciado pelas ligações sociais - indivíduos com quem estava em comunicação via Internet - e material ideológico disseminado através daquele meio. Contestava as intervenções britânicas nos países muçulmanos e a prisão de Muçulmanos britânicos.
2008 (junho)	Reino Unido		Nicholas Roddis	Não.		Autocarro em South Yorkshire	Não	Atacante preso e libertado em 2011 após ter cumprido pena.
2008 (setembro)	Reino Unido	* Conspiração <i>Jewel of Medina</i>	Abrar M., Abbas T., Ali B.	Não	Ali B. era seguidor de Abu Hamza	Residência de editor em Londres	Sim	Atacantes presos por atirarem bomba incendiária contra casa de editor de novela <i>Jewel of Medina</i> , uma ficção sobre a vida de Aisha, uma das mulheres do Profeta Maomé.
2008 (dezembro)	Itália	Conspiração Macherio	Rachid Ilhami, Abdelkader Ghafir	Sem informação disponível	Sem informação disponível	Quartéis em Milão, estações de polícia, supermercado e discoteca	Não	Atacantes de origem marroquina presos.

2008 (dezembro)	França	* Conspiração DST	Rany Arnaud, Nadir B., Adrien G.	Não	Ligado à rede de Buttes-Chaumont/19th Network de apoio à insurgência no Iraque	Direction de la Surveillance du Territoire	Não	Arnaud tinha viajado para a Síria várias vezes, tentando aderir à insurgência no Iraque. Tinha ligações à rede de Buttes-Chaumont/19th Network, uma das redes <i>iraquianas</i> desmantelada em 2005. Alegadamente, também terá tentado contactar militantes na Argélia para obter explosivos.
2009 (abril)	Reino Unido	Operação Pathway	Doze cidadãos paquistaneses, dez deles estudantes	Líder da célula, Abid Nasser, terá sido treinado pela al-Qaeda no Paquistão, possivelmente no outono de 2008.	Al-Qaeda Ligações a célula norueguesa de julho de 2010 e a Majibullah Zazi que tentou atacar o metro de Nova Iorque, em setembro de 2009.	Alvos em Manchester: centros comerciais, estações de comboio e discotecas	Não	Atacantes presos por supostamente estarem a preparar ataque de grandes proporções envolvendo bombistas suicidas. A maioria foi libertada por falta de provas e regressou ao Paquistão.
2009 (outubro)	Itália	*Ataque quartel Santa Barbara	Mohammed Game	Não	Não	Instalações militares em Milão	Sim	Caso de terrorismo individual. Apenas Game, o atacante líbio, ficou ferido. Os restantes elementos, Mohammed Imbaeya e Abdelaziz Kol, foram detidos por auxílio a ato terrorista. Crise pessoal pode explicar início do processo de radicalização. Motivado pela presença militar italiana no Afeganistão.
2009 (outubro)	França		Adléne Hicheur	Não	AQMI	Alvos militares e locais comerciais	Não	Físico nuclear franco-argelino terá discutido eventuais ações terroristas com representantes da AQMI, através da Internet. Condenado em 2012 a cinco anos de prisão por associação criminosa com intenção de preparar atos de terrorismo, foi libertado nesse mesmo ano.
2009 (outubro)	Dinamarca / EUA	Mickey Mouse Project (caso Headley)	Michael Headley, Tahawwur Rana	Paquistão	LeT Harakat-ul-Jihad al-Islamic Ilyas al-Kashmiri	Alvos em Copenhaga relacionado com as caricaturas de Maomé	Não	Atacantes com 49 e 48 anos, presos nos EUA, local onde conceberam ataque. Intenção de utilizar camião com explosivos.
2010 (janeiro)	Dinamarca	* Conspiração Westergaard	Mohammed Gelle	Somália	al-Shabaab	Cartonista Kurt Westergaard	Não	Caso de terrorismo individual. Atacante invadiu casa do caricaturista (que se refugiou num quarto seguro) com armas brancas, tendo ficado ferido. Tinha ligações à al-Shabaab, não sendo claro se tinha recebido ordens do grupo para agir. Condenado a nove anos de prisão ao que se seguirá a expulsão do país.
2010 (fevereiro)	Reino Unido		Rajib Karim	Não	AQPA	Avião da British Airways	Não	Caso de terrorismo individual. Atacante condenado a 30 anos de prisão em 2011. Comunicou com Anwar al-Awlaki através de emails encriptados, tendo recebido instruções para introduzir explosivos ou alguém com explosivos num avião transatlântico.
2010 (março)	Irlanda	Conspiração Lars Vilks	Ali Charafe D., Abdul-Salam Mansour	Sem informação	Sem informação	Artista sueco Lars Vilks	Não	Atacantes detidos. Conspiração envolvia indivíduos de vários países, nomeadamente a Americana que ficaria conhecida por "Jihad Jane".

2010 (maio)	Reino Unido	* Ataque MP	Roshonara Choudhary	Não.	Não	MP Stephen Timms	Sim	Atacante solitário. Radicalização atribuída à leitura de sermões de Al-Awlaki via internet. À polícia, manifestou o desejo de se tornar mártir e defendeu estar a cumprir uma obrigação ao defender os Muçulmanos que sofrem no Iraque.
2010 (julho)	Noruega	* Conspiração Oslo	Mikael Davud; Shawan Sadek Saeed Bujak, David Jakobsen	Davud terá sido treinado na região do Waziristão, no Paquistão, entre 2008/2009.	Supostas ligações ao Turkistan Islamic Party e a elementos da al-Qaeda, nomeadamente Salah al-Somali (morto em 2009).	Alvos chineses ou indústria petrolífera da Noruega (de acordo com Davud); outra teoria (de Bujak) defende que alvo seria <i>Jyllands-Posten</i> ou Kurt Westergaard, na Dinamarca.	Não	Célula considerada um dos nódulos de uma rede da al-Qaeda que planeou ataques em vários países, nomeadamente no metro de Nova Iorque e em centros comerciais de Manchester, em 2009. Líder da célula era de origem uighur; os restantes membros eram um Uzbeque e um Curdo Iraquiano. Evidências apontam para ligações a redes internacionais terroristas. Os três tinham chegado ao país no final da década de 1990/início dos anos 2000. Alguns dos membros envolvidos em atos ilícitos. Jakobsen foi absolvido de acusações de terrorismo, em 2012.
2010 (setembro)	Dinamarca		Lors Dukayev	Não.	Associado a redes islamistas em Bremen, Alemanha	Edifício do <i>Jyllands-Posten</i>	Não	Atacante solitário. Checheno residente na Bélgica. Ferido enquanto preparava carta com bomba destinada ao jornal <i>Jyllands-Posten</i> .
2010 (setembro/outubro)	França / Alemanha / Reino Unido	* "Euro plot"	Célula constituída por cidadãos paquistaneses e Europeus	Paquistão	al-Qaeda TTP	Ataques coordenados em várias cidades europeias	Não	Ataques previstos para março 2011, seguindo o modo de atuação semelhante ao ataque de Bombaim. Um dos objetivos era forçar o governo alemão a retirar as suas tropas do Afeganistão; outra tese diz que seria forçar a libertação de Khalid Sheikh Mohammed. Alegadamente, Younis al-Mauritani, líder sénior da al-Qaeda, foi um dos organizadores da conspiração, e Ilyas Kahsmiri também estaria envolvido. De acordo com documentos capturados em Abbottabad, Atiyya 'Abd al-Rahman tinha feito referências a este plano a Bin Laden.
2010 (novembro)	Bélgica	Célula Antuérpia	Hassan Hamdaoui; mais treze detidos.	Sem informação	Sem informação	Não especificados	Não	Detidos em Antuérpia por suspeitas de prepararem atentado. Teriam tentado ir para a Chechénia. Autoridades procuraram possíveis ligações com <i>Sharia4Belgium</i> . Em 2012, o líder do grupo foi condenado, mas restantes membros absolvidos. Em 2013, o Tribunal de Apelo de Antuérpia reabriu o caso contra aqueles que tinham sido absolvidos. Muitos estão a ser julgados <i>in absentia</i> , acreditando-se que alguns estão a combater na Síria.
2010 (dezembro)	Suécia	* Ataque Natal Suécia	Taimour Abdulwaha al-Abdaly	Muito provável viagem a país do Médio Oriente (Iraque ou, eventualmente, Iémen) para a "jihad", tal como invocado no ficheiro enviado pelo próprio a uma agência de notícias. Autoridades iraquianas diz que frequentou campo de treino em Mossul.	Possíveis ligações à ISI	Rua comercial movimentada em Estocolmo	Não	Bombista suicida: as bombas que tentou explodir numa rua movimentada não explodiram; al-Abdaly fugiu do local para se fazer explodir num local próximo. Iraquiano, emigrou para a Suécia com dez anos e em 2001 foi estudar para Luton, Inglaterra. Casado e com filhos. Antes do ataque, enviou ficheiro áudio para agência noticiosa, onde invoca o silêncio da Suécia relativamente às caricaturas de Maomé e a existência de soldados suecos no Afeganistão. Autoridades acreditam que agiu com auxílio de um cúmplice.

2010 (dezembro)	Reino Unido	* "London Stock Exchange plot" ou conspiração de Natal	Mohammed Choudary, Abdul Miah, Shah Rahman, Gurukanth Desai, Usman Khan, Nazam Hussain, Mohammed Shahjahah	Khan, Hussain e Shahjahah viajaram para o Paquistão (FATA), mas pretendiam participar num campo de treino terrorista em Caxemira.	Islam4UK Anjem Choudary Abu Izzadeen Abdullah al-Faisal	London Stock Exchange; possivelmente Big Ben, Westminster Abbey, Palace of Westminster, London Eye, Embaixada EUA, Boris Johnson	Não	Membros faziam parte do <i>milieu</i> jihadista britânico e tinham-se tornado seguidores de Anwar al-Awlaki.
2010 (dezembro)	Dinamarca / Suécia	* Conspiração Jylland-Posten (rede Brandbergen)	Três Suecos - Munir Awad, Omar Aboelazm, Mounir Dhahri; um Tunisino e um Iraquiano residente na Dinamarca	Awad tinha tentado entrar na Somália em 2007; foi detido no Paquistão com grupo de 8 Alemães, dois ligados ao IMU, em 2009. Dhahri também passou algum tempo no Paquistão.	IMU	Edifício do Jyllands-Posten	Não	Quatro dos suspeitos detidos e condenados a doze anos de prisão, ao que se seguirá a expulsão do país. Planeavam ataque inspirado em Bombaim contra escritórios do jornal <i>Jyllands-Posten</i> para causar o máximo de vítimas. Não é completamente claro a natureza das ligações a organizações externas. O Iraquiano residente na Dinamarca aguardava resposta a pedido de asilo político
2011 (março)	Alemanha	* Ataque aeroporto	Arid Uka	Não.	Mantinha contactos com Salafistas. Supostamente radicalizado através da organização <i>Dawa FFM</i> , embora não fosse membro formal daquela.	Assassinou dois soldados americanos e feriu dois outros no aeroporto de Frankfurt	Sim	Atacante solitário: terá agido sozinho, sem qualquer ligação organizacional.
2011 (abril)	Alemanha	* Célula de Düsseldorf	Abdeladim El-Kebir, Jamil S., Amid C. Possivelmente, mais seis membros.	El-Kebir recebeu treino no Waziristão, em 2010	al-Qaeda	Transportes públicos	Não	El-Kebir, marroquino, terá recebido ordens de Atiyah Abd al-Rahman (membro de topo da al-Qaeda) para conduzir atentados bombistas de larga escala na Alemanha.
2011 (setembro)	Reino Unido	* Conspiração "Birmingham rucksack bomb"	Irfan Naseer, Irfan Khalid, Ashik Ali, Rahin Ahmed, Bahader Ali, Mohammed Rizwan + cinco indivíduos	Naseer e Khalid viajaram duas vezes para o Paquistão (FATA) para receber treino terrorista num campo do Harakat al-Mujahidin (2009 e 2011) e terão contactado com elementos da al-Qaeda na Primavera de 2011.	Ataque terá sido aprovado pela al-Qaeda.	Desconhecidos	Não	Célula composta por cidadãos britânicos-paquistaneses. Naseer, Khalid e Ali pretendiam levar a cabo um atentado "maior do que o 7/7", utilizando dispositivos explosivos improvisados. O grupo também estava envolvido em atos de financiamento ao terrorismo. O grupo possuía cópias de textos de al-Awlaki.
2011 (setembro)	Dinamarca		Kulan Mohamud A., Mahamud Abdi A., Mahmood Salar S., Mohamud Abdi W.	Sem informação disponível	Sem informação disponível	Lars Vilks	Não	Indivíduos de origem somali e iraquiana, supostamente tinham intenção de assassinar o artista sueco aquando a visita daquele a um centro cultural de Aarhus. Evidência não foi suficiente para condenação por terrorismo.
2012 (março)	França	* Ataque Toulouse	Mohammed Merah	Waziristão, onde terá mantido contactos com elementos do TTP, em 2011.	Forsane Alizza TTP al-Qaeda	Três polícias; quatro cidadãos judeus: um professor e três crianças	Sim	Franco-argelino oriundo de família com simpatias extremistas. Passou pela prisão por pequenos delitos, onde aprofundou processo de radicalização. Questões pessoais podem ter contribuído para os seus atos em Montauban e Toulouse tanto quanto o papel da França no mundo muçulmano e as suas ligações a redes extremistas. Afirmou ter agido em nome da al-Qaeda. Caso de terrorismo individual.

2012 (abril)	Reino Unido	* Conspiração contra base do exército ou célula de Luton II	Zahid Iqbal, Mohammad Sharfaraz Ahmed, Umar Arshad, Syed Farhan Hussain	Ahmed esteve no Paquistão, Waziristão, em 2011, onde recebeu treino	Iqbal terá alegadamente recebido instruções da al-Qaeda no Paquistão.	Base do exército em Luton	Não	Descarregaram material com instruções para conduzir ataque terrorista da internet, realizaram treino de sobrevivência e recolherem fundos com tal propósito. Terão discutido ataque com carro telecomandado cheio de explosivos. Foram encontradas seis edições da <i>Inspire</i> e outro material de Anwar al-Awlaki nos seus computadores. Condenados em abril de 2013.
2012 (maio)	Dinamarca	* Conspiração Copenhagem / Aarhus	Dois irmãos dinamarqueses com origem somali	Irmão mais velho tinha frequentado campo da al-Shabaab, na Somália, entre janeiro e fevereiro	al-Shabaab	Não especificados.	Não	Estariam a planear atentado terrorista e autoridades terão agido para interromper conspiração. Poucos dados disponíveis sobre aquela. Condenados em 2013 a penas de prisão de seis e três anos.
2012 (junho)	Reino Unido	* Conspiração EDL	Jewel Uddin, Omar Mohammed Khan, Mohammed Hasseen e mais três indivíduos.	Não confirmada		Manifestação da English Defence League (EDL) em South Yorkshire	Não	Polícia encontrou bombas caseiras, espingardas, facas e mensagem escrita a reclamar responsabilidade pelo ataque. Condenados por preparação de ato terrorista, admitiram que pretendiam atacar a manifestação do grupo de extrema-direita, por insultos ao Profeta Maomé.
2012 (julho)	Reino Unido	* Conspiração Royal Wootton Bassett	Richard Dart, Jahangir Alom, Imran Mahmood	Paquistão (FATA)	Anjem Choudary	Cidade de Royal Wootton Bassett (associada com soldados que regressam do Afeganistão); diretores do MI5 e MI6	Não	Dart era convertido ao Islão. A sua radicalização terá sido iniciada com a interação com grupo <i>Muslims Against Crusades</i> . Durante planificação do atentado terão demonstrado algum nível de profissionalismo.
2012 (julho)	Reino Unido		Mohammed Sajid Khan, Shasta Khan	Não	Não	Comunidade judaica em Manchester	Não	Casal auto-radicalizado, supostamente "com recurso à Internet e a publicações como a <i>Inspire</i> e sermões de al-Awlaki." Condenados por conduta para preparar ato terrorista. Tinham preparado bombas caseiras.
2012 (agosto)	Espanha	* Conspiração Linea de la Concepcion ou célula russa de Gibraltar	Eldar Magomedov, Mohammed Adamov e outro membro.	Eldar frequentou campos de treino no Afeganistão e Paquistão.	al-Qaeda IJU	Locais em Gibraltar (não se excluem outros locais na Europa)	Não	Magomedov, líder da célula, era do Daguestão e antigo membro das forças especiais russas. Adamov era checheno. O terceiro elementos era Turco. Entre 2008 e 2011, Magomedov operou entre o Daguestão e o Waziristão. Tinham na sua posse explosivos e vídeos suspeitos aquando a detenção; um dos vídeos mostrava-os a praticarem com um avião telecomandado com explosivos. Grupo com ligações em França e noutros países europeus.
2012 (setembro)	França	* Sarcelles Khosher supermarket / Célula de Cannes-Torcy	Jeremie Sidney e Yann N.	Não.		Supermercado kosher	Sim	Grupo doméstico desmantelado enquanto preparava mais ataques contra alvos judeus. Parte de uma rede (Cannes-Torcy) de apoio que fazia propaganda e recrutava para a insurgência na Síria (JaN). Atacantes atiraram granada de mão contra alvo. Sidney era antigo delinquente, tendo-se radicalizado na prisão, acabando por morrer numa troca de tiros com a polícia no início de outubro. Internet tida como importante na radicalização desta célula; muitos eram convertidos.

2013 (fevereiro)	Espanha	* Conspiração Valencia	Mohammed Echaabi	Não	Não	Figuras públicas ou outros alvos em Espanha e Europa	Não	Suspeito detido em Valência por planejar ataque supostamente inspirado por Merah. Tentou obter explosivos e armas. Também teria intenção de viajar para Gaza a lançar ataques em alvos israelitas. Fez contactos e radicalizou-se com recurso à Internet.
2013 (fevereiro)	Dinamarca	* Conspiração Lars Hedgaard	Atacante solitário: identidade não revelada.	Não	Ligações a extremistas dinamarquesas (elementos da célula Glostrup)	Lars Hedgaard	Sim	Atacante solitário com arma de fogo pretendia assassinar crítico do Islão, mas fôlhou alvo. Fugiu para Líbano e depois ter-se-á juntado à insurgência síria. Detido na Turquia em abril de 2014 quando regressava à Dinamarca.
2013 (março)	Alemanha	* Conspiração Markus Beisicht	Quatro indivíduos: identidade não revelada	Não	Grupos salafistas radicais	Político Markus Beisicht	Não	Suspeitos eram salafistas radicais que planeariam assassinar de político de Direita. Autoridades fizeram rusgas a três associações islamistas radicais: Dawa FFM, Islamische Audios e An-Nussrah. Dois dos suspeitos detidos perto da casa do alvo, tendo sido confiscado armas e explosivos.
2013 (maio)	Reino Unido	* Ataque Woolwich	Michael Adebolajo, Michael Adebowale	Adebolajo tinha tentado viajar para a Somália para se juntar à al-Shabaab, em 2010, mas foi detido no Quénia.	Al-Muhajiroun Omar Bakri Anjem Choudary	Soldado Britânico	Sim	Cidadãos britânicos convertidos ao Islão. Movimentavam-se nas margens da sociedade. Tentativa de decapitar vítima após o ataque e permanência no local do incidente, explicando motivações para ataque: vingança pelos Muçulmanos mortos no Iraque e no Afeganistão pelos Britânicos. Adebolajo tinha sido aliciado várias vezes pelos serviços de segurança britânicos para ser informador. Teriam contactos com elementos da AQPA.
2013 (maio)	França	* Ataque soldado	Alexandre Dhaussy	Não	Não	Soldado francês	Sim	Atacante solitário. Convertido ao Islão, seguiu a tendência salafista. Passado problemático e de delinquência. Autoridades acreditam que ataque foi inspirado pelo evento de Woolwich. Soldado sobreviveu ao esfaqueamento.
2013 (junho)	França		Seis indivíduos: quatro cidadãos franceses, um do Benin e outro dos Comoros.			Figuras públicas	Não	Pequeno grupo que planeava atacar figuras públicas.
2013 (junho)	Itália		Anas El Abboubi	Síria	Sharia4Belgium Sharia4UK	Estação Central de comboios e instalações militares em Brescia	Não	Antigo rapper, Anas tentou formar o <i>Sharia4Italy</i> . Manteria contactos com membros do <i>Sharia4</i> na Bélgica e Reino Unido. Elogiou o atentado de Woolwich e conduziu operações de reconhecimento de locais sensíveis no google maps. Apregoava o seu ódio ao Ocidente e aos Judeus, terá distribuído manuais de treino e de explosivos via Internet e manifestado a intenção de realizar ataques em Itália e França. Envolvido em atividades de apoio e recrutamento para a Síria. Foi detido, mas após ter sido libertado pelo Tribunal de Recurso partiu para a Síria, onde se juntou ao ISIS.

2013 (outubro)	Reino Unido	* Conspiração londrina inspirada em Bombaim	Quatro indivíduos não identificados.	Dois dos indivíduos teriam combatido na Síria	ISIS	Locais públicos no centro de Londres	Não	Quatro Britânicos de origem turca, argelina, azerbaijã e paquistanesa estariam a preparar um atentado inspirado pelo de Bombaim no centro de Londres, tentando obter armas para tal efeito. Apenas os cidadãos de origem turca e argelina foram acusados de ofensas terroristas, pois teriam combatido com ISIS. Foram ilibados por falta de provas, mas um deles foi condenado por posse de manual para fazer bombas.
2013 (dezembro)	Reino Unido		Jamshed Javeed			Não especificado	Não	Professor do ensino secundário, casado, com um filho, integrado na comunidade. Presente a tribunal a 27 de outubro de 2014, confirma intenção de viajar para a Síria a fim de se juntar ao ISIS; admite também o envolvimento em condutas para a preparação de atos de terror.
2014 (fevereiro)	França	Célula de Cannes-Torcy	Ibrahim Boudina	Síria	(JaN) ISIS	Não especificados	Não	Francês de origem argelina com ligações à mesma rede dos indivíduos que perpetraram o ataque de setembro de 2012 a supermercado judeu, em Paris. Terá partido para a Síria em setembro de 2012 com um amigo de infância e aderido à JaN e, posteriormente, ao ISIS. Reentra na Europa no início de janeiro de 2014. Preso na posse de explosivos, componentes e instruções para fabrico de bombas. Profundamente anti-francês e anti-semita, é suspeito de participar numa conspiração para preparar atos de terrorismo em Nice. Admirador das ações de Merah.
2014 (maio)	Bélgica	* Ataque Bruxelas	Mehdi Nemmouche	Síria	ISIS	Quatro pessoas no Museu Judaico de Bruxelas	Sim (4 vítimas mortais)	Não é claro se agiu por iniciativa própria ou se recebeu instruções. Francês de origem argelina, tinha regressado da Síria no início de 2014, onde esteve durante um ano com o ISIS. Antigos reféns na Síria reconheceram-no como um dos guardas da prisão onde foram colocados e atribuem-lhe grande admiração por Merah. Proveniente de um bairro problemático e com uma infância complicada; passado de delinquência, radicalizado na prisão, fazia parte do <i>milieu</i> jihadista em França.
2014 (julho)	França	Conspiração Creteil / Paris	Mohammed Ouharani	Síria	ISIS	Alvos indiscriminados em Paris e Creteil; ou alvos xiitas.	Não	Franco-tunisino de vinte anos, regressou da Síria em junho de 2014. Inspirado pelas ações de Merah, queria conduzir ataque semelhante.
2014 (outubro)	Reino Unido	Conspiração sul de Inglaterra	Três homens e três mulheres. Identidades não reveladas.	Sem informação disponível	Sem informação disponível	Sem informação disponível	Não	Oficiais contra-terrorismo afirmam ter desmantelado o que acreditavam ser as fases iniciais de uma conspiração significativa para cometer terrorismo.
2014 (outubro, 7)	Reino Unido	Conspiração de Londres (1)	Quatro homens com idades entre 20 e 21 anos	Sem informação disponível	Um dos suspeitos terá alegadamente ligações à organização EI	Sem informação disponível	Não	Presos no âmbito de uma investigação relacionada com terrorismo islamista. As autoridades acreditam ter interrompido a planificação de um ataque terrorista, ainda na sua fase inicial.



2014 (outubro, 13)	Reino Unido	Conspiração de Londres (2)	Três homens presos no centro de Londres (21, 24 e 25 anos)	Sem informação disponível	Sem informação disponível	Sem informação disponível	Não	Suspeitas de envolvimento na preparação, instigação e perpetração de atos de terrorismo
2014 (outubro, 17)	Reino Unido	* Conspiração <i>Surgeon</i> Londres	Tarik Hassane, Suhaid Majeed; Nyall Hamlett, Nathan Cuffy	Hassane estava em contacto com elementos do EI na Síria	Organização EI	Polícias e soldados, em Londres	Não	Hassane estudava medicina no Sudão e Majeed era estudante de física em Londres. Eram amigos de longa data. O grupo tinha conduzido ações de reconhecimento de esquadras da polícia em Londres, detendo fotografias destes locais. Os suspeitos tinham na sua posse armamento e a <i>fatwa</i> da organização EI apelando a ataques contra o Ocidente (setembro 2014) em retaliação contra as ações militares contra o grupo no Iraque.
2014 (outubro, 22)	Reino Unido		Mulher, 25, Bedfordshire	Sem informação disponível	Sem informação disponível	Sem informação disponível	Não	Suspeita de preparação de atos terroristas relacionados com a Síria, em violação do Terrorism Act 2006
2014 (novembro)	Reino Unido		Indivíduo de 19 anos de Coventry	Sem informação disponível	Sem informação disponível	Heathrow airport	Não	Preso por suspeitas de preparar atos de terrorismo
2014 (novembro)	Reino Unido	* "Poppy terror plot"	Nadir Ali Sayed, Yousaf Shah Syed, Haseeb Hamayoon e outro indivíduo não identificado de 25 anos	Não	Contactos remotos com membros organização EI não confirmados	Decapitar membro do público durante Remembrance day; outra tese defende que o alvo eram militares	Não	Indivíduos presos em Londres e High Wycombe, Buckinghamshire, três dias antes do evento, com base em informações fornecidas pelo MI5. Uma tese defende que conspiração inspirada pela organização EI através de contactos remotos, mas não há evidências suficientes para sustentar esta teoria. Em 2013, Syed teria tentado viajar para o Paquistão e em 2014 para a Síria.
2014 (dezembro)	França	Conspiração de Tour	Indivíduo não identificado	Não		Três polícias em estação de polícia	Sim (três feridos)	Ataque com faca. Atacante morreu no local. Seria simpatizante da organização EI. Antigo <i>rapper</i> , convertido ao Islão. Poderia sofrer de problemas psicológicos.
2015 (janeiro)	França	* Ataque Charlie Hebdo	Cherif Kouachi, Said Kouachi	Said recebeu treino no Iémen em 2009/2010	AQPA Djamel Beghal	Jornal Charlie Hebdo	Sim (11 vítimas mortais)	Cherif foi preso por tentar viajar para o Iraque, em janeiro de 2005, para lutar contra as forças da coligação. Ligado à rede de Buttes-Chaumont/19th Network.
2015 (janeiro)	França	* Ataque Coulibaly	Amedy Coulibaly	Não	Djamel Beghal	Polícia Supermercado kosher	Sim (5 vítimas mortais)	Passado de delinquência, passou pela prisão onde se terá radicalizado. Marginalização social e económica. Simpatizante da organização EI, mas não existem provas de ligação formal àquela. Atacante por inspiração.
2015 (janeiro)	Bélgica	* Célula Verviers	Soufiane Amghar (Abu Khalid al-Beljiki), Khalid Bem Larbi (Abu Zubayr al-Beljiki) e Marouane El Bali	Síria	Organização EI (Katibat al-Battar, batalhão líbio)	Possivelmente forças policiais ou alvo simbólico	Não	Alegadamente, os suspeitos (cidadãos belgas) planeavam ataque de grande envergadura quando autoridades desencadearam operação anti-terrorista, constituída por 10 rusgas em Bruxelas e Verviers, relacionada com um grupo de regressados da Síria. Suspeitos tinham armas semiautomáticas e produtos para fabrico de bombas. Um dos organizadores seria Abdelhamid Abaaoud.

2015 (fevereiro)	Dinamarca	* Lars Vilks plot II	Omar Abdel Hamid el-Hussein	Não	Não	Café durante um debate sobre Islão e liberdade de expressão com Lars Vilks; Sinagoga	Sim (2 mortos e 6 feridos)	Tinha passado criminal e historial de envolvimento com gangues. Radicalizado na prisão. Pode ter sido inspirado pelos ataques de janeiro, em Paris, ou pelos apelos da organização EI, em setembro de 2014, para que os seus seguidores atacassem alvos infiéis como retaliação pelos ataques aéreos. Tinha jurado aliança via facebook à organização EI, antes dos ataques. Cinco pessoas detidas por auxílio ao atacante.
------------------	-----------	----------------------	-----------------------------	-----	-----	--	----------------------------	---